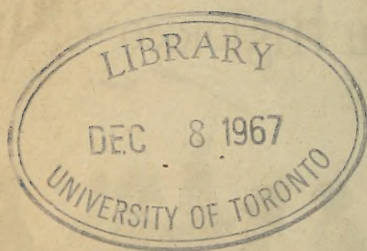
ROCHA MARTINS
GOMES FREIRE
ROMANCE HISTORICO

JOÃO ROMANO TORRES — EDITOR

SEGUNDA PARTE

OS PEDREIROS LIVRES

XXVI

O algoz da rainha

Era tarde, muito tarde, por uma quasi madrugada linda em que as estrellas empallideciam. O palacio real da Ajuda jazia na paz doce d'altas horas, as sentinellas dormitavam envoltas nos capotes, extranhas ao que se passava no intimo da regia morada. No largo da Ajuda a egreja de Nossa Senhora em face, bem como a alta torre do relogio, marcavam sombras collossaes de granito nas trevas, erectas e grandiosas como animaes antidelluvianos n'uma espectativa traiçoeira. Do pateo das Damas chegava o som vago da guitarra d'algum trovador de deshoras.

E um vulto negro, pesado, d'um andar lento de phantasma rompia do corredor dos aposentos reaes em direcção ao rez do chão onde habitava a rainha louca.

— Sentinella álerta! bradaram de fóra a altearem a voz; e logo outra respondeu no circuito do palacio das bandas do mirante: A'lerta está!

O vulto estacou; depois caminhou de novo na mesma andadura lenta para os aposentos da soberana, empurrou a porta e sumiu-se no escuro da ante camara.

Uma aia, muito joven ainda, de rosto pallido como roida por alguma doença occulta, estremeceu e ergueu-se soltando um grito:

O embuçado olhou-a e disse pausadamente:

— Boa noute, D. Maria de Penha!

— Oh! Fizesteis-me medo, senhor bispo do Algarve!

O bispo sorriu torvamente, olhou-a e tornou:

— Medo?! Acaso acreditaes tambem na lenda dos phantasmas que corre no palacio?

— Se acredito?! Mas, senhor bispo, ao romper da madrugada foi visto um vulto ainda a noute passada deslisando pelo corredor dos aposentos reaes e no dia seguinte a princeza D. Carlota Joaquina apparecia semi-suffocada no seu leito com traços evidentes de estrangulamento.

O bispo retrahiu o sorriso e em voz pastosa volveu:

— Quereis dizer que o phantasma buscou victimar a esposa do regente?!

— Deus me livre de tal affirmar, eminencia... redarguio ella. Penso apenas que no paço se dão factos bem extranhos...

Sua grandeza fez uma nova saudação e penetrou nos aposentos da rainha, murmurando:

— Os olhos do Domingos dos Reis já teem fóros de dedos de phantasma!... Sim, é provavel que o seja brevemente!... Mas como se acreditam em lendas!

Parou uns momentos á porta ao vêr a rainha ajoelhada em frente do oratorio e disse novamente:

— Oh! Deliciosos os taes phantasmas! e em voz alta tornou para a rainha:

— Com que então rezaes ainda, senhora?

— Sim... sim... rezo... disse na sua voz entrecortada, esboçando um sorriso bem medroso.

— Continuaes ainda a recear pela vossa alma?!

— A minha alma?!... Oh! Vejo-a... vejo a, ella vae a caminho do ceu, mas detem-se... Os Tavoras... os Tavoras... a gente do patibulo!... Embargam-lhe o caminho, accusam-n'a aos pés de Deus... Rainha! . rainha!... Os filhos pagam os crimes dos paes!... Rehabilite os meus!...

— Ouvisteis emfim?! gritou elle deveras contente.

— Sim, ouvi! murmurou a rainha toda suggestionada. Ouvi e

deliberei rehabilital-os! Amanhã, sim, ámanhã mesmo, mandarei por essa cidade os arautos! Quero justiça porque busco salvar-me! A salvação é tudo!...

— Assignareis o decreto?!

— Sim... sim... Mas dizem-me louca... Quem sabe se o farão correr!

— Respondo por tudo... Carlota Joaquina se encarregará da vossa vontade!

— Querida filha, ella tudo fará... Onde está que a quero beijar... Sim... A ella e ao meu João... O meu João?! Ah! Tive outro filho... Era bem heroico, bem talentoso, mas partiu como os Tavoras... Morto... morto! e a soberana soltava um grito formidavel e erguia-se n'um acesso nervoso:

— Vejo-o! Vejo!...

Erguia as mãos a tapar o rosto, depois buscava affastar o duende que julgava perseguil-a; os seus gritos atroavam o palacio d'alto a baixo e o bispo dizia em voz socegada:

— Meu Deus, senhora... Deixae esses sobresaltos... Deus vela por vossa magestade!

— E entrarei no ceu?! exclamava de repente no auge do delirio.

— Sim... O ceu com todas as suas bellezas vos aguarda... Tereis um sequito d'anjos para vos conduzir aos pés de Deus! Elle vos receberá no seu throno divino, esmaltado de sol, vestido na tunica azul das nuvens .. Senhora... Assignae a rehabilitação dos filhos dos Tavoras, institui na posse dos seus bens os herdeiros sobreviventes e tereis o perdão...

— Terei a paz .. terei a paz?!

Sim, tereis o descanço... asseverou elle com um olhar rancoroso por detraz dos seus oculos verdes.

Oh! bispo... Papel... papel... Quero assignar.. tudo que desejaes eu te farei ..

Soltou uma risada de verdadeiro contentamento, correu para elle de braços abertos a resmungar o seu estribilho:

Tudo farei .. tudo farei ..

Então José Maria de Mello tirou da algibeira o decreto de rehabilitação dos Tavoras redigido em regra e collocou-o sobre a mesa, dizendo:

— Assignae n'esse caso... Assim exprimireis uma vontade a que vosso filho não será indifferente.

Pareceu ter uns momentos de lucidez e bradou:

— Elle?! João?! Julga-me louca tambem... Não... nem me quer fallar...

— Assignae! ordenou o bispo no seu tom feroz.

— Mas, e se não levarem a effeito a minha vontade?!

— O castigo será dos que esqueceram os vossos desejos!

— Seja!

Agarrou a penna, curvou-se sobre o papel, mas de seguida soltou uma risada e volveu:

— O castigo... o castigo... Eu não quero o meu João no inferno! Nada farei... Já basta que José e meu esposo assim como Thessalonica tenham morrido por minha causa... Nunca! Nunca!

— Assignae! ordenou de novo no seu tom de severidade.

Mas soou uma voz á porta, exclamando:

— E' assim, bispo do Algarve, que desejaes enriquecer?! E' assim que buscaes a fortuna que o cardeal da Cunha vos negou?!

Voltou-se atemorisado e viu um vulto inteiramente negro, e mascarado, em cujo peito havia um triangulo bordado a prata n'um emblema maçonico.

As mãos estavam occultas nas dobras do trajo e aquelle phantasma caminhava lentamente para a mesa.

O bispo tornava-se livido, unia-se com a parede e continuava a tremer emquanto o outro tomava silenciosamente o decreto. A rainha olhava-os petrificada, sem um grito, e o mascarado dizia ainda:

— E' então pela violencia, pelo terror espalhado no animo d'uma mulher fraca, pela cumplicidade com uma mulher forte que buscaes subir em honrarias e em dinheiro?!

Atemorisava-o sempre do mesmo modo, dizia:

— Entrasteis aqui pelo crime, pela traição mais hedionda, porque eu sei a vossa historia, antigo oratoriano, frade perverso!... Descendeis dos Tavoras e no fundo da vossa alma a par do rancor ha a ambição... Os vossos morreram no patibulo do caes de Belem e um pensamento de vingança vos chegou... Então, posto ao facto dos segredos da côrte pelos vossos companheiros, os jesuitas, penetrasteis aqui com as sandalias de humilde, disposto a calçar os bor-

zeguins de cortezão da mais abjecta das princezas... E os vossos borzeguins foram substituidos pela bota ferrada do guerreiro... A bota de infamia e perfidia com que calcaes a vossa rainha!

— Senhor... senhor... murmurou o bispo em voz estrangulada.

— Ouve miseravel, estamos sós e é de madrugada... Amanhã o teu corpo apparecerá ahi para um canto, rigido e frio e ninguem saberá a causa da tua morte, então ouve, ouve tudo!

— Eu sei a tua vida, conheço as tuas infamias uma a uma, seria capaz de as narrar se não constituissem um tão longo estendal!

— E' então certo que existem os phantasmas?! murmurou com os olhos dilatados, suffocado.

— Phantasmas?! Ah! Vil bargante!... Os phantasmas d'Ajuda são inventados por ti!

— Por mim?! e os cabellos raros eriçaram-se-lhe ao ouvir aquellas palavras.

— Sim por ti que nem deixas em descanço os mortos, os que jazem nas campas! Tu os invocaste para occultar a perfidia de Carlota Joaquina! Vamos! E' ou não assim?!

Ante o tom brusco do mascarado, o bispo disse:

— Sim... sim...

— E para que os invocaste?! Não acreditavas n'elles talvez?!

— Não... não... mas agora!... e os dentes chocavam-se-lhe, tornava-se cada vez mais livido.

— Falla! Para que os invocaste?!

— Para explicar a doença da princeza...

— A doença... o estrangulamento cuja noticia correu na cidade?! Sim... sim...

— E quem a estrangulou?

— O amante! balbuciou elle muito á pressa.

— O almoxarife não é assim?!

— Sim!

— Pois bem, José Maria de Mello, tenho a prova da tua traição. Entrei aqui disposto a fazer justiça e vaes morrer...

— Morrer?! exclamou no auge do desespero.

— Sim, morrer! Tu és um perigo para este reino... Tu és um cumplice dos jesuitas, tu dominas o animo da soberana e queres fazer Carlota Joaquina a rainha de Portugal mesmo com a exclusão de seu esposo...

— Por Deus, duende ?!

— Duende ?! Não quero mystificar te na hora derradeira, bandido!... Eu sou um mortal como tu... Pertenço á cathegoria d'aquelles que aproveitam as lições recebidas no convivio dos bons!...

— Quereis dizer ?!...

— Que sou um pedreiro livre e que vaes morrer!

E sacou rapidamente d'um punhal que apontou ao peito do bispo o qual nem teve coragem para gritar.

– José Maria de Mello! Chegou a tua ultima hora... Ninguem, nem mesmo essa soberana que enlouqueceste poderá salvar-te... Se ella gritar ninguem virá porque a isso os habituastes para os teus fins!

— Sim... Que importam os gritos d'uma louca ?! No palacio todos dormem regalados nos leitos fôfos deixando commetter o crime em socego... O regente resa e desespera-se com o adulterio do seu thalamo, cuida dos frades de Mafra e esquece sua mãe... A princeza Carlota Joaquina, delira e é estrangulada pelos amantes, conspira e tem-te por cumplice! Essa nunca acordaria para salvar alguem! Maria Benedicta é uma extranha no palacio dos seus maiores... Os cortezãos riem, os creados seguem-lhes os exemplos e tu vaes fazendo a tua obra em segredo no meio da indefferença geral!... Calumnias o dr. Willis, ninguem se atreve a atacar o teu poder!

Um novo vulto entrava pé ante pé e deslisava na ante-camara real, ficava á porta, e ao ouvir as ultimas palavras do embuçado, bradava:

— Esqueceis o bobo! .. Esqueceis o bobo! Esse vela na sombra noute e dia com as lagrimas nos olhos e a gargalhada nos labios, a ira funda no coração angustiado!

— Tu ?! gritou o maçon deparando com D. João de Falperra o qual se atirava aos pés da rainha a beijar-lhe a fimbria do vestido.

E sempre de rastos, continuou:

— Eu, sim... eu que tenho vigiado passo a passo, dia a dia, este homem, este miseravel, eu em cuja alma cresce o odio ..

O bispo deixou-se cahir n'uma cadeira julgando-se victima d'um pesadello e D. João de Falperra continuou:

— Eu que dia e noute, já o disse, vagueio em torno d'este aposento a escutar os gemidos de minha ama! Oh! E tenho ouvido cousas ?!

— Que tens ouvido ?! interrogou logo curiosamente o pedreiro livre.

— Tudo! Elle... elle... ameaça-a, a rainha grita, chora, deplora a sua sorte! Foi elle que a enlouqueceu, eu bem o sei... Tavora maldito, reprobo, infame! Tavora que busca uma vingança e o ouro!

— Tens a certeza ?! tornou o embuçado.

O bobo soltou uma risada e redargiu:

— Sim! Eu recebo os pontapés da turba incapaz d'uma gloria, mas guardo no meu coração o rancor! Outr'ora, eu, o bobo, era adulado, quando ella tinha o poder, eu era poderoso tambem... Mas mudou a sorte e eu tornei-me um objecto de escarneo. Todos se vingaram de mim como da minha ama... Elles são como os persas... Quando o sol vae alto adoram-n'o, quando desce apedrejam-n'o...

O conceito sahiu-lhe dos labios onde havia uma espuma esbranquiçada e elle tornava:

— Elles, os jesuitas, guiados pela vontade tenaz d'este miseravel, mataram Thessalonica, o meu amigo, o meu velho compadre, e mataram sua alteza! Eu vira-o crivado de bexigas, sem soccorro! Nem uma gotta d'agua! Depois apossaram-se do animo da rainha e enlouqueceram-na! Desde esse dia deliberei vingar-me!

— Segues então um plano ?! interrogou o outro.

— Sim! O plano existente no meu cerebro que me escalda como um ferro em braza! Eu queria matal-os, queria matal-os!... Primeiro aquella que busca ser rainha, depois este!... Mas o bispo será o primeiro... Os meus dedos são fortes, a minha vontade é boa!...

Os dentes rangiam-lhe, tornava-se livido pouco a pouco e de seguida, gargalhando, perguntava:

— E tu a que vens ?!

— Para o mesmo fim! redarguiu o pedreiro livre.

— O que ?! Tu!!... Um extranho, um desconhecido! Olá para traz que não conheces o bobo ?!... Jurei que seria eu o carrasco do algoz da minha rainha e sel-o-hei! Que tens tu para ferir ? perguntou de novo a casquinar o seu riso.

O maçon tirou de sob as vestes um punhal afiado ante cuja lamina o bispo desfalleceu.

A louca olhava-o serenamente sem um grito como se advinhasse n'aquelle homem o libertador.

— Um punhal ?! Oh ! És doudo !... As mãos do bobo, as garras afiadas do lobo cerval valem mais do que todas as armas ! Depois quero ter a frieza de o ver estrebuchar de rojo aos pés da rainha, vermelho, pouco a pouco roxo a supplicar-lhe o perdão... Queres vêr ?! Queres vêr o que é ?!... Oh ! Lindo ! Lindo !

Guinchava novo riso, agarrava convulsivamente as vestes e de dentes cerrados, n'uma visagem de doido, encolhido como um tigre prestes a saltar sobre a presa avançava para José Maria de Mello que se tornava livido.

Depois d'um salto de fera atirou-se-lhe á garganta com as mãos crispadas, obrigou-o a ajoelhar-se em frente da rainha, bradando :

— E' assim... é assim !...

— Perdão... perdão... rouquejou o bispo quasi estrangulado, os olhos a revolverem-se nas orbitas.

— Não ha perdão para ti, infame !

Apertava cada vez mais e a rainha ao vêr aquelle homem debater-se correu para a porta gritando espavorida :

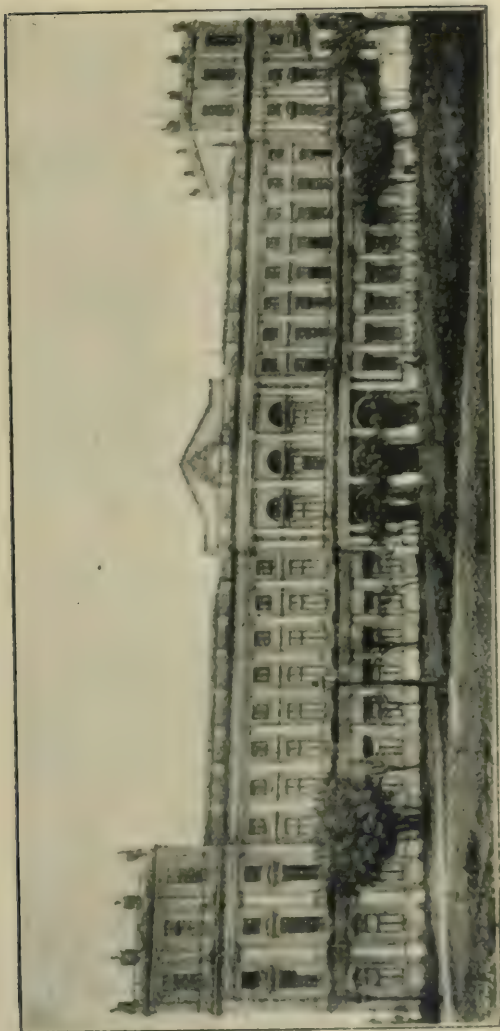
— Soccorro !... Soccorro !...

Atravessava a ante-camara antes que o embuçado a pudesse deter e a aia ao vel-a n'aquelle estado começava tambem a gritar, ao mesmo tempo que o pedreiro livre se esgueirava pela porta aberta, murmurando :

— Oh ! Posso partir descançado !... e atirou para o chão o punhal em cuja lamina se lia : *Pelo bem.*

Era aquelle o symbolo maçonico tão temido e que ali ficava n'um desafio emquanto o bobo apertava o pescoço do bispo.

Mas na antecamara ouviam-se passos, D. João de Falperra soprava as velas com violencia depois de julgar bem morto o adversario cujo corpo ficava por terra e corria para a sahida atirando ao chão o primeiro gentil-homem que entrava e soltava um grito. Os outros fugiam tambem ao recordarem-se da lenda do phantasma e ao sentirem-se empurrados ao passo que o bobo sahia de rompante.

Ao entrarem d'ahi a momentos nos aposentos da rainha que estava nos braços de duas damas semi-desfallecida, viram por terra o corpo do bispo e ficaram espavoridos.

PALACIO DA AJUDA

Algumas vozes tremulas murmuraram ao verem-lhe os signaes d'estrangulamento em torno do pescoço:

— O phantasma! O phantasma!

Ninguem se approximava; lançavam olhares para todos os lados e um creado partia a chamar o dr. Willis. O medico inglez entrou nos seus modos severos, lançou um olhar para o bispo e murmurou:

— Hum... Trata-se d'uma cousa passageira... E' a asphyxia... Abram as janellas!

Voltou as costas e partiu sem pronunciar palavra emquanto os outros ficavam em torno de sua grandeza cuja face retomava o habitual aspecto.

Fazia um movimento, lançava em roda um olhar desvairado e dizia em voz rouca:

— Onde estão?!... Onde está elle?!...

— Foi o phantasma?!... Sim, viu-o, vossa grandeza? exclamou D. Maria da Penha deveras perturbada.

— Sim... sim... volveu manhosamente o bispo. Viu-o, caminhou para mim e os seus dedos pareciam tenazes a apertarem-me a garganta...

Deixara que o levantassem e com um olhar para a rainha, tornava:

— Devemos sahir d'este palacio! Aqui nem mais uma noute... Eu viu-o... Era negro, muito negro, tinha um aspecto horrivel e fez-me mal... Já ha dias buscou fazer o mesmo á nossa princeza! Este paço real precisa benzido!...

— Que se passou?! perguntou n'este momento uma voz authoritaria.

Todos se voltaram e depararam com o regente que se acercava de sua mãe.

— O phantasma, meu senhor!... Tentou contra a vida de sua grandeza! explicou um aulico.

— O phantasma?! exclamou o principe com assombro. E que dizeis a isso, monsenhor?

— Que devemos sahir d'Ajuda! volveu no mesmo tom desesperado e com as lagrimas nos olhos.

— Sim... Iremos para Samora! E vós, meu amigo, deveis deixar o reino com sua magestade! disse nos seus modos bondosos.

— Eu?! E para onde, meu senhor?

-- Para Inglaterra onde minha mãe póde receber allivio ao seu mal!

O bispo estremeceu, tornou-se ainda mais pallido e murmurou:

— Meu senhor... Uma soberana jámais deve abandonar os seus estados!

-- Salvo quando a cura está longe e essa soberana está louca! Depois vós precisaes tambem a viagem que vos curará d'essas impressões dos phantasmas!

E sua alteza apesar do espirito sectario fallava ousadamente como se julgasse ao abrigo d'essa malevola personagem.

— Obedecerei a vossa alteza, disse o bispo sahindo entre dois cortezãos e lançando ao regente do reino o mais feroz dos seus olhares amortecido nos oculos verdes.

D. João sahiu em seu seguimento e ao penetrar no seu quarto tirou da algibeira o punhal do maçon que elle encontrou á entrada da porta e contemplando-o, lendo a divisa gravada na lamina, murmurou:

— Pelo bem!... Pelo bem!... Oh! E' deveras extranho o tal phantasma! Deixou um bom cartão de cerimonia! Pelo bem?! Mas n'esse caso, o bispo é pelo mal!... e deixou-se cahir n'uma cadeira a meditar.

De fóra as sentinellas bradavam os seus álertas e nos fortes içavam-se as bandeiras aos primeiros vislumbres da madrugada.

O paço agora apenas era atroado pelos álertas retumbantes dos vigias.

O primeiro raio de sol rompia lá de baixo na sua claridade alegre d'apotheose.

XXVII

A benção da bandeira

Os coches reaes pesados e guarnecidos de figuras allegoricas, as rodas de grandes dimensões, as caixas de vidraças crystallinas, almofadados a velludo carmezim, rodavam na sua lentidão, puchados a seis parelhas de mulas empenachadas, a caminho da Sé onde se ia benzer a bandeira que D. João, regente, enviara á legião portugueza que entrava na guerra com a França em auxilio á Hespanha.

Os moços d'estribeira de cabelleiras empoadas, os sotas nas vestes brilhantes, toda aquella pompa real dava ás ruas uma nota garrida ao passarem por entre as alas de povo que se descobria respeitosamente ante os soberanos e ante a côrte. Aquelle luxo d'equipagens recordava os tempos de D. João V pelo fausto, pelo enorme sequito.

O principe recortava a sua figura balofa, o peito coberto de condecorações, traçado de bandas, alli ao lado de Carlota Joaquina, vestida de manto com todos os attributos do seu elevado cargo, o rosto moreno de hespanhola radiante ao julgar-se já a rainha ao vêr as saudações d'aquelle povo agglomerado.

Pelas ruas rufavam os tambores e as tropas alinhavam-se garridas nos uniformes, baixavam-se espadas e bandeiras á passagem de suas altezas sob um bello céu azul de apotheose.

Em frente do templo a guarda real dos archeiros, perfilou-se, as portinholas abriram-se e as altezas desceram e penetraram no templo vetusto.

Sob as altas abobadas os orgãos resoaram, elevaram-se as vozes dos *castrati* da capella real, n'um hymno festivo e a côrte enfileirada seguia os seus soberanos até ao altar-mór onde as mitras dos bispos se erguiam nos seus reflexos d'ouro, no brilho das pedrarias.

Ajoelharam então, o patriarcha de Lisboa na sua doce attitude de bom prelado traçou nos ares uma pomposa benção e os officiaes-maiores, coroneis e generaes que guardavam o sacrario curvaram-se nas suas reverencias.

A familia real subiu para a tribuna enfeitada a carmezim e fez-se um silencio breve.

Então, o patriarcha, aprumou a estatura e fez um novo gesto; os orgãos calaram-se, sob a immensa abobada apenas se ouvia a respiração anciosa dos espectadores.

Uma pomba veiu das alturas voando e foi pousar n'um dos nichos a manchal-o na sua alvura sagrada; na rua ouviam-se pregões de cegos andantes annunciando o fim do mundo em linguagem cantarolada.

Então, o ministro da guerra, avançou até junto do patriarcha, offereceu-lhe a bandeira bordada que iria em breve para a legião e no povo houve um fremito extranho.

O prelado hesitou uns momentos.

Os olhos de Carlota Joaquina erravam pelo templo sentindo-se grande em frente d'aquelle povo que se ajoelhava emquanto ella estava sentada ao lado do esposo.

Lembrava-se da sua vida inteira, de todo o fogo amoroso que a devorava e ao vêr a pleiade de generaes velhos, achacados, toda a sua côrte decrepita ou effeminada, ella, a futura rainha pousava os olhos nos bellos mocetões do povo que alli estavam n'um grande respeito ante a cerimonia.

As mulheres então, nas suas vestes domingueiras prejudicavam-lhe o pensamento de que estava possuida. Aquella dama de sangue

real que tinha na sua ascendencia mais valorosos varões, esmagada na tara hereditaria d'esses degenerados, sentindo borbulhar-lhe o sangue corrompido procurava alguem a quem amar nos seus impetos fortes.

Era uma bem extranha organisação a d'aquella mulher com a sua vontade insatisfeita, procurando satisfazer caprichos a toda a hora, sempre nos mesmos desejos loucos.

O cheiro do incenso e o cheiro da carne humana davam-lhe apetites de leôa, passava na mente a recordação de todos os seus amantes e encolhia os hombros imperceptivelmente como se os desprezasse.

Queria ser amada e dominadora; n'ella, a mulher rendida ao affecto não occultava a rainha altiva e forte.

Os seus amantes queria vel-os mortos quando deixasse de os amar; no emtanto, os cuidados da politica, a rede immensa que estendera em volta e da qual elles faziam parte obrigava-a a respeitar-lhes a vida.

Desde o primeiro, o fidalgo de bellos olhos, carinhoso como uma mulher, até ao ultimo, o plebeu rude que a esmagava com a sua força physica, a nenhum amara tanto como a este.

Deixava então voar o seu pensamento para elle, desejava ardentemente tel-o alli a seu lado, cheio de amor, em vez d'esse marido boçal que era todo attenções para a cerimonia.

Vinha-lhe o pensamento de o cumular d'honras, eleval-o aos mais altos cargos embora com escandalo de toda a côrte, collocal-o a seu lado e protegel-o com aquelle manto d'arminhos que arrastava. Tinha n'esse Domingos dos Reis um servo dedicado, era para ella como Pasqual Simoni para Maria Carolina que então reinava em Napoles, tendo mais a seu favor o ser sabedor dos segredos das suas vinganças e dos do seu corpo de princeza.

Depois evocava esse Nuno Freire, o mancebo apaixonado pela outra que ella buscara arrancar-lhe dos braços, e o seu peito inchava-se de raiva no desejo de o esmagar, bem como aos cumplices da comedia a que assistira.

Mas áquella hora já elle devia ter morrido. Soubera dar as suas ordens; para Jacques Lebon, Domingos dos Reis, para os outros o conde d'Alva e o seu amigo D. Miguel Forjaz.

Agora o patriarcha pronunciava as palavras sagradas; todos se

erguiam, tocavam as cornetas e rufavam os tambores, e o joven official encarregado de levar a bandeira á legião, tomava-a, todo aureolado na luz que vinha do alto.

Era muito novo ainda, apenas alferes; um desconhecido, o filho d'alguma familia provinciana, mas no seu rosto havia o ardor da gloria e a prinçeza sentia-se estremecer ao vêl-o abater a bandeira na sua frente n'uma saudação; elle ficava tambem perturbado, sentia-se estremecer.

— Como vos chamaes?! — interrogou na sua voz mais cariciosa.

— André de Meira.

— Sois alferes?

— Para servir vossa alteza.

A princeza olhou-o ainda e interrogou:

— Quando partis?!

— Hoje mesmo, senhora!

Soltou um suspiro e volveu:

— Pois ide, senhor André de Meira e distingui-vos que eu saberei recompensar-vos.

Fallava mais como rainha, sem olhar o marido, devéras presa na gentileza do joven alferes, que se curvava novamente.

O patriarcha dava de novo a sua benção aos assistentes, a familia real descia da tribuna, e o immenso cortejo punha-se de novo em marcha para a porta, entre a pompa grandiosa do sequito.

Os coches começavam a rodar novamente e a princeza ao lado do esposo entrava a meditar.

—Vamos sahir d'Ajuda, senhora?! — disse a voz pastosa de D. João, dirigindo-se á esposa, que exclamou:

— Sahir d'Ajuda?! — e o seu pensamento voou logo para o amante predilecto de quem buscavam affastal-a.

— Sim...

— Mas deve haver uma razão, senhor! — disse ella com certo embaraço.

— A razão é que começa a correr certa lenda...

— O phantasma?!

— Sim...

— Oh! alteza não o acrediteis...

D. João olhou-a pasmado e murmurou:

— Mas, senhora, julgo que ieis sendo estrangulada no vosso leito ?!

Corou, ficou mais embaraçada e retorquiu:

—Talvez um pesadello!

— Os pesadellos não deixam vestigios!

— Mas podia ser uma doença...

— Senhora... N'esse caso ella é bem contagiosa... Eu vi esta manhã alguem no mesmo estado!

—Visteis?! E quem, meu senhor?

— O bispo do Algarve! Tanto que deliberei affastal-o do paço...

— Desterrado?! — gritou Carlota Joaquina, como se pensasse que o marido descobrira todas as suas conspirações, e tornando-se pallida.

— Desterrar sua grandeza?! — volveu elle no mesmo tom — Mas a razão?

— E' simples: o desagrado de vossa alteza...

— Ao contrario, vou até confiar-lhe uma missão de confiança...

— Qual?! O bispo é confessor da rainha! — e ella fez-se livida temendo vêr fugir a vingança.

— Pois essa missão é junto de sua magestade! Irá a Inglaterra com minha mãe! Só ali poderá receber allivios...

Carlota Joaquina viu tudo perdido; entrou a vêr a rainha restituida ao uso da razão, o que a affastava a ella do throno, e redarguiu:

— Mas, meu senhor... Uma rainha não deve sahir do seu reino...

— Ouvi...— e elle, com uma expressão pesarosa na face molle, começou:

— E' bem pesado para mim o officio de reinar! Temo a todos os momentos a sorte do infeliz Luiz XVI... Penso por vezes que Deus castigou-me matando o meu pobre irmão...

Nos olhos da princeza passou um clarão odiento e exclamou:

— Quereis então dizer que não nascesteis para o governo?!

— Não.

— Senhor... Um principe, um filho de rei, tem o dever moral de governar o seu povo quando para isso é chamado pelos designios da Providencia! D. José II teria sido um mau rei com todas as suas ambições, com toda a sua mania de reformas herdada de Sebastião

José! Vós sereis o rei que convem a este povo... Tereis de o ser apesar de tudo! Vossa mãe não reinará mais de facto!

— E se recuperar o uso da razão?

— E' um impossivel!

— Que dizeis? Se o doutor Villis o affirma!

— Loucura!! Reuni o conselho de estado... Sem elle não deveis tomar tal resolução...

— Porque?! Não sou seu filho?!

— Mas antes de tudo sois seu subdito! A guerra ateou-se entre nós, a Inglaterra e a Hespanha contra a França; é arriscada a travessia... Ouvide vossos ministros, eu vol-o aconselho!

— Ouvil-os-hei! Sim devo ouvil-os! — murmurou o regente já todo medroso ante as palavras da esposa.

Parecia-lhe que sua mãe seria para os francezes como represalia, e estremecia, deliberava logo proceder cautellosamente.

Carlota Joaquina rejubilava ao recordar-se da sua influencia na maioria do conselho de estado, que votaria contra o projecto da sahida da rainha; pensava em affastar desde logo o medico inglez, via imminente a morte de Maria I e sentia então pousar na sua cabeça a corôa de Portugal, com todo o poder que o marido lhe abandonaria. Então, sendo a unica senhora, teria de rastos a seus pés um povo inteiro e elevaria os seus amigos até ao poder mais dilatado.

Eram todos aquelles planos que se lhe chocavam na mente ao perguntar:

— Sempre teimaes em sahir da Ajuda?!

— Sim...

— E para onde?

— Para a Amora...

— Senhor... Tenho uma graça a pedir-vos... — murmurou com o mais encantador dos seus sorrisos.

— Dizei...

— Amora não me agrada; desejava antes...

— Queluz?!

— Ou Cintra... No paço real do Ramalhão passa-se bem a vida!

— Pois ireis para o Ramalhão... — assentiu elle de bom grado, tomando-lhe a mão e levando-a aos labios.

— Senhor... Ha alguem a quem desejo galardoar...

— Quem é?!

— Domingos dos Reis! — disse sem grande enthusiasmo, fallando muito proximo do marido.

— O almoxarife?!

— Sim... Não o quero mais tempo no paço do Ramalhão n'uma posição subalterna...

— Subalterna?! Não é elle o senhor, não manda nos creados, não é respeitado?! Já é de mais para o filho d'um carreiro, para um moço d'estriberia!

— Que no emtanto é bem fiel a vossa alteza!

O regente encolheu os hombros e resmungou:

— Dar-lhe-hemos uma pensão, uma commenda!

—Tinha pensado...

— Em que?!

— No logar de capitão-mór de Cintra!

— Elle?! — gritou D. João cheio de assombro.

— Sim, elle...

— Mas tenho outros fieis servidores a recompensar... — exclamou o principe de mau humor.

— N'esse caso, vossa alteza fará o que fôr de sua real vontade... Eu o nomearei...

— E o quê?

— Mordomo da minha casa!

— Mas é o logar do marquez da Fronteira... Esse cargo só póde ser exercido por um nobre...

— Nobilital-o-hei! — disse ella com desplante accrescentando:

— Sou caprichosa, bem o sabeis, senhor!

— E no meio dos vossos caprichos esqueceis que sou o regente e que só eu posso nobilitar alguem...

— Em Portugal! Mas esqueceis, senhor, que sou irmã d'el-rei de Hespanha?!

D. João, baixou a cabeça, apeou-se do coche á porta do palacio e murmurou:

—Tereis a sua nomeação de capitão-mór de Cintra.

A princeza entrou radiante nos seus aposentos, lançou um olhar para o espelho, onde se reflectia o seu manto e as insignias do seu cargo e deparou com D. Antonia de Mello, que lhe dizia:

— Elle está ahi!

— Quem?!

— Domingos dos Reis... — Respondeu a aia.

— Oh! Ainda bem... Tenho para elle uma noticia agradavel!

Correu para o seu quarto e deparou com o almoxarife, que a encarou com certa colera.

— Domingos! — bradou ella alegremente — Tenho para ti uma boa noticia!

— Algumas vos trago tambem, mas não muito boas! — e o almoxarife olhava-a sempre do mesmo modo, ante o qual ella estremeceu.

— Que quereis dizer?

— Que estou farto de vos servir d'instrumento... Sim, farto de servir de instrumento não á vossa politica, mas ás vossas paixões!

— A's minhas paixões?! — bradou fazendo-se livida.

— Sim, Carlota Joaquina, sim! — tornou elle com severidade — Negas acaso que amasteis por uns dias um certo cadete de nome Nuno Freire?

— Amei?!

— Sim.... Tudo sei... E por Deus vos juro que um dia...

— Ameaçaes-me?!

— Tenho esse direito, sou o teu...

— Subdito...

— O teu amante! Não tolero que no povo as que me amam desçam a ter outros homens, menos o tolerarei comtigo... Querieis então que o meu punhal ferisse Jacques Lebon, o mestre d'armas, só porque elle não soube levar a cabo o que tinheis planeado...

— Para a minha politica...

— De coração... — bradou elle com furia.

— Que dizes?!

— A verdade... Jacques Lebon salvou-se do meu punhal e narrou-me tudo!

— Miseravel, é assim que executas as minhas ordens?! — gritou a princeza no auge da colera — Ah! e eu pensando sempre em fazer-te subir para que esmagues os fidalgos que te desprezam...

— Subir?! E para que?! Não sou ambicioso ao ponto de partilhar a amante para trepar no conceito da côrte!

— Sahe! — exclamou Carlota Joaquina, apontando-lhe a porta— e não voltes mais...

— Que saia?! — disse o almoxarife sibilando furiosamente as palavras.

— Sim... Insultas, não é assim, pois saberás quanto te custa um insulto... Sae... Hoje d'aqui, ámanhã do reino! Sou eu que o quero, entendes bem...

O plebeu casquinou um-riso, cruzou os braços e com aprumo volveu:

— E's tu que o queres?! E porque?! Apenas porque não matei esse mestre d'armas?! Descança que os esbirros da intendencia, por ordem de teu marido, lhe deitaram a mão por pedreiro livre... Estaes livre d'elle... E' o que se ganha em viver na intimidade dos principes... Mas commigo é bem differente, entendes?!... Eu vou sahir do paço, mas atraz de mim deixarei um rasto que passará ao futuro... Na historia dos teus antepassados ha crimes, mas o meu será o mais eloquente .. Carlota Joaquina morta pelo amante — um plebeu, um desgraçado — será um exemplo...

— Domingos?! gritou ella deveras assustada.

— Tens ainda no pescoço os signaes dos meus dedos e na tua carne os signaes dos meus beijos!... disse elle fulo de colera accrescentando: Tens a arder nas veias o teu sangue eu sinto escaldar o meu, ouves? Sim, sinto escaldar o meu sangue ao recordar-me da tua infamia! Elle era novo, bonito, fidalgo, não é assim?! Amaste o muito?! Deste-lhe os prazeres da tua carne, que é minha, infame?!

Ella ao vêr-se insultada, soltou uma risada e gritou:

— Sim, amei-o, amo-o... Quero-o para mim ahi tens?!... Que podes fazer?! Sou senhora da minha vontade!

Deitou-lhe a mão a um braço e atirou-a de repente ao chão, tendo o rosto transfigurado pela mais intensa colera.

E era vêr aquella princeza a rojar o seu manto aos pés do plebeu que escolhera para amante e que bradava:

— Repete... Dize que o amas ainda?!

— Domingos... Domingos!... supplicou ella como louca.

— Falla! Despedaça me a alma que eu te deixarei sem vida!

— Domingos!... Larga-me ou chamo alguem!

— Oh! Não chamarás! e com os dedos crispados arrojou-a ao

chão, tirou da algibeira o punhal que serviria para Lebon e medonho, cheio de ferocidade ergueu-o sob a princeza que ia calcar.

Ouviram se passos e a aia entrou esbaforida gritando:

— Sua alteza, o regente!

Carlota Joaquina ergueu-se a custo, Domingos dos Reis ficou paralysado depois de esconder o punhal e o principe D. João entrou pausadamente.

Olhou os, no rosto passou-lhe uma expressão extranha e ao vêr no chão o manto real que se desprendera dos hombros da esposa durante a lucta com o amante, fixou-a serenamente dizendo:

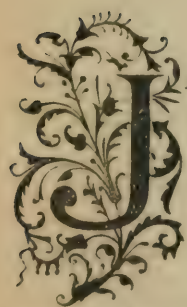
— Senhora! Satisfaço a vossa vontade. Aqui tendes a nomeação de capitão mór para o vosso protegido... Domingos dos Reis, agradece a sua alteza... e estendeu-lhe o papel sempre muito friamente e foi para a porta.

Mas antes de sahir, chamou a aia e disse n'uns longes de ironia:

— D. Antonia, levante aquelle manto real que se suja!

E apontava o manto cahido no chão e que se desprendera dos hombros da princeza durante a lucta.

XXVIII

A legião portugueza no Roussillon

Á havia muitos mezes que os soldados portuguezes tinham começado a bater-se contra as hostes dos republicanos.

Os hespanhoes faziam avançar os nossos e Gomes Freire obrava prodigios de valor. O conde de União, um hespanhol, general em chefe, tentara desalojar o francez Dugommier mas as suas tropas tomadâs de panico puzeram se em fuga. Foi então que Gomes Freire á frente de duas companhias de granadeiros e depois com o regimento d'Olivença poz termo aos combates do inimigo affastando-o corajosamente.

Os hespanhoes fugiam sempre ante o inimigo emquanto os portuguezes sustentavam o fogo.

Na Catalunha, o regimento Gomes Freire e o 1.º do Porto obraram prodigios, na Montanha Negra o regimento d'Olivença e o 2.º do Porto sob o commando de Bernardim Freire, tio do coronel, sustentou o ataque do inimigo ficando o proprio Bernardim ferido n'um braço.

Os portuguezes tiveram ordem de avançar quando o exercito já estava em retirada e o 2.º regimento do Porto sob as ordens de Ernesto de Werna foi cercado por quatro columnas inimigas, sendo obrigado a render-se ante a superioridade do inimigo, entregando-se 278 homens. O regimento Gomes Freire retirou-se a salvo, mas a artilharia foi abandonada.

O general Dugommier, o francez intrepido, morreu n'esta batalha de Montanha Negra mas foi logo substituido por Perignon.

Diante de todos estes desastres, as tropas hespanholas retiraram-se após a morte do seu general, conde de União.

O marquez das Amarillas tomou o commando e entrou com a sua gente no castello de Figueras.

O exercito hespanhol apresentava um aspecto desolador estendido pelo campo, os doentes cahidos por terra sem soccorros, os outros cançados de marchas. As munições estavam em poder do inimigo, no emtanto, em Figueras, encontraram reforços para poderem dar nova batalha.

Os portuguezes abandonados mais do que os hespanhoes soffriam a peor miseria e um vento de revolta passeiava no animo dos soldados sem pão e sem abrigo.

A bandeira hespanhola ondeava no alto da fortaleza e o conselho dos generaes estava reunido sob a presidencia do marquez das Amarillas.

Os generaes hespanhoes eram em maior numero do que os portuguezes.

Estes formavam á parte e ouviam os planos dos seus chefes, esmagados, n'uma posição subalterna.

Estavam alli os marechaes D. João Correia de Sá e José Correia de Mello, D. Antonio de Noronha e D. Francisco Xavier de Noronha e o chefe de estado-maior marquez de Alorna que deixara o commando da sua legião ao seu tenente-coronel. Tinham sido estes os unicos officiaes portuguezes admittidos ao conselho além do general em chefe João Forbes que occupava o logar á direita do marquez das Amarillas.

Cá fóra na campina innundada de sol, os soldados deixavam obrar os seus superiores, amodorrados, cahidos.

Os desastres successivos prejudicavam a disciplina, a fome dispunha para a desobediencia todos os soldados e se n'uns havia o

desejo de resistir aos francezes, n'outros havia a vontade de se entregarem.

O marquez de Alorna acabava de apparecer á porta da sala do conselho e lançava um olhar para a planicie pejada d'homens.

— Que resolveu o conselho, D. Pedro? perguntou n'este momento a voz de Gomes Freire.

— Ora o que eu esperava!...

— A retirada?! interrogou o coronel apressadamente.

— Sim... Vamos para Gerona!

— Ah! E que vamos fazer a Gerona? interrogou elle com certa colera.

— E' a retirada, amigo...

Gomes Freire, lançou um olhar em roda, viu os officiaes que o cercavam e exclamou:

— Bem... Ouviste lêr a ordem do dia? perguntou pausadamente.

— Não...

— Pois fica sabendo que ainda uma vez nós fomos esquecidos! Sim, a legião portugueza, os heroes que tem cobrido todas as retiradas desde S. Lourenço de Cerda até á Montanha Negra, foi esquecida! Nem são citados os nossos regimentos e no emtanto em S. Sebastião de Muge, eu ao lançar uma vista ao meu regimento vi que não faltava uma só mochila! Que quer isto dizer?!

— Apenas que João Forbes obedece aos hespanhoes e não se atreve a levantar a voz! redarguiu o marquez de Alorna com certa raiva.

— E porque motivo não admittiremos meu tio ao conselho?! tornou ainda o coronel.

— Teu tio é simples brigadeiro...

— Como o hespanhol André Torres!

— Que foi nomeado governador de Figueras!

— Oh! E' uma infamia, D. Pedro, e não me contenho sem o dizer aos nossos irmãos d'armas! gritou elle de fórma a ser ouvido pelos officiaes.

Em baixo, havia um sussurro d'approvação e elle ao vêr-se apoiado gritava:

— Sim... Nós somos alliados de Hespanha não devemos ser esquecidos... Os nossos soldados bateram-se como leões, as nos-

sas bandeiras não cahiram em poder do inimigo... Qual o motivo porque somos esquecidos?! E' a fraqueza do general que se manifesta...

— Sem duvida... sem duvida!... bradaram todos.

D. Miguel Forjaz e o conde d'Alva acabavam de chegar e ouviram as ultimas palavras de Gomes Freire, a seu lado o coronel João Mestral murmurava:

— Miseravel! Como elle pretende fazer lavrar a indisciplina!

Entretanto o coronel descera do lado do chefe d'estado maior e dizia:

— Se não fosse pela honra da nossa bandeira, saberia fazer com que os meus soldados se recusassem ao fogo. E' demasiada injustiça para taes bravos, semelhante esquecimento.

— Duvido, coronel, que vos obedecessem! disse D. Miguel Forjaz trocando um olhar com o conde d'Alva e com Mestral.

— Dizeis?!...

— Que nenhum soldado portuguez quereria passar por um traidor...

— Traidor, senhor meu primo, traidor e porque?! interrogou severamente o coronel, accrescentando: Acaso é traição não servir os que nos insultam?!

— Não vejo o insulto?! disse o conde d'Alva a meia voz.

O coronel lançou um novo olhar pelo acampamento e volveu:

— Vós não vêdes sr. conde d'Alva porque estaes mais habituado ao trato com os fidalgos da côrte do que com as balas inimigas!... Sabei porém que eu venho da Russia onde a intriga não logrou alcançar-me e que estou prompto a responder pelos meus actos...

— Sr. coronel, pareceis apodar de cobardes os fidalgos da côrte! disse João Jacob Mestral em tom escarninho.

— E vós pareceis ignorar o que lá se passa...

— Que quereis dizer?!

— Apenas o seguinte: Todo o portuguez que vê de rastos a honra da sua bandeira, que vê um general curvar-se em face das imposições d'extrangeiros, que assiste á victoria de milhares de bravos esquecidos propositadamente nos bicos da penna dos chefes e não se revolta é um cobarde!

D'esta vez todos os officiaes estremeceram ante semelhante arrojo e apenas o marquez d'Alorna e Nuno Freire, exclamaram:

— Assim é?

— Gomes Freire, por Deus vos peço que não continueis! disse então uma voz a seu lado.

Voltaram-se e depararam com Bernardim Freire, pallido, de braço ao peito em virtude da sua ferida recente e que dizia ainda:

— Sobrinho, para que são taes excessos?...

— Excessos que são apoiados pelos homens de valor e de coragem e que meu tio ha-de apoiar tambem!

— Sim amigo, sim... Mas guardem-se para nós as revoltas quando estamos em vespera de batalha... Figueras encerra munições, as tropas descançarão e de seguida avançaremos contra os francezes!... Assim votará o conselho!

— Quem lh'o disse meu tio?! interrogou elle com certa tristeza.

— Quem?! Mas a razão...

— A mesma que me aconselha a revolta... disse elle novamente.

— Mas...

— Sim a revolta que estes senhores e meu proprio tio, condemnam! E sabeis a causa da minha colera?! E' que vamos para Gerona em retirada e não contra o inimigo.

— É possivel?! Em retirada?! gritou o brigadeiro deveras assombrado.

— Sim, é possivel ou antes, é certo!

— Sobrinho, os generaes portuguezes não podiam acceder a tal!

— Mas de que valeram as suas propostas, disse então tranquillamente o marquez d'Alorna. Eu, como chefe d'estado maior assisti a tudo e sahi enojado... O marquez das Amarillas quer a retirada...

— E João Forbes acceita as ordens dos hespanhoes! gritou novamente o coronel.

— Como bom soldado, obedece aos chefes! defendeu novamente o Mestral.

— Ah! Obedece aos chefes, chamaes então á fraqueza, obediencia, á servil curvatura d'uma espinha, displicina?!

— Sr. coronel, insultaes o general?! bradou o outro procurando um desafio.

— Parece impossivel tal arrojo! gritaram algumas vezes ao

mesmo tempo que o conde d'Alva esboçava um sorriso de vingança satisfeito e se affastava.

— Insulto o general, dizeis?! bradou Gomes Freire, cruzando os braços. Insulto o general?!...

— Sim, pois que lhe chamaes servil!

— Oh! Como sois meticuloso pela honra do vosso chefe e como descuidaes a dos vossos soldados... Eu insulto João Forbes por lhe chamar servil elle deixa de insultar o exercito nem sequer reclamando referencias na ordem do dia para os regimentos?!... Oh! Vedes mal; eu não insulto, pago apenas na mesma moeda aquelles que assim descuram da honra da nossa bandeira!...

— Muito bem! bradaram algumas vozes, ao mesmo tempo que grande numero de officiaes caminhavam para Gomes Freire de mão estendida.

Mestral tornou-se livido ao vêr que apoiavam o outro e bradou:

— Coronel, reparae que estaes fazendo lavrar a discordia no exercito...

— Eu?!

— Sim, vós que trazeis da Russia a reputação d'heroe e fallaes com desassombro contra os intrigantes, procedeis mais como intrigante do que como heroe...

— Agora é de vós que parte o insulto... Eu não intrigo fallo apenas como um homem que se indigna ante a perfidia dos outros! Intriga?! Acaso a julgaes digna do meu caracter?!

O outro olhou-o, hesitou por momentos em responder e de seguida disse:

— Não é outro o vosso procedimento...

— Vamos?! Dizei abertamente alcunhas me d'intrigante?!

Os olhos do coronel chispavam, encarava o outro ousadamente esperando apenas uma palavra.

— Dizei?! insistiu elle deveras excitado encarando o outro.

— Mas se fallaes d'esse modo do general em chefe, se quasi o accusaes de roubar a gloria dos seus soldados... Dizei, agora vós, coronel, negaes que o tivesseis affirmado?

— Negar?! Oh! Não o affirmei mas devia fazel-o... Mas nunca se perde por esperar e digo-o agora aqui bem alto... João Forbes é um serventuario dos Hespanhoes! As tropas portuguezas, o meu

regimento, como o de Peniche, como o d'Olivença, como os do Porto, portaram-se como heroes e os seus nomes não foram citados' Ha officiaes como meu tio, como Pamplona, como Nuno Freire e André de Meira, o porta-bandeira, que obraram prodigios e nem sequer foram louvados!

— Por Deus, coronel que esqueceis o vosso nome! gritou uma voz ao mesmo tempo que um homem alto, espadaudo, de venerando e galhardo aspecto se apresentara.

— Oh! o meu nome, caro Pamplona, nada vale...

— Esqueces então, amigo, a tua bella acção á frente dos granadeiros?!

— O brilho das tuas e das dos outros a empanam! Mas deixa-me concluir...

E depois de apertar a mão ao amigo, avançando dois passos para João Mestral, tornou:

— Que dizeis senhor... Mantereis ainda as vossas palavras a meu respeito? Alcunhas-me ainda de intrigante?! Dizei... Eu não transformei a verdade, logo não gerei a intriga...

— E vós manteis tambem a vossa accusação ao general em chefe? interrogou o outro.

— Sim, mantenho! Diante de todos os officiaes que me escutam affirmo que João Forbes tem em pouca conta os deveres do seu cargo... E senão, olhae! Vêde por esses campos fóra as tropas portuguezas sem pão e sem munições, os feridos sem soccorros, os mortos sem sepultura... Em cada leira uma farda lusitana por terra, em cada pedra uma nodoa de sangue dos nossos soldados... Olhae, senhores, e vêde como os carros das munições estão todos na sua linha, mas vêde tambem como os bravos que os trouxeram morrem!... Em todos os combates, sob um chuveiro de balas, sob o fogo mais ardente, os soldados portuguezes caminharam com denodo; e quando os hespanhoes fugiam, as bayonetas francezas encontravam peitos lusitanos; quando os leões de Castella se abatiam no desaire da fuga, as quinas de Portugal fluctuavam valentemente sob as cabeças dos legionarios!... Assim succedeu em S. Lourenço de Cerda, em S. Sebastião de la Muza, na Montanha negra! Assim succedeu por toda a parte e o grito de guerra, repercutido de quebrada em quebrada, fez por vezes vacillar os francezes, heroicos filhos da revolução, fez vacillar esse punhado de bravos, que é in-

vencivel, porque tem na alma o escudo bem temperado do seu ideal, ao passo que os nossos nem mesmo têm o incitamento de defenderem o solo da sua patria!... Olhae e vêde como elles pensam ainda em avançar... E diante de semelhante exercito ha um outro, indisciplinado e mal disposto, sem ordem e sem bravura, que recebe as honras de tudo, porque um general não sabe pedir garantias para os seus!...

Todos o olhavam espavoridos de semelhante audacia e Pamplona bradava enthusiasmado:

— E para provar a verdade, basta saber que o nosso ministro em Madrid reclamou já contra a injustiça das ordens do doido exercito!

— Que dizeis?, bradou elle com assombro. O ministro já reclamou?

— Sim... Acabo de sabel-o por alguem que vem da côrte!

— Oh! vergonha eterna para um soldado que commanda!, gritou Gomes Freire, cheio de raiva. Sim, a ultima das vergonhas! E' preciso que um diplomata exija as honras devidas aos valentes que um general conduz!... Amanhã se por acaso nos rendessemos, o chefe, que até hoje tem obedecido como um lacaio, seria capaz de pedir ao inimigo piedade em vez de regalias...

— E' demais, senhor!, exclamou João Mestral. Chamaes cobarde ao general!

Então Gomes Freire, como louco, sentindo espesinhada a honra da bandeira, bradou:

— Sim, a elle e a todos que o defendem... Vis... sim mil vezes vis! Em todos vós, os que o apoiaes, não ha o amor da patria a mover-vos os braços, ha apenas a ambição a fazer-vos pronunciar palavras servis!...

— Coronel!, exclamou o outro no auge da raiva, tornando-se pallido.

— Que quereis?!

— Sois um infame, sois um ambicioso... Pertendeis talvez para os vossos as regalias de que disfructa João Forbes..., e o olhar de Mestral fixou-se em Bernardim Freire, que avançou para elle sedento de vingança.

Mas o sobrinho agarrava-o, ficava a olhal-o serenamente e dizia:

— Meu tio e senhor, é commigo a desafronta!

Relanceou o olhar em roda para os officiaes e disse:

— Senhores, eu sou um ambicioso... Ouvisteis?! Pois bem, eu sou tão ambicioso que deixei a Russia, onde Catharina II me fez commandante honorario dos seus cossacos, para vir para Portugal como sargento-mór!... Senhores, eu sou o ambicioso que recusei em Ochzakow o governo d'uma praça, para vir como subalterno para um regimento...

— Muito bem!.. Viva Gomes Freire!, bradaram os officiaes excitados ante aquelles feitos d'epopea.

E os soldados portuguezes repetiram o nome d'aquelle que estavam habituados a verem á sua frente, n'uma saudação enthusiasta.

Então elle, com um olhar por todo o campo, bradou para Mestral:

— Ambicioso me chamasteis, senhor coronel, e com razão... N'este momento o sou... Tenho uma ambição e sabeis qual? A de vos matar!... Atirou-lhe uma luva e exclamou:

— Ao romper da manhã, por detraz do castello!

Voltou-lhe as costas, deu o braço ao tio e affastou-se por entre os murmurios d'admiração de todo o exercito.

Mestral, livido de raiva enfiou para a sala do conselho e ao acercar-se de João Forbes, disse:

— General, venho pedir-vos licença para me bater ámanhã...

D. Miguel Forjaz e o conde d'Alva olharam-no e o general em voz pastosa perguntou:

— E com quem?!

— Com o coronel Gomes Freire!

— Gomes Freire?! E' então verdade que elle falla de mim?... Batei-vos por minha causa, não é assim?!

— General, bato-me pela honra do exercito!

João Forbes, livido de rancor, disse então:

— Poupar-vos-hei o trabalho! Esse homem é um traidor...

— Um traidor, sim, um dos que pretende pactuar com os francezes lavrando a zizania entre as tropas! calumniou abertamente o conde d'Alva.

— Meu amigo, disse o general para D. Miguel de Forjaz, desculpae, mas o vosso parente desmereceu muito aos olhos dos honestos portuguezes!

No rosto do primo de Gomes Freire passou uma nuvem de prazer e murmurou:

— Sr. general, eu não tenho parentesco com traidores, com pedreiros livres que apoiando a obra da revolução franceza, buscam dar a victoria ao seu exercito!

— Sim... Elle assistiu á morte de Luiz XVI, volveu João Mestral.

— Para os traidores ha as balas d'um pelotão, volveu o general despedindo-os com um gesto.

— Ou a forca! casquinou o conde d'Alva, trocando um olhar com o cumplice.

E á porta, para o Pamplona, D. Miguel Forjaz, docemente, a interessar-se, perguntou:

— Sois amigo de meu primo Gomes Freire, sr. general...

— Oh! Admiro-o! volveu elle muito ingenuamente.

— E' certo que estivesteis com elle na Russia?

— Ao começo da campanha com Vasco de Miranda, não em Oczakow onde elle se tornou um heroe...

— E elle tinha semelhantes excitações?

— Não!...

— Oh! Sabeis... Temo que elle tenha enlouquecido! disse perfidamente D. Miguel Forjaz.

O general encolheu os hombros e redarguiu:

— Senhor: Diante d'uma injustiça os mais pacificos se tornam loucos!...

Saudou-o e desappareceu, ao passo que o outro, murmurava:

— Oh! Gomes Freire, está perdido!...

XXIX

O revoltado

TOCAVAM as trombetas á alvorada e o exercito movia-se para a marcha annunciada para d'ahi a duas horas. O trem de munições ficava abandonado, e no castello de Figueras deixavam se todas as provisões, afim da retirada ser feita mais rapidamente para Gerona, pois os francezes, sob o commando do proprio Perignou, avançavam cheios d'ousadia. O brigadeiro André Torres, fôra nomeado governador de Figueras e deixavam-lhe uma limitada guarnição com que devia fazer frente ao inimigo em caso d'ataque.

Por detraz da fortaleza moviam-se tres vultos que pareciam esperar alguem. Eram Gomes Freire, o marquez de Alorna e Pamplona, que aguardavam o coronel Mestral para o encontro combinado.

Após as consequentes chuvas, chegava agora o sol esplendido a dourar o terrado da fortaleza e as armas dos soldados que se erguiam.

— E' tarde... Já se calaram as cornetas e nem viva alma! — murmurou Gomes Freire com impaciencia.

— Oh! Elles ahi vêem! — disse o marquez d'Alorna, que desde algum tempo olhava alguns vultos que se approximavam.

— Hum... — murmurou Pamplona — Parece gente de mais para um duello.

— Sim... Lembra antes uma escolta! — casquinou o coronel olhando fixamente os que se chegavam.

— Uma escolta?! — exclamaram ambos com pasmo.

— Sim — disse Gomes Freire olhando os militares e com a sua vista experimentada de guerreiro distinguiu até as patentes:

— São dois coroneis e alguns soldados...

— Ordenanças!... — disse rapidamente o marquez.

— Sim, é possivel! — murmurou Gomes Freire, começando a passear d'um lado para outro com a mão mettida no peito da farda.

Os outros acercavam-se, os soldados ficavam a distancia e um dos coroneis exclamou:

— Deus vos dê bons dias, Gomes Freire!

— Obrigado, coronel!... Vindes da parte do meu adversario?! — interrogou á pressa.

— Do vosso adversario, sim... se tal nome daes ao general chefe...

— Ao general chefe?!...

— Sim... Elle vos pede uma entrevista...

No rosto do heroe passou uma nuvem de colera e n'um sorriso ironico, disse:

— Ah! Sollicita de mim uma entrevista?! Acho mau o processo, coronel...

— A razão?...

— O vosso sequito, disse elle abertamente.

— O meu sequito?! Ah! referir-vos ás ordenanças...

— Que mais parecem escoltar-vos... disse com aprumo, accrescentando logo:

— Dizei ao general que dentro de uma hora estarei a seu lado... Aguardo aqui o coronel Mestral...

— O coronel?! Mas, meu amigo, elle acaba de partir para Gerona á frente do seu regimento, que foi o primeiro a deixar o campo...

— Miseravel! disse o heroe entre dentes, cheio de raiva; e logo com a mesma altivez exclamou:

— Ide em paz, dentro em pouco estarei ao lado de sua excellencia!

— Mas coronel..., titubeou o outro.

— Que quereis, camarada ?..., interrogou franzindo o sobr'olho.

— Tenho ordem de vos conduzir...

— A mim ? !, gritou cheio de raiva intensa. Prendeis-me n'esse caso ? !

— São as ordens do chefe... « Ide encontrar-vos atraz da fortaleza com o coronel Gomes Freire, disse elle, e trazei-m'o aqui por vontade ou por força !...

— Nunca !... Se fôr preciso eu saberei fazer respeitar a minha farda... Quereis prender-me ? ! Vós ? !... Oh ! Ide-vos, digo-vos agora, ide-vos, que eu fico entregue ao marquez d'Alorna, chefe de estado maior !...

Fez um gesto magestoso, ao mesmo tempo que Pamplona exclamava :

— Coronel, parti... Nós nos encarregamos de Gomes Freire...

— Desculpae, camarada, murmurou tristemente o outro official. Porém, sabeis que deveis obedecer... Deixo-vos com os vossos amigos e perdoae ! Espero no emtanto que vos apresenteis ao general !

— Amigo e camarada, aqui tendes a minha mão se acaso não vos repugnaes em apertal-a... Não vos guardo resentimento... Breve serei junto do general, porque sabei que jamais voltei as costas ao inimigo !

Estendia a mão que o outro apertava e ao vêl-os partir fez um gesto de colera e exclamou :

— Ah ! Miseraveis intrigantes, eu vos calarei !

E sem fazer caso dos companheiros começou a caminhar para o acampamento.

Dentro em pouco entrava na praça e bradava para o primo, que estava encorporado no estado-maior de Forbes :

— Nuno, preciso fallar ao general...

— Meu primo... D'isso está encarregado D. Miguel de Forjaz ..

— Ah ! nosso parente tambem, pois avisae-o...

O official correu a prevenir o ajudante d'ordens do chefe, que dentro em alguns minutos se approximou, dizendo :

— Em que vos posso servir, meu coronel ?...

Gomes Freire, reparou no tratamento e redarguiu :

— Primo e amigo: o vosso general chamou-me... Eis-me ás suas ordens.

D. Miguel de Forjaz lançou-lhe um olhar admirado ao vêl-o só, disse:

— Aguardae-me!

Penetrou no aposento onde o general já estava prompto para a partida e disse:

— Chegou Gomes Freire... Mas meu general, elle vem só...

— O quê?! Nova desobediencia, nova revolta!..., gritou o chefe, que era um homem velho de faces retalhadas de rugas, com todo o aprumo militar.

— Meu general, esse homem está louco! disse o conde d'Alva, que estava a seu lado.

— Fazei-o entrar, D. Ramiro, disse elle para o conde, eu lhe applacarei as iras... Ficae no aposento contiguo com D. Miguel!

— Sim, general!

Dentro em alguns momentos, o conde d'Alva achava-se junto do coronel, fazia-lhe a mais rasgada continencia militar, ficando impassivel ao olhar que elle lhe dirigia e indicou-lhe a porta do aposento.

O marquez d'Alorna e Pamplona acabavam de chegar e ficavam na espectativa.

Gomes Freire, entrou de cabeça erguida, saudou o general que se encostava ao vão d'uma janella e esperou que elle lhe dirigisse a palavra.

Forbes, mediu-o com o olhar e na sua voz compassada murmurou:

— Coronel: Sois accusado de levantardes o exercito contra mim!... Que tendes a dizer?!

— Excellencia, preciso saber se me fazeis essa pergunta como chefe ou como particular, desejo conhecer a minha situação...

— A vossa situação, coronel, é a do inferior em frente do superior!

— Bem... N'esse caso, disse elle em voz bem alta e com desassombro, ouvi!... Se estivesse aqui como um simples individuo a quem cabe o direito das criticas aos actos publicos, dir-vos-hia o seguinte:

— Lamento que os soldados portuguezes que servem na legião

contra a França sejam esquecidos nas ordens do dia, apesar dos officiaes hespanhoes os collocarem á frente no fogo... Lamento que passem fome e sejam sempre os ultimos a ser servidos nos dias de fartura; lamento que seja necessario um diplomata fazer reclamações para premiar a bravura dos soldados, quando estes têm um general que os commanda!...

— Coronel! exclamou elle fazendo-se pallido.

— Isto dir-vos-hia eu como particular, disse elle sem a menor perturbação. Como official direi apenas:

— General: Os nossos soldados, os nossos bravos, os portuguezes, são tratados como escoria, quando são elles a fina flôr das tropas alliadas! E a culpa é vossa, general, a culpa é toda vossa, que vos curvaes ante os hespanhoes!

— Senhor! bradou o general indignado.

— Sou franco, eis tudo... Sim, a culpa é vossa! repetiu elle ousadamente e de cabeça erguida.

— Coronel, para me fallardes assim, ou tendes muita confiança nos que tentaes revoltar, ou tendes em pouco apreço a vida! bradou de novo o chefe no auge da raiva.

— A minha vida pertence á rainha de Portugal e só d'ella admitto taes ameaças!

— Pois é em seu nome que vos fallo como vosso chefe!

— Em nome de D. Maria I... Oh! Que o digam os bravos que esqueceis!

— Coronel!

— General!...

— Sabeis que as rebelliões no exercito castigam-se com a perda das honras e da vida?

— Ha pouco, general, esperava eu alguem que se devia bater commigo e o meu coração pulsava tão serenamente como se fosse para uma boda!... Bem vêdes que pouco me importa a vida!... Emquanto ás honras, sabei que sou coronel de sua magestade a imperatriz Catharina da Russia e se quizer serei general!...

— Servis dois amos a um tempo?! disse o general em ar de troça.

— Sirvo dois amos, sim!... Um que galardoa, outro que tira a vontade de o servir!...

— Fallaes de sua magestade!...

— De vós, apenas!...

— Mas respondei... Pretendesteis revoltar o exercito?

— Eu?!

— Sim... Vós... Acaso não me accusasteis, não recebesteis os applausos dos vossos camaradas? interrogou Forbes furiosamente

— Nunca homens conscientes applaudem sem razão...

— Confessaes n'esse caso?!

— Que vos accusei... Oh! Mas se já vol-o disse frente a frente!...

— Enlouquecesteis?!

— Nunca tive mais razão...

— Coronel: Sabeis que costumo não deixar impunes as traições?!

— General... Alcunhaes-me de traidor?!...

— Sim... mil vezes sim, exclamou o chefe ao vêr-se desauctorisado. Vós sois pedreiro livre, assististeis á morte de Luiz XVI, sympathisaes com as idéas francezas, com a obra dos atheus, e pretendeis levantar as tropas para vos vingardes, para fazer triumphar o inimigo!

Gomes Freire, tornou-se livido, encarou ousadamente o general e exclamou:

— Tal accusação sahida dos labios d'um homem consciente, de razão solida, teria como resposta a lamina da minha espada! pronunciada por vós, tem apenas a seguinte:

— Desprezo os calumniadores que vos servem e vos dominam o espirito, desafio-os, como a esse cobarde que se escusou a um encontro! Emquanto a vós, general, apenas vos direi:

— Ali estão os bravos da legião portugueza, ali estão os granadeiros que commandei, com que cobri a retirada dos hespanhoes contra Dugommier, perguntae-lhes se me viram hesitar um momento, e se houver um só homem que tal affirme dou-vos o direito de cuspir na minha farda, de escarrar no meu rosto! Bom dia, general!

E voltou-lhe as costas sem o saudar, dirigindo-se para a sahida.

O outro, muito pallido, gritou-lhe:

— Senhor!

Parou, voltou até ao chefe e disse pausadamente:

— Que quereis ainda?!

— Ficae!

— Eu ?! Não posso ficar em frente de quem assim me insulte!
— Vós o tendes feito antes de mim!
— Não vos insultei, accusei-vos o que é differente... redarguio na sua serenidade.
— Esquecendo que sou o vosso general, fazendo lavrar a discordia no exercito, revoltando os officiaes, formando um grupo de apaniguados... Pois bem, commettesteis um crime e peço-vos que me entregueis a vossa espada!
— Preso ?! gritou espavorido, encarando o general.
— Sim... Prendo-vos!...
— Vós ?!
— Eu mesmo!
Soltou uma risada e exclamou:
— Vós, general, que tendes descurado o bom nome portuguez quereis completar a obra... E sou eu o traidor ?! Quereis callar uma bocca que vos accusa e servir-vos d'esse meio indigno d'um homem d'honra!
O general, já no cumulo da cólera correu para a porta e gritou:
— D. Miguel... Conde d'Alva!...
Como se estivessem á escuta entraram de rompante e perfilaram-se em frente de Forbes, que, fazendo um gesto irado, gritou:
— Prendei o coronel Gomes Freire! Entregue-o á guarda de André Torres, o brigadeiro hespanhol, governador de Figueras e dizei-lhe que responde por elle!...
— Eu ?! Preso e sob a vigilancia d'um hespanhol! Enganae-vos, coronel, enganae-vos, senhores! E vós, meu primo, sabei que no ramo dos Freire de Andrade morre se antes de ceder!... Não! nunca!...
— Obedecei!...
— Nunca!...
Mas á porta appareciam alguns soldados da escolta e o marquez d'Alorna entrava e exclamava:
— Gomes Freire... Deves obedecer!
— Que dizes, Pedro ?...
— O que Martins Pamplona te aconselharia se acaso aqui não estivesse já á frente do teu regimento...
— Ah! E' a elle que entregou o commando ?! Pois bem... Dize-lhe, marquez, que não deixe calcar a honra dos meus bravos!...

E tu, vae em paz, eu fico em Figueras como prisioneiro, mas tenho a esperança que breve lhe serei util!... Os francezes não perdem tempo, avançam sempre... Se me quizessem ouvir ha muito que teriamos ido ao seu encontro... Recusam e prendem-me... Deixal-o... Eu saberei cumprir o meu dever!...

O general fez um novo gesto e então o heroe fitando-o exclamou:

— Senhor João Forbes, sabei que obedeço não por vós, mas pelo marquez, que pertende acabar com dissidencias... Sou vosso prisioneiro... Indicae-me o logar da detenção!

Forbes, sem se dignar olhal-o, disse então para o conde d'Alva:

— Conduzi o coronel á ala esquerda do castello... Terá a praça em homenagem... Entregae-o ao brigadeiro!...

D. André Torres, o hespanhol, acabava d'entrar na sala e ouvia as ultimas palavras

Era uma d'estas figuras quichotescas, angulosas e tristes de bom devoto, fanfarrão ao extremo e que fazia apenas um gesto d'assentimento ao ouvir a ordem de Forbes.

— Dae me a vossa espada! pediu elle com certa intimativa ao coronel.

Gomes Freire, olhou o hespanhol com desprezo e em seguida redarguio:

— A minha espada só ficará nas mãos dos extrangeiros, ou pela traição, ou quando eu não tiver alento!

— Mas...

— Sou prisioneiro, bem o sei... disse a sorrir; e de seguida tirando lentamente a espada estendeu-a a D. Miguel Forjaz e exclamou:

— Ahi a tendes meu primo, guardae-a até ao dia em que vol-a peça novamente... E tratae-a bem, D. Miguel... Essa é a espada d'Oczakow...

Voltou as costas, abraçou o marquez e bradou:

— Vamos senhores!...

O conde d'Alva esboçou um sorriso e murmurou ao ouvido de D. Miguel.

— Começas a herdar!

O outro sorriu e foi acompanhando o coronel que desabotoava

a farda e de mãos nas algibeiras avançava para a sua prisão do castello de Figueras.

O hespanhol olhava-o e murmurava:

—Hum... Fraco coronel que se desavem com o seu general!... Ha pouca disciplina entre os portuguezes... Caramba, que em Hespanha até os cornetas respeitam os soldados!...

XXX

A intriga na côrte

É um correio de Hespanha, alteza real! exclamou D. Antonio de Mello dirigindo-se a Carlota Joaquina que se ergueu, rapidamente da cadeira e bradou:

— Que entre!...

E o porta-bandeira André Meira appareceu em face da princeza que sem o reconhecer, murmurou:

— Vindes da côrte?!

— Alteza real, eu chego do acampamento de Gama...

— Ah! Sois portuguez! exclamou ella, e olhando-o mais attentamente, disse:

— Conheço-vos, alferes... sois o porta-bandeira...

— Que teve a honra de encontrar vossa alteza na Sé...

— Sim... Mas sentae-vos, disse logo toda impaciente fazendo um signal.

O joven córou e redarguiu:

— Senhora... Jamais me atreverei em frente de vossa alteza!

— Sentae-vos! tornou com o mais bello dos seus sorrisos e ao vel-o obedecer, deveras admirada, começou:

— Chegas então do acampamento.

— Sim, alteza!

— Trazes cartas para mim não é verdade?... perguntou cheia de prazer.

— Sim, alteza!

— E de quem?

— Do general Forbes e do senhor conde d'Alva!...

— Muito bem... E como vão os nossos? interrogou desejosa de saber noticias.

— Batemo-nos sempre com mau resultado; no emtanto alguns prodigios de valor houve da parte dos portuguezes!...

— Ah!... E sem duvida tu...

— Senhora... Eu admirava-os... confessou muito ingenuamente com um bom sorriso.

— Ah! E quem admiravas?!

— Um valoroso coronel que á frente de duas companhias sustentou até ao fim o fogo dos francezes, emquanto os alliados se punham a salvo!... Eu estava com o resto de legião!... Meu Deus, como era bello... Se vossa alteza o visse!... Alto, de bello perfil, grandioso no meio das tropas commandando o fogo com o deus de victoria, a cabeça aureolada pelo sol... Veiu uma bala e levou lhe o chapeu; então elle, soltou uma voz de commando, forte, vibrante, que fez correr acceleradamente o sangue em todas as veias: Fogo! E as duas companhias em unisono fizeram uma descarga cerrada!... Os francezes recuaram apesar de sua bravura e do numero!... E elle, o coronel, clamou: A'vante... Então travou combate com as avançadas e retirou galhardamente ante o pasmo do inimigo!...

E elle continuava sempre da mesma fórma eloquente e enthusiasta que admirava tambem Carlota Joaquina a qual interrogava:

— E como se chama esse bravo coronel?...

— Gomes Freire!... respondeu elle laconicamente.

A princeza estremeceu, baixou a cabeça e dizia:

— E só esse praticou acções de valor?...

— Não alteza! Vi um assedio na Montanha Negra em que um bravo brigadeiro, homem de apparencia respeitavel, á frente do regimento de Peniche, andava pelas rochas escarpadas fazendo fogo ao inimigo... Os nossos homens lembravam sombras vagas tal era a altura em que se encontravam... A distancia o inimigo movia-se

n'uma linha parda, e o regimento avançava sempre com o seu brigadeiro á frente. Mas de repente, do solo, erguendo-se detraz das penedias appareceram os caçadores francezes em linha de batalha... Travou-se a lucta os nossos foram cercados e d'ahi a momentos quando todos os julgavamos perdidos, vimos o resto heroico de phalange que de tambores á frente em ordem de marcha se encorporava na divisão do general Mahur... Eu estava n'essa divisão... A meu lado, vi o brigadeiro... Pedro Celestino, o cirurgião do regimento Gomes Freire, exclamou:

— Estaes ferido no braço, sr. brigadeiro!

E elle com o seu bello sorriso de bravo, sacudindo o braço, respondeu:

— Ah! Foi uma bala que não me conhecia!

— E como se chamava esse heroe?! interrogou de novo a princeza sorrindo.

— Bernardim Freire de Andrade e é tio do coronel Gomes Freire!

Carlota Joaquina fez-se livida, tornou a baixar a cabeça e n'um meio sorriso extranho tornou:

— E apenas esses?

— Não alteza!... Ainda vi outro facto digno de nota!

— Narra-o!

— O general hespanhol marquez das Amarillas avançava com o general portuguez João Forbes rodeados do seu estado-maior e seguidos por alguns lanceiros... De repente, d'um vallado, ouviu-se a fusilaria inimiga... Uma bala passou rente do general e um joven ajudante de campo com um olhar duro para os attacantes, murmurou:

— E' uma cilada!... Se o meu general me deixasse fazer um reconhecimento.

João Forbes accedeu, e o joven ajudante apenas com tres soldados correu com o maximo denodo para as avançadas inimigas que se puzeram em fuga... Mas n'isto rompe a fusilaria cerrada e elle voltando-se para os lanceiros gritou:

— A' carga!

«Foi e voltou coberto de sangue; o caminho ficou desempedido e Forbes murmurou: Fez o seu dever!

— Meu Deus! Mas fez mais que o seu dever... Eras tu esse ajudante?! perguntou ella de bom humor.

— Daria tudo para praticar tão bella acção, volveu elle. Porém a outro coube a gloria da empreza.

— Ah! E como se chamava esse joven bravo?!

— Nuno Freire e é filho do brigadeiro Bernardim!

Carlota Joaquina baixou novamente a cabeça, rasgou violentamente o sobrescripto d'uma das cartas e começou a lêr attentamente. De seguida, com um sorriso extranho nos labios, casquinou:

— André de Meira! Advinhas acaso o que me diz o general Forbes?!

— Como advinhal-o, senhora?! murmurou elle com pasmo.

— Dá-me más informações da tua familia de heroes!

— E' possivel?! gritou o alferes deveras impressionado.

— E' certo... Gomes Freire está preso no Castello de Figueras por traidor aos deveres do seu cargo... Nuno Freire foi feito prisioneiro dos francezes... O brigadeiro deixou se arrastar em seguimento do filho e não tem noticias d'elle... Já vês pois que são bem pouco digno os teus heroes!...

Encolheu os hombros, abriu a carta de D. Ramiro e logo ás primeiras linhas o rosto se lhe transfigurou sensivelmente.

De seguida perguntou:

— Trouxeste uma carta para Luiz Pereira Coutinho, o ministro da guerra?

— Sim, real alteza!

— De quem era?

— De D. Miguel Forjaz...

— Bem... Retira-te... Volta amanhã que tenho algumas cartas para o acampamento...

— Sim, alteza?! disse elle curvando-se n'uma reverencia e parando ao ouvil-o dizer:

— Não... Não... Volta antes esta noute!

— Sim alteza!

— Entrarás pela porta dos archeiros ao fundo do corredor... Eis aqui a chave... A' meia noute... Que ninguem te veja entrar...

— Sim, alteza!...

Elle, cada vez mais pasmado ia retirar-se, quando a princeza lhe disse ainda:

— Nem uma palavra a tal respeito!

— Os vossos desejos são ordens!... e d'esta vez sahiu emquanto Carlota Joaquina segurando a carta de D. Ramiro, dizia:

— Oh! A vingança... Como teceram bem a intriga! Vamos completal-a!

Lançou um olhar para o espelho, endireitou as rendas do corpete, collocou uma rosa vermelha no seio e sahiu em direcção aos aposentos do regente.

Sua alteza estava sentada na poltrona e ouvia o ministro da guerra, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, que lhe dizia:

— Mas meu senhor... Esta prova é cabal!

— Vossa alteza dá licença! disse-lhe Carlota Joaquina da parte de fóra, com a mais encantadora maneira.

— Oh! Entrae! e o principe levantou-se galantemente a offerecer-lhe a mão. De seguida indicou-lhe uma cadeira e disse:

— A que devo a honra de vossa visita?

— Conclui os vossos negocios com s. ex.ª...

Luiz Pinto, lançou-lhe um olhar malicioso e continuou:

— Com permissão de vossa alteza, direi que estava apenas provando a vosso esposo, e nosso bondoso amo, a loucura que se apossou d'um dos officiaes que parece terem na melhor conta...

— Ah! E' para lamentar! disse ella prestando toda a attenção á conversa.

— Dizia n'esse caso.. tornou o regente em voz pastosa.

— Julgae, meu senhor, que D. Miguel Forjaz me escreve a tal respeito e não ha motivo de desconfiança tanto que são da mesma familia!

— Ah! Lêde essa carta, disse então o regente encarando o ministro que saccando um papel de algibeira, começou:

«No correio passado fiz presente a V. Ex.ª confidencialmente e com o maior sentimento da minha parte, do acontecimento extranho entre os coroneis Gomes Freire e João Jacob Mestral; perguntando eu ao Pamplona se, quando estiveram na Russia, Gomes Freire fazia semelhante estaladas, por me parecer que teriam tido das mais pessimas consequencias me disse que não e que o seu animo andava sempre socegado, desconhecendo elle semelhante excessos do seu genio, o que mais me parecer que a imaginação ande esquentada ao ultimo ponto».

O ministro ao acabar de lêr, voltou-se para o regente e disse:

— Já vê vossa alteza...

— Sim... sim... E como procedeu Forbes? perguntou Carlota Joaquina fingindo ignorar todos os factos:

Mandando-o encerrar em Figueras, onde elle se entreteve a desenhar o coronel Mestral n'uma das paredes, cercado dos mais injuriosos epithetos!... Isto abona bem pouco a sua razão!... Então Forbes mandou levantar um auto ao procedimento dos seus officiaes e ordenou aos ouvidores que analysassem os actos do seu commando!

— Oh! E qual é o teu aviso Luiz Pinto?!

— Fazer recolher ao reino o coronel Gomes Freire!

Nos olhos de Carlota Joaquina faiscou uma scentelha de alegria e apoiou logo:

— Decerto... E no caso de ser na realidade um alienado...

— Um alienado?! Não o creio... N'esse caso mais me parece Forbes... A razão é simples, esse auto quer dizer alguma cousa!... Sim, porque a palavras loucas...

— Mas meu senhor, retorquiu o ministro um pouco transtornado... Não podem continuar taes discussões!

— Bem... E qual é o teu aviso? interrogou de novo.

— Eil o meu senhor .. e o ministro começou a lêr uma ordem que dizia assim:

«S. M. ficou inteirada pela relação de V. Ex.ª das commoções excitadas n'esse exercito contra a sua auctoridade e do pessimo exemplo que uma semelhante conducta deve influir na tropa, de necessidade que ha em sustentar a auctoridade de V. Ex.ª a quem a mesma senhora tem confiado o mando do seu exercito e de cortar d'uma vez pela raiz semelhantes exemplos; porem não deixou de ser sensivel a S. M. que tendo V. Ex.ª na sua mão todos os meios de castigar taes cousas, prostituisse de qualquer forma a sua auctoridade, mandando proceder a uma inquirição judicial a respeito do seu proprio procedimento, o que não é nem podia ser compativel com a preeminencia do seu posto, emquanto S. M. não o determinasse muito expressamente; e fazendo a mesma senhora a devida justiça ao seu caracter e á confiança que de V. Ex.ª fez, lhe ordenou que, apenas receber esta, faça cessar sem perda de tempo qualquer procedimento ultimo na referida devassa, remettendo tudo no seu proprio original á secretaria d'estado, para de semelhante cousa não existir mais vestigio algum.

«E para S. M. dar a V. Ex.ª uma satisfação completa e evitar novos riscos a que não desejo expôr qualquer official de seu exercito, poupando-se-lhe o mais severo castigo, ordena outrosim a V. Ex.ª que, apenas receber esta carta, intime de parte de S. M. ao coronel Gomes Freire de Andrade, que parta para este reino sem prova de tempo, entregando ao tenente-coronel do seu regimento o mando d'elle, devendo-o substituir n'esse emprego o tenente-coronel graduado D. Thomaz de Noronha que d'aqui partiu ha poucos dias. Igual ordem mandará V. Ex.ª intimar ao tenente-coronel Manuel Ignacio Martins Pamplona, que S. M. ha por bem dispensar das funcções que me havia commettido».

— Falta apenas a assignatura de V. A. para este documento e para o que se segue:

— «Tendo constado n'esta côrte, que o chefe do estado-maior, D. Pedro de Portugal e Almeida, conde d'Assumar e marquez d'Alorna, tem apurado as dissenções havidas entre V. Ex.ª e os seus officiaes, ha por bem S. M. dispensar o dito coronel das funcções que lhe havia commettido, fazendo-o passar sem demora a este reino».

— Tambem o marquez?! bradou o regente no auge de pasmo, accrescentando logo:

— Luis Pinto... Emquanto a Gomes Freire, accusado como cabeça de revolta acho de justiça o procedimento. .

— Mas, meu senhor...

— Martins Pamplona não é accusado! O marquez d'Alorna...

— Martins Pamplona é intimo de Gomes Freire, apoia-o em tudo! Logo após a sua prisão quiz levantar o regimento de que lhe deram o commando, dizendo que o rebaixavam fazendo-o obedecer a hespanhoes!

— Sim... E o marquez?!

— Esse, meu senhor, é hereje e pedreiro livre, vestiu o seu regimento á franceza e é tambem amigo de Gomes Freire!...

— Ah!... E que resolves com respeito ao marquez desde que chegue a Lisboa?! perguntou serenamente o principe.

Carlota Joaquina ergueu-se e exclamou:

— Naturalmente o castigo a que se eximiu partindo para o Roussillon, depois de ter resistido á intendencia da policia!

— Sim... E agora desde que venha sem os seus soldados facil é fazel-o responder por esse crime!... accrescentou o ministro.

D. João traçou lentamente a sua assignatura no documento relativo a Gomes Freire e a Pamplona e de seguida, perguntou:

— E elle irá?!

— Se assim fôr da vontade de vossa alteza! insinuou o ministro.

— Sim, virá confiado na vosssa honradez, conscio que não particaremos d'outro modo para com elle...

— Assim é...

O principe baixou a cabeça e ouviu o ministro perguntar-lhe:

— Que resolveis, meu senhor?

— Luiz Pinto... Um Bragança póde ter condescendencias e fraquezas, mas nunca commette traições! e rasgou em dois o decreto relativo ao marquez, fazendo um gesto ao ministro para que sahisse:

— Depois voltou-se para a esposa e exclamou:

— A's vossas ordens... Que desejaes de mim, senhora?

— Apenas que me acompanheis n'um passeio até aos seteaes...

— A's vossas ordens, disse elle galantemente, offerecendo-lhe o braço, e á porta, unicamente perguntou:

— Para quem é a mercê que vossa alteza deseja?

— Mas senhor... Não vos pedi cousa alguma! disse ella córando ante o sarcasmo do marido.

— Julguei que tinheis uma mercê a pedir-me... Mas n'esse caso disponho d'uma tença a favor do meu pobre confessor, que acceita tudo...

— E' por humildade! chasqueou a rainha.

— Não... E' que elle, como vossa alteza, reparte com os pobres... Tem uma grande predilecção por gente ordinaria!...

Carlota Joaquina, mordeu os labios ao comprehender a intenção ironica do esposo e sempre pelo seu braço embrenhou-se nos seus estranhos pensamentos.

A tarde estava linda e elles atravessaram o parque real sem trocarem palavra.

— Na portaria, a princeza, disse:

— Ah! Que me esqueceu de mandar pôr a sege...

— Oh! Princeza... Eu tenho sempre a minha ás ordens!...

Tirou um apito da algibeira, silvou duas vezes e ao vêr avançar o vehiculo, curvando-se, disse com o seu sorriso costumado:

— Queira vossa alteza subir...

XXXI

Noute tormentosa

O bobo andava agora como allucinado, em sobresaltos constantes, desde que deixara com vida o bispo do Algarve. E do seu quarto, nas aguas furtadas do palacio, assistia durante a noute a todos os sucessos da real morada. Ficava horas inteiras a vêr as sentinellas moverem-se como sombras, a analysar o deslisar dos vultos pelo largo, d'olhos bem abertos e ouvido á escuta, temendo uma traição.

Conhecia bem as pessoas com quem lidava; ouvira falar do estrangulamento de que a princeza ia sendo victima e temia que lh'o attribuissem tambem. A sorte de Jacques Lebon, tornado prisioneiro do intendente inquietava-o e temia que procedessem do mesmo modo para com elle.

Por isso passava as noutes olhando a immensidade e de dia ia dormir para um esconderijo no botanico. Tinha ideias extranhas de fugir mas custava-lhe muito a deixar sua ama cujos aposentos rondava por deshoras.

N'aquella noute descera e ficara mettido n'um vão esperando a

todos os momentos ouvir os gritos da rainha. Mas ella conservava-se calada, sem sobresaltos, desde que o bispo habitava fóra da morada real, tambem cheio de receios. Os antigos quartos de Thessalonica estavam deshabitados e a escada de caracol que conduzia ao aposento da soberana ha muito que não servia.

Emquanto se procedia a obras no Ramalhão, de sinistra memoria, Carlota Joaquina consentira em ficar no real paço de Cintra, que com as suas chaminés mouriscas, as gelosias cerradas, se apresentava n'uma grande quietação pela noute.

O bobo deslisava como um phantasma, e ficava parado, de ouvido á escuta, em frente dos aposentos da soberana. De repente, do lado da sala dos archeiros appareceu um vulto embuçado, que tacteava nas trevas em direcção ao corredor. D. João de Falperra esboçou um sorriso extranho e começou a seguil-o lentamente atravez os corredores. Ouviu-o abrir a porta de communicação, que não fez ruido, e foi-lhe na peugada. O outro avançava sempre e deixava a portinha entre-aberta como para aguardar a retirada. E chegava á entrada dos aposentos de Carlota Joaquina, penetrava affoutamente no logar; o bobo hesitava, ficava no limiar, mettido no escuro, todo perturbado ao escutar a voz da futura soberana:

— E's tu, André de Meira?!

— Sim, alteza real... Como não estava aqui ninguem...

— Ah! Entra... Dei sueto á minha aia... Esquecera-me de ti!...

O bobo entrou tambem affouto e viu no limiar o joven alferes um pouco confuso ao vêr a princeza no leito, um braço destapado, o rosto bello descançado no travesseiro, a dizer ainda:

— Olvidei a tua vinda..., e parecia desculpar-se de o receber assim no leito.

O official, baixou os olhos e em tom respeitoso dizia:

— Voltarei ámanhã, se vossa alteza o deseja...

— Não, volveu ella com um bom sorriso. Dá-me antes aquella escrevaninha portatil.

Soerguia-se no leito, ficava com os seios a descoberto, muito bella na sua impureza, os cabellos cahidos, os olhos ardentes como carvões, emquanto o seu corpo se desenhava sob as roupas. Os olhos do bobo fuzilavam extranhamente ao ver aquella nudez de mulher, elle que era sempre repellido e sentiu um impeto selvagem de se lançar sobre ella n'um desejo lubrico.

O official acercava-se do leito, punha o joelho em terra e assim offerecia a escrevaninha á bella princeza que lhe sorria e murmurava:

— Dá-me uma penna...

Ao recebel-a inclinou-se um pouco e roçou com os seus cabellos negros, de reflexos d'aza de corvo, no rosto imberbe do official, que recuou de seguida.

Carlota Joaquina escrevia serenamente ao c nde d'Alva. De quando em quando voltava-se e tocava sempre na caricia dos seus cabellos o rosto do joven.

Ao terminar pediu lacre e disse:

— Ah! E o meu sinete... Oh!... Espera, este annel faz o mesmo effeito.

E já com o lacre acceso, estendendo a outra mão, pedia-lhe:

— Tira-me o annel e marca emquanto ponho o lacre...

André de Meira curvou-se um pouco sobre aquella nudez de mulher, sentiu o halito d'ella a roçar-lhe as faces e embriagado pelo seu perfume cerrou os olhos como perturbado, demorando se uns momentos a marcar o sinete real nos quarto angulos do sobrescripto.

Depois, muito pallido, devéras embaraçado, ouviu-a ordenar:

— Levarás esta carta ao conde d'Alva e dir-lhe-has da minha parte que á volta da expedição occupará junto de mim as suas antigas funcções...

— Sim, alteza real!..., disse elle ajoelhando a beijar a mão que ella lhe estendia.

A soberana deixou-se ficar na mesma posição toda sonhadora, e murmurou docemente:

— E para ti não desejas qualquer mercê?

— Senhora...

— Falla...

— Que posso pedir-vos?!, disse elle olhando-a com pasmo.

— Não és ambicioso?!

— Só de gloria, alteza...

— A gloria que dá as honrarias..., disse a sorrir.

— A gloria dos verdadeiros heroes... Aquella que lega os nossos nomes á posteridade!

— Que edade tens?!, perguntou novamente no seu sorriso.

— Vinte annos...

— Ah! Já sei... Queres a gloria com que se conquistam todos os amores..., e as pupillas da princeza faiscavam intensamente ao fallar-lhe assim

— O amor?!...

— Acaso não amas?! Não amaste nunca?!, interrogou aquella mulher semi-nua, fixando-o provocante.

— Alteza, não...

— Nunca amaste?! O quê?! Nunca demoraste mais o teu olhar sobre uma mulher?! Nunca sentiste um estremecimento de alegria ao vêr qualquer dama em que se fosse o teu coração?!...

O joven córou, veiu-lhe ao pensamento o dia em que na Sé curvara a bandeira em frente d'aquella mesma mulher que lhe fallava assim e retorquiu:

— Não, alteza!...

— Mas que coração é o teu?!

— Senhora...

— Vamos... Sêde verdadeiro... Interesso-me por ti... Dize a verdade?! Não me quererias para madrinha do teu noivado?!

O joven fez se pallido e murmurou n'um repente:

— Vossa alteza?!

— E porque não?! Eu gosto de recompensar os meus servidores leaes...

— Senhora, agradeço-vos, porém não tenho noiva... Ninguem me ama, não amo pessoa alguma!

E a sua voz tremia ao fazer aquella intima affirmação, o seu olhar pousava-se n'uma caricia sobre a princeza.

Ella então, mulher experimentada, barregã de corôa, pareceu comprehender aquelle olhar, onde ia todo o fogo d'um primeiro amor bem ingenuo e bem simples, uma paixão nascida talvez na primeira occasião em que lhe fallara, e interrogou:

— Quem te nomeou para portador das cartas?!

O joven estremeceu, córou novamente, e volveu:

— Mas...

— Foi o general?...

— Eu lh'o pedi, senhora..., confessou elle muito ingenuamente.

Carlota Joaquina viu então ali a mais clara expressão do amor do joven, sorriu, envolveu-se na roupa e disse:

-Não comprehendo... Pois tu com todos os teus desejos de gloria preferiste deixar o acampamento... Como queres então distinguir-te ?!

Elle córou novamente e apenas murmurou :

— A guerra estava paralysada...

— Mas a paz ainda vem longe.

— D'um momento para outro podias ter occasião de te distinguires...

— Senhora... Não é de certo no Roussillon que isso succederá...

— E porquê ?!

— Recuamos sempre... disse do seu modo triste.

— Bem... Nas havias de ter um motivo para desejares vir a Lisboa.. Sim... Do contrario como explicas o teu pedido?...

— O alferes pareceu tomar animo, e redarguio :

— Apenas o desejo de ser eu o portador de boas novas para Vossa Alteza.

A princeza estremeceu e bradou :

— E como chamas boas novas a essas cartas ?! Viste antes o contrario... Todos esses heroes que tão apaixonadamente admiravas cahiram no desagrado do general... Não vejo ahi boas novas, pelo menos para ti...

— Se ellas agradam a Vossa Alteza dou me por feliz... Que valem as minhas affeições, a par da satisfação de Vossa Alteza.

— E como sabes que fiquei contente...

— Senhora... Penso-o apenas, ou antes, engano-me a mim mesmo, porque Vossa Alteza não pode nunca regosijar-se com o mal d'esses heroes... A vossa alma é bondosa e eu creio que deveis soffrer...

— Trouxeste n'esse caso o pesar! volveu nos seus ares de mulher experiente, encarando-o meigamente.

O bobo estava paralysado ante a tactica habil da princeza, e sentia um desejo louco de avisar aquelle rapaz, mostrar-lhe bem os horrores do seu amor por tal mulher... Mas ao mesmo tempo, um desejo enorme de vingança a exercer sobre Carlota Joaquina dava-lhe bem diversos pensamentos.

— Perdoaes-me senhora?! supplicava a official docemente.

— Sim... Perdôo; mas porque vieste então...

— Alteza?! e elle disse aquella palavra como estrangulado :a-

hindo de joelhos. Eu vim porque tinha o desejo de vos contemplar antes de morrer...

—Morrer?! Com vinte annos?!... exclamou a princeza, agora toda radiante com a scena.

—Sim alteza, morrer... e d'impeto bradou!

—Ha pouco perguntasteis-me se o meu olhar jamais se demorara sob uma mulher, se o meu coração estremecera, se o meu pensamento voara para alguma dama?! Sim, alteza real, tudo isso me succedeu antes de minha partida!.... Desejava ser um heroe, queria correr para as balas e a sua imagem apparecia-me sempre como um escudo na refrega, queria descançar pela noute nos bivaques e o seu rosto formoso apparecia-me ainda!... E' isto o amor?! N'esse caso amo!

—E quem é então essa mulher?! perguntou bondosamente a princeza.

André de Meira, cobrou animo ali no silencio do quarto, olhou a princeza e começou:

—Senhora... Ides chamar-me louco como o chamarieis a um homem apaixonado pela luz do sol a ponto de não poder viver sem ella... Esse homem procuraria por todos os meios precorrer os paizes onde o sol nunca falta, receber o seu calor, viver na sua luz... Foi o que fiz!... Mas o sol occulta-se...

—E's poeta?! perguntou a sorrir, ao notar-lhe a audacia.

—Poetas todos o somos n'esta bella terra de Portugal! volveu elle, accrescentando logo:

—Occulta-se o meu sol e eu fico nas trevas...

—E' então muito formosa a tua amada?!

—Não sei se é formosa... Sei que a amo e respeito, sei que ao ouvir a sua voz sou feliz... Tenho por ella um respeito egual ao que nutro por Vossa Alteza...

—E um amor egual ao que sinto...

—Por quem?! perguntou a princeza rapidamente.

Elle calou-se, e muito perturbado olhou-a d'uma maneira tão vehemente, que a esposa do regente, sem poder conter as palpitações do coração, ergueu-se no leito, puchou-o para si e interrogou-o com os olhos fitos nos d'elle:

—Por quem?!

E o joven ia responder mas hesitava ainda, por fim dizia:

CATHARINA II

— Um respeito e um amor egual ao que tenho por Vossa Alteza... Perdoae... perdoae...

— Perdoar ?! Oh !... Acaso julgas que não temos coração, nós as mulheres de sangue real !...

Ouviu-se um grito d'alegria, de seguida um beijo ardente e o bobo com o seu olhar de fera, viu a princeza estreitamente abraçada ao official.

Arreganhou a bocca n'um sorriso, affastou-se sem fazer ruido e uma voz nas trevas murmurou :

— Oh ! Emfim a vingança !

— Fechou a porta rapidamente, tirou a chave que metteu no bolso e affastou-se em direcção aos aposentos do principe D. João.

Ficou ali uns momentos parado e depois cheio d'audacia, tornou :

— Vamos... Carlota Joaquina ha-de aprender a conspirar contra a minha rainha !...

Deu uma volta no corredor, subiu uma pequena escada e foi bater á porta do camarista de serviço, exclamando em voz de falsete :

— A princeza manda chamar sua alteza !

— Quem é ?! bradou uma voz estremunhada.

E o bobo tornou mudando a voz :

— Depressa ; de parte de sua alteza... O senhor D. João deve ir aos aposentos de sua esposa...

O camarista que dormia sempre vestido ergueu-se d'um salto, correu para a porta mas o bobo tinha desapparecido no corredor.

Então o outro dirigiu-se aos aposentos do regente que estava escrevendo junto a uma secretaria e exclamou :

— Alteza real !...

— Que queres Villa Nova ?!

— Sua alteza aguarda-vos... Fui agora prevenido por alguem de sua casa...

— Minha mulher !

— Sim, meu senhor...

— Oh !... Alguma mercê tem a pedir-me !

E o principe D. João seguido pelo camarista avançou para os aposentos de Carlota Joaquina.

Acercou-se lentamente e ouviu a voz da princeza dizendo :

— Aqui tens esta medalha, tem o meu retrato... Guarda-o como a recordação...

— De vossa alteza...

— Do meu amor!... volvia ella e de seguida soava o ruido d'um beijo.

D. João fez-se pallido, olhou o camarista e empurrando a porta que dava para a sala de recepção entrou denodadamente. Mas a porta do quarto estava fechada, e elle n'um empurrão violento abriu-a ainda a tempo de vêr um vulto perder-se no corredor em direcção á porta secreta occulta na tapeçaria.

Carlota Joaquina, ao vêr entrar o marido, ergueu-se no leito e bradou:

— Que maneira é essa de entrar nos meus aposentos a semelhante hora?

—Villa Nova! gritou o regente. Alli... alli... N'aquella tapeçaria...

O aulico percebeu tudo e entrou de espada desembainhada no corredor cuja porta estava fechada e que o alferes sacudia com força.

— Entraes como um louco, senhor? continuava a princeza do mesmo modo severo pensando em domal-o, toda satisfeita ao vêr que o alferes já teria tempo de sahir pela sala dos archeiros.

— Vieram chamar-me da vossa parte... explicou elle, accrescentando logo: E depois um marido tem sempre o direito de entrar nos aposentos de sua mulher!

— Esqueceis a vossa dignidade?!

— E vós a vossa honra! gritou D. João fulo de raiva ao ouvir a voz do camarista bradar:

— Nem mais um passo senhor, ou por Deus vos juro que ficareis sem vida!

Carlota Joaquina fez se livida, olhou o marido e deixou-se ficar na mesma posição como aterrada.

Então aquelle principe a quem os desgostos futuros dariam a inepcia e a cobardia avançou tambem para o corredor onde o alferes gritava:

— Passagem... passagem...

E no escuro do corredor ouvia-se um tinir d'espadas que era abafado pela distancia.

A princeza sahiu do leito, vestiu á pressa um roupão e viu o esposo que voltava ao mesmo tempo que o camarista, bradando:

— Acorda toda a gente... E' preciso não deixar escapar o miseravel!

Villa Nova correu clamando por soccorro, mas n'este momento o alferes envolto na capa, mascarado nas suas dobras passava de rompante soprava a luz com força e sahia a porta apesar dos gritos do regente que bradava:

— Agarrem... agarrem o miseravel!

As suas mãos tacteavam as trevas, conseguia segurar um vulto e exclamava radiante:

— Não escaparás, infame?!... É a forca que te espera! segredava raivoso.

Carlota Joaquina, muito desesperada ao vêr o amante perdido, deixava-se cahir n'uma cadeira e começava a soluçar sem proferir palavra.

Todo o palacio acordava; chegavam os fidalgos pallidos, ensomnados, todos hesitantes, ouviam-se vozes dizendo:

— O phantasma d'Ajuda!... Talvez o phantasma que veiu ao paço de Cintra!

E ninguem se atrevia a dar passada, tomados todos do mesmo natural receio.

Chegavam creados com luzes que despontavam ao fim do corredor e o regente agarrando sempre o vulto que se não movia, continuava a bradar:

— Miseravel... Sabes a sorte que te espera!...

Arrastava-o para o quarto da princeza ao vêr chegar as luzes, olhava-o rapidamente e ouvia diversas vozes perguntando:

— Que se passa?! Que se passa?!

Mas uma gargalhada retinida soava e D. João de Falperra que o regente agarrava, dizia na sua voz rouca n'um esgar truanesco:

— Boa noite, meus senhores!...

O regente empurrou-o violentamente, Carlota Joaquina olhou-o espantada emquanto o principe explicava:

— Ouvi sua alteza gritar... Julguei que se passava alguma cousa...

— Era o phantasma... era o phantasma! disseram todos benzendo-se devotamente.

E a esposa de D. João, n'um gesto brando, murmurava:

— Um pesadello... um pesadello...

Elle, cada vez mais livido sahiu sem a saudar seguido pelos cortezãos, e o bobo gritava ainda:

— Boa noite, meus senhores!...

Depois deixou-os partir, espreitou da hombreira do quarto e para a adultera, murmurou:

— Senhora, sou um vosso humilde servo... e os seus olhos de bobo, redondos e brilhantes fixaram-se no rosto de Carlota Joaquina que disse brandamente ao comprehender que elle se deixara prender para dar fuga ao outro:

— Deves ter bem vasia a tua escarcella, D. João...

— Vasia como o meu cerebro... sim... bem vasia...

A princeza ergueu-se, tomou um punhado de peças d'ouro e offereceu-lhas; então elle, guardando-as á pressa, disse de novo:

— Sou um vosso humilde servo!...

E no corredor, colerico, indignado, murmurou:

— Para os outros o amor para mim o ouro! Oh! O bobo... sempre o bobo!...

Soltou uma risada sinistra e foi-se a rosnar sempre o mesmo estribilho.

XXXII

A decadencia

Terminara a guerra com a França, Gomes Freire regressara a Portugal e recolhera ás suas terras por ordem do soberano, e na côrte, Carlota Joaquina continuava a fazer a sua politica activa e a prostituir o leito real.

A legião portugueza voltara e fôra recebida em Belem pelo regente, que determinara algumas alterações nos uniformes, como unico premio á valentia dos nossos soldados.

A França cantava victoria por todos os lados; em cinco annos os filhos da Revolução tinham destruido a união das potencias e assenhoreavam-se da politica europea. A espada de Bonaparte obrara prodigios na Italia e agora a Hespanha sollicitara a paz como um bem.

A Prussia que se erguera para vingar a morte de Luiz XVI depunha as armas, a Hollanda rendera-se, o Piemonte chorava sob as suas ruinas e a Austria, a mais interessada na lucta, desejosa de vingar a morte de Maria Antonietta, filha de Maria Thereza imperatriz d'aquelle estado, curvava se ao cabo d'algum tempo.

As familias reaes portuguezas e hespanholas tinham-se encontrado na fronteira e tudo parecia restabelecer-se.

N'aquella tarde, sua alteza o regente, dava audiencia aos seus ministros no paço d'Ajuda para onde viera de Queluz no unico fim de ouvir as altas questões de politica.

D. João tornara-se mais sorumbatico á medida que engordava; as perfidias da mulher passavam por elle sem o menor abalo, e recolhera-se mais á religião, como para olvidar os seus impetos de revolta contra a adultera.

Luiz Pinto de Sousa Coutinho, acabava d'entrar, beijava a mão ao regente e baixava levemente a cabeça a José da Silva Seabra que o olhava inquisitorialmente, ao passo que o marquez de Porto de Lima lhe sorria cheio d'amisade.

— Sabem, meus senhores, disse o regente com um macio sorriso, tenho uma boa novidade!...

Os ministros olharam-no avidamente e sua alteza exclamou:

— Sabem que já chegaram os musicos e os capinhas de Hespanha... D. Diogo de Noronha, nosso embaixador escreveu-me... Vou recebel-os dentro em pouco...

— Melhor faria o vosso embaixador, alteza, em tratar dos nossos negocios que se embaraçam cada vez mais! exclamou rudemente José Seabra.

— Os nossos negocios?! E acaso as diversões não são negocios d'interesse geral?! perguntou anciosamente o regente, accrescentando: Julgaes então que esses musicos e esses capinhas não interessam o povo? bradou de novo com certa colera.

— Sim, meu senhor, mas bem graves são os outros negocios...

— Sempre a politica!... Mas então que se passa ainda?! Não fomos á fronteira, não respondemos ao general Perignon, a esse embaixador republicano?'... Que mais ainda?! Então não ficou assente que a Hespanha seria a medianeira n'esta questão... Sim foi um testemunho d'amisade da republica franceza a Sua Magestade Catholica!

— Certamente... certamente... assentiu o marquez de Ponte de Lima, dizendo logo: Tanto mais que o mesmo se deu em relação a Napoles, á Sardenha, á Parma...

— Porém, sr. presidente do real erario, ouvi ainda; bradou o ministro do reino com colera: Acaso nós declaramos guerra á

JOSÉ SEABRA DA SILVA

França ?! Não enviamos antes uma legião segundo as lettras do tratados antigos ?!... N'esse caso, as condições de paz de Hespanha são as nossas, e nada temos a vêr com a França desde que a guerra terminou...

— Isso disse eu ao general Perignon... murmurou Luiz Pinto como a medo.

— E que vos respondeu o francez ?! perguntou logo o outro colericamente.

— Que podia considerar Portugal como potencia belligerante... Depois, estamos abandonados... A Inglaterra não nos protege, a Hespanha pactua com os francezes...

— Quereis dizer que a vossa resposta a mr. Arbaud quando nos offerecia a paz deu em resultado a perda de grande parte do nosso dominio... replicou José de Seabra.

— Que dizeis ?! bradou o outro fazendo-se livido.

— Que digo... O seguinte : V. ex.ª auxiliou a Inglaterra e a Hespanha... Essas potencias voltaram-nos as costas... Uma porque é perseguida, outra porque deseja socego e no fim somos nós quem vae pagar as despezas da guerra... Já não bastava os 80 contos que demos á Hespanha pelo transporte das nossas tropas ; quando para lá ellas foram á nossa custa !

— Sr. ministro... murmurou o regente. Parece que a França nos exige a cabeça como a esse infeliz Luiz XVI ..

— Não, alteza, mas exige-nos a bolsa... senão vêde.

E o ministro tirando da algibeira um papel, bradou.

— Para sermos considerados em paz devemos ceder todas as terras e ilhas ao norte do Amazonas, que será o limite entre a Guyena franceza e o territorio portuguez... Livre curso no Amazonas a francezes e hespanhoes, admissão dos navios francezes nas nossas aguas com as mesmas regalias que aos inglezes...

— E' pouco... E fica salva a nação ! murmurou Luiz Pinto.

— E 25 milhões de francos d'indemnisação, disse o outro lançando-lhe um olhar severo.

— 25 milhões ?! gritou o principe devéras assombrado.

— Sim, alteza...

— E' isto verdade, Luiz Pinto ?... interrogou muito preoccupado.

— Meu senhor... Eu concedi tudo á excepção do dinheiro... Para isso está Antonio d'Araujo em Paris...

— Sim... Mas o peor, meu senhor, exclamou José Seabra, é que a Hespanha se prepara para nos fazer guerra d'accordo com a França que continua a julgar-nos belligerantes e alliados dos inglezes! O peor é que o directorio francez repelle o nosso ministro...

— E' isto verdade, Luiz Pinto?! interrogou novamente sua alteza.

— Meu senhor...

E elle curvava-se cada vez mais irado contra o collega que expunha abertamente á situação.

— Mas que fazer?! bradou então o marquez de Ponte de Lima tambem já aterrado.

— Meu senhor, começou José de Seabra. Eu mandei a Pina Manique que esquecesse por algum tempo os pedreiros livres e se dedicasse antes a recrutar homens em Lisboa para os regimentos da Extremadura... Precisamos 4280 soldados...

— Ah! Novamente a guerra?! exclamaram todos assombrados.

— Novamente?! Acaso a França já deixou de a fazer?! Não aprisionou os nossos navios, não recolhe nos portos de Galliza os seus corsarios?! Que quer isto dizer?

Baixaram as cabeças todos confundidos e por fim sua alteza, disse:

— E tem já os soldados?!

— Meu senhor, bem sabeis que concedesteis insenções a muita gente... Os lavradores, os seus servos, os ourives do ouro, os fabricantes de sedas, os creados de nobres...

— Sim... sim...

— Revoguei parte d'essas insenções e mandei apromptar os soldados?

— E' uma violencia?! gritaram os dois ministros espavoridos.

— Violencia que se explica, porque na fronteira está o exercito de D. José Alvares e na Galliza a fronteira norte, D. Vicente Scarlatti opéra! Em Badajoz ha vinte e oito mil hespanhoes armados!... Que quer isto dizer?

— Tens razão... murmurou o regente. Mas espero em Deus que o nosso enviado seja attendido!

Os outros ministros baixaram a cabeça, olharam José de Seabra que continuava francamente:

— Meu senhor: A republica franceza aboliu Deus, e por isso o intendente da policia tanto embirra com as ideias da republica!

— José de Seabra! Que queres dizer?! gritou sua alteza tornando-se pallido.

— Meu senhor... Quero dizer que nos humilhamos em vão... Antonio d'Araujo vae propôr secretamente á França dois ou tres milhões de cruzados alem da cessão ás outras exigencias dos republicanos...

— Sim... Mas é pouco... Queremos a paz... titubeou o regente sorvendo uma pitada.

— Mais de trinta milhões já a França nos levou aprisionando-nos os navios e roubando as cargas! Além d'isso Antonio de Araujo vae com a missão especial de guardar todas as clausulas da alliança ingleza...

— E' um dever... affirmou sua alteza.

— Um dever?! E que nos dá a Inglaterra em troca?! bradou elle enfurecido. Pois que dever é esse apenas nosso?! A Inglaterra se é nossa alliada que nos envie uma esquadra... Ella reina nos mares e Nelson venceu a esquadra franceza!... Depois que resposta temos ácerca do emprestimo de quinhentas mil libras que lhe pedimos para a formação dos quatro batalhões de soldados que hão de vir de Hesse? Pedimos marechaes á Allemanha e offerecemos-lhe nove mil cruzados de soldo... Onde está o dinheiro?! Onde está a resposta ingleza?! Meu senhor. Estamos abandonados, devemos apenas contar com os nossos proprios recursos...

Calavam-se ao ouvil-o; e elle bradava:

— Chamaes nossa alliada á Inglaterra?! Para que se enviou então o marquez de Pombal a lembrar-lhe o seu dever? E nós, meu senhor, que fômos fortes, rojamo-nos agora... Sim... E' o ministro inglez em Paris que encaminhava o nosso! Foram-lhe dadas as suas credenciaes e Antonio de Araujo ficou sósinho! Eis a que chegamos... Depois como quereis que a França nos attenda se continuamos a ajudar os inglezes com quem a republica está em guerra?!

— Ajudal-os?! bradou Luiz Pinto que estava côr da cêra.

— Sim, senhor ministro, e vós o sabeis tão bem como eu! tor-

nou elle, accrescentando logo: Defronte de Caminha a fragata ingleza *Aurora* apresou a goleta hespanhola *S. Braz*, porque a Hespanha é a natural alliada de França... Pois bem, que reclamações dirigimos á Inglaterra? A nossa fragata *Tritão* corre a avisar a esquadra de John Jervis da aproximação dos hespanhoes, encorpora-se com os inglezes e auxilia-os! Dá se batalha e o governo concede a John Jervis o titulo de conde de S. Vicente por derrotar os hespanhoes! A esquadra ingleza recolhe-se em Lagos onde recebe soccorros e munições... Estamos ou não em guerra com a Hespanha alliada de França? Póde o directorio ouvir Antonio de Araujo?!

Calaram-se ainda como esmagados ante aquella logica terrivel e mathematica que obrigou o regente a dizer:

— Pareces o ministro da guerra!...

— Meu senhor... Isto acorre a todo o fiel portuguez!

— Mas, meu senhor, disse então Luiz Pinto com grande pressa. S. ex.ª esquece-se que os negocios da minha secretaria são segredos até serem presentes em conselho!

— Queres dizer?!

— Que a Inglaterra nos respondeu, meu senhor... As victorias de Bonaparte na Italia deixaram livre o exercito que póde vir a Portugal e então os nossos alliados...

— Ah!... Que fazem?! disse Ponte de Lima que dormitava até então.

— Mandam-nos seis mil homens sob o commando d'um marechal experimentado...

— Seis mil homens?! Oh! Não são muito generosos os nossos alliados, casquinou o ministro do reino.

— Mas mandei pedir vinte mil... Escrevi a D. Lourenço de Lima para contractar na Austria o general Mack e o coronel Melfeld, dois valorosos cabos de guerra... Comprarei á viuva do conde de Lippe os planos da defeza de Portugal...

— E tudo será assim?! interrogou o regente.

— Mack não virá, meu senhor... Mas sim o principe Christiano de Waldeck, general austriaco...

— Bem. . D'esse modo podemos dormir descançados! volveu Ponte de Lima do mesmo modo sereno.

— Ainda não, senhor marquez, gritou Luiz Pinto. E ainda não

porque mesmo d'esse modo teremos apenas trinta e dois mil soldados, o que é pouco para fazer face á Hespanha... E notae que já metto na conta a segunda linha que para nada serve!

Luiz Pinto olhou-o pasmado e exclamou:

— Acaso sabeis o numerario do exercito hespanhol?

— Sim, senhor ministro... Não é debalde que tenho a policia ás minhas ordens! Contae... e pausadamente enumerou: Trinta e tres batalhões de infanteria, vinte e dois esquadrões de cavallaria e setecentos homens de artilharia... E bem vêdes que nós temos apenas: Vinte e tres regimentos de infanteria... Dez esquadrões de cavallaria e quatro regimentos de artilharia... Depois estamos mal de estado-maior...

— Mal?! bradou o ministro da guerra deveras aterrado.

E José de Seabra como se fizesse uma estatistica, começou:

— Sim, senhor ministro, apenas temos dez tenentes-generaes effectivos e quinze graduados, dez marechaes de campo effectivos e tres graduados!...

Parava uns momentos e exclamava:

— E agora dizei-me quem será o general em chefe de toda esta gente? Parece-me que não querereis dar o commando a um estrangeiro...

— Oh!... Mas senhor... Temos o general em chefe actual...

— Sim... Decerto..., assentiu o regente deveras aborrecido.

— O duque de Lafões... elucidou o marquez, continuando triumphante:

— Parece-me que nada tereis a dizer ao duque, que para demais tem ideias modernas como v. ex.ª e militou nos exercitos extrangeiros..

— Mas decerto... assentiu Luiz Pinto julgando ter esmagado o adversario.

Elle esboçou um sorriso e volveu:

— Tendes razão... Ha apenas uma pequena cousa .. E' que s. ex.ª... apenas póde calçar botas de velludo e tem 84 annos!...

O regente soltou uma risada e os ministros ficaram estupefactos de semelhante audacia.

— Mas se Forbes... disse elle no seu tom pastoso.

— Meu senhor... Elle deixou a energia no Roussillon... Depois temos como generaes da artilharia, o conde de Aveiros, de in-

fanteria, o marquez das Minas, de cavallaria, o conde de Sampaio... Bellos fidalgos, meu senhor, mas fracos militares... Sangue de heroes é verdade, mas agora precisa-se mais de estrategia!...

E elle entrava a fallar no seu ar ironico, dizendo por fim:

— Eis a situação da terra, meu senhor, como o vosso ministro da guerra a não quer vêr...

— Agora no mar estamos bem servidos, continuava d'ahi a momentos. Doze navios aprisionados pelos francezes... No Tejo duas fragatas paioes de mantimentos... A esquadra do marquez de Niza foi queimada por ordem de Nelson, nosso alliado, e com certeza o marquez para voltar ao reino tem de tomar passagem n'um mercante...

O regente agora muito aborrecido com aquella maneira crua de dizer a verdade, fazia um gesto e ordenava:

— Antonio de Araujo que acceite tudo! Pagaremos na graça de Deus!... Tudo, menos ferir as susceptibilidades inglezas!...

— Meu senhor... exclamou então José de Seabra. Vêde que deviamos antes romper com a Inglaterra!

Os ministros olharam-n'o espantados, o regente fez uma visagem e redarguiu:

— José de Seabra, deixa-me os papeis do teu ministerio, para a assignatura! E vós, senhores, do mesmo modo! Preciso receber os capinhas!...

E fazia um gesto de despedida a que os ministros sahiam.

A' porta depararam com os toureiros e musicos hespanhoes que sua alteza ia receber e Jose de Seabra murmurou:

— Com touros e musica se faz a alegria d'um principe, com ultrages e baixezas se governa uma nação...

Olhou ainda os toureiros e ouviu a voz de sua alteza exclamar jubilosamente:

— Sejam bemvidos...

— Oh! Parece que falla aos inimigos! casquinou o ministro sahindo de rompante, mal sabendo quanto a verdade havia n'aquelle gracejo em relação ao principe, que aconselharia a nação a receber os francezes como amigos dez annos depois.

XXXIII

A vassalagem

Tinha decorrido algum tempo e sua alteza assistira ás festas de setembro, onde os capinhas e os musicos vindos de Hespanha tinham merecido o seu real agrado.

N'aquella tarde, o regente, passeava no Tejo, na sua galeota, emquanto tudo se aprompiava para uma guerra imminente.

Tinha chegado a divisão ingleza sob o commando de sir Charles Flevoart e eram os navios britannicos que saudavam a passagem do regente.

Em Ajuda, na mesma sala do conselho, dois dos ministros esperavam que o principe chegasse.

Eram Luiz Pinto e D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que fôra nomeado ministro da marinha por morte de Martinho de Mello.

— E sua alteza não vem antes d'esse maldito José de Seabra... murmurou o ministro da guerra lançando um olhar para o largo.

— Oh! Luiz Pinto, descançe... Elle hoje não terá que dizer...

— Eu sei... Elle era d'opinião que se acedesse aos artigos 4.° e 5.° do tratado...

— Oh! Impossivel!, gritou o outro. Esses artigos eram infames!... Um pedia para que não auxiliassemos a Inglaterra, o outro dizia que nos nossos portos não deveriam estar mais de seis navios de cada um dos belligerantes...

— Sim... E lord Greenville, o ministro inglez, accusou-nos logo de faltarmos á alliança só ante a lettra do tratado! Roberto Walpoole, o embaixador inglez em Lisboa reclamou...

— E tu disseste-lhe que tudo estava annullado...

— Decerto... Porque os nossos fortes, o Bugio e S. Julião estavam occupados pelas tropas inglezas, que vieram auxiliar-nos, e facil seria apossarem-se de Lisboa como inimigos!

— Horrorosa situação, na verdade, disse de parte o marquez de Ponte de Lima.

— E o peor é que o Directorio deu-nos dois mezes para a rectificação do tratado e já lá vão passados..., exclamou o ministro.

— Não vos apoquenteis... O Directorio concedeu ainda mais um mez ao nosso embaixador... tornou o marquez na sua fórma habitual de ver as cousas.

— Sim... Mas a Hespanha deixará passar o exercito francez... titubeou o ministro devéras assustado.

— Sim... é verdade... Mas que fazer?!, perguntou o marquez no estribilho habitual das occasiões difficeis.

— Mandei pedir 25:000 homens mais á Inglaterra..h

— Não os enviará...

— N'esse caso mandarei pedir licença para rectificar o tratado com a França!, volveu do mesmo modo.

— Não consentirá, tornou Rodrigo Coutinho, que parecia ao facto da politica ingleza.

— Que fazer?! Que fazer?!, exclamou elle então devéras angustiado, no que foi secundado pelo marquez.

E ambos, de mãos na cabeça, lamentavam-se, concluiam por dizer:

— Que vae ser de nós?!

Então Luiz Pinto tornou novamente:

— E o peor é que já enviei a indemnisação... Em vez de dois milhões de diamantes mandei tres... Já lá vão por esse mundo fóra... Resta saber se a França acceita...

Calou-se rapidamente ao ver entrar sua alteza que os saudava e tomava o seu logar, dizendo:

— Ah! que bella caçada ás gaivotas, meus senhores!...

— Quantas matou vossa alteza?! perguntou servilmente o marquez.

— Seis... Ah! E que bella tarde!... E' verdade que temos de França ?!, interrogou como ao acaso.

— Nada, meu senhor... disseram os tres docemente.

— Ah! N'esse caso está encerrado o conselho..., e sua alteza erguia-se de novo quando se ouviu a voz de José de Seabra exclamar

— Meu senhor... Peço-vos um momento d'attenção...

— Aposto que tendes noticias de França ?!, disseram os ministros chasqueando.

— Exactamente, volveu elle com a maior fleugma.

— Noticias ?! Mas como... se no ministerio dos estrangeiros nada se sabe ?... exclamou o marquez de Ponte de Lima.

— Já tive a honra de dizer a v. ex.ª que para alguma cousa tenho a policia...

— Que policia é a vossa que assim descobre taes cousas ?...

— E' uma policia com tacto, em que confio abertamente e a qual acaba de me trazer esta noticia: Alteza, meus senhores... O nosso ministro em Paris, Antonio de Araujo...

— Rectificou o tratado ?!, exclamou o ministro todo radiante.

— Está preso no Templo, na mesma prisão de Luiz XVI! disse elle com certo desdem encarando os collegas.

Até o proprio regente se ergueu da cadeira ao ouvil-o; os outros ficaram paralysados, como se vissem irromper os phantasticos soldados da republica, ali pelo aposento, ao som da Marselheza.

— Preso ?!, gritaram por fim em unisono.

— Sim, meus senhores... Sim, alteza real!

— Mas é um attentado ás leis das nações!..., protestou logo o marquez.

— Não é!, volveu serenamente o ministro.

— Que dizeis ?! Então assim se ergue a mão sobre um plenipotenciario ?, gritou devéras irado o ministro da guerra.

— Ergue-se a mão contra o ministro de Portugal que corrompia o directorio francez... O escandalo fez-se...

— Mas não comprehendo cousa alguma, exclamou o regente agora muito pallido.

Luiz Pinto olhou José de Seabra como a pedir-lhe piedade, porém elle continuou:

— Alteza, perguntae ao senhor Luiz Pinto quaes os meios de

que Antonio de Araujo se servia para fazer a rectificação do tratado.

— Os meios?!, titubeou o outro. Mas eram os mais diplomaticos...

— Sim... Diplomaticos para os homens do Directorio, não para a nação franceza. Alteza... Antonio d'Araujo offereceu a Carlos Delecroix, ministro dos negocios estrangeiros de França...

— Ah! Quereis fallar n'umas barras d'ouro?!, atalhou o ministro rapidamente.

— Sim... D'essas barras d'ouro offerecidas... O Directorio é corruptivel, mas a França castiga, tornou elle ao passo que os outros exclamavam:

— Mas como se soube tudo isso?!

— Bem simplesmente, volveu o ministro, lançando um olhar ao regente que o olhava pasmado.

— Antes da invasão de Veneza pelas tropas francezas, Quirini offerecera dinheiro ao Directorio para salvar a sua republica... Mas o territorio foi invadido e a quantia não foi paga! Mas apesar de tudo queriam o pagamento... Então Quirini escreveu uma carta onde acusava Barras e Rebsvell, as almas do Directorio...

— Mas que tem isso a vêr com Portugal, perguntaram pasmados.

— Tem que Quirini foi preso em Veneza ao mesmo tempo que em Paris se lançava mão d'um tal Viscovici, que fôra o corretor do negocio... Sim Viscovici é um agente de Barras e com elle tratara o ministro portuguez por intermedio de um tal Poppe...

— Bem sei!... Antonio de Araujo fallou-me d'elle até a proposito d'umas quantias que buscava extorquir-lhe, elucidou o ministro cada vez mais pallido.

— Pois bem, esse tal Poppe, ao vêr o cumplice preso pensou em lhe apanhar dinheiro e apresentou alguns recibos á policia pronunciando então o nome do nosso ministro, que foi immediatamente preso por tentativa de suborno no governo do Directorio... Eis a verdade! gritou elle olhando os outros que estavam muito pallidos.

— E agora que fazer?!, perguntaram de novo cada vez mais perturbados.

Ninguem se atreveu a responder; apenas o regente murmurou:

— E são capazes de o levar até á guilhotina, como a esse pobre Luiz XVI...

Desde algum tempo para cá a morte d'esse principe constituia a sua principal preoccupação e estremecia só á idéa de que pudessem tentar alguma cousa contra a sua pessoa.

Então Luiz Pinto, murmurou:

— Deviamos escrever a Tayllerand, que substituiu Delecroix nos negocios estrangeiros...

— Sim... sim... Tudo para applacarmos as iras d'esses francezes .., supplicou o regente devéras assustado.

— Não é o vosso aviso?!, perguntou o ministro todo tremulo, dirigindo-se aos collegas, que accenaram affirmativamente.

Apenas José de Seabra ficou calado, olhando o largo d'Ajuda todo banhado de sol.

Luiz Pinto sentava-se á secretaria com permissão do regente e começava escrever devéras desorientado.

Os outros ministros estavam cabisbaixos, José de Seabra passeava a largos passos pela casa, de mãos nas algibeiras.

De repente o ministro ergueu-se e começou a lêr a carta que lhe tremia na mão, dizia as palavras em voz entrecortada e nem tinha a coragem d'olhar os collegas, que o ouviam em silencio:

— «Cidadão ministro. — Um acontecimento tão extraordinario como o da prisão do cavalheiro de Araujo, ministro acreditado de S. M Fidelissima junto do Governo da Republica Franceza, deve merecer por todos os respeitos a attenção mais constante da côrte de Lisboa.

«Por isso é que tenho ordem da rainha minha senhora para reclamar do mesmo governo, com a mais viva instancia, a liberdade do sobredito ministro...

— Muito bem!, atalhou José de Seabra, admirado dos termos em que o outro escrevera.

Ponte de Lima e Rodrigo de Souza apoiaram-n'o tambem, e elle então disse com um sorriso para José de Seabra.

— Ainda não conclui...

— Ah! Mas dizei n'esse caaso..., volveu o outro do mesmo modo amavel.

O ministro foi lendo na mesma voz pouco segura:

— «E contando infinitamente com a justiça do Directorio exe-

cutivo, e com as attenções que se devem aos representantes publicos, tenho motivo de esperar que tão infeliz negocio não possa deixar de ter um resultado prompto e equitativo.»

— Muito bem!, tornou ainda o ministro cada vez mais admirado.

Os outros accenavam tambem affirmativamente e Luiz Pinto tornou:

— Ainda não acabei, senhores...

E continuou a lêr d'esta vez em voz mais segura ante os applausos escutados:

— «Longe de tão triste acontecimento poder respirar os desejos ardentes de S. M. Fidelissima pela conclusão d'uma paz ambicionada, Sua Magestade está prompta a accelerar-lhe a volta, nomeando sem demora outro ministro com um conselheiro de legação junto da Republica Franceza; e para poder executar as suas maternaes intenções, a rainha fidelissima só espera a annuencia do Directorio executivo.»

Os outros d'esta vez já habituados aos applausos exclamaram:

— Muito bem!... E' o que é necessario!

José de Seabra olhou-os, pôz a mão entre a abertura da casaca e ficou-se sem pronunciar palavra.

— Não sois do mesmo aviso, senhor?, interrogou então Luiz Pinto.

Elle olhou-o e volveu muito singelamente:

— Não!

— Oh! E as razões?!, interrogou elle com grande pressa.

— Acho escusado esse ultimo periodo que é humilhante! exclamou da mesma forma serena.

— Humilhante?! exclamaram todos, inclusivé o regente cheio de pasmo.

— Sim... Pois que outro nome se pode dar a essas palavras... A França de ha muito tem uma lucta aberta entre nós, é verdade que não parte d'ella o insulto mas sim de nós que auxiliamos a Inglaterra... No emtanto, a rainha de Portugal não pode, não deve declarar que o seu amor pela Republica Franceza não esfriou... Sim, meus senhores... Ainda ha bem poucos dias diziam que eu tinha ideias modernas. No emtanto não sou eu que fallo da sympathia pelos francezes!... e logo n'um tom escarninho disia:

— Olhae, senhor ministro, que podeis incorrer no desagrado do intendente!

O regente, já farto da scena, exclamou:

— Mas José de Seabra, deixae que vá assim mesmo a nota... Carecemos de satisfazer a França!...

— Ah! Se vossa alteza o entende d'esse modo?!...

Encolheu os hombros, tornou a sentar-se ao mesmo tempo que D. João dizia:

— Sabes que te vaes assemelhando muito ao Sebastião José...

José de Seabra, fez-se pallido, lembrou-se de todos os tormentos que o grande Pombal me infligira outr'ora e entre dentes murmurou:

— Meu senhor... Eu soffri muito n'esse tempo por dedicação á augusta mãe de V. A., no emtanto se o homem soffreu o patriota rejubilou... No tempo de pessoa de quem fallaes Portugal tinha o respeito do mundo!... A Inglaterra recebia uma lição em tudo semelhante á inflingida outr'ora com os doze de magriço!... A Hespanha recebia como reposta que a Aljubarrota era pequena mas lá tinham cahido sessenta mil homens, a França respeitava-nos e as nações curvavam-se em face do leão lusitano!... Hoje já não ha as perseguições aos jesuitas que foram substituidos pelos pedreiros livres, já os Tavoras não vem para o patibulo, antes vivem no paço ao lado da soberana! Mas em compensação, a Hespanha e a Inglaterra atraiçoam-nos, a França guerreia-nos e nós, meu senhor, cruzamos os braços!

— Assim é... murmuraram elles bem a seu pesar.

E em todos aquelles cerebros passou a ideia do Pombal forte que carecia de um novo Camões para cantar os seus feitos, a grandeza de sua envergadura d'epopea.

— Pois sim, Seabra, mas toda essa invocação do passado não salva os embaraços do presente... exclamou o regente de muito mau humor.

— E não salva porque a nossa situação é afflictiva ao ultimo ponto, mercê dos erros commettidos!...

Olharam-no cheios de pasmo e elle continuou:

— Perdoae senhores, mas d'este trama afflictivo todos somos bem culpados. Nós, os ministros, não temos confiança uns nos outros... Todos nos julgamos grandes para procedermos sós e d'ahi

todos esses lances... A politica é um jogo de xadrez em que a menor distracção traz cheque ao rei!...

— Sim... mas que fazer?! Que fazer, clamou o regente como ha pouco os ministros.

— Senhor, meu senhor... A culpa d'este embaraço da situação é da alliança ingleza...

Calavam-se ao verem a verdade das auas palavras, apenas Rodrigo Coutinho se atreveu a fazer um protesto timido:

— Sim... Da alliança ingleza repito! Se não fossem as dissenções da Inglaterra com a França acaso alguem se teria dirigido a Portugal?

— E de quem parte a recusa de receber mr. Arbaud que em 1793 nos offerecia a amisade á França?!

— Mas, e o barbaro assassinio de Luiz XVI, acaso o poderiamos esquecer?! perguntaram todos em côro.

— E que tinha Portugal com o que se passava no extrangeiro? gritou o ministro n'um desabafo patriotico ao vêr o horror da situação.

— E as outras nações?! interrogou Luiz Pinto.

— As outras nações?! Mas todos tinham os seus interesses ligados ao monarcha francez! redarguiu elle accrescentando:

— Os pequenos estados da Italia secundavam Fernande IV de Napoles porque queriam manter a sua integridade... E Fernando revoltou-se por ser o esposo de Maria Luiza, irmã de Maria Antonieta.

— E a Prussia? interrogou o outro esperando triumphar.

— A Prussia era visinha da França e temia que a revolução se alastrasse no seu territorio... A Austria defendia Maria Antonieta filha da imperatriz Maria Thereza!... Mas Portugal, sim que laços o ligavam?!

Calavam-se embaraçados e elle no auge de colera esmagava-os, mostrava-lhe como era para temer a situação em que tinham collocado a patria.

— Mas poderam vencer... A Inglaterra...

— Seguirá o exemplo de Hespanha. Ha-de trahia-nos, creiam... Depois a prova mais cabal é a occupação dos nossos fortes pelas tropas britannicas vindas para nos prestarem auxilio...

Ficavam novamente embaraçados, e elle tornava:

— Remediemos uma parte do mal, senhores...

— Como ?!

— Nomeamos generaes das armas nas diversas provincias da fronteira, alguns militares experimentados que possam responder aos ataques dos nossos visinhos, a quem a França póde auxiliar mais dia menos dia... Carecemos de um general para o Alemtejo, outro para a Beira-Baixa, um para Traz-os-Montes e outro para o minho...

— Sim, podemos fazer essas nomeações! exclamou o ministro da guerra, accrescentando logo:

— Tenho até mesmo a relação d'esses officiaes, resta o assentimento de sua alteza.

— Vejamos! disse o principe recostando-se mais commodamente na poltrona. Elle tirou da pasta de marroquim negro a relação e começou:

— Para o Alemtejo, o general Forbes tendo por tenente general o brigadeiro conde de Soure... Tomaremos outro governo em Portalegre com o conde de S. Lourenço, com o brigadeiro Angeja...

— Mas reparae, senhor ministro, que Forbes está velho, que o conde de Soure se é distincto fidalgo nada fez como militar... Vede que o conde de S. Lourenço tem subido os postos pelo seu nascimento e que Angeja, antigo conde de Villa Verde, apenas sabe acompanhar o viatico da sua freguezia!...

— São elles os que tem maiores logares no exercito e não os desauthorisarei! volveu o ministro com fleugma.

José de Seabra encolheu os hombros e não respondeu directamente, no emtanto murmurou por entre dentes:

— Sempre os postos pelo nascimento...

— Bem... Para a Beira irá João Durdas de Queiroz com o marquez d'Alorna por brigadeiro...

Desta vez o ministro resnungou:

— Sim, esse marquez é mais militar do que fidalgo!

— Para o Algarve, continuou o outro. Teremos o conde de Castro-Marim... No Minho, o maquez de lá Rosiére...

— Quem é esse fidalgo?! perguntou á pressa o ministro com grande pasmo.

— Quem é ?! Mas é um emigrado francez, um realista emigrado, fiel aos Orleans! José de Seabra, sorriu e volveu:

— Sim... Lembrae-vos dos extrangeiros e esqueceis um dos mais valorosos portuguezes!

— Quem?! perguntou o regente muito rapidamente.

— Meu senhor, um official cuja bella carreira militar lhe dá direito a um posto d'honra, cuja bravura e coragem o recommendo mesmo áquelles que não o conhecem senão pelo seu nome e pela gloria dos seus feitos... Um official que viveu em França na côrte de Maria Antonieta e assistiu á revolução, um heroe que uma soberana extrangeira distinguiu!...

— Mas quem é esse official?! interrogou o ministro da guerra avidamente.

— Já vos disse e deveis conhecel-o... Mas sempre accrescentarei que a pessoa em questão se portou valentemente no Roussillon...

— Fallaes de...

— Gomes Freire de Andrade! exclamou elle julgando assombrar os outros.

Mas Luiz Pinto, levou a audacia a ponto de soltar uma risada ao accrescentar:

— Um indisciplinado!...

— Meu Deus!... Um revoltado contra as torpezas como eu mesmo, exclamou elle rapidamente.

— Esse homem nunca terá o posto d'honra que desejaes... resolveu o ministro da guerra muito firmemente. E notae que é ainda um pouco de minha familia, por parte de D. Miguel de Forjaz, primo de minha esposa e d'esse official!

Então José de Seabra voltando-se para o regente bradou:

— Senhores, peço-vos um momento d'attenção... Ouvi-me... Gomes Freire de Andrade é coronel da guarda imperial russa, foi o vencedor d'Ochzakow, é condecorado com S. Jorge, recebeu uma espada d'honra das mãos de Catharina II.. Quando os estrangeiros applaudem os nossos, quando os distinguem, não devemos ficar de braços cruzados!...

— Essas distincções partem mais da sua belleza d'homem que do seu valor guerreiro! rosnou Rodrigo Coutinho.

— Quereis dizer?! exclamou o ministro fixando-o abertamente.

— Que fui ministro em Turim e ali chegaram os escandalos da côrte russa... O principe Potemkim, favorita da imperatriz, chegou a desafiar o vosso heroe...

— Negaes-lhe a bravura?! gritou José de Seabra com aprumo.

— Nego-lhe a heroicidade!... redarguiu elle com desprezo.

— Pois bem, n'esse caso, procedei como quizeres...

— Depois esse homem é um rebelde, um amigo dos pedreiros livres que como o marquez d'Alorna recusam obedecer...

— E no emtanto nomeaes o marquez... disse elle triumphantemente.

— Tens razão José de Seabra, volveu o regente. Rebelde por rebelde, tanto é um como outro... E se esse homem tem o valor que dizes, peço para elle um commando...

— Mas é simples coronel, meu senhor! volveu o ministro com desplante.

D. João, que gostava da justiça, um pouco supersticioso talvez ao ouvir fallar do heroe, tomou a penna e escreveu algumas palavras n'um papel, dizendo:

— Agora é brigadeiro, Luiz Pinto!...

O ministro fez-se pallido, baixou a cabeça e curvou-se n'um assentimento em frente do principe e logo em voz baixa para o marquez de Ponte de Luiza, dizia:

— Irá para o Minho sob as ordens de la Rosiére...

José de Seabra, radiante, beijava a mão ao principe e exclamava:

— Meu senhor, tereis mais uma victoria no nosso exercito se derem um commando d'honra ao heroe, ou tereis mais um morto de valor?...

XXXIV

Um baile na côrte

vasta sala do paço d'Ajuda abria-se aos convidados do regente, na sua maioria os officiaes que deviam partir para a guerra n'esse anno de 1801 em que Napoleão Bonaparte tomara o cargo de primeiro consul da republica franceza. O corso audaz, vencedor de Montebello e Marengo, começava a tornar-se o terror da Europa. Agora investido no seu elevado posto, senhor quasi absoluto dos destinos da França, não perdoava aos inglezes as suas victorias navaes sobre a França, as quaes tinham gerado um outro heroe, o almirante Nelson. Bonaparte puzera de lado a espada flammejante do Egypto, o symbolo do seu poder, que reluzira ante as Pyramides, deixara memoravel a sua allocução rapida mas energica, bella como um canto épico, dirigida aos soldados em frente d'essas pyramides de quarenta seculos e começáva a dedicar-se á politica.

E n'aquella noute de baile ali na côrte, o nome do corso era pronunciado com certa cólera ao saber-se da sua operação contra Portugal.

N'um grupo de officiaes, brilhantes nos uniformes, uns seis ou oito rapazes, tresandantes de mocidade, fallava se animadamente da proxima lucta. As tropas estavam a postos, apenas os commandan-

tes e outros officiaes de cargos especiaes tinham ficado para esse baile em que sua alteza os desejava conhecer.

As luzes e as flôres espalhadas, a belleza das damas, as joias nos feixes diamantinos das suas pedrarias, nas scintillações ardentes, a musica enebriante e os perfumes, davam um ar de apotheose precoce áquelles heroes do dia seguinte como lhes chamava o ministro da guerra ao fallar com o duque de Lafões, um velho de singular aspecto, pintado a carmim, com signaes a moquearem-lhe as faces apergaminhadas e que vestia o uniforme de general em chefe. No emtanto calçava sapatos de côrte, porque os seus pés não toleravam as botas militares, arrimava-se ao bastão de commando, como a um bordão, e nos seus labios errava um sorriso semi-ironico.

Esse duque de Lafões, D. João de Bragança, nascido n'um berço quasi real, dedicava-se ao estudo. vivia com sabios, apadrinhava as idéas da epoca com o mais fino espirito e tinha um desprezo absoluto por essa côrte d'effeminados, cujas modas seguira e até exaggerava, apesar de rir de si proprio.

Ali no seu recanto, com o ministro, ouvia os preludios do minuete que se ia dançar e inclinava-se ante uma dama de certa edade mas ainda formosa, que entrava com aprumo na sala, seguida por um individuo de meia edade, entrajado de côres vivas, como um peralta, o que o tornava quasi ridiculo, e ao lado d'uma joven dos seus dezoito annos, mas d'uma soberba formosura de loura.

— Adeus, meu caro general !, disse a senhora de velho aspecto, accrescentando logo:

— Dentro em pouco á vossa reputação de homem de fino espirito, de galanteador da Du Barry em Versailles, prestareis as honras d'um heroe — e a dama sorriu ironica e maliciosamente, como a desafial-o — não quereis dançar o minuete, general em chefe?

O seu olhar penetrante verrumava o ministro da guerra, como a censurar lhe a nomeação do duque, que respondia:

— Senhora marqueza d'Alorna, vós que fazeis versos e tendes reputação de boa poetisa, sereis a encarregada de tecer o meu elogio...

— Dou o meu logar a Manuel Maria Barbosa du Bocage !..., exclamou ella sorrindo.

— E tambem a vossa fortuna, senhora marqueza ?, perguntou n'este momento uma voz alegre, ao mesmo tempo que um homem

magro, pallido, d'olhos azues, a physionomia insinuante, se approximava reverente:

— Não, caro mestre, essa pertence a minha filha, e ella apontava a joven que sorria a Bocage, o qual era cumprimentado pelo duque, que começava a fallar-lhe da sua prisão no Santo Officio.

— Não quereis então dançar o minuete, duque?, tornou a marqueza no seu tom sarcastico.

— Senhora... Olhae que me encosto ao meu bordão...

— Meu Deus, duque, e como quereis commandar as tropas, quando nem podeis dançar um simples minuete...

Bocage sorriu e volveu:

— Ah! Mas é que s. ex.ª commanda a cavallo!

O proprio ministro da guerra soltou uma risada e a marqueza murmurou:

— N'esse caso tereis, mestre, de fazer um soneto a *sua alteza!*... e ella sublinhava a palavra chasqueando o duque, a quem chamavam assim pelo seu parentesco com os Braganças.

— Olhe, aqui está o meu genro, o sr. conde da Ega, disse a marqueza apontando o homem de edade que a acompanhava, o qual, com um cavallo, decerto de raça peor do que o vão dar ao senhor duque, veiu do Roussillon até aqui e por cá se deixou ficar...

— Meu Deus .. mas s. ex.ª era apenas ouvidor do conselho de justiça, tornou o poeta.

— Melhor desculpa tem..., disse a marqueza, que gostava muito de chasquear. Mais ouvia as balas... D'ahi maior terror!

O conde da Ega sorriu embaraçado, a joven esposa teve no rosto uma expressão desdenhosa, ao passo que a velha marqueza accrescentava:

— E não tendes um soneto para essa acção, Manuel Maria?!

— Senhora, os vossos desejos são ordens!, redarguiu o vate, emquanto o conde o encarava furiosamente.

O ministro affastou-se depois de cumprimentar o duque, e o poeta começou:

— Ao nobre conde...

> — Não chores, cara esposa, que o destino
> Manda que parta, á guera me convida;
> A honra prezo mais que a propria vida
> E se assim não fizera, fôra indigno.

O fidalgo, que esperava um epigramma, acercou-se d'elle já sorridente, ao passo que elle continuava:

«Eu te acho, meu conde, tão menino
Que receio»

Ao ouvirem a ironia á edade do conde rejubilaram e elle ficou paralysado ao ouvir o resto do soneto:

Ah! não temas, não, querida;
A franceza nação será batida,
Este peito que vês é diamantino.

«Como é crivel que sejas tão valente?!»
Eu herdei o valor d'avós e paes,
Que essa virtude tem a lusa gente!

«Porém, se as forças forem deseguaes?...»
Irra, condessa! E's muito impertinente!
Tornarei a fugir, que queres mais?

Bateram palmas, soltaram gargalhadas acclamando o vate, ao mesmo tempo que o conde dizia:

— E' uma cilada!...

— Por Deus, meu genro, mostre-se ao menos homem de espirito!, exclamou a marqueza d'Alorna, emquanto a condessa da Ega ria a bom rir.

O conde fez um cumprimento e affastou-se rancorosamente a murmurar invectivas, ao mesmo tempo que um fidalgo fardado de capitão da guarda real se apresentou, murmurando ao ouvido do Bocage:

— Obrigado, Manuel... (*)

— Nada tens a agradecer D. Pedro de Lencastre, tornou elle no mesmo tom. Ao mesmo tempo que ponho em fuga o marido da mulher que amas, já fiz versos á tua velha esposa e prima, a qual reclusaste em Odivellas!

Os olhos da condessa tinham scintillado alegremente ao vêr o fidalgo que lhe offerecia o braço e murmurava depois de cumprimentar a marqueza:

(*) V. *Bocage* (Romance do mesmo auctor).

— Quereis dar-me a honra d'este minuete?...

— De bom grado, senhor!

E ao affastarem-se, o amigo de Bocage exclamou:

— Como sou feliz, minha Juliana!

— Como poderiamos ter sido ambos felizes!... Oh! Se eu tivesse nascido uns annos mais cedo!

— Ou se eu, para salvar meu primo o sr. marquez d'Abrantes, que tem um nome egual ao meu, não tivesse desposado a velha que jaz em Odivellas...

Emquanto elles se mettiam no minuete a marqueza d'Alorna tomava o braço do duque de Lafões, e Bocage seguia com a vista o conde da Ega, que passava rente d'elle e murmurava:

— E' preciso ter espirito, dizia marqueza! Oh! Sim... Ter espirito e vingar-me!

O poeta sorriu, encolheu os hombros e foi-lhe na peugada.

N'um grupo, André de Meira, fardado de tenente de granadeiros, conversava com um joven alferes, que era rodeado pelos outros.

— Deixa agora essa tristeza, André, murmurava o outro... Vamos dançar... Então entre todas estas damas não ha uma que mereça a honra da tua mão... Está aqui a maior nobreza do reino...

— Que importa?! Aqui está a maior nobreza do reino, e em Hespanha está o general francez Berthier, que offereceu ao principe de Paz, ministro de Carlos IV, nada menos de 15:000 granadeiros experimentados em Marengo...

— O quê?! Então sempre é verdade que os francezes auxiliarão os hespanhoes?!, perguntou logo um joven alferes.

— Sim... Luciano Bonaparte, o irmão do primeiro consul, veiu activar todos os preparativos de guerra! Meus amigos, dentro em quinze dias teremos dado o primeiro combate!... tornou André de Meira, tristemente.

E depois, n'um arranco, bradou:

— Ah! Se me vejo em frente do inimigo, não o creio... Tenho uma vontade firme de me bater, de fazer recuar em frente das armas portuguezas essa bandeira até agora vencedora por toda a parte... Se fôr preciso morrer no campo, de bom grado morrerei! Oh! os francezes, raça maldita que tem commettido todos os crimes e se levanta agora contra nós... Vamos, meus camaradas, devemos amaldiçoar do intimo d'alma essa França...

— Onde se commettem torpezas, onde se guilhotinam reis!, gritou D. Miguel de Forjaz, quê se approximava fardado de sargento-mór. Depois teremos o auxilio da Inglaterra famosa e altiva, da nossa alliada!

— Que no entretanto se vae apossando das nossas colonias, primo!, disse muito serenamente uma voz junto d'elles.

Os officiaes perfilaram-se na mais rasgada continencia ante a pessoa que fallava e a qual estava fardada de brigadeiro e a quem D. Miguel de Fojaz retorquia:

— Mas Gomes Freire, primo e amigo, a Inglaterra guarda-nos as colonias!

— Colonias que ninguem ataca! volveu impavido o brigadeiro, accrescentando:

— Sim... Acaso a França tem esquadra após os desastres successivos de Aboukir e d'Italia?!... Para que entram pois os inglezes na Madeira e em Gôa?! Tendes razão, dizeis bem:

— Guardam-nos as colonias!... Ao mesmo tempo que com tanto fervor entram pelo nosso dominio colonial, retiram-nos as tropas da metropole que os francezes e os hespanhoes vão atacar!

— Retira as suas tropas?! perguntaram todos no auge da admiração.

— Sim... mandou partir dois dos regimentos da divisão auxiliar!...

— Por Deus!... mas é uma infamia! gritou um dos officiaes.

— E' uma traição, volveu outro com colera-

— Então na vossa opinião, primo, não deviamos guerrear os francezes? perguntou logo D. Miguel de Forjaz com pressa.

— Quem vos diz isso?! volveu Gomes Freire. Devemos guerrear todos os que nos desafiam. Mas devemos tambem castigar os que nos insultam! A França declara-nos guerra, mas toma-nos como um paiz livre e a prova é que toma alliança para nos destruir, para nos annexar á Hespanha... Quereis mais provas contra a Inglaterra?! Pois sabei, mancebos, que tanto patriotismo mostraes, mais uma perfidia ingleza... Bonaparte, o primeiro consul, que é tão habil politico como valente guerreiro, enviou a Londres mr. Octo afim de negociar com a Inglaterra a cessão da Ilha da Trindade do que os nossos alliados se apossaram... Como Haweburg, o lord maior, recusasse, ameaçou-o com a invasão de Portugal...

Ouvi a sua resposta e pasmae, dizei-me quem são os nossos inimigos. «Se o primeiro consul invadir Portugal, disse o lord, a Inglaterra invadirá os estados ultramarinos d'esse paiz. Tomará os Açôres, o Brazil, e arranjará penhores que nas suas mãos valerão mais do que o continente portuguez nas mãos da França».

— Miseraveis! bradou André de Meira no auge de colera.

— Sim, miseraveis e traidores aos quaes devemos escorraçar! Ninguem se poderá desprezar de ser um bom portuguez desde que acolha os alliados que nos têm explorado! E amanhã, meus amigos, em frente das balas francezas e hespanholas recordae-vos que vos bateis, não porque Portugal careça d'isso, mas para servir a Inglaterra... Ahi tendes... Os francezes attacam-nos como a uma nação livre, os inglezes dispõem de nós como um feudo!...

— Muito bem, muito bem senhor brigadeiro, gritou arrebatadamente André de Meira no auge do enthusiasmo.

— E meus amigos isto não quer dizer que fujamos do combate!

— Sempre enthusiasmado, brigadeiro! disse o duque de Lafões a seu lado.

— Quereis dizer sempre revoltado, meu general! volveu a sorrir.

O duque, tomou-lhe o braço e em voz baixa, disse lhe:

— Não procedeis prudentemente, Gomes Freire... Fallaes alto demais na côrte!...

A musica tocava sempre; volteavam pares, dançava-se animadamente e lá fóra o povo soltava vivas cheio de enthusiasmo. As damas davam coragem aos officiaes com os seus sorrisos, todos pensavam obrar prodigios e o velho Lafões, na alegria de festa, arrimando-se ao brigadeiro dizia:

— Sabeis que tenho sido chasqueado... Na verdade parece incrivel que me tomem a serio para mandar um exercito... meu Deus, com 84 annos e com a minha gotta?!...

— Antes vós, meu general, do que um extrangeiro como esse Mack, o austriaco, que Luiz Pinto quiz chamar e o qual ao serviço de Napoles fugiu em frente d'um troço humilde mas valoroso de soldados do francez Championnet... Antes vós que esse Christiano de Waldek, (*) especie de planta, que extranhou o clima e se deixou

(*) O principe de Waldeck faz no cemiterio dos protestantes a entrada onde tem um tumulo.

morrer antes do combate!... Oh! Esse principe que veiu com um grande soldo de cousa alguma serviu!...

— Brigadeiro... mas no exercito ha individuos mais capazes de mandar do que eu!...

— E quem com a vossa patente?! interrogou elle.

— As patentes são concedidas pelos reis...

— Quereis dizer?!

— Que se vos fizessem marechal, general...

— Eu?!

— Sim, grande soldado, a ti que foste honrado por Catharina II, a ti que tens ao lado essa espada d'honra e ostentas ao peito o cordão de S. Jorge... E depois, tornou elle espirituosamente. Para que nos bateremos?!

— General?!

— Sim, meu valente, para quê!

— Mas e a nossa honra?!

— Ora... Portugal e Hespanha são duas bestas de carga. A Inglaterra nos excita a nós, a França aguilhôa os nossos visinhos... Podemos tocar e agitar os nossos guizos, mas não devemos fazer-nos mal!...

E o duque sorria já livre de preoccupações bradando ao vêr Bocage:

— Ouvi, meu poeta... Deixae-vos ficar comnosco...

— Grande honra senhor duque, volveu o vate, mas não temeis comprometter-vos ao lado d'um homem condemnado por pedreiro livre?!

— N'esse caso já teria fugido do brigadeiro! disse elle a chasquear, tornando:

— Não vos conheceis?!

— Não, duque! respondeu Bocage olhando o militar.

— Não, meu general, volveu o brigadeiro olhando o poeta.

— Oh! mas tendes as mesmas ideias de liberdade!... Tendes o mesmo horror á Inglaterra... O meu caro brigadeiro estygmatisa politicamente a nossa alliada, o meu caro poeta canta as victorias de Bonaparte... Deveis ser amigos...

— Fizeram uma venia, trocaram um olhar de sympathia e o duque disse:

— O brigadeiro Gomes Freire de Andrade!

— O heroe da Russia ?! exclamou Bocage arrebatado.

— O poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage... tornou Lafões.

— O mavioso Elmano ?! exclamou Gomes Freire alegremente.

E trocaram um vigoroso aperto de mão.

Então aquelles dois homens suspeitos que representavam a revolta contra a sua epocha, o militar amado, patriota, mas amigo do progresso, e o poeta satyrico mas apostolo da liberdade ficaram face a face sob o olhar carinhoso do duque que symbolisava a nobreza, revoltado tambem contra o torpor do tempo, dedicado ao estudo, livre de preconceitos, advinhando o futuro.

— Tem graça, senhor Bocage, que ainda ha pouco ouvi fallar de v. s.ª... disse o brigadeiro a provar-lhe a sua sympathia.

— Para mal, certamente, volveu elle levando a mão ao peito e mostrando o semblante magoado a murmurar:

— Oh! Este meu aneurisma... Hade matar-me...

— Não fallavam mal de vós, desejam fazer-vol'o!... tornou o brigadeiro.

— Oh! e quem ?!

— Alguem que sem duvida conheceis!...

— Quem, senhor brigadeiro ?!

— O conde de Ega!

— Ah! Já sei e eu segui-o por toda a parte advinhando isso... mas perdi de vista após uns versos que estive fazendo para ser ouvido de sua alteza o regente... Depois chegou essa gente de Arcadia e entrei a procurar o conde mas desappareceu...

— Fora-se metter no pateo onde ouvi a sua voz ao apear-me da sege... Fallava com alguns lacaios...

— Ah! Uma cilada...

— De que vos avizo... Dizia elle: «Conhecem Bocage... Sim, só a sua capa estrellada de remendos, perdôe v. s.ª, tornou Gomes Freire, nol-o fará reconhecer...

— «Conhecemol-o... Todos em Lisboa o conhecem! disse a voz grossa d'um dos lacaios.

— «Pois aguardae-o e dar lhe hão tantas que fique estendido.» Ao mesmo tempo que gritam:

— Da parte do senhor conde para pagar o soneto!... Isto tem o espirito que muito lograr deseja!...»

MARQUEZ DE POMBAL

— Ah! Pois veremos!... disse o poeta sorrindo; e logo n'outro tom accrescentou:

— Agradeço-vos o avizo!

— Compri o meu dever! volveu delicadamente o brigadeiro.

— Oh! Manuel, sahirás commigo! offereceu logo o duque de muito bom grado.

— Agradeço o vosso cuidado, senhor duque... Mas deixae que eu responderei ao senhor de Ega!...

Cumprimentou o brigadeiro e o duque, affastou se a metter-se pelos grupos dizendo graçolas aos que o desafiavam.

D. Pedro de Lencastre, dançava sempre com a condessa da Ega, que lhe dava o braço e entrava n'uma pequena sala ao terminar o minuete.

Sentava-se n'um canapé dourado e o capitão das guardas ficava de pé na sua frente.

— Juliana, dizia elle. Mas obedece a teu tio, o valoroso marquez d'Alorna! Sim, obedece-lhe... Retira-te da côrte, isola-te nas suas propriedades, segue o que te diz esse homem de bem!

— Oh! Pedro e tu?!

— Eu... Mas partirei tambem, deixarei tudo isto, serei sempre a teu lado!

— Mas, e o conde?! interrogou ella.

— O conde?! Teu marido?! Que importa?! E' mais velho trinta annos do que tu... Acaso póde exigir o teu amor?! A sua vida é na côrte, que fique!

— Mas todos murmurarão... disse fixando-o melancholicamente.

— Amas-me?! Não é verdade?!...

— Oh! Bem o sabes... Amo-te loucamente!

— N'esse caso porque hesitas?! interrogou elle.

— E minha mãe?!

— Tua mãe é uma dama de fino espirito e de grande intelligencia, comprehenderá bem o teu coração... Tanto mais que tu nunca amaste esse homem... E a marqueza dirá ser sua a culpa ao tornar-te a esposa do conde!

— Meu amigo... Foi a unica maneira de nos aproximar mos... Sim, Pedro, tu eras casado e não podias ser meu esposo, eu na minha sociedade sentia uma grande falta de liberdade... Para mim todos os cuidados que se têem para com as virgens... Pois bem,

façamos o sacrificio da liberdade apparentemente, unamo-nos a alguem, rico ou pobre, velho ou novo, que me dê o seu nome... D'este modo serei a mulher mais livre apesar do enlace parecer a prisão... Appareceu o conde... Tornei-me sua esposa...

— E agora pódes dizer-lhe que o não amas...

— Já lhe disse mil vezes... Tenho-me fechado no meu quarto desde o primeiro dia de noivado, porque sou tua, meu Pedro, apenas tua!

E elles trocavam um beijo ali no recondito da sala, emquanto lá fóra os outros dançavam animadamente.

O marquez de Alorna passeava ao lado de Gomes Freire, fallava a meia voz e de repente, bradou:

— Ah! Eis ali o tal la Rosière... O teu marquez, o teu general!

— O emigrado?!

— Sim, o general das armas d'além Douro, nomeado por Luiz Pinto e ás ordens do qual vaes servir.

— Ah! Tem um aspecto extranho...

— Um cortezão a valer... Olha, anda com o duque de Coigny...

— O amante de Maria Antonietta?!

— Sim... Um emigrado tambem... O mesmo que accusou Broussonet, o sabio, a Pina Manique!

E o marquez d'Alorna apontava dois homens que passeavam de braço dado no corredor da sala.

Um era alto, magro, de figura distincta, insinuante mesmo, já de meia edade, no seu ar de cortezão de Trianon, vestido ricamente, a cabelleira empoada rescendente a perfumes; o outro era gordo e baixo, de rosto vermelho, vestia o uniforme de general e tinha o aspecto d'um frade.

Passavam rentes dos dois amigos e o marquez de la Rosière, o baixo fardado de general, escancarava a bocca n'um sorriso, dizendo em mau portuguez:

— Como está, sr. d'Alorna?!

— Como sempre, sr. marquez?... Sabe que fallava de si...

— Grande honra!, disse a empertigar-se.

— Tratava de o apresentar a alguem que vae servir sob as vossas ordens!

— Oh!... Grande honra!, tornou dubiamente.

— O meu amigo, o brigadeiro Gomes Freire...

— Ah!... Estimo de vos conhecer, senhor!, e olhou-o d'alto a baixo com um ar superior, que Alorna buscou desmanchar ao dizer:

— Coronel de sua magestade Catharina II.

— Oh! Grande honra!, e logo, mais amavel, estendeu-lhe a mão.

— Condecorado com o cordão de S. Jorge!

— Oh!... tornou o emigrado cada vez mais affavel.

— E' o vencedor d'Oczakow e recebeu das mãos da soberana moscovita uma espada d'honra!

— Oh!... Dae-me a honra de vos apertar nos braços...

Abraçou o, apesar do desdem de Gomes Freire, e o duque de Coigny disse galantemente:

— Estivesteis na côrte de França, senhor brigadeiro?!

— Sim, senhor duque...

— Oh! Logo se vê.., disse la Rosiere. A galanteria da côrte do nosso infeliz XVI deixa sempre vestigios... Sim, porque em Portugal...

— O que, senhor?!, interrogou o brigadeiro.

— A côrte é desgeitosa, pouco brilhante!...

— Ah! E' verdade... Nós aqui estamos mais habituados á guerra do que ao galanteio! E a prova é que se ámanhã o povo tentasse implantar a republica ou assassinar o nosso principe, nós teriamos a coragem de morrer a seu lado!... Que quereis?! Mesmo assim seriamos mais dedicados do que em França... Oh! E se levassem uma rainha ao patibulo, nós morreriamos a seu lado! Seriamos galanteadores até a morte!... Meu Deus! Se a nossa divisa é Rei e a minha dama!

E n'um impeto voltou as costas aos francezes.

XXXVII

O fim do baile

Pelo amanhecer, na lividez das luzes semi-apagadas, os convidados tinham um ar cançado, abatido, as damas distilavam os perfumes ao calor dos corpos, e aquelle bello apparato de fardas transtornava-se pouco a pouco á medida que o dia apparecia.

Era como o dia seguinte a uma batalha, após a chacina, após as scenas de sangue e de lascivia que deixavam exhaustos os contendores; os madrigaes morriam á flôr dos labios, os amorosos enviavam-se mutuamente olhares languidos, amortecidos.

Na pequena sala, a condessa da Ega despedia-se de D. Pedro de Lencastre, sorria-lhe ao murmurar:

— Tua... tua para sempre...

E no fim d'aquellas palavras ia um mundo de promessas ao apertar-lhe a mão serenamente:

— Adeus, Pedro!...

— Adeus, Juliana!...

Abraçavam-se, mas a condessa soltava um grito ao vêr reflectir-se no espelho fronteiro uma imagem; D. Pedro estava de costas e ao escutar a amante largou-a logo, curvou-se reverente ao deparar com Carlota Joaquina que entrava.

A princeza esboçou um sorriso, e de seguida, disse:

— Condessa, ha pouco vosso esposo procurava-vos... E vós, capitão, ficae que sois necessario...

Juliana deveras confundida inclinou-se ante a outra e sahiu sem se atrever a olhar o amante, que muito pallido aguardava as ordens de sua alteza:

— D. Pedro, dizei-me, começou ella sem o menor receio e sem preambulos, amaes muito a condessa?!

— Senhora!... Alteza real!... titubeou cheio de pasmo.

— Vamos, responda!... ordenou ella com auctoridade.

— Amo-a tanto que daria a vida por sua causa! redarguiu por fim o amigo de Bocage.

— Bem... Gosto das situações claras! tornou Carlota Joaquina, accrescentando logo: Que darieis a quem vos facultasse o poderes estar sempre junto d'ella!

— Senhora... Daria o que me pedissem! respondeu docemente.

— Sereis capaz, capitão, de deixardes de servir vosso amo?!

— O regente?!

— Sim... Meu esposo... Julgo que tendes d'elle alguma queixa...

D. Pedro, sabendo a mulher com quem fallava, volveu de novo:

— Queixa?!

— Sim... Julgo que vos despediu do seu serviço após uma entrevista com o intendente da policia, e na qual se tratou d'um certo chocarreiro.

— Ah! Quereis fallar...

— De Bocage... O mesmo que ha dias me respondeu dubiamente estando a pescar no rio...

— Sim, alteza... Com effeito eu sou amigo d'esse poeta e sua alteza a quem o accusaram de pedreiro livre... (*)

— Despediu-vos do seu serviço e ordenou a sua entrega ao intendente...

— Assim foi!... Mas por intermedio de Gastão de Seabra salvou-se...

(*) Bocage — romance de Rocha Martins.

— Sim .. Sei tudo... D'esse modo não amaes o principe a ponto de lhe sacrificares o vosso futuro, ou antes, o vosso amor...

— Alteza, disse elle d'um certo modo. Os servidores não devem discutir as ordens dos principes...

— E as das princezas ?! interrogou ella com certa intenção.

— Por Deus, ainda menos... Devemos collocar as damas acima de tudo!... disse o antigo folião sentindo despertar a sua veia.

— Vejo que sois um homem de espirito, capitão...

— Sou um servidor de vossa alteza!...

— Sois vós o capitão das guardas reaes, não é verdade ? interrogou entrando no assumpto.

— Sim, alteza!

— Sem vossa ordem ninguem entra no paço até á alvorada...

— Nem pessoa alguma sahe! retorquiu o amante da condessa, olhando a de novo.

— Ah! E' ahi que discordamos! disse a princeza do mesmo modo imperioso.

— Vossa alteza bem sabe...

— Capitão... Suppõe que uma dama d'essas a quem deves a tua galante obediencia, precisa sahir esta noute do paço e carece que pessoa alguma entre nos seus aposentos... Que farias para a servir?...

— Principiaria por lhe dar a senha e acabaria...

— Por...

— Fazer guardar os seus aposentos por alguem do meu conhecimento!

— Quem ?!

— Eu!...

— Tu ?!...

— Sim, alteza!...

— Meu Deus, um capitão de sentinella... volveu toda alegre.

— Ao quarto da futura raînha não é deshonra! tornou o fidalgo a meia voz.

— E se alguem ahi quizer entrar ?!

— Não entrará, por Deus, vol-o affirmo! exclamou elle.

— E se fôr sua alteza ?

— Como se fôsse outro...

— Mas...

— Quereis dizer que sua alteza o regente manda, não é assim ?!

— Decerto !

— Mas, senhora, recordae-vos que eu, D. Pedro de Lencastre, da casa de Abrantes, antes de ser militar fui companheiro de bando de alguns poetas...

— Pois seja assim, D. Pedro... accedeu a princeza. Mas guardareis segredo, não é verdade ?!

— O mais rigoroso...

— Pois guarda os aposentos d'essa dama ! Dize-me a senha !...

Murmurou-lh'a ao ouvido e ao vêl-a affastar-se, exclamou :

— Alteza, esquecei-vos....

— De quê ?!

— Do traidor ! volveu com o seu sorriso malicioso.

— Ah ! Nunca me esqueço... Quereis vêr !...

Fez-lhe um gesto para que a seguisse, atravessou as salas onde começava a debandada e começou a caminhar para a marqueza de Alorna.

Ali, junto d'ella, com um sorriso gracioso, disse :

— D. Leonor de Portugal, deixae que vos felicite pelos vossos ultimos versos...

— Senhora ! volveu a marqueza toda lisongeada.

— E' pena que em vez de mulher não sejaes antes um fidalgo... Com o vosso orgulho longe ireis...

— Senhora !... Vossa alteza confunde-me !...

— Tendes muita modestia, marqueza !... redarguiu Carlota Joaquina.

Depois olhando a sala, passeando a vista pelos poetas que declamavam versos em louvor dos que iam partir, tornou :

— E' pena que tenha acabado a Arcadia do conde de Pombeiro !... Pedir-lhe-hia para vos fazer consocia do grande José Agostinho de Macedo...

— Senhora, vossa alteza sabe que ha ainda outro maior engenho !...

— De quem fallaes ?!

— De Bocage...

— Sim... Mas, desculpae, marqueza, eu pouco sei de poetas apesar de os estimar... Tendes uma filha, não é verdade ?!

— Sim, alteza ! redarguiu a marqueza surprehendida.

— Solteira ?! interrogou habilmente a esposa do regente.

— Não, alteza real, é a condessa da Ega !...

— Ah ! Casada com esse velho fidalgo ?! Meu Deus !... E é formosa sem duvida... Ouvi marqueza, quereis prestar-me um obsequio ?

— A's ordens de vossa alteza !

— Pois enviae-me ámanhã vossa filha ! Tenho falta de damas para o meu serviço de assistencia e desejava que alguem de vossa familia...

— Alteza ?!

— Recusaes ?! gritou a princeza olhando-a de frente.

— Como posso recusar tal honra ! redarguiu D. Leonor de Portugal com a mesma habilidade.

— Pois enviae-m'a ! e depois de a cumprimentar affastou-se em direcção aos seus aposentos.

A senhora de Alorna ficou estupefacta, porém encolheu os hombros e sorrindo, murmurou :

— E' um capricho !...

Entretanto Bocage procurava por todos os lados o capitão das guardas, e ao vêl-o enfiar para um corredor, exclamou :

— Pedro... D. Pedro !...

— Que queres ?!... disse elle voltando-se rapidamente.

— Preciso de ti...

— Estou apressado...

— Pedro... E eu por tua causa estou em perigo... disse o poeta a detel-o.

— Em perigo ? !

— De levar uma sova mandada dar pelo teu rival !

— O conde ? !

— Sim... Calcula que alguns matulões me aguardam á sahida para me sovarem pronunciando estas palavras :

— « Da parte do senhor da Ega ».

— Ah ! E' apenas isso ? !, interrogou elle a rir.

— Pois !... E achas pouco ? !

— Descança... Eu me encarrego dos teus matulões...

— Mas desejo sahir...

— Vamos !... Sê prudente, espera-me um pouco.

E partiu, deixando-o na espectativa.

Gomes Freire ao lado de Alorna sahia do baile.

Ao atravessarem o corredor da guarda viram um vulto de mulher acompanhada por um embuçado e trocaram um olhar.

Os dois vultos sumiram-se na portaria e os amigos partiram rapidamente.

Nas arcadas viram alguns embuçados que se sumiam no escuro e o brigadeiro murmurou:

— E' uma cilada!

— Ora... Sonhas sempre com aventuras!

— Meu caro, juro te .. E não sei o que me contém que não ponha em debandada os miseraveis!...

— Sabes alguma cousa?! interrogou o marquez d'Alorna.

— Sei que esperam Bocage da parte do teu sobrinho...

— Do meu sobrinho...

— Sim... Do conde da Ega!

— Oh!... Esse homem é um lascivo, um patife que não hesitou em sacrificar o futuro de Juliana!... Cobarde que foge da guerra, cobarde que arma ciladas de lacaios!... Tens razão... Vamos debandar esta malta! Mas quando iam avançar viram o poeta que atravessava embrulhado na sua capa; logo alguns vultos se moveram e Gomes Freire, disse:

— Queres ouvir... Vão exclamar... Da parte do senhor da Ega!...

Porém foi um grito bem diverso que se ouviu solto por alguns soldados da guarda real que espadeiravam os intrusos e bradavam:

— Da parte do senhor Bocage!... Da parte do senhor Bocage!

Gomes Freire e Alorna soltaram uma risada e viram na sua frente um homem que corria e exclamava:

— Piedade senhores... Tende piedade d'um velho fidalgo!

— Oh! Vós, conde?! casquinou o marquez ao reconhecer o marido da sobrinha.

O senhor da Ega, fez-se pallido e titubeou:

— Eu sim... eu...

— Mas porque deixaste vossa esposa e andaes aqui correndo aventuras? interrogou Gomes Freire contendo o riso.

— Vim acompanhar um amigo com quem desejava trocar os adeus da despedida!...

— Pois para a outra vez fazei vos acompanhar! redarguiu

D. Pedro de Portugal entrando a rir ao ouvir ainda os soldados perseguindo os matulões no largo d'Ajuda.

Vinham sahindo do baile, começavam a rodar seges e Alorna dizia para o sobrinho:

— Ide lesto que vossa esposa sem duvida vos aguarda.

Saudou e desappareceu por entre o ruido da escadaria onde um lacaio bradava:

— A sege da senhora condessa de Pombeiro!...

No turbilhão uma dama embuçada pelo braço d'um gentilhomem, dizia:

— Devemos sahir pela porta das trazeiras... Aqui no largo ao verem-nos a pé suspeitariam e talvez nos seguissem...

— Mas a senha?! disse o fidalgo n'uma voz de timbre agradavel.

— Louco?! Acaso faço as cousas ao acaso?!

Metteram-se então pelo escuro, atravessaram o pateo e de subito ouviam uma voz escarninha bradar:

— Boa noute, senhor André de Meira!

O tenente estremeceu; sentiu o sangue girar-lhe nas veias, porém a dama, disse-lhe:

— E' o bobo!... Aquelle miseravel ha-de ser enforcado!

Como se a tivesse ouvido, D. João de Falperra soltou uma gargalhada escarninha que echoou sinistramente no silencio da noute.

Em cima, D. Pedro de Lencastre, vigiava sempre os aposentos da princeza.

Apagavam-se as luzes, a ultima sege affastava-se, o palacio recahia no silencio.

E perto do corredor passou um vulto que se chegou ao official e disse em voz forte:

— Boa noute D. Pedro!

— Tenha-a vossa alteza a melhor possivel!

— Tel-a-hei se acaso não tens ordens em contrario!

— Eu, meu senhor?!

— Sim... minha esposa...

— Ah! Sua Alteza pediu-me que guardasse esta porta!...

— Mesmo para mim?! perguntou com tristesa.

— Não especificou pessoas... E D. João afastou-se meditativo. Mas ao fim do corredor ouviu o bobo que lhe dizia.

— Passaes bem a noute, alteza!... Vinde!... Eis aqui uma chave que de direito vos pertence!...

Depois olhou a chave da porta secreta, mirou-a uns momentos e disse:

— E' dos aposentos de sua alteza?

— Sim, meu senhor...

— Pois entrega-m'a...

— Vossa alteza não a utilisa?!...

— Não...

Voltou as costas guardou a chave e murmurou scepticamente:

— Um marido não entra ás escondidas no quarto da esposa!...

E metteu-se nos seus aposentos, a lêr a regra dos Bernardos pela vigessima vez.

XXXVIII

O começo da campanha

STAVAM frente a frente os dois exercitos, com as avançadas á vista no alem Douro, esperando a todos os momentos o ataque.. No Alemtejo reinava a maior indisciplina, os soldados abandonavam os regimentos e appareciam em pontos distantes. O governador de Olivença rendeu-se sem disparar um tiro, Juromenha praticou de egual modo, Elvas respondeu duramente aos hespanhoes e Campo Maior soube resistir a um cerco de dezoito dias.

Por toda a parte o mesmo desanimo, a mesma fraqueza; e dia dia os inimigos tomavam maior incremento e audacia. O duque de Lafões retirava sempre; os outros generaes procediam do mesmo modo. Apenas Bernardim Freire buscou soccorrer Arronches mas ao chegar encontrou a praça em poder do inimigo.

Entretanto no norte ainda não tinham rompido as hostilidades.

Por aquella bella manhã de sol, os soldados a postos olhavam para o outro lado da fronteira onde o exercito hespanhol estava em linha de batalha.

O marquez de la Rosière, na sua rotundidade de frade, olhava atravez do oculo o inimigo e não se atrevia atacar.

Todas as manhãs Gomes Freire, na sua qualidade de brigadei-

ro, vinha receber ordens, e já mal lhe soffria o animo semelhante delonga.

— General! disse elle n'aquelle dia de muito mau humor. Venho pedir-vos licença...

— Para?!

— Attacar o inimigo! disse fleugmaticamente perfilando-se.

O marquez, encarou-o e volveu:

— Pois quereis?!

— Não estou aqui para outra coisa... redarguiu o brigadeiro. Sim general, parece-me não ter feito uma marcha até ao extremo do paiz para cumprimentar galantemente os hespanhoes.

— Mas que quereis fazer?!

— Já vol-o disse...

— Mas sem duvida tendes um plano...

— O plano de todos os portuguezes... Attacar de frente...

— Preparae n'esse caso a vossa brigada.

— Oh! Até que emfim! Ah! General... Nada mais tendes a ordenar?!

— Não... Ide...

O francez ficou tranquillamente ao vel-o partir e murmurou:

— Talvez uma victoria!

— General... General... murmurou n'este momento alguem ao seu lado e em francez.

— Oh! tenente... e o marquez ficou-se a olhar o ajudante d'ordens, um mancebo que o acompanhou de França e lhe dizia:

— Grande novidade, meu general!

— De que se trata?

— Temos um compatriota commandando o exercito inimigo...

— Como o sabes?

— Pelos vendilhões que atravessam a raia para o seu commercio...

— Oh! E quem é esse emigrado francez?

— Alguem do vosso conhecimento...

— Impossivel...

— De vossa amisade mesmo...

— Que dizes?!

— A verdade, general... Muitas vezes me tendes narrado a vossa fuga para Londres quando a revolução tomou conta dos cas-

tellos e perseguiu os nobres... Vão já oito annos decorridos... Eu era muito novo mas minha familia fugiu tambem!

— Sim... mas e esse homem?... perguntou elle todo apressado.

— Tendes dito, meu general, que soffreras miseria ao chegar a Inglaterra. N'outro tempo tinheis travado conhecimento com um nobre tambem...

— Sei já... Um condescipulo que me soccorreu...

— Sim, meu general... E' esse o commandante do inimigo?!

— O marquez de Saint-Simon?!

— Exactamente...

— E elle ao saber que eu estou na sua frente...

— Já o sabe! exclamou o ajudante.

— Oh! E quem lh'o disse?!

— Emquanto a esse promenor ignoro-o, mas sei que mandou o seu ajudante...

— Sabe?!

— Sim... Um joven francez de confiança que passou com os mercadores!

— Ah!...

— E que sollicita uma audiencia...

— Que entre... que entre! disse o general mettendo-se logo na sua tenda.

D'ali a momentos, um mancebo vestido como os mercadores ambulantes entrava na barraca e saudava respeitosamente, n'uma venia polida de gentil homem.

— E' nobre marquez de la Rosière que tenho a honra de fallar?!

Ao ouvir aquella voz, ao reparar no recemchegado, atirou-se-lhe aos braços e exclamou:

— Tu... Saint-Simon?! Mas tinham-me fallado d'um ajudante...

— Comprehendes que não ia dizer o meu nome assim ao primeiro que me apparecia...

— Decerto, amigo... mas a que vens?

— A que venho?! Pois não o advinhas?!

— Na circumstancia especial em que nos encontramos...

— Circumstancia especial?! Ah! Sim... Tu és o chefe do exercito portuguez, e eu do exercito hespanhol... Luctamos frente

a frente... Vamos romper as hostilidades?! Porque?! Nem eu nem tu, segundo julgo, somos fanaticos pelos que servimos...

— Nem eu... Quero apenas o soldo que me ajude a emigração... Devo este posto ao duque de Coigny que pelos modos tem certa influencia na côrte e fui mandado para aqui a combater, mal sabendo quem tinha por adversario.

— Como eu!... Devo este posto no exercito hespanhol a um amigo de Manoel Godoy, o primeiro ministro, mandaram-me para a Galliza e hoje soube o teu nome por acaso... Deliberei partir desde logo a visitar te, disposto a beber á tua saude...

— Sim, amigo... E deixaremos os dois exercitos ameaçarem-se... volveu o marquez com grande prazer, desrolhando elle mesmo uma garrafa que estava sobre a mesa.

— A's tuas victorias!... disse Saint-Simon a sorrir.

— A's tuas conquistas!...

E os dois francezes, frente a frente, continuavam a beber, deveras satisfeitos.

Recordavam aventuras passadas em Inglaterra, deixavam sahir dos labios um côro de maldições aos homens da revolução e iam fallando sempre da obra de justiça, do dia da revindicação.

— Verás, Saint Simon... Os nossos titulos sernos hão garantidos, as propriedades restituidas, e os direitos da nobreza novamente concedidos...

— Por quem?! interrogou o outro com certa malicia.

— Pelo duque de Orleans!... Pelo unico soberano de França! volveu cada vez mais enthusiasmado.

— Ouve, la Rosière... Se contas com a duque d'Orleans para isso, ficarás sempre ao serviço de Portugal.

— O que?! Dás muitos annos de vida á republica?!

— Não...

— N'esse caso qual será o soberano?! julgo que não temos outro...

— Os reis, meu amigo, fazem-se de soldados...

— Saint-Simon, fallas como um republicano.

— Fallo pela bocca da historia! redarguiu elle um pouco sceptico.

— Oh! E o direito divino?! interrogou elle deveras pasmado.

— O direito divino é o maior numero de conquistas...

— Saint-Simon... Pareces Marat...

— Antes o tivesse seguido!... Crê, meu velho, que devia ter ficado...

— Loucura?! Era uma traição!...

— A que chamariam patriotismo como ao acto do *Égalité*!...

— Não te reconheço... Em Londres tinhas enthusiasmo pela causa...

— Não soffrera como depois soffri... E hoje, se não fosse esta patente n'um exercito estrangeiro, andaria mendigando...

— Mas de quem fallavas ha pouco ao dizeres que os reis se formam dos soldados?!

— Fallava d'um homem que tem assombrado o mundo e ha-de ser rei dos francezes... A sua espada é gloriosa em demasia para ficar sendo a d'um simples general!... N'aquelle individuo ha alguma cousa de dominador que assusta e faz respeito...

— Mas de quem fallas?! perguntou o outro como se não comprehendesse cousa alguma.

— Do primeiro consul!

— De Napoleão Bonaparte?! gritou la Rosière, continuando:

— Pois esse aventureiro atrever se hia a ser rei dos francezes?!

— Um aventureiro como todos os antepassados de reis... Elle não terá avós, será o fundador da dynastia!... Oh!... li-o no seu olhar quando me disse:

— Senhor de Saint-Simon, vou envial o a Hespanha com meu irmão Luciano e terá um commando que Sua Magestade lhe concederá... Em França não pode ficar por agora! Mas tempo chegará em que os generaes filhos da revolução careçam d'allianças com a antiga nobreza!... E meu amigo, ao ouvil-o, pareceu-me que se arrependeu de ter fallado tanto pois fez um gesto brusco e bradou:

— Conte commigo Saint-Simon! E fallava com ar magestoso.

— Ora, vês isso a teu bello prazer...

O emigrado esboçou um sorriso mysterioso e volveu:

— La Rosière, quem viver verá... E agora, meu velho, adeus... Nada de nos hostilisarmos, hein?!...

— Vae em paz...

N'este momento ouviram-se as cornetas e appareceram as primeiras filas da brigada já em marcha.

— Que quer isto dizer?! interrogou o general deitando um olhar

espantado aos soldados que marchavam em boa ordem ao som dos tambores.

— Ah!... E eu que me esquecera! bradou la Rosiere pallido de morte, chamando á pressa o ajudante e ordenou:

— O brigadeiro Gomes Freire que se approxime...

— Mas que quer isto dizer?! Tu ias atacar-me?! perguntou Saint-Simon desconfiado.

— Não eu... Mas um maldito brigadeiro que deseja andar sempre na batalha e ao qual não sei como contentar...

— Ah! Era elle que ia romper as hostilidades?!

— Sim...

— Pois, amigo, manda-o para longe!

— Mas para onde...

— Para Traz-os-Montes, por exemplo!

— E obedecerá?!... interrogou elle ao recordar-se do que lhe tinham narrado mais d'uma vez sobre Gomes Freire.

— O quê?! Duvidas que alguem sob as tuas ordens deixe de obedecer?!

— Mas é que este Gomes Freire é um homem singular.

— Mas naturalmente é um militar a valer...

— Sim!... Mesmo um heroe, segundo dizem... Andou na Russia...

— Disciplina-o... Dá-lhe a ordem sem lhe permittires discussão...

O brigadeiro acabava de chegar e collocava-se em frente do general da sua costumada maneira altiva.

— A's suas ordens, excellencia!

— Brigadeiro... Não podeis avançar para a fronteira do Minho...

— Quereis dizer?!...

— Que a mim compete o commando d'estas forças... Porém, brigadeiro, quero deixar-vos operar sósinho como é justo, em virtude da vossa alta capacidade militar e por isso vou dar-vos a missão de vos dirigires a Traz-os-Montes, onde os Hespanhoes buscam fazer sortidas no territorio portuguez!...

Na face do heroe passou um rapido clarão alegre e elle disse:

— Quereis então confiar-me um commando d'honra?!

— Excellencia... Cumpro o meu dever!

E o general até o lisongeava no intuito de se vêr livre d'esse homem d'honra que nunca consentiria em tal immobilisação de forças.

— Diga-me, general, tornou o brigadeiro. Poderei fazer avançar pela margem esquerda do Tamega o coronel Pamplona com metade da brigada ?!

— Mas deixo isso ao vosso cuidado ! Dou-vos plenos poderes !...

Gomes Freire, sorriu satisfeito, fez a continencia e affastou se.

Porém n'este momento, André de Meira, o tenente, apparecia-lhe e exclamava :

— Senhor brigadeiro ides combater ?!

— Assim o espero, redarguiu serenamente.

— Tenho n'esse caso um favor a pedir-vos....

— Dizei...

— Queria acompanhar-vos !...

— Mas...

— E' que tenho o grande desejo de servir sob as vossas ordens !...

— Vinde n'esse caso... disse o brigadeiro amavelmente, accrescentando logo : Fallae ao general... Sem duvida vos concederá licença !...

E emquanto o tenente se dirigia para a tenda, o heroe, chamava Pamplona de parte e começava a dizer-lhe em voz baixa :

— Amigo... Temos uma grande missão a cumprir...

— Trata-se do ataque ao inimigo, da investida segura de face a face de que fallavas ha pouco ?!...

— Não...

— Então de quê ?!

— Conduzirmos o exercito até á fronteira hespanhola, mas á de Traz-os-Montes...

— Ah ! E' uma longa marcha !...

— Passaremos a fortaleza de Montery que nos dará a chave de provincia e seremos vencedores !... Vamos, Pamplona... Mostramos que se no Alemtejo Lafões recua, no norte nós avançamos...

— Seja !...

— Irás pela margem esquerda do Tamega, eu pela direita, levarás uma bocca de fogo e 900 homens...

— E tu ?...

— Egual força...

— Chegaremos ao mesmo ponto uma por cada lado e contaremos victoria!...

— E's um valente!...

Apertaram-se as mãos e Gomes Freire, bradou:

— Nada de recuar!... Precisamos desafrontar o exercito do Alemtejo!

— Sim, amigo!...

— N'esse caso, ávante!...

Collocou-se em frente dos soldados e em voz vibrante, bradou:

— Camaradas!... D'aqui a algum tempo estaremos em marcha para o inimigo .. Precisamos provar aos hespanhoes que nas nossas veias corre ainda o velho sangue lusitano... Que cada homem seja um heroe para que na bandeira do regimento Gomes Freire se possa bordar estas palavras!

— Valor e honra!...

Os soldados estremeceram ante as palavras do seu chefe e um grito immenso resoou pelo campo:

— Viva Gomes Freire!...

D'ahi a momentos punham-se em marcha ao som das cornetas, André de Meira collocava-se no posto que o brigadeiro lhe designava e o regimento perdia-se na estrada, emquanto Pamplona avançava tambem por outro caminho.

Os dois emigrados francezes olharam-se, e então la Rosiere. disse:

— Agora ficaremos frente a frente até ao fim da guerra!

E assim foi; nem um nem outro romperam as hostilidades até ao fim d'essa campanha de 1801, tão desastrosa para as armas portuguezas.

E no emtanto, d'ambos os lados, os soldados francezes e hespanhoes ficavam nas suas attitudes d'arremetter.

XXXIX

Bozaens e Fizera

Os portuguezes retiravam em boa ordem cedendo ao numero do inimigo que parecia ter sido prevenido d'aproximação do valoroso brigadeiro e se reunira na força de 4:000 homens, defendendo Monterey e a parte da fronteira transmontana. E elle acampava em Villa Velha que o inimigo se dispunha a atacar, fortificava-se, defendia-se.

Os habitantes aterrorisados tinham fugido para os campos e deixado as casas aos soldados que desanimavam pouco a pouco. Anoutecera. Fazia frio e os militares accendiam fogueiras cujos clarões indicavam ao inimigo o acampamento.

No emtanto reinava o maior silencio. Aquelles bravos vindos desde o Tamega em marchas forçadas, paravam ali esmagados pelo cançaso, soffrendo do mal que enfermava todo o exercito: a indisciplina propria d'homens arrebanhados á pressa para uma lucta.

O brigadeiro passeava sósinho por entre os seus homens semi-adormecidos, atirados por terra, cavava-se-lhe uma ruga na testa ampla, e de quando em quando, volvia o olhar para essa terra de Hespanha que ficava do outro lado defendida por tantos homens.

Chegava-lhe ao pensamento outra noute egual.

Era na Russia antes da tomada da fortaleza, na qual tremulava

o sanguineo estandarte do Islam, no qual se recortava a meia lua dos crentes.

E elle desesperado, em face d'essas fortes muralhas d'Oczacow, padecendo o frio e vendo um exercito falto de coragem, a alma assombrada pelo terror d'uma victoria inimiga, o coração aos pulos no peito generoso, meditara essa sortida que o enchera de gloria.

Isto era lá fóra, nas terras do gelo, commandando soldados que elle não conhecia, defendendo uma patria que não era a sua.

Porque não tentaria ali tambem alguma cousa?! Semelhante inação da sua parte reputava a como um crime de lesa-honra militar; e a meia voz, affirmando-se no campo, murmurou:

— Oh! Mas elles estão mortos de cançaço! Nas avançadas reinava um grande silencio que o perturbava. De repente teve uma ideia ante a qual estremeceu; ficou uns momentos callado e de seguida avançou para o logar onde se encontravam os officiaes que mandavam as suas tropas, aquelle pequeno troço de homens.

A' entrada, junto á lareira accessa, viu-os sentados, amachucados tambem pelas marchas.

Um velho major, antigo soldado do conde de Lippe, deixava errar a vista pela casa e estava mudo ao vêr os dois capitães dormitando no calor, prostrados, abatidos.

André de Meira e o outro tenente passeavam a vista estupidamente pelo negrume de fóra emquanto um joven alferes, o ultimo official da legião, se estendia sobre o capote e dormia n'um somno pesado.

O brigadeiro olhou os, entrou lentamente e ficou a contemplal-os; o velho major, no authomatico movimento do militar d'outras eras, ergueu se e fez-lhe a continencia; os tenentes ergueram-se tambem.

Então Gomes Freire, com o seu doce sorriso paternal, com a condolencia d'um forte, disse:

— Estaes fatigados, não é verdade, meus senhores?!

— Meu brigadeiro, rouquejou o major com scentelhas nos olhos vivos. Eu apenas lastimo a fadiga dos outros...

— Ah! E vós?!...

— Eu?! Estou prompto para marchar de novo.

— Velho soldado!, tornou o brigadeiro com um sorriso. E para onde quereis marchar?...

— Para o inferno, embora, meu commandante!... Para toda a parte, mas de fórma que esses malditos hespanhoes não nos apanhem n'este estado...

Gomes Freire estremeceu de novo; olhou-o com firmeza e redarguiu:

— Julgaes então que o inimigo se atreverá?

— O quê, a penetrar em Portugal?! Mas, brigadeiro, elles estão habituados a isso no Alemtejo... Depois já viram a nossa força diminuta...

— E Pamplona retirou tambem... E' verdade... murmurou com certo desanimo:

— E' verdade!...

— Tenho razão, não é assim?!...

— Vós a tendes, major... Com effeito, ha pouco temi o assalto e receei pelas avançadas, que talvez durmam...

— Se vos parece... Tantas leguas de marcha!..., volveu n'um tom de censura acre, que não escapou ao brigadeiro, o qual volveu:

— Sim... Mas é acaso nossa a culpa?!... Não poderiamos ter vencido no Minho?! Não tinhamos mais numerario e mais frescas tropas?!...

— Com mil raios, brigadeiro, que penso do mesmo modo!... E por S. Jorge affirmo que o tal marquez de la Rosière está mais affeito a mandar caçadas do que a commandar regimentos!...

Gomes Freire sorriu, e de seguida, em voz alta, bradou:

— Olá senhores!

Os officiaes moveram-se; os dois capitães despertaram em sobresalto e ficaram espavoridos a olharem o chefe, que exclamava:

— Qual de vós quer ir a um reconhecimento nas avançadas?!

— Eu, meu brigadeiro!, volveu André de Meira, rapidamente.

— Ide, pois, tenente, e olho vivo para o inimigo...

— Descançae... Por S. Jorge vos affirmo que verei tudo!

Fez a continencia e sahiu á pressa, emquanto o chefe dizia para os dois capitães:

— Senhores, de vós depende o bom resultado d'um projecto que tenho em mente!... Quereis ajudar-me?!

— Mas, senhor brigadeiro, queremos obedecer-lhe, volveram elles.

— Obedecei, pois!... Reunireis as vossas companhias sem rui-

do... Deixareis as avançadas no campo com alguns homens que o major commandará...

— E' a reserva, meu brigadeiro?!, bradou o velho devéras impressionado como se visse o fraco papel que lhe destinavam.

— E' um posto d'honra, e vós o vereis!

— Um posto d'honra?!

— Sim... Nós vamos sahir de Villa Velha, que guardareis com o alferes e alguns soldados...

— Sahir de Villa Velha?!, exclamaram elles no auge do pasmo.

— Sim...

— Mas, brigadeiro..., titubeou o velho como se o julgasse louco.

— Que quereis?!, interrogou serenamente o heroe.

— Vêde porém, que..., hesitou uns momentos e tornou:

— Isso é uma temeridade!...

— Será!...

— Mas nós não podemos resistir a uma nova marcha..., affirmou um dos capitães.

Gomes Freire encolheu os hombros e exclamou:

— Vós tudo podereis no serviço da rainha, nossa senhora!...

— Porém...

— Ouvi!...

Applicou o ouvido, ficou uns momentos perplexo e de seguida murmurou:

— Deve ser o tenente...

Com effeito, André de Meira appareceu á porta esbaforido e parou devéras desanimado.

— Que succede?!, interrogou o brigadeiro muito rapidamente.

— Brigadeiro... As columnas inimigas movem-se para o assalto...

— Ah!... Major... Reuni a vossa gente! Apagae as fogueiras... Embuscae os vossos nos montes e silvados e deixae avançar o inimigo sem um tiro...

Olharam-no pasmados, e elle, com o maximo sangue frio, ordenou de novo:

— Recolhei as avançadas, André de Meira... Aos postos, senhores!...

Depois, vendo o alferes dormindo ainda, sorriu, tocou-lhe com o pé e ao vêl-o despertar espavorido, ficou a rir, ouvindo-o bradar:

— O inimigo ?!... O inimigo ?!...

— Sim, meu valente... O inimigo que se approxima...

O outro, em cujo rosto imberbe, havia a expressão doce d'uma mulher, afivelou á pressa a espada, correu a agarrar a bandeira da legião e sahiu com os camaradas gritando:

— Viva Portugal!...

O brigadeiro sorriu de novo, affastou-se no campo, e depois ali no escuro, viu apagarem-se uma a uma todas as fogueiras.

Os soldados obedeciam sem um murmurio, recolhiam-se ás moutas, de bacamartes aperrados, as avançadas retiravam em accelerado e o brigadeiro dizia para o major:

— Agora com esta gente fazei accender as fogueiras no alto do outeiro e á direita na planicie, a distancia...

— Brigadeiro... E' a reserva?!, interrogou elle desanimado.

— E' um posto d'honra... Será ahi que o inimigo irá... Levae trinta soldados e o tenente Paschoaes...

Ouviam-se agora ao longe as cornetas dos hespanhoes soando ao assalto e nos peitos portuguezes despertou a bravura ao verem passar sereno e grande o seu chefe, cuja manobra não percebiam.

Ninguem fallava; um frio cortante passava sobre elles, um rumor cada vez mais proximo se ouvia dos lados da fronteira.

De repente um soldado viu apparecer o lume das fogueiras n'uma linha extensa e indefinida ao longe e exclamou:

— O inimigo!...

Voltaram-se de dedo no gatilho, mas soltaram um grito de pavor.

No alto do outeiro, dentro da villa appareciam novas luzes que os sobresaltavam.

— O inimigo!... O inimigo!..., bradavam com colera e com terror julgando-se cercados.

Os proprios officiaes extranhos á manobra sentiram o horror da situação.

O rumor cessava dos lados de Hespanha, parecia que se affastavam, e isso ainda mais fazia acreditar n'um cerco habil.

— O inimigo... O inimigo..., balbuciavam.

— Mas vamos ser chacinados!, resmungou um sargento.

— Não podemos aqui ficar, murmurou o capitão do primeiro troço no qual estava André de Meira.

— Decerto... decerto..., murmuraram alguns.

Começavam a manifestar-se no seu grande terror ao verem pouco a pouco as fogueiras descerem pelo outeiro, do lado opposto e alastrarem-se no campo.

— Ah! Esperam a manhã para o ataque... Seremos prisioneiros, disse alguem.

As mãos deixaram de ter a firmeza para segurarem os bacamartes, que reputavam inuteis n'aquelle momento; cada um buscava a mais commoda posição para ser feito captivo e o capitão exclamava:

— Mas onde está o brigadeiro?!

— Aqui, meus amigos!..., exclamou Gomes Freire. Aqui a dizer-vos: A'vante!...

— Mas estamos cercados!, volveu o capitão.

Logo um rumor de revolta passou nos soldados, e então elle, com furia, desembainhando a espada, bradou:

— Avançar!...

Ninguem se moveu. Elle começou a comprehender que os soldados se julgavam cercados e esboçou um sorriso.

Erguia-se a luz livida da madrugada e uma extensa fita negra e movediça corria para baixo de Villa Velha, longa e ininterrupta, mas era ainda tão distante, que só a vista experimentada do brigadeiro a poude distinguir.

-- Capitão... Avance com a sua companhia... Vamos... Depressa! ordenou de novo.

Ficaram do mesmo modo, iam largar as armas, e então o heroe, n'um gesto de raiva gritou:

— Capitão, sois um cobarde!...

O outro fez-se vermelho de colera e exclamou:

— Cobarde?! Ah?! E tudo por não querer avançar com os meus soldados para uma morte certa! estamos cercados graças á vossa impudencia e mais vale sermos primeiros do que morrer sem gloria...

— E quem vos affirma a verdade d'esse cerco?!...

— Aquellas fogueiras!... disse elle estendendo o braço.

O brigadeiro encarou-o, segurou-lhe a farda pelo peito e bradou:

— Podia dizer-vos como ali estão os hespanhoes... Não o fa-

rei! Os meus officiaes devem avançarem sem pensarem no perigos... Aos que recuam metto-lhe uma bala na cabeça! Capitão Nobrega marchae ou sereis substituido no commando!

Depois para os soldados que murmuravam, o brigadeiro disse na sua linguagem dominadora, breve, sacudida:

— Valentes: sabeis que o vosso antigo coronel nunca vos enganou... N'este troço estão alguns dos soldados que souberam resistir aos embates dos francezes quando os hespanhoes, esses mesmos que temeis agora, fugiam como perros... Lembrae-vos de S. Lourenço e de S. Sebastião de la Muge! Lembrae-vos que foram os granadeiros e o regimento Gomes Freire que souberam cobrir a retirada d'esse exercito que vos assusta... Vamos provar lhe que nas veias dos soldados portuguezes ainda corre um sangue tão ardente como o d'essa epocha! Avante pois meus filhos, meus valentes!...

Elles olhavam o brigadeiro; o fogo das suas palavas aqueceu-os e pegaram nos bacamartes dispostos ao assalto deveras enthusiasmados, clamando:

— Viva o brigadeiro... Avante... Avante...

— Oh! Esperava isso de vós outros, meus filhos!... E agora sabei que o inimigo vae alem n'aquella linha negra e movediça ao encontro d'uns trinta bravos commandados pelo vosso major... Aquellas fogueiras accendias eu para que os hespanhoes julgando-nos n'outro sitio corressem ao assalto emquanto nós invadissemos a Hespanha!

Semelhante audacia electrisou os soldados que sahiram das moutas e bradavam:

— Vamos... vamos!... Viva Gomes Freire... Viva o brigadeiro!...

— Silencio!... ordenou á pressa. E logo para o capitão que estava pallido exclamou:

— Capitão Nobrega considerae-vos preso... Tenente Meira tomae o commando da columna! Avante!... Viva Portugal!

Um brado immenso lhe respondeu; o tenente deu a voz de avançar e a columna poz-se em marcha sahindo ousadamente de Villa Velha.

Elle partia de repente a cavallo para o outro lado da villa e o capitão que ficava entre tres soldados, murmurou:

— E' necessario morrer!... Aquelle homem é um bravo... E' um heroe!...

Entretanto a columna avançava sempre ao passo que os hespanhoes iam ao encontro do major, anciosos que ali achariam o troço do exercito. O velho sorria á frente dos seus trinta homens ao comprehender a habilissima manobra do brigadeiro. Via avançar aquella turba e nem sequer um musculo estremecia da face enrrugada. Os soldados estavam firmes ao verem a morte imminente, mas deixaram se ficar serenos aguardando o inimigo que julgavam vêr n'aquelles poucos homens a avançada.

Clareava; os tres soldados conduziam o capitão Nobrega até ao sitio onde se encontrava o major que ao vel os, bradou espavorido:

— O exercito ?!... Derrotados todos ?! Sois os ultimos ?!

— Não major... O exercito marcha para Hespanha... disse o cabo. Nós trazemos o capitão que o nosso brigadeiro vos entrega prisioneiro...

— E' preciso morrer... murmurou elle.

— Sim... alguma má acção praticaste... Mas ficae... Aqui morre-se!

Com effeito os hespanhoes appareciam agora em linha cerrada e ouviam-se os seus gritos:

— A's avançadas!... A's avançadas!...

Mas soltaram um grito de pasmo ao verem aquelles homens firmes nos seus postos como se fossem postes.

— Firmes! bradou o major querendo vêr os seus bravos n'uma immobilidade perfeita.

Chegavam os primeiros hespanhoes; um capitão exclamava:

— Rendei-vos!...

— Nunca!... volveu o velho major do conde de Lippe.

— Reparae que sois bem poucos comparados comnosco e sereis prisioneiros mesmo contra vontade.

— Aqui morre-se! tornou o velho bradando:

— Fogo!

Tal audacia admirou o inimigo que no primeiro momento hesitou; a columna respondeu-lhes com fusilaria e trinta hespanhoes um por cada bacamarte, cahiram mortos.

— Carregar! bradou de novo o velho.

Mas as cornetas tocaram as tropas precipitaram-se de roldão e metade da columna cahiu n'uma descarga dos mil hespanhoes.

— Fogo! ordenou o velho major com ancia.

Porem levou as mãos ao peito e cahiu morto por um tiro inimigo.

Coube então a vez ao capitão de saber morrer; voltou se para os soldados e exclamou:

— Portugal será invadido se não o defendermos...

A fusilaria era terrivel, ouviam-se gritos de colera, de lado a lado fazia-se um fogo mortifero. Tinham cahido mais seis soldados e os restantes entrecheirados n'um penedo com o capitão respondiam ao inimigo que os envolvia.

De repente apossou-se um grande panico do exercito hespanhol, pararam o fogo: nas ultimas fileiras deu-se a debandada á vista da companhia que o proprio Gomes Freire commandava e se lhes apresentava na frente ao mesmo tempo que André Meira já em terras de Hespanha os attacava pela rectaguarda.

E esses soldados assim mettidos entre dois fogos dividiam-se, alguns fugiam, os outros ficavam na mesma estupida admiração-largavam as armas ao verem que trezentos homens estavam em territorio hespanhol emquanto os outros defendiam a terra portugueza.

Agora, detraz do penedo havia apenas Nobrega e tres soldados. Gomes Freire viu-os e vançou elle mesmo á frente dos seus homens exclamando:

— Avante! Viva Portugal!...

Já não restava duvida acerca da victoria. Era uma questão de momentos e essa-manhã de sol que subia ficaria gravada nos annaes da historia.

O heroe corria ao assalto como um louco, feria, matava, acutilava já as primeiras filas inimigas e entrava como um furacão no meio do exercito seguido pelos soldados que retiravam as bayonetas tintas do sangue de peitos inimigos.

E assim penetrava Gomes Freire em terras de Castella, onde fôra outr'ora como defensor, levando sob o seu commando um punhado de bravos que arrebatados, no auge do enthusiasmo bradavam:

— Viva Portugal!... Viva Gomes Freire!

As cornetas inimigas tocavam á retirada, deixavam no acapamento os carros das munições e alguma artilheria de que não se podiam servir e viam a retirada cortada pela columna d'André de Meira que exclamava ao vêr os fugitivos:

— Rendam-se!

E era bem extranho que na propria terra dos inimigos, tropas portuguezas entimassem a rendição a hespanhoes batidos, a esses que no Alemtejo venciam fortalezas, esses que tinham arvorado os leões castelhanos nas ameias d'Olivença.

Pareceram tomar animo; ficavam uns momentos na espectativa e depois de bayoneta armada, reunidos á frente foram para o inimigo, clamando:

— Viva a Hespanha!

Deu-se então uma batalha em que hespanhoes e portuguezes á mistura, confundidos se feriam á arma branca.

André de Meira, já ferido na cabeça, incitava ainda os soldados, gritava desesperado ao vêr a nova forma que as cousas tomavam:

— Valor, rapazes!...

Gomes Freire vinha ainda a distancia com os seus. Os hespanhoes que elle perseguia desviaram a corrida apenas a rectaguarda do exercito, as tropas fracas, se batiam com André de Meira.

Então elle temendo que os seus não resistissem ao embate arrancou a bandeira da mão do alferes, desfraldou-a sobre a cabeça dos soldados e gritou:

— Avançar!... Accelarado!... Viva Portugal! Rapazes, é preciso morrer com honra!...

Rufaram os tambores e dentro em pouco a columna envolvia-se na batalha que durou pouco pois os hespanhoes rendia-se em numero de cem.

No campo havia alguns mortos, os portuguezes entravam de novo em linha e Gomes Freire procurando com a vista os officiaes viu a seu lado apenas um tenente e o capitão Nobrega bem como o joven alferes. O outro capitão ficara no campo com um tenente.

— Meu Deus é André de Meira, o desapparecido, exclamava ao vêr os seus formarem-se.

Nobrega viu o pezar espalhado nas faces do heroe e como elle procurasse com a vista a quem dar o commando baixou a cabeça:

— Tenente Paschaes tome o commando do exercito!

— Onde está André de Meira?! bradou de seguida.

— Eu vi cahir o commandante, alem, replicou um sargento apontando um logar ao acaso no campo.

Os hespanhoes foram desarmados e Gomes Freire, tomou conta das suas munições; depois medindo com a vista as suas forças e o numero dos prisioneiros, exclamou:

— Todos os soldados e sargentos estão em liberdade... os officiaes dêm um passo em frente.

Um major e dois capitães avançaram para o vencedor que exclamou:

— Sois meus prisioneiros, senhores!...

Inclinaram-se e passaram para o meio das tropas ao mesmo tempo que o sargento punha os soldados fóra da linha.

Sahiram cabisbaixos e então o brigadeiro exclamou:

Que povoação é aquella?! apontava um povoado já em terras hespanholas a pouca distancia da fronteira onde se tinham internado.

Foi o major hespanhol que lhe respondeu:

— E' Bosaens, senhor!...

— Vamos tomal-a!... gritou cheio de enthusiasmo entregando a bandeira ao alferes e ordenando a partida.

Mas chegava um soldado ferido que se arrastava pelo campo com a cabeça fendida por uma cutilada e o qual murmurava:

— Ali... ali... o tenente...

— André de Meira?! Onde?! exclamava elle que de ha muito se sentia attrahido para o mancebo.

— Junto ás arvores... cahiu como um valente, volveu o soldado desfallecendo. Dois soldados!... Depressa!...

Gomes Freire, partiu de corrida, atravessou o campo onde encontravam antes os dois exercitos e deparou com o official estendido junto ás arvores indicadas pelo soldado. Tinha uma longa ferida no peito e estava desmaiado.

O brigadeiro acercou-se, ajoelhou-se junto d'elle emquanto os soldados fabricavam uma maca de ramos para o conduzirem.

Ao moverem o corpo, o tenente abriu os olhos fez um gesto ao brigadeiro que se approximasse e murmurou:

— Quero... fallar-vos...

— André!... Mas depois... Estaes ferido!

— Não... não... Vou morrer!... Affastae os soldados...

— Falla...

— Meu brigadeiro. . Sois um heroe... uma grande alma...

Dae-me a vossa mão... Ah! Assim... E em voz breve, debil, tornou:

— Tenho ao peito um retrato levae-o á pessoa que elle representa... Dizei-lhe como morri...

— Sim, farei isso!...

— Morri com o seu nome nos labios para ser digno d'ella!... Brigadeiro... Segredo... Peço-vos... Tudo estaria perdido para ella se alguem o soubesse...

— E' a vossa noiva?! perguntou á pressa sem saber como intender aquellas palavras.

— E' a minha amante... Dae-me a medalha... Assim...

Desabotoou-lhe a farda levemente com carinho, quebrou n'um puchão o cordão d'ouro que a pendia e viu-a manchada do sangue que correra da ferida aberta no petio do mancebo.

André de Meira, segurou-a ainda com mão trémula e murmurou:

— Dae-lh'a...

— Mas onde encontral-a?!... Quem é essa mulher?!

O tenente collava os labios á medalha n'um beijo ardente, soltava um suspiro e morria sem dizer mais nada.

— Oh!... Morto?!... Mas onde encontrar...

Tinha pegado na medalha; olhava a espantado e dizia ao reconhecer aquelle rosto agora manchado de sangue:

— A princeza?!... Oh!... Desgraçado! Tambem ella!...

E ainda com cólera, vendo o retrato de Carlota Joaquina, tornou:

— E queria ser digno d'ella!

Olhou ainda o cadaver, guardou o retrato e disse para um soldado:

— E' necessario dar sepultura ao vosso tenente!...

Descobriu-se e no seu rosto, n'essa physionomia de soldado, passou uma expressão de pezar, de seguida affastou se a enxugar duas lagrimas.

Chegou em frente das tropas, chamou o tenente e disse-lhe:

— Sois agora abaixo de mim, o official mais graduado do exercito... Os nossos camaradas morreram ali no fogo, na batalha... O major cahiu como um bravo!... O capitão deixou a vida como um heroe e o mesmo succedeu a André de Meira!...

— Morto tambem?!

— Sim... Sois o commandante da columa... Tereis as dragonas de capitão, eu vol o juro, Paschoaes...

— Mas aquecei-vos de Nobrega!...

— Ah!... Os que recuam não se contam! Antes morto!...

O official estava a pouca distancia e ouviu-o; ficou sereno ante as suas palavras e de seguida murmurou:

— Sim.... Antes morto... Ao menos seria chorado!...

— E agora, meus filhos, a victoria é nossa.. Vamos tomar Bosaens onde nos fortificaremos...

Os soldados responderam lhe n'um brado immenso e d'ahi a momentos os seiscentos homens punham se em marcha ao som dos tambores em direcção á povoação hespanhola, onde chegaram ao entardecer.

Foram recebidos por alguns homens armados, fugidos do exercito, que ali se barricavam, porém á vista dos prisioneiros, após alguns tiros, entregavam-se.

O brigadeiro, senhor da povoação, installou-se no *ayuntamiento* e mandou chamar os prisioneiros.

O major e os dois capitães appareceram dignos na sua frente; elle, recebeu-os com um sorriso amavel, apontou-lhes cadeiras e disse lhes:

— Meus senhores: a sorte da guerra fez com que vos tornasseis meus hospedes em vossa casa... Escolhei os vossos aposentos e apparecei d'aqui a meia hora se quizerdes dar-me a honra de acceitar do meu jantar!

Elles admirados de tanta gentileza, inclinaram-se e o major volveu:

— Agradeço-vos, general... Já conhecia a vossa bravura e a vossa delicadeza, porém nunca esperei que nos tratasseis como amigos...

— General?! Chamae-me brigadeiro que é o meu posto...

— Apenas?! Oh! Conheci-vos em coronel em S. Sebastião de la Muga!

— Então... Em Portugal são tantos os homens de valor que os postos se tornam difficeis para os que como eu apenas batalham!

E na sua ironia sorria aos hespanhoes.

Depois, ao vel-os sahir, sentava-se á meza e começava a escre-

ver uma proclamação aos habitantes de Bozaens em que lhes lançava um tributo em nome de Maria I, a rainha louca.

Descia, chamava o alferes e ordenava-lhe:

— Senhor... Içae a bandeira portugueza n'esta residencia... Depois ide ao som do tambor proclamar o tributo a Portugal...

— Sr. brigadeiro, assim farei!...

D'ahi a pouco a bandeira portugueza fluctuava em terras de Hespanha na casa onde o brigadeiro jantava com os prisioneiros e com os seus officiaes á excepção de Nobrega.

Na rua ouvia-se um grande sussurro de povo, soava um tiro e Gomes Freire, exclamava:

— Ah! revoltam-se!...

Corria á janella e via a rua coalhada de gente que bradava:

— Viva Portugal!... Viva o brigadeiro Gomes Freire!...

Elle sorriu, comprehendeu que era a vassallagem e exclamou:

— «Habitantes de Bozaens!... A sorte das armas fez vos subditos de D. Maria I, rainha de Portugal, eu o proclamo e em nome da rainha vos asseguro que tereis todas as immunidades de que gosam os mais antigos subditos da rainha minha senhora!

— Viva! viva a rainha! clamaram os hespanhoes.

Então o brigadeiro voltando-se para dentro entre as acclamações, disse:

— Julguei ser uma revolta... Aquelle tiro...

— Foi o capitão Nobrega que se suicidou! exclamou um sargento que entrava saudando o heroe.

— Ah! Cumpriu o seu dever! disse serenamente.

Mas voltou o rosto a enxugar uma lagrima murmurando:

— Elle terá familia?!...

Por fim acercou se d'um dos hespanhoes e interrogou:

— Dizei me senhor... Aqui proximo ha outro povoado?!

— Sim, brigadeiro... A aldeia de Fizera!

— Bem... Sabeis que vou tomal a ao romper do dia!

Deram um salto como se o julgassem louco e elle murmurou:

— Sim... Com cem homens decididos conquista se uma praça!

Riram, acharam uma certa graça áquella semceremonia do brigadeiro que encolhendo os hombros dizia:

— E se amanhã vos nomeasse governador de Fizera, sr. tenente?!

O joven olhou-o admirado e respondeu:

— Mas sr. brigadeiro... Que é preciso fazer?...

Sorriu e n'um jogo de palavras, com certa alegria disse:

— Tomar Fizera!...

— Comvosco?!

— Sim!...

— Até para o inferno! exclamou elle arrebatado.

E ao romper d'alva o brigadeiro formava cem soldados do seu regimento e marchava para a povoação visinha que tomava d'assalto com uma audacia sem precedentes na manhã de 18 de junho.

Dirigiu a proclamação aos habitantes que se declararam subditos de Portugal, deixava o commando ao tenente Paschoaes e voltava para Bozaens apenas com uma ordenança.

Foi recebido pelos officiaes hespanhoes que ao verem-no se fizeram pallidos.

— Senhores... O vosso rei tem menos uma povoação!

— Fizera?!... bradaram deveras admirados.

— Pertence a Portugal!... Tem o governador que hontem nomeei antes da conquista... Ah! E' verdade, deixae-me participal-o aos meus chefes pois não ando a conquistar terras por minha conta!...

Retirava-se e ia noticiar as suas victorias ao governo do reino. Chamava o alferes e dizia-lhe:

— Meu amigo... Tendes algum cadete nas vossas tropas?!

— Apenas um...

— Chamae-o...

D'ahi a momentos apparecia um joven fardado de cadete d'infanteria e que se perfilava ante o brigadeiro como admirado d'aquelle apello.

— Como vos chamaes?! interrogou elle fixando-o.

— Pedro Pinto de Moraes Sarmento! murmurou elle que era um rapaz magro, d'olhos vivos, o aspecto firme d'um militar sedento de triumphos com os seus dezoito annos.

— Quereis ganhar o vosso galão?!

— Sr. brigadeiro... Tendes mais alguma aldeia para tomar?! interrogou elle com um desembaraço que fez sorrir o heroe.

— Depressa ides mancebo... Olhae que não tem Hespanha aldeias para todos os bravos que me acompanham... Ireis antes

levar a noticia das nossas victorias ao Alemtejo onde se encontra o general em chefe. Peço para vós o galão d'alferes...

— Oh! Nunca vos esquecerei, meu brigadeiro.

— Ide... Tomae um cavallo dos melhores da aldeia e parti... O commissario que vos dê trinta dobrões do cofre da camara...

— Sim, meu brigadeiro!...

Elle partiu e Gomes Freire ficou á janella ao abrigo da bandeira das quinas que elle fôra o unico a arvorar em terras d'Hespanha n'essa memoravel campanha de 1801.

XL

Olivença de Hespanha

Fizera se uma tregua breve após as derrotas do nosso exercito no Alemtejo. Lafões retirava sempre, Campo Maior, Olivença e outras povoações tinham sido theatro de grandes scenas de cobardia.

Forbes, já velho mal pudera resistir aos impetos inimigos. Apenas Bernardim Freire fora um valente em Arronches.

O conde de Castro Marim vencera no Algarve.

No emtanto tinhamos ficado derrotados e os plenipotenciarios portuguezes encontravam se em Badajoz reunidos na casa da camara.

Luiz Pinto, o proprio ministro partira a buscar remediar o mal causado, e era elle que com o general Forbes e o duque de Lafões, acompanhados do seu estado maior que alli estavam na sala em frente de D. Manuel Godoy, o celebre principe de Paz, o amante de Maria Luiza de Hespanha, que com seu irmão D. Diogo e os marquezes de Solmo e de Castellon negociavam com os portuguezes.

Em baixo os soldados faziam festas após as victorias, cantavam e arrastavam os corpos pesados pelo vinho.

As mulheres entoavam as suas canções ao som das castanholas

GODOY

sob a luz d sol que lhes mordia as faces morenas e no meio do ruido d'essa victoria, estalavam morteiros e foguetes emquanto se preparava um grande arraial para essa noite.

No berrantismo dos trajes em toda a alegria ahi festiva havia insultos aos delegados dos vencidos que cabisbaixos estavam alli na sala onde os tres hespanhoes sorriam jubilosos ante as canções picantes do seu paiz, lembrando-se que essa boa terra de Portugal hes deixaria nas mãos mais algumas aldeias e villas.

D. Manuel Godoy, principe de Paz, um homem esbelto, de cara rapada, os olhos negros, vestido com todo o rigor de etiqueta sonhava com a conquista d'esse Portugal que os francezes lhe tinham promettido para accrescentar aos dominios de sua real amante. Pensava em crear uma dynastia de que elle seria o fundador, em occu par em Portugal o logar de Maria I e n'uma alliança forte com a Hespanha e com França ser o rei de quatro milhões de portugue zes. O irmão D. Diogo, mais novo, menos esbelto, fardado de general, pensava em ser o principe tambem, em commandar exercitos, em figurar na lista dos irmãos de reis e os dois generaes, esses sonhavam apenas com o saque a que seriam gratos.

O marquez de Solano tinha o rude aspecto d'um bandido de serra Leôa, alguma cousa de terrivel na physionomia, uma audacia sem limites na voz que era rouca uma extranha firmeza fanfarrona nos olhares que deitava ao velho Forbes e ao decrepito Lafões.

O marquez de Castellar era a figura magra e quichotesca de todo o bom hespanhol aventureiro, passeava em pernadas largas pela sala e de quando em quando acercava-se da janella a sorrir ás raparigas que dançavam.

Luiz Pinto, fallava em voz tremula, defendia a terra de Portu perdera, e dizia:

— Mas alteza, deveras são as vossas condições... 30 milhões de indemnisação! Campo Maior, Elvas, Olivença. todo o territorio d'alem-Guadiana?!

— E a fortaleza de Sagres... murmurava D. Diogo a recordar lhe ainda mais essa cedencia

O principe da Paz, ergueu então a cabeça, fixou de sua forma dura, o ministro de Portugal e volveu em voz de grande vibração:

— As minhas condições, dizeis?!...

— Sim, alteza, as vossas condições... Não sois o vencedor?!

— Ah! Por conta dos francezes! chaqueou elle. E bem sabeis que o ministro do consul deseja muito mais!...

— Sim... Mas eu já enviei o meu secretario a Lorient a pactuar com Napoleão Bonaparte que deu poderes a seu irmão Luciano.

— Pois aguardamos o embaixador francez... Luciano Bonaparte decidirá... Bem sabeis que Napoleão deseja apenas esmagar a Inglaterra de que sois alliados! e o hespanhol sorria ao continuar:

— No emtanto nem uma farda vermelha appareceu nas vossas muralhas!... E Napoleão deseja para a paz, o seguiu:

— Prohibição da entrada aos navios inglezes em portos portuguezes, o Minho, a Beira, Traz-os-Montes, occupados por francezes e hespanhoes e 25 milhões de libras tornezas... Isto é o preliminar, a garantia... Depois das condições ser-vos-ha restituido o vosso territorio... Sim, senhor ministro, é isto o que o primeiro consul deseja!...

— Oh! Meu Deus, mas é esmagar-nos!

— Pelo contrario senhores! bradou n'este momento uma voz vibrante em francez.

Os hespanhoes e os portuguezes ergueram-se e um mancebo alto, pallido, de grande ar firme, uns olhos negros onde se lia bondade, vestido como um convencional ante os plenipotenciarios.

— O cidadão Luciano Bonaparte, embaixador da França, exclamou D. Manoel Godoy apontando o recemchegado.

Elle que conseguira entender o hespanhol e mais ou menos comprehendeu os palavras de Luiz Pinto que interrogou em francez:

— Dizeis que queriamos esmagar o vosso paiz?!

— Sim, cidadão Bonaparte, era o que dizia S. Ex.ª ante as grandes condições que vosso irmão nos impõe! volveu o duque de Lafões que temera a ignorancia de Luiz Pinto.

— Sois portuguez?! interrogou o irmão do primeiro consul admirado da maneira porque o duque se exprimia.

— Sim, cidadão!

— Sois o ministro Luiz Pinto?! perguntou elle novamente.

— Não tenho essa honra... Sou o duque de Lafões! volveu o velho e apontando o ministro, disse:

— Eis ali S. Ex.ª

LUCIANO BONAPARTE

— Ah! Senhores creis vós que dizeis desejar o cidadão primeiro consul destruir a vossa patria?! Enganae-vos, eu vol-o affirmo como irmão de Napoleão e como embaixador francez... Ao contrario, o primeiro consul estima o vosso paiz...

— Mas... mas... titubeou elle encarando o joven embaixador.

— Sim... E se tanto vos exige é para que a vossa alliança com a Inglaterra termine... A unica inimiga da França é a Gran-Bretanha, a mesma loba marinha que vos rouba, a mesma nação que retira de Portugal as suas tropas e toma as vossas colonias!...

— Bonaparte, meu chefe e meu irmão, quer apenas que os inglezes não encontrem soccorros nos vossos portos... Deixae em paz essa alliança e sereis amigos da França, cuja marinha é ainda forte para reconquistar Gôa e os Açores, que os vossos alliados tomaram sob o pretexto de defeza!... Eis aqui tudo!...

E o joven francez expunha clara e francamente a situação a que o ministro volveu:

— Cidadão... Sabei que o regente de Portugal prefere sepultar-se nas ruinas do seu reino a acceitar as condições de vosso irmão!... As nossas provincias occupadas, as nossas terras invadidas!...

— E tendes força para resistir a uma invasão franceza?! interrogou elle franzindo o sobr'olho.

Mas depois como apiedado, olhando essa velha mumia que se chamava o duque de Lafões, tornou:

— No emtanto, eu sou o embaixador francez e poderei fazer-vos outras condições... Meu irmão não assentou formalmente n'um plano e eu resolverei...

O principe de Paz olhou-o fixamente; os hespanhoes ficaram de mau humor ao ouvirem n'o começar:

— Essa condição da entrega das vossas provincias será abolida... Nada teremos com o territorio portuguez! Pagareis apenas trinta milhões e vingareis a alliança ingleza!

O duque sorriu e para o ministro disse:

— E' bem acceitavel! E' justo que Portugal pague os erros dos alliados, mas que se desembarasse d'elles...

Luiz Pinto olhou-o rancorosamente e disse:

— Apenas a clausula da alliança não poderemos acceitar...

— Bem... Mas não tomareis parte nas luctas contra a França...

Não dareis abrigo nos vossos portos mais a inglezes do que a francezes...

Elle curvou a cabeça e não respondeu logo.

D'ahi a instantes, disse:

— Trinta milhões vos serão entregues! Os nossos portos serão neutraes!...

Luciano Bonaparte sorriu e exclamou:

— Ainda chegaremos a outros accordos... Olhae que França não é vossa inimiga!... Se vos desembaraçareis de Inglaterra!...

E logo n'outro tom accrescentou:

— Podemos assignar o tratado!

Coube então a vez do hespanhol Godoy se manifestar abertamente:

— Esqueceis a Hespanha?!

— Para vós será metade d'essa indemnisação de guerra!...

— Quinze milhões, ora?!... resmungou o marquez de Solano na sua voz de bandido.

— Nem ao menos uma fortaleza? Sagres, por exemplo! gritou o marquez de Castellon.

— Calae-vos, marquez... Nós, os hespanhoes, não assignaremos nunca uma convenção que só aproveita á França! exclamou o principe da Paz com grande orgulho.

Luciano sorriu, e com aquelle fino espirito francez, disse:

— Olhae, principe, que desmentis o vosso titulo!

— Quereis dizer que os principes de sangue real são mais generosos?! disse com amargura o valido de Maria Luiza julgando-se insultado.

— Não... Quero apenas dizer que sois antes principe de la Guerra!

D'esta vez até os hespanhoes riram e D. Manuel Godoy mais humanisado, exclamou:

— Cidadão... Só assignaremos essa convenção se nos cederem Campo Maior e Olivença!...

Luiz Pinto, olhou-o, e murmurou:

— Mas é impossivel!

— Que quereis... Não entramos n'esta lucta ao acaso... Quinze milhões pagam as nossas despezas... Mas quem vence, ganha, e nós não queremos perder!

Forbes fallou então pela primeira vez em voz sumida a aconselhar.

— Cedei senhor... Lembrai-vos que nem soldados temos para a sua defeza!

E o ministro redarguiu então já farto de tantas discussões, temendo muito a antiga exigencia do primeiro consul:

— Accedemos... Olivença e Campo-Maior ser-vos-hão entregues!...

— A Hespanha quer o direito de navegar em aguas portuguezas...

— De ha muito o tendes como alliados do Roussillon... casquinou o duque de Lafões com um olhar para o francez.

— Redigiremos então o tratado? disse Luciano tirando da algibeira um pergaminho e accrescentando:

— Estava feito para a França... Resta juntar-lhes a cedencia de Olivença e Campo-Maior...

Fez-se um silencio emquanto este escrevia á pressa o ultimo paragrapho.

XLI

O contracto

Debaixo chegava sempre o mesmo ruido alegre, a mesma folia de vozes e castanholas soando.

— Assignae senhor... murmurou delicadamente o francez para D. Manoel Godoy.

— Vós!... rouquejou o principe da Paz.

— *A tout seigneur tout l'honneur!* Sois o principe e vencedor! E apesar da França ser republiacna ainda conserva a tradicção dos principes...

D. Manuel assignou de mau humor e passou a penna ao marquez de Solano. Mas logo o de Castellon se precipitou gritando:

— Eu sou o primeiro!... Pertenço á nobreza de primeira classe das Hespanhas!

— Mas eu sou descendente de Cid!... berrou o outro.

— Que tem?!... Sou o primeiro!...

E elles empenhavam-se na discussão da sua nobreza quando o embaixador francez exclamou:

— Por Deus, assignae na mesma linha, que ambos sois bem fidalgos de egual merecimento!...

— Eu sou de primeira nobreza!

— De egual, por Deus... Vindes de Adão! retorquiu a sorrir.

E então elle, aprumando a estatura guinchou:

— *Caramba!* Saiba que descendo do rei sol!... e com firmeza, traçou a cruz da sua assignatura e chamou o ajudante dizendo-lhe:

— Escreve ali: a rogo do mui nobre, alto e poderoso senhor, D. José de Santiago Molina Peres de Conceiro Almaviva...

E ao terminar a enfiada de nomes passou a penna a Solano que estava atarantado ante o nobre descendente do sol.

— E' um bastardo de Luiz XIV, o rei sol! murmurou o embaixador francez ao ouvido de D. Manuel Godoy que sorriu e murmurou:

— É a vossa vez!...

E Luciano Bonaparte indicou ainda os portuguezes que assignaram.

Quando elle pegou na penna para traçar o seu nome, ouviu-se um ruido á porta e um ajudante exclamou:

— E' um portuguez que diz trazer uma noticia importante!

— Já o recebemos... murmurou Luiz Pinto de mau humor.

Mas o ajudante acercava-se de Lafões, fallava-lhe ao ouvido e o velho duque erguia-se d'um pulo, a face radiante e exclamou:

— Fazei entrar... Permittis senhores?!

— Decerto! disse D. Manuel Godoy.

E o cadete Pedro Pinto entrou; ficou um pouco embaraçado ante os personagens murmurou:

— Trago um officio para o general em chefe!

— Sou eu!... D'onde vindes?... interrogou maliciosamente o duque relanceando o olhar pelos assistentes e esperando impacientemente a resposta do joven, que todo coberto de poeira, se aprumava para bradar como se advinhasse os desejos do duque de Lafões que dizia de novo:

— D'onde vindes?

— Venho da parte do brigadeiro Gomes Freire! volveu o cadete.

Luiz Pinto ao ouvir esse nome, endireitou-se na poltrona e exclamou:

— E acaso esse brigadeiro commanda em chefe para mandar enviados ao marechal.

— Sim, excellencia!

— O quê?!

— E' o chefe do exercito d'aquem Douro que lhe foi confiado pelo senhor de la Rosière.

— Um emigrado! murmurou Luciano sorrindo da sua maneira particular.

— E o vosso chefe como dizeis, não tinha um ajudante para nos mandar?! Julgo-vos simples cadete ou não sei as patentes do exercito! tornou o ministro.

— Não, excellencia, redarguiu com aprumo entregando o officio ao duque de Lafões. O brigadeiro não tem ajudantes!

— Mas um official, visto ser tão importante a missão a que vindes! disse no seu tom ironico.

— Nem mesmo um official, porque á excepção d'um alferes e d'um tenente todos são mortos!

Os hespanhoes sorriram alegremente ao ouvirem a noticia e o ministro cada vez mais agastado ante aquelles sorrisos, exclamou:

— Mas e esse tenente e esse alferes?! Porque não os enviou?!

O duque abrira o officio e sorria com grande alegria; mostrava a Forbes o seu conteudo e o velho general ao lêr o que elle eontinha tornava-se pallido e murmurava:

— Oh! Sim porque não vieram?!

— Porque o alferes é necessario ao brigadeiro para a disciplina das tropas.

— E o tenente?! gritou o general Forbes, accrescentando: E' falta de cortezia!

— Meu general, o tenente Paschoaes foi nomeado governador.

— Governador de quê?! exclamou Luiz Pinto erguendo-se muito irado.

— De Fizeras... O alferes ficou em Bosaens! volveu o cadete com aprumo.

— Fizera?!... Bosaens?!... Que é isso?!... interrogou o ministro sem comprehender.

— Fizera?! Bosaens?! exclamou tambem D. Manuel Godoy. O que?!...

— Sim... Mas são povoações hespanholas da fronteira trasmontana! explicou D. Diogo.

— Perdão... disse lentamente o duque de Lafões. São povoações portuguezas conquistadas pelo brigadeiro Gomes Freire que eu nomeio general com os meus poderes de commandante em chefe.

D'esta vez os hespanhoes tornaram-se pallidos, o ministro não se atreveu a responder á nomeação e Forbes avançou para a porta desesperado n'um grande anniquilamento.

Luciano Bonaparte interrogou então o duque.

— Que se passa, excellencia ?!

— Uma tomada de duas aldeias de Hespanha feita por um official portuguez de nome Gomes Freire !...

— Oh !... E que ides fazer ?! perguntou de novo o irmão de Bonaparte.

— Peço-vos que as troqueis no contracto por Campo Maior e Olivença se os senhores de Hespanha o consentirem !... Não é assim sr. ministro?!

— Decerto, disse Luiz Pinto ainda admirado. E' preciso trocal-as!...

— São duas aldeolas, murmurou com desprezo D. Manuel Godoy. Ficae com ellas !...

— Não quereis então...

— Cedo-vos Campo Maior mas guardo Olivença! redarguiu ao cabo d'uns momentos com intimativa.

— Lembrae-vos que temos duas povoações...

— E' a minha ultima palavra... Vamos a reformar o contracto pois tenho de estar em Madrid dentro em dois dias!

O ministro baixou a cabeça e volveu :

— Seja!... Ficae com Olivença que se chamará d'ora avante Olivença de Hespanha!

D. Manuel Godoy, satisfeito com a troca escreveu á pressa a clausula no contracto e bradou :

— Oh!... Deve ser para vós bem querido, esse tal Gomes Freire... O primeiro nome até parece hespanhol!...

Sorriu, encolheu os hombros, chegou á janella sob a qual as raparigas dançavam e exclamou de repente :

— Um correio de França... Mas em que miseravel estado!...

— De França ?! exclamaram Luciano e Luiz Pinto a um tempo.

— Oh! o primeiro consul reflectiu em face do enviado portuguez! de seguida correu para a porta onde assumava o correio.

Vinha com o fato rasgado, trazia o braço direito ao peito, o rosto negro da poeira das estradas, um ar doente, abatido, cançado:

— O cidadão Luciano Bonaparte! disse em voz debil.

— Sou eu!... D'onde vindes!...

— De Lorient onde está o cidadão primeiro consul que me recommendou pessoalmente grande pressa em vos trazer esta ordem. Porém, em Alerida, cahi do cavallo e parti um braço... Eis o motivo da minha demora.

O embaixador, rasgou á pressa o envolucro, começou a lêr e empallideceu.

De seguida, passando um olhar pelos assistentes que estavám suspensos, bradou:

— Senhores: meu irmão Napoleão Bonaparte, o primeiro consul, ordena-me que não assigne por cousa alguma do mundo com Portugal outro contracto a não ser o primeiro por elle dictado e em que se pedem vinte e cinco milhões de libras tornezas e a posse das tres provincias do Minho, Traz-os-Montes e Beira...

— Que dizeis senhor?! bradaram os portuguezes assustados.

— Ah! Assim deve ser! clamaram os hespanhoes maravilhados.

— Porém, meus senhores, sabeis que ha um velho dictado em que se diz que a palavra dos reis não volta atraz?!... tornou o embaixador francez, muito pallido, mas buscando sorrir.

— Que quereis dizer?! interrogaram logo os hespanhoes.

— Que a França é o primeiro paiz da Europa onde a republica triumpha e é necessario formar um novo adagio! volveu elle no mesmo aprumo e com a mesma lividez na physionomia, ao lembrar-se da ordem expressa do irmão, cuja colera era intensa quando lhe contrariavam os projectos.

— Mas que significam as vossas palavras?! tornaram ainda os hespanhoes.

— Por Santa Maria-Maior, disse elle a rir, buscando imitar os hespanhoes.

— Quero dizer que as republicas precisam ser acreditadas e que se no passado as palavras reaes não voltavam atraz, no presente a assignatura d'um embaixador republicano prevalece, embora seja expulso das suas funcções!...

E pondo o tricorne sahiu com uma perfeita graça franceza depois de saudar os presentes.

Luiz Pinto sorriu satisfeito, sentou-se á mesa e escreveu algumas palavras n'um papel, sellou o e mettendo-o n'um envelloppe tallado a pressa, disse para o cadete.

— Entregue isto da minha parte ao vosso brigadeiro!

— Perdão... Entregue ao vosso general! exclamou Lafões apresentando ao ministro a nomeação de Gomes Freire que elle assignou de mau humor.

— Então, excellencia, é para consolar esse bravo da entrega de Bozaens e Fizera que lhe ordenaes! disse o duque sorrindo maliciosamente, e sahindo da sala depois de saudar os hespanhoes, arrimando-se muito ao bastão de commando.

XLI

O fim da lucta

As tropas tinham voltado para as suas respectivas divisões em estado miserando, depois de soffridas todas as humilhações impostas pelos francezes e hespanhoes.

Olivença ficara perdida; pagara-se trinta milhões á França, e Bonaparte no auge da cólera, ao vêr desmanchado o seu plano contra a Inglaterra, increpara o irmão, lançara-lhe em rosto a sua benevolencia para com os portuguezes e feita a paz enviara como embaixador um dos seus generaes.

João Lannes, que começara como simples soldado nas guerras da fronteira em 1793, e estivera sob as ordens de Dumouriez em Valmy, que fôra feito cabo em Jommapes, exercera o mister de ferreiro na sua mocidade e a republica elevara-o até ao generalato, mercê da sua bravura nunca desmentida. Mas o soldado, o ex-ferreiro, guardara sempre a rudeza do officio e era dos officiaes do Directorio, o mais audaz, mas tambem o mais brusco. O que foi depois o brilhante vencedor d'Eseling, fôra enviado a Portugal como embaixador, attendendo ao seu caracter dominador como convinha a Bonaparte, para a vingança sobre este povo que se lhe escapara das mãos ainda com vida.

Ao começo da sua estada em Portugal fôra o embaixador lhano e affavel, mettera-se na côrte e ao fim d'uns mezes o regente accedia em ser padrinho d'um seu filho nascido em Lisboa, o que lhe rendeu grandes dadivas do principe.

N'aquella manhã, D. João dava audiencia no paço da Ajuda, a commemorar os seus annos, estava no meio da sua brilhante côrte, fallava affavelmente a todos os que se lhe approximavam e tinha na physionomia uma deliciosa expressão de bem estar ao vêr terminada definitivamente essa guerra.

Havia nos cortezãos a mesma alegria do regente, todos rejubilavam com o termo das luctas e ninguem pensava n'um rompimento com a França que ia assignar com a Inglaterra a paz de Amiens (25 de março de 1802).

O intendente da policia continuava na sua maneira de perseguição aos pedreiros livres e levava a bem certas garantias concedidas aos francezes, nos quaes continuava a vêr verdadeiros herejes. Todos os dias subiam queixas até ao ministro, accusando francezes, ou porque fallavam do principe regente, ou porque faziam a apologia da revolução.

Pina Manique, entrara gravemente nas suas vestes negras, e acercara-se a beijar a mão de D. João que lhe sorria ao ouvil-o dizer:

— Tenha vossa alteza o mais bello dia!... Mil felicidades vos desejo, meu senhor...

— Agradeço-te, Manique, agradeço-te!...

E o principe tomava-lhe o braço e levava-o para o vão da janella, todo encantado, comprehendendo que o intendente não vinha disposto a fallar-lhe de negocios.

Com effeito, elle começava:

— Então, meu senhor, que tal passasteis em Mafra..

Cheio de alegria, D. João volveu:

— Oh! Bem, sempre bem... Os bons frades arruinam-me... E sabes que está agora lá um cantarino que faz as minhas delicias... Que voz e... Ah! que cantochões...

— E o orgão novo?... interrou o intendente buscando lisongeal-o.

— Uma obra prima, Manique... uma verdadeira maravilha!...

— Folgo com a satisfação de vossa alteza...

— E esteve commigo o meu compadre... Ah! Durante um dia apenas!...

A fronte do intendente annuveou-se; mas de seguida, com intenção, interrogou:

— Falhou muito ao ritual o vosso compadre?!

— Lannes?!... Oh! Mas só me acompanhava ás refeições...

Pina Manique, hesitou ainda e tornou após uns momentos:

— Ah! Meu senhor... Eu sempre condemnei que vossa alteza consentisse em conduzir ao baptismo o filho do embaixador... E tanto mais...

— Que é um hereje?!... Não é verdade?! perguntou elle de bom humor sorrindo.

— Não fallo já da sua heresia, meu senhor... Fallo dos seus crimes! disse elle agora decidido a entrar no assumpto.

— Crimes?!... Ah! Sim contra a egreja?! Mas que queres, o general pertence a uma escola de pedreiros-livres... E' verdade que me repugna isso, mas para vivermos em paz!

— Santo Deus... disse o intendente. Veremos se elle se emenda após a nota que hontem lhe enviei...

— Que nota?! perguntou o regente com grande pasmo.

— Mas meu senhor, a nota que o ministro do erario authorisou e a qual eu pedi como director das vossas alfandegas!

D. João, tornou-se pallido e murmurou:

-- Mas que tem as minhas alfandegas com o embaixador?

— Meu senhor, não sabeis então que desde ha dois mezes Lennes faz contrabando n'uma importancia enorme?!... Já passa de um milhão de cruzados!...

— Oh!... Oh!... Fizeste bem Manique, no fundo devemos zelar pelos nossos bens! accrescentou sua alteza embora um pouco indeciso. Mas de seguida interrogou:

— Mas era em termos convenientes essa nota não é verdade?!

— Oh! meu senhor, um simples aviso... tornou Manique, volvendo logo:

— Com que então recolheis de novo a Mafra?!

— Sim... Na primeira semana... Só estou bem entre os bons frades... e sua alteza deixava o intendente e avançava logo para um homem magro, anguloso de perfil, que entrava e ao qual beijava a mão, dizendo:

— A vossa benção, meu padre!...

Manique, deixava-o para se acercar do presidente do erario que o interrogava á pressa:

— Então... então...

— Disse-lhe tudo!... respondeu o intendente a mostrar-se forte.

— Ah! E sua alteza?! perguntou de novo o marquez de Ponte de Lima deveras assustado.

— Concordou com a vossa deliberação!...

— Dizei antes com a vossa, Manique!... exclamou o ministro ainda cheio de medo.

O intendente encolheu os hombros e volveu:

— Sim se o quereis... Mas desde que sua alteza approva porque não será d'ambos! Olhae, como é feliz o bom principe junto do superior de Mafra?!...

XLII

O contrabando

HEGAVAM sempre generaes e officiaes de tódas as armas, fidalgos e damas que se approximavam n'uma grande galhardia de trajes.

Luiz Pinto chegava tambem e acercava-se logo do presidente e de Manique dizendo:

— Então, fallasteis a sua alteza ?!...

— Sim... Tudo lhe disse... retorquio o intendente.

— E persiste, não é verdade ?! Não quer rectificar a patente de Gomes Freire concedida por Lafões ?!

O intendente encolheu os hombros e redarguiu:

— Mas nem d'isso lhe falei... Sua alteza estima vos muito para retirar a sua palavra e deseja que não quereis a nomeação do brigadeiro...

— Eu ?!... Não, meu caro, apenas observo que elle está melhor á frente do seu regimento... E' francez de mais aquelle homem... concluiu o ministro com grande franqueza e perguntando logo:

— Mas a que vos referieis quando declaraste ter dito tudo a sua alteza ? !

— Ah! referia-me ao negocio de Lannes!...

— O contrabando ?!

— Sim, excellencia, o contrabando que o embaixador faz como um miseravel!

— O meu aviso seria mettel-o na cadeia! murmurou n'este momento o ministro da marinha que se approximava.

— E eu sou d'egual parecer, senhor Rodrigo Coutinho, declarou logo o intendente.

— Ouvi... Tanto mais que a paz d'Amiens torna a Inglaterra amiga da França e dá-nos certa influencia para com o primeiro consul...

— Assim é, applaudiram todos deveras convictos ao ouvirem o ministro exprimir-se de semelhante modo.

Mas á porta apparecia um homem alto, magro, de suissas até meio das faces, olhos vivos, os cabellos sem pós, fardado n'esse uniforme simples mas imponente dos republicanos:

A casaca curta, azul, com botões d'ouro, onde se via o emblema republicano, calça branca e bota alta com esporas d'ouradas, o tricorne emplumado, a cinta tricolor.

Entrava pausadamente, um pouco ironico, ao vêr a côrte reunida, passava em frente dos cortezãos que o saudavam e dirigia-se na mesma andadura para o principe que continuava a fallar com o frade de Mafra.

— Lannes?! exclamou o presidente do erario todo assustado.

— O embaixador! disse o ministro da guerra tornando-se pallido.

— O hereje! murmurou Rodrigo Coutinho recuando.

O intendente fusilou um olhar e volveu:

— Então, meus senhores, o embaixador francez cumpre o seu dever. Vem saudar o regente pelos seus annos...

Do lado opposto a porta abria-se e Carlota Joaquina entrava tambem, seguida das suas damas na primeira fila das quaes se via a condessa da Ega e avançava por entre os dorsos curvados, passava junto do embaixador francez que continuava no seu aprumo e lançava-lhe um olhar d'odio ao vel-o impassivel.

A côrte, ao notar a descortezia do general ficou perplexa, ouviram-se rumores que o francez escutou da mesma maneira serena e Manique disse:

— E' contra a etiqueta!

— Oh! Bem se vê que foi ferreiro! rosnou Luiz Pinto.

O regente ia ao encontro da esposa, porém Lannes collocou-se entre ambos, embargou-lhes o passo e ante a côrte que continuava a murmurar, exclamou em voz vibrante:

— *Mr. du Brésil!...*

Ante aquelle tratamento novo, a suppressão do titulo de principe, o pasmo redobrou.

D. João sorriu com certo embaraço e a mostrar-se jovial, respondeu:

— Como estaes, senhor meu compadre?

— *Mr. du Brézil,* tornou o embaixador do seu modo ironico cada vez mais aprumado.

A côrte recuou, um sussurro se ouviu e elle sem a menor alteração de maneiras, bradou:

— Sabeis dizer-me o que vem este insulto dos vossos funccionarios?!

E o general ia directamente ao fim sem embargo, estendia o papel enviado por Manique e concluia a dizer:

— Dar-me heis uma satisfação, não é assim?!

D. João, agora muito livido, olhava a esposa, collocava-se-lhe ao lado e murmurava:

— Sim... Sim, cidadão... Vou apresentar isto ao meu conselho...

— Ao vosso conselho?! disse ainda meio insultuosamente.

— Sim, general...

— Chamae-me embaixador! bradou deveras enfurecido começando a fazer a questão do tratamento.

— Pois bem, embaixador, volveu o regente com grande humilhação, buscando sorrir:

— O meu conselho decidirá...

— *Mr. du Brèzil* e acaso a França, a grande França, que eu represento, acaso o cidadão Bonaparte, o primeiro consul, podem aguardar a deliberação do vosso conselho?!

Os fidalgos tornavam a murmurar ainda indignados e Lannes sem o menor receio, continuava:

— Sim... Acaso podemos esperar?!... Então a França é insultada na minha pessoa por esse aviso e ha-de aguardar que uma duzia de portuguezes se reuna para deliberarem?!

— Porém, embaixador, consta...

LANNES

— O quê, *mr. du Brézil?* tornou da sua fórma ironica.

— Que contrabandeaes!...

— Eu?! Mas apenas tomo os objectos de que careço como embaixador d'um paiz amigo, garantia concedida a todos os outros embaixadores!... Olhae que começaes de novo a desagradar á França...

— Mas falla-se d'um milhão de cruzados ..

— Um milhão?!...

E o embaixador sorriu desdenhosamente.

— Por quem me tomaes, *mr. du Brézil*... Um milhão?!... Quereis então que o embaixador da poderosa França gaste apenas semelhante quantia?!

— Mas as leis do reino...

— Do reino?! Que me importa o vosso reino?! Estou aqui no uso d'uma missão diplomatica e posso fazer o que quizer n'esse ponto, de me servir dos objectos necessarios á minha pompa!... Quiz sedas para vestir os meus lacaios, mandei as vir!... Um milhão de sedas é pouco...

— Mas n'esse caso tendes um verdadeiro exercito em casa... tornou o regente buscando harmonisar tudo.

— *Mr. du Brezil*, um general que se presa julga-se sempre n'um commando... E ao recordar-me que Bonaparte me enviou para aqui onde estou inactivo sinto-me em desagrado!... E' um castigo do consul!... Depois nos outros paizes, um homem como eu habituado á diversidade sempre encontra diversões... Aqui? Oh! Por Deus... Os theatros são pardieiros e em compensação os espectaculos dão-se nos conventos, os funccionarios são estupidos, os edificios pardieiros... O clima não é mau mas eu estou farto de tanta paz, de tanta calma!... Parece que sois todos uns grandes peccadores porque não ouço mais do que cantochões, porque apenas vejo frades pelas ruas... Oh! *mr. du Brezil*, eis a razão porque tenho tantos creados, porque me rodeio de pompa... Quando estou aborrecido visto os de generaes e de funccionarios do Directorio e julgo-me em França... Sabeis que todos em França teem espirito?!... Tanto os lacaios como os grandes!... E prefiro isso aos saraus da vossa côrte...

— Oh!... Oh!... e ouviu se um brado d'indignação immensa sahido de todos os labios.

Pina Manique, fez se livido, os ministros tornaram se pallidos,

Carlota Joaquina bradou então enraivecida sem poder conter a sua ira:

— E sabeis a razão porque em França todos teem egual espirito, sabeis porque acham a graça nos lacaios?!

O embaixador olhou-a serenamente e redarguiu impavido:

— Porque a França tem o condão do bom espirito!

— Sim... Espirito de farça!... volveu a regente.

— *Madame do Brezil,* disse Lannes com desembaraço. Não continueis! Sei o que ides dizer...

— Mas ouvi sempre! e ella com aprumo, ferida no seu orgulho ao vêr-se assim tratada, ella que tanto conspirara para ser rainha, para merecer o tratamento e os respeitos, exclamou:

— Em França, os senhores do poder, vieram do povo, de baixo... Uns eram soldados e appareceram generaes, outros eram ferreiros e transformaram-se em embaixadores, e maioria eram camponios e foram feitos militares de grandes patentes, expulsaram os nobres e como os dominadores são plebeus tem o espirito das massas e só acham graça e galanteria nos da sua egualha!...

Um sussurro approvativo passou na sala e o regente lançou á esposa um olhar supplicante.

XLIII

O insulto

ENTÃO Lannes com uma raiva intensa, bradou:

— *Madame du Brezil*, tendes os habitos de Maria Antonietta!... Não é verdade, senhor duque de Coigny?!... e voltou-se para o amante da infeliz rainha que muito livido se affastou sem responder.

— Oh!... Os habitos de Maria Antonietta não é verdade senhor conde d'Alva? e repisou a phrase a que Ramiro não respondeu.

E que podeis dizer de Maria Antonietta, senhor Lannes? Dir-se hia que entrasteis muitas vezes nas Tulherias a concertar as fechaduras da alcova dos reis de França! exclamou n'este momento uma voz vibrante.

Lannes sentiu no rosto essas palavras como se fossem uma chicotada e ao voltar-se viu na sua frente Gomes Freire que vestido de coronel da Russia, tomava a defeza da princeza.

— E vós, senhor, dir-se-hia que a tratasteis de perto quando...

— Quando a visitei em Versailles á volta da côrte de Catharina II da Russia onde distribui cutiladas nos turcos!

— Sois portuguez?! exclamou Lannes assombrado ao vêr o official, ao lêr no seu rosto uma extranha expressão de heroicidade.

— O mais portuguez possivel, senhor embaixador!...

— No emtanto...

— E' o meu uniforme que estranhaes ?! Sabei pois que se assim me vesti é porque aguardo que sejam pregados os galões na minha farda de general! Olhou o regente, olhou a côrte, deixou passar a vista no ministro da guerra e voltou-se rapidamente ao ouvir Lannes dizer:

— Pois deveis n'esse caso saber se os habitos de *madame du Brezil* não são semelhantes ao da Capeto!

O embaixador insistiu no insulto e o coronel de Catharina II bradava enfurecido:

— Senhor, nem mais uma palavra, ou por S. Jorge vos juro que em vez de vêr em vós o embaixador de França, verei o insultador dos meus soberanos e n'esse caso, a espada que Catharina II me confiou sahirá da bainha em defeza dos insultados!

— Senhor! bradou enfurecido o general. Pareceis saber tudo do mundo á excepção do meu nome!

— O vosso nome é João Lannes como o meu é Gomes Freire de Andrade, a vossa tradição de bravura chegou-me aos ouvidos e por isso vos desafio, porque não costumo dar a toda a gente a honra de se bater commigo!

— Brigadeiro! Brigadeiro! supplicou o regente

E a côrte precipitou-se entre elles que avançavam desesperados um para o outro.

— Brigadeiro! tornou D. João ao vêr Gomes Freire ainda no fito de atirar a luva á cara do francez. Ordeno-vos a sahida!...

— Alteza real, sim... O coronel da imperatriz vae sahir mas para dar entrada ao brigadeiro de vossa alteza!

D. João commoveu-se tomou o braço do general e murmurou:

—Ide-vos... ide-vos... Levae comvosco a princeza!... Supplico-vos senhora que o acompanheis...

Carlota Joaquina sorriu ao general e collocando a sua mão na d'elle deixou se conduzir para fóra da sala. O embaixador francez clamava:

— Preciso uma dupla satisfação, *mr. du Brezil*... Sim, agora é em nome da França que vos fallo! Napoleão vingará a minha honra tomando o vosso paiz!... Acceitae as minhas despedidas, pois fui insultado na vossa côrte!

O principe começou a tremer ante as palavras do embaixador

francez, pareceu-lhe vêr a guerra proxima, os soldados invadindo a sua patria, Napoleão assenhoreando se do seu throno e titubeou:

— Por Deus, ouvi...

— Nem mais uma palavra, *mr. du Brezil.* O representante da França não fica nem mais um minuto sem satisfações!

— Então, escutae...

— Serei vingado?!

— Sim... sim... Vinde commigo! e D. João tomou lhe o braço e arrastou-o para o seu gabinete emquanto a côrte ficava a murmurar.

Ao mesmo tempo Carlota Joaquina atravessava a galeria pela mão do brigadeiro e perguntava-lhe:

— Porque envergaes esse bello fardamento de coronel?!

— Alteza, porque desconheço a minha patente no exercito portuguez!... O duque de Lafões me fez general e sua alteza o regente me deixou em brigadeiro.

— General sereis! affirmou a prinzeza dizendo logo:

— Como comprehendo bem a vossa heroicidade... Ah! Gomes Freire, se tivessemos em Portugal seis militares e seis bravos como tu...

— Teriamos tomado doze aldeias á Hespanha em vez de duas e teriamos soffrido doze humilhações em vez d'uma...

— Então...

— Senhora... Expulse vossa alteza os ministros que generaes apparecerão!

— Se eu fosse a unica rainha... murmurou ella.

— Tereis agora o poder de expulsar esse miseravel francez, mas alteza, sabei que o insulto seria ouvido do mesmo modo pelos vossos cortezãos sem que uma espada sahisse da bainha... Ah! Se um pobre morto que vos adorava o tivesse ouvido...

— De quem fallaes? exclamou ella buscando leval-o para os seus aposentos.

— Da pessoa a quem desteis este retrato no fim de fazerdes d'elle um heroe!

E estendia lhe o retrato manchado de sangue que retirou do peito de André de Meria e dava o á princeza que se tornava pallida e exclamava:

— Mas só hoje, brigadeiro, m'o entregaes?!

— Bem sabeis que sou mais afeito ás minhas terras do que a côrte!

Cumprimentou-a com a graça d'um perfeito cavalleiro e apesar d'ella indicar a porta dos seus aposentos para que entrasse, Gomes Freire recuou.

XLIV

Palavra de rei

CARLOTA Joaquina, occultou á pressa o re tratoao sentir passos, e ao vêr o regente que chegava como abatido e a olhava n'uma doce expressão, sentindo-se muito desgraçado.

— Meu senhor, exclamou a princeza sorrindo-lhe affectuosamente, sentindo-se agora bem sua companheira de desgraça ante o insulto do embaixador.

— Carlota!

E tomou lhe as mãos que conservou nas suas.

— Tenho uma graça a pedir-vos! tornou a adultera.

Elle fez-se mais pallido e murmurou:

— Dizei...

— Quero a patente de general para o brigadeiro! e apontava Gomes Freire que a olhava admirado.

D. João baixou a cabeça, arrastou a mulher para o interior dos aposentos, fez um gesto ao brigadeiro e murmurou:

— Não vá alguem ouvir-nos, senhora!

— E porque?! gritou a princeza admirada.

— Porque é essa uma graça que não posso conceder-vos...

Carlota Joaquina, ainda mais admirada ficou ao ouvil o fallar d'aquelle modo e tornou:

— Mas que quereis dizer?! Qual a razão porque não posso fallar alto no meu palacio?...

— Já desagradasteis tanto a *mr.* Lannes!

— A *mr.* Lannes! Mas que tenho a vêr com esse homem?! exclamou no auge de colera. Dir-se-hia, meu senhor, que o temeis!

— Assim é! confessou muito ingenuamente o regente.

— Meu senhor! exclamou então Gomes Freire sem poder conter-se. Vossa alteza não deve temer ninguem no seu reino... O futuro D. João VI de Portugal, o descendente dos Braganças, não póde temer o ferreiro Lannes!

— Que representa Napoleão Bonaparte...

— O soldado da republica!

— E que, segundo dizem, tu admiras, Gomes Freire!

— Meu senhor, sim! Admiro o soldado de Campo Formio, de Magasta, de Montebello, o forte capitão do Egypto, o grande general que domina a França... Mas isso não impede que defenda o meu principe, que cumpra o meu dever...

— Mesmo assim com o uniforme extrangeiro?!

— E' que, meu senhor, não sei qual é o meu em Portugal!

— O de brigadeiro... Commandas o teu regimento em Campo d'Ourique! Não posso dar-te as distincções que Lafões concedeu...

— Mas meu senhor, porque?! bradou Carlota Joaquina.

— Porque palavra real não volta atraz! volveu Gomes Freire, e sua alteza deu a sua ao embaixador francez!

— Assim é!... confessou de novo muito perturbado.

Carlota Joaquina, fez-se pallida e exclamou:

— Pois fizéstes semelhante cousa?!

— E acaso podia fazer outra cousa?! interrogou elle cobardemente.

— Senhor!

— Sim, Carlota, Lannes ameaçou-nos com a republica, quiz absoluctamente que castigasse o brigadeiro, desejou que demettisse Pina Manique do logar de director das alfandegas...

— E vós?

— A tudo cedi!... Que quereis... Se elles nem respeitaram Luiz XVI...

— Oh! Cobarde! Cobarde!...

— Mas foi para que Portugal não padecesse!

— Oh! meu senhor, sois patriota não é verdade?! Mas o vosso patriotismo faz-me lembrar o amor d'um filho que vendo insultar sua mãe a defende fugindo com ella de rastos, exclamou a princeza deveras enojada.

— Mas acaso poderia eu acceitar que o embaixador sahisse?!

— Era o vosso dever...

— O quê?! N'este momento em que se conclue a paz com a Inglaterra?!.. Mas se estamos abandonados... A Hespanha odeia-nos, a França cubiça-nos, a Inglaterra deixa-nos...

— Ah!... E Portugal que nunca precisou d'essas nações deve responder-lhes com a sua altivez! bradou o brigadeiro. Meu senhor, é preferivel a morte com honra á vida deshonrada!...

— Mas e nós... A familia real?!... Que nos succederia?! clamou o principe muito assustado.

O brigadeiro calou-se, baixou a cabeça e ficou a pensar.

Eram cento e sessenta e dois da dynastia que se encontravam bem ali n'aquellas palavras do Bragança João, sexto do nome.

As taras hereditarias manifestavam-se bem n'esse rei egoista, que tudo sacrificava ao commodismo dos seus. A raça real degenerada apresentava-se agora bem a nu. Não era o sangue do santo condestavel que se manifestava, devia ser antes o da filha de Mem Barbudo o sapateiro.

Como o heroe via agora bem os principes, elle que os defendia.

Lembrava-se então de João IV, o rei á força, o timido que curvado ante Castella recusára o throno; depois de Affonso VI, o idiota corôado, o epileptico assassino e lascivo que descera a todas as baixezas, ainda Pedro II o criminoso que nos perdera com o tratado de Methwen e roubara a mulher ao irmão. Por fim o João V, o lascivo amante da madre Paula, esbanjador perdulario e freiratico que deixara a José I o erario vasio e o titulo de Fidelissimo que representava uma baixeza ante o papa.

E aquella Maria I, a doida, com a tara de seu tio bisavô, gerara o cobarde, o pusillanime, curvado aos pés dos frades como seu bisavô, esmagado aos pés dos francezes como o fundador da dynastia brigantina aos pés dos hespanhoes.

Uma onda de colera lhe subiu ao rosto e o heroe, bradou:

— Mas senhor, vossa alteza, tem obrigação de defender o thro-

no de Portugal, mas não pode para salvar esse throno pôr de rastos a terra portugueza onde elle assenta!

— Brigadeiro! gritou o regente como louco.

— Meu senhor, perdoae, porém eu tenho a mania da franqueza! Fazei de mim o que quizeres mas escutae-me...

— Sabeis que a França nos insulta pela voz do seu embaixador, que vos chama *mr. du Bresil* negando-vos o tratamento d'alteza e consentis ainda em acceder aos seus desejos?! Meu senhor, Lannes é um antigo ferreiro e nas vossas veias corre o sangue de reis... Não deis razão á revolução franceza rojando-vos assim, não imiteis Fernando IV de Napoles, sêde activo e respondei-lhes afoutamente, porque o velho aço das espadas portuguezas ainda tem o mesmo brilho, e as laminas o mesmo agudo fio!

— Muito bem! exclamou n'aquelle momento uma voz á porta.

E o intendente da policia, radiante e admirado, estendeu a mão ao brigadeiro, que mais admirado ainda a apertou na sua.

Depois para o regente n'uma venia, disse:

— Meu Senhor, perdoae... Mas que desejaes de mim?...

— Manique, deixarás a direcção das alfandegas...

O intendente estremeceu, fez-se livido e redarguiu:

— Quem é o francez que me substitue?

— Intendente?! exclamou o principe fazendo-se pallido.

— Não o quero ser, meu senhor! Peço-vos para recolher ás minhas terras... Sim... Não quero ser intendente da policia desde que os herejes dão leis em Portugal!

— Sim, meu senhor... Eu sirvo os vossos desde el-rei D. José... Combati primeiro os jesuitas nos quaes via como Pombal o maior perigo para o reino, depois quando elles sahiram, depois de conspirarem dei-lhes golpe mortal... Appareceu então outra seita, talvez mais perigosa para o throno, os pedreiros livres, tinham bebido as suas ideias n'essa França de peccado e maldição e entrei a combatel-os com denodo... Meu senhor, não poupei ninguem!... Os grandes da côrte foram accusados, bem os militares e até alguns sacerdotes como o abbade Correia de Serra e o padre Conceição Velloso!... Os poetas como Fylinto Elysio, como Bocage, os industriaes como Jacome Ratton, os sabios como Avellar Brotero, os grandes fidalgos como o conde de Assumar foram perseguidos para gloria do throno de vossa augusta mãe... E no fim, meu senhor,

hoje sinto bem inutil toda a minha obra... Os jesuitas enlouqueram Maria I, os pedreiros livres apossaram-se do vosso animo... Sim, meu senhor, eu passei a vida a combater as seitas negra e vermelha e no fim sou esmagado!... São os mais fortes do que vejo... Por isso e ainda no interesse de vossa alteza peço que deis a outro a intendencia como daes a Alfandega...

Estavam todos admirados pelas expressões do intendente e elle continuava impavido.

— Meu senhor, bem vêdes que um intendente de policia menos habil que os criminosos não vos convem... Meu senhor, sou um vosso humilde subdito!...

Suffocou a colera, recuou e sahiu do aposento sem guardar a resposta do principe o qual se deixou cahir na poltrona, murmurando:

— Oh! Oh!... Começa a debandada!... Está proximo o fim... Como Luiz XVI...

— Meu senhor... Tem razão o intendente! exclamou Gomes Freire.

— Ah! e és tu a quem mil vezes accusava de pedreiro livre, que és por elle contra mim?!

— Meu senhor, mais uma razão... Se me accusava é pouco habil, viu mal! E não deveis ter ao vosso serviço funccionarios d'esse jaez...

Sorriu e continuou:

— O intendente, nos dois largos periodos da sua vida, encontrou-me sempre... Primeiro salvou-me na sua lucta contra os jesuitas, depois perdeu-me na sua lucta com os pedreiros livres. Meu senhor, é o fim d'ambos... E eu peço-vos licença de sahir para as minhas terras visto a paz ir reinar...

— E o teu regimento?!

— Meu senhor... Tenho lá o meu coronel em quem confio... Sou um humilde subdito de vossa alteza!... e sahiu depois de cortejar o regente e a princeza tilintando as esporas no corredor.

— Oh!... sou muito desgraçado, exclamou então D. João com um calafrio.

— Sois apenas muito fraco! gritou Carlota Joaquina com a mais intensa colera.

— Sede ao menos minha amiga... titubeou o pobre principe.

— D. João, sou obrigada a ser a vossa esposa, mas não a vos amar!... e com altivez avançou para o aposento contiguo e fechou a porta.

O regente baixou então a cabeça, e algumas lagrimas ihe correram pelo rosto, ao erguel-a viu na sua trente o D. Prior de Mafra que lhe dizia:

— Alteza: é verdade o que me disse o general Lannes?

— Ah! A respeito do crucifixo de prata que está na egreja de Mafra?! Sim, offereci-lh'o...

— Meu senhor... Mas é um presente de D. João V...

— Que D. João VI pagará pelo triplo do seu valor...

— Mas onde achar egual obra d'arte?! bradou o padre deveras enfurecido.

— Oh!... mandar-se-ha fazer...

— Meu senhor, é impossivel... Os bens de Mafra não sahem para o extrangeiro!

— Quereis então que vol-a tomem á força?! exclamou elle espavorido.

— Mas quem, meu senhor?

— Os francezes?! Esses que mataram Luiz XVI... Oh! daelh'o meu padre...

— Mas nunca, meu senhor! retorquiu elle do mesmo modo cheio de raiva.

— Nunca?! Oh! Dom Prior obrigaes-me a forçar-vos...

O padre fez-se pallido, baixou a cabeça e sahiu sem o cumprimentar.

— Ah! Que desgraçado... Todos me abandonam... Todos... Oh! A justiça, o clero, o militarismo... Elles que são duas classes, dois poderes do estado... A nobreza e o clero... Mas que me resta então?!

— O povo!... o povo!... o povo!... gritou uma voz junto d'elle, e D. João ergueu-se d'um pulo ao vêr sua mãe, a rainha louca, de cabellos cahidos, a bocca esgarçada n'um riso, a abraçal-o, a exclamar:

— São os teus annos... São os teus annos... Toma o meu beijo!...

Escurecia pouco a pouco, começava a chover lá fóra, nuvens pesadas dominavam o espaço como um tecto de chumbo e elles *ali*

estavam abraçados sem proferirem palavra, symbolisando o fim d'uma raça, representando um paiz:

— Uma rainha louca, um principe cobarde! unidos um ao outro, chorando·

A chuva cahia com força, um trovão enorme se ouviu e um relampago illuminou o aposento. D. Maria I, soltou um grito e abraçou-se mais com o filho a murmurar:

— Oh!... oh!... O fim do mundo... o fim da nossa raça!... Lá vêm os aventureiros, os herejes!... João, tenho medo!... Ah! agora o povo, só o povo!...

— O povo n'estes tempos apenas serve para cortar as cabeças dos soberanos!... exclamou a voz do embaixador francez que passou no corredor todo aprumado na sua farda.

E D. João murmurou enlaçado com a louca:

— Minha mãe!... oh!... minha querida mãe... A sorte de Luiz XVI é o que me espera!...

Beijavam-se bem unidos, ficavam a chorar nos braços um do outro.

A' porta apparecia o perfil negro do bispo do Algarve a envolvel-os n'um extranho olhar d'odio, como a dizer-se satisfeito com a sua obra de Tavora vingativo que via a rainha louca chorando abraçada ao cobarde principe, e dos seus labios sahia n'um murmurio, uma phrase de grande satisfação:

— Oh! o cadafalso de Belem não ha-de ser o unico!...

— Porque ainda falta erguer o teu, Dom patife!... e o bobo appareceu de repente e lançava-se como um cão fiel aos pés da rainha.

O Tavora cruzou os braços e ficou a rever-se na sua obra.

A chuva continuava a cahir com força e os trovões ribombavam no espaço, e na luz azulada d'um relampago o bispo parecia crescer na sua attitude de algoz dos reis.

FIM DA SEGUNDA PARTE

NAPOLEÃO

TERCEIRA PARTE

A INVASÃO FRANCEZA

I

Os tres embaixadores de Hespanha

' entrada do castello de Saint Cloud (*), em frente da grade, acabava de parar um magnifico coche com figuras douradas e em cuja taboa dois lacaios empoados, trajando a mais opulenta das librés, se perfilavam n'um aprumo cheio de correcção, ao mesmo tempo que um dos moços da boléa se apeava, e de chapéo na mão corria a abrir a portinhola onde esvoaçavam dois anjos de carnes rosadas, segurando uma corôa ducal sob a vidraça crystallina, que ao abrir-se deixava vêr o perfil magro mas magestoso d'um homem vestido em todo o rigor da etiqueta e de cujo pescoço pendia o Tosão d'ouro, a ordem de Hespanha só conferida aos principes e aos confidentes d'alto nascimento dos principes madrilenos.

Apeou-se por entre as reverencias dos lacaios, encaminhou-se n'um andar grave para a entrada do parque, e perdeu-se no vesti-

(*) Saint Cloud (burgo da ilha de França) Seine e Oise a 2 leguas a oeste de Paris, na margem do Sena perto de Sevres. O parque foi plantado por le Nôtre. A casa d'Orleans habitou este castello comprado por Luiz XIV ao arcebispo Guidi. Bonaparte ahi viveu e Henrique III ahi foi assassinado em 1859

bulô pejado d'altos dignatarios francezes, entre os quaes se viam officiaes de todas as armas nos brilhantes uniformes do primeiro mperio.

Ainda mal o dignatario se perdera no vestibulo da imperial morada, já um outro coche menos rico mas do mesmo galhardo e espaventoso aspecto, parava junto ao castello. Os creados da taboa apearam-se e ajudaram a descer um velho fardado, como os diplomatas extrangeiros, mas sem a imponencia do que primeiro entrara.

Era no dia 31 de junho de 1807. Bonaparte, sagrado imperador desde 1804, acabava de vencer em Austerlitz, a mais brilhante das suas batalhas, em Iena e em Friedland, e assignara a paz de Tilsit que assegurara a paz na Europa e causava uma grande alegria em França.

No emtanto, nos corredores de Saint-Cloud, onde o soldado-imperador, o mais extraordinario dos guerreiros, se encontrava, os jovens generaes, os capitães ousados d'esse novo Cesar, ao mesmo tempo que aguardavam a audiencia, lamentavam essa paz que lhes ia demorar as promoções ao marecholato, a fim de todo o bom soldado d'esse imperador cujas victorias assombravam o mundo.

Nos aposentos reservados de Napoleão Bonaparte, mobilados com a maxima simplicidade, forrados d'estantes altas, onde se apresentavam as lombadas de livros com titulos em latim, sentado n'uma poltrona vasta d'espaldar oval, guarnecida de velludo, e ornada com as aguias a ouro, em face da vasta secretaria coberta de papeis, e por detraz da qual se via um grande relogio de bronze, o imperador meditava.

Era baixo, pallido, os olhos ruivos como os da ave de presa que escolhera para symbolo, o cabello ralo com uma madeixa mais farta sobre a testa ampla, a bocca franzida n'um tic nervoso, o nariz um pouco curvado na macillencia da physionomia. Vestia como sempre um simples uniforme de caçador, sem ouro, sem galões, no peito resaltava a legião d'honra, sobre uma cadeira via-se o casacão claro de nomeada universal, bem como a espada que refulgiu ao sol de tantas victorias, como se fosse partir desde já para novas luctas.

No chão, a seus pés, jazia um mappa da Europa como se elle o calcasse, e com a mão mettida no peito da farda, a cabeça pendente, o imperador agora parecia muito preoccupado.

MASSENA

De repente ergueu-se, chegou-se á porta e murmurou para fóra apenas uma palavra, laconicamente, como nas proclamações:

— Savary!

— Sire! respondeu uma voz, ao mesmo tempo que um homem alto, de sobrancelhas carregadas, fardado de general, entrava no aposento.

— Ouve, meu bravo, tornou o imperador seccamente da sua fórma laconica:

— Vaes á São Petersburgo...

— Sim, sire... respondeu o general com aquella firmeza e com a natural obediencia dos soldados do primeiro imperio.

— Irás e dirás ao czar que somos sinceros e que se quer vêr continuada a paz de Tilsit deve ser franco...

— Conheces o imperador Alexandre, não é assim?!

— Desde Austerlitz... respondeu Savary.

— Bem. Dir-lhe-has quaes as nossas intenções ácerca da Inglaterra. E' necessario rendel-a pela fome... Quero os portos fechados! Elle que decida... Ou obedece e terá a paz, ou trahe-nos e terá a guerra... N'este ultimo caso invadiremos a Finlandia! Dize-lhe que desde o Rheno ao Niemen tenho 420 mil soldados com que invadirei a Panerania Sueca, manobrarei na Polonia e na Prussia... Dize-lhe mais; que entre os meus marechaes estão n'este exercito Ney, Massena, Lannes, e o principe de Pontecorvo, Benardotte, ao qual reservo o throno da Suecia, no caso de rebellião dos actuaes soberanos! Vae! .. Sabes que careço da tua experiencia e do teu espirito...

— Sire!... São favores de vossa magestade! replicou o general todo lisongeado.

— Vae! ordenou Bonaparte no mesmo tom secco sem um sorriso. Dize-lhe que a paz continental está segura e que a paz nos mares a obteremos pelo concurso voluntario ou obrigatorio de todas as potencias!

— Sim, sire!

— Vae! ordenou novamente.

— Mas, sire, está ali o embaixador de Hespanha.

— Ah!... Tayllerand tinha-me fallado de tres embaixadores d'essa potencia! volveu o imperador como assombrado.

— Sim, sire, assim é! tornou Savary no seu modo humilde.

— N'esse caso de qual se trata?! interrogou á pressa o imperador.

— Do senhor duque de Frias...

— Quem é esse homem?!

— Um velho fidalgo, ou antes um dos mais antigos nomes de Hespanha, faustuoso e galhardo, grande de primeira classe, e o qual vem enviado da parte de Sua Magestade Catholica Carlos IV como embaixador extraordinario.

Napoleão baixou a cabeça e perguntou:

— Mas ha o representante official d'essa nação...

— Sim, sire... Um tal Masserano, pobre e simples diplomata, que tambem ali se encontra, mas do qual não vale a pena fallar... Nada sabe dos negocios do seu paiz...

— Bem... E o terceiro?! perguntou o imperador do mesmo modo.

— Esse, meu senhor, é apenas um habil agente do principe da Paz, chama-se Izquierdo...

— Do principe da Paz?! exclamou Napoleão erguendo-se.

— Sim, sire.

— Ah! Mas é quem governa a Hespanha, ao que ouço, esse tal principe... Chama-se...

— Manuel Godoy... Era simples alferes de cavallaria, d'uma familia pobre, e subiu até ao tratamento d'alteza...

— Mercê dos seus amores com a soberana, com essa Maria Luiza, a mãe d'uma rainha que governa em Portugal...

— Sim, sire! bradou o general deveras admirado e accrescentando: A mãe de Carlota Joaquina, que pelos modos herdou os defeitos da rainha de Hespanha.

— Em proveito tambem d'algum favorito?! interrogou o imperador com um meio sorriso.

— Não, sire... Ella é menos constante do que a mãe, ao que me diz o general Junot que foi embaixador em Portugal, após a retirada de Lannes...

— E que irá commandar o exercito que vou enviar á Lusitania!

— Portugal invadido?! exclamou o general no auge do pasmo.

Napoleão, sorriu novamente e volveu:

— Ainda não... No emtanto veremos o que diz o seu embai-

JOSÉ BONAPARTE

xador... Será o primeiro a ser recebido .. Sim, entre uma nação que nos envia tres embaixadores e uma que apenas tem o seu representante official ha a medir os receios... Portugal, após a campanha de 1801, parece de mal com os inglezes e eu careço aproveitar esse mau humor... Vê se o encontras e que entre... Ouve, Savary, como se chama o embaixador portuguez?!

— D. Lourenço de Lima, sire... E' filho d'um ministro portuguez!

— Pois que entre!

E o imperador fez um gesto ao general para que sahisse rapidamente.

II

D. Lourenço de Lima

Na ante-camara os embaixadores das potencias, aguardavam o momento de serem recebidos pelo imperador, afim de o felicitarem pelas suas brilhantes victorias.

Os tres hespanhoes, o duque de Frias, que primeiro chegou, em toda a sua pompa de grande de Hespanha, Masserano no uniforme de plenipotenciario e Izquierdo, vestido muito simplesmente de negro, com a cruz de Calatrava suspensa do pescoço, ergueram-se e correram para o general que os deteve com um gesto, dizendo:

— S. M. pede que aguardeis!...

E avançou para um homem baixo e gordo, coberto de bordados e de gran-cruzes, o qual se encolhia pelos cantos confundido na multidão. No seu rosto vermelhaço, notava-se alguma cousa de religioso, nos seus modos muito de unctuoso e estremecia ao ouvir o general dizer:

— Mr. de Lima, sua magestade imperial vos aguarda!

— A mim?! murmurou melifluamente, deveras pasmado.

— Sim, a vós... S. M. quer distinguir-vos recebendo-vos primeiro e n'uma entrevista particular!

O embaixador portuguez, sorriu, começou por julgar-se uma

SOULT

importante personagem e seguia Savary até ao gabinete de Napoleão.

Fez tres reverencias á entrada, recuou para se approximar de seguida, ao mesmo tempo que o imperador no seu ar sereno, apenas inclinou a cabeça, dizendo para Savary:

— Sahe!

E logo para o embaixador, exclamou:

— Sois o ministro de Portugal?!

— Sim, sire!

— N'esse caso, deveis estar informado ácerca d'uma nota que dirigi em 1801 ao vosso governo...

— Sobre o marechal Lannes?! interrogou estupidamente o embaixador.

Napoleão, olhou desdenhosamente e tornou:

— Não. Isso foi no fim de 1802... N'esse tempo ainda era primeiro consul! Quero fallar de Inglaterra... E já que desconheceis o motivo d'essa nota ouvi o que desejo:

— Dentro em oito dias podereis ter aqui uma resposta do vosso governo a uma carta urgente?!

— Preciso doze, sire! volveu elle todo sorridente

— Pois em dez dias careço d'essa resposta... Ouvi: «Portugal nada tem a ganhar com os inglezes que são os seus peiores inimigos... Eu o sei, eu o digo. Sou amigo d'essa potencia pequena, mas valorosa. No emtanto se não accederem aos meus desejos não terei duvida em invadir Portugal...

Ante um gesto pasmado do embaixador, Napoleão continuou da mesma fórma serena:

— Serão expulsos os inglezes do territorio lusitano, apprehendidos o seu commercio, pessoas e cousas!

— Sire!... bradou elle no auge do pasmo.

— Sim... E acreditae que livro o vosso pequeno paiz dos seus peiores inimigos!

— Sire!...

— Escrevei... Aguardarei doze dias e findos elles, um exercito francez partirá de Bayonna para Salamanca, de Salamanca para Lisboa, tomareis os vossos passaportes e á força vos livraremos dos inglezes! Ide, senhor!

— Eu vou escrever já ao meu governo, mas acho impossivel...

Napoleão, ergueu-se d'um pulo, e em face de D. Lourenço de Lima, bradou:

— Eis uma palavra que vou riscar do diccionario francez! Ide! .. E ficou sereno no meio do aposento, a mão no peito da farda a olhar Savary que entrava de novo.

— Savary, parte, mas antes d'isso envia-me Berthier, o ministro da guerra.

— Sim, sire... E que resolveis ácerca dos hespanhoes?!

— Ah! Receberei primeiro o enviado do principe da Paz que dizes ser habil agente! Depois o duque de Frias, por fim o verdadeiro embaixador.

— Sim, sire!

D'ahi a momentos, o ministro da guerra, o general Berthier, que commandara em Hespanha os 15:000 granadeiros em 1801 contra Portugal, entrava nos aposentos do imperador.

Era um individuo alto, de cabello encaracolado, olhos azues, a testa enrugada e a cara rapada, fardado de marechal:

— Meu principe, exclamou o imperador ao vel-o. Tenho uma nova a dar te.

— As ordens de vossa magestade! replicou elle docemente.

— Tu já és marechal e principe do imperio!

— Graças á vossa bondade, sire! respondeu cheio de humildade.

— Sabes que tenho para ti o logar de vice-condestavel!

— Sire! gritou o ministro todo radiante.

— Mas ficarás sempre como chefe do exercito apesar de nomear para a guerra o Clarke...

— Sim, sire...

— Nomearás Hulin governador de Paris!

— Ah! E Junot, sire?! interrogou elle no auge do espanto.

— Junot vae commandar para a Peninsula... Tenho um exercito em planos e que póde ser necessario d'um momento para outro.

Berthier ficou callado, deveras respeitoso ante esse homem singular cujo cerebro jamais tinha descanço.

— Além d'isso, tornou Napoleão; vou distribuir o despojo das guerras... Terás 500 mil francos em dinheiro e o soldo de 410 mil, Berthier!

— Sire!...

JOURDAN

— Sim, e podes annunciar 100 mil francos para os generaes: Sebastiani, Victor, Rapp, Junot, Bertrand, Lemarois, Savary, Mouton, Nancy, Saint-Hilaire, Oudinout, Lauristin, Loison e Chasseloup!

— Sire, e Massena, Ney, Lannes, Mortier, Augerau?! Os marechaes?!

— A todos 300000 francos! declarou sorrindo e accrescentando á pressa:

— Mas que se conservem nos seus postos! Junot que parta para Fontainebleau onde se encontrará commigo, Hudin que tome o commando de Paris e tu, meu principe, aprompta-me o exercito que destino a Portugal no caso de não me obedecer! Quero em Bayonna 26000 homens sendo 2000 de cavallaria e 36 peças... Quero 4000 de reforço... E' possivel?!

— Vossa magestade riscou o contrario da lingua franceza!

— Vae, meu principe e avia-me Junot!

— Sire! e o ministro sahia quando o imperador ordenou:

— Que entre o sr. Izquierdo...

O enviado do principe de Paz penetrou então no gabinete, inclinou-se ante Napoleão e de seguida, exclamou:

— Sire, sou um vosso servidor.

— Servindo-me, servis vosso amo, mr. Izquierdo! disse fleugmaticamente o imperador.

— Que vos felicita pelas vossas victorias, sim, accrescentou o agente.

— Agradecei a Manuel Godoy da minha parte, respondeu o imperador. No emtanto dizei lhe, que se é tanta a influencia que tem na côrte da Hespanha, que continue a assegurar a paz!

— Mas são os desejos de sua alteza! bradou radiante o enviado.

— Por agora! murmurou por entre dentes Napoleão Bonaparte.

— E para sempre?!

— Mesmo quando eu, no interesse das colonias hespanholas, pedir a abolição do commercio com os inglezes, mesmo quando eu sollicitar para que a Hespanha exija egual interdição de Portugal sob pena de lhe declarar guerra!...

— Sim, sire... respondeu afoitamente o enviado.

— Fallaes pelo principe ?!

— Tenho plenos poderes! volveu com o seu laconismo.

— Bem! tornou o imperador.

E logo desabridamente, com o brilho mais intenso nos seus olhos de aguia, bradou:

— Mas notae que Bonaparte não se deixa illudir... Quero a exclusão mais completa.

— Sim, sire!

— Encontraremos munições e viveres desde Salamanca á fronteira portugueza e ainda um exercito?!

— Sim, sire!

— Pois ide em paz...

E quando o viu á porta, exclamou:

— Fazei entrar, se vos não incommoda, o sr. duque de Frias e o verdadeiro embaixador hespanhol; e elle sublinhou o ultimo titulo ironicamente.

— Sim, sire!

Com effeito os dois hespanhoes chegaram á presença de Napoleão que ao vel-os, exclamou:

— Sede bem vindos, senhores... Sei a que vindes!

— Sire! exclamaram por seu turno inclinando-se.

— Dizei ao vosso governo, vós, senhor embaixador, dizei a Sua Magestade Catholica Carlos IV, vós, senhor duque, que eu, no proposito firme d'aniquillar a Inglaterra, desejo o seguinte da Hespanha:

— Que expulse dos seus portos os commerciantes inglezes, que o faça constar a Portugal com ameaça de guerra, que no caso de recusa d'esta potencia, aprompto um exercito para ajudar a invadir aquella nação e tenha viveres e munições desde Salamanca á fronteira lusitana... No caso de recusa, o general Junot com 26000 homens entrará em Hespanha e os Bourbons deixarão de reinar n'esse paiz como succedeu aos seus parentes em Italia!

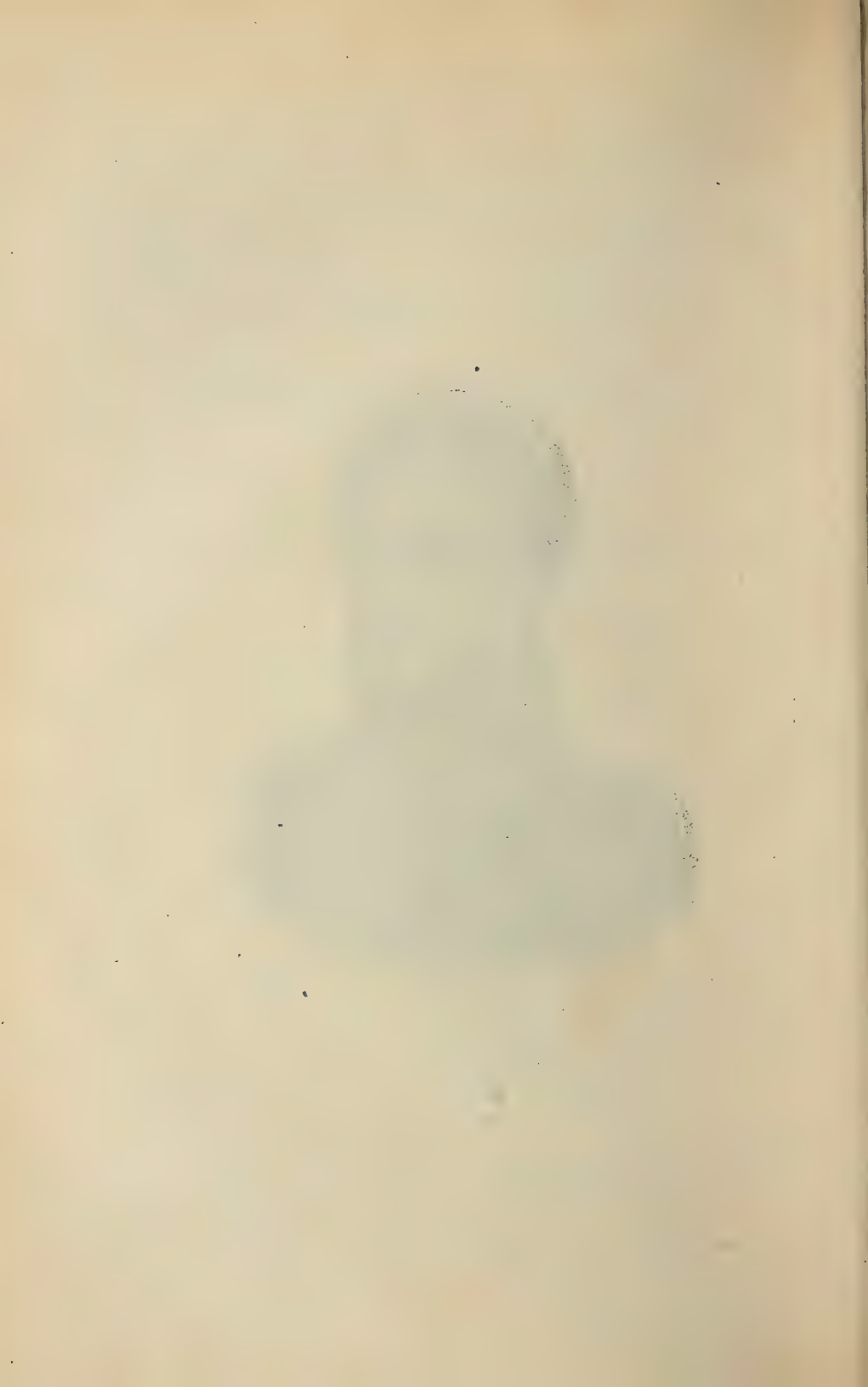
Inclinavam-se de novo e apenas murmuraram:

— Nós elucidaremos o nosso governo!

— Ide!

E quando elles sahiram, Bonaparte lançando um olhar para o relogio, murmurou:

— Oh! Como o tempo custa a passar!

KELLERMANN

Depois atreveu-se a sahir do gabinete, foi logo cercado pelos altos dignatarios e pelos generaes.

— Senhores! A cavallo... Quero ter hoje uma bella caçada!

E no seu ar simples atravessou a galeria á pressa por entre as saudações.

III

Desillusão

familia imperial estava reunida; as princezas formavam um grupo e conversavam, elle approximava-se lentamente ao vel-as erguerem-se.

De repente, franziu o sobr'olho, viu Junot, o governador militar de Paris, junto de uma das suas irmãs, princeza de fresca data e a qual olhava com amor o general e disse no seu ar frio e grave que não admittia replica:

— Andoche, approxima-te!

O general, um individuo dos seus trinta e cinco annos, bem parecido, os olhos azues, o ar distincto, elegante até na belleza do seu uniforme, approximava-se ante o tratamento familiar do imperador que o tratava sempre pelo seu primeiro nome, em memoria dos seus triumphos em Toulon onde Junot, simples sargento, lhe servira de secretario.

Fez a continencia militar e ficou a olhar o grande general que lhe disse em voz pausada:

— Tu ainda não és principe não, Andoche ?!

O general sorriu, ficou deveras satisfeito julgando ser chegado o momento de ser distinguido e volveu :

— Vossa magestade imperial bem sabe que nem mesmo duque...

JUNOT

— Mas és casado e com uma mulher de espirito ao que me dizem... Até escreve!... Se bem me recordo, mesmo com grande arte... Gostei d'algumas passagens do seu livro: «Recordações d'uma embaixada».

— Em Portugal!...

— Sim, em Portugal!... tornou o imperador, e logo com a sua frieza habitual, tornou:

— Deves conhecer bem esse paiz...

— Lisboa, apenas, sire! redarguiu elle fazendo-se pallido.

— E nunca desejaste escrever tambem um livro sobre essa terra?! interrogou o imperador.

— Sire... Deixo isso a minha mulher...

— E reservas para ti o encargo de o vencer! Muito bem, Andoche, tu queres ser principe?!

— Sire!...

— Mas bem vês que por um casamento nunca o serás! bradou então o imperador com certa colera fixando a irmã com a qual o general estivera conversando e que o olhou ainda docemente.

— Sire!...

— Vaes talvez dizer que esperas a viuvez... Mas general, sabe que eu preciso tanto de minhas irmãs para sentar nos thronos da Europa como dos meus generaes para os conquistar!... Irás pois ganhar o teu titulo... Tomarás o commando do exercito de Bayonna e á primeira ordem marcharás sobre Salamanca, Ciudad-Rodrigo e Alcantara, d'ali á fronteira portugueza que atravessarás e pela margem direita do Tejo entrarás em Lisboa... Isto com a maxima rapidez!

Junot, muito pallido, não pronunciava palavra, os seus olhos não se atreviam mesmo a procurar a princeza da côrte imperial e exclamava de repente.

—E que mais farei, sire?!

— Não te deterás por cousa alguma, porque quando eu enviar essa ordem Portugal não terá salvação possivel.

—Não ouvirei propostas?!

— A tua missão será apenas fechar o porto de Lisboa aos inglezes e confiscar lhes os bens por todo o paiz...

—E os soberanos?!

— Reinarão... Assim o quero, entendes bem!... Os Bragan-

ças apenas devem aprender quanto lhes custa a sua submissão aos inglezes

—Sim, sire!... Mas...

—Mas?! exclamou o imperador deveras pasmado d'essa pequena reflexão.

—Sim, mas o exercito?!

—Estará prompto dentro em dois dias!

—Partirei então?!

—Já!

—Sire!

—N'este mesmo momento até Bayonna! ordenou do seu modo brusco.

—E o governo de Paris?! atreveu-se elle ainda a interrogar.

—Ah! Pobre general... Dei-o ao Hudin! Tu tens estado muito tempo inactivo... Jesus... O general *Tempestade* embaixador e logo governador do cerebro do mundo! Nada, meu rapaz, podes criar raizes... E eu quero o meu sargento de Toulon! Marche!

E Napoleão ao dizer isto fez um gesto imperioso, e exclamou de seguida:

—Receberás as minhas ultimas instrucções!

Junot, muito pallido, fez a continencia e sahiu sem se approximar da princeza, para a qual Napoleão dizia na sua grande frieza:

—Alteza, acabo de me tornar bem util a uma pessoa que estimaes!

—Ao general?! interrogou ella sorrindo.

—Sim... Vae commandar um exercito, fal o-hei duque se vencer, dar-lhe-hei a demissão se fôr batido!

Fez-se livida, encostou se á cadeira para não cahir, e o imperador segurando-lhe um braço com força, exclamou para os presentes:

—Parti, senhores... A' caçada!...

Inclinaram-se e sahiram, então elle, no auge da colera, apertando mais o braço da princeza, disse:

—Animo ou vos despedaço... Lembrae-vos que sois uma Bonaparte e que vos reservo um rei para marido!

Ella endireitou o busto, olhou-o serenamente por um grande esforço de vontade e apenas murmurou:

—Preferia o throno sem o rei!

PAULINA BONAPARTE

Napoleão, sorriu, encolheu os hombros, e volveu:

— Tel-o-heis... Mas lembrae vos que Junot nunca será mais de duque!

E sahiu da sala, emquanto a princeza, toda tremula ainda ante a ameaça do seu poderoso irmão, se deixava cahir na cadeira a murmurar:

— Uma Bonaparte... Uma Bonaparte, como se fossemos reis historicos! Como se tivessemos seculos de dynastia!

IV

O tratado de Fontainebleau

REUNIRA-SE a côrte d'esta vez em Fontainebleau onde o imperador desejava descançar uns dias antes de pôr em pratica os seus projectos em relação á peninsula. Aquelle castello que servira annos depois de morada a Pio VII, semi-prisioneiro de Napoleão, conservava as tradições de Francisco I, aquelle que após a batalha de Pavia dissera ter perdido tudo menos a honra, de Henrique IV o que devia morrer sob o punhal de Ravaillac, de Luiz XIII, o que deixava Richelieu governar a França, de Luiz XIV, o rei sol, o celebre amante da Pompadour e da Valliere, o rei que devia dar incremento com as suas aventuras as idéas de Rousseau e Voltaire.

E agora era Napoleão, o soldado da republica, feito imperador como outr'ora os romanos, que d'alli dictava as suas vontades ao mundo.

Elle agora envolvera a Inglaterra na sua teia, obtivera do mundo a declaração de guerra á potencia maritima, e apenas aguardava a respostas de Portugal e Hespanha para começar a proceder, no unico fim d'anniquilar o c losso dos mares.

Na frente do imperador, Cambacérès, o archi-chanceller do imperio, antigo consul com Bonaparte e Lebrun, ouvia-o cheio de pas-

mo, a cabeça branca aureolada n'um raio de sol e fleugmaticamente, pensava; era elle o unico que receava de tantas victorias, onde tudo aquillo conduziria a França. O antigo republicano que guardara mais ou menos a tradição de 93, encarava-o no auge do terror, como se elle lhe annunciasse derrotas, em vez de lhe mostrar a Europa de rastos em face da França elevada pelo corso, a dominadora do mundo.

— Vê tu, meu velho, Alexandre da Russia accede a tudo... Vae fazer sahir de S. Petersburgo os embaixadores inglez e sueco, declarando-lhes que o exercito francez irá occupar a Dinamarca, visto o tratado de Copenhague. E d'este modo todos aquelles portos serão fechados aos inglezes!

— Sim, sire! murmurou o velho docemente, como ao acaso.

— Recebi o duque Wurzbourg, irmão de Francisco d'Austria. Restitui-lhe as boccas de Cattaro que estavam em nosso poder, vou rectificar a fronteira da Austria e da Italia e os portos serão ainda fechados. D'este modo é meu o oriente da Europa e parte do norte.

— E confiaes na Austria, sire?! interrogou Cambacéres á pressa.

— Sim... Não vês que impuz o desarmamento do seu exercito... Na Italia, meu irmão José toma Scylla e Reggio, Eugenio de Beauhamais operará na alta Italia, e eis os inglezes sem portos d'abrigo na Europa. Sim, porque recebi o principe Guilherme da Prussia e tudo vae bem com esse paiz!

— Sire... Falta Portugal e Hespanha...

— E' por isso, meu velho, que peço para introduzires o sr. Izquierdo...

— Sim, sire!

E o archi-chanceller, sahiu para introduzir d'ahi a momentos o agente do principe da Paz, que entrou sempre no mesmo fato preto, com a cruz de Calatrava e se inclinou em frente do imperador.

— Que resposta trazeis, senhor?! exclamou rapidamente o imperador.

— Tenho poderes para celebrar um tratado...

— Bem... Sois amigo do marechal Duroc meu grande marechal do palacio, não é assim?!

— Sire... O marechal é casado com uma das minhas compatriotas...

— Sim... sim... E que intenções são as vossas ácerca d'esse tratado?! interrogou Napoleão fixando o hespanhol.

— Sire... A Hespanha está á disposição de Vossa Magestade para auxiliar a invasão de Portugal...

— Talvez seja escusado... No emtanto, no caso de desobediencia, a Hespanha terá 10000 homens á minha disposição para invadir o Porto e outros tantos para secundar o movimento dos francezes sobre Lisboa?!

O embaixador do principe da Paz fez-se pallido e tornou:

— Sim, sire!

— E ainda mais 6000 para invadir o Algarve?!

— Sim, sire!

Napoleão, admirado d'aquella obediencia exclamou:

— E obedecerão a Junot?! Será elle, o commandante em chefe?! e logo cerimonioso mas apenas por formalidade, tornou:

— No caso de Carlos IV ou de Godoy não quererem esse posto...

O enviado comprehendeu o que o imperador desejava e volveu ainda:

— Sim, sire!

— Mas desinteressadamente?! exclamou elle com um olhar para Cambacérès.

— No unico fim de servir Vossa Magestade.

— Bem... bem...

O imperador esboçou um sorriso vago e volveu:

— Porém, quem tratou tudo isto?!

— O principe da Paz, sire!

— Ah! Ao que vejo é elle o verdadeiro rei de Hespanha...

— Sim, sire... Porém, como todos os bons soberanos, tem inimigos... Vossa Magestade mesmo não os tem?!

— Decerto... decerto... volveu o imperador sem saber onde elle queria chegar.

— Eis a razão porque Sua Alteza está descontente com a sua residencia em Madrid... Accusam-no de ter em casa o thesouro hespanhol, de manter relações com a rainha, ludibriando assim o velho rei!... E elle, que os tem servido sempre com o maximo desinteresse, pensa em abandonar a côrte.

— Ah!... E recolher-se á vida privada?! perguntou com certa finura o imperador.

MURAT

— Sire!

— O quê?!

— Meu amo tem a paixão do governo e só o deixará pela vida privada, no caso de Vossa Magestade não lhe querer fazer a graça do principado dos Algarves, se Portugal resistir ás vossas ordens!

Napoleão já estava em guarda e sem responder, tomou um mappa de sobre a mesa e exclamou:

— Os Algarves, o sul de Portugal... Uma pequena provincia... D'ella faço graça ao vosso principe se, como dizeis, os Brangança não se acolherem á minha protecção.

— Mas reparae, sire, que o Algarve será quando muito um condado... tornou o hespanhol com certa experiencia dos negocios.

— Quereis dizer?!

— Que o principado deve ter o Alemtejo reunido aos Algarves...

— São 400000 habitantes!... Seja... De boa vontade tudo vos concedo, accedeu Napoleão com grande pressa.

— Como sois generoso, sire... Como trataes bem os pobres favoritos odiados pelo povo. Mas sua magestade Carlos IV foi tão bondoso...

— Sim?!...

— Se accedeu a tudo apenas para lhe ser concedido...

— O resto de Portugal?! Caramba, como se diz na vossa terra. Vossos amos querem servir-me tão desinteressadamente que nada me deixam d'esse Portugal.

— Sire!...

— Ouvis bem?!... Nem mais uma parcella de terreno... O resto será para a França, n'elle reinarão os Braganças...

— Mas sua magestade quer apenas que lhe concedeis a graça de se poder intitular: Rei das Hespanhas e Imperador das Americas.

— Ah! E' vaidoso, o vosso rei, quer usar um titulo egual ao meu!... Pois que o tenha... Se eu conquistei o meu com a espada, é justo que elle conquiste o seu com todos os infortunios soffridos até hoje!

— Bem, sire, mas como sabeis, a pobre rainha de Etruria está sem reino...

— Tambem sois procurador da filha de Maria Luiza de Hespanha?!

— Mas, sire, sou procurador de todos os degraçados do meu paiz! respondeu ardilosamente o hespanhol.

Napoleão, levantou-se d'um pulo e exclamou:

— E que quereis para a rainha de Etruria?!

— Apenas 800.000 habitantes de Portugal na provincia do Douro com o Porto por capital, podendo ser o reino da Luzitania septentrional...

O imperador olhou-o e perguntou ironicamente:

— E que me concedeis a mim, senhor Izquierdo?!

E elle, fleugmatico, sem se perturbar, retorquiu:

— 26:000 hespanhoes, caminhos desempedidos até á fronteira, viveres, munições, e todo territorio desde Lisboa ao Alto Douro, com uma população de 2 milhões e com os nomes de Beira, Extremadura e Traz-os-Montes! Bem vedes, sire, que é a parte não só do leão, mas tambem da aguia!

Napoleão sorriu, achou graça ao agente que assim lhe fallava com tal desembaraço e precisão que retorquiu:

— Concedido... E vós o que quereis senhor Izquierdo... Não vos serve a parte de rapoza?!

— Meu o amo o dirá, sire!

— Muito bem... Amanhã dictarei este tratado de Fontainebleau a Champigny e vós-o assignares com o vosso amigo Deux... Esse pela França, vós pela Hespanha, elle em nome de Napoleão, vós em nome de S. M. I. R. Carlos IV, rei das Hespanhas e imperador das Americas...

E depois de pronunciar tudo isto cheio de ironia, apontou a porta e ao vel-o sahir sentou-se na poltrona e murmurou para Cambecerés:

— Oh! Este hespanhol tem mais de Cervantes do que de Cid e Campeador!

Cambacerés, sorriu e ia responder, mas n'este momento, o mordomo-mór entrou e disse:

— Sire... E' sua excellencia o senhor duque de Frias que espera ser recebido.

— O outro hespanhol! Mas esse tem mais de Quichote que de Sancho... Pelo menos na figura!...

— Sire...

— E que deseja elle?

— E' portador d'uma carta de S. M. Carlos IV...

— Que entre! ordenou o imperador recostando-se na poltrona a fingir indifferença.

V

As cartas

O duque de Frias entrou e ajoelhou bizarramente, depois de estender a capa, aos pés do imperador e exclamou:

— Sire... Sou portador d'uma carta do meu rei...

— Napoleão olhou-o, extranhou aquella attitude e como se visse o proprio rei de Hespanha a seus pés, ajudou-o a erguer-se e exclamou:

— Dae-me essa carta!

— Eil-a, sire!... e estendeu ao imperador um papel sellado com as armas de Hespanha que começou a lêr dando evidentes signaes de descontentamento:

«Sire e meu irmão: no momento em que apenas me occupava dos meios para cooperar na destruição do vosso commum inimigo, quando acreditava que todas as machinações da antiga rainha de Napoles, tinham sido amortalhadas com sua filha, vejo com um horror que me faz estremecer, que o espirito da intriga penetrou no mais intimo do meu palacio. Ai de mim! Meu coração sangra ao ao fazer esta confidencia de tão horroroso attentado. Meu filho mais velho, o herdeiro presumptivo do meu throno, tinha machinado

o apossar-se da minha corôa e chegara ao excesso de attentar contra a vida de sua mãe! Um attentado d'esta natureza deve ser punido com o mais exemplar rigor das leis. A que o chamava ao throno deve ser revogada: um dos seus irmãos será mais digno de o susbtituir no meu coração e no meu throno. Procuro n'este momento os seus cumplices, para descobrir este trama tão perfido, e da mais negra infamia e não quiz perder um só momento em narral-a a V. M. I. e R. pedindo-lhe que me ajude com as suas luzes e com os seus conselhos.»

«Sobretudo peço a Deus, meu bom irmão, que tenha V. M. I. e R. em sua santa e digna guarda.»

Carlos

«São Lourenço outubro 1807»

Napoleão encarou de seguida o duque de Frias e exclamou:

— Dizei ao vosso rei que sou obrigado a intervir nos negocios de Hespanha visto a sua carta! Ide!

— Sire... Podemos contar com a vossa protecção?!

— Já vos respondi, duque! e apontou-lhe a porta.

Depois para Cambarecéres, exclamou:

— Ah! Estas dynastias velhas precisam de ser substituidas... Os Bourbons deixarão de reinar em Hespanha como em Napoles e os Bonaparte tomarão os seus logares...

— Sire, e o tratado?! interrogou o archi-chanceller.

— O tratado?! Acaso posso assignar qualquer cousa com uns reis d'esta natureza?!... Um pae que accusa seu filho de querer assassinar a mãe, um rei que tem de sollicitar do visinho conselhos para castigar uma rebellião?!... Amanhã, com semelhante fraqueza faltava á alliança... Uma rainha, amante d'um soldado, e que o eleva até aos degraus do throno, que o torna rei no thalamo e no dominio, é capaz de todas as traições!... Um principe que tem em mira o throno e o assaltou como um bandido, é capaz de todos os crimes!! Um favorito que negoceia os soccorros com a mira n'um verdadeiro principado, elle a alteza apenas no crime. é capaz de todas as vendas!... Por isso são perigosos em Hespanha os Bourbons, nossos visinhos, como perigosos eram na Italia! Os Bourbons deixarão de reinar em toda a parte, assim é necessario! Por isso Cambarecerés temos mais um exercito a preparar.

— Sire!

— Sim... Junot, basta para Portugal no caso de rebellião d'este paiz. Mas Dupont e Moncey, commandarão sessenta mil homens que estarão na Gironda em uma semana!... Eis tudo! Vae preparar tudo isso com Berthier...

O archi-chanceller sahiu e Napoleão, sentando-se de novo á mesa, tomou a pena e escreveu rapidamente a seu irmão José, então rei de Napoles:

«Fontainebleau, outubro 1807»

«A grande necessidade que tenho de estabelecer a boa ordem no meu estado militar, afim de não resultar d'ahi a queda de todos os meus planos, exige que estabeleça n'um pé difinitivo, o meu exercito de Napoles e que saiba elle ser bem pago e mantido.

«Agora vereis o cuidado que devo ter nos detalhes, visto ter 800 mil homens em pé de guerra. Tenho um exercito na Passarge, perto de Niémen, um em Varsovia, um na Silesia, um em Hamburgo, um em Berlim, um em marcha para Portugal, e um segundo reunido em Bayonna, um na Italia, outro na Dalmacia e que reforço n'este momento com 6000 homens, alem do de Napoles. Tenho ainda guarnições em todas as fronteiras maritimas. Podeis pois ver quanto isto vae influir nos thesouros dos meus Estados e como não poderei achar mais auxilio no extrangeiro, vêdes quanto será necessario calcular o mais severamente possivel as despezas. Deveis pois nomear um habil inspector para calcular quanto deve custar um regimento segundo as nossas ordenanças.

«Napoleão»

Ao terminar, o imperador, murmurou:

— E d'este modo, terei a Inglaterra riscado da mappa!

Annunciavam agora o embaixador portuguez que entrava radiante e exclamava:

— Sire: O meu governo accede aos vossos desejos.

— Serão confiscados os bens dos inglezes?!

— Sim, sire!

— Serão expulsos de Portugal?!

— Sim, sire!

— A guerra será declarada á Inglaterra?

— Sim, sire!

Napoleão sorriu e exclamou:

— Oh! Folgo com a resolução do vosso governo, tanto mais que os francezes nunca foram inimigos de Portugal, mas apenas da Inglaterra. Dizei pois ao vosso governo que terá sempre em mim um auxiliar!

Quando Lourenço de Lima sahiu, o imperador todo radiante, murmurou:

— E agora já não existe o tratado de Fontainebleau! Os Bragança ficarão no seu throno! Manuel Godoy, não será principe dos Algarves, nem a rainha de Etruria dominará na Lusitania septentrional, os francezes não terão a Beira e apenas os Bourbons serão apeados do throno por ser perigosa a sua visinhança e escandalosa a sua côrte.

E então esse grande homem que dominava o mundo, satisfeito com aquella obediencia dos portuguezes, abriu a janella, e olhando o bello sol que se escondia por detraz das arvores de Fontainebleau, disse como um simples cavador.

— Ganhei bem o meu dia!

Ficou ali encantado durante uns momentos no deslumbramento da bella paizagem.

VI

Novas de Portugal

De repente, ouviu na sua rectaguarda uma voz dizer:

— Sire!

— Oh! Tayllerand! volveu Napoleão avançando para o habil principe de Benavento.

— Sire, gosaes a tarde?! interrogou elle sorrindo.

— Sim... Acho bello este sol poente. Bello mas d'uma belleza triste... O poente é a saudade!

— Amaes antes o bello sol d'Austerlitz, sire!

— Assim é... Sol alto, forte, rompendo n'um disco de luz como a approvação do ceu a uma victoria... Ah! Tudo terminará quando eu dominar a Inglaterra... Então, Tayllerand, em vez da revista de exercitos revistarei as fabricas!... Seremos todos productores!...

— Sire... E sabeis que a Inglaterra ainda tem alliados?!

Napoleão sorriu e volveu:

— A Suecia...

— Sim... A Suecia á qual darei um rei...

— Portugal!

— E' nosso alliado... retorquiu o imperador.

Tayllerand, esboçou o seu diplomatico sorriso que tantos successos lhe tinha rendido e murmurou:

— Quem vol-o disse ?!

— O embaixador portuguez e antes dos doze dias terminados!

— E vós sire, que tão grande sois, não achaes que é caminhar muito depressa de mais para um povo de ociosos que recebe da Inglaterra os algodões e lhe manda em troca o vinho ?!

— A prova da sua obediencia é essa!

— Obediencia, sire, combinada em Londres.

— O que ? exclamou o imperador no auge do pasmo.

— Que mr. Canning combinou em nome do governo com lord Strangford essa comedia no intuito de vos illudir... O decreto da confiscação dos bens e da expulsão dos inglezes apparecerá na *Gazeta*, mas apenas como poeira lançada nos olhos da Europa, porque os inglezes continuarão a ser os seus bons amigos... O decreto mesmo, sire, foi approvado pelos inglezes!

— Provas ?! gritou Napoleão fazendo se pallido.

— Eis o que me escreve mr. Reynaval, (*) o encarregado dos nossos negocios em Lisboa e que habilmente surprehendeu a manobra...

O imperador agarrou a nota onde o embaixador francez declarava os planos do governo de Portugal e pela qual se via que os inglezes, aconselhando a comedia, ludibriariam Napoleão de parceria com os portuguezes.

O imperador, baixou a cabeça e exclamou:

— Oh! As velhas dynastias... Pois os Braganças deixarão de reinar com os Bourbons!

Aquellas palavras, pronunciadas por semelhante homem e em tal tempo, eram como um decreto da Providencia que fez estremecer o proprio Tayllerand, o qual ficou em face de Bonaparte que exclamou:

— Tayllerand, dá os passaportes a Lourenço de Lima, manda recolher o nosso embaixador de Lisboa... Já... Se em 24 horas o portuguez estiver em Paris será preso... Ah! miseraveis!...

Cruzou os braços, olhou o sol que já se escondera e bradou:

— E agora Junot que parta!...

Tayllerand curvou-se e sahiu e o imperador disse:

(*) Mais tarde tudo isto foi declarado no parlamento inglez.

— Dois thronos vagos!... Mais dois thronos! Um para José, outro para Luciano se quizer renunciar ao seu casamento!... (*) As velhas dynastias assim o exigem!...

Entalou a mão no peito da sobrecasaca e para o mameluco que estava sempre de guarda á sua porta, exclamou:

— Vou para Italia... Aprompta tudo!...

(*) Luciano — o antigo embaixador — casou com uma americana e Napoleão queria annullar o casamento.

VII

A fuga dos Braganças

Eram dois homens musculosos, estribeiros de libré, de caras rapadas, agarravam a rainha que estrebuchava nos seus braços e exclamava em voz entrecortada:

— Deixem me... deixem-me... Vão matar-me E' uma gallinha negra! Bem a vejo... Hoje é mau dia... Olhae o castigo... O Tavora... O Tavora!... Levem d'ahi essa gallinha negra!

E a torcer o corpo franzino e debil, toda em arco, os cabellos negros e finos a amortalharem-lhe o vulto delgado, D. Maria I, soltava sempre os mesmos gritos e queria fugir á pressão forte dos braços dos lacaios.

— E' uma gallinha negra... E' um agouro...

Sacudia-se então n'uma risada nervosa, violenta, que lhe vinha do fundo da garganta, tremula, na perturbação d'um soluço. Mas não a largavam, traziam na bem agarrada, esmagavam lhe os braços na pressão dos seus dedos e assim a conduziam para a porta.

Era n'uma noite de novembro, noite de nevada, noite negra. Cahia em bategas a chuva sobre os tectos dourados dos carrocins para os quaes se atiravam aos encontrões caixas carregadas d'ouro, cofres de joias, braçados e braçados de roupa, os quaes eram assaltados pelos dignatarios de calção e meia, alguns sem capas e que

n'uma balburdia da fuga buscavam o melhor logar, allucinados, perdidos.

Em baixo, o Tejo, com as suas vagas altas e negras, parecia protestar revoltado contra essa fuga no levantar-se, ao vêr despedaçadas as suas vagas em flocos de espuma contra os paredões do caes.

Mas já se punham em marcha os carrocins, as muares pegavam-se, escorregavam nas calçadas encharcadas e havia uma incrivel barafunda de frades que ocorriam da Boa-Hora e d'Ajuda com as suas trouxas, de vestes colladas aos corpos, clamando pragas, calando orações.

O caes enchia-se pouco a pouco, balouçavam as barcaças rente ás paredes, havia sempre a mesma azafama no embarque das mobilias e das joias que ninguem vigiava. E nos clarões altos vacillantes e vermelhos dos archotes, entreviam-se rostos lividos, semblantes contrahidos, lia-se um terror enorme, um receio fundo d'esses francezes que iam chegar.

Isto tudo no mysterio da noite de chuva, na agitação d'esse ruido eterno e estranho, em face da lacaiada que andava sem respeito.

Mas ninguem conseguia metter D. Maria I no coche, debalde buscavam obrigal-a a tal, e ella gritava sempre, gesticulava no manto dos seus cabellos.

--Uma gallinha negra... Deixem-me... deixem-me... E' a morte! E' a morte! Eu bem vejo... Eu bem sinto! Oh! O Tavora... O Tavora!...

Quando iam a meio caminho n'uma corrida brusca para o coche, ella soltou-se-lhe dos braços, espojou-se na lama, soltou maiores gritos.

Logo, n'um repente, um homem vestido de farrapos, de barbicha hisurta, descoberto, galgou d'um pulo a distancia, e n'um brado formidavel tambem, disse:

—Oh! A minha senhora... A minha senhora... Deixem-n'a, canalhas... Deixem-n'a... São vocês que a maltratam...

Não fizeram caso; lançaram-se de novo sobre ella e agarraram-n'a da poça onde cahira, suja de lama, as mãos e o rosto salpicados, toda n'um farrapo, toda n'uma allucinação.

--Senhora, minha ama!

PARTIDA DE D. JOÃO VI PARA O BRAZIL.

Como um cão amigo, fiel, colerico, e que a defendesse, o homem lançou-se entre os moços, metteu-se de premeio, começou a despedaçal-os com as unhas e com os dentes para que largassem a rainha.

— Miseraveis! Miseraveis!

Os moços deixavam a soberana nos braços dos que acudiam e agarravam o homem, exclamavam com furia:

— Vae-te bobo de Satanaz!... Maldito D. João de Falperra!

— Vêm os francezes, canalha, e querem levar minha ama! Tudo por aquella Carlota Joaquina, por aquella que eu vi como uma cabra... Sim... sim... Via-a com o almoxarife n'uma sebe! No campo! Ah! a minha rainha... a minha senhora...

Soltava-se de novo dos braços dos moços e corria para ella, mas seguravam-n'o, empurravam n'o, deixavam-n'o no chão estatelado a morder a lama.

O coche poz-se em marcha em seguimento dos outros, viam-se vultos correndo empunhando archotes, e todos cravando as rodas nas poças salpicavam D. João de Falperra que a custo se levantava.

Já de pé, o bobo, olhara em roda; o largo estava deserto, e o rio lá em baixo era negro, ouvia o ruido dos coches que partiam á desfilada pela calçada, via uns ultimos soldados que corriam.

E na sua rectaguarda, o palacio era sempre silencioso e apagado, agora só, como uma enorme casa abandonada.

Apalpou-se; estava maguado e molhado até aos ossos; os olhos scintillavam-lhe n'um subito clarão de loucura.

Acudiu lhe um grito aos labios, sentiu um abalo e partiu a correr pela calçada.

Ia esbaforido, mas corria sempre, e á medida que se acercava, ouvia mais ruido, maior bulha, via que de todas as esquinas apparecia gente com trouxas, olhava os frades que tropeçavam e chegavam-lhe vozes tremulas e medrosas da balburdia do caes. No caminho de Belem, rente ao Neutral sentiu-se desfallecer, levou as mãos ao peito offegante, parou por momentos, faltava-lhe o ar.

Porém, sempre com a idéa na sua rainha, sempre com o mesmo fim, o bobo metteu para o caes, passou como um furacão por entre a turba que lhe dava pontapés e o empurrava.

Então parou, atirou-se para o coche d'onde buscavam apear a soberana que gritava sempre do mesmo modo:

— Uma gallinha negra! Uma gallinha negra... Bem vejo... Bem vejo... Querem matar-me! Os Tavoras... Os Tavoras...

A chuva cahia sempre e agora com mais impeto, batia em diagonaes pesadas de graniso nas vidraças dos coches, as ondas inundavam o caes pejado de gente que se agglomerava.

Agarravam-se uns aos outros e todos queriam saltar a um tempo para os botes que dançavam na crista das vagas.

— A minha rainha! A minha rainha! gritava o bobo, e allucinadamente lançava se contra os moços que a seguravam, depois d'empurrar a gente fidalga que queria embarcar.

— Ainda o maldito! gritou um dos lacaios.

— Emborca-o ahi no rio que ficamos livres d'elle! aconselhou um outro.

Porém, D. João de Falperra, d'um salto, muito nervosamente, quasi n'uma crise d'epilepsia, atirava-se a um d'elles, fincava-lhe os dentes no braço n'uma raiva intensa e obrigava-o a soltar um grito de dôr.

Depois era elle quem na sua loucura se abraçava ao corpo da rainha, gritando:

— Senhora minha... Quereis ficar! Quereis, não é verdade?!...

Ella, sentiu aquelle braço durante um segundo, viu aquelles olhos meigos, aquelles olhos de bondade, no claro dos archotes, sentiu-o como um cão fiel e sem o conhecer disse baixinho:

— Sim, quero... quero... Não tenho medo dos francezes... Dos Tavoras sim... Olha uma gallinha negra...

E largando-se de repente correu para o rio, de cabellos esparsos e braços estendidos.

Seguraram-na, levaram-na á força para as bandas d'agua onde aproava a custo a galeota.

Estava o regente e Carlota Joaquina.

O principe, na pôpa, encostava a cabeça ao braço e lembrava-se de Luiz XVI, a princesa, cheia de colera, exclamava:

— Depressa! Depressa... Agarrem a rainha... Tragam-na á força... Ceus! Se está louca!

E dava a ordem, de pé, sem medo das ondas, inflexivel e feroz, com os seus olhos negros a fusilarem.

— Senhora minha, senhora minha! clamava o bobo na sua bem intensa dôr.

— Affastem esse bobo. Affastem esse misero...

— Ah! E's tu! E's tu! gritou D. João de Falperra em voz atruadora. E's tu... Oh! A princesa ruim que eu vi... Eu vi...

Ella quiz responder, quiz ordenar de novo algum castigo, mas já via D. João de Falperra mais uma vez enovelado com os homens que buscavam conduzir a soberana E em volta ninguem acudia, todos saltavam para os botes, açodados, e formavam pilhas humanas, homens e mulheres, frades e fidalgos, tudo confundido n'um montão de bagagens, de sacos, de malas.

A' popa da barcaça, o principe regente, continuava:

— Larga... Larga...

Disse aquillo n'um soluço, a face espapada, todo n'um violento tremor e passou nos dedos as contas d'um rosario.

Era a mulher quem exclamava furiosamente:

— Depressa! Depressa! Tragam a rainha...

Era impossivel. O bobo, como uma fera furiosa atirava se sempre a elles e acabava por soltar os seus gritos de doido que se confundiam com os da rainha.

— Miseraveis... miseraveis... Todos fogem... Oh! minha senhora...

Agarrava-a pela cintura, procurava babujar-lhe de beijos as mãos diaphanas; porém era agarrado pelo braço musculoso d'um lacaio que berrava:

— Precisas d'um mergulho!

E agarrando-o como uma péla ia arrojal-o á agua, quando a rainha se desprendeu de novo d'aquelles braços, e no auge da ira, gritou:

— Não vou... Não vou... São os Tavoras! E' uma gallinha negra!

D'esta vez houve uma grande confusão, lançaram-se sobre ella, e a custo a levaram para a galeota aos rebolões por sobre o bobo que estava por terra esmagado, perdido, sentindo todos aquelles pés a calcarem n'o.

— Larga! Larga! ordenava o regente na sua voz tremula

Mergulharam os remos n'agua, houve um momento de lucta com a vaga negra e logo se puzeram em marcha por entre os outros botes que iam tambem a caminho dos navios fundeados.

No caes, ficava ainda muita gente. Chegavam soldados e olh-

ciaes, o resto da côrte, mais carros com bagagens, os vassallos, as joias e tudo ia a embarcar sob a chuva, ao som dos berros do bobo, que clamava sempre na mesma cólera:

— Miseraveis! Miseraveis! Cobardes... Ah! E teem espadas e são fidalgos!

Dizia isto e limpava o sangue que lhe escorria da fronte, buscava enxugar tambem o fato ensopado.

Ficava ali entre os archotes, diante do rio que se alterava e tinha gemidos, e via a galeota a perder-se na amplidão das aguas e gritava:

— Eu vou... Eu lá vou!...

Ia a atirar-se de rompante para o rio, mas alguem o segurou, uma voz forte soou aos seus ouvidos:

— João de Falperra!

— O quê! O quê!

— Que vaes fazer?!...

Elle tremia, e com o seu olhar allucinado a fixar-se no outro, redarguiu:

— A minha ama... a minha ama...

Reconhecia então um moço do palacio que lhe ria nas bochechas:

— Deixa-a ir com Deus, homem, deixa-a ir... Os reis tanto fazem os francezes com esse Napoleão como os Braganças... Deixate de sandices...

— A minha ama... a minha ama...

Queria soltar se de novo; em roda havia sempre a mesma azafama e o mesmo grito, o eterno clamor d'aquella turba anciosa e cobarde a dominar os ares, a dominar a furia do rio.

Iam sempre a largar mais botes; e D. João de Falperra, seguro pelo lacaio, escumando de raiva, clamava:

— Cobardes! Cobardes! Oh! Eu quero a minha ama...

Voltou-se para o outro, ordenava cheio de colera:

— Larga-me... Larga-me...

— Não!

— Larga-me! Que tens commigo...

— Olha, João de Falperra, montão de doidices, vem commigo... Tu deves saber muitas coisas...

— De quê! De quê?!...

Baixinho, com um riso cynico e grosso, o outro volveu:

— Onde estão os cofres no paço!

— Sim... sim... volveu imbecilmente com os olhos a luzir.

— Queres vir?! Queres vir?!

— A quê?!

— A buscal-os!

— Coitadinha... Coitadinha, ella não levou nada...

Excitava-se, queria fugir-lhe de novo e bradava:

— Quero a minha ama! Quero a minha ama!...

Agora era um rancor e uma furia epileptica, era como um acesso de sentida colera, e conseguia vêr-se livre, conseguia atirar-se ao rio, deitou a mão ao rebordo d'um bote atulhado de gente.

De dentro havia gritos, protestos, um insano clamar.

E elle sempre agarrado, gritava:

— A rainha! A rainha! A minha ama que elles levam, esses malditos!

— Oh! E' o bobo! E' o bobo! diziam de dentro medrosos e colericos.

— E' o bobo! E' o bobo!

— Vou para minha ama!...

Os cabellos empastavam-se lhe nas fontes com sangue e agua, a bocca contrahia-se-lhe e os seus olhos mostravam o mais extranho clarão.

— E' doido, larga-te, gritou o barqueiro ante o terror dos que iam de dentro e temiam que o bote sossobrasse n'aquella lucta das ondas, n'aquella força que o desgraçado fazia agarrado violentamente a uma das bordas da embarcação.

Toda a gente ia para o mesmo lado, no meio do terror, houve uma balanço mais poderoso, entrou um jacto d'agua e então o barqueiro, berrou:

— Larga bobo, larga!...

— A minha ama... a minha ama!...

— Eh! larga...

Tornava-se iminente o perigo, então de chofre o barqueiro agarrou o louco e atirou-lhe uma bordoada forte aos dedos.

D. João de Falperra, soltou um grito de dôr, largou se, andou um momento a boiar, exclamou ainda:

— A minha ama! a minha ama!

Uma vaga passou-lhe por sobre a cabeça, outra veiu a completar a obra.

No escuro da onda, no escuro da noite, o bobo desappareceu, emquanto no caes havia archotes e uma multidão apressada se lançava para os botes carregados de bagagens e de gente.

Chovia sempre com força; os navios a meio do rio, eram como massas negras que não podiam levar mais ninguem, e até dos botes que iam a caminho chegavam os extranhos gritos da rainha louca que exclamava sempre:

— Os Tavoras... os Tavoras... Eu não quero ir... não quero ir... Olhem uma gallinha negra... A gallinha negra...

Ainda ia a meio a noite e no rio coalhado de botes, havia como soluços dominando o ruido das ondas.

Ao caes chegava sempre mais gente e barafustava-se, dominava o receio, ninguem sentia a chuva cahindo em bategas fortes e havia apenas um grito cobarde sahindo de todos os labios:

— Vêm os francezes! Oh! os malditos francezes!

Os archotes vacillavam os seus clarões allumiando tragicamente uma côrte que fugia como outr'ora a de Fernando IV de Napoles deante dos soldados da republica franceza que invadiam os seus dominios como os exercitos de Napoleão iam invadir a peninsula.

VIII

O conquistador

Diga ao general que são os dois officiaes portuguezes chamados esta manhã!

A ordenança, um hussard ruivo, olhou-os d'alto a baixo como se extranhasse a maneira porque um d'elles lhe dava a ordem em francez n'uma resposta ao brigadeiro:

— Quereis fallar do sr. governador de Portugal!

— Ao general Junot, exclamou o outro muito altivamente.

O soldado sahiu da sala; elles olharam-se.

Em volta havia tapeçarias, havia quadros, avistava-se o Tejo n'uma doce claridade, sereno, sem uma ruga no seu azul.

— Oh! D. Pedro de Portugal, ah! a que chegamos!

O outro encolheu os hombros, nos seus labios passou um sorriso e redarguiu:

— A que chegamos?!

— Sim...

— Ah! Comprehendo... Queres dizer a que elles chegaram, Gomes Freire?! volveu o conde d'Assumar.

— Elles?!

— Pois decerto!

— O quê?! Esses francezes que são hoje os senhores e entra-

ram ahi sem dispararem um só tiro, que puzeram o seu sapato ferrado no pescoço de todos nós, que calcaram este povo o qual não teve um só protesto! a que elles chegaram, amigo?!...

— Tens razão! a que chegou essa gente! A dominação d'um povo de fortes é uma nova penna dourada para a aza d'essa aguia napoleonica.

O outro sorria, acabava por dizer:

— Gomes Freire, eu não fallava dos francezes...

— Pois de quem?! interrogou com manifesto pasmo.

— De quem?! Por Deus, dos portuguezes, do regente, da familia real, da nobreza...

Taes palavras proferidas por semelhante homem na ante camara de Junot, que se fazia esperar, aquella condemnação sahida dos seus labios, essas phrases de castigo, essas vergastadas echoaram d'uma maneira extranha aos ouvidos do heroe que volveu:

— Assumar...

— O quê, amigo!

— Mas acaso o regente tem a culpa?!

— Do quê?! Não tem acaso a culpa d'essa inexplicavel fraqueza?!

— Não...

O Tejo não tinha a menor oscillação, o ar era sereno e doce, e elles, além, recordavam bem o seu tempo, a sua mocidade tempestuosa, com luctas, com perseguições, com verdadeiras aventuras bem portuguezas, estroinas e bravas, onde o pulso tinha uma acção egual á alma, onde a valentia corria parelhas com a generosidade. Lembravam-se d'esse Portugal fradesco e livre, em que tinham vivido sob o dominio d'um intendente fero, mas que lhe parecia agora um santo.

E aos seus corações chegava o mesmo terror, a mesma tortura, a mesma ancia, n'um aperto que os desolava e os fazia bradar a um tempo:

— Mas é necessario acordar d'este lethargo!

Olhavam-se como se admirassem d'essa phrase sahida tão expontaneamente dos seus labios e no fim bradavam do mesmo modo:

— Mas que fazer?!

— Que demonio, gritou Gomes Freire. Eu nunca reflecti...

— Nem eu!

— Sempre segui os meus impulsos, os meus movimentos...

— E eu!

— Sempre tive por norma essa enorme vontade de ir por diante quando vir o perigo...

— Assim somos...

— N'esse caso, amigo, para que reflectir...

— Tens razão...

— Eu tenho alli o meu quartel...

— Eu a minha legião...

— A revolta! exclamaram do mesmo modo.

— Sim... A verdadeira revolta emancipadora! disse por fim o brigadeiro.

— Oh! Carecemos d'um novo Nun'Alvares, continuou o conde d'Assumar.

— Não, amigo, não... Carecemos antes de quarenta fidalgos eguaes aos d'Antão Vaz d'Almada... Este dominio lembra mais o castelhano de 1640...

Agora estavam deveras impressionados, sugeitos áquella idéa, sugeitos a semelhante desejo e então, olharam a porta, disseram:

— Se nós fossemos...

— O que?! Sem lhe fallar?! interrogou o Assumar com prudencia.

— E' que, meu velho, se me vejo diante d'esse homem, não sei se me poderia conter...

— Lembra-te do que jogas!

— Cousa alguma...

— Mentira... Jogas a independencia da nossa patria... E depois que queres quando todos se rojam...

— Devemos erguer-nos! replicou ferozmente.

— Escuta.

Tocou-lhe no hombro, olhou o de frente e começou:

— Sabes que sempre te acompanhei.

— Sim...

— Sabes o que foram os annos da nossa mocidade...

— Que saudades!

— Foste á Russia, andaste por lá emquanto eu me ligava a minha mulher...

— E' verdade!

— Voltas-te coberto de gloria e eu fiquei na mesma, nas minhas terras, olhando-as, tratando-as...

— Basta, Pedro, basta... A minha gloria não é para aqui...

— E' bom recordal-a...

— Porque?!

— Para que não faças uma loucura.

— Qual?!

— E de te deixares arrastar por um impulso...

Como reparasse no olhar pasmado que lhe lançava, accrescentou:

— Sim, Gomes Freire... Tu não pertences...

— Pois a quem?!

— A posteridade que saberá julgar dos teus actos...

— Mas que queres?!

— Que quero?!

— Sim...

— Serenidade! aconselhou de repente,

— Mas então!...

— Ouçamos o invasor...

— Para que?!

— Para que possamos fazer um juizo...

— Basta que o façamos depois...

— Depois?!

— Sim...

— Mas quando?! interrogou o conde d'Assumar ainda mais pasmado.

— Quando lhes tivermos indicado o caminho da fronteira com as pontas das nossas bayonetas .

Foi pronunciada de tal maneira essa phrase que o outro estremeceu. Era um valente, um heroe mesmo, mas além em face do seu companheiro que fallava assim tão altivamente sentia-se mesquinho, via-se pequeno e acabava por bradar:

— E tens a certeza d'arranjar quem te siga !

— Sim...

— Mas quem ?!

— Tu !

— Eu só... Que valho eu?!

Traçou um gesto desolado e calou-se.

A porta, um official de grande uniforme, exclamava:

— S. ex.ª o sr. governador, aguarda-vos, se acaso sois os srs. conde d'Assumar e Gomes Freire d'Andrade...

Saudaram e penetraram no aposento que o outro lhes indicava.

De pé, fardado tambem de grande uniforme estava o governador do reino, o general Junot. Era alto, bem feito, d'um porte distincto. Nos seus olhos, lia-se como uma prescrutação; no seu rosto nem o mais leve indicio deixava perceber a curiosidade que d'elle se apossara.

Desde o dia em que entrara no paiz epenas topara homens dobrados.

Os seus soldados em farrapos tinham atravessado aldeias, villas, cidades mesmo, sempre ovantes, a verem fugir uma multidão que clamava:

— Os francezes! Lá vem os francezes!

Esse grito era como um rastilho e elle nem mesmo encontrava que saquear.

Fugiam na sua frente, iam de corrida.

E nos seus labios appareceu um sorriso quando chegou a Abrantes e lhe disseram que o regente ia fugir tambem.

— O regente! O Bragança!... Oh! E' avançar!

Veiu-lhe uma colera, um odio, uma raiva ao vêr que os navios já tinham partido, que já iam longe no oceano no qual não os podia alcançar.

Fôra para S. Julião da Barra. Na sua frente o Tejo batendo contra a muralha, ao longe as vellas que se perdiam no horisonte.

E então, na sua enorme raiva, no seu enorme desejo de pôr tudo a ferro e a fogo, veiu para a cidade aguardando uma rebellião.

Porém crescera-lhe o pasmo e crescera-lhe o nojo.

Na sua antecamara, estendidos n'uma fila como lacaios estavam a nobreza que não partira, mulheres e homens com os governadores do reino á frente.

Saudaram-no, elle foi politico.

Acalmou a colera e saudou-os; de seguida mandou arriar as bandeiras portuguezas dos fortes e das naus.

Era n'um dia de sol; n'um dia d'alegria.

Não houve um protesto, não houve um clamor. Rufaram os tambores, berraram as peças, e as aguias francezas desde logo en-

traram de tremular no topo dos mastros, no cimo das hastes, por essas fortalezas, por esse Portugal.

Risca-se uma nação do mappa e nem um grito!

Eram estes os leaes?! Pobres d'elles! Estavam então suffocados?! Paralysavam-se...

No seu espirito nasceu então uma idéa:

— Portuguezes eram cobardes! Aquella calada não era de pasmo mas sim de medo.

E fez o que quiz; entrou a deixar os seus officiaes e os seus soldados á vontade.

Estava n'um feudo; pensou em ser rei.

A nobreza estava de joelhos.

E já dava saraus, muitos saraus, de janellas abertas, com coches á porta, deante do povo mudo em fitas negras.

Conhecia fidalgos, elles vinham ali de chapeu na mão. Substituiu a regencia, deixou só os que lhe convinha, os que menos rastejavam. E um dia interrogou-os:

— Mas aqui ninguem se revolta?!

— Oh! Não!

A medo, cautellosos, interessados na causa de Napoleão, fallaram-lhe de dois homens, d'esse Gomes Freire e d'esse D. Pedro de Portugal.

Eram o terror do paiz, uns bravos, uns homens capazes de tudo. Um, na mocidade, escalava muros de convento e tivera audacias peiores, o outro fôra seu companheiro, como um irmão.

Quiz vêl-os.

Elles ali estavam na sua frente. Analysava-os, offerecia-lhes logares.

Mas ambos ficavam de pé, cobertos, militarmente.

Eram os primeiros que se atreviam a tal desacato.

Teve vontade de os esmagar; perguntou de chofre:

— Fallam francez?!...

Apenas se inclinavam; elle então, como n'um insulto, redarguiu:

— E' que em Portugal falla-se tão mal a minha lingua...

Gomes Freire estremeceu e respondeu logo:

— Senhor general... Olhae que em França não se falla mesmo o portuguez!

Tinha atirado a phrase n'um francez correcto e accrescentava:

— De resto, nenhum povo deve fallar senão a sua lingua!

Era a entrada. O general Junot admirava-se e respondia por sua vez:

— Sim, a lingua de quem dirige esse povo!

— Que geralmente é quem n'elle nasceu...

— Menos nos casos em que eu estou.

Assentava assim a sua supremacia e continuava:

— Porém, ouço senhor, que bem fallou o francez. E vós?!

D. Pedro de Portugal, a quem elle se dirigia, exclamava de seguida:

— Eu, peior! Gomes Freire tem tratado muito de perto os francezes...

Tomou um ar negligente e accrescentou:

— Na Russia teve-os ás suas ordens...

— Como na Russia?! — perguntou pasmado.

— Olhava o heroe com certa curiosidade e interrogava de novo:

— Estivestes na Russia, senhor?!

— Oh! N'outros tempos... Já lá vão annos sobre isso...

— Quando?!

— Quando reinava Catharina II e Voltaire lhe escrevia... Oh! N'esse tempo ainda não havia a audacia de revolução franceza o que não obstou a que eu visse degolar depois Luiz XVI... Oh! Trataram-me d herege em Portugal... Lá vi o vosso imperador, tempo depois tambem...

— Napoleão?! — interrogou com o mesmo pasmo.

— Sim... Era então um pobre capitão a quem accusavam de dividas...

O general sorriu, ergueu-se, enthusiasmou-se:

— Fui seu companheiro... Era sargento em Toulon...

— Oh! general, eu n'esse tempo ja era coronel!

— Vós?! — e o seu pasmo dobrava, continuava a olhal-o do mesmo modo, ao passo que o outro continuava:

— Sim, eu... Catharina II fez-me coronel da sua guarda... Foi essa farda que me valeu no delirio da revolução franceza?!

— Sois coronel na Russia e viveis em Portugal!

— Ah! general, replicou d'um modo triste. E' que amo muito o meu paiz... E' que um pedaço de pão negro comido sob

este bello ceu vale mais do que opiparos banquetes em terra alheia!

— Pois eu queria fallar-vos exactamente d'essas terras alheias!

— A mim?!

Teve um arrepio, encarou-o e ouviu-o dizer:

— A ambos...

— Mas para quê?! perguntaram ao mesmo tempo.

— E' que o imperador carece de gente para as suas campanhas!

— E depois?! interrogou de novo Gomes Freire.

— Vou formar uma legião de soldados portuguezes que, á semelhança dos lombardos, dos de Piemonte, dos da Russia, irão entre as fileiras francezas a ganharem graus nas batalhas!

— Oh!

Pasmavam; viam a tactica terrivel, comprehenderam a obra do imperador.

— Formaria, pois, uma legião portugueza, dizia elle. E vós sereis os seus chefes...

— Nós!

— Sim, vós!

Aquillo era como uma cousa assente.

E ambos soffriam, ambos se olhavam.

— Não póde ser! Não póde ser, exclamaram ao mesmo tempo indignados.

— E porquê?! volveu muito serenamente Junot.

— Porque preferimos rasgar as nossas fardas... — gritou Gomes Freire.

O francez sorriu, recostou-se de novo no canapé e interrogou de chofre:

— Acaso tendes escrupulos em servir Napoleão, vós que sois realistas, vós que por esse lado o deveis amar?!

— Não!

— N'esse caso, tornou Junot, não sei comprehender a vossa repugnancia...

— General! gritou Gomes Freire, General...

— O quê, senhor?!

— Pois não vêdes como nós soffremos com a invasão! exclamou o conde d'Assumar.

— Soffrer! Oh! O soffrimento de quem espera!...

— Mas o que esperaes?! — perguntou Junot ao ouvir Gomes Freire.

— Espero melhores dias...

— Decerto, senhor, melhores dias tereis... tornou Junot. Decerto para vós, que sois guerreiro valoroso, grande gloria será servir ao lado do imperador...

— Pois temeis?! — bradou elle n'um impeto.

— Decerto!

— Porém não vêdes que somos portuguezes...

— Os primeiros que vejo, declarou Junot arrebatadamente.

— O quê?!

— Sim... Os primeiros, volveu o general sempre a sorrir.

— Mas n'esse caso com quem tendes tratado?!...

— Com os vossos compatriotas sem energia...

— Senhor!

— Não vos indigneis, Gomes Freire, não vos indigneis...

— Ouvi... E vós tambem, senhor d'Assumar...

— Dizei!

Ficaram a ouvil-o, e de quando em quando estremeciam; o general ia dizendo já sem o seu tom sarcastico:

— Entrei em Portugal e tratei com a nobreza...

— Sim... Sim...

— Ouvi-a, sentia-a, fallei a todos esses homens...

— Sim, e depois?! interrogou Gomes Freire, temendo ouvir dizer que elles eram cobardes.

— Depois?! Brigadeiro... Permitta que vos responda com uma pergunta?!

— Sim... Fallae, volveu elle do mesmo modo.

— Pois bem... Dizei-me porque recusaes partir com a Legião Portugueza?!

— General, é simples... A minha patria póde precisar do meu braço, com lealdade vol-o digo...

— Pois bem, Gomes Freire, pois bem, senhores... Se eu vos mostrar que os governadores do reino, aquelles deixados aqui pelo regente, estão do meu lado, que dizeis...

— Do vosso lado?! interrogam com pasmo.

— Sim... E vêm-me um enorme de desejo de vol-o provar...

Olhou um relogio collocado na parede e exclamou:

— Aguardae-me um momento n'esta sala... Podeis ouvir tudo o que se vae dizer ali... Podeis mesmo vêr quem entra aqui pela galeria envidraçada... Vae chegar a hora do despacho, concluiu elle como a indicar-lhes que deviam certificar-se do que lhes dizia.

Saudou-os e sahiu de repente; os dois amigos ficaram sós.

— Que se vae passar?! interrogou Gomes Freire.

— Não sei... Mas julgo que alguma cousa de bem extraordinario.

— Ouço passos...

— Sim... Vem gente pela galeria... Repara...

Olhavam ambos e viram o marquez d'Abrantes, aquelle antigo conde de Villa Nova, que avançava para o gabinete do governador. Era um membro da regencia. Elles ficaram a escutar.

Na sua voz aflautada com que ajudava em muitas vénias, disse:

— Oh! Excellencia!

Junot, sorridente, respondia:

— Marquez... Ainda bem que chegaste!

— Então porquê, meu caro general?!... Tendes que me dizer?!

— Tenho que consultar-vos...

— Oh! Mandae.... Mandae, volveu o outro quasi de rastos.

Os dois amigos no gabinete contiguo olhavam-se.

Junot, tornava do mesmo modo.

— Trata-se de modificar o governo! exclamou o general muito habilmente.

O marquez soltou um grito, ficou perplexo.

— Não estaes satisfeito comnosco!

— Oh! Mas é que novas combinações...

D'esta vez o marquez d'Abrantes, quasi implorou:

— Ordenae... ordenae...

— E' que, marquez, careço d'um cidadão francez entre vós...

Era como uma desconfiança bem manifesta.

Gomes Freire apertava nervosamente o braço d'Alorna.

— Oh! Mas porque não acceitaremos esse cidadão francez! volveu o Abrantes.

Agora era demais para aquelles dois corações. Era a infamia, era a miseria dos portuguezes bem patenteada, era o fim de tudo, da gloria, da tradição, das conquistadas sympathias que os miseraveis escangalhavam com a sua cedencia.

— Marquez, disse Junot, alteando a voz. Mas acaso respondeis pelos vossos companheiros?!

— Eu por mim vos digo que acceito tudo...

— Bem... Assim será, declarou o general.

Depois fez-se um momento de silencio e o francez de repente, clamou:

— Porém não sei se o sr. D. Pedro de Mello Breyner...

— Se acceitará?! interrogou o marquez.

— Sim...

— Oh, meu bom general, isto aqui para nós...

— Dizei ..

— D. Pedro acceita tudo, completamente tudo.

— Como o sabeis...

— D'elle o ouvi por tantas vezes! Apenas deseja...

— O quê?!

— As vossas boas graças!

— Pouco é como recompensa, disse a rir...

— Oh! Immenso, general... Vós sereis rei!

— Canalha! exclamou Gomes Freire no aposento contiguo.

— Pois sim, mas senhor marquez, tornou Junot. Acaso me respondeis tambem pelos tenentes-generaes Cunha Menezes e Xavier de Noronha?!...

— Elles ahi veem, esses dois membros do conselho da regencia... Melhor vos informarão...

Os dois militares entraram com effeito.

Um era alto, espadaudo, forte, no seu rosto lia-se a bravura, o outro, de meia estatura, levemente cortezão de maneiras. Estavam fardados, saudavam Junot d'uma maneira amigavel.

— Senhores, disse logo o general. Vou tratar d'um grave negocio...

— Oh! Mas porque não o resolveis! disseram todos.

— Não... Careço do vosso assentimento...

— Honrae-nos muito, exclamaram lisongeados.

— Oh! E são aquillo militares! disse Gomes Freire para amigo, accrescentando: E vão ceder e vão pôr se de rastos...

— Decerto!

— Ah! Amigo, isto dá vontade de partir...

— Para o fim do mundo... volveu o outro.

— Para onde se possa esquecer!... Mas como...

Agora Junot, dominava os membros da regencia ao declarar:

— Trata-se d'uma cousa bem grave!

— Mas fallae...

O marquez d'Abrantes, sabedor do negocio, sorria, e o general gosando com a ancia dos outros demorava propositadamente a revelação:

— Trata se do governo...

— Como?!

— Sim... Trata-se d'uma modificação...

— Não estaes satisfeito? perguntaram os dois militares.

— Apenas careço d'alguem que tudo possa providenciar...

— Mas...

— Esse alguem por ordem expressa do imperador será um francez... Mr. Hermann, que se encontra entre nós...

— Vão acceitar! volveu Gomes Freire.

— Vão...

E com effeito, os fidalgos, gritaram:

— Mas apenas isso?!

— Sim...

— Plenamente acceite, não é assim? interrogou o marquez de Abrantes.

— Mas decerto! Decerto, volveram os outros.

— N'esse caso, apenas devemos resolver a marcha da legião portugueza!

— Decerto... E' necessario que parta! declarou D. Francisco Menezes com assentimento dos outros.

— E agora, senhores, vinde, quero apresentar-vos o vosso novo collega...

Junot, conduziu-os atravez da galeria e triumphante lançou um olhar para a sala onde se encontravam os dois officiaes, e affastou-se a sorrir.

Gomes Freire, com o seu temperamento impulsivo, gritou por sua vez:

— Alorna...

— Amigo!

— Partamos!

— Para onde?!

— A tomarmos o nosso logar! volveu com serenidade.

— O vosso logar?!

— Sim... Somos os commandantes da Legião Portugueza!

— E queres acceitar?! perguntou pasmado.

— Acaso não ouviste o que disseram os membros da regencia?!

— Mas...

— O quê?! Quando elles são assim contra nós, queres desobedecer?!...

— Oh! Amigo...

— Formamos a legião e levamol-a a França...

— E batemo-nos pelo corso, não é assim?!

— Que vale vinte vezes todos os nossos governadores...

— Mas a nossa patria?! disse o outro.

— A nossa patria?! Mas acaso vamos contra ella?!

— Não!

— Não obedecemos aos governadores do reino?!

— Sim...

— Podemos ficar em Portugal?! Sim, francamente depois de tudo isto?!

— Não, mil vezes não!

— Teriamos que assistir ainda a maiores baixezas...

— E' certo!

— Depois o imperador sabe conhecer os homens...

— Queres dizer?!

— Que nos dará um bom logar nas avançadas!...

— Em que pensas, Gomes Freire, perguntou o outro aterrado.

— Em quê?! Em conduzir os meus soldados á gloria, á suprema gloria!

Era já o guerreiro, o soldado amante do fogo que sonhava em um maravilhoso e extraordinario combate em que a legião portugueza teria o seu papel.

— Alorna, queres acceitar esse commando?!

— Tudo menos assistir a uma scena como a de ha pouco!

— Pois bem... Partiremos... Não é contra Portugal, não é contra a vossa consciencia!

— Não... Se o fôra não teriamos que partir mas sim de ficar...

— E' certo...

— Bem... Não é contra a patria pois que vamos servir Napoleão o grande, não é contra a patria, não! eu já servi Catharina II, já andei longe e sempre fui portuguez!

— Tens razão!

— Partamos já que os membros da regencia são assim miseraveis. Temos os nossos nomes a illustrar.

— Sim... Temos as nossas repugnancias fervendo no intimo por toda essa pulhice, por toda essa infamia d'elles...

— Por isso... Ao largo, Alorna, que mais tarde voltaremos...

Apertava as mãos com sincera effusão.

— No dia em que formos necessarios.

— Sim...

Junot entrava, olhava-os d'alto a baixo e interrogava:

— Que me dizeis, meus senhores?!

— Que tinheis razão ha pouco quando nos aconselhaveis a partida!

O general muito radiante, balbuciou:

— Bem vêdes que conheço bem os bravos...

Sorriu amigalmente a dar a entender o seu respeito e depois accrescenton:

— De resto, o imperador não sabe de nacionalidades! Apenas sabe de bravuras...

— Quereis dizer?!

— Que sem serdes contra Portugal, elle vos olhará como filhos da França...

Estendeu-lhes a mão que os dois portuguezes apertaram sem rancor e então começaram a descer a larga escadaria sob o olhar do governador que os saudava ainda.

Em baixo, Alorna estremeceu ao vêr uma mulher que se apeava d'uma cadeirinha e ia para a pequena porta dos aposentos do francez.

Largou o braço do amigo, correu para ella, exclamou:

— Condessa! Sobrinha!

Era uma joven, alta, loura e linda, a condessa de Ega que o tio acabava de segurar e que se tornava vermelha:

— Onde vaes Julianna?!

— Oh! Meu tio, como vós, vou fazer a minha côrte ao vencedor! volveu com descaro.

O marquez largou-a, olhou Gomes Freire e affastou-se sem dizer palavra.

Voltou-se ainda a vêl-a sumir-se na portinha e já longe, bradou de rompante:

— Partamos! Partamos e para que não voltemos mais...

— Porquê, amigo...

— Pois, não viste...

— O quê?!

— A condessa de Ega, a minha sobrinha?!

— Sim...

— Agora tenho a certeza...

— Mas de quê?! perguntou o heroe.

— Do que se dizia... Ella é a amante de Junot, do conquistador!...

E n'um grito desesperado, accrescentou:

— Partamos! Partamos!... Seremos dois de menos assistindo á dissolução da velha sociedade, em que os reis fogem, os fidalgos se curvam e as mulheres se vendem ou se dão aos extrangeiros vencedores...

— E' tua sobrinha...

— E' uma nova duqueza de Mantua que odeio... mais baixa, mais vil, porque é portugueza... Oh!... sobrinha, não... Gomes Freire, não fallemos mais em tal...

O outro ficou cabisbaixo e assim lado a lado se foram depressa para o quartel da Junqueira, no interior d'uma sege, aos trambolhões por Alcantara abaixo.

Não fallavam. Vinha-lhes após o nojo da sociedade portugueza, o sonho das glorias que podiam conquistar no exercito do grande imperador.

IX

A vespera de Wagram

O imperador no alto do outeiro, escanchado no cavallo branco e d'oculo em punho, ordenou, franzindo o sobrecenho:

— A galope! A galope Laville, e vae dizer a Lannes que suspenda o seu movimento e desça um pouco para Essling!

N'uma nuvem de poeira o official partiu e o imperador ficou silencioso a analysar as peripecias da batalha.

Era por um bello dia de maio, no meio dos campos que iam sendo arrazados sob o fogo mortifero das baterias austriacas.

Os francezes tinham avançado sempre ao som dos clarins, com aquelle denodo dos soldados velhos do grande imperador.

Agora eram ainda como uma linha grossa e bem unida, que no meio do canhoneio, deixando para traz os mortos e correndo para o inimigo, fazia um circulo que fogo algum poderia romper.

O archi-duque João, áf rente da sua artilharia, olhava espantado essa columna immensa que o seu fogo mal tocava, e no auge da admiração, exclamava:

— Extranhos francezes!

Luziam as armas, o sol tirava reflexos dos metaes das barretinas, e a terra estremecia com essa marcha ousada d'uma divisão em

accelerado que corria para o fogo n'uma alegria louca sob a chuvada da metralha incessante.

Eram trezentas as peças que estavam apontadas sobre os francezes. Lannes fazia avançar os seus homens, e Saint-Hilaire era o primeiro, o que estava mais proximo, á frente da turbamulta dos granadeiros velhos que riam sob o fogo.

Mas entre as fileiras francezas, destacavam-se as barbaças ruivas e os corpos altos dos bavaros, os uniformes vermelhos dos polacos, todos em linha com os seus officiaes n'uma mistura extranha, n'uma vassallagem de corpos d'exercito de paizes conquistados pelo grande Napoleão.

Os portuguezes, pequenos, bisonhos, resistentes, marchavam na divisão Sain-tHilaire, ouviam os velhos granadeiros a rir e sob a metralhada pareciam tomados d'uma furia, porque corriam desesperados ás ordens de Gomes Freire e de Candido Xavier.

Havia por elles uma admiração no exercito, eram queridos pela reputação da sua bravura no cerco de Saragoça e que parecia continuar-se além, diante dos austriacos, n'essa linha d'Aspern a Essling que Lannes tinha sob o seu commando.

Tornava-se cada vez mais mortifero o fogo do inimigo, choviam as balas, levantava-se de longe um luar d'incendio, e a soldadesca avançava sempre com os seus gritos, as suas armas, n'uma intrepidez pouco vulgar, de cabeças levantadas, berrando os seus vivas ao imperador, que lá no alto continuava sereno, impassivel, seguindo com o oculo o seu ajudante de campo a passar como uma setta por entre as fileiras cerradas, por entre o material d'artilheria, os carros das munições, as baterias desmontadas, e se acercava de Lannes, o general chefe que fôra embaixador em Portugal.

Aquelle canhoneio tinha muito d'epico.

As trezentas peças coroando o alto, atroando tudo com os seus estampidos formidaveis, deixando correr das boccas negras vomitos de fogo que vinham trazer a morte, eram como o brado de revolta d'um povo que não queria ser vencido.

— Viva o imperador!

Agora tornava-se louca a corrida sob aquelle sol que escaldava, sob aquelle fogo de morte e resaltavam faiscas das armas, abalava-se a terra no rolar da artilharia que ia de corrida n'um flanco, envolvendo o exercito em nuvens de poeira.

N'um momento, o ataque tornou-se verdadeiramente singular. Já tres divisões faziam a mesma manobra envolvente, e em cima, as austriacas, rodavam com os canhões, entravam a fazer um fogo mais cerrado e mais mortifero. Ninguem hesitava. Ouvia-se aquelle tiroteio d'ensurdecer, terrivel, enorme, com nuvens de fumo, com abalos extraordinarios, e os homens cahiam com gemidos, outros de chofre, a metralha, como um granizo, cahia sobre elles, feria corações, mutilava braços e pernas, cegava e enlouquecia, e, n'um desespero enorme, os austriacos buscavam manter as suas posições a todo o transe. O archiduque commandava o fogo cheio de colera.

Parecia que entre os francezes cada homem morto dava o seu logar a dez vivos, porque as columnas cerravam-se cada vez mais e a marcha era cada vez mais audaciosa.

Havia sempre os mesmos ruidos, clamava-se, gritava-se n'um alarido que debalde buscava abafar as vozes dos canhões.

Por fim, assestaram ainda mais cem peças e foi então um espectaculo terrivel.

Do alto do monte os austriacos carregavam os canhões sem cessar, enchiam de polvora e de balas aquellas massas d'aço, e depois, com firmeza, com desesperada ancia, chegavam-lhes os morrões e tudo se confundia nas nuvens de fumaceira, tudo se occultava, e as balas quentes, candentes como meteoros, vinham passar por sobre o exercito, faziam trajectorias, outras vinham rasteiras, outras pelos flancos como se fôssem grossas estrellas cahindo d'um ceu para o anniquilamento das gentes, como se fôssem aerolithos que chegassem d'uma tarefa de destruição.

A tropa avançava sempre, corria, marchava por sobre um tapete de destroços, n'uma cegueira, n'um deslumbramento, habituada já ao fogo, ao desprezo da vida, á victoria, á obediencia.

— Para a frente... Viva o imperador!

Mas, de subito, tudo aquillo se paralysou a uma ordem de Lannes, transmittida pelas cornetas, as divisões ficaram immoveis durante um curto segundo, como suspensas pelo mesmo destino da authomatica fórma que usavam os soldados do grande exercito.

Saint-Hilaire, ordenou um movimento de recuo e gritou:

— Soldados lembrem-se que está ahi o imperador!

E esse movimento de recuo foi um assombro.

Primeiro toda a divisão se poz d'arma ao hombro, depois em

passos medidos, de frente para o inimigo, ensaiaram os primeiros passos, a artilheria voltava-se, como n'um exercicio, ali sob a metralhada, e por cada homem cahido logo outro apparecia, nem por um momento hesitaram, recuavam como tinham avançado: bravamente!

Os portuguezes como os outros, procediam em egualdade com os francezes.

As balas choviam sempre e a retirada effectuava-se gloriosa. O sol era d'ouro e o imperador continuava impassivel no seu outeiro, com o seu estado-maior.

Todas as divisões recuavam do mesmo modo e sob o mesmo fogo, de bandeiras ávantes, desfraldadas, com as aguias ensaiando um vôo.

De repente, um grito se repercutiu por toda a divisão. Saint-Hilaire, o general, acabava de cahir do cavallo. Uma obuz explodira junto d'elle e o general estava morto, com uma larga mancha de sangue na farda, segurando ainda a sua espada.

E a divisão, no primeiro momento, ficou paralysada.

Depois, quando tomaram nos braços o corpo do general, ella, sob o fogo, deixou-se ficar á tôa, mas firme, sem commando mas heroica, como se quizesse deixar chacinar. Lannes veiu então a todo o galope, entrou no terreno da divisão, de cabeça descoberta, com a espada alta, gritando:

— E' recuar... Cerrar fileiras...

O movimento fazia-se sempre, como se o official morto ainda estivesse á frente dos seus homens. O general escolhia um terreno menos exposto e os austriacos vinham já de bayonetas caladas para o ataque.

Calára-se a artilharia que os protegia.

Aquelles canhões com as suas boccas escancaradas n'uma ameaça, deixavam os outros avançar.

Tudo estava agora em silencio; passou no espaço uma revoada de aves que trilaram assustadas.

De novo começou o canhoneio.

E Lannes, no mesmo impeto, n'um galope louco, corria sempre para a divisão Oudinot a recolhel-a tambem. Ali foi mais terrivel, cahiram fileiras inteiras. Era uma tropa de recrutas que ainda não tinham serenidade.

Mas apesar das fileiras cahirem, os outros, pondo de lado o

terror, iam a seguir a manobra ás ordens do chefe para as bandas dos fossos. E, n'esse momento, o exercito com semelhante movimento, ficou a coberto das linhas d'Argem e Essling.

Os austriacos avançavam sempre ao lado da divisão Saint-Hilaire, os canhões vomitavam o seu fogo para o norte, onde a divisão Oudinot já recuava.

A artilheria franceza ia defender os fossos, para deter o inimigo.

Estavam cercados de canhões, aguardando os outros.

Chegara emfim a vez da artilharia franceza.

Largava de cima um regimento de cavallaria austriaca, n'uma massa compacta, que de momento tomava as avançadas. Tudo aquillo corria no mesmo impeto, em nuvens de poeirada, tudo aquillo se confundia e os gritos soavam mais alto, e as vozes erguendo-se lembravam os brados das legiões romanas no tempo dos Cesares. Era a mesma bravura e as mesmas aguias!

Lannes, formava agora as suas divisões.

Tinha na segunda linha um regimento de couraceiros e na primeira toda a divisão Oudinot, na reserva deixara a velha guarda.

Assim, cheio de firmeza, exclamava:

— Ah! Venceremos!

— Viva o imperador!

E todo o exercito soltou o mesmo grito que echoou aos ouvidos de Napoleão sem o fazer mover.

De quando em quando partiam ajudantes de campo com ordens para os generaes, e o imperador recahiu no seu mutismo ao vêr agora avançar brilhantemente a cavallaria do principe de Lichtenstein.

Lannes, ordenava o fogo á sua infanteria, ordenava a metralhada.

D'um lado faz-se uma brecha e a cavallaria do principe austriaco precipita-se sobre os couraceiros. Ha um momento de pasmo, de terror, de espanto, e o combate torna-se loucamente bello.

Homens contra homens, cavallos contra cavallos, tudo na mesma massa, com o mesmo ardor; as armas brilhando á soalheira, as couraças com reflexos extranhos, toda uma turba a clamar, e os hussards e os caçadores do general Lasalle vieram em soccorro dos couraceiros.

Tinham-se afastado para um canto do acampamento. Eram

quinze mil homens envolvidos n'um massacre; o resto das tropas francezas continha os austriacos; a artilharia do archiduque, lá do alto fazia o seu fogo, ao qual não resistia a artilharia franceza toda desmontada.

O Danubio corria lá em baixo largo e grosso, passavam barcos carregados de tropas e o inimigo levava já enormes vantagens. Napoleão continuava na sua impassibilidade, certo da victoria como um Deus.

Tornava-se incessante a metralhada.

Tudo se envolvia; Lannes galopando no seu cavallo d'um lado para outro sob a metralha, exclamava:

— Coragem, rapazes, coragem! Viva o imperador!

— Viva o imperador!...

Lá perto do Danubio a cavallaria do principe austriaco retirava depois de ter feito uma chacina.

Eram bastos os mortos e a noute vinha a chegar.

O sol ia desapparecendo como um sultão a esconder-se em lençoes de purpura.

E a batalha, continuava furiosa além em frente d'Essling, na vespera do dia memoravel de Wagram.

Gomes Freire encontrou-se por momentos junto de Lannes com os seus portuguezes; e o grande marechal francez, sorridente, exclamou:

— Firmes, bravos, os portuguezes!

E ainda accrescentou:

— Se nos mantemos até ao fim do dia, é nossa a victoria!

Lá foi de corrida, com a cabeça descoberta sob a metralhada inimiga, sorrindo aos generaes, gritando aos soldados:

— Coragem, rapazes! E' ficar assim até ao fim do dia!

O grande duque de Montebello, esse Lannes que fôra ferreiro e esperava ser rei, correndo assim por diante das divisões, dava lhes animo e andava exposto, muito exposto, a essa terrivel metralhada que vinha sempre contra o exercito.

Então um dos seus ajudantes bradou:

— Meu marechal, meu general.

— O quê?!

— Andaes muito exposto... Vêde como as balas veem n'esta direcção... Elles assestam para aqui a metralha.

— E então ?!

— E' melhor ficar de pé, meu general! Offereceis menos alvo!

— Ora...

E sorria, clamava:

— Não!

Mas n'este momento uma bala zuniu-lhe aos ouvidos, o ajudante insistiu:

— Meu marechal, offereceis muito alvo!

Então cedeu, apeou-se, atirou as redeas do cavallo a um soldado, gritando ainda:

— Coragem, coragem!

Porém um estilhaço de uma bala d'artilheria veiu bater lhe em pleno peito, e Lannes cahiu n'um mar de sangue, dizendo com o seu sorriso:

— Ninguem foge ao destino!

D'esta vez foi uma confusão, mas verdadeira confusão; o exercito recuou, e o marechal Bessieres com um coronel, tomaram o corpo de Lannes banhado em sangue.

Logo a noticia correu com rapidez. Os soldados ficaram paralysados. A gente da velha guarda chorava.

Augmentava sempre o perigo, ouvia-se exclamações de cólera, parecia como uma retirada ao verem passar nos braços dos dois officiaes, o corpo do marechal embrulhado no capote d'um couraceiro em direcção á ambulancia que ficava á distancia.

Elles não o queriam largar; era cada vez maior o perigo.

O marechal Bessieres, voltou ao cabo d'uns momentos a tomar o commando em substituição de Lannes, e então, fez uma aberta nas linhas austriacas e correu para o Danubio a tomar uma ilhota.

Napoleão, estremeceu quando um ajudante lhe disse:

— Sire... O marechal duque de Montebello está gravemente ferido.

Baixou a cabeça por momentos e exclamou!

— Avancem os fuzileiros da guarda!

E de seguida para o velho general Mouton, que estava a seu lado, accrescentou:

— Meu bravo, faz ainda um esforço para salvar o exercito... Mas d'uma vez, porque depois dos fuzileiros que te entrego não te-

nho senão os granadeiros da velha guarda!... São elles o meu eterno recurso que só avançará no caso d'um desastre! Vae!...

De Lannes nem uma palavra. O collosso concentrava-se n'esse momento supremo.

Havia então como uma outra vida nas fileiras. Os fuzileiros atacavam, o exercito começou a entrar na ilhota. Chegara a noite; os austriacos retiravam sem munições. Accendiam se fogueiras na linha d'Essling e Aspern que os francezes tinham conquistado após um combate de trinta e duas horas.

Soou o toque de descançar. Gomes Freire, sosinho, diante do exercito que dormia, diante de todos aquelles que tinham a respiração forte, egual ao ruido d'um vulcão que fosse explodir na terra onde elles jaziam, era o unico a velar. Sonhava grandes sonhos de gloria, nas linhas de Essling, na vespera de Wagram.

X

A morte de Lannes

Gomes Freire, viu um dos mais estranhos espectaculos n'essa noite de maio, alem na verde ilha de Loban, onde o exercito recolhera.

O general, foi despertado do sonho por um ruido de passos, estremeceu e voltou-se. Era o imperador que passava com o seu corcel branco, cabisbaixo, ao lado d'um ajudante de campo.

Estendia-se um enorme hospital n'um recanto. Havia mais de dois mil feridos amontoados: e ao fundo ficava a tenda onde tinham reconduzido Lannes.

Levantava-se da terra como um côro de suspiros, de gemidos, de prolongados ais. Na luz das fogueiras viam-se rostos lividos, membros mutilados, cabeças partidas que descançavam nas pedras, andavam os cirurgiões d'um lado para o outro, andavam açodados, quasi todos com a Legião d'Honra ao peito. Officiaes e soldados jaziam na mesma egualdade, n'essa terra onde o imperador ia passar.

Napoleão, continuava cabisbaixo, amortalhado no seu casaco branco ao lado do ajudante.

Mas um official quasi moribundo reconhece-o.

Ergueu a cabeça n'um esforço supremo e exclamou:

— Viva o imperador! e expirou n'um soluço.

Logo de todos os labios d'esses feridos, em gemidos dolorosos veiu o brado:

— Viva o imperador!

E elle passou a saudal-os n'uma continencia, sem um sorriso, fatal, homerico.

Parecia que esses dois mil feridos eram tantos outros remorsos na sua consciencia, e passava já de cabeça descoberta diante dos seus homens, que continuavam por entre os ais e gemidos a gritarem:

— Viva o imperador!

Lannes, no seu leito improvisado, ao ouvir este brado estremeceu, abriu os olhos, e murmurou:

— O imperador...

Os cirurgiões que acabavam de fazer a amputação ao marechal, recomendaram lhe silencio. Porém elle, muito livido, muito fraco, balbuciou:

— O imperador!

A' porta, estava já a figura de Napoleão; olhava o seu marechal.

Recordou lhe n'um momento o passado.

Oh! Aquelle ferreiro que elle conhecera, feito duque era a sua imagem; e ia morrer.

Elle tambem teria de morrer!

E então, commovido, diante dos medicos, diante do ajudante, correu apertar nos braços o seu marechal.

Gomes Freire, espreitava de parte, ligado aquelle logar, descoberto e commovido ao vêr o grande guerreiro abraçado ao outro, disendo-lhe na sua voz tremula n'aquella hora quando até então fôra ousada e forte:

— João... Lannes! Lannes,

— Sire!...

Debalde o marechal buscava corresponder á pressão d'aquelle abraço; nos seus olhos já havia uma nuvem de morte e no emtanto aos seus labios ainda accudia um sorriso:

— Sire... Eu vou morrer!

— Não, duque de Montebello, não. Viverás, é necessario que vivas! Espero em Deus, meu amigo, que viverás!

Deitou um olhar indagador para os os rostos dos medicos e viu os impassiveis, então reparou em Lannes que abanava lentamente a cabeça:

— Não, sire... Eu vou morrer! Estava destinado a ir d'este mundo deante d'Essling.. Nunca o julguei nos meus tempos de ferreiro...

Sorria mais uma vez ao vêr o imperador tornar-se subitamente grave:

Napoleão não gostava d'ouvir os seus officiaes referirem-se ao passado.

Lannes comprehendeu isso e então, n'uma voz embargada de soluços, exclamou:

— Perdão...

— Duque, amigo, do quê?! e tornou abraçal-o.

Mas o marechal como se sentisse a vida a fugir-lhe aos poucos, disse de chofre:

— Sire... Ides ficar sem aquelle que foi o vosso mais fiel amigo e o vosso mais dedicado companheiro d'armas! Vivei e salvae o exercito!

O imperador estava calado, olhava fixamente o moribundo e reparava que nos seus olhos havia como uma supplica. Fez sahir os medicos. Gomes Freire, retirou-se rapidamente do limiar e guardando para sempre a visão d'aquelles dois homens, um que elle vira impavido, no alto do outeiro assistindo á morte de milhares d'homens, o outro que elle vira na excitação da batalha como um bravo.

Elles lá ficaram face a face, frente a frente.

Só então, o duque de Montebello, murmurou:

— Sire!

— Meu amigo, não te fatigues! disse o imperador.

— Tudo é permittido a um homem que vae morrer, e eu não vos fallaria se não tivesse a certeza da minha morte breve!

Napoleão estremeceu, calou-se, deixou-o continuar:

— Começa a levantar-se contra V. M. uma certa revolta...

— Bem sei... Calemo nos, atalhou Napoleão,

— Mas, não, sire... Deveis ouvir-me! volveu o marechal. Eu vou morrer...

— Porém...

— Sire... A França accusa-vos de grandes faltas, de a terdes lançado em milhares de aventuras, de guerras sem nome e sem treguas, que já deviam acabar. Não sois senhor d'uma parte da Europa?!

— Sou soldado, Lannes, e quero vencer...

— Oh! Sire... Eu não fallo de mim que estou para aqui a morrer, juro-vos... Tenho soffrido muito e nunca vos disse o que hoje vos digo, hoje que as balas austriacas me levaram as pernas e dentro em pouco a vida. . Mas salvae a França, sire, salvae-a!... Basta de guerras porque n'ellas vão morrendo todos os vossos amigos e a propria França...

— Lannes...

— Sire... Lembrae-vos da Italia!

— Ah! Sim... disse arrebatado.

— Pois um dos vossos heroes d'Italia, Saint-Hilaire, morreu... Estão entre mortos e feridos quarenta mil homens, dos quaes seis mil fôram vossos soldados em Italia...

— Duque de Montebello, tu mesmo fôste um heroe d'Italia... Mas, amigo, os heroes feriam-se para praticar heroicidades e não para assolarem terras... A França d'hoje é a segunda Roma que vae a resurgir ao vôo das minhas aguias.

— Sire!

— Não tenhas receios... A França será grande...

Lannes, ficou taciturno a desfallecer.

O grande imperador, parecia excitado, e então, estendia a mão ao marechal e exclamava:

— Viverás, João... viverás... Careço de ti, meu heroe...

Perdoava-lhe aquelle conselho que a ninguem poderia perdoar, e então abraçava-o de novo, beijava-o na face, e sahia lentamente com o olhar fixo no rosto do moribundo.

Lannes agitava-se sob as coberturas e exclamava n'um ultimo brado:

— Viva o imperador!

E assim expirou como um gladiadôr, soltando aquelle grito equivalente ao *Avè Cesar* d'um legionario romano.

Então, como se a sua voz fôsse ainda por esses dois mil feridos, d'um ar d'ais e de gemidos, de dôres fundas, sahiu a saudação n'um extranho echoar, brotando d'aquellas boccas moribundas:

— Viva o imperador!

E Napoleão, passou de novo á pressa na frente d'elles de cabeça descoberta.

O ajudante mal o podia acompanhar.

— Viva o imperador! Viva o imperador!

E Gomes Freire, viu-o ainda passar, sumir-se na treva com o seu casaco branco e nos seus passos tragicos; e no silencio da noite ouviu exclamar:

— Amanhã damos a batalha!...

O general ficou cabisbaixo a meditar. E ao seu lado surgiu Candido Xavier.

— Gomes...

— Oh! Camarada..

— Viste o imperador? e perguntou-lhe isto com assombro.

— Se vi!... Oh! Mas que extraordinario homem, que extraordinario!

— E ainda blasphemavas por servires ás suas ordens...

— Ah! Candido, era porque a patria, a nossa pobre patria talvez careça de nós!

— E elle, o senhor d'essa patria, como de resto será o senhor de toda a Europa!

— O quê?! Pois crês?!

Gomes Freire parecia ter tambem um grande medo d'acreditar em tal, parecia encher-se d'um certo terror ao ouvir o outro dizer:

— Creio!

— O quê?! Julgas que elle vencerá na Austria?!

— Amanhã raiará para elle mais uma victoria!...

— E que segurança a sua... Eu já conhecia de ha muito o fanatismo dos francezes por elle, mas não imaginava tanto! No cerco de Saragoça, os recrutas enthusiasmavam-se e exclamavam diante do inimigo:

— Viva o imperador!

— E' como um Deus de victoria!

— Com tantos outros chefes que o ajudam!

— Os seus marechaes?!

— Sim... Eguaes todos elles e esse bravo que Napoleão ha pouco abraçou!

— Lannes!

— O duque de Montebello, grande guerreiro e insolente embaixador, declarou n'um repente. Em Portugal, chegava a rir do regente... Lembro-me bem como lhe chamava apenas *mr. du Brézil.*

Mas a porta da tenda de campanha abriu-se e um ajudante sahiu de corrida:

— Morreu Lannes! Está morto o marechal!

— Morto!

Então os dois portuguezes curvaram as cabeças diante d'esse desastre, ficavam perplexos, quedos, sem alento.

E como se fossem acostumando já aquelle fanatismo dos francezes, exclamavam a um tempo:

— Que dirá o imperador?!

Ouviram n'este momento a voz de Napoleão que bradava com frieza:

— Ah! Preparem a divisão para as honras funebres! Senhores generaes, vamos ao conselho! Quero amanhã vencer!...

No seu leito o morto arrefecia, muito livido, muito estranho na sua immobilidade, d'olhos esgaseados, vitreos, e parecia admirar-se ainda de semelhantes palavras.

Havia então uma carreira para a tenda. Levantavam-se soldados que choravam.

Das bandas do Danubio, veiu um vulto de mulher a qual as avançadas perguntavam:

— Quem vive?!

— A França, disse ella em voz sumida.

Assim vinha pelo acampamento como se procurasse alguem mas sem fazer interrogações.

No meio d'um bosque tinham-se accendido fogueiras e estabelecido uma linha de sentinellas. Estavam lá os marechaes, ia para lá o imperador.

A mulher parou, olhou aquella figura pequena, envolta no seu casacão claro e ia approximar-se.

Porém affastava-se e ella exclamou:

— Napoleão!... E' Napoleão!

Na sua voz havia mais rancor do que admiração, havia como uma colera que não conseguira abafar.

E de toda a planicie, sahiu o mesmo grito sempre egual, sempre vibrante, sempre profundo.

—Viva o imperador! Viva o imperador!

Os dois portuguezes ficavam a analysar a mulher que se encaminhava para a tenda de Lannes, vagorosa e tragica, como uma negra phantasma.

XI

Wagram

Um fremito passou pelo exercito. Levantava-se a manhã e quando a soldadesca viu claro, estremeceu e soltou um grito formidavel que foi accordar os austriacos:

— Viva o imperador!

Napoleão, estava de bom humor, sorria, não parecia o mesmo taciturno dos outros dias, sobretudo por esse dia de brumas que se erguia para uma batalha formal.

Era uma immensa linha de tres leguas esse exercito que se defrontava com o outro; via-se ali uma firmeza extranha, notava-se um pulso de ferro que tudo tentava e tudo dispuzera.

Os austriacos tinham entre as tropas, no centro das forças, os seus brilhantes couraceiros e a reserva dos seus granadeiros, que se estendiam n'um semi-circulo desde Wagram até Gerasdorf. A' direita estava o terceiro corpo d'exercito, com o quinto e o sexto, á esquerda estavam as tropas do principe de Rosenberg.

A linha franceza, n'um habil defronto, seguia exactamente os contornos da linha inimiga.

Em face da ala esquerda dos austriacos tinha-se collocado o marechal Davout, para responder ao principe de Rosenberg com o marechal Oudinot, que o auxiliava defrontando-se com as tropas de

Hohensollern. E para a esquerda, *vis-à-vis* de Wagram, estava Bernadotte com as saxonias encarregadas de manter a dobrada reserva de granadeiros e couraceiros. E mais para a esquerda, no extremo da linha, collocara-se a divisão de Massena, destinada a conter os regimentos inimigos.

Ao centro, para traz do exercito d'Italia, o imperador tinha deixado a guarda imperial, os bavaros e o resto dos couraceiros.

O dia era pardo, as tropas não se destacavam, conservavam-se risonhamente, agora por esse mez de maio apagado, sem as alegrias de luz, como se quizesse presagiar a Napoleão uma formidavel derrota.

No meio do estado-maior, elle, assestava o seu oculo, ficava assim uns momentos passeando por toda a linha, e no fim baixando-o, voltou-se para um dos seus officiaes e exclamou:

— Então, Macdonald...

O outro, uma bella figura marcial, estremeceu. Era a primeira vez desde dois annos que o imperador lhe dirigia a palavra, como se quizesse mostrar-lhe que perdoava a guerra, as palavras contra o imperio que o republicano proferia e que tinham chegado aos ouvidos do imperador.

— Sire...

— Que dizes a esta linha de batalha?! Não notas a nossa superioridade?!

Como elle se calasse, Napoleão apontou-lhe uma por uma as divisões e concluiu por dizer:

— A ala austriaca, sobretudo a ala direita, é fraca; a vossa com Oudinot e Davout é mais forte! Vê ainda a ala esquerda d'elles a que terá de responder Massena... Levamos vantagem! O centro é meu, com mil granadas, e tenho comigo os bavaros, os saxonios e a guarda imperial... Isto é, tenho aqui a melhor cavallaria do mundo! Já vês que posso dar batalha...

E sorria, passava a mão pelo hombro de Macdonald, que se admirava, balbuciava por fim:

— Esse pobre Lannes!

Mas logo, como se tudo aquillo não o interessasse já, tornou:

— Macdonald, toma o commando do exercito d'Italia!

Voltou-lhe as costas e ficou de novo a analysar o seu exercito e o inimigo; e sorria, murmurava:

— Bem fiz eu em resolver tudo de repente, o archiduque Carlos nem teve tempo de formar os seus homens em linha de batalha...

E fervia-lhe o sangue, queria o ataque decisivo, chamava os quatro generaes que o acompanhavam sempre e acabava por dizer.

— Daremos hoje a batalha... Chamar-se ha a batalha de Wagram... Vêdes além aquelle planalto?!... E' Wagram, onde o inimigo se concentrou... E' necessario envolvel-o, ir ao seu encontro... E distribuiu-lhes os papeis na grande scena que se ia desenrolar... Tu, Oudinot, com a tua gente attacas, o exercito d'Italia do commando de Macdonald passa pelo meio do teu e dos corpos de Benardotte que irá directamentepar a Wagram!

Ninguem objectou; o imperador sorriu e elles partiram sem palavra.

Iam extranhamente preoccupados com aquellas maneiras alegres do imperador, por esse dia pardo, por esse dia cinzento, tristonho e exquisito em que queria dar batalha.

Tocavam as cornetas; o pequeno corpo de portuguezes lá estava na divisão, entre as legiões estrangeiras que, á excepção dos bavaros e dos saxonios, se uniam, emquanto estes, como experimentados e bravos cavalleiros, ficavam junto do grande imperador.

E Gomes Freire tocou no braço de Candido Xavier, a indicar-lhe a mulher da vespera, que passava no meio do acampamento. Era alta, de porte distincto e vestia de luto; tinha já brancos alguns cabellos, no seu porte havia alguma cousa d'uma matrona romana, com a sua maneira grandiosa de caminhar, envolta no seu manto negro.

Parecia procurar alguem e não se atrevia a fazer a mais ligeira pergunta.

Por fim, parou, olhou attentamente em roda e deparou com a legião estrangeira; viu Gomes Freire que a olhava e acercou-se.

N'uma lingua doce, com um grande tremor na voz, perguntou:

— General, podeis dizer-me onde se encontra a legião polaca?!

O portuguez levou a mão á barretina n'uma saudação, e disse:

— Além á direita, minha senhora, além á direita, sob as ordens do seu chefe e encorporada com o 19 de linha, divisão do general Dupas!

— Obrigada...

E saudou-o por sua vez, avançou de uma fórma grave, como

resignada, em direcção ao logar indicado, passando impavida pelos soldados que a olhavam, com o seu bello busto real, com os seus passos firmes, com o seu porte nobre, os seus cabellos brancos e o seu mantão negro.

Adiantava-se o dia; ella chegava, emfim, diante da legião polaca. Os seus olhos dirigiam-se logo para todos aquelles homens novos que além estavam e que ella via agora atravez d'um veu de lagrimas.

Um joven official, ao vel-a, estremeceu no seu posto; ella sorriu-se, elle deu um passo para o seu chefe:

— General... E' minha mãe... Deixae que a abrace...

Não teve tempo de dar a resposta. Tocavam as cornetas. Dupas mandava avançar rapidamente para se passar o riacho pouco largo mas fundo, que se chamava Russbach. O 19 de linha soltou o grito de guerra que era como um symbolico brado de victoria:

— Viva o imperador!...

E a marcha começou de repente em direcção ao rio, a marcha fez-se rapida, de corrida, para se ir ao encontro da divisão austriaca acampada do outro lado.

O brado era sempre formidavel e sempre o mesmo, n'um resoar extranho que se alongava pelos campos fóra:

— Viva o imperador!

No momento em que os polacos seguiam o 19 de linha, a mulher atirou-se para as fileiras, exclamou:

— Filho, meu filho!

O joven official parou na sua corrida, voltou-se por um momento e exclamou:

— Oh! Minha querida mãe!

Cahiram por momentos nos braços um do outro emquanto as tropas chegavam ao rio.

Ia fazer-se a passagem sob aquelle céu pardo, no enevoamento do dia tristonho; e havia homens que cahiam á agua, ouviam-se cornetas, soavam gritos terriveis de commando e de incitamento:

— Avançar! Avançar!

— Filho... Tu não vaes... exclamou a senhora apertando-o ao peito.

— Mãe!

— Não vaes. Vem commigo, fujamos! Não pódes ir assim mo-

rer depois de teus irmãos, de teu pae e de meus irmãos, de todos esses bravos que cahiram sob as balas francezas, defendendo a sua terra hoje conquistada!

Perto d'ella, Gomes Freire, não perdia uma palavra da conversação, d'aquella anciosa conversação que a mulher estabelecera.

— Mãe, não... Seria uma cobardia! Vae-te!

— Não... Teu pae morreu amaldiçoando o imperador, esse bandido sem fé e sem lei; teu tio morreu ao lado de teu pae... E tambem no mesmo dia os teus irmãos morreram... Fiquei comtigo, recordas-te?!

— Sim... Foi ha tres annos!

— Tinhas dezeseis... Ainda não podias combater...

— Porém agora...

— Agora, pódes combater, mas não ao lado dos assassinos dos teus!

— Ah! Mãe, deixae-me partir... Seria cobarde! Seria terrivel... Lá vão a passar o rio e eu vou...

Largou-se dos seus braços, fugiu-lhe sem se voltar, emquanto ella conservava a sua altiva maneira, erecta, firme, a deixar correr livremente as lagrimas:

— Vae para a morte!

Gomes Freire, sentiu então uma profunda piedade, e exclamou:

— Vosso filho, deve viver, senhora... Deixae-o ir ao combate...

Olhou o general, abanou lentamente a cabeça e disse com firmeza:

— Não!... Elle vae morrer!...

Lá em baixo, a soldadesca passava o rio a vau, havia já homens que se affogavam sob a metralhada austriaca que começava:

— Viva o imperador! Viva o imperador!

E uns cahiam feridos pelas balas, outros ficavam na margem, ao passo que ainda outros morriam affogados ao som d'aquelle brado:

— Viva o imperador!

Havia alguns que já corriam para o planalto seguindo o seu general, sob as balas e sob a metralha.

Os corpos austriacos a este brusco ataque tinham se occultado por detraz das barracas de campanha e faziam um fogo cerrado e vigoroso.

Lá para traz, tinham formado um quadrado.

Mas os dois regimentos, o 19 e os polacos, caminhavam sempre para o assalto, cheios de bravura, e dentro em pouco desembuscavam trezentos atiradores inimigos, lançando-se logo para o quadrado.

A divisão polaca, atirou-se de roldão para um dos quadrados, e viu-se então o joven tenente que ha pouco abraçára sua mãe, ser o primeiro na avançada, entrar valentemente na cerrada floresta de bayonetas inimigas, que os seus soldados desbastavam, e acabou finalmente por se apoderar d'uma bandeira que desfraldou com um largo gesto, exclamando:

— Viva a Polonia! Vivam os polacos!

Os francezes do 19, ao verem aquelle prodigio, continuaram os gritos.

— Viva a legião polaca!

Agora vinham outros regimentos em reforço, chegavam alguns granadeiros e estava quasi cortada a linha austriaca.

Mas de repente, soou fogo pelas costas dos regimentos, um fogo altivo e certeiro.

Houve um alarme, um momento de surpreza, e Dupas bradou:

— Mas d'onde surge agora o inimigo!

E a subitas, por entre a neblina, appareceram as duas columnas do exercito d'Italia, uma commandada por Macdonald, outra por Grenier.

— Ah! tomam-nos pelo inimigo! volveu o general.

E mandou fazer o toque de prevenção. Logo cessou o fogo. Os francezes tinham comprehendido a tempo qual a sua missão.

Juntavam-se e correram sobre os austriacos que fugiram espavoridos, emquanto com uma precisão mathematica Bernadotte vinha subindo para Wagram e Oudinot do lado opposto operava o mesmo movimento

Dupas ficou no mesmo sitio como chefe das columnas avançadas; e o corpo do exercito, bem collocado, já ia dominando com vantagem os austriacos.

O joven tenente polaco, segurando sempre a sua bandeira, estava radiante e sorria.

Por fim vem uma ordem do general. Era necessario um reconhecimento.

— Marche, meu bravo! gritou-lhe o chefe.

Tomou vinte soldados das fileiras e foi com elles para a frente.

Porém uma fusilada resoou, uma enorme fusilada.

Os austriacos embuscados tinham feito fogo e fugiam espavoridos da sua propria audacia.

Dez homens tinham cahido; entre elles estava o joven tenente com o coração varado.

Um coronel ajudante de campo do imperador chegava de corrida, gritava para o general:

— Amigo Dupas... O imperador manda bivacar.

— O quê?!

— Sim... Manda bivacar... Repare nas tropas...

O general olhou e ficou surprehendido.

As tropas tinham-se paralysado, formavam-se bivaques.

— Mas não é um erro?! interrogou pasmado.

— Um erro! volveu o coronel quasi offendido. Napoleão nunca erra!...

Depois, com um novo sorriso desolado e triste, perguntou:

— Onde estão os polacos?!

— Alem com o 19 da linha... Conheceis um tenente Alexis?!

— Não... Ah! Sim... Vieram dar-me o seu nome para a ordem do dia... Tomou uma bandeira...

— Ah! Um bravo! E' que uma pobre mulher se approximou ha pouco de mim e me pediu para saber de seu filho que partira com os polacos e se encontrava na vossa divisão...

— E' mãe?!

— Sim... volveu o coronel do mesmo modo.

— N'esse caso, amigo, dizei-lhe que seu filho foi um verdadeiro bravo, que o seu nome será citado na ordem do dia e que se lhe concede o posto de capitão...

Depois, n'outro tom, accrescentou:

— Mas dize-lhe tambem que elle está morto!

— Morto?!

— Sim, morto no campo, com honra, n'uma avançada! E' a maior gloria d'um soldado!

— Ah! E essa pobre mãe, que vae dizer?!

— Ouve os soldados, ouve...

O brado eterno, tremendo, glorioso e glorificador, sahia dos la-

bios da soldadesca n'uma excitada impressão:

— Viva o imperador! Viva o imperador!

E já vinha a noute novamente a cahir, accendiam-se fogueiras em volta dos *bivaques*.

Gomes Freire, viu mais uma vez passar a mulher de lucto, prestes a cahir de fome, de cansaço. E então, estendeu-lhe os braços, bradou:

— Senhora, por Deus... Escutae-me um momento!

Ella olhou-o, reconheceu-o e teve um momento de quietação nos braços do general, a pensar no filho, no heroe, nos braços d'outro heroe.

XII

Maldito seja!

Com a maior coragem ella avançou para o meio da tropa o seu busto divino, o seu corpo real de deusa e de soberana.

E' que um official, um hussard, ao passar n'um galope prodigioso respondera á sua pergunta, aquella eterna pergunta:

— Onde cahiu elle... Onde cahiu?!

— Além no topo, junto á avançada!...

Em volta a noute estendia o seu manto, havia paz entre aquelles dois exercitos que só esperavam que Deus mandasse a aurora para se atacarem.

Havia fogachos em volta, nos cabeços, nos bivaques improvisados; levantava-se como uma nuvem em volta de cada fogueira; e os homens guardavam-se uns aos outros, as sentinellas encostadas ás armas, com as bayonetas luzindo, perguntavam sempre:

— Quem vive?!

Ella, atravessava as linhas das atalayas e ás suas perguntas respondia com um brado:

— A França!

Mas ao dizer aquella palavra, era como desesperada, terrivelmente desesperada a morder as syllabas.

Tinha a recordação dos seus mortos nos campos pelo granizo da metralha; elles os polacos fortes que eram de raça real e tinham até então vencido; e viera essa França, ou antes esse imperador, demonio da victoria, com os seus canhões, com as suas forças, com todos aquelles homens armados até aos dentes a destruir-lhe a patria, a familia, o lar.

Era ainda o nome d'essa nação que devia pronunciar para chegar junto ao corpo do filho, do desventurado assim arrancado aos seus braços para vir luctar, perder-se além n'esse campo de Wagram logo á primeira investida e para a gloria do corso.

— Oh! Meu Deus! Meu Deus, tu és injusto.

Ia a arrastar o seu vestido negro, o seu lucto, ia por ali fóra, calcando as hervas e calcando sangue, os seus olhos já não procuravam o Ceu mas sim o caminho, e os seus labios só sabiam dizer:

— Oh! Meu Deus, Meus Deus, tu és injusto!

— Quem vive?! Quem vive?!

— A França! murmurava para que a deixassem passar.

Por todo esse valle, por esse campo, no circuito vasto das fogueiras, ella sentia francezes, sentia um exercito a dormir, e desejava que sempre ficasse assim paralysado, d'armas ensarilhadas, sem energia e sem movimento, quedo, miseravel.

Chegava ao topo do cabeço onde se dera o combate; dois soldados apontaram-lhe bayonetas ao peito:

— Quem vive?!...

Sorriu, reconheceu que eram polacos as vedetas e então desabafou, disse como n'uma vingança:

— Polonia!

— Quem vive... balbuciou ainda um d'elles cheio de medo.

— Sim, a Polonia, meus irmãos...

Reconhecerem-na, murmuraram:

— Chegaes tarde...

— O quê?! O meu filho! disse ella sem uma lagrima.

— Está alem...

Apontaram um sitio na terra revolvida de fresco.

— Ha muito...

— Não ouvistes vinte tiros n'uma só descarga...

— Ah! Ainda havia sol...

— Sim... Está ali e vieram todos acompanhal-o... Chora-

vam... Veiu o general, veiu o marechal Bernadotte representar o imperador!

A mulher de lucto, aquella tragica apparição, deitou-lhes um olhar e murmurou:

— Oh! o imperador, o monstro que ainda se se faz representar por outros monstros em funeraes das suas victimas...

— O imperador é bom, é grande! balbuciou um polaco.

— E' um heroe... accrescentou o outro. Outro dia passou em face da nossa da legião, olhou-nos bem e sorriu, foi-se a falar com o ajudante e ainda ouvimos que dizia:

— «Bellos, os pequenos polacos!...»

Sobre a terra revolvida de fresco, a pobre mãe deixava se cahir.

Elles commovidos ficavam a distancia; e ella soluçava:

— Filho, meu pobre filho, tu és victima como teu pae, como teus irmãos, como os teus parentes, como eu e como aquelles que já se curvam diante do monstro!... Filho, dorme o teu somno longe da tua patria que eu te vingarei!...

Perto d'ella acabava de surgir um vulto; e a mulher continuava:

— Sim eu te saberei vingar!... Morreste, pobre creança, sem teres conhecido o amor, as ternuras, as grandes alegrias da vida... A metralhada levou-te e morreste defendendo um tyranno... Mas, pela santa imagem da Virgem, eu te vingarei!...

Estendeu a mão e ia bradar: Juro...

N'este momento, ouviu uma voz breve que exclamava:

— Não jureis, senhora!...

Voltou-se deveras pasmada e ao claro da fogueira, reconheceu o imperador.

Era bem elle, com o seu casaco claro, a sua farda de caçadores, o tricorne enterrado na cabeça e que a olhava de frente, como uma aguia a fascinal-a.

A pobre mãe quiz olhal-o tambem n'um desafio.

Porém o imperador cruzou tranquillamente os braços e exclamava de novo:

— Que mal vos fez o imperador Napoleão?

— Sire...

— Fallae! ordenou com excessiva brandura.

Então a polaca, olhou-o deveras altivamente, encheu-se de coragem diante da sepultura do filho e volveu:

— Napoleão que mal me fez?! Mas todo o mal da minha vida...

— Fallae, dizei...

Parecia agradar-lhe essa conversa a sós, pela noute, com essa mulher bella e altiva junto d'um campo, em face do seu grande exercito adormecido; parecia-lhe isso d'um goso extranho e ficava a ouvir a resposta d'ella:

— Sire, viviamos tranquillos, ou antes, viviamos em lucta aberta com a Russia!

— Sim, eu cheguei a uma das vossas fronteiras...

— E n'ella morreram todos os meus, excepto aquelle que ali jaz!

— Durante as minhas campanhas tenho visto morrer muitos amigos...

— Ah! E quereis comparar?! exclamou ella com incrivel audacia.

— Sim!...

— Sire... Mas não podeis fazer tal... Bem vêdes o que é a dôr terrivel, extranha, grandiosa e intensa d'uma mãe victima e martyr a um tempo, bem vêdes o que uma esposa soffre ao vêr morrer o marido...

— Ah! Tendes então apenas concentrado no vosso coração esses amores?!

— Pois que mais?! Que mais posso ter do que esses amores, os quaes eram a minha vida, eram tudo para mim!

— Mas não vêdes que o mundo para caminhar precisa que morra muita gente...?!

— Sire...

— Sim... Morreram os vossos, morreram outros... Em todas as batalhas deixo um amigo... Ainda ha pouco morreu Lannes, um bello companheiro, um valente soldado!

— Ainda ha pouco morreu o meu filho, atalhou ella. O meu filho, sire, que era uma creança e um soldado...

— Em cada assédio morrem dez tão bravos como elle...

Feriu-lhe ainda o seu amor de mãe; ella soltou um grito terrivel, encarou o imperador e bradou:

— E ainda o dizeis, senhor?!... Ainda o dizeis?! Pois não vêdes que esses bravos a morrerem são outras tantas maldições cahindo sobre vós...

Encolheu os hombros, sorriu, disse:

— Cumpro na terra uma missão!

— Ah! Misera missão ella é... Missão toda de morte, toda de sangue! A França um dia terá uma paga para vos dar!

— Que dizeis?! perguntou o grande soldado, com certo embaraço, tomado das suas habituaes superstições.

— Digo que a França que hoje vos adora, vos odiará no dia em que cada familia tiver um parente morto nas guerras a que arrastaes essa nação, que nem é vossa!

Nunca pessoa alguma se atreveu a fallar-lhe assim.

Elle estava pasmado; via que aquella mulher não temia cousa alguma, que não tinha na vida mais esperanças e por isso fallava com desassombro. Era a primeira vez que se ouvia condemnar aviltamente, e por um calculo, o imperador, desejava pesar as rasões, queria ouvir tudo aquillo, queria por todos os modos receber d'alguem as verdades, que só alguns marechaes muito intimos e muito respeitosos se atreviam a dizer-lhe.

A polaca, continuava:

— Olhae, senhor, que nem é vossa essa patria... Sois um extrangeiro dentro d'ella... Sois um corso e tendes a audacia d'elles!... O vosso genio militar é apenas um destino que terá tambem o seu fim!... E então quando chegar o dia da vossa quéda!...

— O quê?! e riu a disfarçar a commoção.

— Sim, quando chegar o dia da vossa quéda, deveis lembrar vos que em cada aldeia por onde passaste victorioso, deixaste milhares de sepulturas, e que os parentes d'esses que n'ellas jazem vivem ou legam a sua maldição a cahir sobre a vossa cabeça! Napoleão, sereis vencido como mortal que sois... Não vos julgueis feito da divina essencia dos deuses, que vos enganaes... Tendes na terra um destino?! Oh! Cumprido elle virá a decadencia...

— Mulher! gritou elle, espavorido.

— E então as vossas batalhas, as vossas glorias, as vossas conquistas, não serão bastantes para apagar a vergonha da vossa derrota...

— Eu sou o imperador! disse Napoleão para a calar.

Mas a mulher, implacavel como um destino, accrescentava:

— Eu sou a mãe a quem mataram o filho!

— Mulher!

— Sire!

— Pois não vês que fui generoso para comtigo ouvindo-te...

— Não vos chamei! declarou ella, para dizer de seguida:

— Que tendes a dizer?! Não é verdade que tenho este supremo direito de vos fallar assim?!...

— Mulher, vaes sahir do acampamento, vaes passar alem para as linhas austriacas!... Tu és a fatalidade...

Havia um certo terror na voz do grande imperador, que cheio de superstição, por cousa alguma do mundo daria batalha com essa mulher ali entre os seus.

— Ah! Se eu fôra a fatalidade como vos olharia, como vos tomaria para mim!

— Soldados, disse o imperador para as sentinellas que acorreram aquella voz.

— Conduzam com todas as honras esta dama até ás linhas austriacas...

Olharam-se; mas obedeceram desde logo, levaram-na para junto da fogueira.

Com um ulimo olhar molhado para a sepultura do filho, a polaca, erguendo altivamente a cabeça, magnifica na graça do seu busto real, voltou-se para o imperador e bradou:

— Terás amanhã talvez a tua mais brilhante victoria em Wagram, mas lembra-te de mim e de meu filho morto, quando alguma coisa te recordar o nome d'essa batalha...

Affastou-se no meio dos soldados, a enxugar os olhos e o imperador, ficou a meditar.

Depois desceu por entre os soldados que dormiam, foi-se para o alto em busca da sua tenda de campanha a murmurar:

— Quando alguma cousa me recordar o nome da batalha que vou ganhar...

Preoccupado diante d'esse enygma, taciturno, aborrecido, o imperador mal poderia julgar que a polaca prophetisava a derrota, o dia tragico, como prophetisava a gloria do dia seguinte em Wagram... E' que Waterloo começava do mesmo modo.

Ella atirava taivez aquellas palavras no seu desespero, na sua colera, mas Napoleão não as esquecia, ia a meditar n'ellas para a sua tenda.

Já lá no alto, com um magnifico exercito aos pés, n'uma bella posição, prompto ao assalto, elle, senhor da França, da Hespanha,

da Hollanda, de Portugal, da Italia, de quasi toda a Allemanha e que ia vencer a Austria, elle, que tinha um Papa aos pés, que fazia reis, que fazia duques, marechaes, principes e cardeaes, baixava a cabeça e ficava de braços cruzados olhando os campos de Wagram onde se ia ferir a batalha e onde os seus homens repousavam.

— Oh! Aquella mulher! Aquelle lucto que lhe prophetisava derrota?!

E cerrava as mãos violentamente, o grande senhor da Europa que buscava avassalar o mundo.

Jamais descia a analysar a sua vida passada, porque n'uma extrema agitação vivia e mal tinha tempo para evocações. Mas n'aquella hora chegou-lhe tudo: a sua estada em Brienne, a sua pobreza, a sua miseravel ancia de viver e a sua cobarde resolução de se matar. A revolução, as luctas, a Italia, as victorias, o enthusiasmo da França e o consulado. De seguida, a ambição d'um imperio de que seria o senhor. Assim conseguiu por fim, o direito de dispôr de destinos e ser como um Cesar, egualal-os na conquista, fazendo da Europa o seu imperio.

Ia conseguil-o; faltava-lhe apenas essa extensão da Russia que pensava em fazer sua alliada e dar ao seu czar o titulo de imperador do oriente com todas as conquistas que realisassem, e a Inglaterra que buscava derrotar, ficando então o Cesar do occidente.

Era n'esse momento que aquella mulher, prophetisa da desgraça, vinha annunciar-lhe cousas terriveis! Oh! Era necessario reagir, era necessario vencer!

Clareava a manhã; entrou na barraca da campanha, ordenou ao seu turco que chamasse os generaes e os ajudantes. Ficou ainda a pensar um momento na mulher, na mãe d'esse pobre polaco que morrera como um bravo. Entravam os seus ajudantes, entravam os marechaes, e tocou a alvorada.

D'ahi a pouco, n'um impeto estranho, as tropas reuniram-se, iam de roldão a travarem a memoravel batalha em que o sol raiava a annunciar a victoria, apesar do dia ser pardo.

— O sol d'Austerlitz, soldados! bradou Napoleão.

— Viva o imperador! gritou o exercito como um só homem.

E lá entre os austriacos, a mulher de lucto, bradava por sua vez:

— Maldito seja! Maldito seja!

Lavrava a desordem entre os austriacos, o principe João, (*) o chefe do exercito, passou de corrida e ouvia a clamar. Voltou-se e disse:

— Sim, que seja maldito com toda a sua familia!

E mal sabia que dentro em pouco, Napoleão lhe pediria uma parente, como signal de paz, d'alliança e bondade, signal que elles viram como a ambição de se entroncar nas velhas raças, elle que era das mais velhas de todas: a dos deuses!

(*) principe de Leichentenberg.

XIII

Batalha de gigantes

Era um longo lençol de neve que cobria as casas, que cobria os caminhos e os destroços, neve que cahira sobre a cidade que os russos tinham começado a abandonar n'esse dia memoravel da batalha de gigantes.

Moscow, cahira emfim em poder de Napoleão.

Era como o fim da epopea; elle agora era o vencedor quasi em absoluto de toda a Europa. Os seus exercitos estendiam-se de extremo a extremo excepto pela Inglaterra onde jámais um soldado francez puzera o pé de vencedor. A grande lucta parecia prestes a terminar. Restava-lhe fazer o bloqueio. Tinha mil probabilidades contra uma de ficar victorioso.

Em Portugal e Hespanha como na Allemanha e na Russia, andavam os francezes, andavam na Hollanda, na Suecia que ia ter como rei um general do imperio *

Assim era o grande sonho realisado.

Agora no ruido das salvas, ao som da artilharia, diante do exercito, Napoleão, o grande, entrava em Moscow.

Nevava, nevava muito. A neve em grossos blocos, apagava o sangue e sepultava os cadaveres.

(*) Bernadotte

Havia por todos os lados uma desolação na luz parda.

E a bandeira franceza com as suas aguias já tremulava sobre o palacio do czar, já marcava a dominação.

A casaria era toda de madeira, uma enorme cidade toda assim formada e na qual os habitantes se recolhiam quando os francezes passavam ao som das salvas e dos sinos que tocavam saudando o grande imperador por esse mez de setembro de 1813.

Era magnifico esse palacio do czar, em Kremlin, com os seus aposentos ricos, com os seus moveis caros, com toda a opulencia barbara d'um luxo asiatico, com toda a soberba d'um paço do mais poderoso dos soberanos e que o abandonava ao ser vencido.

Napoleão, ao entrar sentira uma alegria intensa, uma enorme alegria. Os passos dos seus officiaes, ora soavam nos mosaicos das salas, ora se abafavam nos tapetes opulentos.

Então elle, regelado, cheio de frio, chegou á varanda, olhou a cidade cujas torres se sumiam na luz baça. Teve nos olhos um lampejo, em baixo os seus homens gritavam:

— Viva o imperador!

E nem uma só voz de slavo se levantou ante aquelles quinhentos mil francezes que entre si continham as legiões dos povos vencidos.

As alas do estado maior, formadas até aos aposentos imperiaes que Napoleão ia habitar, tinham como uma alta gloria nos seus movimentos, nos seus olhares.

— Senhores, onde está o marechal Ney?! perguntou o imperador.

E logo, cem homens, os officiaes, os grandes, todos os que viviam com o imperador, exclamaram:

— Ahi vem Ney!

— Oh! meu amigo!

Napoleão que de resto era pouco expansivo, atirou-se aos braços do vencedor de Moscow, apertou-o comsigo, exclamou de novo:

— Oh! meu amigo!

Era a maior das honras, a mais cabal e a mais completa das demonstrações d'apreço.

O imperador, sempre radiante, sentindo cahir lá fóra a nevada, exclamava de novo:

— Principe, tens aqui os aposentos da familia real russa!

NEY

— Sire!

— O que, meu amigo?!

— Sire, é que sou apenas duque d'Essling!

— Principe de Moscow d'ora avante!

— Eu?!

— Sim, meu bravo Ney, tu... Parece que vou ter necessidade de fazer muitos reis!...

E tomou-lhe o braço, levou-o comsigo por entre o pasmo do estado maior.

Ney, estava assombrado tambem ao ouvir o imperador dizer-lhe:

— Senta-te!

Indicava-lhe uma cadeira junto á sua na sala opulenta e começava:

— Ney, meu amigo, tu és principe e serás rei!

— Mas...

— E's o bravo dos bravos e deste-me uma victoria com a qual não contava... Via que era impossivel vencer... E no emtanto, tu, meu bravo, venceste... Por isso és principe e serás rei...

— Eu rei?!

— Tu!

— Mas de que estado, sire?!

— Tenho tantos estados!

— E algum rei me adoptará como a Bernadotte?!...

Ria; achara sempre que essa adopção feita pelo rei da Suecia ao marechal francez era como alguem que buscasse o outro que era um heroe e não devia acceitar senão o que conquistasse com a sua espada.

Mas o imperador, de muito bom humor, volveu:

— Acaso precisas ser adoptado?!

— Porque não?!

— E's um valente! E's um grande general! A Russia vae ser nossa e tem tantos estados...

— Sire!

— Não me agradeças... Tenho ahi ducados de que farei reinos... A Filandia, o grão ducado da Filandia será um bello reino para ti!

Ney, curvava a cabeça e ficava pensativo.

O imperador continuava a desenvolver os seus sonhos, entrava a fallar no que esperava:

— Logo que tenhamos vencido d'uma vez a Russia o que nos resta?!

— Sire!

— O quê?!

— A peninsula move-se...

— Irás á peninsula!

— Sire.

— O quê?!

— Chamaste-me ha pouco o bravo dos bravos...

— Sim...

— Deixae que vos diga então uma cousa!

— Falla!

— Eu tenho medo!

Napoleão, soltou uma gargalhada e volveu:

— Tu?!

— Sim, sire, tenho medo d'essa peninsula extranha que é um vulcão!

— Não o creio, principe! redarguiu elle do mesmo modo.

— Podeis crer, podeis acreditar! Juro-vos que sinto isto!

— Mas porque?!

— Porque?! Porque ouvi semelhante cousa...

— Mas a quem?!

— A officiaes portuguezes que andam na legião!

— Ora, uns patriotas ciosos da sua patria!

— Não, sire!

— Mas esses officiaes acaso têem o teu valor?!

— Ah! sire... E' que ha um entre elles que a Russia conhece! Um bravo tão grande que o seu nome marca-se na historia d'este imperio!

— Oh! Mas aonde está esse heroe que eu não conheço?! perguntou de repente com um sorriso desdenhoso.

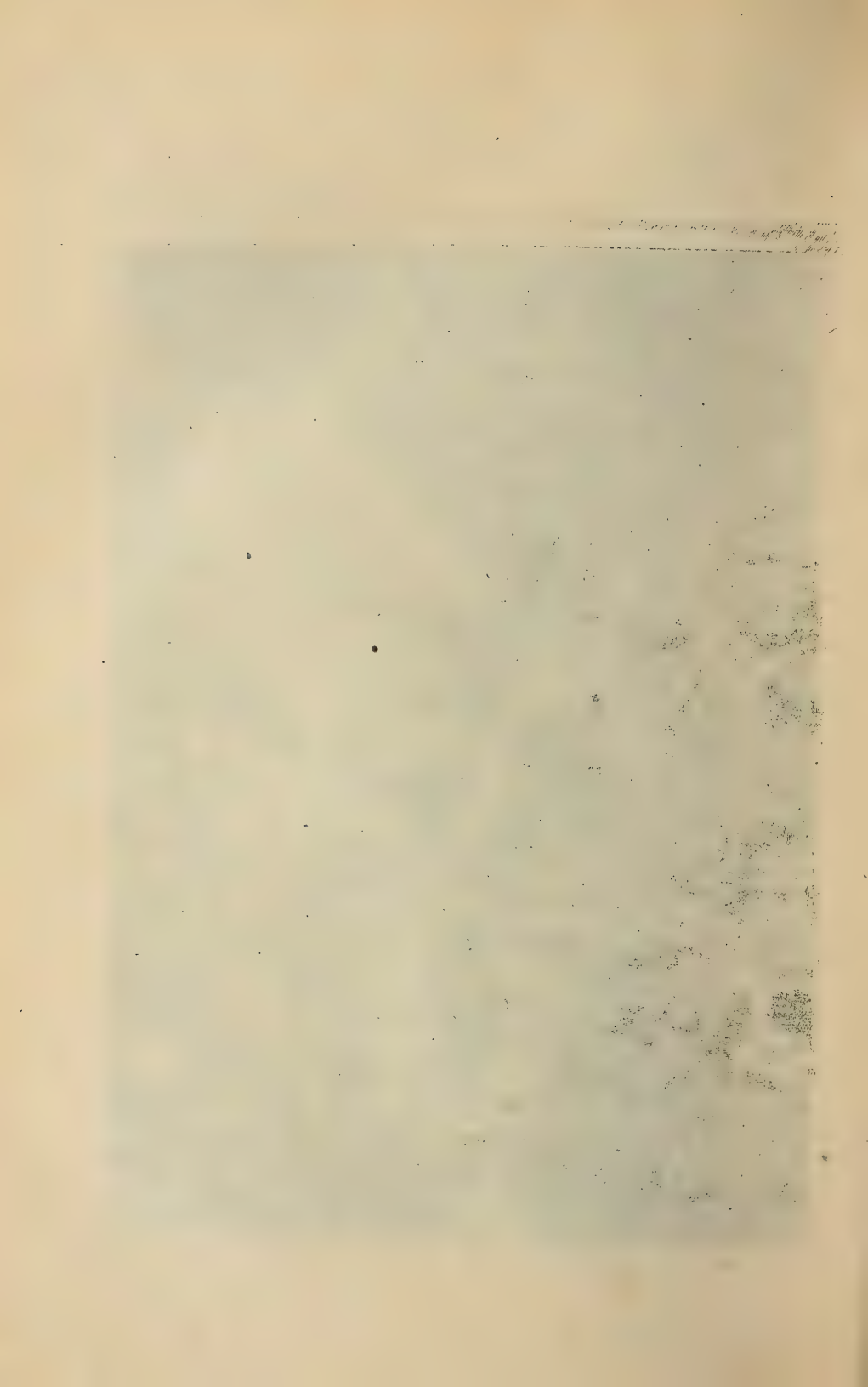
— Está alem com a sua legião e fallei-lhe...

— Como se chama.

— Gomes Freire!

— Não conheço! exclamou muito cheio de curiosidade.

— Tinha-o deixado com o commando d'um regimento mas

As tropas de Junot a caminho de Portugal

acho-o superior a isso... Mandae que venha para o apresentar a V. M.

— Que tem elle feito! Dize o que tem elle feito ?!

— Conheço só a sua vida na Russia, onde alguns officiaes o conheceram.

— E' celebre!

— Mas como veiu um portuguez para aqui ?!

— Ignoro tambem como para aqui veiu...

— Então...

— Apenas posso dizer que foi elle o vencedor de Oczachow com os russos, que foi elle quem expulsou os turcos da fortaleza n'esse tempo glorioso de Catharina II...

— Da imperatriz ?!

— Sim, sire!

— Mas conheceu-a então ?!

— Dizem-se muitas cousas.

— O quê ?! Interessa ella o teu heroe ?! volveu Napoleão.

— Diz-se mesmo que foi um dos amantes da real imperante!

— Elle!

— Sim, sire!

Napoleão estava pasmado. Achava que tomar uma fortaleza, era cousa natural mas extranhava muito que um general fosse amante d'uma imperatriz tão celebre, tão grande que ficava na historia coberta de gloria.

— Conta tudo!

— Gomes Freire, começou elle, venceu Oczachow como já vos disse sire!

— Bem...

— Era então o mais bello e mais ousado!

— Sim ?!

— Houve mesmo quem encommendasse a um soldado a sua morte!

— Oh!

— Sim, sire, um outro cioso da sua gloria!

— Porém, tudo se descobriu a tempo! Não é assim ?!

— Sim, sire, tudo se descobriu a tempo e então...

— O quê?!

— Os miseraveis foram castigados por ordem da propria imperatriz...

—Soberbo!

—Chegou ao extremo de o fazer cavalleiro de S. Jorge, sabeis?!

—Ao general?!

—Sim, sire... Lançou-lhe ao pescoço esse collar, deu-lhe uma espada d'honra, tornou-se um verdadeiro grande da Russia só com essa distincção...

—Oh! mas é glorioso!

—Alem d'isso fel-o coronel da sua guarda e é com o fardamento russo, é com o seu collar e com a sua espada que o general Gomes Freire, entrou na Russia nos exercitos de V. M.

—Elle?! mas então...

—Quer dizer, sire, que sem recordar aqui a sua gloria, que vem mostrar como sabe cumprir o seu dever.

—Gomes Freire... E' nome que já não me esquece.

—Não o deveis esquecer em verdade, como não deveis esquecer os seus soldados.

—São bravos na verdade os portuguezes! assentou o imperador, continuando logo:

—Mas e depois?! Que lhe succedeu mais?!

—Dizem os officiaes com quem fallei, que a imperatriz se apaixonou pelo heroe...

—E elle?!

—Todos ignoram a certeza d'essas relações, parece...

—Dizem o que?!

—Dizem que elle esteve em Moscow antes de partir!

—Ah! Mas porque deixou o exercito russo...

—Lembrae-vos do nome de Poniatouski!

—O rei da Polonia!

—O favorito de Catharina II.

—Sim...

—Pois julga-se que não quiz acceitar a lucta com tal homem...

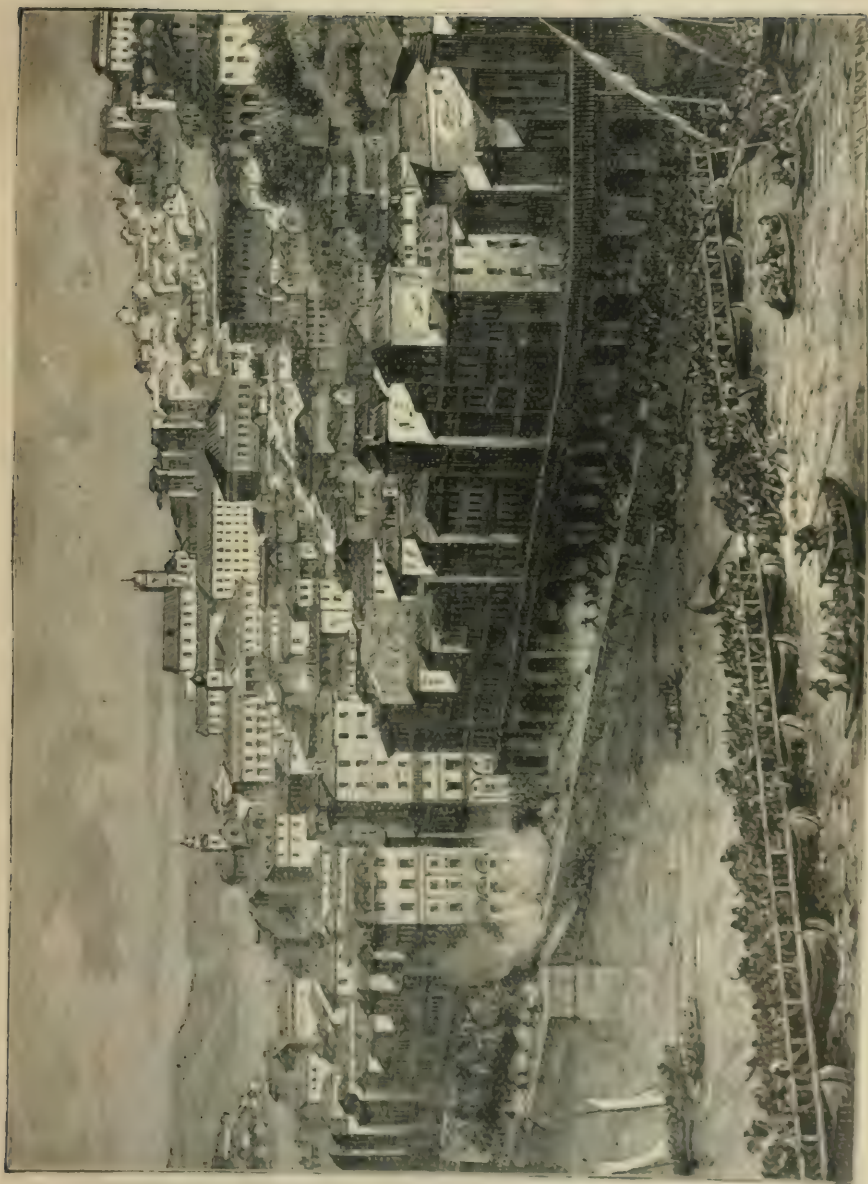
—Recusou?! interrogou Napoleão, franzindo o sobr'olho.

—Oh! Não será isso... A verdade julgo eu sabel-a!

—E vaes dizel-a!

—Julgo que o general partiu para não ir combater os polacos, que teve mesmo uma phrase o defendel-os...

—Qual?!

—Não posso ir fazer escravos! O meu paiz tambem é pequeno

TOMADA DO PORTO PELOS FRANCEZES

e um dia poderá ser esmagado como vós quereis esmagar a Polonia! E então partiu... Foi para França onde assistiu á morte de Luiz XVI...

—E onde pára o teu heroe?! interrogou muito curiosamente o imperador.

—Onde, sire?! Quereis conhecel-o?! perguntou.

—Quero aconselhar-te a que lhe dês um bastão de marechal no dia em que reinares na Finlandia!

De novo se ensombrou a ace de Ney, de novo curvou a cabeça e com o seu olhar a turbar-se, balbuciou:

—Oh! Sire...

—Mas que tens?!

—E' que eu nunca serei rei! declarou.

—Porque?! interrogou o imperador com pasmo.

—E' simples, porque ainda ha pouco me diziam que seria principe e eu ria sem acreditar...

—Ah!

—Sim, Sire, não acreditava e por isso quando V. M. me deu semelhante nova, eu não tive senão tristeza!

—Mas porque?!

—Porque me disseram que seria principe.

—E não te fallaram em que serias rei?!

—Não! Sire... Prophetisaram-me apenas que morreria fusilado!

Napoleão, ergueu-se d'um pulo, olhou-o e bradou:

—Ney!

—Sire!

—Sabes que nunca deixo de conseguir o que digo!

—Sim, Sire!

—Pois bem... Pela minha espada te juro que não morrerás fuzilado!

—Oh!

—Juro! Quem manda na Europa?!... interrogou de repente.

—E' Deus! bradou o marechal.

—Que te poderá matar, mas não te poderá deshonrar!

—Mas sire, ha cousas que são irrisorias mas nas quaes devemos pensar... Ella fallou-me com tanta verdade!

—Ella quem?!

— A feiticeira, a mulher velha que estava sentada no corredor do palacio...

— Aqui ?!

— Sim, sire !

— Mas...

— E' uma siberianna que desde ha muito serve a familia imperial... Viu-me, levantou-se como quando V. M. passou...

— O que ?!

— Sim... E o olhar d'ella era egual para ambos...

— Uma louca ! Uma mulher cheia de colera !

— Não sire ! Uma vidente !

— Ney !

— Se advinhou que eu seria principe ! disse elle.

— Como não o advinharia sabendo que venceras e sabendo que eu tenho feito principes e duques a quasi todos os meus marechaes!

— Talvez tenhaes razão, sire, mas...

— O que ?! Que loucura é essa ?!

— Pessoa alguma será capaz de me provar o contrario.

— Mas alteza... Que é necessario fazer... Um rei ! Pois...

Ia dizer-lhe que o fazia rei mas de repente a porta abriu-se e um general appareceu.

— Sire !

— O que, o que... perguntou cheio de terror.

— Os nossos soldados começam a apparecer mortos nas avan çadas !

Muito irritado, devéras raivoso, o imperador, excla-mou em seguida :

— Que sejam fusilados, todos os outros encontrados com armas...

— Sire ! exclamou o general do mesmo modo.

— Falla !

— E' irritar os animos que estão pacificos ! balbuciou o outro.

— Pacificos ?! Não dizes que apparecem mortas as minhas avançadas ?!

— Sim, sire !

— Não dizes que apparecem mortos os meus soldados ?!

— Sim, sire! A cada vez que se rendem as sentinellas metade estão por terra!

— Ah! E chamaes a isso os animos pacificados?!

— Sire! Mas não são os russo que os matam!

— Então quem?! exclamou deveras perturbado.

— Quem?! E' a Russia! declarou Ney de repente. Não é verdade general que é este maldito clima?!

— E' a neve! volveu o outro do mesmo modo.

— Ah!... Mas que fazer?!... exclamou o imperador.

— Retirar, sire! aconselhou logo o novo principe.

— Ney!

— Sire...

— E's tu quem fallas d'esse modo?! És tu?! Retirar?!

— Que quereis! D'este modo seremos vencidos!

— Mas como?! Acaso não muda este tempo.

— Estamos no inverno, sire... E dos quinhentos mil homens que trazemos não levaremos dez mil para França se nos demorarmos embora seja um simples mez em Moscow.

— Maldição! gritou o imperador; e logo de seguida, bradou:

— Vae te general! Rende sempre esses mortos...

— Para fazer novos mortos, sire! disse Ney

O imperador, não lhe deu uma resposta directa; olhou-o e exclamou:

— Manda entrar o teu heroe, vê se encontras a tua feiticeira!

O principe sorriu e sahiu do aposento em busca da mulher que lá estava sempre acocorada ao fundo do corredor.

Gomes Freire, parecia aguardal-o n'uma sala.

Quando o viu, levantou-se, fez-lhe a continencia:

— Gomes Freire!

— Excellencia!

— Dae-me os parabens! Sou principe de Moscow!

Dizia aquillo a rir, a rir alegremente, diante do tratamento que o heroe agora lhe dava:

— Parabens, alteza!

— E a vós tambem, general... Vinde, que o imperador quer conhecer-vos!...

— Mercê de V. A.

— Mercê da vossa reputação...

Os seus olhos não deixavam a feiticeira e elle affastava-se a buscal-a quando Gomes Freire, exclamou:

— Oh! a bruxa do acampamento! Fallou a Loulé, disse-lhe cousas terriveis!

XIV

Imperador ou rei?!

Sire, é Gomes Freire!

— Entrae! disse o imperador, fazendo um gesto.

Na antecamara estava a feiticeira. Os tres homens, agora junctos, olhavam se.

Napoleão observava o heroe, Gomes Freire, beijava-lhe a mão deveras commovido e Ney, por sua vez, analysava o rosto do imperador.

— Então, Ney, então, meu principe?! A tua feiticeira?!

— Está além, sire!

— Onde?!

— Na antecamara... Que entre?! Desejo saber a minha sina!

Riu alegremente e para o portuguez, disse:

— Sei o que valeis... Ney contou-me tudo... Depois basta olhar o vosso fardamento.

— Perdoae, sire, em vir assim, porém uma recordação!

— Recordação que poderá ter o seu fim, da mais bella maneira! Catharina da Russia fez-vos coronel eu faço-vos general!

— Sire!

— Não estaes contente?! interrogou de repente.

— Não é assim, sire... E' que eu desejava ficar

— Ah! comprehendo... a recordação, sempre a idéa da impe ratriz.

— Não o julgueis, sire! disse elle de repente.

— Então como explicaes tudo isso?! Como o explicaes?!

— E' que eu n'esse tempo era novo e dentro d'esta farda remoço!

— Como eu quando visto a d'artilharia! declarou.

— Sire, deixae-me ficar pois com ella!

— Ficareis!

— Obrigado, sire, mil vezes obrigado...

— Não quereis nada de mim?!

— Basta-me a honra que V. M. me concede ao receber o simples official!

— Ah! Dize antes, Gomes Freire, que és portuguez...

— Sire...

— E não queres acceitar cousa alguma do invasor!

— Sire!...

— Não é verdade?! interrogou rapidamente.

— Não, sire, não é...

— N'esse caso acceitarás...

— Tudo o que de V. M. vier... volveu com enthusiasmo.

— Pois bem... Terás um governo... Conheces a Lithuania?!

— Mal, sire!

— E' o mesmo... Irás governar Disna que é um ponto importante... Depois, quando tudo isto estiver organisado, irás com Ney...

— Sire, tantas mercês!

— Vae-te... Não tens que agradecer! Parte esta noite!

— Sire... Partirei mas deixae que vos beije ainda a mão!

Curvou-se, beijou de novo a mão do grande imperador ao mesmo tempo que Ney entrava com a feiticeira.

Era uma mulher extranha, de cabellos brancos e olhos azues; sorria terrivelmente a mostrar a bocca sem dentes.

Não saudava Napoleão, nem se importava mais com Ney.

Só olhava Gomes Freire, como fascinada; e de repente, pegando-lhe na mão, bradou:

— Oh! Estás contente!

Fallou em russo, n'uma mistura de guinchos e de palavras.

Um fremito precorreu o corpo do general que volveu :

— Sim !

— Já foste feliz até onde o devias ser ! agora...

— O que ?! Que diz ella ?! interrogou o imperador.

Então, n'um horrivel francez, a mulher disse, sem largar a mão que Gomes Freire sentia gelada :

— Digo que já acabou para este a felicidade !

— Oh ! E's extraordinaria com as tuas prophecias !

Ria muito e acabava por dizer dirigindo-se aos outros :

— Tenho agora a impressão de que sou um d'esses cesares que conquistando o mundo, se divertiam a ouvir os augures.

— E a tremerem deante d'elles ! gritou a velha.

Napoleão, estremeceu deante de semelhante grito ; e a velha, dirigindo-se sempre a Gomes Freire, disse :

— Não serás mais feliz... Tens um amigo, não é verdade ?!

— Sim, disse pasmado.

— E' a unica pessoa que amas n'este mundo !

— Sim !

— Pois está morto !

— O que ?! E' impossivel ! E' impossivel ! exclamou no auge do desespero.

O imperador, sorriu e volveu :

— Mas acreditaes ?!

— Como não acreditar se em verdade esse amigo é a minha unica affeição na terra como ella disse... Sire, é elle D. Pedro de Almeida, marquez d'Alorna ! que V. M. fez governador de Kœnigsberg...

— E está morto ?! Diz essa mulher que elle morreu ?! Pois não a deveis acreditar ! As feiticeiras divertem se sempre !

Estendia-se mais á vontade na poltrona e exclamava :

— Mulher, tu disseste a Ney que morreria fuzilado e eu jurei-lhe que não...

— Vós !

— Sim, acaso não posso tambem salval-o ?!

— Não ! bradou na sua voz extranha. Não ...

— E como morrerá então o general ?! interrogou com novo riso.

— Enforcado ! volveu rapidamente depois de olhar a sua mão.

— Outro impossivel ! decidiu o imperador.

Depois, vendo o general a empallidecer, disse-lhe:

— Sabeis que tudo posso, não é assim?!

— Sire, acima de V. M. ha Deus! declarou com força.

— Mas se ambos sois grandes e bons, fieis e dedicados, como podereis morrer por tal deshonrante morte?!

— A forca?! exclamou Gomes Freire de chofre.

— O fusilamento! murmurou o marechal Ney.

— E's tu, mulher, continuou ainda o general, és tu a que foi perturbar o meu companheiro no acampamento?! Sire, ella tambem disse a outro portuguez, ao marquez de Loulé, que...

— Que teria gente sua a entroncar-se n'uma casa real!

— E' facil..., disse Napoleão.

— E que morreria assassinado, tornou a velha.

— Mas esta mulher só prophetisa mortes tragicas, disse de novo o imperador com o mesmo riso.

— Menos a vossa! declarou ella no seu tom estranho.

— Ah! E' agora a minha vez... Pois tenho curiosidade de saber como morrerei...

— Morrerás como um simples hortelão ou como um pobre rendeiro na vossa casa e longe de todos os que amaes!

— E' um cumulo, redarguiu n'um abalo de riso. Conquistar a Europa, andar exposto ás balas, vencel-as sempre, e ir morrer como um simples rendeiro! Oh! mulher que loucura a tua!

— Loucura é a de julgar que podereis conquistar a Europa...

Os dois homens estremeceram; só o imperador se conservou sereno e disse:

— Ah! Acaso não o farei?!

— Não!

— Porque?!

— Porque dentro em pouco não serás imperador! A vossa primeira derrota será o signal da tua queda!

— Não ser imperador e ser derrotado é morrer como general na batalha em que isso se der! declarou com firmeza.

— Pois não será assim!

— Então...

— Serás primeiro rei, simples rei...

— Nunca! Só a França em si, é um imperio!

— Mas quem vos assegura que sereis rei em França?

— Se a França é minha!

— Oh! Não o julgueis... Sereis rei d'um pequeno estado o qual não vos contentará... De novo as batalhas, então a grande derrota, depois a morte sem um verdadeiro amigo ao lado!

— Vae-te! ordenou o imperador de repente. Vae-te!

— Napoleão, exclamou a mulher com o mesmo fogo, Napoleão, não quereis acreditar?!

— Não... ninguem te acredita! declarou com colera a erguer-se.

— Pois a esta hora começa tambem a tua desgraça!

Era mais extranha ainda a fallar assim; no seu rosto marcava se a maior das coleras, parecia crescer, parecia augmentar, e depois arrebatando-o já d'um modo desdenhoso:

— Que te julgas então?! Acaso não sabes que nasceste sobre um tapete onde estava tecida uma batalha, que tua mãe te trouxe no ventre quando andava na guerra com Paoli?!

— Sim! disse já admirado.

— D'ahi o teu genio guerreiro, d'ahi a tua força que vae terminar!

E logo, a dizer-lhe mais ousadamente as cousas, continuava:

— Podias ter vivido bem no teu paiz, lá na Corsega, como um pobre, como um bandoleiro dos montes, d'esses que fazem a guerra e não querem a fama! Mas a sorte lançou-te para um grande centro militar e foste grande... Teus irmãos, são mesmo ineptos, tuas irmãs do mesmo modo! Em ti preside a força, a intelligencia da familia Bonaparte que vae ser vencida, crê... Repara que em França não te amam...

— Mulher!

— Vê que vaes cahir com um grito terrivel...

— Qual?!

— O d'uma nação a expulsar-te...

Foi-se de repente, desappareceu no corredor de Kremlim. Mas Napoleão foi em seu seguimento, segurou-a ao descobril-a no seu retiro junto á porta dos aposentos da imperatriz da Russia e então a mulher ordenou:

— Largue-me!

— Não!

Cheio da sua velha superstição, o imperador perguntava:

— E quando succederá isso?

— Não sei!

— Falla!

Apertou-lhe o pulso; ella nem mostrou o mais leve signal de dôr, olhou-o e disse-lhe n'um aviso:

— Treme da lettra W que te será fatal!

— Oh! Como a outra...

E largou-a logo, foi espavorido pelo corredor a dizer:

— A lettra W... Como aquella mulher polaca me disse em Wagram... Oh! Mas ha um meio... E' fugir d'ella! E' fugir d'essa maldita lettra...

Calou-se; deixou-se ficar muito perturbado, d'olhos esgaseados, murmurando:

— Moscow! Moscow... A lettra no fim da palavra!

Junto d'elle, estavam Ney e Gomes Freire, e o principe ao ouvil-o, exclamava tambem:

— Oh! Moscow! E eu sou principe d'essa cidade que tem a lettra fatal do vosso destino! Sire, o meu já está marcado!

Gomes Freire, calava-se, dava alguns passos no corredor e parava logo ao vêr chegar um official que disse de longe:

—Sire! Sire!...

—Que ha? perguntou Napoleão como se acordasse.

—Continuam a morrer muitos soldados!

—Oh! A neve! Accendam fogueiras, grandes fogueiras... Queimem tudo!

E fugiu para o quarto de mãos na cabeça a exclamar sempre:

—A maldita lettra!

Ney e Gomes Freire, face a face, diziam:

—E' uma maldição!

— Partes esta noute, não é assim?! interrogou o principe.

— Sim!

— Um abraço, amigo... Talvez não nos tornemos a vêr! Eu espero que os nossos me fuzilem!

— E eu que os povos do meu governo me enforquem!

Queriam rir ao abraçarem-se mas não poderam.

Napoleão, nos seus aposentos, murmurava sempre:

— A maldita lettra?! Moscow! Moscow! Que irá succeder...!

Succedeu que em outubro, Moscow ardia por deliberação de Rostopchin, governador russo da cidade e que Napoleão, era obrigado a sahir emquanto os russos tomavam a offensiva. E Ney guardando a retirada fazia prodigios com cem mil homens que restavam de quinhentos mil entre os quaes ia a Legião Portugueza gritando como os francezes:

— Viva o imperador!

Mas o mperador, de mão entalada no peito da farda não os ouvia. Pensava na feiteceira do Kremlim, e murmurou:

— A lettra W... a lettra W... Serei sempre imperador ou um simples rei?!

A resposta veiu depois, pouco tempo depois, após a Berezina e Dresden, apóz Tolosa, quando as potencias lhe offereceram para retiro a ilha d'Elba da qual a fizeram soberano. O imperador da Europa tornava-se o senhor de alguns palmos de terra como um simples rendeiro.

XV

Os cem dias

Todos mortos em roda, todos mortos... disse Gomes Freire.

Tinha acabado de meditar, abria a janella e via o dia pardo. Em março, n'uma manhã de março em que lhe vinham saudades da patria.

Como toda a gente via acabada a epopeia napoleonica, via por terra o collosso que as potencias tinham posto de lado.

E recordava-se de toda a sua vida, de todo o seu passado, recordava se sobretudo d'esses ulttimos annos que tinham decorrido nas fileiras francezas ao lado dos maiores bravos, sob o commando do grande imperador, d'esse Napoleão que a Europa puzera de lado.

Após aquella entrada em Moscow onde conhecera bem o audacioso corso, ao fim d'essa campanha desastrosa com a capital incendiada pelos russos, com a passagem de Berezina forçada pelas tropas imperiaes e pelos portuguezes que Napoleão admirava, elle vira-se obrigado a deixar o seu governo na Russia e a partir, para chegar a Paris n'um tempo de desastres.

O que elle vira?!

Tudo a derrocar-se em volta, tudo a sumir-se, a desapparecer.

PASSAGEM DO BEREZINA

O imperador cedendo, emfim, á força, acceitando a soberania irrisoria da ilha de Elba!

Era aquelle o grande imperador, com todo o seu talento, com toda a sua força extranha e dominadora?

Seria, emfim, a fatalidade a apossar-se d'elle, a pôl-o de rastos?!

Mas não lhe parecia. Não bastava ter vivido, ter dominado o mundo! Era preciso antes de mais nada morrer mas com honra, como um heroe. O grande guerreiro não podia ficar assim.

E olhava as ruas, via esse Paris onde dominavam os Bourbons, onde imperava a dynastia velha que viera substituir a do maior guerreiro de todo o universo.

Entravam a picar as aguias das fachadas dos edificios, tiravam-n'as das bandeiras; e parecia que essa França que elle galvanisára n'um fremito epico, se admirava tambem!

Já não havia então a soldadesca brava d'essas phalanges do grande exercito?!

E elle sahia como de costume, ia sentar-se no canto do café do Palais-Royal a ouvir aquelles que chegavam, sentindo mais do que nunca saudades da sua patria e ao mesmo tempo uma repugnancia enorme ao lembrar-se dos inglezes dominadores.

Sentiu que alguem lhe tocava no hombro e voltava-se.

Soltou um grito, abriu os braços e apertou n'elles a Candido José Xavier, o seu companheiro d'armas:

— Tu?!

— Eu, sim...

— Mas não partiste?

— Para Portugal?! Ah! não, amigo meu, não! Isto em França ainda não acabou!

— O quê?!

Olhava-o com pasmo e ouvia-o então replicar do mesmo modo:

— Sim... Isto aqui ainda não acabou e vês bem que não podia acabar!

— Mas porquê?! disse elle de repente. Porquê?!

— Porque Napoleão não é um homem como os outros!

— Queres dizer?!

— Que a França o adora!

— Acaso não viste como ahi applaudiram Wellington, como o saudaram com os Bourbons!

— Miserias!

O general parecia bem devotado á causa do imperador, fallava como um bonapartista exaltado e acabava por dizer:

— Mas repara... olha bem em roda e vê o que succede!

— O quê?!

— Vê como estes homens que ahi entram teem nos rostos signaes de terem pertencido apenas ao imperador... Não acceitam os Bourbons!

— Olha que te enganas! Sauda-se sempre o sol que nasce!

Candido olhou-o e volveu:

— Acaso saudaste Junot quando elle despontava no governo de Portugal?!

— Não! Mas...

— Queres dizer que foste o unico?!

— Não, porque vós outros...

— E mesmo porque a parte recusa da nação não o podia admirar... Aqui é o contrario! Napoleão é enorme, é tudo n'este mundo, comparado com esse pobre rei que os francezes vêem passar cheios de desdem! Ainda hontem quasi o apuparam!

— E isso quer dizer...

— Que Napoleão vae chegar d'um momento para outro...

Elle estremeceu; olhou-o bem de frente e perguntou:

— Voltas a Portugal?

— Um dia voltarei... E tu?!

— Eu, meu amigo, tenho grandes receios, volveu Gomes Freire.

— Mas de quê?!

— De tudo!

Encostou a cabeça á mão e começou lentamente:

— Portugal odeia me!

— Que dizes?!

— Sim, odeia-me! Pesa sobre mim o odio que tem ao imperador... E' celebre, não é verdade, que um simples soldado tome diante da sua patria semelhantes proporções!

Sorria amargamente e volvia logo do mesmo modo:

— Não vês que eu nunca me dobrei!

— Gomes Freire, gritou Candido José Xavier, tu endoideceste?!

BATALHA DO BUSSACO

— Não, amigo, não... Sou muito odiado por lá! Esse meu pobre Alorna se tem vivido do mesmo modo o seria!

— Mas porquê?!

— E' singular mas totalmente verdadeiro!

— O que é?! Que succede?! Ao menos tens informações de Portugal?

—Sim, tenho! Sabes que difficilmente vivo em Paris... A queda do imperador, todos estes cataclysmos faziam com que muitos francezes illustres e intransigentes ficassem sem pão e que os nossos soldados ficassem por ahi na miseria, recorrendo a Wellington para partirem.

—Sim, eu mesmo... A não ser o que me tem enviado os parentes!

—Pois a mim nem isso!

—Porquê?!

—Mandei dizer a meu primo Miguel Pereira Forjaz de Sampaio, governador do reino, com toda essa cafila de Beresfords e Wellingtons, qual a minha situação... Mandei lhe pedir os meus soldos em atrazo e a resposta foi realmente extraordinaria.

—Qual?

—Que eu me incorporára no exercito francez e que seria melhor não dar signaes de mim...

—O quê?

—Sim... Parece que hoje em Portugal são odiados os soldados que o proprio governo, quando lacaiava Junot, mandou servir em França!

—E' impossivel! declarou logo o outro do mesmo modo.

—Assim o julgas não é verdade? tornou a perguntar.

—Mas decerto! Se nos mandaram para aqui, se nos deixaram que servissemos os francezes!

—Agora vem o repudio porque querem mostrar-se patriotas! Os meus soldos não me serão pagos...

—E os teus bens?

—Temo que me façam um arresto... E' o confisco!

—Isso é inteiramente impossivel, gritou o outro.

—Será!

—E'... E' impossivel! Pois tu como eu, como nós todos, viemos para o exercito de Napoleão a levantar o nome de Portugal, a

tomar parte em batalhas que são epopeas, e quando buscamos que nos dêem o pão de todos os dias, chamam-nos vendidos!

—Comtigo não sei o que será! Commigo é assim...

—Gomes Freire, disse o outro assentando-lhe a mão no hombro, com franqueza, tu não desconfias...

—De quê? interrogou elle esgazeando os olhos.

—D'algum inimigo? perguntou de novo o outro.

Mas singelamente o general, redarguiu:

—Não... Nunca fiz mal a ninguem!... E a sua grande bondade esquecia o passado, as vinganças que os preponderantes de hoje que tinham sido seus adversarios outr'ora, podiam exercer e negava que tivesse inimigos, ao continuar:

—A consciencia não me accusa.

—Pensa bem... não vês alguem movendo uma intriga?

Não podia suspeitar; declarava logo do mesmo modo franco:

—Eu não.

Depois, encolhendo os hombros, dizia de seguida:

—Eu estou velho, meu amigo, e desde a mocidade que sempre fui justo.

—Demais o sei...

—Que demonio, tornou sempre a sorrir. Tive amores na mocidade, tive duellos, tive luctas... Venci sempre... Houve intrigas enormes commigo no tempo da regencia: Carlota Joaquina detestou-me... Lembro-me que me entrigaram tambem com o principe D. José...

—O pobre D. José...

—No meu caminho topei então muito infamia que sempre desprezei .. Ah! o Tavora, o bispo do Algarve que hoje está paralytico! E' um jesuita... Mas que pode elle fazer da sua cadeira, preso, ligado... Parece que Deus o castigou roubanda-lhe a voz, essa voz que enlouqueceu D. Maria I.

—E' verdade! Foi a justiça divina!

—Pois o bispo, continuou elle, foi o meu unico inimigo... Vieram os francezes, elle foi a Bayonna ao encontro do imperador mostrar bem que era um infame! Inferno! O Tavora vingado, repousou! Teve uma alegria ao vêr o reino desmanchado pelos francezes, ao vêr defunta a casa de Bragança, ao sentir por terra esses inimigos d'uma raça real que tinham anniquilado a sua familia E

assim renegado quando quiz fallar d'alto, quando ia agradecer ao ceu a sua vingança veiu-lhe a paralysia. Ah! Mas que tragedia!... A Companhia de Jesus julgava-se victoriosa. Depois veiu a reacção, appareceu José Balsamo, formou-se a loja maçonica na Boa-Morte... Elles ganharam a batalha por um lado ao verem a rainha louca, perderam-na com a entrada dos francezes que acabava de vez com a Companhia e com os seus sonhos em Portugal! Inimigos eram só estes... simplesmente estes... outros não tenho. Vejo claro na situação!

— Que vês então?!

— Que vejo?! Olha Candido Xavier, tu tambem has-de vêr.

— O quê?!

— Esse povo, dominado pela nobreza, nascido a homens d'hoje das deleterias influencias d'um meio devoto, com horror ás idéas largas de revindicação e de liberdade e com fé nas promessas aos santos, abraçam como salvadores todos aquelles que os salvam da peste franceza! Foram os inglezes que realisaram o milagre! A nação está de rastos diante d'ella! E vem como reacção o odio aos outros, aquelles que os serviram embora por mandado da propria nação...

— Sim... Talvez!

— Andam por lá bem exaltados os animos e meu primo que é um bom amigo, manda-me o aviso...

— Talvez sim...

— E' apenas isto!

Mas Candido Xavier, parecia pouco disposto a acceitar como verdadeiras essas palavras, parecia entrever algum trama de mysterio no meio de tudo isso e acabava por dizer:

— E partes?!

— Logo que possa!

— Porque esperas?! perguntou o outro de novo.

— Nem eu sei!...

— Eu espero por Napoleão, volveu o general, accrescentando logo: Apenas para vêr como tudo isto termina... Não posso já combater por elle como nenhum de nós...

Gomes Freire, baixou a cabeça. Porém ao dizer aquellas palavras, acordava, olhava-o de frente e interrogava:

— Esperas por Napoleão?! Mas n'esse caso ?!

— Amigo, disse em voz muito baixa. Eu estou no segredo...

— Que segredo ?!

— No da restauração napoleonica! Elle vae chegar!

— Quem, o imperador ?! exclamou em voz muito alta no seu enorme assombro.

— Cala-te!

Apertava-lhe o braço. Algumas cabeças se levantavam ao ouvirem aquella interrogação feita em portuguez mas bastante comprehensivel.

Eram todos soldados velhos de Napoleão, os que alli estavam. Nos seus rostos lia-se a energia, os seus trajes de paisanos revelavam bem o habito do uniforme; nos seus labios havia sorrisos, bellos sorrisos e como um fremito os precorreu. Fez-se um momento de silencio. Os dois portuguezes sahiram. Havia um movimento desusado nas ruas, passava gente aos bandos.

E Gomes Freire, mais admirado, interrogava:

— Mas Napoleão vem ?!

— Já deixou a ilha d'Elba a bordo d'um navio chamado o *Inconstante*, vêm com elle Bertrand, o marechal, vem Duroc, vem mil soldados... Illudiram a vigilancia das esquadras e desembarcaram perto de Cannes!

— Mas como o sabes ?! perguntou deveras admirado.

— Amigo... Toda a França o sabe!... Olha que todos o sabem menos tu! Repara!

Nas ruas, o movimento augmentava, formavam-se grupos e ouviam-se já gritos bem claros de: viva o imperador!

Gomes Freire, pasmado, ficava a dizer como ao erguer-se n'essa manhã:

— Todos mortos... Todos mortos em roda!

— De quem fallas?! interrogou Candido Xavier, com um sorriso.

— Dos bravos que o podiam apoiar, dos duques, dos principes que elle fez!

— E queres dizer com isso que Napoleão não vencerá!

— Quem sabe ?! Recordo-me agora do que ouvi na Russia!

— A quem?!

— A uma mulher que se approximou de nós no quarto do imperador no Kremlin! Disse ella que lhe dariam um pequeno reino e que depois elle teria a derrota!

O outro, soltou uma gargalhada e volveu:

— Napoleão não tentaria o attaque se tivesse ainda esse facto na lembrança!

— Tental-o-hia! Candido, meu amigo, sabes que eu creio na fatalidade?!

— O que?!

— Sim... O que tem de succeder ninguem o evitará!...

— Porém... D'esse modo não merece a pena fazer esforços...

— Cada mortal tem o seu papel n'este mundo!...

Em roda a turba clamava com fogo:

— Viva Napoleão I!

E aquelle brado echoava pela França inteira, onde elle chegara, aquelle brado solto em Paris fazia tremer o Bourbon no throno que devia abandonar e fazia espantar as potencias, obrigava-as a paralysarem-se por momentos.

Foi n'essa noite que o rei de França fugiu, foi n'essa noite que os correios imperiaes partiram de Vienna para todas as côrtes com despachos a concertarem na melhor fórma de anniquillar o audaz Napoleão.

E resolviam ao cabo d'um curto concilio, no dia 13 d'esse março florido, que era necessario acabar com esse homem.

Dizia a declaração de todas as nações, que não podia haver paz no Universo emquanto elle vivesse.

Chamaram a Napoleão Bonaparte, o perturbador da tranquillidade do mundo; e viu-se o caso extranho de se atirarem exercitos de todos os paizes contra esse inimigo da paz.

O imperador chegava á cathegoria d'um deus d'exterminio que era preciso derruir com o seu altar.

Foram todos os soberanos da Europa que o quizeram, foram elles a verem no grande soldado um inimigo da sociedade.

Ligaram-se logo para esse fim, audaciosamente e o tratado de Vienna foi assignado contra a França, contra o imperador.

A Europa colligava-se contra um só homem.

Essa colligação assignada pelos plenipotenciarios de todos os governos chega a ser um documento extranho pelo termo que n'elle se manifesta.

Então formaram-se exercitos, muitos e immensos, deram o commando em chefe a Wellington que entrou a fazer proclamações.

Quando este nome foi conhecido, os francezes riram.

— Oh! Napoleão era o maior, mil vezes maior!

E só Gomes Freire, estremeceu ao lembrar-se da prophecia:

— A lettra W... A lettra W de que fallou a mulher siberiana no Kremlin.

A 12 de junho Napoleão sahia das Tulherias dos aposentos onde Luiz XVIII com a precepitação da fuga ainda deixara objectos do seu uso e alcançava o seu exercito no dia 14.

Mal, chegou forçou as linhas inimigas sobre o Sambre. Bateu os prussianos em Fleurs e tomou as aldeias de Ligny, Saint-Amaud e Quatre-Bras. Venceu Blucher que retirou emquanto Wellington com inglezes e hollandezes retirava para Bruxellas.

Entre os mortos do primeiro encontro, ficara o duque de Brunswick.

Napoleão sorria ao fim da tarde e declarava:

— Oh! Que gente! Eu ainda sei vencer!...

E a rir, tornou:

— E' preciso restabelecer o meu imperio!

Imperio de cem dias, imperio de cem dôres, de cem amarguras.

XVI

Warterloo

Foi uma avançada doida a do imperador contra o inimigo.

Entrara na Belgica, entalara Wellington entre as suas forças e sorrira ao ouvir um official dizer:

—Não se sustentará tres horas!

Na verdade era quasi impossivel retirar; era uma derrota segura.

Reinava uma grande alegria no campo dos francezes. A guarda imperial, composta de todos os bravos, composta de soldados mais heroicos e mais dedicados ao imperador de que os legionarios romanos aos cesares, fieis e velhos, estava em volta do grande guerreiro que seguia a batalha.

Do norte vinham tropas frescas, muitas tropas mesmo. Era Blucher que voltava e abalara um quadrado francez.

Começava então a batalha. Era uma loucura epica, era uma vertigem estranha essa loucura d'homens ligados no mesmo desespero.

A metralhada era enorme, terrivel, as peças vomitavam fogo sobre as legiões, a cavallaria encobria-se e viam-se soldados de pé nos estribos no auge da excitação batendo-se como leões e cobertos de feridas.

Vinte e cinco mil cavallos estavam em movimento no campo, tresentas peças d'artilharia lançavam o seu fogo por sobre a multidão armada que rechocava.

O imperador sorria como um anjo de exterminio, montado no seu cavallo branco, d'oculo em punho a analysar essa conflagração.

N'um momento o campo foi occulto na fumarada de artilharia; ouviam-se gritos, cahiam muitos soldados, soltavam-se lamentos e parecia que todos elles chegavam ao ceu pedindo um termo aquellas guerras extraordinarias a que o imperador os arrastava, fulminando-os.

Elle conservava-se quedo, mudo, vendo a fumarada, as linhas negras de homens que avançavam e o quartel general do inimigo levantado a distancia, com as suas bandeiras, com o rebrilhar das fardas e das armas.

Era um formidavel encontro peito a peito de muitos homens que se degladiavam, era como uma lucta de demonios buscando ferir-se de morte, como um final do mundo pelo ferro e pelo fogo ás ordens d'esse Deus estranho que sorria.

O campo assim coberto era como um inferno. E de lá do campo da batalha, chegava um grito alegre e unico que retumbava em francez pela planicie e chegava aos ouvidos do imperador.

— Victoria! Victoria!

Elle tornou a olhar; ficou-se na mesma attitude ouvindo o mesmo brado.

— Viva o imperador!

Mas o inimigo na manobra mais habil lançava-se contra elles, chegava a abafar esse brado glorioso e de novo tudo se envolvia, tudo se ligava na mesma ancia, no mesmo desespero.

Os tiros faziam fugir as aves assustadas e algumas feridas de morte; o clamor dominava o acampamento das outras tropas que estavam a distancia; e assim por mais algumas horas, n'um luar de fogo, illuminado pela metralha, elles combateram a sorte do imperador.

Agora Napoleão apeava-se, voltava-se para o seu estado-maior e balbuciava:

— Só falta o sol! O sol d'Austerlitz!

— Victoria! Victoria! berravam mais uma vez os francezes.

E ainda no mesmo momento, no mesmo calor da refrega elles

WELLESLEY

se lançavam contra os francezes, elles o cercavam n'esse momento esperando o grosso do exercito da guarda imperial.

Nas linhas francezas que estavam em boa ordem, cahiam granadeiros ás duzias e logo um novo brado se levanta, d'esta vez terrivel, estranhamente terrivel:

— Faltam as munições!

Apagou-se o fogo nas tropas francezas; não havia um só cartucho para responder ao tiroteio do inimigo.

E então via-se um espectaculo extraordinario.

Ficaram todos de pé nas trincheiras a aguardarem um rasgo do imperador.

A artilharia inimiga continuava a lançar balasios de fogo e os francezes paravam sempre.

O imperador, estremeceu, olhou Soult e exclamou:

— O que é aquillo?! Então não disparam?!

— Faltam as munições, sire! volveu o marechal.

— Ah!... Vamos a vêr... Grochy vae de volta fazer um cerco!

Agora o ataque era todo a bayoneta n'uma parte ao leste de Warterloo. E aqui aos olhos do corso, os soldados continuavam a morrer d'armas vasias sob as cem mil balas da artilharia inimiga.

Os prussianos passaram sem o marechal Gronchey os vêr e chegaram em boa ordem para decidirem a batalha.

Soult olhou o imperador e disse.

— Sire!...

— O quê?!...

— Bem vêdes que estais perdido!

Voltou-se com a mesma colera que n'outros tempos quando dominava a Europa e exclamou:

—Porque Wellington se tem batido acreditas que é sempre um grande general?!

Voltou as costas com desprezo e mandou avançar a guarda imperial!

—Viva o imperador! Viva o imperador!

Foi uma formidavel descida, uma terrivel descida essa de tantos bravos para o seio da batalha. Nenhum estremecia, levavam no coração a imagem do seu Deus, d'esse grande Napoleão que de lá os via marchar.

Mas entraram no fogo, calcando cadaveres, tapetes de cadaveres, entraram sob a metralha inimiga e então quando peito a peito se encontraram com os inimigos souberam morrer.

Na sua frente os outros faziam um fogo mortifero e elles avançaram soltando os seus gritos formidaveis.

—Viva o imperador! Viva o imperador!

N'esse momento, a guarda imperial julgou-se victoriosa ao reclamar um regimento escossez; mas outros appareceram, outros morreram. Escorregava-se na lama e no sangue, atiravam-se ao chão na furia da victoria e ao cabo d'uns momentos recuaram.

Havia lagrimas nos olhos d'aquelles bravos que jamais tinham cedido um passo nas luctas, que jamais tinha recuado uma pollegada.

Como uma loucura de desespero se apossou d'elles.

Cambronne á frente, clamava:

—Avante! Avante! Viva o imperador!

—Viva o imperador!

Então foi terrivel; elles viam morrer os camaradas e redobravam de enthusiasmo. Não eram homens mas sim leões lançando-se contra as presas e as aguias imperiaes fluctuavam sempre sob as suas cabeças mil vezes gloriosas dando-lhe com uma maior furia.

—Avante! Avante!

Cahiam-lhe todas de repelão e viu-se a mais brilhante das acções. Aquelles soldados foram a derradeira phalange do mundo.

Ficaram cercados, vendo a morte diante e nenhum se arredou.

Mesmo nas fileiras inimigas havia pasmo. Um enthusismo sacudia os inglezes e as lagrimas corriam pelas faces dos velhos d'Austerliz e d'Iena, os bravos que tinham visto nascer um imperio e o viam agonisar n'essa tarde de brumas, alem na planicie fatal de Warterloo.

Cessou o fogo; houve como uma homenagem á guarda do imperador, que lá no alto entre peças, entre officiaes, estava silencioso.

O general Turenne, disse-lhe baixinho:

—Sire! Devemos retirar... V. M. deve partir...

—Para quê?! E os meus soldados!

—Tudo perdido... Partamos para que V. M. não caia nas mãos do inimigo!

—Nunca! Está alem a guarda imperial!

Face a face com ella, o inimigo clamava:

—Rendam-se! Rendam-se!

Por unica resposta a celebre phrase de Cambronne, phrase de orgulho e de colera, digna d'um heroe.

E logo a guarda imperial se moveu ainda, mas logo tambem cahira nas mãos do inimigo. N'um esforço supremo sahiu do cerco e n'um desespero o seu ultimo brado foi ainda aquelle que lhe fez tantas victimas:

—Viva o imperador!

Completamente perdida a batalha, os francezes deixaram o campo, deixaram os tropheus nas mãos do inimigo e o imperador montando a cavallo, murmurou:

—Ah! A minha guarda vencida! E' o fim do imperio!

Então estremeceu mais profundamente e partiu a galope.

Recordara-se talvez da prophecia da velha na Russia, d'aquella fatalidade do W que seria a sua perdição.

No caminho, um velho da guarda imperial, mutilado n'um mar de sangue, gritou no derradeiro alento:

—Viva o imperador!

Foi a ultima vez que ouviu aquelle brado.

Baixou a cabeça e affastou-se sem uma lagrima, sem um remorso, como um deus vencido, d'aquelle campo de batalha onde deixara trinta mil mortos e a França sepultada.

Andou errante, fugitivo. Passava pelas aldeias e só ouvia maldições, via o seu nome escripto nos muros com phrases insultuosas ao lado e a gente do campo gritava com tanto odio o seu nome outr'ora pronunciado com amor sem egual.

Napoleão, sentiu então bem o que é a gloria, sentiu-o dolorosamente e ainda em França ouviu aquelle povo gritar enthusiasmado:

—Viva Luiz XVIII! Viva Luiz XVIII!

Sorriu, encolheu os hombros.

E então, no fim de ter conhecido tudo quanto no mundo póde haver de glorioso, tudo quanto póde haver de quasi divino, sentiu que acabava para sempre o seu dominio.

Chegou a Rochefort. Estava alli fundeada a nau ingleza que o devia transportar, e elle escreveu ao principe regente da Inglaterra a carta que era a sua abdicação:

«Alteza real: Alvo das facções que dividem o meu paiz e de inimisade das maiores potencias da Europa, tenho concluido a mi-

nha carreira politica e venho como Themistocles, assentar-me no lar do povo britannico. Ponho-me sob a protecção das suas leis, que reclamo de vossa alteza real como do mais poderoso, mais constante e mais generoso dos meus amigos.»

Era recebido a bordo, com cem salvas, ultima homenagem que em vida devia ter o maior guerreiro do Universo.

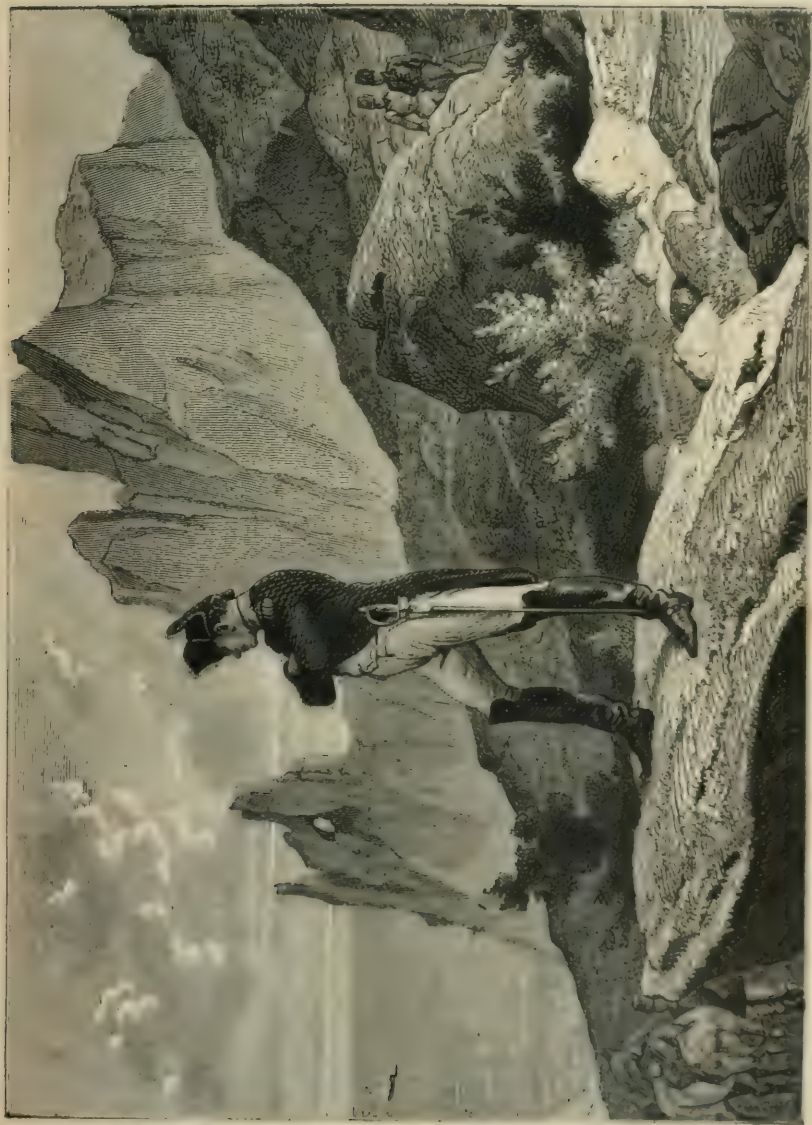
Foi enviado para Santa Helena e só lh'o disseram no caminho.

O imperador, exclamou ao saber tudo:

—Isto é peor que a gaiola de Tamerlan!

E lá morreu em Santa Helena, no topo do rochedo, com saudades de França, a recordar glorias, aquelle que quizera fazer da Europa um feudo e apagar as velhas dynastias.

. . . .

Agora, em Portugal, os inglezes eram todos como deuses. Wellington vencera Napoleão, o Grande, que da sua ilha devia lamentar o ter-se acolhido á generosidade d'essa Inglaterra, sua inimiga e que se vingara assim do bloqueio continental.

Napoleão em Santa Helena

QUARTA PARTE

OS MARTYRES DA PATRIA

I

Os inglezes

EUNIRA o Congresso de Vienna e modificara-se o mappa da Europa. As nações annexadas por Napoleão á França, tiravam se emfim do jugo, e uma atmosphera de paz se estendia por sobre esses povos que durante sete annos tinham soffrido os assaltos do grande exercito. O imperador, estava desterrado em Santa Helena, como uma ave no pincaro d'um rochedo a olhar o mar, guardada á vista por um milhafre, Hudson Sorve, o inglez seu carcereiro. Ali devia morrer a recordar o passado, o homem que transformara o mundo.

A França restituia tudo e pagava ainda uma indemnisação de setecentos milhões de francos ás potencias alliadas vencedoras em Waterloo. Luiz XVIII, o burguezão feito rei, tomava posse do throno.

Portugal, fôra representado no congresso de Vienna pelo conde de Palmella, então ministro em Londres, por Jorquim Lobo da Silveira, plenipotenciario em S. Petersburgo e por Antonio Saldanha da Gama.

E o sacrificio d'alguns milhares de leguas de terreno, foi imposto

a Portugal como indemnisação recebendo pelo tratado nove milhões de francos dos setecentos pagos pela França. Dava a Guayana para evitar os repetidos choques na fronteira do Brazil.

Mas a Inglaterra, nossa alliada, não consentiu que recebessemos mais de 300:000 libras e emquanto as mais pequenas nesgas de terra eram bem divididas pelos seus antigos possuidores, a Hespanha não nos entregava a villa d'Olivença cahida em seu poder por aquelle tratado em que fôra medianeiro Luciano Bonaparte, no tempo da guerra peninsular.

D. Maria I, morrera no Brazil e D João VI sempre cheio de receios não voltava ao reino que ficava entregue á regencia como até então, tendo como arbitro o marechal Beresford, feito marquez de Campo Maior. Os inglezes, tinham tomado os melhores postos no exercito de Portugal. Elles governavam as praças, tinham o commando dos corpos da guarnição, reinavam na policia e se consentiam que a bandeira portugueza tremulasse nas fortalezas, era ainda por um resto de pudor diante da Europa que se libertava. Durante uns mezes houve a convalescença das enormes agitações.

Mas depois veiu uma reacção filha do movimento das tropas francezas, que sob o commando dos generaes do imperio, traziam como o germen de revolução que no fundo vivera sempre no animo d'esses soldados.

Tendo sahido todos da revolução de 1793, tendo feito as suas primeiras armas em serviço da republica e tendo habituado os habeis a esse grito potentoso, elles quando mudavam o seu brado de guerra, não poderam mudar as convicções.

Aquelles duques, aquelles condes e generaes de Napoleão I, eram no fim de tudo, filhos da liberdade. E d'ahi essa semente revolucionaria levada atravez do mundo com a desolação, como se n'uma ironia da sorte, um imperador sahido do povo, tivesse que espalhar a democracia feita pelo mesmo povo, semeando-a pelo universo sob o aspecto de quem buscava apenas conquistar.

Foi assim que por toda a Europa se crearam as idéas liberaes que ainda toleravam reis mas que tambem impunham constituições.

Na Hespanha accelerava-se mais o movimento como se a visinhança de França fizesse com que se alastrasse mais essa regeneração. Depois a longa permanencia dos francezes nas terras de Hespanha gerara essa ancia de liberdade.

Entroviscaram-se os ares. Fallava-se já em reunir côrtes para a proclamação d'uma constituição liberal.

Os inglezes que dominavam em Portugal, encheram-se de terror. O povo estava quedo, n'um motismo, mais combalido do que os outros, sem saber o que desejava. A regencia acautellava-se e não podia tambem definir bem as suas impressões ácerca do futuro de Portugal. Entregava-se nas mãos do marechal Beresford que impunha uma meia dictadura.

Tinham-se feito muitos soldados durante as guerras e agora agonisava a industria e o commercio. Portugal, tornava-se uma caserna e talvez que no pensamento do alquebroso lord houvesse o germen d'um desejo. Quereria chamar-se Guilherme I de Portugal, como Junot ambicionara essa corôa?!

O tempo ia para os aventureiros, para a turba de generaes avidos de glorias e que Napoleão habituara a sentarem-se nos thronos. Agora o unico reino era o de Portugal. O Brazil, era um imperio vasto e os Braganças pareciam ficar por lá. Aqui, era facil a presa e o general cubiçava-o embora a coberto, temendo que ao adivinharem-lhe os desejos e os projectos o mandassem recolher a Inglaterra onde Wellington ex-glorificado em vida como um semi-deus, coberto d'ouro pelas potencias, foi exposto á admiração universal.

Fundiam-se estatuas que se expunham nos parques e nas ruas, davam-lhe condecorações e titulos, de todos os paizes, e o guerreiro, vencedor de Napoleão, dispunha-se emfim a descançar á sombra dos louros, n'essa bella paz que a sua espada creara.

Não ambicionava mais nada. Era quasi um deus que se contentava sem a sagração d'uma corôa. Beresford podia desejar por elle.

Mas o vento do liberalismo soprava, os jacobinos, como se chamava então aos liberaes, andavam de chapeu alto e vestiam de briche.

Fallava-se muito de lojas maçonicas, fundavam se em todos os cantos e por qualquer individuo.

As primeiras, essas da Boa Morte, com alguma cousa de terrivel na iniciação, tomadas das velhas ideias de José Balsamo ou tinham desapparecido ou não era frequentadas; e só as novas se punham em movimento, n'um bem ridiculo movimento, sem gente de vulto, sem creaturas de valor, dirigidas por homens allucinados pelo

que começavam a saber da revolução franceza e sonhavam para si papeis de Marats e de Robisneres.

O governo estabelecia uma atmosphera de terror, uma enorme atmosphera de desesperada vigilancia e o povo amaldiçoava os maçons, dizia d'elles cousas terriveis, inventavam-se lendas.

As boas mulhersinhas, velhotas nos seus soalheiros e gente do pescado, á tarde na Ribeira, cochichavam sobre os pedreiros livres.

Que eram uns herejes! Cuspiam nos crucifixos e bebiam sangue!... Davam tosas nas imagens, e faziam disturbios nas egrejas e tinham *patos* com o diabo!

Havia sempre a mesma indignação de bons devotos e manifestava-se nas mais pequenas causas; os frades faziam uma propaganda terrivel contra a maçonaria do alto dos pulpitos e os bons mercadores, ao verem alguem de quem suspeitassem, corriam á intendencia a fazer a denuncia.

Era pedreiro livre e desde logo se vigiava o pobre diabo que ás vezes apenas fazia contrabando.

Voltavam os tempos de Manique com um terror mais ridiculo mas voltavam sem aquella destra fidalguia d'outr'ora, com as estocadas, com os outeiros, com as festas d'egreja. Era como uma modorra.

Parecia que um grande pingo de gordura embaciava tudo desde os caracteres até ás convicções.

Apagara se a ultima scentelha de brio nacional.

Os inglezes dominavam de todos os modos; havia-os na Alfandega comendo á tripa forra, no exercito exercendo poderes supremos, na alma de muito districto, nas repartições e no commercio, como se Portugal se tornasse um feudo britannico, especie de ilha barbara onde se exercesse um protectorado.

Beresford, no seu quartel general do pateo do Saldanha, á Junqueira, servia a regencia com as suas tropas e ella acatava-o como um dominador.

Fóra d'esse sonho de ser rei, o inglez não desejava mais nada. Era escrupuloso nas ordens, deixava a gerencia dos negocios á gente portugueza que de traição em traição fôra até ao extremo de governar quasi por esmola. O rei no Brazil, estava sem dar accordo de si. E todos os annos, como n'um descargo de consciencia, d'aqui ia

alguem a dizer-lhe que Portugal não desepparesceu do mappa e que ainda o aguardava.

Mas eram tão espaçadas essas visitas, tão molles esses protestos, que o monarcha, de bom grado se deixava ficar a repousar as carnes flacidas pelos cochins do paço, emquanto a mulher, que não perdera os seus habitos d'intriga. ao ver-se feita rainha, sem receio ia tecendo uma rede de conspirações.

Dizia se que Carlota Joaquina, continuava com os seus amores adulteros e que realisara uma extranha combinação na qual tomava parte seu irmão, o rei de Hespanha, Fernando VII.

Tratava-se d'um grande golpe de Estado que geraria um imperio.

Todos os pequenos estados da America, as colonias hespanholas, seriam encorporados n'um imperio ao qual se juntaria o Brazil.

O rei, ao saber d'esses protestos, encolhera bonacheiramente os hombros; e ella alliara-se então com o vice-almirante inglez Sydney Smith que se propoz a auxilial-a.

As chronicas escandalosas d'essa côrte resam que a princeza se fizera amante do inglez; e assim, talvez com algum projecto mais tenebroso, caminhavam para a fundação d'esse maravilhoso imperio de que a Hespanha auferiria bons lucros.

Os argentinos vieram offerecer-lhe o throno; e ella sorriu, acariciou mais o projecto e como uma nova Leonor Telles nos braços d'um novo Andeiro, ruivo, bretão, sonhou em livrar-se do marido. Foi o que lord Strangford, o embaixador inglez, disse a D. João VI.

Desde logo rebentou a discordia. Formaram-se dois partidos; no proprio ministerio havia divergencias e o pobre monarcha, era a unica victima a valer no meio de tudo isto ao aconselhar ao conde de Linhares que fizesse as vontades á rainha sempre que não fosse complicar os negocios.

Porém a Inglaterra, sabedora do successo, avisada pelo embaixador que todos guerreavam, interveiu.

Queria livres as colonias hespanholas para o seu commercio e não lhe convinha esse imperio no qual adivinhava uma futura republica a formar-se no sul da America como a outra se formara no norte e se desenvolvera.

Immediatamente Carlota Joaquina se descobriu. Travou lucta com lord Strangford.

Fleugmatico, o inglez aconselhou ao rei que pedisse com urgencia a transferencia de Sidney Smith e d'este modo tudo se tranquillisava.

Veiu immediatamente outro almirante e a rainha teve que se resignar.

A situação, era pois muito terrivel, tanto em Portugal como no Brazil e em ambas as nações, os inglezes preponderavam em absoluto.

Não havia maneira de os fazer sahir do continente; de tal forma se tinham arreigado que se tornava completamente impossivel a sua expulsão.

A regencia calava-se, o povo habituara se ás fardas vermelhas e o exercito aos seus louros commandantes.

De resto mais nada.

Continuava a mesma ignorancia, a mesma preponderancia religiosa, todas as manifestações acanhadas da intelligencia d'um povo que agonisava.

Mas sobretudo o grande terror era pelos pedreiros livres, pela cohorte d'atheus, como o povo lhes chamava, e que pareciam com largos planos revolucionarios.

No fundo, a regencia não se importava.

Estava a par do insignificante papel que as lojas desempenhavam mas temia que outras, formadas por pessoas influentes, por homens de rija tempera, de nome e de caracter, viessem modificar a paz que se gosava.

Nos cafés discutia-se o Supremo Aschilico com ares mysteriosos e junto da policia que ria dos maçons, nas ruas, por vezes eram apontados a dedo os herejes que continuavam á solta, como se a regencia buscasse mostrar-lhes a pouca importancia que lhes ligava. Beresford, na Junqueira, mettido no seu quartel general, recebia todos os dias denuncias, porém, rasgava-as ou mandava-as informar.

Não se descobria cousa alguma. E no entanto as sociedades pareciam existir.

Por vezes, ao vêr certos nomes, o inglez ria. Eram sargentos, officiaes de pequena patente, um ou outro doido, um ou outro sonhador.

No meio d'aquillo muitos roubos, muitas explorações, e fervilhavam as anedoctas que faziam o general exclamar ao ouvir fallar da maçonaria:

—Oh! Não creio n'ella! Não creio n'ella!...

Mas a regencia acreditava e estava á espreita.

II

O marechal (*)

Era alto e cheio, o marechal. Ruivo, d'olhos azues e tinha um aprumo grave, sempre correcto, mettido na sua farda d'alta golla.

Vivia no quartel general, um palacio que se expunha no interior do pateo do Saldanha, quasi em frente do forte da Junqueira; sentava os seus officiaes á mesa e dirigia os negocios da guerra fumando charutos e bebendo Porto.

De quando em quando dava uma recepção; atulhavam-se as salas d'officiaes onde dominavam os typos bretões, onde vinham os membros da regencia, recepções que eram falhas de mulheres. A côrte estava no Brazil, as fidalgas recolhiam se e Beresford, que occupava agora um logar egual ao de Junot. não podia cantar como elle a victoria da conquista d'um reino e d'uma mulher.

Mas tambem de resto, o inglez era rigido, d'uma pureza de costumes perfeitamente britannicos e ali vivia no sonho da sua rea-

(*) William Carr Beresford.

BERESFORD

leza, com os seus officiaes, atravessando por vezes as ruas por entre as saudações do povo.

Era n'uma noute de festa, n'uma bella noute de luar.

Paravam seges em fila e o Tejo corria brandamente a lamber as pedras do forte da Junqueira, onde estava apenas uma guarnição. Estendia-se o edificio enorme da Cordoaria até ao Altinho, do palacio que o marquez d'Angeja habitara e onde se tinham encravado duas peças como n'um symbolo guerreiro dos ascendentes de sua familia.

Lá dentro, no palacio do marechal, havia uma alegria intensa. Soavam vozes, ouvia-se a musica e passavam creados com bandejas de gelados. De quando em quando, pelas janellas abertas, via-se apparecer um vulto que ficava a tomar o fresco e entreviam-se pares que paravam abraçados n'um torvelinho de valsa.

Beresford, o marquez de Campo Maior, estava n'um angulo da sala. Abrira o baile com uma morena linda que em segunda valsa bailava com um bello official.

Parou na rua uma outra sege; um homem alto, de meia edade, vestido de negro e coberto de condecorações, entrou na escadaria e passou por entre as curvaturas d'espinha da creadagem.

Uma voz, annunciou á porta da sala:

—O sr. D. Miguel Pereira Forjaz!

Beresford, olhou o recem-chegado e sorriu, caminhou para elle a recebel-o. Era um membro da regencia. Recebeu-o com o seu terno gracejo:

—Então a maçonaria?!

O membro da regencia, sorriu tambem e volveu:

—Sempre o mesmo! Mal se move!...

—Antes assim!

—E o senhor marechal, que tal se tem dado na sua explendida festa?!

—Amigo... Aborreço-me!...

—Oh! Pois vão bellos os dias, volveu o outro. Vão muito bellos, mesmo...

—Que quer!... Falta alguma cousa! Ha como uma necessidade de movimento...

—Talvez, sim... Sabe que tenho noticia do Brasil!

—Que tal?!

—Nem más nem boas... El-rei continúa com o seu desejo de por lá ficar!

Luziram os olhos do marechal; fixou-os em D. Miguel Forjaz e calou-se.

Como se lhe adivinhasse as intenções, elle continuou:

—De resto, parece-me que faz bem...

—Porque o dizeis?!

Um tanto bruscamente o outro volveu:

—O Brazil é um imperio vasto e conveniente para um principe que ambiciona socego... Embora lhe vão tirando pouco a pouco algumas terras nunca chegarão a despojal-o de todo!

O inglez soube guardar a sua eterna serenidade, a sua bella fleugma; encolheu os hombros e volveu:

—Quem sabe se D. João VI não vem já a caminho!

—O que?! Que dizeis?! Sabeis alguma cousa?!

O membro da regencia, parecia espantado, olhava o marechal que volvia do mesmo modo:

—Não sabe então que as tropas dos republicanos têem vantagens?! A republica no Brazil!... Oh! Mas vae-se perdendo o mundo!...

Espreitava a face de D. Miguel Pereira Forjaz, que exclamava:

—E' apenas isso marechal?!

Calava-se a musica, os pares passeavam na sala e o inglez volvia:

—Achaes pouco?!

Rebentara no Brazil uma sedição militar que tentara a proclamação da republica. Pernambuco, o centro do movimento, foi declarado independente mas dentro em pouco foi dominada a insurreição. Por isso elles fallavam de semelhante facto, no qual um parecia pôr o seu desalento e o outro os seus terrores.

—Achaes pouco?! tornou d'egual modo o marechal.

—Senhor, tranquillisae-vos! volveu D. Miguel Forjaz. Acabae com os vossos receios...

—Receios, não, D. Miguel, disse elle muito á pressa. Não tenho receios senão por el-rei!

Já varias vezes o outro tentou introduzir-se nos segredos do marechal, porém elle sempre o repellira.

—Sim, mas calae vossos receios! tornou o membro da regencia. Sei que foi suffocada a insurreição!

Não poude conter-se d'esta vez, encarou-o de frente e perguntou:

—Como o sabeis?!

—E' bem simples... Acabo de receber um correio que desembarcou da galera *S. João* fundeada esta tarde!

—Ah!

—Sim... Dizem-me que as tropas do general Cogominho, derrotaram com uma facilidade enorme as forças republicanas!

—Ah! Ainda bem!...

O inglez animou-se, ficou mais contente, entrou a sorrir, perguntando ao membro da regencia:

—E como vão os vossos collegas que não tenho o gosto de vêr aqui!

—Muito pensionados, senhor marquez! Sabeis que os negocios do reino levam tempo a tratar... Um horror de cousas!

—Oh! Tudo se arranjaria! murmurou elle.

D. Miguel, logo muito apressado, interrogou:

—Como?! Como excellencia!

—Com uma grande invasão de dinheiro.

—Ah! E onde ir buscal-o, interrogou do mesmo modo.

—Onde?!... Não sei, meu caro D. Miguel!

Cerrou os labios; olhou-o como a dizer lhe que não se deixasse emprehender e contra o seu costume, disse d'uma maneira galante:

—E' bella aquella morena, não é verdade?!

A valsa continuava; havia mais alegria, tinham-se escancarado as janellas e no pateo os bolieiros faziam algazarra.

N'este instante a voz forte do creado annunciou:

—O senhor tenente-general Gomes Freire d'Andrade!

Houve um reboliço na sala contigua onde estavam os officiaes, todos correram para ali a verem o homem que trazia comsigo a fama de tanta bravura, o homem que era como a lendaria figura do ultimo general verdadeiramente portuguez.

Elle, muito bello no seu uniforme, firme, com passadas medidas avançava pela sala.

D. Miguel Pereira Forjaz, baixou a cabeça; mas Beresford disse logo á pressa:

— Gomes Freire ?! Não é um portuguez que serviu com Napoleão !...

—Sim, é ! exclamou o membro da regencia com certo ar colerico.

— Oh ! Um heroe ! Um verdadeiro heroe ao que dizeis...

Elle pareceu admirar-se d'aquella apreciação do marechal, porém calou-se, ficou do mesmo modo, deixou que o general avançasse para o seu lado.

Viu-o, sentiu que lhe pousava a mão no hombro e lhe dizia affavelmente :

—Primo !...

Logo se transmudaram as feições de D. Miguel, abriu os braços e exclamou n'um bem fingido transporte :

— Oh ! Gomes Freire !...

Beresford, estava pasmado de semelhante effusão.

Analysava os agora. Via o fidalgo muito magrito, pallido, com a bocca torcida n'um rictus, via o outro, forte, severo, impertubavel com muito de leal no olhar.

Lembrava-se do tom em que elle lhe respondeu e via a maneira porque o recebia. Não comprehendia cousa alguma.

No emtanto elles conversavam ; o general dizia :

—Emfim, cheguei, meu primo !...

—Quando ?!

—Esta manhã ! Estava farto das minhas terras...

—Ah ! Não gostaes do descanço ?! perguntou a fixal-o.

—Aqui todas as commoções, todas as grandes luctas que se travaram, tinha em boa verdade a necessidade de descançar... Recolhi-me uns mezes n'essas terreolas, fui a Braga a vêr o logar onde o povoleu chacinou meu tio, Bernardino Freire !...

— Accusado de jacobinismo, de ser amigo dos francezes ! volveu o outro.

O general, encolheu os hombros, sorriu :

—Amigo dos francezes ! E quem não ha de ser amigo d'elles ?!

—Oh ! O primo está brincando, volveu o fidalgo.

Beresford, affastara-se um pouco e o general volvia :

— Brincando ?!

— Decerto !

— Mas porque ?!

—Não se comprehende o que dizeis... duvido que falleis a serio!

E n'um gesto largo, atirando os braços para o tecto da casa, fallando alto para ser ouvido, declarou:

—Os francezes?! Mas não vêdes então os males que causaram ao mundo, que causaram sobretudo a Portugal?! O primo vem com ideias de troçar, já vejo!...

E riu, riu muito deante do pasmo de Gomes Freire que volvia simplesmente:

—Mas não!

—O quê?!

—Sim, fallo muito a serio... Sempre vi que se batiam como valentes, sempre os achei hospitaleiros e bons... Vi que adoravam o imperador e levavam a bravura nos corações!... Estiveram aqui e...

—E roubaram as capellas e levaram o nosso amo! volveu já apertado.

—Primo, disse elle. Commandei uma legião portugueza entre os francezes e vi que os soldados de todo o mundo, são eguaes na pilhagem e no sangue!

—Ah! A legião que nunca devia ter partido!

Na porta, formara-se um grupo d'officiaes, o baile continuava e no mesmo tom simples, Gomes Freire volvia:

—Não sei!...

—O quê?! Pois achaes que devia ter partido a legião portugueza?!

—O primo melhor do que eu o pode dizer...

—Eu?!

—Sim!...

—Como?...

—Mas decerto... Acaso não foi a regencia quem a enviou! Acaso não foi a regencia quem serviu ao lado de Junot?! Não cuipem os francezes!

—E então quem devemos culpar?! interrogou em voz alta fixando o grupo d'officiaes.

—Os portuguezes que não souberam reagir aqui contra as hostes de Napoleão!

O membro da regencia curvou a cabeça; um tremito passou

nos officiaes portuguezes que estavam á porta e que olhavam embevecidos o general.

No grupo, um homem, alto, louro, fardado de coronel, olhava o tenente-general, com insistencia; de repente avançou para elle e exclamou:

—Senhor Gomes Freire! ..

Elle voltou-se com certo pasmo e murmurou:

—Coronel!

—Não me conheceis?! interrogou o outro em inglez

—Não... Não me recordo...

—Meu Deus... Tambem não admira, era eu uma creança n'esse tempo! Tinha dezasete annos e era alferes! Mas eu recordo-me perfeitamente de vos ter acompanhado...

—Onde?!

—Na Russia! Em Oczacow, meu general!... Oh!... Catharina II a condecorar-vos... Recordo-me bem... Lembrae-vos d'aquella intriga, d'aquella infamia!...

—De tudo! Senhor, ha cousas que nunca esquecem!... bradou Gomes Freire com um certo pesar.

—E no emtanto sahiste d'ella são e salvo!

—Ah! despreso a intriga! Passo por cima d'ella... Os intrigantes ou são esmagados ou então descobrem-se, declarou com segurança para interromper de seguida:

—Mas vós?! Quem sois ..?!

—Estava ao vosso lado na tomada da cidade!

—Ah! Meu joven alferes... Mas... tenho uma ideia bastante vaga...

—General, chamo-me Archibald Campeel!...

—Folgo de reatar comvosco relações! E bello sempre encontrar alguem que nos falle do passado!

—E que passado! Tão brilhante, tão grande!...

Não fazia caso de D. Miguel Pereira Forjaz, olhava o heroe e dizia-lhe:

—Quereis vir commigo á outra sala?! Desejo apresentar-vos aos meu camaradas!

—Honraes-me! volveu com grande commoção.

—Mas esperae, general, esperae... Lord Beresford está além... Não o conheceis, não é verdade?!

Seccamente, o general, volveu:

— Não!...

— N'esse caso se o permitteis...

Levou o comsigo até junto de Beresford e exclamou:

— Peço licença para vos apresentar um heroe!

— Estou ao vosso dispor, disse Beresford.

—Meu marechal, é o general Gomes Freire que tenho a honra de vos apresentar!

—Conheço-vos muito de reputação, general!

—E eu egualmente, marechal!...

Estenderam as mãos e apertaram-n'as em silencio.

—Sei o que fizesteis na Russia, sei que sois um bravo e folgo que tornasseis a Portugal!

—Para servir el-rei no que poder, marechal!...

—Sim... Para isso aqui estamos todos!

Parecia que lhe agradava aquelle homem, sorria, começava a fallar das campanhas da peninsula.

D. Miguel Forjaz, andava d'um lado para o outro muito excitado. De vez em quando olhava o primo e por fim metteu-se no vão d'uma janella a meditar.

O baile continuava, havia cada vez mais alegria e então, Gomes Freire, era conduzido por Archibald Campeel em direcção á sala contigua onde o inglez o apresentava aos officiaes. Em roda houvera um certo enthusiasmo.

Quando o seu nome soou, um homem forte e louro, de bom aspecto, tambem fardado de coronel, acercou-se e exclamava em portuguez germanisado:

—Sois parente do general Bernardino Freire, d'essa heroica victima?!

—Sou sobrinho!

—General, eu fui o melhor amigo de vosso tio! Quiz salval-o com as tropas que tinha debaixo do meu commando, mas foi impossivel!

—Ah! Senhor adivinho o vosso nome! Disseram-me em Braga o que quizesteis fazer quando a multidão despedaçava o cadaver d'esse heroe!... Agradeço-vos, senhor! Sois o barão d'Eben, não é verdade?!

—Sim...

E abriu-lhe os braços.

Ouvia-se um grande clamor e os officiaes enchiam as taças e bebiam pelas victorias de Gomes Freire.

O baile estava no seu apogeu, emquanto D. Miguel Forjaz, se retirava sempre meditabundo.

III

Idéas d'um justo

janella abria sobre o jardim.

Era pelo meio d'um dia de outomno e de sol.

Chovera na noute anterior e agora a luz era mais alegre e mais viva, era mais intensa, provocava um bem estar.

De longe, da cidade que se movia, vinham ruidos abafados que chegavam até ali, até essa casa do Salitre, onde o general se installara. Para cima, eram os terrenos de Valle do Pereiro, pedaços pardos de barrocaes e quintas verdes que tinham um bello tom de velludo na claridade, sob o ceu limpido.

Elle acabara d'almoçar e fumava tranquillamente um charuto. Sem querer, vinha-lhe uma ternura, uma saudade, n'esse descanço que começava a gosar. Era como o recolhimenro após tantas luctas, em que os nervos se aquietavam, em que alguma cousa de bello o invadia como após um banho reparador. Mettido no seu roupão, de perna cruzada, ouvia o barão Eben que desabotoara a farda e lhe fallava:

—Ah! Como teria dado todos os triumphos d'aqui por um só no grande exercito!

E pequenino, louro, miudo, com a sua face rosada, com a sua barbinha loura, elle guardava uma bella serenidade, gosava tambem

do encanto d'esse dia maravilhoso, sentindo-se á vontade e continuava deante do heroe:

—E conheceu-os todos, não é assim...

Gomes Freire, sorriu, volveu logo:

—Todos... Nem um só deixou de me apertar a mão... Mas era muito extranha essa epopea...

—Porque?!

—Oh! Ganhavam-se batalhas sem que para isso houvesse um esforço... Na Russia então pasmei...

E fallou-lhe de Mosckow tomada d'assalto, de rompante, mostrou-lhe a figura do imperador radioso e como ameaçada a entrar no Kremlin, indicou-lhe a gente do seu estado-maior e teve uma exclamação, teve um arrebatamento:

—Oh! E Ney! E Ney!...

—Ney?!

—Sim... Foi feito principe... Como elle luctava...

—E agora?! Que faz toda essa gente... Quaes são as suas ideias?! interrogou o allemão com o ar do homem mais eminente do mundo.

—Não sei...

Torceu a bocca n'um sorriso e respondeu de seguida no mesmo tom:

—Não sei... Meu amigo, eu agora vivo muito longe do mundo para me preoccupar com tudo isso... Só tenho uma aspiração...

—Qual, general?! interrogou o outro com certo interesse.

—A mais simples... Que me deixem viver em paz!

Soltou um suspiro, ficou a meditar fixando o ceu que era azul e limpido.

—Oh!

Parecia admirado, lembrava um homem que de chofre soffrera um rude golpe; guardava a sua maneira serena mas ao mesmo tempo nos olhos adivinhava se-lhe o tormento da alma.

—E crivel?!

—O quê?! Pois não tenho direito a socegar?! interrogou Gomes Freire.

—Meu amigo, sim...

Calaram-se do mesmo modo como se ambos se mergulhassem

nas suas ideias; e depois, ao fim de certo tempo, ao cabo d'alguns momentos, o barão Eben, exclamou:

—E d'ahi quem sabe, talvez não tenhaes esse direito!

Um sorriso mysterioso, apparecia nos seus labios, uma enorme commoção o tomava, a mais extranha dôr o obrigava a exclamar de novo:

—Sim, esse direito chega a ser na verdade um mau passo!

—Porque?!

—Gomes Freire!...

Calou-se de novo; uma maior sensação lhe turbava a voz:

—Meu amigo!... volveu o general. Mas que quereis dizer?!

—Tanto e tão pouco...

—Vejamos!

Sorriu por sua vez, estendeu se mais na cadeira.

D'um pombal proximo, n'um vôo rapido, dois pombos largaram para as alturas e elle ficou a vel-os pairar no espaço, sempre a sorrir.

—Oh! Meu amigo... Emfim, é o momento de vos fallar!

—Mas em quê?! perguntou deveras surprehendido.

—Em quê?!

—Sim...

—Na vossa patria!

Passou uma scentelha nos olhos do heroe, estremeceu como se aquella phrase lhe recordasse algum pensamento muito intimo e ficou á espera que o outro continuasse.

—Sim, na vossa patria...

—Mas, barão!

—Ides dizer que sou estrangeiro e que extranhaes muito que seja eu o primeiro a fallar em tal!...

Aquelle homem rosado e louro, dotado d'uma bondade e d'uma ternura extremas fallando assim, apresentando se em face do general como um libertador de povos, parecia bem extranho a Gomes Freire, que o deixava continuar:

—Eu sou um extrangeiro mas vivo aqui desde ha tempo e amo Portugal como se n'elle nascera...

—Oh! barão... obrigado! volveu o heroe muito commovido.

—Amo sim... Amo este povo porque elle é bom e digno de melhor sorte...

—Quereis dizer!

— Por Deus! Eu posso fallar-vos desassombradamente, tornou elle com o seu ar mais decidido. Vi morrer vosso tio e sei bem o que elle pensava...

— Bernardino Freire ?! O que pensava elle, dizei!

— Queria a liberdade!

— A liberdade ?!

—Que as armas francezas levaram atravez do mundo no seu ar d'oppressão... Os povos no contacto d'esses soldados bravos e enormes d'animo começaram a vibrar; na scentelha redemptora que os exercitos de Napoleão ateavam, os povos iam no bello caminho de queimarem velharias...

— Cautella, volveu o general com um sorriso triste. Pareceis um jacobino...

—Ah! Não o pareço apenas...

—O quê ?!

—Sim, general, entrego-me nas vossas mãos...

— Como ?!

—Vou dizer-vos tudo...

Era um momento solemne aquelle em que Eben ia falar.

—Sim, general, digo-vos que deixei a Prussia depois de lêr os encyclopedistas... Todo o meu ser soffreu uma transformação... Fôra creado como nós o somos lá em baixo na Prussia sob o regimen de ferro, sob a imposição de que a nobreza é santa e redemptora porque nasceu da defeza exercida, porque veiu dos golpes fortes que se despediam contra os que buscavam esmagar a nação, onde essa nobreza tinha o seu berço...

Fallava n'um portuguez atrapalhado e andava a passear de lado a lado do terraço, de mãos nas algibeiras, exclamando:

— Porém uma noute eu senti que se descerravam horisontes novos diante de mim! Foi na Siberia, n'um velho castello de meus paes que ficava na orla d'uma floresta...

—Ah!... E depois...

—A noute era de tormento e eu muito novo ainda... Senti que os mollossos ladravam e abrindo a janella vi na noute escura um vulto que fugia do parque .. O meu primeiro pensamento foi tomar a escupeta que ficava sempre ao meu lado no leito, n'um velho habito de soldado! Agarrei-a, fiz fogo... Vi que um homem cahia! Alvoraçara-se a casa e corria gente sob a neve... Reconhecera o ferido

que a minha balla alcançara e quando eu vi exclamei: ladrão! Era um dos nossos servos, um dos camponios do nosso burgo que saltara á propriedade para roubar lenha... Ah! Fazia muito frio n'essa noute! Desde ha tres dias que nevava forte, as casas estavam cobertas de gelo e os campos tinham as sementeiras soterradas... Sim, mau o anno para os pequenos lavradores... muito mau, sim... O homem que a minha bala ferira, entreabriu os olhos e disse-me: — Era para os meus filhos que morrem de frio!

—Ah! barão, atalhou muito commovido o general.

—Como eu o olhei, que pena tive do meu acto... Sim, porque no fim de tudo, esse camponio tinha tambem o direito de se aguentar... Tratei-o, mandei soccorrer a sua familia e no contacto d'esse homem rude e simples que singelamente me contava as suas miserias senti que uma aurora nova me illuminava a alma. Foi por este tempo que li Rosseau... Já o sentira, já pensara tudo aquillo e entrei a fazer o meu dever...

—O quê?! Que fizesteis?! interrogou no auge do desespero.

—O bem!

—Mas porque não ficaste lá em baixo a continual-o...

—Bom seria...

—Mas...

—Ouvi... Dentro em pouco adoravam-me... Eu era coronel com vinte e dois annos, herdara o posto de meu pae, era senhor de terras e de homens... Andava a fazer bem! Vivia-se quasi sem difficuldades nos meus dominios e d'ahi a intriga da nobreza dos arredores... Chamaram-me á côrte, fallei com desassombro, cahi em desfavor... A republica franceza espantava os soberanos. Napoleão, começava a vencer em Italia e era uma ameaça... Desde logo me apontaram o caminho que devia seguir... Ou tomava o meu logar ou esperava pelo castigo! Cobardemente entrei a fazer o bem ás escondidas .. Mas mesmo assim fui accusado de novo... Então, receiando o castigo promettido, fugi, abandonei tudo, parti a offerecer a minha espada a quem a quizesse... De terra em terra vim dar a Portugal e então sabeis o resto... Este amor de liberdade ficou-me e quero levar por diante a missão que me inspira! Basta d'escravos, por Deus! Basta de dominios...

—Coronel! exclamou o general com certo pasmo.

—Senhor...

—Reparae que a republica franceza apenas fez um imperador...

—Reparo em tudo... Mas sei que a vida que se leva em Portugal, fará tambem um rei mil vezes peior do que o imperador de que fallaes!

—O que?! Que dizeis?!

Eben, sentou-se n'uma cadeira larga proximo do general.

Chegavam sempre os mesmos ruidos das ruas e o sol começava a aquecer; vinha como uma enorme alegria a espalhar-se na canção dos passaros sobre as arvores das quintas proximas; e elles assim lado a lado, olhavam-se como admirados de terem chegado a semelhante extremo de conversação.

—General, começou o barão Eben novamente, meu caro general...

—O que?! Barão... O que quereis dizer com a vossa phrase desassombrada?!

Franzira o sobr'olho e sentira um fremito como se alguma cousa de muito intimo lhe acudisse de repente.

—Sim, meu caro general, tornou o outro. Sim... Eu sou um estrangeiro mas sinto o dever de fallar d'este modo porque vos estimo e porque vejo em Portugal a minha patria...

—Mas dizei tudo!

—Tendes visto como em Portugal se administra a justiça?!

—Sim... tenho! E' como na Turquia, volveu com colera.

—Tendes visto como a regencia se dobra...

—Oh! Meu amigo, meu caro amigo, tenho visto demais. Lá n'esses cargos da governação tenho um primo que me é mais extranho dia a dia...

—D. Miguel Forjaz!

—Esse!

—Sempre o conheci quasi independente e agora vejo-o como um sicario...

—General! Graças por essas palavras que me põem á vontade...

—Meu amigo... Acima de tudo colloco a verdade e a justiça, exclamou enthusiasmado.

—E essa verdade e essa justiça por vós fallam bem alto...

—Como quizerdes... Só vos affirmo que acima de tudo, mesmo da vida, as colloco!

—Oh! Que grande alma tendes! E' a alma que eu já suspeitava muito em vós... Mas ouvi, ouvi, tornou com mais enthusiasmo ainda:

—Vedes que Beresford, é hoje marquez de Campo Maior...

—Sim!

—Será ámanhã duque como Junot o foi...

—Tudo é possivel!

—Será depois rei como Junot o quiz ser!...

—O que?! bradou elle de repente levantando-se d'um salto.

—Sim... De que vos admiraes?! Será rei!...

—Oh!

—Será rei e não duvideis, por Deus vol-o peço...

—Mas é crivel que semelhante ambição viva n'esse homem!...

Sempre a sorrir, com o seu ar de venia, volveu:

—Napoleão habituou os generaes a terem ambições!

—E julgaes?!

—Que alguma cousa se prepara, sim...

—Barão...

—Meu amigo!

Estavam de pé e frente a frente, olhavam-se commovidos. Um era o patriota n'um periodo d'exaltação, o outro era o libertador de povos n'uma grande fé de fazer alguma coisa util a esse Portugal que o adoptara.

—Barão, exclamou elle de novo. Mas reparaes...

—Em que?!

—Que são gratuitas as vossas affirmações!

—Como vós sois justo...

—Ah! N'esse caso...

—N'esse caso basta-me provar-vos tudo!

—Fallae!

—Beresford, encheu o exercito d'officiaes inglezes...

—Sim...

—Beresford, fez com que os seus se tornassem governadores das fortalezas e agora campeia como um verdadeiro rei...

—E' verdade!

—A regencia curva-se...

—E' certo!

—Os grandes homens são olhados como um perigo!

—Os grandes homens?! Mas onde estão elles n'esta terra?! interrogou com o seu sorriso caloroso.

—Conheço um!

—Quem?!

—Vós!

—Eu?!... Meu amigo, quem se lembra de mim?! volveu com amargura.

—Quem?! Mas o exercito! Todos esses soldados que conhecem a vossa lenda de bravura...

—E' um engano!

—Julgaes?!

—Tenho a certeza...

—Pois bem, correi os quarteis, fallae aos soldados...

—Todos me saudarão como a um general.

—E todos vos olharão como um heroe... Todos serão justos a acompanhar-vos porque sois o unico general de prestigio!

—A acompanhar-me?! Mas porque?! perguntou com certo desespero.

—Para a libertação!

—Oh! que sonhador... Não podeis negar que sois allemão... No vosso paiz crêem-se em lendas e em fadas que vão pelas noites enfeitiçar as aguas... Mas vêde bem que n'esta terra ninguem acredita senão no que é positivo!

—E acaso não é positivo um movimento revolucionario! exclamou elle.

O general, sentiu um estremecimento a percorrel-o.

—Não!

—Não?! E' que tão olhado andaes que não vêdes as cousas...

—E que devo eu vêr, meu amigo?! interrogou de novo.

—Deveis reparar no estado d'agitação em que todos andam...

—Não vejo senão marasmo...

—E' que não quereis abrir os olhos á luz! redarguiu o barão com um ar de mysterio.

O general como se já tivesse ouvido aquellas palavras, encarou-o, esboçou um sorriso e perguntou em voz baixa:

—Continua então a maçonaria?!

—Se continua... D'ella partirá esse enorme movimento que fará a libertação de Portugal!...

Encolheu os hombros, sentou-se de novo e volveu:

—Eu fui dos primeiros maçons em Portugal!

—E agora?!

—Agora... Que me importa tudo isso diante d'apathia d'esse povo...

—General! E se em nome da vossa antiga profissão eu vos pedisse que libertasseis Portugal?!

Gomes Freire, ficou na mesma posição e declarou:

—Se um dia eu vir a patria em perigo e houver homens que me queiram acompanhar estarei prompto a cumprir o meu dever!

—Sabeis que carecemos de preparar as cousas...

—Quereis dizer?!

—Que é necessario conspirar! declarou o outro.

—Nunca!

—O que?!

—Nunca! repetiu elle com fogo, accrescentando desde logo: Não é do meu caracter fazer embuscadas...

—Por patriotismo, tudo é permittido!

—Conspirae vós... Eu estarei d'atalaya para tomar o meu logar no dia em que a patria estiver em perigo!

—E quereis maior perigo?! perguntou o outro.

—Falla-se que el-rei vae voltar!

—El-rei?! Mas não seria melhor que em vez do rei tivessemos a republica!

—Barão Eben, exclamou o general muito dignamente. Eu sou um subdito de D. João VI!

—General... E eu a julgar-vos um liberal!

—Sou um subdito d'esse rei que nos dará uma constituição! E' esse o vulto moderno e Portugal não ficará atraz das outras nações!

—Decididamente não quereis?! interrogou desanimado.

—Não... Já vol-o disse... Tudo que fôr necessario no dia em que a patria estiver em perigo... Até lá, meu amigo, basta que espere...

—Oh! Meu Deus! E sois o unico em que se crê!

—Não tendes motivos para duvidar! exclamou de rompante.

—Mas não quereis no emtanto o vosso logar...

—O meu logar é no combate, á luz do sol e não na treva a arranjar ciladas!...

—Contariam comnosco para esse dia!...

Elle não lhe respondeu directamente.

—Pela patria irei até ao sacrificio mas na rua, na luz, d'armas na mão... Barão, não quereis um cigarro... Vieram da Russia... Fumae e dizei-me depois se não tem o sabor d'um sonho que em fumo se esvae!

IV

Os conspiradores

Eram uns homens d'ares severos e maneiras mysteriosas que se escoavam para a portinha baixa d'aquella casa da rua de S. Bento. (*) Sahiam e entravam todos n'uma saleta de tectos baixos mal guarnecida onde um homem fardado d'alferes, cuspinhando a miudo e mettido no escuro, lia em voz fanhosa uma proclamação a uns vinte que tinham ficado rente com as paredes, murchos, sem o menor signal d'enthusiasmo.

E elle, ia lendo sempre no mesmo tom, com a luz de duas velas de sebo, a bater-lhe no peito da farda.

Era extranho, lia de fórma que parecia celebrar um officio de defuntos, n'uma voz arrastada e triste n'um tom desolado que contrastava com as phrases energicas da proclamação. Uma mulher nova, de cabellos negros e grandes olhos a sahirem no seu rosto claro, parecia ser a unica dos conjurados que vibrava n'aquelle mysterioso conclave.

O alferes, leu sem hesitação, lentamente fanhoseava:

—«Portuguezes, (**) que criminosa apathia vos odeia?! Com que esperanças buscaes nevoar o desengano que de toda a parte vos

(*) N.º 51 na rua de S. Bento.

(**) Inteiramente authentico.

brada?! E' preciso que findem os tempos de cegueira e d'apparente e debil segurança com que mascarado o despotismo, quiz o sepulchro a independencia nacional. Eia pois, soem os brados meus no intimo dos vossos corações, e a vossa dignidade amortecida ressuscite á voz despertadora com que o patriotismo vos convoca. Correi oh! caros concidadãos?! Correi todos para anniquillarem o jugo insupportavel com que a Inglaterra pretende escravisar-nos! Não percebeis das tropas que giram nas fronteiras?! Tendes por medida favoravel que Almeida se mandasse desarmar e que a Elvas succeda o mesmo em poucos dias?!

A mulher agitou-se, exclamou:

—Sim! Será! Muito bem...

Os outros pareciam mergulhados n'um somno pesado; não sentiam o mesmo abalo. Um ou outro, relanceava de quando em quando olhares medrosos para a porta.

Lá fóra cahia monotonamente a chuva e em voz bem monotona tambem, o alferes ia lendo:

—«Dá-vos idéa de prosperidade vêr exgotados os cofres publicos e particulares?! Não sabeis que maior requisição de tropas se faz ao nosso paiz e que esse ridiculo aventureiro (que em desabono do nosso commandantee em chefe) tenta levar ao fim o novo recrutamento, já por fazer á sua patria o serviço d'anniquillar o commercio, artes e toda a industria nacional, já porque não fustremos o tacito e sacrilego tratado, por onde o ingrato monarcha nos sujeitou á tyrannia dos hespanhoes como dote de filha ou presente d'escravatura?! Flagellou-nos toda a sorte de males em sete annos.

«E que premios tem o despota distribuido por tão arduos sacrificios?! Aos benemeritos vassallos, que derramando sangue lhe seguraram o corôa e o sceptro, chamava-os açougues do precario imperio. Ah! E vós, vendo que as orphãs e viuvas dos que morreram na batalha não encontravam outros paes nem maridos, senão a desenvoltura de que são victimas por o não serem da Indigencia. Mas que sinto, portuguezes?! A lembrança é de vós digna e á prompta execução todos se prestam: o despotismo não pode não, reparar o golpe que o vae ferir! A independencia nacional, a segurança particular e a publica prosperidade são os officiaes que recrutam para o nosso partido e que formaram o conselho regenerador incapaz de vos trahir, vender ou alborcar!

«Não se recorde injuria ou prejuria para que a Anarchia não impere em nós, obedeça se cegamente ao Conselho e não se adulterem nem uma parte de todo as suas determinações.

«União, valor, obediencia e sereis felizes. O conselho regenenerador».

Acabou de ler e deixou-se cahir n'uma cadeira de palhinha, ante o silencio dos camaradas.

Mas depois, n'uma verdadeira furia nervosa, cheio d'enthusiasmo começou logo:

—Collocae vos no meu logar, amigos, e dizei se não tenho razão em fazer tal proclamação como chefe d'esta secção!

—Decerto, bradou logo um d'elles, accrescentando:

—Resta saber, Ribeiro Pinto, se ella encontrará echo no paiz!

—Socegae... Tenho tudo preparado... Depois o proprio governo nos auxilia...

—Como?! Como?! interrogaram os outros de repente.

—Como?! Praticando infamias e baixezas...

—Sim... Isso é bem verdade! declarou a mulher.

Todos os olhares se voltaram para ella, enchia-se d'um verdadeiro enthusiasmo e accrescentava:

—Dia a dia se vêem maiores infamias por essas provincias... De lá venho... Augmentam as decimas, as sizas, os trabalhos nada rendem...

—Irmã! bradou o alferes. Tudo isso acabará brevemente.

—Oh! Que Deus o queira!

—Que o Supremo Architecto velle por nós! disse lá do canto uma voz forte e vibrante.

Todos se voltaram e viram um homem gordo que clamava de murro erguido:

—E' preciso acabar com estes mysterios! E' ir para a rua, ainda ha dias o disse ao coronel Monteiro.

—Paciencia ainda por uns dias, aconselhou o alferes.

—Mas então o que nos falta?! interrou o gordo.

—O chefe!

—Ora, os chefes apparecem sempre nos momentos de revolução! disse ardentemente a mulher.

—Assim é, irmã, tornou elle, porém devemos contar com elle...

—O quê?! Pois não sabeis então da nova?! perguntou logo um sargento dando dois passos na sala.

—Que nova?!

Fez um signal para que se acercassem e muito baixinho, disse:

—Estive com o barão Eben!...

—Ah! E depois...?! perguntou o alferes com grande interesse.

—Depois... Elle fallou com o coronel Monteiro de Carvalho... Temos além d'isso um major...

Sorriram satisfeitos ao ouvirem todas aquellas palavras que eram como a adhesão dos grandes justos á revolução que tinham inventado n'um imperio d'humildes.

—E quem é esse major?! perguntou logo o homem gordo.

—Um d'atiradores! Chama-se José Francisco das Neves...

E continuou logo no mesmo enthusiasmo:

—Temos além d'isso um capitão do 13 d'infantaria...

—E' um numero d'agoiro, guinchava uma vozinha.

Ninguem fez caso do dito e todos rodearam mais o sargento que accrescentou:

—Depois temos tambem além d'este capitão que se chama Ricardo de Fagaró, mais outro d'artilharia de nome Manuel Joaquim Monteiro e um alferes de cavallaria, um tal Christovão da Costa e o tenente-coronel Verissimo Ferreira...

—Ah! E eu arranjei ainda mais adhesões, declarou o alferes.

—Mais?!

Pareciam vibrar agora no maior enthusiasmo e elle continuava da sua maneira mais cheia de alegria:

—Sim, nada menos do que um capitão d'infantaria, Victorino Serrão e um tenente da sua companhia chamado Teixeira! Mas o melhor é um ajudante d'ordens do marechal Bochan...

—Do inglez!

—E inglez, é tambem o ajudante! volveu o alferes.

—O quê?! Um inglez comnosco! exclamou a mulher. E' necessario prudencia, camaradas!

—Respondo por João Horan, gritou o alferes.

Os outros calaram-se e elle continuou ainda:

—Ha tambem um alferes de guias que é meu amigo... Outro do 16... E o abbade de Carrasedo.

—E eu, declarou o homem gordo, respondo por José Dionysio

Serra, capitão d'engenheiros... E tambem fallo pelo capitão mór d'Alhandra!

—Ah! O Palmeiro... volveu Ribeiro Pinto. E' maçon a valer desde o tempo de Carlota Joaquina...

—Porém, meus amigos, disse então um mancebo que domava a mulher com a vista, carecemos de muito mais gente e eu não me poupo...

—Cautella, senhor Calheiros, cautella, aconselhou a mulher. Sabeis que podemos ser presos á menor imprudencia!

Fez-se vermelho, ergueu a voz e bradou:

—Seria o signal de revolução!

—Não digaes tal, atalhou o alferes. Não temos ainda as cousas preparadas d'esse modo.. E o chefe para essa revolta?!

Mas o sargento, accrescentou de novo a interrompel-o:

—Já vos disse que estive com o barão Eben...

—Sim...

—No emtanto não vos fallei d'alguem que seria o melhor dos chefes!

Calaram-se cheios de pasmo e desejosos de ouvirem esse nome que estava no coração de todos mas o qual até então não fôra pronunciado:

—Quem?! perguntou a mulher como arrebatada.

—Gomes Freire!

—Sim! Sim! gritaram todos. Gomes Freire!

—Resta saber se o heroe acceitará, disse então o alferes.

—O barão d'Eben, volveu o sargento, disse-me que o genera estava prompto a defender a sua patria no dia em que ella carecer da sua espada...

—Oh!...

Foi um deslumbramento, rebentaram os applausos, ouviram se vozes clamando:

—Será elle o libertador...!

—E' necessario convidal-o para uma reunião em Alcantara, nas pedreiras! Ahi estaremos todos.

Aquella assembléa redobrava d'enthusiasmo, e exclamava:

—E' preciso convidal-o!

—Sim, irei eu... irei eu! disse a mulher como cheia de fanatismo.

—Vós?! perguntou com certo enleio.

—Eu, sim... A alma d'esse heroe deve sentir-se consolada ao vêr que até as mulheres pensam em libertar a patria!

Applaudiram-n'a muito e então todos no mesmo arrebatamento disseram o nome do general, nome de que faziam um escudo, uma taboleta para essa conspiração até ahi tão triste e de tão pouca importancia.

O heroico general, mal suspeitava lá no socego do seu quarto, recordando o periodo dos seus annos e das suas glorias que lhe fallavam do nome e o faziam chefe d'uma conspiração que elle renegaria se o consultassem.

Porém elles, devorados de enthusiasmo, mal pensavam em tal. Apenas viam no grande homem o chefe supremo que os levaria á victoria.

Todos declararam que d'essa forma trabalhariam com mais afinco e a mulher ao embuçar-se no seu capote de tres moedas, disse a meia voz:

—Oh! Vou emfim vêr Gomes Freire!

Desceram arrebatadamente a escada, depois á porta tomavam differentes direcções sob a chuva, com ares mysteriosos.

Ella acceitou o braço que o Calheiros lhe offerecia e disse alegremente:

—Dentro em pouco temos um governo de que o general será o chefe...

—O general?! Amaes então muito o general?!

—Oh! Elle é um heroe! Quero-lhe como a um libertador!

O outro baixou a cabeça e começou a caminhar ao seu lado muito em silencio.

Batiam duas horas e a chuva redobrára. Elles perdiam-se para as bandas do Rato, lado a lado, sonhando n'essa evolução que tão tragica seria para os seus chefes.

V

Palestra animada

o redor da meza do café, estavam todos palestrando animadamente. Era no Marrare que ficava a meio do Chiado e onde os incriveis do tempo se especavam em grande alardo.

Alli parava a janotada toureira, fidalga e beata, a gente das arruaças e da devoção que entre palavrões suaves atirados ás mulheres que passavam, recordavam os ultimos garrochões de Salvaterra.

Era sempre um magote de jovens elegantes chupando o cigarro que já se começava a impôr e que faziam do Marrare de Polimento o seu quartel general.

Esse café era como uma novidade em Lisboa. Não tinha o feitio archaico do tradicional botequim e vendia neve.

Pela tardinha começava a animar-se e só pela noute alta cerrava as portas e apagava as lanternetas d'azeite.

Pelas mezas estavam differentes grupos; n'uma d'ellas mais proxima da porta, estavam dois officiaes que conversavam com certa animação.

N'uma meza ao lado, o Calheiros, lançava-lhes olhares, parecia desejoso de tomar parte na conversa e ia bebendo successivos copinhos de aguardente.

Tinha nos olhos uma pontinha de excitação e os outros, sempre do mesmo modo alegre, palravam sobre diversos assumptos que lhes interessavam.

Um d'elles, era um tenente de policia, muito moço, que alardeava largos gestos e ria de quando em quando, o outro era um capitão d'infanteria que dizia em voz muito alta:

—Pois, meu caro Antonio de Padua, eu vou-me com Deus... Tenho que fazer a mala pois que o brigadeiro não gosta de esperar...

—Sempre partes, Moraes Sarmento, sempre partes?!

—Sim... volveu o capitão, a minha brigada vae para Traz-os-Montes...

—Ao menos mais um copo! pediu o tenente de policia.

—Oh!... Pois sim... acceito...

—E eu pagarei! exclamou uma voz ao mesmo tempo que um rapaz ainda muito novo se apresentava diante dos officiaes.

—Olha, é o Gameiro! bradou o capitão.

—Viva, seu bacharel...

Elle abancou, apertou effusivamente as mãos dos dois amigos e perguntou:

—E então que se diz!...

—Pouco ou nada, redarguiu o official da policia.

—Tambem não é assim! declarou o bacharel com um sorriso, vasando o primeiro calice de licôr.

—Ah! Tu ainda não perdeste o feitio sorna de Coimbra?! interrogou a rir o capitão, na sua fórma habitual.

—Meus amigos... O que lhes digo é que sorna ou não, cá estou nomeado juiz de fóra para Oeiras...

—Bravo! Bravo!... exclamaram muito alegremente, exclamando:

—Rapaz... Vinho do Porto... Vinho do Porto...

E por entre abraços, por entre gargalhadas tocaram os copos n'uma grande alegria, n'uma saudação ao amigo que agradecia.

O Calheiros cada vez os olhava mais attentamente da sua meza, fixava-os, não os deixava um momento com a vista e de repente erguia-se, bradava:

—Gameiro, dá-me ao menos licença que partilhe da tua alegria!...

—Oh! Calheiros... Velho Calheiros... Venha de lá esse abraço!

E muito amigavelmente apertou-o contra o peito cheio de felicidade.

Fez as apresentações com um modo de intimidade, disse:

—O Calheiros... Cabral Calheiros, um bom companheiro de Coimbra... Não te recordas, Moraes Sarmento?!...

—Eu não, volveu estendendo-lhe no emtanto muito gravemente a mão.

Tranquillisaram-se, ficaram a conversar, fazendo projectos de futuro, muito cheios de alegria ao lembrarem-se do que poderiam ser. E todos tinham um sonho, uma mulher na existencia, que amavam e que desejavam para companheira, para mãe dos seus filhos.

Então, o Gameiro, passando a mão na cabelleira, balbuciou:

—Sim... E' a felicidade, é o descanço, meus amigos, o que ambiciono... Vou viver retirado cumprindo as minhas obrigações e adorando a minha noiva!

— Não tens esse direito! exclamou rapidamente o Calheiros.

—E porque?! interrogou a sorrir, julgando que elle brincava.

—Não tens! Nenhum de nós tem o direito de sonhar essa felicidade...

—Mas porque, Calheiros, porque?! interrogou de novo.

—E' simples!... Não vês que a patria vae a agonisar...

—Por Deus... Acaso tu não amas?! perguntou mais uma vez o outro.

Elle esvasiou um copo, olhou todo o café e exclamou:

—Amo!

—E acaso deixas de amar porque, como dizes, a patria agonisa.

—Não! Mas é que a mulher que eu amo, ama commigo a patria, vae commigo na lucta!...

—Que lucta?! perguntaram os outros muito pasmados.

O Calheiros, sem o menor embaraço, redarguiu:

—N'aquella que ha-de salvar a nação!...

—Salvar a nação!...

—Acaso não lesteis os pasquins que hontem foram affixados?!

—Ah! Sim... lemos... mas foram arrancados esta manhã!

—Por ordem do marechal, por ordem da regencia, de todos esses miseraveis que para ahi imperam...

—Senhor! bradou o tenente de policia.

—Estamos entre amigos, não é verdade, todos somos patriotas, não é assim?!

—Certamente! affirmaram os tres rapazes.

—Pois n'esse caso, repito: Sim... Devemos salvar a nação!

E sem esperar mais nada, o Calheiros, puchou da algibeira a sua proclamação, a mesma que fôra lida na rua de S. Bento e começou a lel-a.

Quando terminou, muito feliz, muito radiante, exclamou:

—Que dizem?!

—Que é o bastante para o enforcarem e a nós todos, volveu o capitão Moraes Sarmento.

O Gameiro meditava, e o outro ao ouvir semelhante resposta, disse:

—Ah! Como se engana, não ha o menor perigo, digo-lh'o eu... A maior parte da gente de fortuna, os grandes do reino e os militares graduados estão na conspiração!

—Que dizeis?! iuterrogaram todos cheios de pasmo. Uma conspiração!

—Na qual, até ha mulheres, lindas mulheres da côrte! volveu o desgraçado, esvasiando um novo copo e dizendo logo:

—Mas segredo, não é verdade?! Sim, ides aguardar segredo?!

—Segredo?! Mas se vós o não fazeis?! Se sois o proprio que vindes para aqui espalhar todas essas cousas que vos podem perder! redarguiu o tenente de policia.

Elle, teve um assumo de força, expelliu uma baforada d'alcool e bradou:

—Ah! Que importa?! Um de nós preso, seria o signal...

Ergueu-se, estendeu a mão espalmada ao Gameiro e disse:

—Rapaz... Felicidades e até ao dia em que correremos esses inglezes do governo!...

Saudou os outros que lhe apertaram a mão e no fim de tudo com o seu ar mais empertigado, foi para a porta a passear por entre os grupos de janotas e toureiros.

—E' uma conspiração em fórma! disse a rir o Moraes Sarmento.

O tenente de policia, encolheu os hombros, redarguiu:

—Apenas um homem que bebeu, crê n'isso!

—E' a minha completa opinião, disse o Gameiro.

—Tambem a tua?! perguntou o capitão.

—Mas decerto... Se acaso houvesse qualquer cousa, elle viria dizel-o para aqui?!

—Quem sabe se debaixo da influencia da bebida...

—Socega, meu visionario... Não ha cousa alguma... Esse Cabral Calheiros, é uma cabeça esquentada, um doido que imagina realidades todas as cousas que sonha!

—Ah! Mas acaso não appareceram pasquins pelas esquinas?!...

—Onde se dizia mal do governo, não é isso?!

—Mas sim... Olha que qualquer cousa póde haver ..

—Sim... Eu te digo.. Póde haver tudo... No emtanto, tambem te affirmo que se por acaso isso succedesse ninguem metteria o Calheiros na confidencia!...

—Talvez tenhas razão!...

—Decerto tenho! volveu o tenente da policia.

—E essa proclamação?! interrogou bruscamente o Moraes Sarmento.

—Que proclamação?! balbuciaram os outros.

—Esta que eu guardei... A que elle leu e que me deixou?!

Mostrava com um grande gesto o papel e exclamava:

—Já vêdes que alguma cousa existe, amigos meus!...

Os outros baixaram as cabeças e ficaram-se n'uma grande tortura.

Elle tinha razão, uma grande razão em fallar assim, sem pelo menos suspeitar de que alguma cousa de estranho se passava.

—Sim... mas no fim de tudo o que julgas?! perguntou de repente o Gameiro.

—Não julgo cousa alguma de positivo...

—Vejamos... Pois podes acreditar que os grandes do reino estejam com esse rapaz!...

—Não... De forma alguma... No emtanto o facto é que a conspiração existe!...

—Mas o exercito, é de gente de tal natureza que nem tem preponderancia, nem dinheiro...

—Sim, Moraes Sarmento, volveu o tenente de policia. Deve ser uma revolução de pasquins...

Soltaram uma gargalhada e no fim, o capitão perguntou:

—Mas decididamente, não tomaes isto a serio?!

—Não, declararam a um tempo muito rapidamente. Não... E' melhor mesmo esquecer semelhantes cousas...

—Têem razão, disse elle da sua maneira clara. Esqueçamos...

Calaram-se. No fundo, nenhum podia esquecer.

Olhavam-se como se mil ideias lhes viessem de tropel, olharam-se e quedavam se n'um mesmo desespero. Tinham a ancia de saber a verdade. E foi o bacharel que primeiro disse:

—Vejamos... Tentam alguma cousa?!

—Quem é esse Calheiros?! interrogou o Sarmento.

—Ah! Um antigo companheiro... Um excitado, cheio d'ideas loucas...

—Mas que procuram no fim de tudo?! exclamou por sua vez o tenente da policia.

—Naturalmente sabemos o succedido, o que se passa!

—Loucos!

—Que dizes?! perguntaram os outros cheios de desespero.

—Digo que em tudo isso não ha senão uma allucinação.

—D'elle!

—E vossa!

—Mas explica-te, Padua. .

—Esse rapaz tinha bebido... Quiz fallar, quiz fazer novella...

—E a proclamação...

—E' á penna?!

—Sim!

—N'esse caso, amanhã poderei escrever quantas quizer sem responsabilidades...

—E és do aviso que não existe cousa alguma?!

—Sim...

—E's d'essa opinião tambem, Gameiro?!

—Sim! Não creio que gente de senso mettesse o Calheiros n'uma conspiração!...

—Queres dizer...

—Que elle mentiu...

—Antes assim, disse o Moraes Sarmento d'uma forma pouco convicta e erguendo se.

—Bem... Sahe...

—E nem palavra, hein?! recommendaram ambos.

—Porquê?! perguntou elle, franzindo o sobr'olho.

—Porque seria perder um pobre doido, sem necessidade alguma...

Chegaram á porta, já se tinham affastado os grupos. Não havia mais ninguem no local, e elle então, passando a mão pela cabeça, respirando o ar fresco, declarava:

—Sim! Julgo que a tal conspiração, é uma mentira!...

Apertou a mão dos amigos e affastou-se tambem em direcção ao Rocio.

Mas embora não quizesse não podia esquecer aquella terrivel impressão, não podia olvidar o que ouvira e vinha-lhe um certo terror.

Parecia-lhe que da conspiração, ia sahir um mal, ia sahir a perda da patria, que era um novo 1793 a surgir e a levar a toda a parte a desolação.

N'uma esquina, soberbo, berrante, como uma taboleta destacava-se um cartaz. Era um pasquim e dizia o seguinte:

> Quem pede Portugal?! O marechal!
> Quem esquece a lei?! O rei!

Moraes Sarmento, parou diante do cartaz, estremeceu de novo.

Era como um pezadello, era como uma tortura.

E de repente deu um pulo ao sentir que lhe tocavam no hombro, ao ouvir uma voz bradar:

—Tambem lês essas infamias?!

Voltou-se e viu na sua frente um capitão de cavallaria.

—Oh! Corvo de Camões?! Tu?!

—Eu sim... Eu amigo, que me desespero ao vêr que os jacobinos vão corregindo os seus fins de parte de clamarem as alterações dos officiaes como tu, para as suas intrigas contra o marechal Beresford e contra el-rei!...

—Mas...

—Não é verdade que lias esse pasquim?!

—Simples curiosidade! redarguiu envergonhado.

—Que o exercito ámanhã terá!... tornou o outro.

—Oh! amigo...

—E' uma nuvem de miseraveis a perder a nação...

Elle sentiu um desejo enorme de lhe contar tudo, viu que lhe assistia alguma razão e de repente disse:

—Mas tudo isto não é nada, comparado com o que acabo d'ouvir!

—Tu?i

—Sim...

—Mas onde?! interrogou com enorme curiosidade.

—No Marrare!

—Coisa de botequins... Essas conversas são as menos perigosas... Os botequins andam vigiados...

—Que dizes, perguntou com um enorme sobresalto.

—A verdade!

—Meu amigo... Tens bem a certeza de que o governo mantem espias!...

—Absoluta! volveu com enorme segurança.

—Ah!...

—Mas que ouviste?! tornou a perguntar.

E elle, n'um desabafo, muito rapidamente, á pressa, contou-lhe tudo, disse o que buscava, mostrou-lhe a proclamação. A luz d'um candieiro de azeite, o outro leu-a.

Nos seus olhos, havia um brilho estranho, um brilho d'odio.

Balbuciou algumas palavras innintelligiveis e concluiu:

—Já sabes que o teu homem está filiado na sociedade secreta que se suspeita existir.

—O que?! Pois ha alguma sociedade secreta?!

—Moraes Sarmento... Grandes cousas se vão passar, crê... E o nosso dever, entendes bem, o nosso dever, é defender a patria de semelhantes miseraveis!...

—Mas decerto! A minha espada só se desembainhará por el-rei!

—A minha do mesmo modo... Dá-me a tua mão, amigo...

Apertaram as mãos. Na sua frente estava o pasquim; e então como tomados do mesmo pensamento, rasgaram-no um por cada lado e olharam-se.

—Adeus! disse Corvo de Camões, d'uma maneira grave.

—Que vaes fazer?! interrogou o outro cheio de terror.

—Talvez dar um golpe de morte n'esses jacobinos!

E affastou-se em largos passos com a cabeça erguida, egual a um homem que vae severamente cumprir um dever.

O outro, começou a descer a rua, murmurando:

—Que virá a succeder, meu Deus!

E lembrou-se da mulher e tambem do futuro.

VI

Um velho criminoso

Era n'uma sala alta de tectos abaulados onde havia frescos de Sequeira, anjinhos de carnações fortes, segurando grinaldas d'um tom velho em torno do carro d'Apollo, n'um debuxo.

Pendiam graves e em pregas opulentas os reposteiros de velludo sem armas, uns reposteiros pesados e vermelhos que mascaravam as portas. E a mobilia da sala, era rigida, severa, cadeirões d'espaldar alto em couro lavrado, bufetes negros de madeira do Brazil com torneados João V, canapés de couro que se arrimavam ás paredes. E n'um canto d'um varandim corrido que tomava toda a fachada do palacio, havia um movel fôfo, uma cadeira de costas largas forrada de damasco.

A sala, tinha o seu aspecto severo e soberbo com toda aquella mobilia a recordar um passado; estavam corridas as persianas e a um canto havia um cravo coberto de baetão verde, um cravo que se arrimava para alli, sem voz e sem fórma sob a sua cobertura coçada. E por cima, n'uma moldura d'ouro, resahia um retrato de mulher, um bello retrato com tonalidades doces, um rosto expressivo d'olhos negros, a cabelleira empoada, uns seios a apparecerem n'um decote de rendas no qual scintillavam pedrarias. Era um retrato de

meio tamanho no qual ainda apparecia a mão fina e correcta mettida n'uma meia luva de rendas.

E defronte, na parede que ficava do lado da janella um outro retrato, mostrava um semblante nobre d'homem vestido de negro, pallido, que segurava um chicote. Esse era de tamanho natural, pacia mover-se na tela e nos seus labios havia um sorriso triste, em baixó uma corôa de marquez marcava o retrato.

Na meia sombra da casa, aquellas duas figuras pareciam olhar-se. Cheirava a incenso na sala, espalhava-se como um perfume d'egreja de toda aquella mobilia por esse cahir da tarde de verão, amena, suave, em que se ouviam passaros trinando nas ramarias das arvores da quinta que se estendia até cá baixo a uns arcos de ponte abatida.

Fumegavam uns fornos ao longe; nuvens brancas, muito claras, muito diaphanas, passavam lentas no céu.

E lá em baixo, muito em baixo mesmo, era o rio, o Tejo, com as suas embarcações, na serenidade, na calma, sob o céu azul que a agua reflectia.

De repente abriu-se a porta da sala, dois creados vestidos de lucto trazendo um homem amparado, penetraram no aposento e com mil cautellas foram assentar o amo na cadeira forrada de damasco vermelho.

Era um homem magro, excessivamente pallido, os molares sahidos, os olhos vivos e brilhantes por detraz dos oculos negros que o mascaravam. Vestia um trajo ecclesiastico, um trajo roxo desbotado e tinha na cabeça um barretinho da mesma côr. Estava immovel, farripas de cabellos brancos sahiam de sob o barrete que o coifava e as suas mãos pousadas nos joelhos tinham tambem uma grande immobilidade.

Entreabriram um pouco a janella, entrou um feixe de luz; e depois, pouco a pouco, foram abrindo mais até que o sol penetrou no aposento a tocar aquella mobilia severa, como se um riso de creança soasse n'um cemiterio.

O personagem continuava immovel, gravemente, como distrahido, como indifferente; e os creados sahiam na ponta dos pés, deixando-o além em face da grande varanda que deitava para a quinta.

Mantinha-se assim na sua grande immobilidade, pallido e d'olhos

occultos nos oculos, sem falla, talvez o recordar. Um fio de baba pendia-lhe dos cantos da bocca para o queixo.

Na quinta, ouviu-se um riso alegre; o vulto continuou na mesma. Tinha a barba rapada de fresco e lembrava uma figura de cera collocada como um complemento á severidade da sala.

E aquelle riso alegre soando nem o despertou. Era muito extranha a risada, deveras extranha mesmo em semelhante logar.

Mas logo, d'entre uma moita de verdura, appareceu um vestido branco e uma linda mulher segurando um ramo de flôres surgir e foi sentar-se no banco de pedra que deitava para o jardim collocado em baixo, n'um declive.

Uma outra mulher, velha, com o rosto cortado de rugas, a seguia:

—Não rias assim... Está além o senhor!...

Ella volveu os olhos de previnca para a varanda e baixou-os de seguida. Ficou muito triste, balbuciou:

—Pobresinho!... Ah! minha mãe... Eu admiro muito como Deus assim lhe fez mal! Para demais, sendo da egreja...

A velha, estremeceu, calou-se, ficou-se de cabeça baixa. Veiulhe um fremito e soltou um suspiro.

Porém a joven, continuava:

—Vocemecê, minha mãe, que é serva da casa, desde tanto tempo, é que deve saber se a doença do senhor bispo não foi castigo!

—Castigo?!

E a mulher levantou-se, ficou toda n'um tremor, murmurando a meia voz:

—Castigo!

—Sim... Pois se Deus é bom, como vós dizeis e eu sei...

—Filha!

—Sim, mãe... Se Deus é bom como podia ferir assim um seu servo!... Não é verdade que elle não falla...

—Veiu lhe aquillo ha seis annos... Diz o medico que é a paralysia da lingua... E não tem gosto para nada, vae morrendo pouco a pouco, o pobre do senhor bispo...

A joven, cheia d'intensa curiosidade, pondo de lado as flôres, interrogou:

—Elle foi muito grande no reino, não foi?!

—Foi tudo!... Ah! que tempo!...

Parecia encher-se d'alegria á recordação d'esse tempo, quando além aquelle palacio do Cruzeiro vinham as cadeirinhas ricas e d'ellas se apeavam fidalgos d'espadim, quando damas decotadas, vinham ás festas e quando toda a casa rescendia a perfumes e os tocheiros altos de prata, espargiam os clarões das suas luzes.

—Bom tempo esse, filha... Então o senhor bispo, era mais do que o rei!

—O que?! Mãe?! E Deus castigou-o!...

—Que queres?! O senhor bispo, fez muito mal, disse a velha a meia voz.

Em cima, o velho, mumificado, na mesma quietação, continuava a olhar o rio como se não podesse desviar a vista d'essa agua azul que corria.

—E que fez elle?!

—Ah! Para que recordar!

—Se já disseste que elle era mais do que o rei!

—E era... Confessava sua magestade a rainha Maria I, que se finou lá longe... Ah! o senhor bispo do Algarve, o senhor José Maria de Mello que tu alli vês sem falla e desgraçado, era inquisidor!...

—Inquisidor?!

—Sim... Era o inquisidor-mór!...

—Ah!...

E ficou a pensar n'esse cargo, ficou embevecida.

—Tinha moradia no paço, vivia sempre junto da rainha que não o dispensava... Até que um dia foi residir para os Estaus, lá para o Rocio onde era a Inquisição... Foi quando a rainha enlouqueceu...

—Enlouqueceu?! A rainha?! Mas, senhor, meu Deus!...

—Sim filha... Isso foi uma grande desgraça que tu mal podes comprehender! E' a historia d'essas duas familias...

—Que familias?! interrogou a filha da creada.

—Da familia real e da familia dos Tavoras!

—Meu Deus! Os Tavoras?!

—Sim... Mas porque fazes tal pasmo?!

—E' que o jardineiro me disse que n'esta casa moraram...

—Sim... Eu era tamanina e lembro me!

—Vós!

—Lembro-me da senhora marqueza que além está na sala, n'um retrato... Era alta, uma santa!... Tinha uma falla doce e chamavam-lhe vice-rainha!... E lembro-me do sr. marquez!...

—Morreram!

—Ah! Morreram! No cadafalso!

A joven soltou um grito e levantou a vista para o varandim.

O velho continuava immovel nas suas vestes roxas e com o seu fio de baba ao canto da bocca.

—Mas que fizeram elles?! interrogou pouco a pouco mais devorada de curiosidade.

—Que fizeram?! Ah! Minha filha, minha filha que terrivel historia!... A sr.ª marqueza foi morta com os seus parentes! Mataram tambem o duque d'Aveiro...

—Que grandes fidalgos, mortos... Mas porque, mãe, porque?!

—Porque conspiraram contra o rei!

E não quiz dizer mais nada, cerrou a bocca, guardou-se de fallar.

—Ah! Mataram-nos!... E o senhor bispo, que fez o senhor bispo?!

—O que fez?!...

E calava-se sempre, tinha um fremito, tinha um desespero, uma dôr funda se lia nos seus olhos.

—Senhor meu Deus! o que elle fez!...

—E porque morre elle aqui?!

—É parente dos Tavoras!

—Elle!

—Sim... O unico Tavora que conseguiu chegar a uma grande posição!

—Porque?!

—Não sei... Era frade alli nas Necessidades e um dia appareceu bispo!

—Era como a recompensa!

A velha, olhou-a com tristeza, reprimiu um soluço:

—Sim, talvez... Depois foi feito confessor da rainha!

—Ah!

—E inquisidor!

—Mas porque o castigou Deus?! interrogou de novo a joven.

—Filha, não sei se foi Deus! volveu a velha. Não sei...
—Mas...
—Não me perguntes mais nada! Não sei se é um castigo!
—Mas elle fez mal?!
—Muito!
—Então... Foi castigo, foi...
—Vingou-se! declarou com força, muito rapidamente.
—Vingou-se?!
—Sim, filha, sim... Ouve bem tudo isso, ouve... Nunca mais tornaremos a fallar em tal! Como vês não gosto de recordar...
—Mas conte! Conte!...
—D'uma vez para sempre e que Deus me perdôe se me faço echo do que dizem!
Olharam mais uma vez o velho que lá continuava immovel, que alli se conservava na mesma attitude com as mãos pendentes ao longo do corpo.
—O senhor bispo morou no paço com a rainha...
—Ella mandara matar os seus parentes, não é verdade?!
—Não... Seu pae assignara a sentença!
—Ah! E morrera esse rei...
—Sim... Ficou no emtanto o marquez de Pombal!
—Que tinha cabellos no coração! volveu a joven.
A mulher encolheu os hombros e redarguiu:
— Não sei filha, não sei se era mau ou bom o marquez! Mas foi castigado tambem pela rainha!
—Que lhe fez!
—Mandou-o julgar, mandou-o apparecer diante d'um tribunal aos oitenta annos...
—Meu Deus!
—E a memoria dos Tavoras foi rehabilitada! Era uma familia tão antiga, tão antiga, senhor meu Deus!...
—E o senhor bispo?!
—Dizem que no paço dominava a rainha, que a fazia ajoelhar e andar de rastos e lhe pedia a restituição dos bens dos Tavoras. Dizem que lhe fallava do inferno e do demonio!
—Senhora do Carmo! exclamou ella toda arrepiada.
—E que tantas coisas lhe dizia que a endoideceu. A pobre rainha vagueava dia e noite pelos seus aposentos soltando gritos e cla-

mores, andava como um phantasma além na Ajuda a vêr morrer todos os seus amigos...

—Senhor Deus!

—Sim... Primeiro, foi o marido, depois um bispo que fôra seu confessor, por fim, o principe, o mais velho que tinha o nome do avô... E tudo lhe parecia castigo! Tinha fraca a cabeça e com as coisas que ouvia, endoideceu... Teu pae, minha filha, lá a amparou até ao navio na noite em que foram para o Brazil... E teu pae lá está com el-rei...

—Vós ficasteis!

—Com o senhor bispo... Elle n'esse tempo ainda sonhava em vinganças mas já fraquejava... Como eu o ouvi rir n'essa noite da partida!

—Mau que era!

—Os francezes chegavam e essa familia real que matara os Tavoras ficava sem patria e sem throno...

—E elle ria?!

—Sim... Além n'aquella mesma sala soltava gargalhadas e fallava aos retratos!

—Estaes vingados! Estaes vingados! clamava elle.

E dizia-lhes que com a sua voz conseguira tudo, dizia-lhes que era como os velhos Tavoras capaz de tudo para limpar o seu brazão d'uma mancha!

—Ah! E ria!

—Com um rir feroz a repetia: Fui eu com a minha voz...

—Voz que Deus lhe tirou como castigo! gritou a joven n'uma revolta.

E viram então uma cousa extranha. O velho, firmava as mãos na cadeira, abria a bocca como para fallar, queria erguer-se e cahia desamparado na cadeira.

As duas mulheres correram para a casa gritando:

—Acordou! acordou!

E vieram os seus, veiu toda a gente n'um grande lucto e foram dar com elle, já restabelecido, sentado a olhar firmemente para a joven que baixava os olhos aterrorisada.

Um velho servo de longos cabellos brancos ajoelhava junto d'elle:

—Que tendes, meu senhor, que tendes?! Fallae-me...

— Oh! Espera por essa, rosnou um matulão moço de cocheira.

Mas José Maria de Mello movia lentamente a cabeça, movia-a a custo e um soluço fundo lhe sahiu do peito.

Na sua apathia não podia exprimir o que desejava, os seus olhos fixaram a filha da serva com uma estranha insistencia e ella ficava muito pallida sem saber o que dizer.

Subito, duas lagrimas correram lentamente dos olhos do bispo pelas suas faces; e no emtanto olhava sempre a rapariga que murmurava:

— Mãe! Mãe!... e muito baixinho, accrescentava: Talvez elle ouvisse!...

O bispo do Algarve não a largava com a vista, parecia querer fallar, os seus olhos pediam que conduzissem a joven até á sua poltrona.

Assim o comprehenderam, e a mãe tomou-lhe a mão, levou-a até ao bispo.

Ella ajoelhou e então o velho movendo sempre a custo a cabeça, a bocca aberta, sem soltar o menor som, buscava inclinar-se para ella. O seu fio de baba, escorria-lhe sempre ao canto da bocca.

—O que é?! Que quer elle?! perguntou a velha serva.

— Quer beijal-a!... volveu docemente o aio de sua grandeza.

A joven, com enorme repugnancia encostou a sua face para os labios do velho que cerrou os olhos e ficou pacatamente encostado nas almofadas.

—Que quer isto dizer?! perguntou esta muito consternada cahindo nos braços da mãe.

E a velha, com enorme commoção, desolada e cheia de terror, disse:

— Quer dizer, filha, que elle te ouviu e tu adivinhastes!

Levava-a para o vão da janella, mostrava-lhe o retrato e balbuciava:

—Ah! Como é triste revolver o passado!... Vês?! Parece que a senhora marqueza me olha?!

— Sim?!

—Ah! minha filha... Calar-nos-hemos! nunca mais fallaremos em tal historia!

De repente, tocou em baixo uma campainha a annunciar visitas, e a velha murmurou:

—Como no tempo em que vinha a côrte!...

—Mas quem será?! Quem virá ao cabo de tanto tempo vêr o velho bispo?!

Elle parecia tambem admirado, voltava a cabeça e ouvia o creado exclamar de perto tambem cheio de surpreza.

—E' um dos senhores governadores do reino!

—Meu Deus! Meu Deus! balbuciou a serva.

E D. Miguel Pereira Forjaz, appareceu á porta, e exclamou:

—Sou eu, grandeza! Sou eu que venho a saudar-vos!

Os creados retiraram-se e então o governador, a meia voz diante do velho, disse:

—Tenho uma boa nova para vossa grandeza!

Muito apathico, o bispo, desviou o olhar para o jardim onde passavam abraçadas as duas mulheres.

Ao longe, na torre d'Ajuda, um sino batia horas. Eram Avé Marias.

VII

Uma conferencia secreta

Um antigo soldado de fuzileiros, um inglez que era creado de quarto do marechal, uma cara enrugada de clown, penteado como um manequim, a surdir dos collarinhos de pontas reviradas, perfilhava-se, erguia o repsoteiro:

E o capitão, Corvo de Camões, muito apressado, nervoso, entrou n'uma saleta. No tecto, havia dois amores papudos que brincavam n'uma grinalda côr de rosa.

Passou levemente a mão no espaldar d'uma cadeira abbacial e ficou-se.

Da casa contigua, vinha a voz de Beresford, guttural, forte, em conversa com um official.

De quando em quando, riam, tornavam a recordar qualquer scena antiga e havia um tinir de copos.

—Ah! Mas aquelle vestido branco...

—Sempre a mesma visão...

Palravam baixinho, de quando em quando, escapava-se uma palavra mais alta:

—O quê?! Pobre Wellington... Vencedor nas batalhas.

—Vencido no amor!

—Não calcula... A lady, falla-lhe a miudo de Napoleão...

—Tortura das torturas!... Wislry?!...

E o portuguez, começava a impancientar-se, andava d'um lado para outro, muito perturbado, n'um grande tremor, a ranger as botas.

Lembrava-se do que ouvira a Moraes Sarmento, além na rua, diante do pasquim, recordava bem essa conspiração em todos os seus detalhes, com homens que se preparavam para uma arremettida, com lojas que se formavam, com pasquins que aconselhavam revoltas e talvez com soldados que se formavam.

Não o mandaram entrar, deixaram-no ficar ali, a esperar, emquanto lá dentro fallavam em troça de Wellington.

A' porta, o creado, conservava a sua impassibilidade, a cabeça a surgir dos collarinhos, altivo e comico a um tempo.

—Mas, marechal... Reparae que o duque de Wellington é adorado.

—Menos por quem elle deseja! volveu Beresford.

Depois, seguiu-se uma comprida historia d'amores, com algumas reticencias, uma historia, em que certa lady, tinha muito que contar se quizesse escrever alguma cousa sobre a intimidade do vencedor de Bonaparte.

E a guerra, toda a epopéa, era posta como n'uma sombra pesada, diante d'esses amores que já divertiam a côrte ingleza.

O outro, vinha d'Inglaterra e na sua fleugma tinha ironias cortantes; o marechal regosijava-se, de farda desabotoada e um pouco estendido a ouvir aquelles escandalos picantes, a escutar aquellas novas do seu paiz que o vinham divertir no meio d'essa sensaboria da vida portugueza.

Era elle quem o dizia, quem pintava esse viver com certo sarcasmo, na sua linguagem guttural em que por vezes havia crueldade.

— Oh! Mas amigo, aqui é a missa, é o fradalhão! Os panças, toda uma sucia peralta... Morre-se d'aborrecimento... Mulheres que são devotas e não peccam, homens que parecem soffrer de cançasso. E' o estado de tudo isto!

— E' o mal da invasão... volvia o outro com um modo dogmatico.

— Oh! Nova invasão precisava Portugal, mas essa havia de ser de dinheiro...

Soltavam risadas, tocavam os copos e o capitão acabava por

sentar-se na cadeira a olhar o tecto onde os dois amores papudos brincavam n'uma grinalda de rosas.

Diante d'essas vozes, escutando essa conversa que era um horror, que era como um golpe no seu patriotismo, que lhe mostrava bem como eram feitos esses inglezes, perguntava a si mesmo se não devia deixar ir por diante a conspiração, se não devia até desejar a victoria dos que a faziam.

Ao menos eram portuguezes buscando levantar a sua patria, desejando fugir a um jugo.

E os outros, os que estavam alli, esses que fallavam, que eram no fim de tudo?!

—Meu caro marechal! dizia o inglez para Beresford. Deixae que vá repousar...

—Oh!... ide... ide... E ámanhã deveis vir ao almoço!

—Mais um copo!

—Yes...

E tomam de novo os copos, riam novamente regalados.

Deviam estar deveras satisfeitos porque não se arrancavam d'alli, continuavam de novo a conversa, voltavam a fallar de Wellington.

E lastimavam de troça o conquistador infeliz de ladys, o victorioso cabo de guerra, e lastimavam a dôr intensa que a derrota lhe devia causar.

—Oh! Se lhe parece... Gosta do *brandy?!*...

—Magnifico!

—Napoleão, não o bebe melhor em Santa Helena! dizia a voz grossa do marechal.

—Oh! Mylord... O imperador é sobrio.

—D'ahi o mal... Mas venha almoçar ámanhã...

—Decerto... Meu marechal, virei...

Sentia-se que de novo se levantam, tilintavam esporas, arrastam os pés e empurravam um movel. Devia perfilar-se a fazer uma continencia.

Trocavam um aperto de mão, entrava um jorro de luz na sala e á porta apparecia a caraça vermelha d'um coronel que Beresford acompanhava, dizendo:

—Até ámanhã... Iremos a Cintra...

—Até ámanhã!

Corvo de Camões perfilava-se, o outro passava na sua frente sem o vêr; e então o marechal, piscando os olhos, bradou:

—Jack!

O creado inglez de cabeça de clown e ares graves, avançou:

—Sir...

—Vamos a despir...

—Mylord...

O marechal, estava já dentro da sala e o criado dizia:

—E' que está ainda alli o capitão que vos pediu audiencia!

—Que horas são?...

—Onze e meia...

—Oh! Despe-me... Que venha ámanhã! e o marechal bocejou.

O portuguez, muito tremulo, sentiu uma enorme vontade de penetrar n'aquella sala e de lhe mostrar quanto era grave a situação, porém, já ouvia o roçagar da roupa do marechal que se despia.

—Fará ámanhã bom dia, Jack?!

—Não sei, mylord... Não se póde esperar nada de seguro n'esta terra...

Sacudira um rir grosso e bocejou de novo, o marechal.

Então, muito timidamente, Corvo de Camões levantou o reposteiro e n'uma outra salinha viu Beresford que estava em ceroulas, de chinellas, tendo ainda vestido o dolman coberto de galões e de dourados.

A sua cabeça pallida, os seus olhos embaciados, todo aquelle conjuncto agora ridiculo do governador de Portugal, era como a synthese cabal da dominação.

—Sr. marechal! exclamou o capitão em voz forte.

—Oh!... Já vos disse que ámanhã... Por Deus, bate meia noite...

—E' que se trata d'um caso deveras grave...

—Oh!...

—Muito mais grave do que podeis julgar! volveu.

—Nada ha de grave á meia noite...

O creado, despia-lhe o dolman, porém o official exclamava:

—Marechal, ha uma conspiração!...

Beresford enfiou de novo a farda, passou a mão pelo cabello

e assim meio vestido, avançou áté á porta, depois recuou, ordenando:

—Entrae... Sentae-vos!... Jack, o meu capote!

E quando tirou mais uma vez a farda, vestiu o capote, amantou-se n'elle e veiu para o meio da casa.

A sua cabeça destacava-se agora muito vigorosa n'um jorro de luz.

—Que se passa?

Guardava a sua fleugma, fingia que não se assustava, mas lá por dentro, no seu intimo, no fundo do seu coração, sentia um terror, um enorme terror, o medo de perder um reino que era a sua ambição.

Corvo de Camões, pediu venia para tomar logar.

—A' vontade... Mas fallae... Dizei tudo, dizei...

—E é bem grave... Trata-se nada menos, mylord, que d'uma conspiração em forma!

Inchavam as bochechas do inglez, passava a mão na ganforina ruiva e concluia por dizer:

—Viu os conspiradores?!

—Oh! Não!

—N'esse caso... Fallae-me ámanhã...

Entrou a rir, um pouco de troça, a brincar:

—E' o genio portuguez, com mil bombas!... Fogo de palha, tudo fogo de palha! nada de pratica, nada!...

—Mas mylord, se vos digo, que é muito grave!

—N'esse caso! tornou Beresford no seu estribilho: Fallae!

—Lembrae-vos, mylord, d'uns pasquins que ahi appareceram...

—Sim... Mandei que os arrancassem!...

—Pois ha coisas peores...

—E que quer essa gente?!...

—Ha pouco me narravam que tentavam assassinar v. ex.ª e acabar d'uma vez com a realeza!

Elle deu um pulo na cadeira, olhou o interlocutor e clamou:

—E' verdade?!

—A pura verdade! Vêde!

Mostrou-lhe a proclamação, elle leu, leu até muito pausadamente.

Depois, encarou o capitão, estendeu-lhe a mão e disse:
—Sabeis que acabaes de prestar-me o mais bello serviço?!
—Oh! excellencia!
—Sim... Mas contae tudo!
Corvo de Camões, disse-lhe então como encontrara Moraes Sarmento, narrou-lhe como d'elle ouvira as palavras pronunciadas no Marrare por esse tal Calheiros, disse-lhe nervosamente o que sentia de pavoroso em tudo isso, ao mesmo tempo que o marechal exclamava:
—E os conspiradores, quem são?! Gente de vulto?
—Ah!
—Fallae...
Embaraçou-se-lhe a lingua, sentiu um terror enorme e balbuciou:
—Fallam nada menos que em toda a nobreza!
—O que?!
—Sim, excellencia, sim! Fallam da nobreza e de muitos militares!
—E' necessario vêr isso!
—Mas como?!
—Como se chama o seu amigo?!
—Pedro Pinto de Moraes Sarmento, disse elle rapidamente.
—N'esse caso, correi a buscal-o, trazei-m'o...
—Mas excellencia?!
—E' justo... Quereis saber o que penso em fazer!
—Sim!
—Eu vol-o digo, eu vol-o digo!... acerescentou elle do mesmo modo.
O capitão escutava attentamente, e o marechal piscando os olhos, accrescentava:
—Trata-se nada menos do que em tomardes parte na conspiração!
—Nós! exclamou deveras perturbado.
—Assim exige o serviço d'el-rei e da patria!
—Porém...
—O quê?!
—Mas, marechal, não podemos!
—E porquê?!

—Somos portuguezes e somos militares, vestimos uma farda...

—E...

—E se podemos denunciar uma conspiração que se trama, não podemos tomar parte n'ella e vir de seguir accusar...

—Porquê?!

—Porque isso é vil! redarguiu do mesmo modo grave.

—E' vil?!

Parecia não comprehender, piscava sempre os olhos e concluia:

—E' vil?! Ah! Sabeis como em Inglaterra se chama a tal vileza?!

Como não lhe respondessem, lord Beresford, accrescentou:

—Boa politica!

—No emtanto, senhor, vêdes que não devemos entrar em semelhantes machinações...

—O que temeis?!

—O nome de traidores!

—Ah!

—Sim... O nome de traidores! O meu dever como portuguez e como subdito fiel de sua magestade el rei, era apenas o de denunciar os nomes e talvez mesmo mais desde que o soubesse...

—E o vosso dever como militar?! interrogou o lord a rir.

—O mesmo, mylord.

—Não...

—Mas ..`Bem vêdes...

—Não, o vosso dever como militar, é apenas obedecer aos vossos chefes...

—Quereis dizer?!

—Que sou vosso chefe, sou o chefe supremo do exercito portuguez, em nome d'el-rei, redarguiu com firmeza, vos dou a seguinte ordem que no ultimo caso será escripta: parti ao encontro do vosso camarada, procurae ambos esse Calheiros e sollicitae d'elle que vos leve aos logares onde se conspira!

Elle estava muito pallido, e o marechal, sem o menor embaraço, continuava:

—Uma vez, ali, prestae juramentos, procedei como se em boa verdade haveis de conspirar...

—Nunca! bradou o portuguez indignado.

—Meu caro capitão, sinto dizer-vos de novo que sou o vosso chefe...

Disse aquillo com a mesma fleugma e accrescentou:

—Ireis pois ás casas onde os conspiradores se reunem, ouvireis os nomes e as fallas, tomareis bem conta em tudo e vereis de seguida dizer-m'o...

—Excellencia!

—Ah! Tendes escrupulos!

—Mas decerto!

—Temeis encontrar ahi algum amigo, algum parente?!

—Senhor, na minha familia nunca houve traidores e por isso eu não o quero ser...

O marechal, sorriu com bonhomia, estendeu a mão e muito pausadamente, disse:

—Oh! Capitão, em todas as familias mesmo nas reaes, alguns membros tem sido traidores...

E parecia que o inglez adivinhava porque na verdade um antepassado d'esse Corvo de Camões, Vasco Pires de Camões, outr'ora, em tempos do Mestre de Aviz, quando se forjava a independencia, trahiu Portugal por Castella.

Mas o marechal, continuava ainda do mesmo modo e no mesmo tom:

—Depois, bem vêdes que não ha traição de vossa parte...

—Sim, ha!

—Qual?!

—A d'ouvir, e de fazer acreditar a uns homens que estou com elles...

—Capitão... Se o estrangeiro vier de novo a Portugal e podessem no estado maior d'algum quartel general inimigo, escutar o plano dos seus attaques, terieis duvida em fazer segundo esse plano a melhor defeza?

Irreflectidamente, Corvo de Camões, volveu:

—Não, mylord!

—Quer dizer: servir-vos-hemos de tudo em absoluto.

—Sim!

—Quer dizer... Surprehendendo o plano do inimigo temos um meio de defeza para os vossos!

—Sim!

—E não vos julgareis traidor, não é verdade ?!
—Oh ! Não... Pela patria devemos fazer tudo !
—Ah ! Como sois incoherente, meu amigo, como sois...
—Marechal !
—Sim, ha duas horas que vos offereço o caminho e recusaes...
—Que caminho ?!
—O unico pelo qual podeis chegar á salvação d'essa patria que vos obrigará a praticar todas as torpezas...
—Mylord !
—Pois não é verdade ?!
—Oh !
—Sim... Acaso, os jacobinos não representam o inimigo ?!
—Oh ! Mylord !
—Acaso, essa gente não quer mal ao vosso rei ?!
—Sim !
—N'esse caso para que guardaes ainda escrupulos ?!
De cabeça baixa, reflectia, e o inglez, sorrindo, accrescentava:
—Tomareis pois o vosso collega, leval-o-heis comvosco, entrareis n'essa conspiração e passo a passo com elles, lado a lado com elles e com as suas idéas, tomando em conta o menor detalhe e revelando-m'o, tereis salvo a patria !
—Oh ! mas...
—E se é necessario, eu vol-o ordeno, eu, que sou estrangeiro !
—Senhor !
—Sim... mas julgo que não é necessario ! a um portuguez não se falla debalde no seu dever...
O capitão, ergueu-se e muito pallido, balbuciou :
—Mas mylord e se acaso Moraes Sarmento recusar ?!
—Trazei m'o ámanhã e eu o mandarei ! Deveis cumprir esse dever...
—Oh! Cumpril-o-hei, embora chovam sobre mim todas as maldições !
—Só bençãos podereis ter !
—Mylord, o mundo é mau !
—Para um homem d'honra só ha consciencia...
E logo, mudando de tom, interrogou á pressa :
—E elles contarão com o exercito ?!
—Pelo menos assim o dizem !

Beresford mordeu os labios e volveu de seguida:

—E' quasi um impossivel...

—Quem sabe?!

—Não ha um só regimento em Portugal que não tenha officiaes inglezes, retorquiu para dizer de seguida:

—E quem será o chefe militar com o qual podem contar?!

Parecia procurar na imaginação algum nome, e os seus olhos fixavam-se bem no rosto do official que balbuciava:

—Ignoro-o!

—Ah! Não faz mal... Breve o saberemos! Ide e trazei-me logo de manhã o vosso amigo!... E desgraçados dos que conspiram... Eu o mandarei dizer a el-rei... A regencia os castigará!... Adeus, capitão!...

Corvo de Camões sahiu muito triste, e então Beresford com um novo bocejo, espreguiçando-se, gritou ao creado:

—Jack!

—Mylord!

—Já não vou a Cintra ámanhã...

—Deve estar bom dia...

—Não... Ruge o vulcão, vamos dormir sobre elle!...

E assim entrou no quarto de dormir acompanhado pelo creado.

Apagavam-se as luzes no palacio do pateo do Saldanha e o capitão embrulhado no seu capote, perdia-se na Junqueira deveras transtornado.

Quasi lamentava o ter denunciado semelhante conspiração, mas ao mesmo tempo a sua febre patriotica obrigava-o a murmurar:

—Ah! Sim... E' bom castigar os traidores!

VIII

A regencia do reino

MARECHAL, eis-me aqui... Dizeis que é grave o motivo que fez com que me chamasseis?!

D. Miguel Forjaz, com o seu trajo de gala vinha d'um Te-Deum.

Beresford, na manhã clara, bem disposto, barbeado de fresco, n'um roupão de seda, volveu:

—Sim... Talvez...

E ficaram face a face, a olharem-se bem, a repararem um no outro.

—Mas de que se trata?! interrogou de repente o fidalgo.

—Senhor, alguem me veiu fallar d'uma conspiração!...

O membro da regencia deu um pulo, fez-se livido, balbuciou:

—Ah! E teve foral de verdadeira?!

O marechal, estendeu mais as pernas, embrulhou-se no roupão a gosar da surpreza do outro e redarguiu d'uma maneira segura:

—Sim... E' bem verdadeira mesmo!

—Uma conspiração contra nós! exclamou de novo.

—Sobre tudo contra mim...

—Ah!

—Sim! Sobre tudo contra mim ou antes contra a Inglaterra

—Meu Deus!

—Parece que a alguns patriotas não agrada este dominio que no fim de tudo é apenas uma protecção...

Elle mordeu os labios e depois em tom decidido, rapido, volveu:

—E que mais alguma coisa podia ser!...

—O que?! interrogou bonancheiramente o marechal mergulhando a face papuda no collarinho alto.

—Marechal... Porque não jogaremos a descoberto?!

No ar havia uma limpidez doce, floriam rosas em grandes vasos na varanda e entrava uma luz suave no aposento onde elles se encontravam face a face.

—Não percebo!

—Por Deus, marechal!

—Oh! Por Deus, D. Miguel...

—Ouvi!

—Fallae...

E sorriram como se já tivessem a certeza d'um accordo.

—Escutae-me bem... Vede se não me assiste toda a razão...

—Fallae! repetiu elle do mesmo modo, a sorrir.

—Os francezes dominaram em Portugal! começou o fidalgo, os francezes foram aqui como uns senhores absolutos... Nem affinidades de raça, nem de temperamento, nem de amor, nos ligavam e no emtanto...

—E no emtanto?!

—Alguem pensou alguns tempos na separação completa de Portugal do Brazil...

—Ah!... E como?! interrogou Beresford, pondo-se mais á vontade.

—Como?! Dando a Portugal um rei francez...

—Oh!

—Sim! continuou de repente na mesma fórma impetuosa. Sim... Todos o queriamos n'um momento... Sabeis que um homem bem preponderante movia tudo isso?!...

—Quem?!

—O bispo do Algarve...

—Não conheço...

—Nem pessoa alguma o conhece já... Parece que é um morto...

—Mas...

—Está paralytico... E' um ser inutil que eu visitei ha dias...

O outro ouvia-o e pasmava, fixava o fidalgo e dizia:

—E depois?!

—Assim acabou n'elle essa luz que o guiava, esse incendio que lhe dava impetos ferozes, essa raiva que o levou a Bayonna aos pés do imperador...

—De Napoleão?!

—Sim! A pedir um rei... Foi elle e foi parte da nobreza...

—E esse rei...

—Seria o duque de Abrantes...

—Junot...

—O louco que se suicidou ha dias...

—Oh!

—Sim... Seria Junot... A condessa da Ega que vive em França, talvez na miseria, era a principal iniciadora do movimento... O bispo do Algarve coadjuvava-a!

—E el-rei?! Que fariam d'el-rei?! interrogou com mais finura.

—Oh!... El-rei, tinha para si o imperio do Brazil!

—Ah!... D. Miguel! exclamou o inglez de repente. Parece que conspiraes tambem?!

E disse aquillo tão candidamente, fixando-o tão cheio d'ingenuidade, com um riso terno, e com um riso de creança á flôr dos labios que o fidalgo estremeceu.

—Marechal!

—Meu amigo!

—Fallava ha pouco em jogo franco!

—E franco é o meu!

—E' que...

—Julgaste que alguem pensava em ser rei n'este paiz!

—Sim! Pois bem, sim! volveu d'uma maneira aberta.

—E D. João VI?

—Mesmo por patriotismo, D. João VI não é o rei que convém...

—Oh!...

E fingia pasmo, concluia por dizer:

—Será essa a vontade da nação?!

O membro da regencia riu e volveu com segurança:

—A nação é como uma barca naufragada e perdida n'um mar

tenebroso que acceitará por piloto o que primeiro lhe deitar a mão do leme... Leva a seu bordo uma carga preciosa e já vêdes que para evitar um novo naufragio em que tudo sossobre, mais vale...

—Que seja habil o piloto que a dirigir!

—E' assim!

—Já o tinha visto!

—Vós, senhor, já o tinheis pensado mesmo.

—Sim!

—Já o tinheis desejado...

—O que?! interrogou com um louco sobresalto.

—Esse, esse...

—Ah! volveu elle, fazendo se vermelho. Ah!... Sim... Talvez...

E apoz uma pausa, apoz uns momentos de silencio, volveu:

—Para o rei d'Inglaterra!

—Oh!... Porque não seria antes para vossa graça?!

—Para mim?!

O inglez, parecia cheio de pasmo e de modestia, voltava-se para elle e balbuciava:

—Para mim... Mas não sabeis então que por minha vez sou subdito...

—Como Junot.

—Não! Não é bem como Junot; esse teria que obedecer ao imperador mesmo sendo rei...

—E vós?!

—Eu dirigiria a meu modo e era alliado do meu actual soberano...

Iam chegando pouco a pouco a um accordo, e o inglez continuava:

—No emtanto, jámais pensei em tentar a empreza...

—Porque?! interrogou o outro cheio d'audacia.

—Porque, receio muito.

—Nada tendes a recear...

—Nem mesmo uma conspiração como essa que por ahi se annuncia...

—Senhor! Agora trata-se apenas de a esmagar! E' bello o momento!...

—E' terrivel!

—E' magnifico...

—Não sei como.

—Ha uma conspiração, uma vasta conspiração contra a patria nascida de pedreiros livres, de descontentes, d'inimigos...

—Sim!

—Teem golpes tenebrosos, tentam contra a vossa vida, contra a vossa segurança de zelador da nação... Sonham com uma republica terrivel e tremenda que não parte do povo e que busca derrubar a religião catholica da qual sereis ámanhã o mais novo mas o mais extremoso filho...

—Sim... Mas quem vos fallou de republica?! interrogou o marechal.

IX

A offerta de um throno

Miguel Forjaz, com um olhar acerado como a ponta d'um punhal, respondia á pergunta que o inglez lhe fizera.

—Quem?! Que podem elles querer senão a republica?!...

—Tendes razão!... O povo jámais poderá receber bem semelhantes conspiradores...

—Pois! Recorda peor as scenas de 1793 que os frades estygmatisaram dos altares... Vivemos n'um paiz de devotos, n'um tempo d'assombrosa devoção!...

—Assim é...

—Então... Deveis publicar que é necessario o estado marcial...

—Sim!

—D'ahi a um golpe d'estado...

—Apenas um passo, desde que o exercito está cheio d'inglezes! resolveu Beresford n'um momento.

—E' verdade! Então...

—Então?!

Nem um, nem outro se atreviam a dizer claramente as coisas, no emtanto lia-se-lhe nos olhos esse desejo.

—Que fazer?! perguntou finalmente o inglez do seu modo rapido.

—Reger o reino em dictadura!

—E o dictador?!

—Vós?!

—Eu!

—Sim... Estareis assim uns annos e com o tempo...

—Bello sonho, murmurou o inglez, accrescentando logo:

—E que papel será o vosso em tudo isso, D. Miguel?! Sim... Sois tudo... Tendes poder!

—Faltam-me bens! redarguiu com um sangue frio absoluto.

—Ah!... Quereis uma provincia, um ducado! E riu, riu muito, concluindo logo:

—Que sonho!

—Sonho!

—Pois certamente e senão vede... Acaso não ha em Portugal officiaes preponderantes?!

—Ah!

—Não se faria desde logo uma contra-revolução, não se juntariam para fazer uma conspiração mais terrivel do que esta se me affigura?!...

—Não!

—Porque o dizeis?!

—São velhos em demasia os generaes e não só isso...

—Que mais?!

—Pouco lidaram com os soldados que durante as guerras da Peninsula se habituaram ao commando dos inglezes...

—Ah!

—Depois... O estado marcial, daria azo a excluir alguns...

—Má medida!

—Ficariam, mas nunca como preponderantes.

Tornou a rir e volveu do mesmo modo rapido e seguro:

—Depois, conheço-os...

—Conheceis as suas opiniões?!

—Sim!

—Quaes são, D. Miguel?! Pergunto-vos isto só a titulo de curiosidade?!

—São as mais simples... Tudo pela patria!

—E o rei?!

—Esse tem os seus homens... Os que o acompanharam, bem vêdes...

—O marquez de Loulé, ama-o e ficou...

—E' um fidalgo e quererá juntar-se ao seu soberano...

—Candido Xavier...

—Oh!... Esse é um liberal e poderemos derrubal-o...

—Mas ha mais...

—Alorna, morreu na Allemanha!

—Outros...

—Mas quaes?!

—Martins Pamplona...

—Um velho...

—Ah! E Gomes Freire! exclamou o marechal como se tivesse dito todos os outros nomes apenas para pronunciar o do general no fim.

—Ah! O meu primo?!

Luziram em scentelhas d'odio os olhos do fidalgo. Era uma raiva antiga que n'elles fuzilava, via-se claramente que o detestava, via-se isso no seu riso, no seu casquinar:

—O meu primo?! Foi sempre um louco! Foi sempre um doido!...

—Um heroe tambem...

—Que não soube viver... Poderia ter hoje a mais preponderante situação...

—E porque não a teve?!

—Nunca se ligou a quem devia! Com o seu passado militar, ser-lhe-hia tão façil ser tudo que quizesse...

Baixou a cabeça e ficou meditativo; Beresford olhava-o e começava logo por dizer:

—Mas D. Miguel, como olharia Gomes Freire para tudo isto?!

—Talvez como um resignado... Ah! mas deixae-o ..

—Não... Deixal-o é mau...

—Preoccupações com elle e por... Gomes Freire, está velho!

—Mas é querido!

—Louvejaes-lhe a popularidade?! interrogou d'uma maneira extranha e confiada.

—Não!

—A reputação militar ?!

—Não !...

—N'esse caso, deixae em paz, o meu primo, o meu heroe, que passa as noutes tomando chá em casas d'amigos e mal se importa com a nação...

—O que não quer dizer que não venha a importar-se...

—O que ?! O que ?!

—Julgo conhecel o melhor do que vós ! regougou o inglez.

—N'esse caso, tendes um meio seguro de o fazer vosso partidario...

—Qual ?!

—Oh ! Fazei-o primeiro vosso amigo... Eu vos digo... O general, mora no Salitre, vós, tendes necessidade d'um plano de defeza para as costas de Portugal... Consultae-o, mylord !

—Ah ! Que habil diplomata sois ! volveu a rir.

—Não ambic iono sel o no extrangeiro, redarguiu com intenção

—Ah ! mas aqui...

—Se vos poder ser util !...

N'este momento, o creado inglez, appareceu com a sua cara de clown, curvou-se, exclamou:

—Mylord !

—O que, Jack...

—Os officiaes que tinha ordem para introduzir mal chegassem...

—Ah !...

Perturbou-se uns momentos e depois estendendo a mão ao membro da regencia, disse:

—Meu caro, D. Miguel, com licença... Ah ! E esquecei...

—O que ?!

—Que por um pouco, levado muito pela vossa imaginação de meridional, conspirasteis !...

—Mylord !

D'uma maneira dubia, o marechal, com um ar meio grave, meio risonho, tornou:

—Esquecei !

—Excellencia e vós ?! interrogou com certa ousadia.

—Oh ! Sou mais futil !

—O que não quer dizer que não ameis este paiz de sol

—Sim... mas não tanto que me obrigue por elle a um sacrificio...

—Sacrificio?!

—Sim... D. Miguel, mas dáe-me licença, vou saber alguma cousa dos nossos conspiradores!

—Excellencia! Acaso não posso ouvir tambem?!

—Senhor! Sois meu superior... Tereis de receber por escripto o meu relatorio...

E saudou-o, avançou para a outra sala onde Corvo de Camões e Moraes Sarmento, o aguardavam.

O outro, sahiu de rompante e ao descer a escada, murmurou:

—E' uma esphinge este senhor marechal!

Depois na carruagem, todo nervoso, n'um desespero, exclamou:

—E o demonio é que se perde um tempo precioso!

Aquella hora, Beresford, acercava-se dos officiaes que estavam taciturnos. Elle tomava o ar mais alegre do mundo e bradava n'uma interrogação:

—Boas novas, senhores, boas novas?!

X

Os denunciantes

Pairava no ar uma luz doce, uma bella luz. Dia de calma a meio d'abril. Já tinham aberto as janellas no pateo do Saldanha. no palacio de Beresford, ali a dois passos da casa da Ega, onde se guardava o throno de Junot.

O marechal, ao despedir o governador do reino, sentira appetite, uma fome de bom bretão, espicaçada com aperitivos.

Mas n'elle vencera a idéa de escutar os officiaes, vencera o desejo de saber tudo, d'ouvir, de receber a denuncia que tinha gerado.

Quando entrou na sala larga, que tinha amores pintados no tecto, viu-os.

Estavam firmes, graves, d'olhos baixos, com a vergonha nos rostos.

—Então, senhores?!

Atirava-lhes de chofre a interrogação e quedava-se de braços cruzados na frente d'elles:

—Então?!

Foi Pedro Pinto, o primeiro a fallar, o primeiro a soltar uma exclamação:

—Marechal!

—Fallae... Que temos?!

—Muitas coisas! redarguiu Corvo de Camões.

Logo Beresford, tomou logar n'uma poltrona, apontou-lhes outras:

—Sentae-vos!

Pairava na sala a mesma luz doce, de fóra vinham ruidos amortecidos, vagos.

Elles olhavam-se. Não sabiam como dar começo á falla.

—Vamos!

A insistencia era quasi uma ordem. Então, Corvo de Camões exclamou:

—Cumprimos as vossas ordens!

—Isto é... Conspiraram, disse o marechal a rir.

—Sim, excellencia!

—E então, srs. conspiradores... Então?! Que me trazeis de novo?!

—Muito, exclamaram a um tempo.

—N'esse caso, dizei-o... Peço-vos que sejaes breves...

Sentia a fome a mordel-o e tinha o desejo de se sentar tranquillo á meza do almoço. Um resto de canceira se lia no seu rosto.

—Fallae!

—Como me ordenastes, disse Corvo de Camões, procurei o meu amigo!

—Bem... regougou Beresford.

—Fallei-lhe de vossa ordem!

O marechal, accenou com a cabeça e o outro continuou:

—Deliberamos então encontrar esse Calheiros que não conheciamos...

—Havia no emtanto um bacharel de nome Sá, disse a medo Moraes Sarmento.

—Seu amigo!

—Nosso companheiro na noute do Marrare! volveu elle.

—E então?!...

—Procuramol-o e elle decidiu-se a ir em busca do Cabral...

—Ah! Um achado!

—Maravilhoso... Porém, marechal, porém bem doloroso...

—Adiante, adiante! redarguiu cheio de fleugma.

—Sá, foi procurar o amigo alli no Arco do Bandeira e d'ahi a tempos voltou, continuou o Corvo. Porém, chegava aterrado...

—Porque ?! Acaso se suicidou o conspirador ?! interrogou ironicamente.

—Não, sr. marechal, porém negava tudo!

—A proclamação? interrogou de sobr'olho franzido.

—Foi o que o obrigou a convidar o amigo para tomar parte na conjura!

—Ah! volveu o inglez, mais tranquillo. E elle ?!

—Acceitou por nosso conselho... Aguardou-nos no Rocio ás dez da noite... Iamos emfim conhecer os conspiradores!

—Muito bem!... Depois ?! perguntou elle de novo.

—O Calheiros ao ver-nos saudou-nos e disse que ia conduzir-nos ao logar onde se encontravam os seus amigos! Era para as bandas de Rilhafoles em casa d'um alferes de nome Ribeiro Pinto!

Enthusiasmava-se. O marechal ouvia-o e o Corvo, accrescentava cheio de pressa:

—Devo notar que a cerca de vinte passos da casa onde deviamos ser recebidos, o Calheiros tirou da algibeira um masso de papeis que escondeu n'um cano rente ao muro. Mandou-nos collocar a distancia de dez passos um do outro e quando nos viu assim fallou a certo homem embuçado que se approximou...

—Voltou, não é verdade ?! atalhou elle com impaciencia.

—Ah! Voltou a dizer-nos que o seguissemos e que entrassemos atraz d'elle...

—Assim fizeram ?! tornou do mesmo modo ancioso.

—Ah! Decerto...

—E então ?!

—Então... Vimos que entrava n'uma escada e entramos os tres... Vendou-nos os olhos e exclamou: Deus o guarde! Outra voz lhe respondeu. Trepamos varias escadas, até que por fim batendo tres pancadas n'uma porta... Ella abriu-se, elle fallou baixinho com quem lhe appareceu e exclamou logo em voz alta:

—«Enganamo nos! Estamos enganados!»

—Por fim, lá entramos na casa, depois d'arrancar-nos a venda temendo uma traição!

—Lá dentro estavam outros ?! perguntou o marechal com a sua pressa.

—Sim!

—Os seus nomes?! tornou no mesmo impeto.

—Eram o alferes Pinto, d'infanteria 4, e o major Neves, d'atiradores!

Lançou mão d'uma penna e escreveu com cuidado os nomes para interrogar de seguida:

—E depois?!

—Depois?! E' simples... Fallamos-lhe da iniciação! disse aborrecidamente o Moraes Sarmento.

Entrava sempre a mesma luz doce e breve pela casa, ouviam-se os mesmos ruidos vagos, um sussurro e o som de passos no pateo.

—Que disseram elles?! interrogou Beresford sem mesmo reparar no outro.

—Que guardavam isso para o dia seguinte e nos dispensavam de certas formalidades... Mas logo, n'uma imprudencia enorme nos mostraram o plano da conspiração!

—E' uma brincadeira, marechal! atalhou com desprezo o Moraes Sarmento.

Beresford, calou-se de novo; encolheu os hombros e deixou que o outro continuasse no mesmo tom:

—Era um passo tenebroso... Todos os governadores seriam mortos...

—E eu?!

—Sois a cabeça do rol, mylord, asseverou Moraes Sarmento fleugmaticamente.

—Oh! Sempre o primeiro... Sympathiso já com os conspiradores! disse muito risonho. Oh! muito, mesmo...

—Tudo será pelo peor... Raros dos funccionarios que vos são dedicados poderão eximir-se a semelhantes iras!

—Peor para elles se não conseguirem primeiro lançar mão d'esses revoltados! Por mim, juro-vos que mesmo desprevenido que me topassem, não me matariam sem tentar a defesa... Mas adiante, accrescentou com a sua eterna fleugma.

—Hontem, continuou o capitão, fomos convidados para jantar no Leão d'Ouro. O amphytrião era o major d'atiradores...

Beresford sorriu, encolheu os hombros:

—Sabeis que quasi não me interessa a narrativa?!

—Porquê, mylord ?!
—Meu Deus, se é uma farça, uma bem ignobil farça!
—Marechal!
—Pois que quereis de conspiradores que vão para os botequins?!
—Escutae, excellencia, atalhou Moraes Sarmento. Eu já vos disse que não passava de brincadeira...
—Seja, exclamou o outro de repente. Não negarás porém que que achaste graves as suas palavras!
—Quaes ?! interrogou Moraes Sarmento.
—Aquellas que se referiam ao coronel Wartem...
—Outro conspirador ?! interrogou o inglez.
O companheiro de Corvo, estremeceu, olhou-o como desvairado.
Mas o capitão, parecia doido, exclamava logo anciosamente:
—Outro sim, marechal... Elle é um tal barão d'Eben, um prussiano que é coronel em Portugal! Alem d'isso fallam que se encontra em Lisboa um general hespanhol... Nada menos que certo liberal...
—Cabanas ?! interrogou elle n'um sobresalto.
—Sim, excellencia! volveu o capitão.
D'esta vez o marechal sentou-se na cadeira e exclamou:
—Continuae! Continuae!
—Interessae-vos de novo ?!... interrogou o outro ironicamente.
—Tanto que vos ouço sempre do melhor agrado! E ainda estou em Belem...
Era o seu grande desespero mas apesar de tudo, ordenava:
—Fallae... Dizei tudo!
—Queriamos ser n'essa noute cedo iniciados mas só tarde o cumpriram...
—Porquê ?!
—Elles fallaram d'uma grande homenagem que devia presidir á sessão e o qual só tarde se apresentava... A sessão era na rua de S. Bento no n.º 51...
—Magistral! Contae... Contae, exclamou esfregando as mãos.
Só o Moraes Sarmento parecia abstracto, via-se que soffria.
—Fomos pois a S. Bento e lá vimos os nossos homens...
—Todos ?!
—Todos?! oh! Pelos modos era apenas uma reunião de chefes ..

—Melhor! De cousa alguma nos servem os soldados! redarguiu com a eterna fleugma.

—E as personagens?! interrogou logo de seguida, com pressa.

—Ah! Não appareceram... Foi o alferes Pinto quem fallou do estado de decadencia da nação e da necessidade d'uma revolução liberal feita d'accordo com a Hespanha!

—Por Deus!

—Disseram que Cabanas estava em Lisboa e que nos deviamos submetter ás ordens do Conselho. Assignamos o juramento em duplicado!

—Ah! Excellencia e bastante me tremia a mão no momento de commetter semelhante infamia!

Moraes Sarmento, atirava muito excitado aquellas palavras.

A ideia d'aquelle juramento feito assim no proposito firme de desde logo o trahir parecia-lhe um sacrilegio, um crime de miseravel, de bandoleiro.

Os olhinhos ironicos do inglez verrumavam-no, furavam-no, a sua voz guttural, cortante, elevou-se:

—E tendes uma grande pena?!

—Oh! Acho uma indignidade!

—Indignidade seria o contrario! bradou o marechal.

Corvo de Camões, accenou com a cabeça, concordou:

—Sim... Isso é bem assim!...

—Ouçamos o resto, pediu o inglez, curvando os braços. Que vos succedeu mais n'essa casa de S. Bento?!...

Elles olharam-se, hesitaram, acabando por fim o Corvo a dizer:

—Fomos recebidos como membros da grey revolucionaria.

—Mas que lastimosa grey, senhor! balbuciou o outro.

—Como lastimosa, capitão?! interrogou o marechal.

—Não vi senão gente desgraçada, não vi senão miseraveis!

—O que?!

—Sim... Officiaes a quem as familias se dirigem porque querem pão, gente que vende lares

—Oh!

—Sim, marechal, tornou elle, buscando attenuar todas as suas revelações.

—Mas explicae-vos!

—Sabeis que as constantes guerras, reduziram á miseria muitas

casas... Desde 1807 que Portugal não tem um momento de treguas... D'ahi a miseria que se desenvolveu por toda a parte, d'ahi a agonia, d'ahi a morte lenta de toda essa gente, o estado latente de revolta nas almas no fundo dos corações...

—Contra mim?! interrogou a franzir o sobr'olho. Contra mim?!

—Não contra vós...

—Então...

—Contra tudo!...

—Capitão, volveu o marechal ironicamente. Julgo que no contacto dos revolucionarios ganhaste tambem as suas ideias!

—Senhor!

Bastante pallido, muito pallido, fixava o marechal e não sabia que lhe responder.

Era todo esse passado de grandes luctas, um passado de portuguez que sonhava o bem da sua patria a acudir-lhe á imaginação. Penetrava n'elle a ideia de que os outros tinham razão, de que tinham qualquer coisa de terrivel a movel-os. E via bem isso, via Portugal agonisando, buscando levantar-se pelo esforço dos desgraçados. Elle ouvira bem, ouvira muito bem. Era uma turba de famintos, da desditosos, de desgraçados, a levantar-se.

Corvo de Camões, empallidecia tambem Quasi se arrependiam de taes commentarios, do zelo que os tinha levado até áquelle extremo, do excesso de terror que os movera a dar semelhante passo.

O inglez, de braços cruzados, n'um ar sarcastico, sorria:

—Bem... Achaes então que devem revoltar-se?!

—Oh! marechal, não... Não, marechal! clamou elle.

—Julguei que em tal fallaveis... Mas continuae, continuae...

—Marechal!

Agora, o Moraes Sarmento com o seu melhor modo, com a maior franqueza, disse:

—E' necessario que me ouçaes bem... Vós sois o unico homem a quem devo mostrar o que me vae n'alma...

—Ah! Ouçamos...

—Senhor... Eu nunca julguei que chegaria ao extremo de ser denunciante...

—Sois patriota?!

—Sou soldado!

—O vosso dever é entrar na batalha...

—E ferir de frente! volveu com força, n'um impeto.

—Sim, capitão... Mas se o acaso caprichava em collocar nas vossas mãos o fio d'uma meada tenebrosa...

—Ah!... Que enorme desgraça...

—Sim... Que enorme desgraça, disse tambem o outro.

O marechal, com as feições endurecidas, bradou:

—Julgo, senhores, não ser este o momento azado para semelhantes queixas... Vamos! Contae-me tudo!

—Eu vos digo... Sei que faço parte d'esse governo...

—Que mais...

—Que me deram a sua confiança...

O marechal sorriu, deixou o seu modo raivoso, fallou como militar:

—Meus senhores, ninguem mais do que eu, lamenta o occorrido... Ninguem mais do que eu lamenta que n'este paiz se conspire e que sejam os meus officiaes os encarregados de descobrir tal conspiração... Porém, bem vêdes, o serviço da patria, a dedicação a el-rei, assim o exigem...

Estavam de cabeça baixa, muito perturbados, sem saberem que responder ao inglez que lhes mostrava a razão.

—Vejamos, senhores, vejamos, tornou Beresford. Que se exige de vós...

Lentamente o capitão volveu:

—Oh! de mim exigem que me cale!

—E' o bastante, disse o outro a rir.

—E' o bastante?!

—Pois decerto!

—Calar-vos-heis...

—Marechal...

—Acabemos com isto, meus senhores... Acho demasiadamente prolongada a scena...

—Quereis que vos diga tudo?! Não é isso, não é, senhor?!

—Pois de certo! Para isso lá entrastes...

—Bem... Agora que os homens me accusam e que Deus me perdôe...

O inglez, sorria, encolhia os hombros e declarava:

—Tudo por bem da patria...

—Exigem de mim que faça adeptos no exercito! Entregaram-me papeis em cifra! Deram-me proclamações, faziam-me seu agente na provincia da Beira Alta para a qual tenho d'acompanhar o general Bahia de quem sou ajudante...

—Ah! E esses papeis ?!...

—Eil-os!

Entregou-lh'os de repente, quasi d'arremeço.

O marechal, indifferentemente collocou-os sobre a meza e voltando-se para Corvo de Camões, perguntou:

—E vós ?!

—Eu, marechal, do mesmo modo me pediram para fazer adeptos...

Tremia-lhe a voz, sentia um receio enorme, um vago terror de fallar.

—Marechal! exclamou por fim muito decidido. Temos uma reunião aprazada...

—Nova reunião ?!

—Sim!

Pedro de Moraes Sarmento, estremeceu violentamente ao ouvir o camarada fallar assim, deteve-o.

Mas o outro continuava de subito:

—E' ámanhã!

—Onde ?! interrogou o inglez, como na ancia de conseguir emfim prendel-os.

—Em casa do architecto Fernando de Sousa, na rua da Fabrica da Seda...

—Ireis!

—Iremos...

—Não se passou mais nada ?! perguntou a fixal-os.

—Sim... Mas é tudo tão extranho ?! E' tudo tão vago...

—Fallae!

Parecia advinhar que uma revelação terrivel lhe ia fugir dos labios, parecia sentir que alguma cousa de profundamente grave estava por dizer.

Agitava-se melhor na poltrona, cerrava os olhos e ficava a ouvir.

Entrava o sol. Lá fora no pateo ouvia-se o barulho das ordenanças.

—Não creio n'essa reunião em casa do architecto!

—Porquê?!

—Porque já nos aguardavam entre essas pedreiras d'Alcantara, ás quaes deviamos ir, levando luz...

—E então?! interrogou no mesmo tom breve.

—E não se realisou a reunião no qual devia receber credenciaes das mãos d'um alto personagem...

—Oh!

Beresford, parecia interessar-se agora, interrogava:

—E quem era esse personagem?!

—Mas se não appareceu, se elles disseram que não podia ir!

—Porém que se apresentaria em casa do architecto, não é assim!

—Sim, excellencia!

—E quem é esse personagem?! tornou com mais interesse.

—Marechal, elle não appareceu!

—Mas apparecerá! Ah! ninguem se serve d'um mytho! Vejamos o seu nome, insistiu elle.

—Tratava-se d'um official superior!

Beresford, levantou-se d'um pulo, olhou-o de frente:

—O seu nome?!

Agora, via-se que tinha medo, via-se que sentia um balo.

—O seu nome?!

A um tempo, os dois officiaes, disseram muito baixinho:

—Era o general Gomes Freire!

—O que?!

Transfigurava-se; era como uma paralysia que lhe vinha ao ouvir aquelle nome, ao evocar a figura do heroe.

—Tendes a certeza?!

—Sim, marechal... Não creio porém que esse homem ande em taes companhias!

—Isso não é comvosco! volveu rudemente.

—Mas...

—O general Gomes Freire?! Fallam d'elle? Bem... Ireis a essa reunião e vel-o-heis! Depois terei a certeza...

—Mylord, elle é um heroe!...

—Por vezes são loucos, os heroes!... Podeis partir!

Saudou-os, deixou-se cahir na poltrona, apertou a cabeça entre as mãos e exclamou:

—Gomes Freire! Gomes Freire!... Pois é crivel?!...

E apóz uns momentos, ergueu-se, deu dois passos na casa e como bom inglez que era cheio de fleugma, balbuciou:

—Veremos!

Não tinha nem alegria nem tristeza. Beresford tomava já a serio a conspiração.

A' porta, Jack, bradava:

—Vossa graça, está servido!

E o marechal foi almoçar muito tranquillamente.

XI

Primos de sangue

Sahia-se da audiencia dos senhores governadores do reino.

Vinham os fidalgos, os frades, os pretendentes pelas largas escadarias do paço d'Ajuda onde se reuniu o conselho.

E D. Miguel Forjaz, ficara encostado á mão a meditar.

Pensava em Beresford, pensava n'elle, n'esse homem que lhe podia satisfazer todas as ambições.

Eram muitas, sempre tinham sido muitas. Mesmo no tempo em que era um simples official, um pobre fidalgo sumido nas guardas, lhe entrava na alma o desejo de subir, de se impôr, de dominar.

Lembrava-se bem de que tratara com D. Ramiro de Noronha, com esse conde.

Ah! Fôra uma grande ambição que o levara contra essa familia dos Freires, contra os primos... Sim, fôra uma ambição tremenda e singular.

Vira-os sempre ricos, e d'ahi o odio. Agora que era tambem rico, o odio apagava-se-lhe por vezes.

Mas no fundo, bem no fundo da sua alma, lembrava se dos triumphos do outro, recordava-se com a colera mais intensa de pa-

lavras que Gomes Freire lhe dirigira outr'ora attacando D. Ramiro de Noronha, o seu rival.

Esse homem, com o qual mantivera uma lucta, que desacreditara sempre que pudera, era agora como um embaraço ás suas pretenções.

Até o proprio Beresford, parecia temel-o.

Oh! E elle queria o outro feito rei, collocado n'um throno, dominando ao passo que ia subindo em honrarias, em dignidades.

Porém, se como sempre, Gomes Freire, o embaraçava?!

Recordava-se então dos inimigos d'elle, de toda essa gente que vivia a odial-o. Já não os via: um, o bispo do Algarve, estava perdido. Os outros, o Nestral, o D. Ramiro, os officiaes do bando contrario estavam mortos ou emigrados.

D. Ramiro, acompanhara o amo para o Brazil, fora com a côrte, já sem o seu poder, a contar as suas amarguras. Devia estar velho; a velhice apaga o odio.

Ficára sósinho. Oh! mais valia decerto estabelecer a sua boa paz com o general.

Elle já perdera muito do genio violento, d'aquella furia velha, d'aquelle modo arrebatado.

Por consequencia, era crivel que se entendessem.

Depois, recordava-se de Beresford e murmurava:

—Ceus! O inglez...

Quereria fazer tudo de repente, n'um golpe, com rapidez, queria levar para diante a sua ideia de victoria. Mas impacientava-se.

Ao mesmo tempo receava a gente do conselho, os seus collegas, todos uns dedicados ao rei, á familia real.

Só o seu plano devia vingar. Lançava mão d'essa conspiração, dava-lhe forma d'um enorme acontecimento, estabelecia o terror, o estado marcial, com a dictadura militar.

O dictador seria Beresford que por um golpe d'estado viria a ser o rei.

Porém havia o exercito, havia gente de bem!

Mas no exercito, os officiaes, eram quasi todos inglezes e d'este modo facil se tornava chegar ao fim.

Os generaes portuguezes eram poucos, e elle só temia Gomes Freire.

Tinha muito prestigio, olhavam-no como um heroe, viam n'elle

alguma cousa de lendario. E então, ao recordar tudo isto, emmudecia.

—Se o clamam para si?!

Podia fallar-lhe sob qualquer protesto, podia ouvir-lhe as opiniões.

Pegou no tricorne, ia para sahir. Mas n'este momento a porta abriu-se e um homem gordo, pesado, de cabelleira de rabicho, entrou:

—Excellencia!

—Olá João Gaudencio, pois és tu!

—Sim, meu senhor...

Era um official de policia que D. Miguel Forjaz empregava nos seus trabalhos secretos.

—A que vens?!

Elle com um riso grosso, redarguiu:

—Ora, venho, meu senhor, trazer-vos novas!

—Senta-te!

Apontou-lhe uma cadeira, sentou-se n'outra, e ficou a ouvil-o:

—Dize lá...

—Venho dizer-vos que anda alguma cousa no ar...

Miguel Forjaz sorriu, ficou na mesma posição.

—De que desconfias?!

—Parece que se andam por ahi a divertir...

—O que?!

—Sim, excellencia, tornou este no seu sorriso grosso.

—Mas o que é?!

—Essa historia dos pasquins tem fundamento...

—Como?! interrogou, fazendo-se de novas.

—Tem fundamento, ou antes dá vontade de rir...

—E tu vês?!

—Pudera, meu senhor... Se andam a fallar em conspirações...

O governador do reino, deu um pulo na cadeira e bradou:

—Pois já sabes?!

—E v. ex.ª?!

—Ora... mas não admira!... redarguiu com certo modo: meu senhor... a policia é sempre a primeira a saber tudo...

—Sim?

—Só depois d'ella é que os outros sabem as causas...

—Porém d'esta vez...

—Foi v. ex.ª o primeiro? interrogou elle com certa ironia.

—Sim! ou antes, não!

—Ah! É que o primeiro não fui eu, não foi ninguem de policia nem de governação.

—Foi o marechal!

—É possivel... Falla-se n'isso ahi pelas ruas...

—O quê?!

—Sim, meu senhor... Vae-se pela rua fóra e não se ouve senão o seguinte entre os que se encontram:

«Então?! Para quando é?! E' certo que ha muita gente mettida n'isso?!» E' uma pura invenção em que se divertem, excellencia.

Elle, sentiu um abalo, fixou o agente e bradou:

—Julgas isso?!

—Tenho a certeza!

—Mas porquê?!

—Porquê?! Pois acaso uma revolução que se fizesse a serio andaria assim de bocca em bocca?!

Eram os seus terrores por tudo; era o seu ideal desmanchado. N'esse arranco, exclamou:

—Gaudencio!

—Excellencia!

—E quem são os auctores d'essa brincadeira?!

—Toda a gente e ninguem!

—Como!

—Sim... acaso sabemos quem inventou essa nova de que chegava D. Sebastião?

—Tem rasão... mas alguma causa ha! Reclamou o governador deveras despeitado.

—Não, meu senhor, podeis acreditar que não!

O agente, em face do governador do reino, tetubeava ainda as ultimas palavras da sua impressão:

—Excellencia, mas na verdade não vale cousa alguma tudo isso... Se elles andam por ahi de fallacia... Bem vêdes que um homem tendo a perder não se mette em semelhantes mãos!

—Sim... sim... disse D. Miguel Forjaz, sim!

—Por isso...

—O quê?!

—Deveis antes esquecer...

O governador, teve um sobresalto, olhou-o de frente e bradou:

—João Gaudencio!

—Excellencia!

—Mas é necessario que tenha essa importancia... Sabes?!

—Como... Como...

—Sim... Convem-me!

—Mas por Deus?!...

—Acaso não é verdade que se falla d'isso?!

—Sim...

—Não é verdade que andam pelos cafés em grandes ares de mysterio?

—Não tanto de mysterio que não se veja tudo.

—Mas quem vê?!

—Nós.

—A policia?!

—Naturalmente...

—Isso não admira, disse d'uma forma sorna.

—Porquê, excellencia?!

—E' o seu officio...

—Mas mesmo o povo...

—O quê?! Acaso o povo tambem ouve taes infamias!

—Ouve e condemna!

—Condemna?!

Luziu lhe no olhar uma centelha, soffreu uma impressão extraordinaria e bradou:

—Ah! n'esse caso temos por nós a opinião?!

—Menos a de certos jacobinos...

—Ora!

Encolheu os hombros, sentiu uma grande alegria e volveu:

—Uma minoria!

—Certamente...

—E eu que adoro a tranquilidade, que penso mesmo em dar grandes golpes vendo tudo na mesma...

O agente de policia, parecia que começava a vêr claro nas ideas de D. Miguel Forjaz, e então, sorrindo, balbucinou:

—Se v. ex.ª quer...

—O quê?!

—Que eu veja...

—Mas o quê?! Ver?! E' pouco... necessito antes que não vejas muito e...

—E...

Calou-se, fez um gesto, tomou um certo ar de indefferença:

—E de resto para quê?! Se não ha nada melhor... No emtanto bom será prevenir... Carecemos d'alguem com presteza para debellar más idéas! Ninguem calcula o que alguns mal intencionados podem fazer...

O agente não o percebia já. Elle desejava isto em absoluto, desejava ardentemente mesmo e concluia por mais occultar as suas idéas:

—No fim de tudo, veremos...

E logo, n'outro tom, accrescentou:

—Por Deus! Por Deus! Mas João Gaudencio, tu deves saber muitas cousas!

—De quê?!

—D'essa conspiração...

No seu espirito luctava muito, e só ao cabo d'uns momentos, exclamava:

—Pois bem... Vamos trabalhar!

—Como excellencia!

—Trazer-me-heis o nome de todos os que conspiram...

—Mas...

—Tens duvidas?!

—Não, excellencia... Mas se vos digo que só se falla dos conspiradores d'uma conspiração que não existe!

—Hum, mas e esses nomes?!

—Excellencia!

—O que é...

—A's vezes falla-se de pessoas que não teem cousa alguma a vêr com os acontecimentos... Indicam-se nomes...

—Por Deus, traze-me tudo isto!

—Mas senhor...

—Obedece!

—A's ordens de v. ex.ª... Irei, saberei tudo!

—Vae!

Quando o agente sahiu, D. Miguel Forjaz, murmurou:

—Que quererá elle dizer com esses nomes?!

E desde logo sonhou com toda a nobreza envolvida no acontecimento, fallado pelo povo sem que houvesse rasão para isso, ouvia os nomes dos inimigos e vinha-lhe uma luminosa idéa, exclamava:

—Ah! Ha tantos que outr'ora me calcavam!

—Excellencia! bradou uma voz á parte.

Era um servo, elle estremeceu, olhou de seguida:

—Que queres?!

—E' uma ordenança do senhor marechal...

—Que quer!

—Traz uma carta, a qual a quer entregar a v. ex.ª.

—Que entre!

O soldado entrou d'ali a algum tempo, elle tomou a carta, passou a pela vista e sorriu.

Veiu-lhe uma alegria sem saber porquê.

Beresford, apenas o mandava chamar, apenas lhe dizia para correr ao palacio do pateo de Saldanha.

Sem saber porque advinhava n'aquelle ordem alguma cousa de muito extraordinario e pegando no chapeu, sahiu do gabinete e dirigiu-se para a porta da escada.

—Excellencia! disse-lhe o agente que ainda alli estava.

—O que é!...

—Quereis que vos traga todos os nomes!

—Sim, todos!

—E' que ás vezes podia haver falsidade!

—Eu saberei vêr! Saberei arranjar provas...

E n'um ar de soberano, concluiu:

—Aqui não se faz senão justiça!

Passou empertigado para a sege, ao mesmo tempo que o agente se affastava, murmurando:

—Justiça! Justiça!...

O sol era claro, passavam dois frades obesos, rindo ás gargalhadas, com as faces incendiadas.

XII

Uma visita

O general Gomes Freire, ergueu-se muito surprehendido ao vel-a entrar. Vinha de negro, sorria docemente e exclamava:

—Emfim ex.ª, recebeis-me!

Era muito bonita com os seus cabellos louros, a joven que assistira a todas as reuniões dos conspiradores e procurava fallar bastas vezes ao general sem nunca o conseguir totalmente.

—Senhora, se tivesse podido advinhar estaria em casa para vos receber! volveu com galanteria.

—General, o momento é precioso!

—O que?! Que momento, interrogou como se não a comprehendesse, apontando-lhe uma cadeira.

—O momento em que estamos... E' necessario que alguem nos dirija...

—Dirigir o que?!...

—A conspiração...

—Pobre senhora! Oh! Pois vós tambem andaes em taes movimentos!

No seu rosto, desenhou-se uma expressão dolorosa e erguendo-se, collocou-se na sua frente e disse:

—Não tendes paes, irmãos, um noivo?!

—Não...

—Oh! Mas que quereis fazer?!

—A liberdade do meu paiz...

E era tão linda com os seus cabellos louros e com os seus olhos de ternura, que o general sentiu mais do que nunca uma infinita piedade.

Porém, ella accrescentava:

—Sim, general, quero essa liberdade n'uma vingança, n'uma desforra... Os meus morreram...

—Como?!

—Sim, morreram... Eu venho de baixo, de muito baixo, venho do povo, da turba, senti o seu soffrer...

—Da turba, vós?!

Quasi não acreditava que semelhante mulher podesse vir d'esse povo, quasi a julgava filha d'um rei.

—Sim, general... Agora chegou a minha vez... Isto é uma lucta de seculos, uma lucta pessoal... E diante dos esmagamentos, das perfidias, das infamias, eu quero vencer... E' o bem de Portugal e o meu que exijo!

—Mas como vos atreveis, vós...

—Como?!

—Sim... Com a vossa edade...

—Sou velha, general...

—Ah! fez Gomes Freire, e sorriu ao ouvil-a fallar assim.

—Os annos pouco valem diante das amarguras... Ha creanças que em face das dôres, tem mais razão do que os velhos que jámais soffreram...

—Soffrestes então?!

Estava devorado de curiosidade, cheio de desejo enorme d'ouvir a narração dos seus infortunios.

Ella, de cabeça levantada, com firmeza e com segurança, replicou:

—Sim... e soffro...

—Por isso quereis morrer?!

—Morrer?!

—Sim... Essa conspiração não tira resultados...

—Porque?! interrogou n'um grito selvagem.

—Depois vol o direi...
—General!
—Minha filha... Ouvi...
—Ah! Ouvirei porque já sei o que ides a dizer...
—Sabeis?!
—Em absoluto... Ides negar-vos a tomar parte n'ella, como sempre...
—Decerto!
—Oh!
—Escutae...
—Não tenho que escutar, general, não tenho ..
—Mas...
—Eu vinha para isso... D'este modo saio! Nada tenho que fazer em vossa casa!
—Esperae!
Era tão dominadora a sua voz que ella deteve-se e olhou-o de frente para dizer:
—Se quizesseis...
—Não posso querer impossiveis, senhora! Dizei-me, acaso contaes com os fidalgos, com o exercito, com a força viva da nação?!
—Temos entre nós muitos officiaes... Só nos falta...
—Soldados! replicou vivamente o general.
—Não... Esses apparecerão desde que uma voz se levante a chamal-os...
Gomes Freire, abanou lentamente a cabeça e redarguiu:
—Escutae... Eu já disse o mesmo ao barão d'Eben...
—O que?! Pois elle fallou-vos...
—Sim...
—Negaste-vos a tomar parte na conspiração?!
—Como sempre e dei-lhe as mesmas razões que a vós darei...
—Mas se todos contam comvosco!
—Commigo?!
—Sim...
—Que desgraçados! volveu elle a sorrir. Pois correi a dizer-lhes que não estou a seu lado, que não posso estar...
—E sois um militar!
—Que com outros militares me entendo!

—N'esse caso...

—Ouvi, senhora... Ouvi tudo até ao fim!

—Escutar-vos-hei!

Cheia de colera, ficou-se a sentir bem as razões do heroe:

—Acaso, senhora, eu posso tomar parte n'uma conspiração contra o rei, contra a familia real?!

—General, sempre julguei que nos exercitos de Bonaparte fosse outra a theoria!

—Que pensastes então?!

—Que se tinham posto de lado os preconceitos...

—Pelo céu...

—Não o feriram?!

—O imperador foi o mais revolucionario dos reis! Já vêdes...

—Que os outros deviam ser despotas... Não eram já os soldados da revolução.

—Ao contrario... Eram antes esses soldados...

—Sim... Mas porque o renegaram?!

—Era um principio... Acaso julgaes que a revolução era justa, ou antes, que eram justos os seus homens, fazendo correr rios de sangue!

—Sim! Era o povo escravisado durante seculos a explodir, a derruir, a vingar-se!

—Era a intelligencia d'uma nação que se chacina diante das ambições! volveu elle, accrescentando logo: Mas vamos adiante, que pouco resta!

—Dizei. .

—Eu, olhando para o passado e vendo essa revolução de liberdade a ter a violencia, ao vêr matar reis para formarem outros, descri...

—Ah!

—Sim... Ainda vem longe o tempo dos povos o poderem comprehender um chefe sahido d'entre a turba...

—Muito bem... General, vós o dizeis!

—Decerto e... n'esses povos, as luctas intuitivas tem logar retalhando a patria e fazendo todos os horrores, anniquillando a nação...

—Como sois...

—Sou um producto de experiencia, mais nada!

—Como dizeis tanto ?!

—Vejo que a França d'hoje é mais pobre do que a de Luiz XVI...

Ella curvou a cabeça e o general continuou:

—Agora escutae, senhora... Reparae em Portugal... Eu não gosto d'esses inglezes que por ahi dão leis, que por ahi governam mas menos gosto dos portuguezes que governariam ámanhã! Jugo por jugo, antes o d'aquelles que dominam sem odios!

—General!

—Minha filha... Fallaste ha pouco de soffrer; ninguem, por Deus, soffreu mais do que eu...

—Vós ?!

Era carinhosa ao fallar-lhe assim, ao dizer-lhe tudo aquillo com uma infinita ternura.

—Sim... Eu... Pois acaso julgaes que debalde tenho andado por longas terras em combates ?!

Ella parecia interessar-se cada vez mais, á medida que o general se commovera tambem pelos seus soffrimentos.

Então, olhando se de frente, Gomes Freire disse:

—Serei franco... Eusympathisei comvosco, por isso vos fallarei com o coração!

—Obrigado!

—Sim, minha senhora, vou fallar-vos como raramente tenho occasião de o fazer!

—Dizei...

—Então desde a mocidade, senti que Portugal morria nas mãos de effeminados que o dirigiam... Vi a côrte de Maria I, côrte de beatos e de falsos, vi a traição, o terror, a infamia... No fundo do meu peito nascia a infinita ancia d'outros successos, d'outros acontecimentos... Tinha commigo um amigo, um só, depois foram dois...

Calou se como suffocado diante de semelhante recordação e accrescentou:

—Um dia, negocios d'amor me levaram a explodir... Sim, ninguem soube, eu amei muito e por isso fui muito desgraçado!

—Senhor!

—Sim... Ouvi me... Escutae-me até final...

—A mulher que eu amava era disputada por outro... Pertencia a uma familia que então conspirava...

—Ah!

—Fizeram-me toda a casta de vilezas e d'infamias... Accusavam-me, pozeram-me de rastos... Onde procurava um apoio só encontrava um inimigo... E por fim roubaram-me essa mulher! Quiz vingar-me, iam a abater-me!... Então sahi de Portugal com o odio do Tavora e dos jesuitas...

—Do Tavora! exclamou ella n'um arranco.

—Sim... O odio d'esse José Maria de Mello.

—Do sr. bispo do Algarve?! interrogou ella.

—Sim!

—Ah!... General, sois então vós um inimigo?!

—Como?!

—Sim... O bispo do Algarve sempre perseguiu aquelles que estavam com a rainha!

—Como o sabeis?!

—Por tudo...

E n'uma desolação, cheia d'infinita raiva, declarou:

—Onde eu vim, julgando que encontrava um revoltado!

—Senhora!

—Pois decerto, general... Com a vossa tradição, com a vossa bem reputada heroicidade, com o vosso passado de soldado, sois um amigo dos reis, dos filhos e dos netos d'aquelle que fez justiçar os Tavoras e os seus servos..

—Eu fui tambem perseguido pelos aulicos da rainha...

—E amastel-a?!

—Não! Acima de tudo, senhora, colloco a patria! Por ella voltei...

— Oh! E essa patria que agonisa não vos chama ás armas?! E essas preseguições não vos dão alento! Pelo ceu... mulher sou eu e sinto que o meu avô merrendo no patibullo de Belem me me deixou uma herança de colera...

—Vosso avô!

—Sim, meu avô... Eu sou a neta de Manuel Alvares, creado dos Tavoras e que os Braganças mandaram assassinar!

—Ah! sei de vosso pae...

—Meu pae!

—Sim!

—Elle nunca pensou em vingar-se...

—Contos largos.. Mas d'onde vem esse odio!

—Esse odio nasceu do que ouvi em creança! Hoje, vendo a patria agonisando, penso eu vingal-a comigo!... Não quero mais os Braganças reinando e eis a desforra!

—Creança!

—Eu!

—Sim, vós! Pois julgaes que isso é possivel!

—Julgo!

—Porque?!

—Porque esse inglez quer ser rei!

—Estaes vingada n'esse caso! volveu a sorrir.

—O que?! Isso seria uma infamia!... Deixar Beresford reinar! Mas e a patria, a minha patria?!

—Não tendes apenas odio aos Braganças!

—Sim... Mas não odeio menos esses inglezes que querem esmagar Portugal!

—Que solução desejaes n'esse caso?!

—O d'um governo portuguez!

—Ah!

—A regencia...

—Filha, que louca sois! Não conheceis esses homens... Eu sei que me odeiam ou antes sei do odio d'um d'elles, meu parente e meu adversario... Luctei contra elle e conheço lhe as manhas e a força...

—Está bem...

—Bem, o quê?!

—E não acreditaes que n'esta terra ainda vivem portuguezes?!

—Sim!

—Não vedes um homem capaz de salvar a nação?!

—Não, minha filha, não...

—Por isso desanimaes?!

—Não desanimei... Apenas não creio!

—Porque não quereis ser esse homem?!

—Qual?!

—Decerto! Quem melhor do que vós o poderia ser?!

—Todos os outros...

—General!

—Dizei!

—Esqueceis então o vosso passado! ?

—Não!

—Esqueceis o vosso prestigio!

—O meu prestigio ?!

—Sim... O vosso prestigio militar, o amor que vos tem esses soldados...

—Oh!

—Mal folgaes...

—Sei tudo!

—D'uma vez prenderam me na Torre de Belem e um regimento revoltou-se!

—Ah! Já vêdes!

—Tempo de bravos... Eu commandava-os na guerra!

—São os mesmos!

—Não... Não os conheço, nunca os vi, elles nunca me viram no fogo!

—O vosso nome!

—Que é isso!...

Encolheu os hombros e accrescentou:

—Mas ainda que assim fosse?! Que poderia fazer?!

—Tudo!

—Com officiaes inglezes em todos os regimentos...

—Que importa!

—Com os commandos nas mãos d'elles!

—Oh! Tirar-lh'os-hemos!

—Para qne ?!

—Para os entregar aos nossos!

—Mas quem são os nossos ?!

—Amanhã será Portugal inteiro!

—Para conquistar tanto era necessario que Portugal ainda fosse aquelle paiz do tempo do Mestre d'Aviz... Minha filha, disse n'outro tom, recolhei vos, fechae-vos com as vossas affeições, deixae aos homens a lucta e sobretudo esta...

—Aos homens!

—Sim!

—General!

Os seus olhos brilhavam intensamente, tremia, acaba a gritar:

—Aos homens! Pois se vós ereis aquelle em que mais confiava!

—Meu Deus!

—Sim. Se ereis o chefe em que punha as minhas esperanças!

—Como vos chegou tal idéa!

—Conhecia o vosso nome, sabia dos vossos feitos, elles fallavam tão alto que no momento da conspiração a todos os espiritos occorreu chamar-vos! De vós, general, se falla muito entre os meus companheiros, de vós se espera que chegueis a uma reunião...

—Eu?!

—Sim... Mil tem sido combinadas e sempre vos teem aguardado!

—Pelo ceu!

—Sim... O vosso nome anda de bocca em bocca.

—Mas...

—Tendes medo?! interrogou ironicamente.

—Creança, volveu elle sem se indignar. Vindes fallar de medo?!

—Pois se pareceis recear!

—Apenas vos digo que não quero fazer parte de similhante conspiração!

—Mas podeis impedir que de vós se falle?!

—Sim! Eu os procurarei para lhes dizer que o seu acto é uma suprema loucura e que não o approvo!

—General! Cahir-vos-hão aos pés e chamar-vos-hão chefe!

—Pelo diabo! Não approvo similhante loucura, não quero approval-a! Só a nação soffreria com similhante revolução...

—Amaes o rei!

—Não é pelo rei cobarde que foge diante dos francezes, é pela patria que será retalhada pelas bayonetas inglezas! é pelo amor a este torrão!

—O amor leva-nos a esse extremo!

—Pois é o amor como o d'uma mãe que á força de beijos matava o filho!

E sorriu, viu-a sorrir tambem e accrescentou:

—Sobretudo, dizei-lhes que não approvo o golpe!

—Mas porque não consentis em ouvil-os?!

—Não! Bem sabeis as minhas idéas! Antes de tudo, Portugal que não póde tornar-se livre por emquanto... Um dia chegará em que a acção se travará...

—Quando?!

—Quando Deus quizer!

E aquelle homem, exemplo de virtudes, deixou partir a joven sentindo que ainda não era o momento azado para a libertação da patria.

Ella, da porta, disse:

—Eu lhes mostrarei o que sentis! Sois um patriota que abandonaes a patria!

—Não... Sou um patriota que reprovo em aberto todas as tentativas feitas n'este momento para sacudir o jugo inglez...

—Opiniões!

—Só n'isso divergimos! concluiu com um sorriso, acompanhando a até á porta.

Na rua, José Gaudencio, vigiava alli a joven e murmurou:

—Oh! Parece que elle em vez de conspirar, ama! Raio d'idéa a do governador! Querem vêr que a mulher, é um general disfarçado!

Soltou uma risada e ficou a vigiar sempre a casa de Gomes Freire mal podendo adivinhar que essa creança, era uma das mais revoltadas, era mesmo a alma da revolta!

XIII

Uma reunião

ERESFORD meditava em face d'um masso de papeis. A distancia, estavam os dois officiaes que elle encarregara de descobrirem a conspiração.

—Mais nada?! interrogou o inglez, fixando-os.

—Mais nada! volveu Moraes Sarmento como n'um desolado echo.

—Bem! Podeis partir...

—Senhor...

—O que?!

—Piedade agora!

—Isso já não é comvosco... Eu saberei operar e agradecer-vos!

Mas o Moraes Sarmento, n'um impeto, bradou:

—Agradecer-nos?!

—Decerto! Mereceis recompensa!

—Que eu não acceito, exclamou logo cheio de colera.

—Nem eu!

—Veremos! Por agora, senhores, deixae-me.

Elles sahiram e o marechal tocou a campainha.

Sem olhar o creado, deu uma ordem rapida:

—Que entrem esses senhores que mandei chamar!

Ergueu se methodico e calculado, ficou na meia sombra, impassivel, de braços cruzados a esperar.

Dois homens vestidos de negro, entraram e saudaram-no.

E elle, no mesmo tom grave que usava por vezes, exclamou:

—Senhores, sentae-vos!

Os dois individuos olhavam-se deveras surprehendidos e elle continuava:

—Chamei-vos, sr. visconde de Santarem e sr. Leite de Barros (*), para ouvir as vossas sensatas opiniões n'um assumpto que se debate...

Inclinaram-se e elle continuou:

—Sois aquelles com quem conto para um conselho! Vós tendes dado absolutas provas de dedicação a el rei e á patria!

—Mylord!

—Sr. marquez de Campo Maior!

—Ouvireis, senhores, e dar-me-heis o vosso conselho...

—Fallae! exclamaram ao mesmo tempo.

—Sabeis que se trata d'uma audaciosa conspiração?!

—O que?!

Muito pallidos, muito lividos, levantaram se d'um pulo, exclamaram de novo, n'um desespero:

—Pois é crivel?!

—Senhores, é certo!

—Mas...

—Ouvireis até ao fim...

—Fallae.

E ficaram como lugubre estatuas, firmes, nas suas vestes negras, escutando o marechal.

—E' uma conspiração que tem largas ramificações na provincia onde os miseraveis tem agentes!

—Pelo céu!

—Sim... Tenho provas d'isso. Estão aqui, senhores!

Apontou o masso de papeis e continuou ainda:

—E' necessario operar!

—Mas decerto! disse logo o visconde de Santarem.

—Quem descobriu tudo isso?! interrogou o outro.

(*) O conde de Bastos.

CONDE DE BASTO

—Fui eu!

—Vós!

—Eu sim! Eu que dirijo Portugal militarmente e que pareço ter encargos de policia!

—N'esse caso, a regencia ignora tudo?!

—Officialmente, sim! Apenas um dos seus membros, e agora vós outros, sabem alguma coisa...

—E' necessario operar com prudencia e com cautella.

—Eu os mandarei prender!

—Oh!

—O que?! perguntou elle fixando-os ao ouvir a exclamação.

—Não o deveis fazer!

—Porque?

—Acima de tudo, meu senhor, a legalidade...

—Quereis então?!

—Quero que esses documentos sejam entregues á regencia! volveu o visconde de Santarem.

—Para que?!

—Ella dirige Portugal!

—Decerto...

—Ella o salvará comvosco!

—Muito bem ..

—Entregareis tudo, não é assim?!

—Sim! Vou partir para Alcantara com o meu estado maior... Vou pôr as tropas de prevenção...

—Não será avisal-os!

—Não... Tenho-os já vigiados!

—Vós?!

—Sim... Conheço os nomes de todos os conspiradores.

—E ides prendel-os?!

—Logo que a regencia o ordene...

—E quem são elles?! interrogou o visconde muito curiosamente.

—Alguns militares e civis...

—Gente de cathegoria?! interrogou por sua vez Leite Barros.

—Alguns d'elles!...

—Ah! Miseraveis... Mas ao menos não ha fidalgos entre elles?!

Era a unica preoccupação do visconde, ao qual o inglez respondeu:

—Não!

—Mas quem é o chefe?!

—O chefe?! Ah!.. O chefe?! Acaso o sei! e sorriu, encolheu os hombros e accrescentou:

—Agora que ouvi o vosso conselho, resta-me confiar na regencia! Não queria assumir modos de dictador, queria legalisar tudo e sei o que fiz... Agora é tudo comvosco!

—Muito bem...

—Eu vou escrever o officio do meu proprio punho...

—O maior segredo se deve manter!

—Depois serão presos! accrescentou o marechal.

—Serão julgados... condemnados, como é de justiça.

—Com rigor!

—A' morte! gritou logo Leite de Barros.

O proprio marechal estremeceu; o visconde de Santarem calou-se.

—A' morte, sim! volveu o outro no auge da colera. A' morte por Deus!... Pois querem perder Portugal!

—Querem assassinar os membros da regencia!

—Oh!

—Sim, tornou o marechal. Querem matal-os commigo...

—E fallam d'el-rei!

—Pensam em depôr S. M...

—E que governo querem então?! interrogou pausadamente o visconde de Santarem.

—Querem o governo de miseraveis e d'herejes! exclamou o outro.

—Ah! Vamos esmagal-os!

—Assim faremos!

—Senhores, conto comvosco! disse mais uma vez o marechal.

—Mas dizei-me ainda, ex.ª, perguntou o visconde. Não será um boato...

—O que?!

—Essa conspiração?!

—Um boato?!

—Sim...

—Ah! Vedes que é bem volumoso no papel. volveu a apertar o masso.

—E' verdade!

Acercou-se mais n'um desejo de vêr tudo, porém Beresford, exclamou:

—Não!

—Porque?!

—Quando eu der parte á regencia!

—Marechal!

—Adoro a legalidade, disse elle com o seu ar ironico.

Só então perceberam que elle se chocara por não lhe deixarem o supremo poder de castigar, estremeceram, sentiram um abalo.

—Mylord...

—O que, sr. visconde.

—Trata-se d'uma conspiração militar?!

—Não...

—Mas em que tomam parte militares!

—Alguns!

—N'esse caso...

—O que, visconde, o que?! interrogou elle do mesmo modo.

—Podeis...

Não se atreveu a dizer o resto. O marechal olhou o e volveu:

—Posso castigar?!

—Sim!

—Oh! Não... não sou juiz!

—Mas...

—Não quero! gritou com furia fixando-os.

Elles comprehenderam que alguma coisa de terrivel se passava no animo d'esse homem e levantaram se, dizendo ainda:

—Como quizerdes!

—Senhores! tornou o marechal já n'outro tom. Senhores, de tudo isto nem uma palavra!

—Ah! Não... Seria deitar tudo a perder!

—Não é por isso! Eu sinto me senhor da situação... E' que não quero levantar celeuma...

—Senhor...

—Não sei ainda se a regencia dará por verdadeiramente perigosa a conspiração... Ide-vos, senhores, e obrigado pelo conselho...

Elles sahiram deveras embaraçados e Beresford, bradou:

—Ah! Sonhos... Tudo sonhos... Mais do que nunca sonho! Nem me consideram digno de julgar, nem me deram esse poder...

O creado entrou, disse:

—E' o sr. D. Miguel Forjaz!

—Que entre...

Face a face, disse-lhe:

—Senhor, ia mandar-vos chamar!

—Para que?!

—Para vos dar parte da conspiração e entregar-vos esses documentos!

—Mas, marechal...

—Amigo! Eu sou o governador militar de Portugal, e cumpre-me apenas obedecer!

—Mas...

—Sei o que ides dizer... Ha pouco sahiram d'aqui companheiros vossos que não me acham aucthoridade para perdoar ou para punir...

—Excellencia!

—Não sou rei para poder sósinho julgar os que conspiram...

—Sel-o-heis!

—Não quero!

—Como?!

—Não quero... Quando nas altas camadas não me reconhecem senhor, que fará o povo... Sabeis o que vou fazer?!...

D. Miguel Forjaz, diante d'elle, muito carregado, muito cheio de desespero, bradou:

—Mudaes então?!

—Sim! Eu apenas devo pedir a D. João VI mais poderes! Não é senão d'elle que depende o nosso sonho...

—Mylord...

—Plenos poderes, que el-rei decretará apóz a noticia de similhante conspiração!

—Oh! Isso é habil... Elle vos dará o reino...

—Veremos! Agora ahi tendes os papeis, levae-os... Fazei o que fôr possivel...

Elle atirou-se para o masso e exclamou:

—E Gomes Freire?!

—Apenas se falla d'elle...

—Fallam?!

—Sim... Mas nunca ninguem o viu nas reuniões! Socegae, D. Miguel, que vosso primo não será incommodado.

O membro do governo, sorriu extranhamente.

O inglez continuava:

—Depois, para que?! Eu acima de tudo, gosto de justiça!

—Como eu! A justiça, por vezes, é um prazer divino!

Tomou os papeis e exclamou:

—Vou reunir o governo!

—Aguardo as vossas ordens, ex.ª.

—O que, marechal!

—Sim... Porei Lisboa em estado de sitio?

—Decerto!

—Ordenareis prisões, não é verdade?!

—Sim...

—E eu, ex.ª, posso agora lavar de tudo isso as minhas mãos!

Fez um gesto e deixou-o partir, dizendo:

—Agora posso dormir socegado! Elles que se avenham!

Chamou o seu ajudante e deu-lhe algumas ordens.

N'essa noite, o quartel general de Beresford foi transferido do pateo de Saldanha para Alcantara e começaram as prisões.

Foi uma noite de pasmo e de terror para a cidade entretida nas novenas pomposas que se realisavam por esse mez de maio, mez das flôres e da Virgem Maria.

XIV

Uma carta a tempo

Estabelecera-se, em verdade, o terror por toda a parte.

A cidade acordara com as tropas de prevenção, n'essa manhã clara de maio e a nova das prisões correra d'um extremo ao outro com a rapidez das noticias ruins.

O povo espantado de que houvesse alguem capaz de similhante audacia, fartava-se de clamar, andava pelos logares de reunião trocando impressões.

E como um sopro marcial dominava, como um estado de sitio se impunha, n'um peso brutal sobre os habitantes.

Creara-se a atmosphera de terror; aos olhos dos lisboetas, a revolução era uma cousa phenomenal.

E já começavam dizendo mal e condemnando com o governo, n'um grande receio de que voltasse com o terror o tribunal de inconfidencia e que se puzessem em pratica os velhos processos da policia do intendente Manique.

Fazia-se cada vez mais espantoso o caso; havia já quem avultasse grandes novas.

Fallazavam nos que tinham sido detidos e velhas harpias accusavam-nos d'herejes.

Era o que toda a gente fazia pelos bairros, nas festas e nos recantos das egrejas onde se celebravam novenas.

Nas altas camadas, o caso passava sem que se lhe ligasse attenção. Viram n'isso um manejo cujo alcance desconheciam e continuavam na mesma vida de diversões, sem a interromperem não receando nada pelos parentes ao verem que a revolução partira de meia duzia de pobres.

Em casa do marquez de Rio Maior havia uma reunião, uma festa intima com meia duzia de parentes e com alguns amigos.

Conversando n'uma saleta aberta para o jardim n'essa noite de luar e os creados vinham offerecer refrescos.

Dois ou tres pares de jovens namoravam-se com os olhos e as senhoras sisudas palravam dos acontecimentos. O marquez, um bello typo d'homem, de suiça grisalha, dizia :

—Ora por Deus isto não é nada!

—Ah! Não é tanto assim, marquez, disse de repente um capitão de cavallaria. Olhe que já realisaram mais de vinte prisões.

—Meu Deus, capitão. No tempo de Pombal estavam atulhados os fortes e não se conspirava.

—O que, marquez... Mas realmente houve conspiração ?! interrogou um outro rapaz que passava os dedos pela espineta a tirarlhe uns sons vagos.

—O governo assim o diz, e eu...

—E vós ?!

—Senhores... Acaso podemos duvidar do governo ?! interrogou d'uma maneira ironica.

Então, uma senhora d'edade, que ainda usava o *galante* e o *tentador* como no tempo de Maria I, exclamou :

—E ha algum conspirador interessante, meus senhores ?!

—Oh! Por quem é, condessa... Acaso podem ser interessantes esses pobres diabos dos conspiradores ?!

A pergunta foi feita pelo mancebo que estava junto do instrumento e a velha, com um ar grave, volveu :

—Vós o dizeis!

—Eu ?!

—Decerto, quando conspirardes!

Uma gargalhada acolheu o dito d'espirito da antiga sécia que continuou :

—Ah! Esta mocidade, esta mocidade!... No meu tempo, que é a do sr. marquez, no fim de tudo...

—Perdão, minha senhora, eu mal me lembro do forte da Junqueira...

—Porque raramente passaes por esse lado! Ainda lá está...

Tornaram a rir e ella accrescentou:

—Mas no meu tempo, fallava-se muito em conspirações, os rapazes arrancavam das espadas ao menor signal...

—Hoje, sr.ª marqueza d'Alorna, bradou o capitão, ainda se faz o mesmo! Temos apenas uma differença...

—Qual?!

Fez a interrogação assestando a sua luneta de cabo e corou ao ouvil-o dizer com intenção:

—Uma bem simples... Outr'ora a mocidade batia-se por cousas futeis, hoje quando arranca das espadas é por um ideal sagrado! Por exemplo para expulsar os francezes!

—Os negregados... guinchou do canto uma matrona que se occultava n'um molho de coberturas.

—Cousas futeis, dizeis?! exclamou então a marqueza.

—Decerto!

—Ah! Chamaes então futil ao olhar d'uma mulher que converge para outro, a uma rosa que uns dedos delicados deixam cahir e que o vosso rival apanha, a um sorriso que se dá a um outro?! Futil?! Chamaes futilidade ao amor, ao movel eterno d'esta vida?! Pelo ceu, sr. capitão que bem triste idéa de vós daes a estas senhoras!

Os jovens, sorriram, lançaram-se para elle:

—Capitão, capitão, retire a phrase, retire a phrase!...

Elle, deveras embaraçado, apenas balbuciou:

—Mas, minhas senhoras!

—Então?! Renda-se, pediu ironicamente a marqueza d'Alorna.

—Rendo-me, sim... Vedes, marqueza, como somos?!

—Vejo... Muito faceis de vencer...

Uma gargalhada soou e elle, no seu desespero, redarguiu:

—Sempre ironica...

—Justa! Ah! Quando fallava do meu tempo era com saudade... Se visseis o que elle era...

—Mas tenho ouvido que n'esse tempo os homens mais se com praziam em festas d'egreja...

—Metade d'elles... A' outra metade pertencia Gomes Freire.. bradou ella estendendo a mão para o general que vinha entrando.

Curvou se galantemente e beijou-lh'a, dizendo:

—De que fallaes, marqueza?!

Ao mesmo tempo saudava as outras senhoras ouvindo a mar queza responder:

—Fallava das estocadas rijas que se jogavam.

—Quando?!

—Quando ereis cadete!

—Por Deus! Como isso vae longe e que saudades tenho...

No seu rosto passava uma nuvem de desespero e acaba por dizer:

—Olhae que são cousas que não voltam e que não se devem recordar, marqueza!

—Porque?!

—Porque se n'esse tempo nos prendiam quando assaltando conventos soltavamos as mais bellas monjas, hoje só porque o recor damos são capazes de nos mandar á forca...

—Oh! Meu amigo, vens pessimista! exclamou o marquez de Rio Maior.

—E como não o hei-de ser diante do que vejo?!

Indignava-se, sentia uma extranha revolta e acabava por dizer:

—Acaso posso deixar de ser pessimista em face do que vejo?!

—E que vês?!

—Prisões sem motivo, um estado marcial imposto só porque se fallou vagamente n'uma conspiração..

—Que esperavas?!

—Sempre julguei o marechal um homem de mais tino...

—Pelo diabo, fallas alto de mais! volveu o Rio Maior.

—Que importa! Olha, meu amigo, tenho guardado muita pa ciencia...

—Gomes Freire!

—Que queres!

—Estás excitado?!

—Perdôa turbar a tua reunião com estas amarguras...

—Amigo!

—Perdoa, repito... Mas mal me contenho! Acabam de prender o capitão mór d'Alhandra...

—O que?! bradaram todos no auge do pasmo.

—E' verdade!

—O João Carlos Palmeiro?!

—Pois quem?!

—Mas porque?!

—Accusado de tomar parte na celebre conspiração...

—Pelo diabo! gritou o marquez, mas é necessario salval-o!

—O que?!

—Sim, esse é dos nossos! tornou com paixão.

—Dos nossos! Dos nossos são todos esses desgraçados cuja lista me enviam!

—São muitos...

—Olha, todos estes..., Antonio Cabral Calheiros, um pobre que se algum defeito tem é o de palrar demais... O resto são todos uns desgraçados... Ora ouçam...

E Gomes Freire, com o seu modo brusco, começou a lêr a lista dos presos:

—Henrique Garcia de Moraes, José Campello de Miranda, José Pinto da Silva, José Ribeiro Pinto, José Francisco das Neves...

—O major! bradaram em volta com certo pasmo.

—Sim, com Manuel Monteiro de Carvalho!

—Mas esses homens conspiraram?! perguntou a marqueza.

Em volta na sala, todos estavam commovidos, olhavam o general que encolhendo os hombros volvia:

—Marqueza e ainda que o fizessem?!

Ninguem replicou e elle continuou a leitura:

—Mais estes: Manuel de Jesus Monteiro, Manuel Ignacio de Figueiredo, Maximo Dias Ribeiro e Pedro de Figueiró...

—Pelo diabo!

—Mas ainda isso não é nada, amigo meu...

—Ainda ha mais?! interrogou o marquez.

—Sim...

Olhou-o e perguntou de chofre:

—Julgo que conheces o barão d'Eben?!

—O prussiano!

—Sim... O coronel?!...

—Conheço...

—Esse homem foi amigo de meu tio Bernardim, buscou salval-o das iras dos populares em Braga, no dia celebre da sua morte...

—Ah!

—Não o conhecia... Appareceu-me um dia e fallou-me de meu tio... Estendi-lhe a mão... Fui seu amigo! Sou-o ainda!

—Mas...

—Espera... Nunca vi n'esse homem senão exaltação e lealdade, pois bem, o barão Frederico d'Eben, acaba de ser preso!

—E' possivel? bradou o marquez com grande pasmo.

—E' certo!

—Mas estão loucos!

—Loucos!

—Sim...

—Não, meu amigo, eu não chamo loucura...

—Então!

—Infamia!

—General?!

—Sim... Infamia! Por Deus, essa conspiração é ridicula...

—Obedecem talvez a um plano politico fazendo tanto estrondo!

—Obedeçam ou não... Por mim juro que os acho infames!

—Bravo, general, exclamou a marqueza d'Alorna. Sois ainda o mesmo!

—E jámais deixarei de o ser! disse elle.

—Recordaes me bem a nossa mocidade.

—Sim, marqueza, com o meu Pedro, o vosso irmão... Se elle vivesse...

—Ah! Se elle vivesse...

—Tudo se realisaria!

—O que?! general, que eralisarieis?! perguntou uma joven.

—Alguma cousa que os vossos antepassados realisaram, sr.ª viscondessa de Souto d'El-rei...

—Ah!

—Não sois Almada?!

—Sim...

—Esse nome recorda-me 1640!

—Muito bem... bradaram todos, erguendo-se.

E já havia como um fremito ao ouvirem-no, já se notava um arrastamento, uma vontade forte de expansão.

—Chegamos a essa ignorancia novamente! balbuciou o capitão.

—Mas não durará sempre! accrescentou o general.

Depois n'outro tom, tornou:

—Não quero dizer que acceite essa conspiração...

—E porque não?!

—E' ridicula... E' uma coisa feita sem elementos...

—Ah!

—Sim... Revolução de largos programmas...

—Sabeis?! interrogaram curiosamente.

E elle, foi franco, disse:

—Sei alguma cousa... Tinham um largo programma politico de loucos, um programma que elles por ahi diziam nos cafés!

—Desgraçados!

—Que espalhavam em pamphletos. Queriam uma regeneração! Aqui, meus senhores, a revolução a fazer é simplesmente patriotica!

—Muito bem...

—Assim, continuou elle, ella fosse possivel!

—Não é!

—Não! O povo portuguez morreu, meus amigos!

Depois com um sorriso triste, accrescentou:

—Mas para que fallar em tal!

Acercou-se da marqueza d'Alorna e disse a meia voz:

—E ella?!

—Quem?!

—A condessa!

—Minha filha?! perguntou com os olhos razos d'agua.

—Sim!

—Oh! general... De todos elles sois vós o unico que se recorda...

—Tive-a nos meus braços tão menina!

—Coitadinha! Escreve-me...

—Porque não volta?!

—Não se atreve!

—Porque?!

—Tem medo...

—Mas de quem?!

—Do mundo perfido que a poria de rastos...

—Pobre condessa da Ega!

— Foi fatal aquella paixão pelo governador...

—Sim, foi fatal...

—Sabeis que hoje vegeta em França com o marido... Mandava-lhes os seus rendimentos, mas...

—O que?!

—Não sabeis então que a regencia nos sequestrou os bens como a réus d'alta traição...

—Ah! Só querem dinheiro!

—General, só querem ouro, os canalhas! E hoje, vê-se em Paris a condessa da Ega tão pobre como a viuva de Junot!

—Viuva?!

—Sim... O duque d'Abrantes suicidou-se em plena restauração!

—Oh!

—Enlouqueceu!

—Que tragedia! Oh! E lembrar-me eu de que foi quasi rei de Portugal. (*)

—Quasi de rastos, esses que hoje governam aqui, lh'o pediam...

—E' verdade?!

—Absoluta! Vosso primo, esse D. Miguel Forjaz...

—Elle?!

—Sim... Ia de rastos, ia como um lebreu a lamber as mãos de Junot.

—Oh! o infame!

—Ia sim!

—E agora?! Sequestra os bens dos que chama traidores á patria! Ah! Vae bem este paiz...

Sorriu, volveu de novo:

—Sabeis, marqueza que tenho vontade de me recolher á minha casa da Feira e ficar por lá...

—Oh!... E quereis viver ahi sósinho, sem um affecto, sem um amigo!

—Quem m'o póde dar!... Bem sabeis que não tenho nin-

(*) Vidé *Bocage*, romance do mesmo auctor.

guem... Ella morreu, a minha Elvira, os meus irmãos estão no Brazil com meus sobrinhos... Sou só! Ou antes, tenho parentes que do intimo do coração desejo que não me fallem!

—Elle, não é verdade?!

—Miguel!

—O villão!

—Ah!... general realmente esse vosso primo é um miseravel!

Em volta continuavam a rir e Gomes Freire, dizia:

—Um ambicioso! Sempre teve uma grande inveja...

—De vós?!

—De mim! Ah! Não... Talvez que me invejasse só alguma gloria...

—General, quem sabe se o dinheiro!...

—Não... não!

Baixou a cabeça, e estendendo a mão á marqueza, accrescentou:

—Quando escreverdes á condessa, mandae-lhe recados do seu amiguinho, do velho general!

—Obrigado, disse ella muito enternecida.

O marquez de Rio Maior, acercou-se tambem e disse a rir:

—Conspiraes tambem?! Olhae que Beresford se o sabe!...

E riu, abraçando Gomes Freire, que replicou:

—Beresford?! Oh! amigo meu, ia jurar-te que elle mal tem a culpa do que se passa...

—Defendes o inglez?!

—Não o conheço quasi! Não o defendo, apenas não o culpo da invenção nem das perseguições...

—Se te enganares?!

—Não era a primeira vez na vida!...

Os rapazes tinham improvisado um baile, ouviam risadas, e já uns pares se perdiam no jardim banhado do luar de maio.

Um creado entrou grave e firme, com uma salva de prata na mão, na qual se via um papel.

—Uma carta para s. ex.ª...

Estava junto de Gomes Freire, que disse pasmado:

—Para mim?!

—Sim, ex.ª!

—Quem o trouxe ?! interrogou elle de repente.

—Um homem vestido de bolieiro e que partiu.

—Bem... Com licença...

Affastou-se um pouco, passou rapidamente as lettras pela vista e estremeceu.

O baile continuava e as risadas redobravam.

Elle, segurando a carta, parecia absorto.

XV

Sempre um bravo

O marquez de Rio Maior, deixou cahir sobre elle o olhar e de seguida, ao vel-o taciturno, ao sentir-lhe a perturbação interrogou:

—Gomes, que tens?!

—Ah! Nada, meu amigo!

Mas depois, sem se poder conter, como um homem que tem necessidade de desabafar, tomou-lhe o braço, arrastou-o para o vão d'uma janella:

--Sabes o que diz esta carta?!

—Não... Como queres que saiba?!...

—Diz que vou ser preso em breves dias!

—Tu?!

Desenhou-se-lhe um grande pasmo no rosto, teve um fremito, gritou de novo:

—Tu?!...

—Silencio, disse o general, segurando-lhe o punho.

—Mas...

—Cala-te!...

E agarrou-o com força, fixou-o, acabou a dizer:

—Julgas acaso que é a primeira carta que recebo n'este theor?!

—O que?!

—Sim, amigo meu, julgas isso?!

—Pois recebeste mais?!

—Oh! Umas tres... N'uma d'ellas reconheci até a lettra d'alguem que sempre me estimou...

—Mas, meu amigo...

—Sim, d'um pobre amigo, d'um chefe de policia, um Francisco Zacharias d'Araujo... um bom...

—E porque não foges?! interrogou logo o marquez.

Aquella conversação a meia voz passava despercebida e o general, olhando de frente o amigo, exclamava:

—Pelo ceu! O general Gomes Freire. não volta as costas ao inimigo!

—N'esse caso...

—O que?!

—E's inimigo d'elles?!

—Marquez...

—Não comprehendo como não corres a justificar-te!

—Não tenho de que!

—Conheces a conspiração, amigo?! Anda, falla com toda a franqueza! Por Deus te juro que em minha casa ninguem se atreverá a entrar!

—Marquez!

Exaltava-se, os seus olhos fulguravam, no seu rosto lia-se um desdem profundo e accrescentava:

—Sim, marquez, conhecia essa conspiração.

—Ah!

—Eu como toda a gente, no fim de contas! redarguiu.

—Como todos?!

—Mais um pouco talvez... Convidaram-me a entrar n'ella...

—E tu?!

A pergunta, era feita com uma impaciencia extranha a que o general redarguia:

—E eu, desapprovei-a em principio... O meu crime consiste em não ser denunciante...

—O teu crime?!

—Pois se me querem prender! Ah! Mas ficarei, juro...

—Gomes!

—Meu amigo!

—Sei que és valente... Portugal inteiro o sabe...

—E depois?!

—Os teus exemplos da Russia, a tua vida de militar, fallam bem alto, impõe-se ao nosso respeito.

—E depois?! tornou a interrogar no mesmo tom.

—Tu não precisas já fazer mais affirmações de valentia!

—Sim! Onde queres chegar?!

—Ao seguinte: Deves partir!

—Eu?!

—Pois decerto! E' o teu dever...

—Não!

—Confias acaso na justiça?!

—Sim!

—Oh! Pobre amigo, tens tanto de valente como d'ingenuo...

—Porque?!

—Pois não vês que a justiça em Portugal está enfeudada...

—A Beresford?!

—Talvez mais a outros!

—A' regencia?!

—Sim!

—E então?!

—Então?! Deves acautellar-te, deves fugir lhe.

—Dir se hia que estava compromettido!

—E que o dissessem?! Acaso, não é isso uma causa digna!

—Não, marquez!

—Como fallas...

—Não, marquez, repito! Se estivesse compromettido não devia deixar sós os companheiros!

—Mas não estando...

—Seria apontado como tal e sobre o meu nome levantar-se-hiam suspeitas! Todos me chamariam traidor!

—E assim!

—O que?!

—Preso, levado por elles para um carcere...

—Eu?!

—Pois decerto!

—Sou tenente-general do exercito e devem-me as honras do meu posto! Hei-de ser preso como tal!

—E conduzido diante d'um tribunal!

—Publico... E diante do povo eu saberei defender me!

—Se te deixarem!

—Mas em que terra estamos?! Meu amigo, sei que me deixarão fallar! Acaso sou um homem do qual não se faça caso?!

—Não!

—Já vês pois que estou tranquillo!

—Ah! Que alma a tua!

—A d'um desgraçado sempre em revolta com o seu tempo!

—Tão poucos ha em Portugal!

—Poucos sim, porque todos se deslumbram com as honras...

—Com o que lhes dão...

—Em paga de traições... Ainda não vi senão ganancia por ahi em todos os corações... oh! os homens!

—Os homens são eguaes, todos eguaes! Querem o seu logar na meza...

—Querem, embora tenham a infamia a pungil-os!

—Um infame não tem remorsos!

—Oh! Tel os-ha com o castigo!

—E crês no castigo?!

—Creio!

—Gomes!

—Creio... Se o vejo ahi todos os dias! Senão vê esse bispo do Algarve...

—Ah!

—Sim... Vingou-se, foi tudo.

—Dominou na côrte!

—Endoideceu uma rainha e chegou ao fastigio...

—E' verdade, teve mais poder do que um rei!

—E quando devia completar a sua obra, quando devia chegar ao fim...

—O desterro arranca-lhes das mãos esses reis e leva-os para longe!

—Ainda assim foi felicidade para o padre! Julgou que os Braganças, jámais voltariam, julgou tudo isso!

—Correu a lançar-se de rastos diante de Napoleão a pedir-lhe um rei extrangeiro, ultimando assim a sua vingança... E de repente...

—Veiu lhe a aphasia, a paralysia que o ligou para sempre á cadeira!

—Creio no castigo!

—Pois a par d'esses ha outros...

—Que um dia terão o seu... Ah! amigo, mesmo de geração em geração, Deus fulmina...

—Mas comprehendes que tens um dever a cumprir!

—Qual?!

—O de salvares esta patria!

—Outros o farão...

—Tu tens o prestigio...

—Falta-me a vontade... Eu não conto com os portuguezes!

—Não contas?!

—Não, amigo... Vejo a decadencia, a venalidade...

—Bem, reformareis tudo isso!

—Não se reforma assim um povo! Deixa que venham buscar-me esses que me accusam e eu bem alto saberei fallar...

—Não, Gomes Freire!

—Não?!

—Não sahias d'aqui!

—Nunca me escondi, amigo!

—Mas...

—Não posso!

—E' bem supremo este momento... Repara que jogas a tua vida!

—O que é a vida?!

—Queres achal-a sem valor?

—Sempre achei...

—O que?! Pois com o teu riso, com a tua alegria?!

—Os heroes nascem do desprezo que se tem pela existencia... chamam-me para ahi heroe... Já vês!

—Gomes... Sabes que sou teu amigo, desde ha muito...

—Sei...

—Sabes que te quero...

—Sei!

—Então ouve-me: Peço te que não vás para tua casa!

—Porque?!

—Serias preso...

—E aqui!
—Aqui, tenho a certeza de que Beresford não se atreveria!
—Não... Irei... Tenho minha a consciencia...
Soltou uma risada e exclamou de seguida:
—Mas suppõe que se divertiam?!
—Como?!
—Escrevendo me cartas...
—Oh!
—Sim... Suppõe isso...
—Não sei o que diga!
—Para conhecerem bem o general Gomes Freire!
—Oh! E julgas acaso que esse teu amigo...
—Francisco Zacharias d'Araujo?!...
—Sim!
—Ah! Mas se não assignou a sua carta...
—Isso é natural!
—Não acho! Sei-o bastante independente para o fazer...
—Não reparas no momento que vamos atravessando?!
—Só reparo nos cabellos louros d'aquella gentil viscondessinha... Meu amigo, que pena tenho da mocidade...
—General!
—General?!... Ah! Quem me dera agora simples cadete para lhe offerecer os meus braços para o baile...
—Disfarças?
—Não... Quantas vezes sahia d'um baile para só fazer justiça, para só pôr a minha espada ao serviço d'um amigo... Oh! Outro tempo... Como nós eramos...
—Tudo mudou...
—Nada mudou... O mundo é o mesmo...
—Então os homens...
—Apenas tem uma cousa... São quasi mulheres!
—O que?! General...
—Oh! Socega... Eu sei bem que ha alguns que preferem a sua dignidade, mas a maioria...
—Vejamos amigo, vejamos... E' necessario ultimar...
—O que?!
—Este negocio...
—Ah?! Que negocio?! O meu?!

—Sim...

—Tens razão!

—Ficas?!

—Para ultimar, parto, declarou a rir, estendendo a mão ao marquez.

—Peço te!

—Marquez, disse elle muito solemnemente. Nunca te neguei cousa alguma...

—Por isso...

—Por isso, não te negarei senão esta! tornou a rir, estendeu-lhe a mão, com o ar d'um velho paladino.

—Ah! Meu amigo e pedias ha pouco mocidade...

—Porque fallas assim?!

—E' que te vejo eternamente moço, amigo meu...

—Oh! Já lá vae o melhor... Sabes?! Já se foi o espirito!

—Que?! Acaso não o tens?! Julgas que te desappareceu o espirito?! Mas não é deveras espirituoso esse caminhar para uma loucura?!

—Não brinques! Trata-se da minha honra...

—Podes ficar aqui... supplicou já n'outro tom.

—E' a minha honra que urge a partida...

—Não digas tal!

—Digo... Senti esta verdade, amigo meu...

—Ninguem no mundo te faria desistir, eu vejo!

—Não!

—N'esse caso, que Deus te proteja!

—A elle me entrego! Sei muito bem que tenho limpa a consciencia!

—Pobre amigo!

—Não me contenho! Vou talvez mostrar o que valho!

—Como?!

—Atirando-lhes ás faces os crimes, as vendas, as traições!

—Gomes Freire!

—Sim... Então julgas que se prende impunemente um homem como eu?! Ou me dão a liberdade e eu na praça publica chamar-lhes-hei hypocritas ou me levam ao tribunal e alli eu me defendo! Depois, saberei cumprir o meu dever!... Oh! deixa-me despedir da marqueza...

Voltavam os pares para a sala e na alegria do bailado, o general, curvou-se diante da senhora d'Alorna e exclamou:

—Marqueza ?!

Ella ergueu a cabeça, fixou-o com um sorriso triste.

—Adeus, minha amiga... Olhe, não se esqueça de me recommendar a sua filha!

—Obrigado, Gomes Freire... Adeus! Felicidades!

Estendeu-lhe a mão fina e branca que elle levou galantemente aos labios.

Depois saudou as outras senhoras e sahiu para o vestiario acompanhado pelo marquez.

Tomou a capa, embrulhou-se n'ella e disse ao amigo já no alto da escada:

—Marquez!

—O que queres, meu amigo! volveu o outro tristemente.

—Lembras-te quando eu parti com a Legião?

—Lembro...

—Tinhas então esse ar triste ?!

—Ias para a gloria!

—Ou para a morte!

—Sim...

—E não estavas triste! Pois bem hoje vou tambem talvez para uma batalha...

—Batalha com miseraveis!

—Mais limpida será a minha gloria!

O outro baixou os olhos e o general recommendou-lhe:

—De tudo isto nem uma palavra aos teus convidados!

—Gomes...

—Sim, uma infamia turba lhes o prazer! Adeus...

—Tu sempre vaes?!

—Não te disse já que mais limpida será a minha gloria ?!

Desceu a escada a rir, emquanto o outro murmurava:

—Ou mais cruel a sua morte!

Bem embuçado na capa, o general entrou a descer para o Salitre.

Em cima, o marquez de Rio Maior, acercando-se da senhora d'Alorna, disse:

—Minha amiga, não sei em que tempo vivemos...

—Ah! Meu amigo... E' o inverno de Portugal...

—Elle tudo devasta, é bem certo... Talvez nos leve um amigo...

—Quem?! perguntou cheia de terror.

—Silencio... Não dizeis cousa alguma?!

—Não! Trata-se de Gomes Freire, não é assim?!

—E'...

—Mas que lhe succede?!

—Vão prendel-o.

—Como o sabeis?!

—Elle m'o disse...

—E partiu?! Porque não fugiu ou porque não se deixou ficar aqui?! Que louco!

—Trata-se da sua honra, marqueza, não temos o direito de o deter...

—Honra?! Ah! O general é vencido!... Pela primeira vez na vida vae ser vencidc!...

—Marqueza!

—Sim... Honra! Honra com bandidos é a derrota!

E suffocou um soluço nas dobras do manto.

Na sala ria-se com uma advinha da joven viscondessa loura que era da casa d'Almada e tinha uns olhos de peccado.

XVI

Ainda como na juventude

OMEÇOU a despir se e no momento em que ia cerrar a porta do quarto, o general sentiu um grande barulho na rua.

Nem pestanejou; logo de seguida pancadas violentas se ouviram no portão. Batia uma hora.

O luar inundava o terraço, vinha até ao quarto a illuminal-o.

Gomes Freire, envergou de novo a farda, a sua mão apertou nervosamente a coronha da pistola que estava sobre a banca.

Viera-lhe uma ancia, uma rancorosa ancia intensa e extranha, uma vontade esmagadora de se defender, de se vingar do ultrage que lhe faziam.

Via-se como na juventude, ainda o mesmo, via-se perseguido mas cheio de coragem para luctar com os perseguidores.

As pancadas soavam sempre com força, estrondosas, fortes e elle não se movia.

O creado, um velho soldado da Legião que sempre conservava, entrou de corrida, espavorido:

—Meu general! meu general!

Tinha no olhar um fogo intenso e as suas mãos crispavam-se.

—O que é?!

—Naturalmente um engano...

Mas já a porta da rua cedera aos empurrões vigorosos da malta e logo outra se fendia n'um estalido rijo.

—Vae vêr!

—Oh! Meu general... Eu vou saber o que querem esses beleguins!

Sahiu de corrida. Gomes Freire atirou para longe a arma, murmurou:

—Querem apenas humilhar-me... Ah! Aquelle D. Miguel...

E todo o seu passado de luctas e de terriveis choques, todas as suas victorias sobre o inimigo, todas as antigas glorias, as suas rapaziadas e os inimigos que fizera, lhe appareceram como uma claridade a demonstrarem-lhe que os outros se vingavam.

—Cães!

Mas de fóra, vinha a voz do servo, rouca, indignada:

—Que é isto! Que é isto!

O alarido da turba lhe respondeu, vinte homens irromperam na sala atiraram-no por terra, correram cheios de pressa para os aposentos do general e no seu receio de o vêr escapar, arrombaram a porta.

Os soldados da policia, vestidos de negro, mettidos em capas, com as suas barretinas altas e com as suas armas, figuras pobres e sujas, appareceram aos olhos do general que bradou n'uma furia:

—Assim se entra em casa d'um tenente-general?!

A sua voz, tinha uma inflexão tão forte e tão dominadora que os outros recuaram; e elle poude então vêr por detraz dos policias, o tenente-coronel Tavares de Sousa que tremia e estava livido.

—Vejamos, sr. militar, tornou o general. Assim se entra em casa d'um superior.

—Perdão, meu general... volveu muito commovido. Perdão, mas tinha ordens expressas!

—De quem?! interrogou com o mesmo orgulho.

—Do governo!

—Ah! E que quereis de mim?! Ou antes, que quer de mim o governo?!

—General Gomes Freire d'Andrade, tenho uma ordem de prisão para vós!

—Para mim?!

Não se admirou mas desejou vêr até onde chegava similhante audacia; fixou o outro, clamou:

—Em nome de quem me prendeis?!

—Em nome do governo, em nome da lei!

—Em nome da lei?! Por Deus, que não podeis prender-me!

—E porque, meu general?! interrogou sempre submisso o tenente-coronel.

—Porque não tendes a minha patente!

—Eu sou apenas o commandante d'esta força...

—E eu commando um regimento! volveu com desassombro.

—Porém, meu general, está aqui o sr. desembargador...

—Ah! Um desembargador?! E a que vem elle?!

—A prender-vos, ex.ª! bradou João Gaudencio, apresentando-se de repente.

O general, ao vêr aquella figura de beleguim, encolheu os hombros e disse:

—Fizeram-vos desembargador, decerto só para isto!

—Senhor!

—Um militar só póde ser preso por um da sua patente! Essa é a lei! Vós sois um civil!

—A lei não se cumpre para os réus d'alta traição... Em nome do governo, estaes preso general Gomes Freire d'Andrade! tornou o beleguim.

—Réu d'alta traição?! exclamou n'um arranco.

—Sim!

—Mas quem me accusa?! Quem é o miseravel?!

—Senhor... Isso é com a justiça?!

—Ah! Vão perguntar ao exercito, aos generaes, ao proprio rei se acaso duvidam de mim!

—Senhor!

—Ah! Sr. desembargador, mal julgaes o que vae sahir d'aqui! Não me conduzireis sem me dizeres para onde?!

—Para S. Julião da Barra!

—Bem... Vamos... Julguei que me davam tambem a ignominia do Limoeiro... Vamos que eu saberei defender-me diante do povo, diante do exercito!...

—Primeiro entregae-me a vossa espada! bradou João Gaudencio.

—A vós?! Ah! Mangaes decerto!... Olá, sr. tenente coronel, vinde buscal-a... E' a mesma onde a imperatriz da Russia mandou gravar uma legenda... Ahi a tendes, levae-a!... Mas cautella com ella, senhor! Se a perdesseis mal julgaes o mal que d'ahi me viria...

Com mão tremula, o tenente coronel, pegou n'essa espada gloriosa, segurou a bem e volveu:

—Eu a guardarei!

—Agora, vamos! exclamou o heroe, embrulhando-se na capa.

—Perdão, general, tornou João Gaudencio. Perdão...

—O que, ainda?!

—As chaves dos vossos moveis!

Fez-se pallido, murmurou:

—Uma busca?!

—Assim me ordenaram...

—Ah! bem... Ahi as tendes... Dar-me-heis no emtanto licença para tirar d'ahi alguns papeis...

—Não, general, não...

—São cartas de mulher, cousas intimas com as quaes a justiça nada tem... Ouvis!

—Tenho ordens formaes!

—E de quem?! Decerto d'um vilão que não sabe respeitar-me!

—Senhor... Bem vêdes...

—Mas vejo o quê, pelo diabo, que vejo ou que quereis que eu veja?!

—Estaes fóra de todas as vossas funcções desde que sois reu...

—Ah! Não me lembrava... Tambem não admira... Sinto tão limpida a consciencia...

—General Gomes Freire, podeis partir! disse João Gaudencio.

Elle então metteu-se no meio da escolta, murmurou:

—Caro me pagarão...

Veiu-lhe um acesso de colera fria, quando o servo se lhe lançou aos pés, de braços erguidos:

—Meu general!...

—Levanta-te!... Acaso na batalha ajoelhavas?!

—Bem o vi... Além em Wagram, na Russia, por toda a parte... Canalhas!... E' preciso vir a Portugal para que o ultragem! Meu general... Levae-me comvosco...

—Não, amigo, não... Levar-te-hia se fosse para a guerra... Mas vou para a ignominia!

—Deixae-me ir comvosco, meu general!

—Não... Mas levanta-te e dá-me um abraço!

—O que?!...

Na physionomia do soldado havia uma grande alegria e um grande pasmo, mal acreditava nas palavras que ouvia e titubeava:

—Meu general... meu general...

—Sim... Dá-me um abraço... Quero ao menos saber que tenho um amigo!...

—Um! Ah! Senhor... Tendes um regimento d'elles lá em cima, em Campo d'Ourique!...

A gente da policia estremeceu como se visse já rebentar uma nsurreição, ficou mais perplexa ao ouvir o soldado continuar:

—Sim, meu general, tendes um regimento que saberá arrancar-vos á prisão, logo que a alvorada soe e que eu lhes vá dar a noticia...

—Amigo! bradou rudemente Gomes Freire.

—Meu general!

—Sabes que não gosto de repetir as ordens!

—Sim, meu general...

—Sabes?!

—Sim, meu general...

—Pois bem... Ordeno-te, que não faças cousa alguma!

—O que?!

—Apenas isto... Ordeno-te a maxima serenidade!

—Mas se vos prendem, se vos tratam como a um ladrão!... Oh! Cada vez que me lembro! Se fosse em Wagram... E digo! Todo o exercito e até aquelle grande imperador clamariam... Mas aqui, terra de poltrões, de medrosos que para prender um homem trazem vinte, insultam e anniquillam! Com mil bombas! Meu general... Eu não posso obedecer-vos!

—O que?!

Fallou-lhe em voz terrivel e o outro perfilou-se.

—Ordeno-te que não falles de mim! Calar-te-has, entendes?!

—Mas...

—Entendes!

—Sim, meu general, disse elle em voz muito sumida.

—Agora a meus braços...

—Oh! oh!... Meu general... meu general...

Cahiu-lhe nos braços, foi apertado contra o peito d'elle; e as lagrimas cahiam-lhe a quatro e quatro pelo rosto, emquanto o general disse:

—Deixa meu rapaz... Ainda acredito na justiça!

—Bem mal fazeis, balbuciou entre soluços. Bem mal fazeis...

—O que?!

—Sim... Olhae meu general... Não ha justiça senão a de Deus!

—Pois n'essa creio!... Vamos, senhores...

Avançou para a porta no meio dos soldados silenciosos e commovidos, porém o camarada, tornava:

—Levae-me comvosco, meu general!

Voltou-se e respondeu:

—Nem isso me consentem...

Quiz seguil-o como um cão, mas tolheram-lhe o passo.

Gomes Freire, de cabeça levantada, quasi indifferente, sem o menor signal de receio, disse para o tenente-coronel:

—Tendes uma sege!

—Sim, meu general...

—Ah! bem...

Em baixo, estava realmente uma sege entre dois guardas de policia a cavallo.

O general sorriu e saltou lestamente para o assento trazeiro onde tomou o logar d'honra com o tenente-coronel na frente.

—Podemos partir! disse com o seu ar indifferente.

—Não, meu general, não...

—Porque?! Achaes talvez pequena a escolta?!...

—Falta o desembargador!

—Oh! Uma viagem em tal companhia... Mas emfim... Na Russia viajei com jesuitas...

João Gaudencio, assomava á portinhola e dizia:

—Os jesuitas só no traje se podem parecer commigo...

—Mas vós com elles?! interrogou ironicamente.

—Eu com elles em cousa alguma, general! Não dissimulo... Fallo franco e sou verdadeiro... Tanto assim é que logo vos chamei reu d'alta traição...

Contente com o remoque pitadeou-se e Gomes Freire, mal contendo a ira, declarou:

—Ah! Já não vos mostraes jesuita mas vilão...

Fechavam a porta da sege; os soldados montavam, estalava um chicote e a pesada machina arrancava pelo Salitre acima em direcção ao Rato.

Gomes Freire, sorria, contava anedoctas, recordava uma viagem egual na Russia por meio de gelos:

—Com a differença, tenente-coronel, que não era eu o preso mas sim um pachá que em Oczakow fôra vencido! Então era novo, bem novo... Quiz eu mesmo conduzil-o não confiando nos outros...

—Ah! Receaveis a fuga?!

—Por Deus, não! Elle era honesto apesar de infiel... Sobretudo era soldado e sabeis que um soldado não foge... exclamou a conter-se.

—Porém...

—Sim, acompanhei-o receando que não o tratassem com todas as honras devidas á sua posição...

—General...

—Admirae-vos de tanta clemencia para um vencido?

—Eu sei...

—Ah! E n'esse mesmo dia fôra feito cavalleiro de S. Jorge por Catharina II! Mas que quereis! N'esse tempo eramos assim...

—Mau tempo!

—Porque senhor!

—Tinham os grandes militares de deixar a patria para irem servir outras...

—Sim... Mas ainda hoje o deviam fazer!

—Hoje!

—Decerto... Ora não achaes muito melhor soffrer as balas, passar a vida rude dos acantonamentos do que passar a vida ignobil de espião!...

O tenente-coronel, estremeceu, calou-se. Gomes Freire, affastou a cortina e olhou para fóra.

—Ah! Vamos na Junqueira... Não se me dava de ir ver ainda o antigo quartel do meu amigo Alorna... Alli o forte... Ah! recorda Pombal... Estivemos lá uma noite...

—Vós?! interrogou o desembargador.

—Só me falta a fortaleza de S. Julião da Barra e a fortaleza de Cascaes para ter corrido todas as praças fortes de Lisboa como prisioneiro...

—Ah!

—Mas sempre me sahi bem e os outros mal...

—Ah! tornou ainda quasi ironico João Gaudencio.

—E' verdade... Mas isso não quer dizer que d'esta vez...

—Se conseguirdes provar a vossa innocencia? disse o desembargador.

—Proval-a-hei, por S. Jorge... Mas depois...

—O que?!

—Pelo mesmo S. Jorge de que sou cavalleiro, eu juro que arrancarei as orelhas aos miseraveis que me ultrajaram... Sim, a essa regencia, a alguem que devia ter morto ha muito... E' bem certo... Quem poupa o inimigo nas mãos lhe morre... Mas eu não hei-de morrer...

A sege ia sempre galgando distancias, passava lesta nos campos de Ribamar, mettia por Caxias e ao cabo de duas horas entrava em Oeiras.

Lá ao fundo, na manhã que alvejava a fortaleza recostava-se batida pelas ondas, apparecia como um monstro n'uma negridão corpulenta a dominar as ondas.

Gomes Freire, fallava sempre, olhava para fóra, ouvia o ruido das patas dos cavallos montados pela gente da policia.

Por fim, n'uma volta, elle descobriu melhor a fortaleza, bocejou, disse:

—Hein... Com um bom governador que bello ponto de defeza...

E foi o primeiro a saltar, sacudindo-se, a rir.

XVII

O primeiro dia de captiveiro

Escrevo aqui do intimo da masmorra e sinto as ondas quebrando-se com força contra os paredões. Estou só, n'uma meia luz, alguns metros abaixo do solo, n'um ninho de granito como um criminoso ou como um esquecido.

«E sem dormir, sem que tivessem ainda o cuidado de me visitarem, tendo perdido a noção do tempo, eu escrevo, mercê do carcereiro que deixou aqui uma velha penna e um tinteiro no qual deitei duas gottas d'agua do meu cantaro para fabricar com um resto de tinta, esta mistura clara que me serve para fixar o pensamento n'algumas folhas da minha carteira.

«Sei que me mandarão embora muito breve e que apenas quiriam humilhar-me. Mas emquanto não sahir d'entre paredes, que de coleras a contar, que de raivas a socegar, que de mais palavras a repremir nos labios.

«Mais do que nunca recordo o passado e tenho saudades d'elle. Hoje estou velho, estou sem aquelle vigor e sem aquelle alento dos primeiros annos da juventude, quando nas masmorras sonhava com rosas e com martyrios que mais amado me tornaria. Agora, avelhado, tendo percorrido a Europa sobre cadaveres e de espada em punho, sinto que antes deviam deixar-me repousar.

«E lembro-me muito d'esse imperador, do pobre Napoleão, tão grande e tão infeliz, que lá ao largo, a meio dos mares, sobre um rochedo escarpado como uma aguia que ferida no vôo altaneiro não quizesse rastejar na terra e fôra procurar um ninho de pedras no topo d'uma rocha alcantilada, soffre e padece entre um limitado numero de fieis. E eu, como uma toupeira, no amago da terra, cego, procurando o deslumbramento n'essas recordações.

Parece que o vejo e no emtanto elle está longe.

Por cima do meu carcere movem-se pesadas viaturas, arrastam-se carros, ha dos lados como gemido do mar a chocar-se contra os paredões, o mar que eu quero por amigo, um pobre amigo impotente para romper essas pedras tão unidas e dar-me a liberdade. Não sei ainda cousa alguma do meu destino. Só sei que sinto uma grande fraqueza porque desde a chegada ainda não comi...

Quando o general acabava de traçar estas linhas, ramjeu a porta do carcere e um carcereiro appareceu.

Nem levantou a cabeça, deixou-se ficar com a pena entre os dedos, curvado sobre o papel.

—Que fazeis?! interrogou rudemente o carcereiro.

—Como vês, escrevo!

—Não é permittido escrever!

N'um arremeço, lançou mão dos papeis e rasgou-os.

Gomes Freire, levantou-se d'um salto, correu para elle.

—Eh! Para traz... Já me tinham dito que me estrangularias... Cautella!

Apontou uma pistola e conteve-o mais pelo pasmo de que pelo medo.

—Oh!

Soltou um brado de desabafo, tremeu, balbuciou:

—Meu Deus!

Achava tudo aquillo muito superior ás suas forças.

—General... D'aqui em diante acautellae-vos!

—Mas porque não posso escrever?! interrogou deveras furioso

—E' simples... Porque nenhum preso escreve!

—Mas...

—O quê?!

—Eu sou o general Gomes Freire!

—Sois o preso da masmorra n.º 1, redarguiu do mesmo modo.

E logo mudando de tom, disse:
—Virão dentro em pouco os senhores da justiça. .
—Para me ouvirem?!
—Sim... Amanhã ou depois o mais tardar...
—Bem...
—Aconselho-vos prudencia, disse de novo.
—Em quê?!
—Commigo, por Satanaz!...
—Não ha um governador n'esta torre?! interrogou n'um furia.
—Sim... Ha... volveu d'um modo escarninho.
—Um militar, não é verdade?! Um inglez?!
—Sim...
—Pois dizei-lhe que o tenente-general Gomes Freire, lhe quer fallar...
—Tendes algumas confissões a fazer?! interrogou.
—Eu?!
—Decerto... Para mais nada podeis fallar ao governador...
—Pois bem, sim... Tenho a fazer a confissão do meu aborrecimento... Quero sahir d'aqui!...
—Vós?!
—Pois eu...
—Mas ninguem vos poderá dar a liberdade...
—Nem um outro carcere?!... perguntou com colera.
—Nem mesmo isso...
—Mas o que julgam de mim?! Sou rico... Pago a peso d'ouro a comida e a sala...
—Impossivel! volveu de novo o carcereiro.
—Mas porque?! interrogou pouco a pouco mais pasmado.
—Ordens terminantes!
—De quem?! perguntou mais uma vez.
—Da regencia!
—Pelo diabo... Sou então tratado como um miseravel?!
Enchia-se d'odio e de colera, vinha-lhe um desejo e uma raiva funda a subir-lhe do coração aos labios, agarrava-se raivosamente á mesa e exclamava por furia:
—Se eu soubesse que tanto me ultrajariam, antes de me prenderem, teria mettido uma bala nos miolos d'esses cães!... Por Deus!

Eu sou um general e tratam-me como um bandido! Onde está o governador das armas, que eu quero fallar-lhe!

—Não podeis...

—Porque?!

—Porque ha ordens terminantes!...

Gomes Freire, julgou comprehender n'um repente o que se passara, passou lhe pelo cerebro um clarão e exclamou:

—Ha aqui muitos presos?!

—Alguns!

—Conspiradores?!

—Ah! Não... Officiaes que fizeram alguns delictos... Os conspiradores estão em S. Jorge e no Limoeiro... Vós sois o unico que se encontra na torre!...

- Eu?! Mas eu nunca conspirei contra essa gente!... Ouve lá, carcereiro, não merece a pena... Elles estão assustados por si! Nunca os tomei a serio... Mas disse isso. Acaso para os outros se fazem os mesmos protestos...

—De que?!

—De infames?!

—Porque o dizeis?!

—Têem com elles taes rigores?! Sim, com os presos d'aqui?!

—Não...

—Só commigo?!

—Sim...

—Elles tem a homenagem da praça?... interrogou.

—Sim...

—Ah! E porque não m'a dão tambem!

No seu estribilho, o carcereiro, volveu:

—Ordens da regencia.

—Mas com mil diabos, essa gente vae obrigar-me a um excesso!

—Oh! general...

—Sim...

—Mas o que podeis fazer?!

—Queixar-me a el rei!

—A el-rei!

O carcereiro encolheu os hombros e murmurou:

—El-rei está longe, senhor... Mas vou mandar-vos o almoço.

D'ahi a pouco mandou-lhe uma comida impossivel, tirou-lhe

a tinta e a carteira e entrou no gabinete do governador a dar-lhe aquelles objectos.

O general, sem poder tocar na comida, deixava-se ficar admirado á mesa, com a cabeça pendida.

— Já viram semelhante infamia! gritou cheio de colerr.

Então, como uma fera enjaulada, entrou a percorrer a prisão, soltando gritos, sentindo se rouco, a arrepanhar os cabellos.

—Nem um amigo... nem um amigo!... Ninguem se atreve a defender-me!

E vinha-lhe um nojo, um grande nojo por toda essa situação do paiz que se deixara algemar sem um protesto, vira o logro, a infamia, viu sobretudo a vingança.

Teve o desejo de mandar chamar o primo, esse D. Miguel, que fazia parte da regencia, agarral-o ali violentamente e matal-o.

Via d'onde partia o golpe, o enorme golpe.

Mas ao mesmo tempo, de consciencia limpa, não imaginava a furia que davam á sua auge, não podia calcular nunca o que se passara n'esse processo com os outros que elle nem conhecia.

Era uma enorme infamia e o general, mais do que nunca desolado, ferido no seu orgulho, raivoso e apopelectico, gritava:

—Nem um amigo... nem um amigo!

Do lado de fóra da masmorra a sentinella ouvia-o em silencio.

Soaram passos, um coronel inglez appareceu.

O soldado apresentou a arma e o official interrogou:

—E' aqui que está Gomes Freire?!

—Sim, meu coronel!

—Quero vêl-o!

—E' impossivel, meu coronel...

—Porque?!

—Sem ordem do senhor governador, ninguem entra a não ser o carcereiro!

O coronel, olhou-o cheio de pasmo e exclamou:

—Bem... Cumprirei essa formalidade.

E aflastou-se em busca do governador que foi encontrar no seu gabinete, diante d'um masso de papeis e d'uma garrafa de aguardente.

—Senhor governador!

—Coronel! disse o outro, erguendo-se e estendendo-lhe a mão.

—Eu quero uma ordem para fallar a Gomes Freire!

—Ah!... Ao conspirador!... volveu em voz rouca, o inglez que governava S. Julião. Pois ide pedil-a á gente da regencia.

—O que?!

—O que?! Pois não governaes aqui?!

—Em tudo menos n'esse preso...

—Meu Deus! E vós aturaes tanto?!

—Se a vida na terra é boa... Depois, o general é um traidor...

—Pelo ceu, calae-vos!

—Sois seu amigo!

—Desde ha muito... exclamou o outro com violencia.

—Oh! Sir Archibald Campbell, não vos gabo as relações!

—E a mim honra-me, sir Clniton, a mim honra-me...

—Um traidor!

—Basta de palavra... Eu vi esse homem glorificado na Russia... Era eu alferes e d'esse dia em diante admirei-o, senhor!...

O outro esvasiava um novo copo e com o seu ar de bebado, ficou-se a ouvir a historia que Campbell contava.

—Era o cerco d'Oczackz, a mancha na honra, a intriga que em torno de Gomes Freire se desenvolvia.

—Oh!

—Depois, assim soberbo, glorioso, cheio de honras e de propostas feitas pela imperatriz esse homem veiu para Portugal quando antes devia lá ter ficado! Veiu e a sua fama d'heroe fez medo aos francezes...

—Oh!... tornou o governador, cada vez mais torto.

—Deram a Legião portugueza e lá foi por essa Europa a servir Napoleão que o achara tão grande como já o achara Catharina II.

—E depois?!

—Depois quando o imperador foi desterrado, voltou para descançar... Agora, accusam-no...

—Alguma fez...

Sir Archibald Campbell, viu no outro a cubiça e redarguiu:

—N'esse caso, boa tarde, coronel... Elle saberá defender-se... E não podia ao menos melhorar a situação?

O governador respondeu-lhe:

—Ordens formaes!

—Mas de quem, com mil raios ?!

—Da regencia !

—E acaso não é Beresford quem governa Portugal militarmente!

—E'.

—Porque obedeceu então aos outros ?!

—O proprio marechal o ordenou !

—Mas que cousa. Eu não o creio... Juro que não o creio!

Baixou a cabeça e de seguida perguntou :

—E o general não tem as honras em harmonia com a sua patente ?!

—E' um preso como todos !

—Oh! Pelo inferno!

—Sabeis que um militar cumpre obedecer !

—E cumpre-lhe tambem favorecer...

—Como ?!

—Sim, ser bondoso para os seus irmãos d'armas !

—Bem sei... bem sei... mas, coronel, é que não nos deixaram...

—Que dizeis ?!

—A verdade ! Todos os dias ahi estão os da justiça !

—O que ?!

—A espionar !

—Trata-se d'uma perseguição ?!

—Oh !

E emborcou novo calice, redarguiu entarameladamente :

—Não sei !

—Governador pareceis recear alguma cousa !...

—Oh ! Não... não receio nada ! Apenas me seguro !

Sir Archibald, comprehendeu então que esse homem para conservar o logar seria um bello instrumento nas mãos dos perseguidores. Olhou e leu na face de bebado uma impressão de bem estar, leu o egoismo, murmurou :

—E é fim d'um mundo o que se passa !

O governador soltou uma risada e volveu :

—E' sempre assim !

—Oh ! diante d'um heroe!

—E Napoleão não está em Santa Helena?! perguntou a rir.

—Boa tarde, governador!

Affastou-se de vez, mais penalisado e mais cheio de raiva, estremeceu ao passar junto á masmorra e disse:

—Que pensará e marechal?! Sim, que pensará o marechal?!

Gomes Freire, no intenso da masmorra, tinha a mesma ideia n'um momento, interrogava-se:

—Acaso Beresford, tem tambem a impressão de que sou um criminoso?!

Evoca a figura militar do marechal e ficava na duvida.

Não tocava na comida.

—Mas o que fiz eu?!

Não era o desalento, era a cegueira, era a estado d'alma doído pela injustiça e por essa treva que fazia no carcere.

Nunca tremera, não tremia ainda; aguardava serenamente a justiça dos homens, como esperando que elles se inspirassem na justiça da Deus.

Assim decorreu o seu primeiro dia.

Cançado, deitou-se nas palhas, cobriu-se com o capote militar e adormeceu. Sonhou com batalhas e com amores, viu-se moço, teve alegrias que logo se desmancharam ao acordar.

Perdera a noção do tempo. O carcereiro entrava e exclamava:

—Estão aqui os senhores desembargadores!

Viu muitos homens de negro, levantou-se, saudou-os.

Elles, muito graves, ficaram ao fundo da masmorra.

Então o general, de chofre foi para elles gritando:

—Senhores... Eu sou victima d'uma injustiça!

Não lhe responderam, entreolharam-se, deixaram-no clamar.

E o mar batia nos paredões da fortaleza.

XVIII

O terror do crime

AMANHECERA. Beresford, levantara a cabeça de sobre um monte de papeis e bebera um gole de genebra. Sentira um bem estar, soltara um suspiro d'allivio ao vêr findar aquelle processo, diante da simplicidade com que resolvera tudo. E desabotoado, estendera-se n'um canapé, bocejava.

Já o sol entrava pelas janellas n'uma alegria. Em baixo, no pateo, moviam-se vultos de soldados. Nos rostos, havia um terror todo de surpreza, parecia que essa nova das prisões sobresaltara toda a gente e gerara similhante estado.

Officiaes vinham entrando apressados, de grande uniforme.

O marechal, suspirou, passou a mão pela cabeça e murmurou:

— Como acabará tudo isto ?!

Mais do que nunca tinha uma sensação extranha, o sol assim a entrar de jacto perigava a vista. Ergueu-se, foi cerrar uma portada e veiu estender-se no canapé, de face murcha, perturbado, com um olhar vago para o tecto onde os dois amores se floreavam.

De repente, Jack, correcto, como se tivesse nascido assim com tal aprumo, appareceu:

—Mylord...

—O que é ?!

N'um gesto, negligente, procurou n'uma mesinha o seu cachimbo, volveu um olhar para o servo que dizia:

—E' o sr. D. Miguel...

—Ainda?!

Teve uma visagem d'aborrecimento e balbuciou:

—Que entre!

Accendeu um palito phosphorico, pegou fogo ao tabaco, estendeu-se mais sem impaciencia, beatifico.

O outro entrou nas suas vestes negras com a gravata de tres voltas muito enrolada ao pescoço, os botes da camisa alva surgindo na abertura do collete grenate onde se estendia o traço d'ouro d'uma corrente cheia de berloques. Entrou e com o seu ar mais desesperado, um ar d'ancia, de perturbação terrorista e impressionado, exclamou ao atirar com o chapéu para uma cadeira:

—Marechal!

Elle, muito fleugmatico e extremamente cerimonioso, ergueu-se; e abotoando a farda volveu:

—Senhor governador!

Guardava agora o seu ar frio, reservado e muito civil, cheio de respeito pela sua dignidade, quasi de calcanhares unidos, e esperava que elle lhe fallasse:

—Marechal! tornou D. Miguel no mesmo tom e no mesmo desespero.

—Senhor!

O inglez repisou as syllabas, sorriu, ficou-se na mesma.

—Já lá estão todos!

—Sim...

—Mas... mas...

D. Miguel Forjaz, não sabia por onde começar, ficava-se; tambem tinha agora como um receio diante do inglez que assim se mostrava reservado.

—Eu carecia de conversar com vossa graça!

Já não era o activo governador nem o ousado luctador de sombra. O seu acto, esse acto de força dera-lhe como um nervosismo.

O seu organismo resentido de similhante esforço subjugava-se; carecia d'um apoio e d'um amigo. Não sabia no emtanto em quem confiar. A sua noite fôra turbada de pezadellos e de maus sonhos. Estava pallido, d'olhos pisados e tinha a bocca secca.

No meio de tudo aquillo, o outro parecia guardar a mesma fleugma, tinha o mesmo ar, não se alterava, analysava-o pelo canto do olho azul e mortiço:

—Mas... dizei vós... O que quereis ?!

—Sentae-vos!

—Oh! Sentar-nos-hemos! Vós...

Estendeu o braço, apontou-lhe a cadeira, ficaram frente a frente.

—Marechal, dizei me por Deus, fallae, sêde muito franco...

—O que quereis, excellencia, interrompeu logo.

—Quero uma só palavra que me tranquillise.

—Oh!

—Achaes difficil ?! perguntou apressadamente.

—Não!

—Então ?!

—Acho simplesmente singular que queiraes tranquillisar-vos!

—Não podeis tambem ?! interrogou elle n'uma esperança.

—Eu ?!

—Sim... Vós!

—Mas se não posso desassocegar-me!

—Oh!

—Sim. Acho tudo natural!

—Não digaes tal...

—Oh! Digo-o!

—N'esse caso mal olhaes para o que succede!

—Mais vezes tenho visto o perigo do que vós! volveu elle e logo, ironico, piscando o olho azul, accrescentou:

—Questão d'habito!

—Ah! Se soubesseis senhor o que foi a minha noite!

—Uma bella noite sem duvida! Uma noite de triumpho...

—Triumpho ?!

—Pois não estaes satisfeito ?!

—Eu ?!

—Sim! Não foram por diante os vossos planos, não realisasteis tudo, não fizesteis d'uma causa um grande penedo, uma obra ?!

—Por Deus, marechal!

—Não eram as vossas intenções ?! interrogou elle o mais severamente possivel.

—Sim... Eram! Mas n'um tempo em que podia tel as!

—Acaso hoje...
—Bem sabeis...
—O que?!
—Que comvosco contava em absoluto, senhor!
—Commigo?!
—Pois de certo!
—E não podeis ficar com a vossa tranquillidade apenas porque já não contaes, segundo dizeis?!
—Não!
—Oh! Fraco sois!
—Fraco sim, fraco como uma mulher! Tive uma noite turbada de pezadellos já vol-o disse, tive umas horas de sobresaltos loucos, já vol-o confiei...
—Sr. D. Miguel Forjaz e acaso podeis dizer-me porque foram taes receios, taes sobresaltos?
—Marechal! Um momento...
Ergueu-se, foi espreitar á porta, deu duas voltas na casa e notou do mesmo modo cautelloso para dizer:
—Tendes confiança no exercito?!
—Porque o perguntaes?!
—Não sois o chefe militar?!
—E vós não sois o governador do reino?!
—Por isso vos interrogo volveu com certo aprumo.
Entre elles estabelecia-se agora como uma tormenta.
O inglez, mais habil, não na apparencia, balbuciou:
—E eu vos respondo...
Foi ironicamente que lhe respondeu, foi mesmo com uma grande ironia que lhe disse:
—Na vida não se podem fazer integraes affirmações?! Quem disse, por exemplo, que Gomes Freire, o vosso primo, esse homem de que sempre ouvi maravilhas, que constantemente vi tratado como a um heroe e julgo que com razão, havia de fazer conspirações, mettia-se em grandes casas de revolta, clamar contra vós, contra mim, e contra el-rei?! Ninguem o disse mas todos affirmariam o contrario!
—Marechal!
—Que quereis, pelo retrato que me pintaram...
—Oh!

—Sim... Mas adiante... Eu se com os outros tivesse feito tal affirmação, teria errado não ha duvida...

—Sim!

—Por isso, não podendo fazer afflrmações cabaes, volto a dizer-vos o mesmo de ha pouco: não se pode confiar em absoluto!...

—O que? O que? interrogou elle fazendo-se muito pallido.

—Socegae...

—Mas...

—Quero dizer apenas que o exercito é pouco...

—E que não podeis affirmar a sua fidelidade?

—Nem negal-a!

ı echava-se na sua ambigua phrase, fixava o outro.

—Nem negal-a... Esta é a absoluta verdade!

—Porém...

—Ah! Já sei... Ides pedir a minha opinião! Eu vol-a darei logica, clara, absoluta e franca...

Calou-se, ageitou-se melhor na cadeira, sorriu e accrescentou.

—O exercito como sabeis, é composto de homens que devem amar vosso primo... E' o unico official portuguez de sympathias exaggeradamente affectivas entre a tropa...

—Pois sim... Porém deveis reparar, marechal, deveis reparar.

—Em que?

—Em que? Que no exercito ha milhares d'inglezes...

—E para esses milhares, ha milhões de portuguezes...

—Os inglezes são officiaes!

—Que em tempo de guerra podem exigir disciplina...

—E em tempo de paz...

—A exigem tambem, excellencia, redarguiu com firmeza.

—N'esse caso...

—N'esse caso tudo vae bem...

—Será tão facil de socegar como de vos mostrar...

—Mylord...

—Já vejo tudo ou antes adivinho o vosso pensamento...

—Oh!

—Sim, adivinho... Quereis dizer que devo redobrar de precauções...

—Exacto... E' isso!

—Agradeço-vos o aviso! volveu com a sua eterna ironia.

—Bem vedes que é o meu dever...

—Ah! Sr. governador, e o meu não era fazer isso sem o ouvir de vós?!

—Marechal!

—Socegae... Se apenas com a minha vigilancia, posso impedir qualquer coisa, eu vos socego... Porque desde hontem todos os soldados estão recolhidos nos quarteis...

—Marechal! gritou elle profundamente agradecido.

—Excellencia!

—Que grande sois! tornou o governador do reino.

Mas Beresford, muito a sangue frio, disse:

—Grande só por cumprir o dever! Oh! Que não vos creio!

—Que tendes contra mim?! interrogou n'um momento d'inteira franqueza.

—Contra vós?! Nada, excellencia, nada senhor governador!

Mais uma vez repisou a palavra, accrescentou:

—Se estou aqui para receber as vossas ordens!

—Oh! Mas dizei-me, fallae com exatidão, francamente ..

—Fallarei!

—Pois bem... Acreditaes na fidelidade dos soldados!

—Acredito apenas na mão de ferro da disciplina!

—Que existe?! interrogou muito mais sobresaltado.

—Julgo que sim... Porém isso é uma cousa que se vê!

—Como?

—Impondo-lhes mais do que nunca a força ingleza!

—Marechal! gritou pela centessima vez. Fazei tudo! Eu vos agradecerei!

—Sim... Trata-se d'impor o nosso preço e de os receber... Agora, de resto, não respondo em absoluto por ninguem...

—Com boa vontade...

—Ah! com boa vontade! Acaso eu já fui para vós de má vontade?

—Não... balbuciou sem um enthusiasmo.

—N'esse caso, poupae palavras que são sempre inuteis... Guardae-as bem para as occasiões e sede franco...

—Sou-o em demasia!

—Não commigo! exclamou de chofre e desde logo.

—Não comvosco?! gritou o outro muito admirado.

—Pois decerto! Se ainda ha duas horas estaes na minha frente sem duvidar a que vindes!

—Mas...

—Vejamos, D. Miguel...

—Marechal... Apenas desejava saber se o exercito está comnosco!

—Pelo menos por agora! Olhae o que eu fiz! Ainda não me deitei, vede!

—Pegou no masso de papeis;

—O que eu fiz foi muito simples... Mandei recolher os soldados a pretexto d'uma parada... Dei ordens apertados para que se effectuassem o mais rapidamente possivel todas as prisões dos militares implicados na questão á excepção de Gomes Freire!

—Ah! Por esse respondo eu! declarou com grande colera.

—Já sabia que terieis esse cuidado!... Depois, que demonio! Sempre é um general que Catharina II condecorou! Ah! Como vos ia dizendo, tornou no seu tom mais agradavel. Dei ordens seguras!

—Bem!

—Os commandantes dos regimentos receberam instrucções minhas, assignadas, directas e confidenciaes!

—Bem...

—Os presos, continuou o inglez, foram interrogados todos no Castello...

—Só os civis que mandei prender estão no Limoeiro!

—Menos Gomes Freire!

—Ah! Não... Está melhor em S. Julião da Barra!

—Sim... Para um general deve ser agradavel estar n'essa fortaleza que entra pelo mar e que está atulhada de soldados!

O governador do reino não respondeu logo e accrescentou ao cabo d'uns momentos:

—Confiaes mais ou menos nos soldados, não é assim?!

—Quero dizer, senhor, que confio mais ou menos nos meus officiaes!

—E' o mesmo! simplificava elle a sorrir.

—Não é bem assim! Suppondes acaso que a força d'um official ou de muitos podem dominar um grande impulso da soldadesca?!

—Não!

—Por isso mesmo... Acautellae-vos, senhor!

—Acautellar-me?!

—Pois decerto... Ninguem pode dominar um amor...

—E julgaes!

—O que ouvimos. O exercito ama Gomes Freire!

—Sim, ama-o!

—N'esse caso...

—O que?!

Nos seus olhos lia-se um grande susto e nos seus labio havia um sorriso ao perguntar de novo:

—Quereis dizer que é possivel uma revolta?!

—Hesitareis se vos disser que sim?!

N'um estremecimento, D. Miguel Forjaz, olhou-o de face e de seguida com todo o impeto d'um homem decidido a ir até fim declarou:

—Não! Não! Mil vezes não!...

—E' justo!

—O que?! perguntou ainda fóra de si.

—E' justo que quereis vêr as sympathias que gosa vosso preso!

—Oh!

—Sim... E' justo...

—Mas não podem acabar essas sympathias?! perguntou a fixal-o.

—Conforme... Ha sympathias que são impressões, outras que são necessidades! Vosso preso esteve algum tempo fóra, andou por lá. Conhece-se a sua lenda mas julgo que se espalhou outra...

—Sim! gritou com rancor. E' verdade que foi traidor!

—Ide dizel-o ao tribunal e elle será condemnado...

—Não é necessario... A nação inteira sabe como Gomes Freire vencia o inimigo...

—Qual?!

—Os francezes?!

—Bem sei... Como vós e como eu se fossemos enviados na Legião Portugueza... mas isso são discussões inuteis... Para uma simples pergunta demorasteis muito... Ah!... Ah! D. Miguel, exclamou a bater-lhe nos hombros, muito gravemente.

—Poupae mais o tempo se conheceis os homens... Juro-vos que mesmo o exercito em pezo!

Soltou uma gargalhada, estendeu-lhe a mão e concluiu:
—Mandae reunir o tribunal só d'aqui um mez...
—E' um conselho?!
—E' um conselho d'amigo, declarou muito a serio.
—Cemprehendo o alcance...
—Deixar esquecer...
—E' verdade!
—Depois não fará tanto ruido a condemnação...
Beresford deu um pulo e exclamou de repente:
—O que?! Pois já sabeis que serão condemnados.
Elle córou, encolheu os hombros e disse beatificamente:
—Isso é um negocio com um juiz!...
—Decerto... Mas como vos ouvi affirmar embora por acaso...
—E' que, marechal, os juizes, devem ter repugnancia por similhante homem... E' um crime de lesa-magestade.
—Sobre tudo, D. Miguel, disse Beresford de chofre, é um crime que faz terror a muita gente...
—Quereis fallar dos patriotas?! Oh! decerto!... disse a fazer-se muito pallido.
O inglez, apenas respondeu a saudal-o:
—E mesmo dos que não o são...
D. Miguel affastou-se de cabeça baixa e Beresford, só no meio da sala, ficou a meditar.
Jack, á porta, exclamava:
—Mylord... E' o sr. coronel Archibald Campbel...
O marechal, foi para a porta, de mão estendida, quasi feliz, ao ouvir o nome do official que entrava todo agitado.

XIX

O reu

BRIU-SE a porta com um guincho estridulo. Ao fundo o general dormia estiraçado no colchão contra a parede onde o mar batia. Viera-lhe uma prostração.

A' luz da lanterna suspensa do tecto, os que entravam viram-no, ficaram uns momentos quedos como raposas contemplando um leão em repouso. O mar cantava a sua elegia na noite contra os paredões.

Gomes Freire, sempre adormecido estava completamente esmagado. No seu espirito havia uma intensa dôr, um martyrio extranho que o torturava mesmo no somno.

—Acorda-o, ordenou João Gaudencio, a meia voz, voltando-se para o carcereiro.

O outro homem deixava-se ficar para traz, murmurava:

—Parece que não tem muito carregada a consciencia...

—Porque o dizes, Casal Ribeiro?! interrogou o Gaudencio.

—Se dorme a somno solto...

—E' o peso do delicto que o esmaga, declarou furiosamente, já cheio de grande convicção que o outro parecia não ter.

O carcereiro, debruçava-se para o general e exclamava:

—Olá, senhor!

Foi então que elle abriu os olhos e voltando-se lentamente, disse:
—Que me querem ?!
—São os senhores da justiça ! regougou o outro em voz grossa.
—Ainda ?!...
Soergueu-se no leito, levantou-se ao cabo d'uns momentos e exclamou :
—Sede bem vindos...
Reconheceu logo o João Gaudencio e avançando para elle, n'um impeto energico, vivamente bradou :
—Ainda bem que sois vós !
—Sim... Sou eu que com Casal Ribeiro, ajudante do sr. intendente, viemos a interrogar-vos...
—Estimo...
Tinha um grande ar altivo, mostrava uma enorme independencia ao accrescentar :
—Estimo... Vós conheceis-me ao menos e podereis confiar em mim...
—Conheço-vos !
—N'esse caso, acreditaes na minha palavra, não é verdade ?!
O esbirro, apenas murmurou :
—Sabeis que somos da justiça e sempre a fazemos... General quereis responder ás nossas perguntas ?!
—Decerto !
—Dizei-nos pois se conheceis a conspiração ?!
—Sim !
João Gaudencio, muito alegre, esfregando as mãos bradou :
—Eis que entrando no bom caminho vos salvaes...
—No bom caminho ?! disse o general rapidamente.
—Sim... O da verdade !
—Ah ! E dizeis que me conheceis... Pelo diabo eu vejo que não !
—Senhor...
—Decerto... Reparae bem que durante a minha vida sempre fallei verdade...
—Muito bem... Mas essas verdades que sabeis podeis dizel-as?
—Nunca occultei o que sentia...
—Fallae pois...
—Que tenho a dizer-vos ?! Que conhecia a conspiração ?!

—Sim...

—Pois é verdade!

--E em que circumstancias, general?! perguntou por sua vez o Casal Ribeiro.

—Ah! Como toda a gente...

João Gaudencio, franziu o sobrecenho e declarou:

—Impossivel, general... A maior parte não sabia cousa alguma...

—Ah! Não digaes tanto... volveu elle. Não digaes tanto! Se foi uma conspiração tratada á doida nos cafés!

—Lamentaes?! interrogou o Gaudencio quasi ironico.

—Não lamento porque sempre fui um adversario de similhante conspiração mas tambem não condemno porque sempre vi n'ella homens uns doidos que não eram perigosos!

—O que?! General, vós negaes que tivesseis relações com elles!

—Nego!

—Por Deus! bradou João Gaudencio. E' essa a vossa verdade?

—Alguem diz o contrario?! interrogou com raiva.

E o agente muito convencido que elle fallava cheio de terror, volveu:

—Todos o dizem!

—Todos?!

—Sim, os outros presos... Os vossos companheiros...

—Companheiros!

—Ou subordinados, se desejaes! disse o Casal Ribeiro.

—Subordinados! Com mil demonios... Fazeis me então o chefe?!...

—Sim!

—Ah! Fazeis-me rir, senhor!

—Pois podeis rir na certeza que a nação sabe do vosso proceder...

—Sabe?!

—Sim... Porque receaes que o saiba?!

—Eu não receio, senhor, não receio, volveu elle, antes quero que todos os homens de bem conheçam o meu proceder... A oppressão dos outros, dos perfidos, dos malvados, dos infames, não me importa... Fui sempre uma creatura que levantou a cabeça diante das accusações...

—Naturalmente porque as julgaveis injustas! exclamou Casa Ribeiro.

—Sim!

—E do mesmo modo achaes a que vos fazem agora?!

—Agora?! Mais do que nunca, senhor, mais do que nunca!

—Ah!

—Sim... Essa de ser chefe de conspiradores que nem conheço... E' infame que se julgue tal, é infame que não me deixem dizer diante de toda a gente o que me vae no coração, a perseguição que me movem... Não conheci nunca esses conspiradores...

—Affirmaes isso?! perguntaram ambos a um tempo.

—Sim!

—General!

—Senhores...

—Acaso não sois amigo do barão d'Eben?! interrogou logo o Gaudencio.

—O barão!

—Sim, um prussiano feito coronel em Portugal!

—Ah! Sim, Frederico d'Eben!

—Pois elle é um dos conspiradores... Já vêdes que mal podemos acreditar nos vossos protestos...

—O barão d'Eben, procurou-me e fallou-me vagamente na conspiração!

—Vagamente!

—Sim! Muito vagamente...

—E não vos convidou a tomar parte na conspiração?!

O general, sentiu um abalo e uma repugnancia, olhou-os, balbuciou:

—Está preso o barão?!

—Sim! Está no Castello!

—Pois perguntae-lhe o que se passou, disse brandamente.

—Já o fizemos, mentiu o João Gaudencio.

—Ah! N'esse caso, não deveis interrogar-me!

—Ao contrario, volveu o habil esbirro. Muito ao contrario.

—Porque!

—São de tal ordem as affirmaçõas do barão d'Eben a vosso respeito...

—O que!

Deu esse grito de colera que elles julgaram de medo e bradou logo:

—Mentis!

—General!

—Mentis como vilão! Conheço-vos a tactica... Vindes arrancar-me cousas que não existem, vindes mentir-me, dizer-me que o barão me accusou!

—E' a verdade!

—Mentis!

Estava indignado, tinha um louco assomo de colera, um terror, uma anciedade e acabava a dizer:

—Pelo inferno... Eu estou mais habituado ás balas que á intriga mas vejo bem o que quereis...

—Queremos fazer a luz!

—Com ruim azeite, senhores! Ide-vos que eu não fallarei...

—Não fallareis?!

—Não! Nunca!

—Ah! Isso é uma confissão!...

Gomes Freire, via a situação que creara, olhou os e disse:

—Chamaes uma confissão ás indignadas palavras d'um homem d'honra que não pode ver infamias?

—Infamias!

—Pois não é infamia vir mentir, vir conspurcar o caracter d'um homem de bem a dizer que elle fallou d'outro em termos de accusação?

—E' o seu depoimento! Vós ereis o chefe da conspiração!

Ante aquella mentira, o general perdeu a serenidade, avançou para elles e dominando os com o olhar, exclamou;

—Vejo que me perdeis, vejo que ms accusaes, mas acima de tudo, por Deus, pela memoria de minha mãe, vos juro que não mais responderei a esbirros!

—Senhor! Sois aqui um preso!

—Bem sei...

—Respeitae a justiça! bradou Casal Ribeiro.

—Mandae-me militares e eu lhes fallarei... A vós não! Ide-vos...

—Não quereis responder?! interrogou logo muito satisfeito o João Gaudencio.

—Melhor fôra que me tratasseis com as honras a que tenho direito!

—Jamais vos faltaram ao respeito, disseram ambos.

—Por Deus! Acaso me respeitaes?! Pois não vêdes a prisão que me deram, não sabeis a comida que me atiram, das roupas que me negam... Nem mesmo uma navalha de barba me consentem..

—Durante o tempo de prisão, sabeis que tendes a regimem dos outros?...

—Dos outros?!

—Sim, de todos os outros presos...

—Bem sei... Mas é isso que exijo... Lá em cima andam officiaes de patente inferior á minha e que tem a praça em homenagem...

—São reus de pequenos delictos!

—Ah!

—Sim... Pequenas causas que se resolvem em dias!

—Eu sou reu de graves crimes?!

—Alta traição!

—A quem?! interrogou em voz abafada.

—A' patria!

—A' patria! gritou o general enfurecido, á patria!

—Mas quem é o canalha que se atreve a dizer me tal! A' patria?! Eu que a servi, que a amei sempre! Eu que a illustrei lá fóra, que não deixei jámais que se attacasse o brio portuguez! Traidor á patria o general Gomes Freire que na Russia recebeu elogios e medalhas, que atravessou a Europa ao lado do maior cabo de guerra do mundo lhe mereceu os olhares... Ah! Canalha vil é esta que me accusa!? Onde está a minha traição?! Em servir os francezes!

—Sim, em parte!

—Calae-vos! ordenou como se fallasse a um dos seus officiaes apanhado em delicto. Calae-vos! Não vêdes que foi por obediencia ás leis decretadas por essa regencia que hoje me accusa?!

—General, não vamos a discutir! replicou Casal Ribeiro.

—Podeis ir-de-vos, volveu elle com nojo.

—Não quereis fallar, exclamou o outro raivosamente.

—Não! nada tenho a dizer-vos, declarou do mesmo modo.

—Negaes que tomasseis parte na conspiração ?! interrogou o ardilosamente.

—Nego!

—Ah! E que não fallastes com o barão d'Ebeu...

—Ide-ves, bradou de novo. Ide-vos e dizei a Beresford que me mande militares, que venha elle e eu fallarei! a vós outros não!

—Mas porque ?!

—Jámais me comprehendereis se vos disser que um homem d'honra não accusa nem falla d'um companheiro ás justiças...

—Quando o outro está innocente, porque não ?! disse logicamente o esbirro.

—Oh! Mas eu não fallarei!

Foi assim que elle se perdeu. Não quiz referir-se ao barão d'Ebeu, não quiz relatar a conversa mantida com elle nos primeiros dias e apenas, voltado para os esbirros exclamava:

—Mandae me militares ?!

—O processo é todo civil...

—Civil! Mas eu estou n'uma prisão militar!

—Que importa! Ah! Vós não sabeis o que isto dará...

—Dará tudo... Simplesmente vos digo que não recuarei...

—General!

—Senhor desembargador...

—Pois não vêdes que essa negativa pode ser tomada como uma cumplicidade!

—No tribunal, eu falarei se acaso elle me escutar...

—Mas porque não dizeis tudo, pediu Casal Ribeiro.

—Não... Sou innocente e eis o que tenho a dizer vos!

—E' necessario proval-o, disseram os outros.

—Não conheço os conspiradores! volveu no mesmo tom.

—Elles dizem o contrario!

—Por Deus, mas defrontem-me com essa gente!

Foi a sua ultima phrase, saudou os outros e atirou-se para o colchão.

Os dois homens olharam-se e sahiram com o carcereiro. A porta rangeu nos gonsos e Casal Ribeiro, murmurou:

—Está perdido!

—Está se continua a manter-se na negativa...

—Mas porque não falla ?! disse o outro como apoquentado.

—Parece que tens pena! balbuciou o Gaudencio.

—Realmente...

—Ah! Casal Ribeiro! Pena d'um traidor?

—Amigo... Quasi que não creio no seu crime...

—Oh! Mau homem de lei tu és... E' no crime que se vê primeiro...

Subiu para a seje a rir e lá dentro, tornou:

—Está perdido...

—E não haverá ninguem que interceda por elle!

—Oh!

—Julgas isso.

—Seria perder-se tambem, regougou o outro.

—Talvez D. Miguel Forjaz, sollicite de Beresford o perdão do primo, tornou Casal Ribeiro.

—D. Miguel Forjaz, é o unico que pode perdoar.

—Elle!

—Sim... Beresford entregou tudo aos governadores do reino.

—Pelo ceu... N'esse caso, D. Miguel, não quererá a familia manchada por um labeu.

—Não sabes então que s. ex.ª é inflexivel...

Disse aquillo com ironia, soltou uma risada e recostou-se no fundo da sege. O outro continuou de olhos cerrados a meditar.

N'aquelle momento Gomes Freire, passeando na cella, bradava:

—E' impossivel que isto não seja uma maldição! Mas eu nunca fiz mal a ninguem... Meu Deus, porque me castigas!

Ia ajoelhar-se mas levantou-se logo, exclamou energicamente.

—Não! E' necessario lutar para esmagar depois... Ah! Só me falta um amigo... Se tivesse um amigo!...

No auge do desespero atirou-se para o colchão e entrou a pensar muito em D. Pedro de Portugal, n'esse marquez d'Alorna, seu amigo e seu irmão que a morte ceifara lá em baixo n'uma cidade allemã, emquanto elle governava na Russia uma cidade de Warbulai.

Veiu-lhe uma saudade do grande exercito, veiu-lhe um grande desespero.

—Pelo ceu... Só em Portugal me podia succeder tanto!

Cerrava os olhos e entrava a recordar episodios da sua vida passada, ficava-se n'um extasi, embalado pelo mar que cantava a sua alegria contra os paredões da fortaleza.

N'em um raio de luz. A lanterna apagara-se e elle no fundo da prisão sonhava, entregava-se ao culto do passado emquanto os homens lhe preparavam a sepultura com os seus enredos, com as suas maldades

De quando em quando as sentinellas bradavam os seu alertas diante do mar, na escuridão da noute, d'essa noute negra de desgraça.

XX

Um grande amigo

Sir Archibald Campebell entrou e olhou o marechal; teve uma indecisão e teve um sorriso, fez a continencia e ficou na frente de elle que exclamava:

—Vós, coronel... ?!

—Extranhaes talvez a madrugada?

—Sim... Em vós sempre houve esse habito de tarde vos erguerdes...

—Nem sempre...

—Vós, meu caro Campebell não tivesteis esta campanha de Portugal.

-Não...

—Não tivesteis essa enorme marcha de conquista d'um reino...

—Ah! não...

—Viveis em Londres no aconchego das damas como um dos mais queridos...

—Oh!...

—Não negueis... Todos o sabem... D'ahi os nossos habitos de tarde erguer e de pouco madrugar...

—Senhor marechal, como vos enganaes...

—Não... Mas emfim... São habitos de côrte! Ria, mostrava dois dentes verdes e grandes, o marechal.

O outro, apenas volvia d'um modo rapido e seguro:

—Vou provar-vos que não!

—Mas como?!

—Da mais simples forma... Quando Wellington chegou da sua campanha parti logo... Vim para Portugal e guardo os habitos de regimento...

—Bem... E só por isso vos ergueis cedo?! interrogou finura.

Elle volveu:

—Não!

—N'esse caso, alguma cousa vos obriga a madrugar.

—Simplesmente o não me ter deitado!

—Oh!

—Custa-me a crêr! Certamente a não ser que os seus amores, coronel...

—Os meus amores...

Ensaiou um sorriso e volveu logo no mesmo tom:

—Hoje vim tão cedo porque me lembrei d'uma madrugada semelhante...

—Ah! sim...

—Sim, marechal, na Russia, quando era muito novo.

—Amaes n'esse caso as recordações? interrogou.

—Amo-as... Tanto mais quando ellas são maravilhosas...

—Que curiosidade tenho em vos ouvir!

Logo traçou a perna e revestiu o mesmo agrado, fixou-o, ficou-se á espera, a ouvil-o:

Imaginae, começou elle, que n'um caminho coberto de neve e de soldados por uma noute terrivel e em plena Russia, o exercito acampara diante do povoado que os turcos tinham tomado...

—Ha quarenta annos!

—Sim... Quasi...

—Ouço-vos.

—Nós eramos poucos extrangeiros e as simpathias uniam-se, os homens ligavam-se no meio da turba meio barbara que formava o exercito do principe... Bons tempos.

—Para vós!

—Mais para outros do que para mim, marechal, volveu elle no mesmo momento.

—Continuae, pediu com a maior delicadeza.

—Na nossa frente pois estava o mar immenso do exercito turco que deviamos assaltar a todo o transe... Que calamidade!

—E depois...

—Não havia meio algum de andar, tornou elle com o seu modo interessante.

«Na planicie gelada a fina flôr do exercito passa desanimada deante d'essa fortaleza que os turcos enchiam e que não largariam jámais. Na vespera evocara-se todo o passado de glorias diante do exercito, fizera-se passar em frente dos regimentos velhas reliquias de victorias. Era o mesmo que nada porque se tornava materialmente impossivel vencer.

—Mas coronel, onde quereis chegar?! atalhou o marechal.

—A quê?! Oh! Mas ao que me recorda esta madrugada que tanto estranhaes... Tende paciencia, escutae me ainda!...

—Com prazer, bem sabeis...

Ficou encostado á mão na grande maneira firme a olhal-o.

—Foi n'essa noite, marechal, que se realisou o maior dos feitos a que tenho assistido... O exercito acampava na neve, os chefes desesperavam-se. As guardas avançadas velavam e havia um official que commandava um posto e o qual não podia soffrer semelhante demora. Elle era alferes no porto visinho. Elle tomou comsigo alguns homens, metteu-se por uma vereda em direcção á praça, topou uma guarda e chacinou-a sem que um grito mais agudo se ouvisse na noute. Os turcos estavam por terra n'um mar de sangue e elle obrigou os seus homens a vestirem os uniformes dos infieis. Embuçou-se por sua vez na capa d'um official inimigo e penetrou na fortaleza, cruzando-se com as rondas... Mandou então um corneta com a nova ao chefe do exercito e quando os turcos acordaram em sobresalto viram na sua frente um punhado de valentes que lhes tomava a praça e um exercito que penetrava atraz d'elles victorioso e contente... Amanhecia, era por uma manhã assim, mylord, na Russia em Oczacow e o bravo official que commandava os postos chamava-se...

—Gomes Freire!—exclamou logo o inglez.

—Sim... Agora vede, meu marechal, porque me assaltou similhante recordação...

—Dizei.

—Esta manhã em S. Julião da Barra, quiz fallar-lhe, encontrei

na minha frente uma sentinella e topei um governador inexplicavel, sahi d'ali com o coração alanceado e ferido e resolvi, marechal, vir contar-vos esta historia...

—Para quê?! interrogou Beresford rapidamente.

—Para quê?! Para vos perguntar se não posso vêr o meu amigo.

—Vosso amigo?! bradou cheio de pasmo o marechal.

—Sim... Eu era um simples alferes e elle coberto de gloria, estreitando as minhas mãos, apertando-as nas suas apoz a salvação de minha vida, tornou-se o unico credor da minha gratidão!

—Ah! E' louvavel!

—Tanto que não hesitei em sollicitar licença para o vêr ..

—Oh!

—Achaes muito.

—Acho pouco ..

—Obrigado, marechal, volveu sir Archibald.

—Muito pouco mesmo para o que lhe deveis!

—Ah! Ides dar-me a licença não é verdade?!

—O quê, coronel?!

—A licença para poder communicar com elle...

—Ah! Não...

—Não?!

—Se não vol-a posso dar, meu amigo, se não vol-a posso dar...

—Marechal, não sois vos o supremo chefe do exercito?!

—Sim...

—N'esse caso...

—Olhae que nos governadores do reino reside todo o poder!

—Nos governadores!

—Sim... Ide pedir-lhes isso, ide sollicitar essa licença.

—Não me darão nunca semelhante consentimento...

Depois n'um arranco, cheio de furia, acallorado, bradou:

—E eu por demais sei que o general soffre privações, sei que não é tratado com as honras que lhe são devidas, sei que o teem como um criminoso vulgar e lhe negam tudo... Marechal, eu não posso...

—Meu caro Archibald! murmurou o marechal.

—Attendei-me!

Elle então ergueu-se, volveu para o outro um olhar e exclamou:

—Sou impotente para semelhante resolução!

—Que quereis que eu faça?

—Só os governadores vos podem attender! Mas não vos attenderão!

—Ah!

—Não vos attenderão e eu sei quanto isso vae ferir o vosso coração.

—Só queria viver junto d'elle, estar com o general...

—Meu amigo!

—O governador da torre, nem mesmo elle, me pode dar semelhante ordem...

—Por Deus que não!

—Já vêdes que não sei como proceder!

—O governador da torre, está n'estes casos á ordens do poder central.

—E' de desesperar...

Beresford, olhava-o attentamente e parecia que no seu espirito se fazia luz; por fim, n'um repente, exclamou:

—Meu amigo!

—Marechal!

—Eu participo dos vossos sentimentos da admiração!

—Vos!

—Eu sim... Acabei de vos ouvir e creio na bravura do general!

—Isso é muito para o meu coração de soldado!

Então o inglez, n'um enthusiasmo crescente, tornou:

—Ah! Não sei como acceite semelhante situação aqui onde o desejo do poder me conduziu. Quando andava no campo, na batalha, na lucta, chegavam-me as lagrimas deante d'esse feito. Um bravo é para mim sagrado, por Deus!

—Marechal!

—Sim... E se não posso salval-o se não posso dar-vos a licença que sollicitaes, é porque acima de mim existem hoje os outros...

—Mas que fazer!

—Esperar...

Parecia interessar-se em boa verdade pelo resultado d'essa empreza e tomado d'um ardente desejo de conseguir satisfazer o coronel, murmurou:

—Se D. Miguel quizesse!

—Que D. Miguel!

—O Forjaz...

—Mas esse é primo de Gomes Freire! bradou arrebatado.

—Sim!

—Ah! Deve ter piedade d'um membro de sua familia.

Beresford calou-se e corou, ficou-se a ouvir o coronel continuar:

—Mas sem duvida vae conceder-vos a licença que sollicito...

—Qual?!

—Para vêr Gomes Freire!

—Meu amigo!

—Marechal, pois duvidaes? interrogou muito ingenuamente.

—Decerto que duvido!

—O que?! Pois D. Miguel collocará acima do coração uma formalidade ligeira?!

O marechal não respondeu e o coronel continuou:

—Não póde ser... Tenho a certeza que não ha duvida alguma em me consentir que visite o primo, esse bravo, o general tão injustamente accusado!

—Injustamente! exclamou o marechal.

—Sim!

—Sabeis que essa affirmação carece de provas, disse a medo.

—Oh! Está provado...

—Como?!

Redobrava de receios ao que se via e fixava sempre o outro que bradava:

—Como?! De que o accusam?! De ter tentado contra o rei, contra vós, contra a patria, não é assim?!

—Sim!

—Acreditaes então que um homem que em nome da patria entre pela Hespanha e lhe toma duas povoações, seja contra essa patria?! Acreditaes que elle seja contra o rei senhor, d'essa nação, e contra vós, seu representante?!...

—Ha uma cousa que leva os homens a tudo, declarou Beresford d'um certo modo medroso.

—O que, marechal ?!

—A ambição!

Campbell não poude conter uma gargalhada forte e retinida; encarou o chefe e disse:

—Acreditaes na ambição de Gomes Freire ?!

—Não quero dizer tanto...

—Meu marechal, estamos falando como dois soldados!

—Sim... sim... volveu quasi suffocado.

—Como dois soldados leaes que jámais seriam capazes d'uma perfidia...

—Sim!

—Pois bem, estamos falando d'um homem nosso companheiro d'armas e vós quasi acreditaes na sua ambição...

—Eu...

—Por Deus, marechal, racicionemos, atalhou elle com ousadia extranha.

E com essa ousadia sempre egual, foi a dizer:

—Acreditaes em mim ?!

—Oh! Coronel!

—Pois bem... Eu na Russia vi quanto elle era pouco ambicioso.

—Como ?!

—Muito simplesmente... Depois d'Oczackow, vi Catharina II pôr-lhe ao pescoço o cordão de S. Jorge...

Beresford olhava-o cheio de pasmo e ouvia accrescentar:

—Vi que o general o acceitava como um acto de justiça com a espada d'honra que ella lhe entregou...

—Por Deus!

—Sim, marechal, eu vi tudo isso e ouvi muito mais!

—Dizei, dizei tudo!

—Gomes Freire, foi feito coronel na Russia e em Portugal era apenas sargento-mór...

—Oh!

—A imperatriz offereceu-lhe o commando da sua guarda.

—Oh!

—E o ambicioso, marechal, o ambicioso, apenas lhe respondeu: Senhora, não... Tenho saudades da minha patria!

—Campbell!

—Marechal!

—Falaes verdade, eu creio...

—Por Deus vol-o juro...

—Vejo que tendes razão, disse sempre na sua voz suffocado.

Como um remorso o pungiu e espicaçou, como uma grande tristeza se lhe marcou no olhar. Então, muito desesperado, tornou:

—Não comprehendo bem como o accusam, não sei de provas...

—Marechal, eu saberei tudo...

—Coronel... Dou-vos esse direito! exclamou como se tomasse uma terrivel resolução.

—Apenas a vós de quem sou amigo, queria provar isto... Agora tenho um caminho...

—Qual ?!

—O que vou seguir...

—E qual é ?!

—Vou ter com D. Miguel Forjaz a sollicitar-lhe licença para vêr o general...

—Coronel! Não vol-a dará!

Como Campbell o olhava muito pasmado, Beresford, dizia:

—Não vol-a dará, eu o sei... Mas ha um meio...

—Oh! Pelo amor de Deus, dizei-m'o... supplicou o leal official.

—E' simples... Eu se não posso consentir em que vejaes o general, não posso impedir que o governador da Torre de S. Julião ás ordens do governo central, o veja!

—Quereis dizer ?!... balbuciou um pouco embaraçado.

—Que tenho o direito de nomear os officiaes para as commissões de serviço!

—Marechal!

—Meu amigo, quero dizer que vos nomeio governador de S. Julião da Barra!

Soltou um grito e quasi lhe cahiu aos pés, exclamando:

—Oh! Como sois grande!

—Amigo, não faleis assim... Tomareis conta do vosso logar mas sob juramento de que o cumprireis como um verdadeiro militar...

Como entendesse um respeito n'aquellas palavras do marechal, elle apenas disse estendendo a mão:

—Juro!

—N'esse caso lavrarei a vossa nomeação!

—Obrigado!

Sentou-se á carteira e escreveu a ordem, entregou-lha e abriu-lhe os braços:

—Ide!

Campbell, muito enternecido, balbuciou:

—Nunca esquecerei similhante favor!

—Amigo, ide apresentar-vos aos governadores do reino!

Quando elle sahiu radiante, o marechal, bradou:

—Oh! Cumpri o meu dever!

E ficou calado, por momentos a fixar a janella, embevecido como abstracto, murmurando ainda:

—Oh! E' uma tragedia... E' uma tragedia!

XX

O inquerito

Entrava na sala o barão d'Eben. N'um canto o intendente da policia olhava a sua figura forte, de militar e os dois ajudantes mandaram-no sentar. O escrivão, ergueu a cabeça calva e ficava-se a roer a rama da penna.

Havia um grande silencio. O barão estava de braços cruzados. Sobre o peito da farda abotoada.

—Sois o barão d'Eben? interrogou um dos ajudantes.

—Sim, sou eu!

—Conheceis Gomes Freire?! tornou um dos homens.

—Sim, conheço!

—Desde ha muito?!

—Desde ha um anno...

—E como vos ligastes com elle?!

—Porque o sabia um heroe, porque assistira á morte de seu tio Bernardim!

—Ah! Conhecestes Bernardim Freire, o traidor?! regougou o intendente da policia.

—Traidor!

—Sim... Pois não foi morto pelo povo de Braga, depois de ter deixado entrar os francezes na cidade?!

—Senhor... Eu conheço o caso, sei que era impossivel a resistencia! declarou o barão em voz irada.

—Bem... Adiante! ordenou de novo o sr. intendente.

—Conheceis então o general desde ha um anno?! tornou o ajudante do alto funccionario.

—Sim!

—Tinheis intimidade com elle?!

—Ia a sua casa!

—Ah! E o coronel Monteiro, conheceis?! tornou elle.

—Não... Apenas conhecia Antonio da Fonseca Neves a quem falara na descripção d'uma fortaleza que eu desejava...

—Ah! E não conheceis o Monteiro nem o Ribeiro Pinto?!

—Não!

—Não sabeis tambem da conspiração?!

Elle hesitou uns momentos e logo declarou:

—Com effeito Fonseca Neves, falou-me vagamente...

—Vagamente?!

—Sim ..

—Ah! E como vos falou elle n'isso?!...

—Não me recordo! Sei apenas que tratou d'uma sublevação!

—Falasteis n'ella a Gomes Freire, não é verdade?!

Elle, muito lealmente, declarou:

—Sim...

Os dois ajudantes soltaram um suspiro d'allivio e o intendente da policia, deveras alegre, exclamou:

—E que vos disse elle?!

—Disse-me entre outras cousas e seguinte: Meu barão, tu não conheces Lisboa, nem o povo portuguez, pois este quando não tem que falar sonha sempre com conspirações e já assim era antes de d'el-rei e sua familia partirem para o Brazil. Não dês credito a essas novidades que são levantadas no Caes do Sodré e outras praças publicas...

—Oh! E essa resposta não a d'estes a mais alguem...

—A Fonseca Neves, que se calou, redarguiu elle.

—Muito bem...

O intendente de policia, tirou então uns papeis sobre a secretaria e bradou:

—Barão d'Eben!

—Senhor...

—Conheceis estes papeis!

Elle acercou-se, viu-os, volveu da mesma forma:

—Sim!

—São vossos?!

—Sim...

—N'esse caso tambem é vossa esta proclamação!

Eben, fez-se pallido, olhou o papel que elle lhe apresentava e volveu:

—Reconheço-a!

—Ah! Como estava em vosso poder! interrogou elle como se tivesse jogado uma boa cartada.

—D'uma simples maneira...

—Vejamos!

—Recebia-a pelo correio quinze ou vinte dias antes de ser preso!

—Ah! E que fizesteis diante de semelhante cousa?!

—Fiquei muito perturbado de vêr que chamavam o povo á revolta!

—E então?!

—Então, no meio de tudo isso, não persistimos...

—Muito bem e que fizesteis?! interrogou com a mesma segurança.

—Fui mostral-o à Gomes Freire!

Os tres homens olhararam-se e sentiram um estremecimente.

—E que vos disse elle?!

—Senhor, Gomes Freire, é meu amigo e aconselhou-me...

—A que fosseis denunciar a conspiração?! interrogou o intendente da policia muito ironicamente.

—Não! Isso seria indigno d'um militar como elle...

—Ah! E que vos aconselhou então o digno militar?! interrogou em modo escarninho.

—Que guardasse esse papel ou o inutilisasse, que o não mostrasse a ninguem, pois que d'ahi podiam fazer um crime!

—Oh! E achaes bello e digno o conselho?!

—Senhor, elle é meu amigo?!

—Negaes então ter tomado parte na conspiração?!

—Nego...

—Bem e que dizeis a este caderno que está cheio d'insidias e d'ultrages dirigidos ao marechal!

—Ah! Conheço-o tambem! volveu elle de cabeça levantada.

—E' feito por vós?!

—Sim...

—Odiaes então o marechal?! interrogou de bom modo o intendente.

—Não!

—Porque escrevestes então?!

—Esse papel não é obra minha! E' apenas uma mera copia...

—Uma copia?!

A custo o intendente continha uma risada ante a defesa assim architectada e exclamou:

—Explicae-vos...

—Sim, vou dizer-vos tudo!

—Recebi pelo correio com a proclamação um papel cheio d'insidias e que copiei!

—Para que?!

Era um interrogatorio cerrado que lhe faziam e elle buscava defender-se a todo o transe diante da accusação que pesava sobre a sua honra. Ia dizendo sempre do mesmo modo:

—Eu copiei e enviei para Inglaterra o original afim de mostrar ao meu amigo duque de Susrex o estado de opinião em Portugal!

—Ah!... Porém para que copiar?! tornou logicamente o funccionario.

—Por mera curiosidade!

—Barão!

—Senhor...

—A vossa defesa chega a ser ridicula!

—Senhor!

—Repito... Tentaes ludibriar a justiça!

—Mas...

—Vós fosteis o maior agente de toda essa conspiração. Sois o amigo dedicado do chefe...

—Que chefe! bradou elle deveras pasmado.

—De Gomes Freire!

—Pelo ceu não o deveis accusar, disse logo o barão.

—Porque!

—Sempre se negou a tudo, senhores! declarou elle.

—Ah! N'alguma cousa então lhe falaram...

Eben, mordeu os beiços e não achou resposta.

—Vejamos, dizei tudo, tornou o intendente.

—Que dizer!

—A verdade!

—A verdade eu disse, senhor, não sei mais nada...

—Ah! Não quereis dizer mais nada?!

—Nada mais sei...

—Fazei entrar o reu Pinto da Fonseca Neves, ordenou o intendente em voz terrivel.

Era um homensinho miudo, atarracado e que entrou a receiar. Viu o barão e saudou o logo muito humildemente.

—Conheceis o reu presente?! perguntou o ajudante

—E' o senhor barão...

—Ah! Vós conheceias a conspiração: não é verdade... Falae... Sois quasi uma testemunha... Não vos julgo implicado, declarou o intendente com certa esperteza.

O homensinho, estremeceu d'alegria e disse logo:

—Conhecia apenas o Cabral que me falou n'isso e mostrou umas proclamações tão sediciosas que eu até disse que isso merecia ser atirado pela janella fóra!

—E onde foi isso?!

—N'uma casa em que todos frequentavam e onde me levaram d'olhos vendados!

—Ah!

—Até vi que era mal feito não ir denunciar...

—Sim... E porque o não fizesteis, interrogou o outro.

—Ah! E' simples... Porque tinha um meu parente envolvido n'isso!

—Um vosso parente?!

—Sim.

—Quem era?!

—João Ribeiro Pinto...

—E que mais se passou n'esse serão?! tornou o funccionario.

—Dissera-me que era necessario salvar a patria e tinham o apoio de grande homens...

—Falaram d'alguem?! interrogou á pressa o intendente.

—Sim, falaram de Gomes Freire!
—E de quem mais ?!
—E do senhor barão !
—Ah! que tendes a dizer, barão ?! interrogou de novo.
—Este senhor veiu perguntar-me se na verdade fazia parte da conspiração...
—E' verdade, atalhou o outro, logo muito á pressa.
—E que respondeu o barão, interrogou ainda o intendente.
—Que era falso emquanto a elle e que acerca de Gomes Freire nada o levava acreditar em tal, tornou o homem em voz mal segura.
—Bem e d'ahi, como terminou tudo isso? tornou um dos ajudantes.
—Terminou por me affirmarem os outros que na verdade tanto o barão como Gomes Freire estavam compromettidos!
—Senhores! exclamou o barão d'Eben n'um impeto. Juro-vos que é tudo falso... Gomes Freire não tomou parte em cousa alguma!
—Porque falam d'elle n'esse caso? interrogou o intendente.
—Pois não vêdes que careciam d'um nome para alugarem os adeptos e terem confiança!
—Ah! E só havia o nome do general?
—Decerto: Se elle é um heroe, se tem fama...
—E' boa a defeza mas reparae que esse heroe sabia da conspiração e não a denunciou!
—Querieis então que elle fosse um infame?!
—Um infame?! Ah! E que chamaes então ao seu procedimento?!
—Senhores, vós sois crueis e não sabeis o que é a honra d'um militar...
—Levem esse homem! ordenou o intendente de policia. Levem ambos!
Então com o seu modo mais soberbo, mais altivo, bradou:
—Miseraveis! assim tentaram contra el-rei nosso senhor!
—Mando entrar outro réu? disse o escrivão.
—Sim... mandae!
Mas n'este momento D. Miguel Forjaz, muito grave no seu trajo negro apparecia e exclamava:

—Excellencia!...

—Oh! Senhor governador, v. ex.ª por aqui?... Que honra, que enorme honra!

Elle baixou os olhos, tomou-o de lado e disse:

—Ouvi-me, senhor intendente, ouvi-me!

—Pareceis doente, senhor D. Miguel... disse elle muito cheio de cuidado.

—Eu venho para saber novas...

—Estão quasi feitos os interrogatorios. Breve irão todos ao tribunal!

—E' que queria de vós uma coisa... uma bem simples coisa...

—Ordenaes, sennor governador!

—Ordenar?!

—Decerto...

—Já me basta o ser da governação, amigo! Escutae...

—Sou todo ouvidos...

—Aquelle meu parente, esse pobre general, é innocente, não é verdade?

—Gomes Freire?

—Sim.

—Sinto dizer-vos...

—O quê?!...

Abafou um grito e continuou no mesmo tom triste:

—Pois o quê, é culpado?!

—Excellencia, ha muito contra elle...

—Meu Deus!

—No emtanto, disse o intendente da policia, fazendo-se familiar. No emtanto, é crivel que tudo se possa liquidar...

—Como!

—Para não vos dar esse desgosto!

D. Miguel Forjaz olhou o sobranceiramente e bradou:

—Intendente, é assim que cumpris o vosso dever?

—Excellencia...

—Oh! Por Deus, nem me quero lembrar do que dizeis...

—Mas para poupar V. Ex.ª...

—Sabei que acima de tudo, de parentes, de familia, de mim proprio, das minhas dores, das minhas torturas, colloco o rei, colloco a patria!

Muito vermelho, o intendente curvou-se e elle accrescentou :

—E' necessario fazer justiça, não é verdade? Pois a justiça que seja feita!...

—Senhor!

—Embora eu soffra, embora todos soffram. Acima de tudo, o rei!

E saudou-o, foi-se, n'um grande ar altivo que obrigou toda a a gente a murmurar:

—Que grande homem!

O intendente, ainda todo encolhido, meditava.

D. Miguel Forjaz, ao entrar na carruagem tinha nos labios um sorriso sarcastico, extranho e victorioso.

XXI

Sempre infeliz

O novo governador dará as suas ordens, senhor general... Mas devo prevenir-vos que não espero nada de favoravel! exclamou o carcereiro diante do general que o olhou com pasmo a dizer:

—O novo governador?!

—Sim...

—Temos então um novo governador?! bradou elle.

—Desde manhã tudo mudou... O outro mudou e o recem-chegado tomou posse... Teve mau ar...

—Ah! quer dizer que por si vae tomar a minha vida!

Era extranho assim com o seu ar doloroso e o carcereiro compadecia-se d'elle, achava-o deveras sympathico na meia submissão que usava alem adentro d'aquelle carcere negro, estranho e compadecido cada vez mais, dizia:

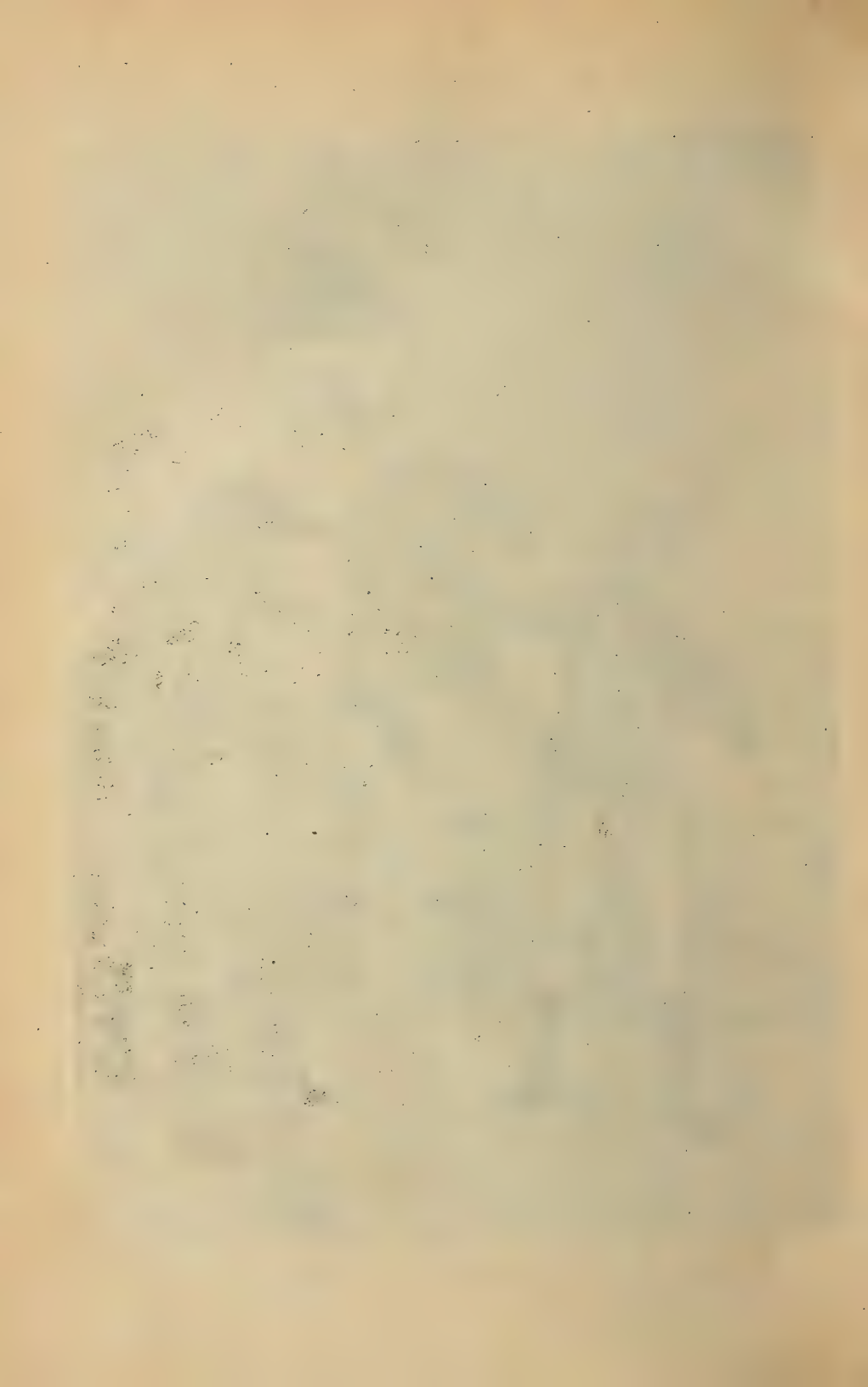
—No emtanto é crivel...

—Que consinta em que o meu creado venha aqui, em que me deem thesouras e tratem com mais piedade?

—Tudo depende dos senhores que dirigem o governo...

—Bem, meu amigo, quereis ir dizer ao senhor governador que lhe desejo fallar?

—Irei!

— Por Deus, mas defrontem-me com essa gente!

O carcereiro sahiu; rangeu de novo a porta chapeada e elle ficou só. Veiu lhe um desespero, murmurou:

—E' uma infamia!

E sentia mais do que nunca essa infamia a chicoteal-o, via-se perdido, arrastado, posto de banda como um miseravel. obrigado a esquecer o mundo e a ser esquecido d'elle, quando tivéra um passado brilhante, quando fôra o primeiro entre os primeiros e vira a côrte a temel-o.

Lembrou-se então de que estava pagando tudo isso e vinha-lhe com a colera uma indignada revolta; via se pequenino, posto de rastos, sentia se o infimo, de todos o peor, e murmurava:

—Ah! Se pudesse justificar-me!

Essa justificação acudia-lhe clara e rapida, muito espontanea e muito clara aos labios, sentia que lhe bastava dizer algumas palavras para se resolver tudo. No emtanto não havia ninguem que o quizesse ouvir.

De novo a porta rangeu nos gonzos, elle viu um homem que entrou, soltou um grito d'alegria e exclamou:

—Meu amigo!

Reconheceu sir Campbell, vira-o com o seu fardamento e com o seu olhar endurecido e então correu para elle, cahiu-lhe nos braços com grande pasmo do carcereiro que ficára á porta.

—Oh! Que milagre! exclamou de novo o general.

—Milagre, meu amigo?! interrogou o inglez no mesmo enternecimento.

—Mas decerto... Se viestes... Se vos vejo quando não esperava jámais ver um amigo!

—General, tereis ainda de ver os outros...

—Os outros! disse elle a lamentar-se. Os outros!

—Não sei porque falaes n'esse tom...

—E' que não tenho mais amigos! bradou Gomes Freire apertando de novo a mão do inglez.

—Não digaes tal!

—Ah! A prova é que só vós viesteis aqui!

—E elles porque não vieram? Porque se lhes cortava decerto o caminho.

—Mal a vós, Campbell?!

—A mim?!

—Sim... Como pudeste vencer tanta reluctancia como parece existir da parte d'essa gente em consentir que me visitem ?!

—Foi Beresford!

—Elle!

—Sim...

Gomes Freire, deveras pasmado olhou-o de face. Leu-se uma desconfiança no seu rosto, appareceram nos seus olhos evidentes signaes de receio.

—Elle!

—Sim... O meu marechal!

—Ah! E porque não me dá então as honras que me são devidas!

—Isso não póde elle fazer! volveu amargamente.

—Não percebo, n'esse caso!

—E' simples. Beresford não manda aqui cousa alguma.

—Então quem manda?! interrogou logo muito sobresaltado.

—Os governadores do reino...

—A regencia?

—Sim...

—Oh! miseraveis!... exclamou elle muito fóra de si, accrescentando:

—E eu a julgar-me victima d'esse estrangeiro quando são os portuguezes que me sacrificam! Eu a julgar-me victima de Beresford quando talvez devo accusar alguem que bem conheço!

—Acreditae, general, acreditae que Beresford fez o que poude!

—Só poude dar-vos essa licença? perguntou desesperado.

—Nem essa mesma!

—Então?

—Poude nomear-me governador de S. Julião da Barra para viver mais perto de vós!

—Archibald!

—Meu amigo!

—Pois sois o governador!

—Sim, por vossa intenção e por mercê de Beresford!

—Meu Deus... Acabam emfim os meus tormentos!

Duas lagrimas rolaram pelas suas faces magras; a sua mão estendeu-se a procurar a de Campbell e de seguida, o general bradou:

—Jámais esquecerei o que me fizesteis!

—General, eu nunca esqueci a Russia...

—Oczacow!

—Sim!

Mais animado, satisfeito, n'um impulso, o general bradou:

—Oh! Ainda me recordo bem... Os nossos na avançada, os turcos na derrota... Ah! e as intrigas!

—Sim, as intrigas... Vós sahindo victorioso!

—Mas receando sempre a traição n'essas plagas, receando sempre o punhal d'um sicario...

—N'essa terra onde as imperatrizes se dão aos generaes...

—E onde os imperadores morrem pelo veneno!

—Ah! General... Vós podieis ter sido tudo ali n'essa Russia...

—Tudo!

—Pois a imperatriz teve por vós um capricho...

—A que fugi... Receava mais essa mulher que um bando de turcos... Mas, Campbell, para que recordar...

—E' bom!

—E' bom recordar a felicidade antiga quando se é feliz... Mas quando se é desgraçado, de que vale essa evocação?!

—E' o consolo!

—E' o desgosto!

—General!

—Eu sempre fui o dominador, sempre da minha honestidade fiz um escudo e por isso facil se tornava falar alto... Agora...

—Um dia falareis...

—Pois esperaes salvar me?!

—Decerto... General... disse elle a meia voz. Por isso vim...

—Oh!

—Sim, para isso vim... Tenho comvosco uma divida.

—Não!

—Tenho! A divida mais sagrada do mundo...

—Corro um grande perigo, não é verdade?!

—Sim!

—Accusam-me de traidor?!

—Accusam!

—Quanto careço de coragem! bradou elle de repente. Mas hei-de tel-a... Quero tel-a atravez de tudo... Ainda não desanimei

dentro d'estas paredes, ainda não tive o terror, ainda não temi o inimigo!

—E' proprio de vós!

—Sim! Bem sei e vejo que não devo desanimar... Acredito ainda na nação que me conhece... Acredito ainda no tribunal...

—Tambem eu! exclamou logo o inglez, accrescentando:

—Beresford será por vós!

—Ah! Archibad, eu não queria viver aqui só... Por vezes sinto me a fraquejar... Nas noutes, então?! Os meus olhos procuram uma distração, a minha voz quer ser ouvida por alguem...

—Eu virei...

—Oh! Archibald, e não podereis mandar-me o meu creado, não podereis consentir em que fosse tomar um pouco d'ar para o terraço da fortaleza?!

—Só Beresford me poderá dizer... Vou escrever-lhe...

—Obrigado!... mil vezes obrigado!

Agora o governador mal podia conter as lagrimas; sentia esse golpe bem fundo a ser-lhe vibrado, tinha um terror de si proprio e só uma vaga esperança o animava.

—Meu amigo, começou de novo o general. Meu amigo. Deve haver alguem que deseje visitar-me...

—Gomes Freire, é escusado pedir isso! respondeu o outro.

—Porque?!

—Jámais a regência vos concederá tal!

—Dizei-me ainda, tornou elle no mesmo tom de desespero. E como corre todo esse processo!

—O vosso?!

—O d'elles... O meu, todo esse negocio, toda essa infamia...

—Foram presos muitos militares que estão em S. Jorge...

—Bem sei...

—Os civis estão no Limoeiro.

—Pois sim e o processo?!

—Ignoro...

—Guardam segredo!

—O mais rigoroso!

—Santa justiça, declarou elle n'um tom amargo e ironico. Santa justiça de boa gente...

—Aquietae-vos meu amigo, pediu o outro, aquietae-vos...

— Pelo céo, não o deveis accusar, disse logo o barão.

—Eu saberei ter mão nos meus impulsos.

—Sabeis que tudo depende de os guerrearmos tambem ?!

—Como !

—Fazendo espalhar no povo que sois innocente...

—Espalhareis apenas a verdade !

—Por isso mesmo...

—E uma vez que o povo o saiba, acreditaes que me soltem ?!

—Então será o momento da nobreza intervir...

Gomes Freire sorriu, encolheu os hombros e exclamou :

—Ah ! Bem se vê que sois extrangeiro e d'uma terra onde cada um sabe pugnar pelos direitos...

—Quereis dizer ?!

—Que não acredito n'essa intervenção da nobreza !

—Não ?!

—Não... Sabeis porque... Porque todos receiam ser castigados...

—Mas...

—Conheço-os, meu amigo... Ninguem me salvará se a regencia o quizer ! eis tudo.

—E o marechal ?!

—Nem esse, ao que julgo !

—Porque o dizeis ?!

—Se Beresford nem tem poder para me mandar as visitas, se para pôr ao meu lado um amigo, carece de o nomear governador da fortaleza...

—Tendes razão, disse elle baixando a cabeça.

Mas de repente, n'um impeto, como se achasse o melhor dos meios, bradou :

—E el-rei ?!

—D. João VI ?!

—Sim... O vosso rei...

—Meu amigo, el-rei está longe, está muito longe...

—O que não impede de receber uma carta...

—De quem ?!

—Vossa... De certo vos conhece ! volveu o outro.

—Não sei... Eu vivi muito fóra do reino, nunca andei na côrte a rastejar... Fui soldado e não lacaio...

—Mas o vosso nome !

—O que é isso para uma côrte de beatos!

—General, se os da regencia vos ouvissem!

—Mais uma razão teriam, quereis dizer!

--Não! Sinto que falaes n'um desafogo?

—Enganae vos, amigo, redarguiu elle logo com força.

—Engano-me?!

—Sim, enganae-vos... Foi sempre da mesma opinião, gritei-a sempre ahi pelas ruas, defendia na ponta da minha espada... Ah! não conheceis a minha vida...

—Mas el-rei é bom, sem duvida... Tenho ouvido d'elle cousas de bondade!

—Se é bom ou mau, não sei... Nunca se sabe o que é um principe, o que vale, o que decide... Isso, amigo meu, depende do tempo ou dos servos; dos conselhos ou da felicidade que se gosa quando se recebe o memorial...

—Ah!...

--E' a verdade! Depois esse memorial para chegar ás mãos de D. João VI, tem que correr muitas outras...

—Talvez d'amigos...

—D'amigos?!

—Porque?!

—Ah! não sabeis então que os meus amigos ficaram no reino não sabeis que só sahiram d'elle na Legião Portugueza a serem heroes?! Os outros, os-que partiram diante das bayonetas francezas não podem ser amigos d'homem como eu!... Depois, meu caro Archibald, esse memorial, assim humilde nas mão d'elles seria a minha eterna vergonha... Não, não, prefiro esperar!

—Esperaes commigo! declarou o outro muito satisfeito com semelhante linguagem.

—Esperarei!

—Mas hão-de vêr o que a nação lhes exige!

—Não exigirá cousa alguma, podeis crêr?!

—Meu amigo! Caminhaes para o pessimismo?!

—Na logica... E' uma nação morta!...

—Que pode ter alento d'um momento para o outro...

—Sim... Com a liberdade, declarou firmemente e de modo que o inglez estremeceu.

—General! exclamou elle. Ides ser franco...

—Sempre o fui!

—Sabeis que sou vosso amigo! Dizei me pois se tomastes parte n'essa conspiração?!

—Eu!

—Sim, vós... A maneira como falaes, essa ambição de liberdade!

—Não é legitima n'um preso?! disse a rir.

—Pois sim... Vejo tudo... Sois conspirador!

—Não...

—Juraes...

—Juro-vol-o... Não fui conspirador só por esse crime!

—Qual!

—Não encontrei homens capazes de levarem a cabo essa revolta!

—Por Deus!

—Sim... Mais ainda... Quando me contaram os seus planos desapprovei os, mostrei-lhes as razões... Eis tudo!

—Acredito vos!

—Archibald, sabeis que vos falava verdade atravez de tudo.

—E eu saberei escutar-vos e continuar a ser vosso amigo.

—Obrigado!

—A conspiração em coisa alguma altera a nossa amisade...

—E o meu ideal não succumbirá deante de qualquer amigo, nem mesmo deante d'um irmão! Não conspirei, apenas porque não vi gente capaz de conspirar! E' a verdade!

Archibald Campbell, cada vez o admirava mais, sentou-se n'um canto do calabouço e exclamava:

—No emtanto, não ireis dizer isso aos que vos interrogarem...

—Direi tudo!

—General!

—Que importa! Eu não sei mentir, sei calar ou sei dizer verdades! Ouvi, meu amigo... Mandae-me militares ao inquerito porque a esses esbirros da justiça não responderei!

Ficaram então mais algumas horas conversando e Gomes Freire, ao cabo d'uns momentos ria com o amigo, recordando os episodios alegres da sua lamentosa mocidade, da sua juventude gloriosa e revoltada como a velhice.

XXII

Beresford

O ajudante de campo de sir Archibald Campbell, apresentou uma carta ao marechal que a recebeu sorrindo:

—Estava de bom humor o senhor intendente da policia?

—Não sei, marechal...

—Como, não sabeis?!

—Nem sequer o vi!

—Anda então muito atarefado, o senhor intendente?!

Não esperou resposta; abriu a carta que o funcionario lhe enviava, fez-se pallido e murmurou:

—Oh! Parece impossivel!... Foi só isto o que lhe deram?!

—Só, meu marechal!

—Elle não disse mais nada; sentou-se á secretaria e escreveu á penna:

«Pateo do Saldanha, 29 de maio de 1817, 8 horas. Pela manhã.

Sentia-se a penna rangendo no papel e o marechal, muito cançado ia escrevendo sempre com a mesma intensa velocidade:

«Meu caro Campebell

«Waton, informou-nos hontem que o seu desejo de deixar ao tenente-general o seu creado, não foi approvado. O vosso ajudante

de campo veiu aqui no decurso do dia e eu mandei-o com recommendação minha ao Intendente geral da policia, para que permitisse ao tenente-general aquelles artigos que o seu commodo exigia. Não sei qual foi o resultado porque o vosso ajudante não tornou aqui.

«Urgi hontem e esta manhã tornei a escrever para que se fizessem arranjos em ordem a Gomes Freire e os outros terem o que na realidade lhes fosse necessario e n'este instante recebi em resposta que a minha carta fôra remettida ao intendente geral da policia, do qual, posto que não tinha tido instrucção alguma, espero comtudo que terá dado as necessarias direcções e particularmente que terá mandado um breve para subintender a communicação com Gomes Freire e examinar, tanto quanto elle julgar necessario tudo quanto vae ou vem d'elle; tirando dos militares, por este modo, qualquer responsabilidade em casos inteiramente alheios das suas obrigações. Vós continuareis a ter a guarda de sua pessoa, superintendendo os outros a communicação com elle e examinando quaesquer coisas que lhe sejam mandadas. Tambem escrevi para que se lhe permittisse dar procuração a algum amigo para tomar conta da sua casa e dos seus negocios; mas tudo foi já para o intendente da policia, a quem heide mandar para saber o resultado. Estou certo que vós administrareis todos os confortos que estiverem em vosso poder a uma pessoa, nas suas, presentemente, infelizes circumstancias. A respeito dos arranjos para a vossa guarnição, temos aqui muito serviço extraordinario por causa d'este negocio e não vos podemos fornecer traje nenhum da cidade.

Estimarei saber se alguma ordem ou pessoa da parte do Intendente de policia tem chegado a S. Julião para arranjar alguns commodos mais para o general Freire d'Andrade.»

Vosso mui deveras

Beresford»

—Levae isto! disse elle com desgosto. Eu vou sahir.

O ajudante saudou-o e quando elle transpoz a porta, Beresford, agarrando a cabeça entre as mãos, bradou:

— E' infernal tudo isto! Mas que vida será a d'elle!...

Tocou um timbre e bradou de novo:

—Que inferno!

E para o creado que appareceu, Beresford, exclamou:

—A sege!

Olhou-se n'um espelho e viu-se pallido, sentiu um calafrio. Desappareceu-lhe a sua antiga ambição de ser rei diante do que via.

O inglez não tinha a coragem de ir até ao crime.

Quando o servo lhe veio dizer que estava prompta a carruagem, desceu a escadaria, saltou para a sége e deu ordem que o levassem á calçada da Ajuda, a casa de D. Miguel Forjaz.

Atirou o seu nome ao porteiro, galgou as escadas, ficou n'uma sala todo afogueado.

O outro, appareceu mettido n'um roupão, muito sorridente, de braços abertos:

—Oh! marechal, a que devo tal honra!?

—Senhor governador! disse elle dignamente. Trata-se de vosso primo!

—Primo?!

—Sim... Do general!

—Ah! Marechal, não me apoquenteis, por Deus!

—Apoquentar-vos?!

—Sim... Eu não tenho familia d'essa! vae... os traidores jámais entraram em nossa casa!

Ante aquella resposta dada tão altivamente, o marechal, replicou:

—Não quereis n'esse caso melhorar-lhe a má sorte!

—Impossivel!

—D. Miguel!

—Meu amigo!

—Reparae em semelhante desdita, reparae bem, por Deus!...

—Reparar?!

—Decerto...

—Marechal: ha casos em que um homem de bem jámais repara... Essa é uma d'ellas! Gomes Freire, segundo o inquerito é um traidor vil...

—Segundo o inquerito?!

—Segundo as testemuhas, segundo os seus cumplices!

—Mas é vosso parente! balbuciou o marechal.

—Já vos disse que não tenho parentes de tal laia!

—Mas acaso não é um fidalgo, não é um general?!

—E que tem isso?

—Tem, que mesmo na prisão lhe são devidas as honrarias...

Soltou uma risada e redarguiu:

—Quereis talvez que as sentinellas lhe prestem honras militares?

—As sentinellas! O desgraçado nem sabe da masmorra!

—Quereis que lhe mande dar o gabinete do governador?

—Basta, D. Miguel! bradou o inglez. Basta!

—Acho muito extranho, marechal, que venha aqui solicitar honras para um traidor!

—Para um homem!

—Um homem criminoso!

—Negaes lhe o que peço? interrogou com franca decisão.

—Sim!

—Pois bem... Sabeis que acima de vós ha alguem que lhe pode dar esse conforto!

—Acima de mim?! Quem?!

Cavamente, altivamente, Beresford, declarou:

—O rei!

—El-rei está muito longe, mylord, e vós sabeis que ninguem se atreverá a pedir-lhe tal...

—Eu!

—Vos?!

—Sim, eu!

—Marechal, é mau esquecer os amigos como eu...

—Quereis dizer?!

—Que esse rei do qual falaes hoje já foi por vós bem mal julgado!

Estavam face a face como dois leões, como duas feras e chegavam ao periodo das recriminações.

—Marechal, continuava elle, reparae que não merece a pena indispormo-nos por causa de Gomes Freire... El-rei fará muito por vós d'uma bem extranha memoria...

—E por vós! interrogou rapidamente o outro.

—Por mim, não o nego, nunca o neguei, mereço.

—E falaes?!

—Falo... Eu estou bem acreditado no Brazil...

—E eu?!

—Vos?! Sabeis marechal que ha sempre invejosos... Viram que estaveis quasi com um pé no throno...

—Por Deus!

—Não vos exalteis... Sejamos serenos, sejamos homens!

—Ah! Recieis homens...

—Grandes, dignos! Sim, D. Miguel Forjaz. Pois não castigaram os traidores?

—Que odio é esse?!

—O meu odio? volveu elle rilhando os dentes. Ah! não é odio!

E sorriu, fez-se palido, decidiu:

—E' justiça! Não tenho culpa de ser governador do reino quando meu primo é culpado d'alta traição. Cumpro o meu dever!

Com nojo, Beresford, ergueu-se; ia fulminado mas o outro apenas disse:

—Marechal, sabeis que tendes deveres a cumprir.

—E eu sei que não cumprirei senão o que julgar meu dever!

—Ninguem vos pedirá senão disciplina!

—Falaes a um militar!

—Por isso mesmo... Se amanhã houver uma revolta, deveis censurar o throno d'el-rei... Sim, d'elrei... Vós desperdiçaes muito o poder, marachal!

—Não fallemos mais n'isso! disse elle.

—Como quizerdes!

—Bem... E que respondeis de vez acerca do general?! Notae que estou farto de ouvir infamias!

Mas D. Miguel sentia-se vencedor e esmagando Beresford com o riso dizia-lhe ainda:

—Marechal, é uma má occasião para levantar-mos questões.

—Porém....

—O quê! Mão acceitaes esse principio em que houve uma conspiração?!

Como elle mal respondesse, o governador do reino tornou:

—Pois acaso não ha papeis que o demonstram? Não os tivesteis na mão?

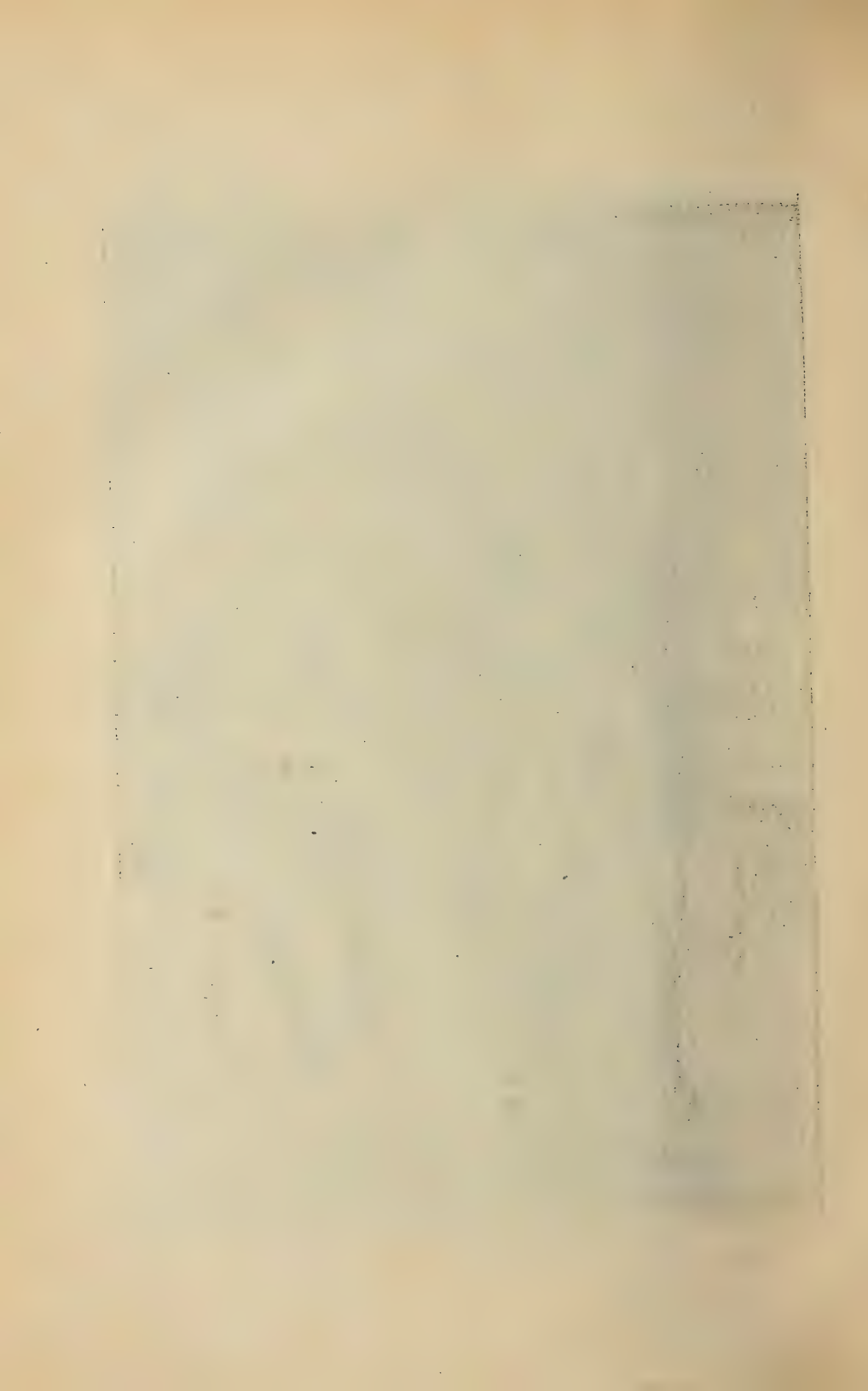
—Sim!

—N'esse caso...

—Não foi a vós proprio que revelaram o caso?

Elle, como allucinado, declarou:

—Foi!

— Marechal, sabeis que tendes deveres a cumprir!

E a sua voz era tremula, o seu olhar vago na recordação de que concorrera para semelhante cousa.

A vida do acampamento sem aquellas complicações burocraticas entrava a apetecer-lhe, sentiu-se mais homem d'espada que arrancaria no momento dado e incommodava-se deante da logica do outro que palrava como de chacota.

—E' tudo!

—Custa-me no emtanto que o general soffra!

—Que general? exclamou o outro com o mesmo modo. Ah! Gomes Freire! Porém os juizes decidirão...

—Com mil raios! bradou Beresford. Acaso não podeis dar-lhe todas as honras inherentes á sua gerarchia?!

—Seria abrir um exemplo!

—Para quem?!

—Para os outros, para essa gente que está no castello, para os coroneis, para os outros officiaes!

Depois sorridente, esfregando as mãos, acrescentou:

—No emtanto...

—O que?

—Se vos interessaes...

—Sim, interesso-me!

—O intendente da policia resolverá até onde fôr possivel...

—E' um favor?!

—Sim...

—Senhor, não posso acceital-o! declarou solemnemente.

—Então não sei!

—Ria sempre, D. Miguel de Forjaz a irritar o inglez.

—Já ia muito longe o tempo em que se entendeu com elle e sonhou em fazel-o rei. Agora achava-o muito cheio de honra, com muito de soldado, com a proverbial maneira dos homens d'armas a desolar-se diante d'uma infamia, a indignar-se.

—Então, olhou o grande relogio de pendula comprida, viu as horas e disse:

—Marechal, quereis passar á sala de almoço?

—Obrigado! disse machinalmente, e logo tornou:

—D. Miguel!

—Marechal!

—Eu parto!

—Para onde? interrogou, como admirado.

—Para o Rei!

—Para o Brazil?!

—Sim!

—Impossivel! exclamou elle de chofre, encarando o.

—E porquê?!

—Sabeis acaso qual será a sentença pronunciada contra esses traidores?!

—Não!

—Sabeis acaso se as tropas obedecerão á pessoa que ficar em vosso logar?! E' um momento critico, mylord...

—Quereis dizer...

—Que não deveis sahir de Portugal!

—Mas quero falar a S M.

—Depois! volveu elle muito seccamente, dizendo logo:

—De resto, sabeis que D. João VI em cousa alguma pode influir...

—Não irá á sua assignatura o decreto do condemnação?!

—Oh! acaso sabeis se serão condemnados?! perguntou velhacamente.

—Espero que sim!

—Reconheceis-lhes então a culpa? interrogou mais uma vez.

—Oh! Pelo ceu! exclamou o marechal. Basta de comedias!

—Marechal! Eu estou aqui em nome d'el-rei!

—Senhor... O que se passou entre nós!

—Quiz experimentar a vossa fidelidade... declarou n'um tom ironico. Não sabeis então que em politica fazem-se muitas cousas assim!

O inglez lançou-lhe um olhar desesperado e sem o saudar sahiu acellerado a dizer:

—Que homem! O que elle fez d'uma cousa tão pequena?!

D. Miguel Forjaz, deixou-o partir e encolhendo os hombros

—Como esses juizes são amorosos...

XXIII

A honra d'um prisioneiro

No quarto, passeava Gomes Freire muito agitado, andava d'um lado para o outro, lançava olhares desesperados para a porta e sentia uma enorme tortura.

Havia dois mezes que não sahia d'ali e que não via cousa alguma do seu destino; apenas via entrar de quando em quando uns homens que o interrogavam e que sahiam logo levando as suas imprecações, os seus desesperos, as suas coleras, partindo com tudo isso a irem embaralhar mais a sua situacão.

Acreditava em Beresford á força de ver como a gente o protegia, e via a inutilidade d'essa protecção ao recordar-se do pacto que o esmagava. Por um natural pudor calava-se.

Parecia-lhe uma deshonra para si o ser victima d'um membro da sua familia.

Rangia os dentes e via todo o proveito que elle tiraria d'essa situação, a fama de inflexibilidade que lhe viria, as honras, os accrescimos paro a sua casa.

Recordou-se então de que D. Miguel Forjaz, conseguiu pela astucia o que outros tinham conseguido d'uma maneira firme e honesta.

Entrára no exercito e fôra desde logo um d'esses que buscam

viver e passar com os reis ou com os seus validos, fugindo á vida do acampamento e levando uma existencia dourada.

Lembrou-se de que elle fôra amigo do conde d'Alva e que comera na meza do regente que dormia nas alcovas das amigas de Carlota Joaquina, entregue na sombra, procurara ferir os seus inimigos. E soltou um grito ao lembrar-se tambem da carta que o doutor escrevera a seu respeito no tempo da guerra peninsular e onde lhe chamavam louco.

Fora essa carta que chegando ao reino e vinda d'um parente, obrigara os ministros a chamal-o; o obrigara a deixar o exercito e a partir para vir dar contas das suas convenções com o general Stocker.

Ligava tudo isso e sentia que um grande rancor o invadia e sentia que devia sahir d'alli limpo de mancha para matar o outro.

Com a sua grande imaginação via-se já mettido na sua farda, cingindo o seu cordão de S. Jorge e com a sua espada d'honra, via-se sahir d'aquella torre ante as continencias dos soldados e por fim entrar na sége.

Pelo caminho, sem receio, apertaria convulsivamente o punho da espada e chegaria emfim a casa de D. Miguel.

Saberia barricar-lhe a sahida e saberia obrigal-o a um duello. Matal-o-hia e seria feliz.

Beresford, andava lidando por elle, havia de sahir d'ali.

Mas n'este momento a porta abriu se de repente e Campebell entrou. Vinha pallido, trazia um papel na mão.

—Governador! bradou elle avançando para o amigo.

—General!

Abraçaram-se como sempre, ficaram depois diante um do outro.

—Más novas?

—Isto!

E Campebell começou a lêr a carta:

—Meu caro! dizia Beresford. Só esta manhã recebi a resposta de D. Miguel, informando me de que os governadores do Reino não teem objecção a que o tenente general Gomes Freire me communique do modo que elle desejar, alguma coisa que elle julgue necessario dizer, para que eu haja de communicar isso mesmo a ss. ex.as os governadores.»

—Ah! que inferno! exclamou o general, deveras alanceado.

Mas é sempre a mesma cousa... Não tenho cousa alguma a ver senão com esses homens!

—Ouvi, meu amigo, tornou Campbell consternado.

«Vós sois a pessoa que elles nomearam para estar presente. quando elle receber a penna, tinta e papel...

—Canalhas! regougou o general.

—E emquanto elle escrever, accrescentou o coronel. Portanto eu não preciso dar outras instrucções senão que vejaes e olheis bem. Que vos parece o estado da sua cabeça e do seu juizo. Da informação que me deu o tenente Waddock, parece que elle está algumas vezes agitado.

—A minha cabeça, o meu juizo! bradou Gomes Freire com um sorriso triste. Ah! Julgam-me louco!

—Não, meu amigo... Não!

—Mas Beresford, parece recear que eu enlouqueça, parece tomar-me por um doido!

—Beresford parece apenas que receia de tantas commoções uma grande agitação para vós!

—Ah!

—Senão vêde!

E leu o ultimo periodo da carta, que dizia assim:

«Podereis vós procurar-lhe por lá algum quarto melhor e seguro onde elle esteja menos arriscado a soffrer da sua saude.

—Ah! Receiam que eu endoideça?! gritou elle n'uma furia. Pois bem, prefiro isso! Seria o esquecimento, seria o descanço!

—General!

—Oh! meu amigo... Já não tenho illusões...

N'um grande desespero atirou se para sobre a cama e bradou:

—Quero defender-me!

—Mas ordenae!

—Quero escrever a el-rei, quero escrever ao meu amigo duque de Susrex a narrar-lhe esta infamia!

—Podereis fazel-o.

—Quero que Beresford envie esses papeis da sua mão...

—Ah!

—Não o fará?

—Bem sabeis que por toda a parte ha espiões.

—E então...

—Se a ordem dos governadores é apresentarem todos os papeis que de vós partam...

—Beresford recusará envial-os?!

—Não... Terá no emtanto que lh'os mostrar...

—Ah! Já sei... Rasgal-os-hão... Ficarei na mesma...

—Esperae...

—Campbell... Eu estou totalmente perdido!

Foi o seu primeiro momento de desanimo.

O outro, como se tivesse a mesma convicção, disse:

—E se assim fosse?!

—Sei lá onde chegaria a infamia d'elles!

—Onde chegaria?

—Sim... Eram capazes de me degredar, de me enviarem para as pedras d'Angoche ou de me fazerem passar o resto dos meus dias na casamatta d'uma fortaleza!

—Nunca! bradou o outro em extrema agitação.

—Pobre amigo!

—Nunca! declarou elle. Nunca!...

Nos seus olhos lia-se uma intensa resolução, lia-se um fundo desejo de o salvar.

—Com o diabo! Porque dizeis isso! Não conheceis então os governadores de Portugal?!

—Conheço!

—Já vêdes...

—Vejo que saberei partir, ir eu mesmo ao Rio de Janeiro, arrancar o vosso perdão a el-rei, trazei-o commigo e soltar-vos!

—Soltar-me?

—Sim... Soltar-vos!... exclamou de repente.

Gomes Freire, abanou lentamente a cabeça, esboçou um sorriso e volveu:

—Julgaes então que eu gostarei de ser perdoado?!

—General!

—Sim, julgaes?

—Mas...

—Não comprehendeis pois, não é verdade?!

—Mas não...

—Sabeis que um innocente não carece de perdão!

—No emtanto...

—Perdão!... Perdão!... Que é o que a clemencia dos reis atira aos culpados a quem deseja fazer mercê!

—Depois podereis rehabilitar-vos!

—Depois?!

—Sim!

—Não quero... Ou saio do carcere rehabilitado ou não saio senão á força para o degredo...

—General, sejamos praticos!...

—Primeiro sejamos honrados! exclamou violentamente.

—Honrados?

—Sim, meu amigo... Pois não reparaes que amanhã sahindo d'aqui por uma mercê real não passaria do general Gomes Freire que intentou uma traição e ao qual o rei perdoou. O que diriam todos?!

—A nação sabe que sois innocente! exclamou elle.

—Não me digaes isso!

—Porque, general?!

—Para não ter d'amaldiçoar a minha patria...

—Porque?!

—Por tudo... Pois sabe-se que está aqui um innocente e ninguem se levanta a vir buscal-o?! Que nação é essa?! Não sabe, não, coronel... Julga-me um traidor...

—Traidor! Mas ainda que tivesseis conspirado não serieis um traidor!

—Traidor á patria! Sei o que me chamam... Vós bem o sabeis...

—Amigo! começou de novo Campbell. Ha cousas que são surpresas dolorosas e que no emtanto devemos vencer! Acima de tudo deve estar a coragem para repellir as affrontas!

—Aconselhaes coragem a um homem preso?!

—Se estivesseis solto facil vos seria tel-a! Sei o que valeis...

—Solto! Oh! Meu amigo... não peço mais que uma hora de liberdade...

—Uma hora!

—Sim...

—E' pouco...

—E' o bastante para poder vingar-me!

—Em quem?! interrogou o outro n'um grande sobresalto.

—N'aquelle que me perdeu!... Mas calemo-nos... Nem eu terei essa hora de liberdade nem vós podeis comprehender o que as minhas palavras querem dizer...

—General...

—Dizei...

—Acreditaes que sou vosso amigo, não é assim!

—Creio firmemente...

—N'esse caso, acceitaes um juramento?!

—Oh!

—Vamos...

—Acceito, amigo meu, desde que esse juramento não vos prejudique...

—Não me prejudicará! exclamou o inglez com toda a sua franqueza.

—N'esse caso, acceito e por Deus vos juro que de bom grado...

—Sereis livre ..

—Livre!

—Sim... Tereis essa liberdade que almejaes!

—Governador!

—Meu amigo...

—Agradeço-vos! declarou elle a sorrir. Agradeço-vos...

—E acceitaes!

—Isto era apenas um capricho meu! disse elle a sorrir. Não quero pela minha honra!

Depois mudou de tom e disse:

—Mandae-me antes papel e um barbeiro...

—Tudo vos será enviado!... Até logo!

Quando Campbell sahiu, o general atirou-se para sobre a cama e exclamou:

—Ah! Se eu podesse acceitar! Nem mais uma hora de vida o miseravel teria... nem mais uma hora!...

A' porta da prisão, o governador encontrou o tenente coronel Waddock.

Era um bom gigante louro, d'olhos azues, sentimentaes e humildes. O seu semblante impunha sympathia e o seu enorme corpazil impunha respeito. Lembrava um soldado do velho rei da Prussia, um forte e alto soldado cuja alma encerrada n'um corpo enorme era boa, candida e terna.

Campbell estendeu-lhe a mão, elle perguntou-lhe em inglez:
—O nosso amigo?!
—Desolado...
—Chamo-lhe nosso amigo porque na verdade o sou, governador... Tanto como vós...
—Tanto sim, quero crêr... Elle bem o merece...
Affastaram-se para a explanada e o tenente coronel, continuava a dizer:
—Dizem-se tantas coisas em Lisboa acerca d'elle!
—O quê?!
—Oh! Tantos boatos! murmurou o outro tristemente.
—Quaes?!
Tinham parado e estavam frente a frente.
O sol pallido de setembro innundava-os e elles sorriam com uma grande tristeza, no maior desespero.
—Que vão ser todos condemnados! disse de repente Waddock.
—Condemnados ao degredo?! perguntou o outro.
—Não!
—A' prisão perpetua? interrogou mais impaciente.
—Não! A' morte!
—O quê?! A' morte! exclamou no auge da colera.
Mas logo sereno, volveu:
—Isso é fallas da turba!
—Não! não foi ao povo que o ouvi...
—Onde?! Onde o ouviste?! interrogou de novo.
—No palacio do intendente emquanto esperava Watson, com o vosso ajudante!
Campbell, estremeceu, olhou o outro e redarguiu:
—Não o acrediteis!
—Quasi o não acreditei pelo menos em relação a este...
Nem se atreveu a pronunciar o nome de Gomes Freire. Tinha dentro em si como um vago terror, via n'elle alguma cousa que não podia explicar:
—Pelo inferno! Isso é uma maneira de atemorisar...
—Assim o creio!...
—A ser verdade, meu amigo, a ser verdade...
—Oh!
—A ser verdade, volveu n'um impeto. Teriam a revolução!

—Revolução que como soldados deviamos subjugar!

—E' possivel!

—Meu amigo, não pensemos em tal!

—E' necessario recusar...

—Por elle?!

—Sim!

—Ah! Juro-vos que já recusei!

Havia tanta firmeza n'aquellas palavras que o outro fixando-o, declarou:

—Tambem eu!

Trocaram um novo aperto de mão e foi cada um para seu lado.

Gomes Freire, desesperava-se sempre e clamava:

—O que um homem faz... O que faz um infame!

O mar vinha bater contra as paredes do forte e elle murmurava:

—Ah! E' o destino... E' o meu destino, este de soffrer... A liberdade! Ah! a liberdade...

Duas lagrimas lhe corriam pelas faces e elle concluia a dizer:

—A liberdade... N'esta hora ella seria para mim uma restea de sol que allumiasse e aquecesse...

O soldado entrou com a tinta e com o papel. O general via ao longe a luz do sol.

Campbell entrava tambem e exclamava:

—Amigo... Cá venho vigiar-vos!

E sorriam, o preso e o guarda.

XXIV

Os presos d'estado

Correra n'esse dia a noticia que no castello as familias dos presos lhes poderiam falar.

Foi como um rasto d'alegria a penetrar em toda a parte, em todas as casas dos parentes dos desgraçados.

Logo de manhã foi uma correria ao castello, mulheres e homens, com os seus farneis e com a sua enorme tortura, iam em busca dos que lhes eram queridos.

Em face do portão das armas havia um soldado que os olhava pasmados e dizia:

—Mas não tenho ordens!

Assaltavam-no com perguntas acerca dos presos ao verem-no tão serio e tão bondoso.

Elle apenas olhava para o interior do pateo e dizia:

—Sei que estão lá em baixo...

—Nas prisões mais escuras?! perguntou uma voz de mulher.

—Sim...

—Era o neto d'aquelle creado dos Tavoras que buscara vingar-se.

Nos seus olhos havia lagrimas, nos seus labios um sorriso nervoso e balbuciava:

—Não os deixam vêr?!

—Ah! Isso não...

Uma senhora d'edade, coberta de lucto e que se epeára d'uma sége, olhava-o enternecida e dizia:

—E' irmão d'algum?!

—Ella olhou-a, e volveu:

—Não, minha senhora... mas conheço os a todos!

—Conheceis meu marido? interrogou n'um soluço. O coronel Monteiro?!

—Conheço... E' um bravo! volveu simplesmente.

—Disseram-me hoje que lhes poderiamos falar...

—Mas é mentira! E' mentira! exclamaram muitas vozes desoladas.

D'entre o povo que se juntava, sahiam commentarios que feriam os desditosos.

—Tambem era melhor! gritava um faiante de S. Miguel d'Alfama. Essa canalha alta entreter-se a fazer baralhas e ainda se lembrar de ter attenções!

—Pudera... Olhe lá se aos pobres fazem isso! grunhiu segundo.

—E os pabres não se mettem lá n'essas cousas de politica! exclamou uma velha rabugenta, accrescentando: Credo, anjo bento... Malditos maçons...

—Não ouvis esta gente? perguntou a senhora de edade para a pobre, que respondeu:

—Que quereis... E' o povo... o povo a quem elles queriam dar a liberdade!

—Olha a fufia como canta! rosnou uma mulher que trazia um pequeno ao collo. Aquella tambem é das taes como a Ega que andou lá mettida com o Junot a comer dos pobres!

Ouviram-se gargalhadas. A familia dos prisioneiros começava a ser insultada.

N'este momento passou um official, a sentinella fez-lhe a continencia e a pobre correu para elle:

—Senhor, por Deus!...

—Minha senhora! disse elle galantemente.

—Por Deus, diga-me se não vão dar-nos licença para falar aos presos.

—Ah! não...

—Não?!

—Não, minha senhora! tornou de novo. Estão no mais rigoroso segredo.

Mas já a mulher do coronel Monteiro se acercara e dizia:

—E estão bons?!

—Minha senhora, nem eu mesmo sei... Desde que entraram para aqui apenas recebem as visitas da justiça...

—Ah!

Elle saudou e affastou-se. As duas mulheres ficaram face a face.

Poa fim a senhora d'edade sahiu:

—Meu Deus .. E saber que elle está ali...

Corriam-lhe as lagrimas a quatro e quatro pelo rosto engelhado e sentia-se que uma dôr funda a pungia, a retalhava.

Toda aquella gente chorava desolada, uma dôr profunda os alanceava e a joven, com os seus olhos enxutos, tomada d'uma infinita colera, bradou:

—Oh! Não é de lagrimas que temos mister!

—Minha filha... balbuciou a esposa do coronel Monteiro.

—Não! E' de vingança!...

Ao ouvirem-na falar assim aflastaram-se instinctivamente d'ella que tornava:

—Ah! E tel-a-hemos!

Mas, porém, a outra desfallecia. Tomaram-na nos braços, conduziam-na para a ságe e a joven tomava logar junto d'ella. Os outros ficaram n'uma espera, n'uma grande espera.

E quando deixou em casa a mulher do coronel Monteiro, ella, correu para o palacio de D. Miguel Forjaz.

O governador mandou-a entrar. Estava á meza com a familia, na casa de jantar rica onde havia uma atmosphera de felicidade.

Ella, da saleta contigua assistia a esse jantar pela porta entreaberta. Viu D. Miguel levantar-se e vir para o seu lado.

—Senhora... Que me quereis falar?!

—Sim...

—Dizei! volveu elle á pressa.

—Quero falar vos muito em particular...

—Passemos a este gabinete!

Introduziu-a n'um bello gabinete onde havia um rico mobiliario imperio e exclamou indicando-lhe uma cadeira:

—Sentae-vos!

—Estou bem...

—Vejamos o que vos traz a minha casa:

—Senhor... Correu hoje que seria permittida a visita aos presos do castello...

—Ah! assim foi...

—Fomos ali e negaram-nos a entrada...

—E quem ieis visitar?! interrogou de repente.

—Os presos implicados n'essa conspiração!

—Para esses não havia ordem...

—Bem sei...

—E que quereis de mim?!

—Venho dizer-vos que quero ir para junto d'elles!

Como se visse uma doida na sua frente, o governador exclamou:

—Impossivel!

—Mas se devo lá estar! volveu seccamente.

—A que titulo?! interrogou de repente:

—Como companheira d'elles! declarou a joven.

—Companheira!

—Sim!...

—Não vos creio!

—Pois conspirei tambem... Eis tudo!

—Com a vossa edade... Com a edade de minha filha?!

—Ah! o desejo de liberdade vive nos corações novos!

—Falaes como uma creança! disse o governador.

—Falo como uma mulher desejosa do bem da sua patria.

—E quereis que vos tome a serio?! disse D. Miguel.

—Porquê?! Acaso me julgaes louca?!

—Julgo apenas que um amor vos prende a algum d'esses conspiradores...

—E se assim fosse?

—Ah! poderia apenas tolerar-vos d'esse modo!

—Pois bem... Amo um d'elles, amo e respeito... Amo-o como se elle fosse meu pae...

—Ah!

—Esse homem está innocente e eu venho dizer-vos tudo quanto a elle se refere!

Contou de facto o que tratara com Gomes Freire, o que elle lhe respondeu, maneira como viveu na conspiração e os conselhos que o general lhe déra. Estava radiante ao falar assim e D. Miguel disse ao cabo d'uns momentos:

—E esse homem está preso?

—Sim!

—Ides fazer essas declarações á justiça! disse o governador.

—De bom grado!

—Narrae-lhe tudo isso se quereis sacrificar-vos mas desde já vos digo que não o deveis fazer...

—Porqué?!

—Esse homem será absolvido! disse elle de repente.

—Juraes-me?!

—O seu nome?

—Gomes Freire!

Elle empallideceu e disse logo n'outro tom:

—Comprehendo tudo... Quereis salvar o vosso amante!

Ella muito pasmada, ficou sem achar uma resposta rapida ao mesmo tempo que o outro dizia:

—Não creio que tomasseis parte na conspiração... Jámais homens como elle vos admittiriam no seu gremio!... Acabaes de fazer uma invenção... Ide com Deus e não faleis de tal!

—Porque, senhor?!

—Ninguem vos acreditará! Ide-vos! ordenou.

Porém esta n'um arranco indignado e selvagem, bradou:

—Ah! Pois seguirei o vosso primeiro conselho!

—O quê?!

—Sim... Irei d'aqui á justiça, irei dizer-lhe tudo. Mostrarei como sou culpada e direi o que tenho contado a toda a gente acerca de Gomes Freire!...

D. Miguel começava a irritar-se e então a joven, exclamou:

—No ultimo caso tomarei um navio e irei ao Brazil, entrarei n'essa côrte que detesto e narrarei ao rei o que se trama...

—Oh! Enlouquecceis?

—Julgaes?!

—Sim... Só assim se pode comprehender tanta coisa...

—Que miseravel sois!

—Senhora!

—Ah! direi que vim a vossa casa e que me fez dó ella, entre a vossa familia não tinheis remorsos do vosso crime.

—Do crime de defender a patria?! disse a meia voz.

—Defender a patria condemnando innocentes!

—São todos culpados! volveu o governador. Mas ainda que fossem innocentes tudo seria com a justiça...

—Com a justiça que os governadores do reino dominam!

—Senhora!

—Sim... Com essa justiça que os governadores do reino sabem mover a seu talante. Ora eis aqui o que direi ao rei!

—Podeis ir em paz e dizel-o... volveu a sorrir.

—De vós nada tenho a esperar? interrogou.

—Só a justiça!

—Justiça eu saberei fazer tambem por minhas mãos! ameaçou ella com colera.

Depois, sempre a indignar-se mais, accrescentou:

—Vi hoje os desgraçados, vi hoje os miseraveis! Vi os pobres e os ricos cujos parentes estão accusados, chorando além á porta do castello... Se os visseis...

—Que querereis... E' a dura praga das traições!

—Ah! senhor... E que castigo mereciam aquelles que entregaram Portugal aos francezes!

—Não discutamos... Senhora... sou um vosso servo... Ide em paz... Podeis ir á côrte... Se el rei quizer ser magnanimo...

—Ah! Eu lhe direi tudo...

De cabeça levantada foi para a porta ao mesmo tempo que D. Miguel exclamava:

—Só justiça faremos!

Penetrou n'outra sala, tocou um timbre.

Appareceu um creado e elle exclamou:

—Segue a mulher que sahiu d'aqui! Depressa... Não a percas de vista!... Que seja vigiada dia e noite...

—Sim, excellencia!

—Nada tens a vêr com ella, entendes?! Pode proceder como quizer mas de fórma que eu o saiba!

—Sim, excellencia!

—Vae!

N'este momento o joven sahia o portão e o creado, um velhaquete, já ia no seu seguimento, murmurando:

—Oh! E' uma conquista de s. ex.ª

D. Miguel, entrava de novo na sala de jantar e sentou-se tranquillamente ao lado da filha que dizia:

—Quem era, meu pae?

—Oh! Uma rapariga que desejava certa mercê!

—Vós lh'a fizesteis, não é assim?

O governador baixou a cabeça e replicou:

—Filha, ha mercês que se não podem fazer...

—Tratava se de algum dos conspiradores? interrogou de novo.

Elle accenou affectuosamente e a joven disse:

—Que pena eu tenho d'elles!

—Tu tambem, filha?!

—Eu e todas as minhas amigas .. Outro dia a Souto d'El-rei, chorou...

—Ah!

—Sim... Diz que era muito bom o general Gomes Freire... Meu pae, elle é nosso parente!

D. Miguel ergueu-se d'um pulo e bradou:

—O parentesco acaba onde começa a traição ao rei e á patria!

—Mas...

—Cala-te, filha... pediu elle, sentando-se de novo.

O resto do jantar passou se em silencio.

Parecia que uma grande desgraça separava os membros d'aquella familia ha pouco tão feliz.

D. Miguel de Forjaz, quando se levantou de dar as graças a Deus, teve um estremecimento.

Ao recolher-se ao seu gabinete, balbuciou:

—Mas que tenho eu?! Oh! não creio em pragas!

Mas sem saber porquê lembrou-se do bispo do Algarve, paralytico e sem fala, após o poderio.

XXV

Traidores á patria

tenente coronel inglez Waddock, viu partir a toda a brida a caleça do governador, após as palavras que lhe ouvira, aquellas palavras tremendas que o tinham deixado perplexo.

Então, sem saber como, excitado, louco, desceu a escada e dirigiu-se á prisão do general. Elle dormitava. Era no outomno, já começava o frio. As paredes ressumavam agua, estabelecia-se como um fremito cantante no aposento da torre.

Quando ouviu abrir a porta soergueu-se no leito, exclamou:

—Quem é?

—Amigo...

—Ah! sois vós meu caro tenente coronel?... Com mil bombas! E' bom logo pela manhã encontrar os amigos!

Levantou-se, veiu para elle de mão estendida.

Mas Waddock muito pallido, tomado d'um fundo desespero, ancioso e anciado, disse:

—Gomes Freire, temos que conversar...

—Como sempre, meu amigo, como sempre, desde que os senhores governadores do reino toleram as vossas visitas. Como vol as agradeço, amigo, como vol as agradeço e bem assim ao nosso go-

vernador! Se não tivessem vindo eu teria morrido d'aborrecimento. Oh! não sabeis ainda o que é este carcere!

—Oh! general... Um carcere como todos...

—Sim... O mal está só em ser carcere! exclamou elle rapidamente.

Gomes Freire, aquelle homem que atravessara a vida como um gladiador a esmagar inimigos e a ser um bravo, soltava agora um suspiro de cançasso e confessava ao inglez:

—Nunca julguei que me aconteceria tudo isto!

No rosto do outro havia uma extranha expressão, havia alguma coisa de desconsolado que o general não via; e em voz tremula, como para dizer alguma coisa, Waddock exclamou:

—Desesperaes general?!

—E como não desesperar?!

Mas de repente, com o seu velho brio, n'um esforço, bradou:

—E d'ahi não desespero não, amigo meu! Não tenho esse direito! O meu dever é outro...

Com voz tremula, o inglez disse ainda:

—Qual?

—O de confundir toda essa gente, o de confundir esses miseraveis...

Calou-se e ficou uns momentos recolhido; de seguida disse:

—Waddock, sabeis se enviaram a sua magestade o meu memorial?!

Era aquella a pergunta que constantemente lhe acudia aos labios desde que enviara esse memorial.

O tenente-coronel, apenas poude balbuciar:

—Foi entregue ao governo por Beresford...

—Ah! foi entregue ao governo... N'esse caso bem posso desespesar...

—O marechal não tinha poder para enviar elle mesmo esses documentos!

—O quê?! Acaso Beresford não exerce uma dictadura.

—Só a exerceu quando não era necessario...

—Agora...

—O governo pediu-lhe o poder e elle entregou lh'o.

—Miseraveis! N'um momento que elles julgam terrivel... Bem vedes Waddock que eu tenho um inimigo...

—Sim, tendes!

—Um grande inimigo...

—E' verdade.

—Mas elle ficava de cabeça baixa sem continuar ao mesmo tempo que o general exclamava:

—E não hei-de confundil-o?! Não hei-de mostrar a minha innocencia?! Ah! Acaso devo acceitar um perdão?!

Waddock d'esta vez fez-se pallido, tremeu-lhe mais a voz, disse:

—Não!

—Então que fazer?!

—Esperar...

—Farto de esperar já eu estou, meu amigo... Oh! bem vedes o que são os meus dias e as minhas noutes, de que horrores ellas são tomadas, de quantas dôres, de quantas tristezas ellas são compostas...

—Ainda um pouco de esperança...

—Em quê?!

Com um sorriso triste, o general perguntou pe novo:

—Em quê?!

—Nos vossos amigos...

—Ah! E que podem elles fazer?! Qual é a sua acção?!

—O que podem fazer?!

—Não se atrevia a ir até ao fim, balbuciou apenas aquellas palavras d'uma maneira extranha e disse ao cabo de certo tempo:

—Podem salvar-vos!

A maneira como elle disse aquellas palavras chocou Gomes Freire que o olhou e murmurou:

—Salvar-me?! São impotentes para o fazer! São impotentes para luctar com o outro!

D'esta vez o tenente coronel excitou-se, deixou a sua fraqueza, encarou-o com energia:

—General!

—Amigo!

—Sabeis que onde existe uma vontade ferina só ella manda?!

—Sei...

—Não acreditaes na vontade dos vossos amigos?!

—Acredito!

— Não acreditais na vontade dos vossos amigos?

—N'esse caso para que desesperar?!

—A vontade d'elles pode ser enorme e boa, porém, acima de tudo isso ha tambem a vontade ferina dos outros! Amigos isto é uma velha questão...

—Um velho rancor...

Com o seu sorriso triste, Gomes Freire disse:

—Peccados da mocidade!

Mais do que nunca se lembrava do que fôra, mais do que nunca recordava essas scenas terriveis do seu passado em que degladiara os rivaes, em que se tornou grande e em que por amor muito soffrera.

—Chegamos ao epilogo...

—Triste epilogo... Ah! Se eu fosse ainda o mesmo...

—Acaso não sois?! interrogou no mesmo tom energico.

—Não!

—Porque, general?!

—Porque o povo vê em mim um miseravel!

—Ah! Mostrareis pois que não o sois!

—Pois sim! Mas tanto luctei para que elle acreditasse em mim..

—Chegaes ao desalento?!

—Por Deus, não!

—N'esse caso, escutae-me...

Parecia que finalmente o inglez ia desabafar, parecia-lhe que ia dizer-lhe alguma cousa que o preoccupava e no emtanto conservava-se calado, conservava-se da mesma apprehensão da qual o tirou o general ao dizer:

—Que tendes a dizer?!

—Muitas coisas...

—Falae...

—General... Se não tivesseis outra salvação senão na fuga, acceital-a-hias?! interrogou de chofre.

Gomes Freire, muito pallido, ergueu-se e bradou:

—Nunca!

—Contava com essa resposta! declarou o inglez voltando á sua fleugma.

—Um homem nas minhas condições não foge!

—Tambem contava com essas palavras e mesmo desejava ouvil-as da vossa bocca...

—Amigo...

—Sim, desejava não só ouvil-as, começou de novo com um grande censo pratico. Mas tambem que m'as explicasseis!

—Não tem outra explicação do que esta: Estou innocente!

—E' necessario proval-o! declarou desassombradamente.

—Proval-o-hei!

—Como?! Aqui encerrado, escrevendo memorias que não são entregues, amarrado de pés e mãos emquanto os vossos inimigos têem liberdade de acção! perguntou elle.

—Waddock!

—Sim... Chegou o momento de falarmos como dois amigos!

—Mas sempre falamos!

—Nem sempre...

—O que?!

—Da vossa parte é a natural reserva para com um estrangeiro, para com um inglez no qual deveis ver um inimigo.

—Não! mesmo esse Beresford apenas vejo um militar compadecido d'outro militar!

—Vós sois aqui um preso, eu sou o official do presidio!

—Do qual só tenho recebido favores!... Bem sei, amigo, que são os outros, esses esbirros collocados aqui pela intendencia, que exercem a sua acção contra mim!

—Ah! Quereis dizer que absolutamente confiaes em mim?!

—Sim!

—Muito em absoluto?!

—Oh! Sim!

—Dae-me a vossa mão e escutae, tornou elle.

Com um sobresalto, Gomes Freire, estendeu lhe a mão e o outro continuou:

—Comprehendeis que as vossas memorias não são entregues, que não podem sahir do reino por fórma alguma...

—Ah!

—Sim... E' esta a verdade, a terrivel verdade!

—Mas...

—Escutae, meu amigo... E esta verdade é tanto peor quanto é certo que contra vós se trama ainda uma mais negra traição...

—Qual?!

—Breve a sabereis...

—Dizei, tudo!

—E' cedo para isso... declarou no mesmo tom.

—Mas Waddock, o que se passa?! Eu estou aqui encerrado, não sei cousa alguma...

—Sabereis tudo... Mas primeiro ouvi-me.

—Ouço-vos!

—Deveis sahir d'aqui e ir ao Rio de Janeiro...

—Eu?!

—Sim... Deveis ir ao Rio de Janeiro e apresentar vos ao rei de cabeça levantada, deveis narrar-lhe todas as infamias de que sois victima e a coberto de sua pessoa sollicitar um tribunal militar que vos julgará!

—Waddock!

—Meu amigo... E' isto...

—Mas acaso eu posso fazer isso?!

—Podeis! Ou antes deveis fazel o, por Deus! E' o vosso nome glorioso que vos impõe esse dever.

—Não! Seria um rebelde a valer!

—Rebelde!

—Decerto!

—Não ha rebeldia onde ha uma defeza legitima!

—Oh!

—Sim, Gomes Freire, deveis correr ao encontro do rei!

—Não!

—Porque?!

Travava-se entre elles uma lucta de generosidade.

O general ao cabo de certo tempo, levado por um singular impulso, no desejo de vêr até onde as cousas chegariam, bradou:

—Mas meu amido, dizei-me: E que faria eu no Rio?!

—Obterieis uma audiencia de D. João VI.

—E n'essa audiencia?!

—Dir-lhe-heis tudo!

—Ah! Sim... Comprehendo!

—Comprehendeis, emfim?! bradou muito cheio d'alegria.

—Sim, comprehendo!

—Ah! meu amigo!

Mas o general d'uma maneira grave, quasi severa, exclamou: Comprehendo! Eu chegaria ao rei e dir lhe-hia:

«Senhor, sou o general Gomes Freire, aquelle general que V. M. conhece, aquelle general que esteve na Russia e que andou com os francezes por ordem do governo portuguez, d'esse governo que V. M. deixou no reino... sou eu, que venho humildemente, aos pés de V. M. dizer-vos que me accusaram d'alta traição?! E eu, meu senhor, em vez de esperar que a justiça se pronunciasse, fugi da torre de S. Julião da Barra e corri ao Brazil a justificar-me!... Isto, meu senhor, tem muito maior desculpa do que d'um acto nobre, porém V. M. comprehende quanto eu devia luctar... E o rei, meu amigo, voltava-se para mim, dizia: Gomes Freire, eu te perdôo em nome dos teus feitos! Para alguma coisa elles serviriam!...

Tinha uma terrivel impressão no rosto e berrava:

—Era isso o que eu não quero fazer, meu amigo! mas ainda que o quizesse não sahiria jámais d'esta torre maldita!

—Não sahireis?! interrogou o outro em voz sumida.

—Não!

—E porquê?!

—Sou muito vigiado...

—Gomes Freire, sabeis que sou vosso amigo!

—Quereis dizer?!

—Que tenho ali uma farda d'official inglez, que tenho ali um barco fretado, que parte ao alvorecer d'amanhã um navio para o Brazil!

—Amigo!

—Sim... Quero dizer que vestireis essa farda, que tomareis esse bote e estareis salvo!

—Nunca!

—Ah!

—Nunca! Que grande cobardia! Que tremenda cobardia!

—General...

Foi com lagrimas na voz que o inglez supplicou:

—General! Fugi!

—Não! Não quero que me julguem culpado! Só os que teem medo fogem!

—Ah!

—Eu nunca voltei as costas ao inimigo!

—Quando tinheis os braços livres e a espada!

—Sim!

—Mas hoje!

—Hoje! Antes quero esperar! Agradeço-vos.

Ao dizer aquellas palavras cahiu-lhe nos braços.

Ambos soluçavam, ambos se viam agora bem unidos por uma enorme amisade.

Parecia que no fundo das suas almas esse affecto tomava um enorme vulto.

Instinctivamente olharam-se, Gomes Freire, bradou:

—Tu és bom!

—Tu és innocente, disse o tenente coronel, accrescentando logo:

—Ah! Vem commigo! Parte que eu respondo por tudo! Não é uma traição, é uma justiça! Campbell, sabe tudo!

—O que?! O governador!

—Sim, elle!

—Ah! Meus amigos...

—Acceitaes?

—E são os estrangeiros que buscam salvar-me! murmurou cada vez mais peturbado.

—Acceitas?!

—Não... Ainda é cedo!

—Cedo?!

Elle estremeceu ao pronunciar aquella palavra e encarou mais uma vez o amigo que dizia arrebatado:

—Meu pobre D. Pedro, meu pobre marquez d'Alorna, se tu os ouvisses, se fosse no nosso tempo, que grandes proezas teriamos praticado!

Enxugou os olhos e como consolado, exclamou:

—Amigo! Agora acredito na salvação. Acredito n'ella, por vós... Sim vós m'a dareis!

No rosto d'Woddock, passou uma nuvem curvou a cabeça e balbuciou:

—Só Deus sabe se te podemos salvar, por outro modo a não ser este de fuga!

—Porque?! gritou o general, fazendo livido.

Cavamente, lentamente, o inglez respondeu:

—O tribunal reuniu hoje!

XXVI

Más novas

Pela noute velha, tarde e más horas, entrou no pateo da fortaleza, a caleça do governador. Uma sentinella cerrou a arma diante d'ella:

—Quem vem lá!

Mas ao reconhecer o governador, apresentou a arma, calou o brado de continencia, diante d'um signal que elle lhe fez.

E Archibald Campbell muito á pressa, dirigiu-se para as bandas da secretaria onde brilhava uma luz.

Bateu levemente na vidraça; Waddock que o esperava, ergueu-se d'um salto, correu a abrir a porta:

—Coronel! exclamou em voz commovida.

—Amigo meu!...

Entraram; o governador cerrou as janellas, olhou o outro.

Assim face a face mal se atreviam a falar.

Só ao fim d'um quarto d'hora, muito a medo, Waddock, perguntou:

—O tribunal reuniu?

Com desalento, Archibald Campbell, deixou-se cahir n'uma cadeira, estendeu-lhe um papel que o outro leu soffregamente em voz baixa; para dizer depois em voz alta: «Por tanto e mais dos autos

TORRE DE S. JULIÃO DA BARRA
(Vista da parte sobre o mar)

hai por bem desautorados e privados de todos os privilegios, honras, dignidades de que gosavam n'este reino, de que igualmente hão por desnacionalisados os réus: José Joaquim Pinto da Silva, José Campello de Miranda, José Ribeiro Pinto, Manoel Monteiro de Carvalho, Henrique José Garcia de Moraes, José Francisco das Neves, e Antonio Cabral Calheiros Furtado e Sousa que se constituiram réus do horrorosissimo crime de Lesa Magestade, de primeira cabeça e alta traição, classificado no paragrapho 5.° do titulo 6 da Ordenação, do livro 5.° e por isso incursos nas penas que lhe são impostas pela mesma ordenação no § 9, os condemnam a que com baraço e pregão sejam levados ás forcas que se hão de levantar no Campo de Sant'Anna e n'ellas padeçam morte de garrote para sempre; e depois de decepadas as cabeças sejam com os seus corpos, tudo reduzido pelo fogo a cinzas, que serão lançadas ao mar!»

Quando acabou de lêr estas palavras, Waddock, coberto d'um suor frio, balbuciou!

—Que infames!

—Amigo... E' a pena para o crime de lesa magestade...

—E quem são os miseraveis que assignam isto?!

—Homens que temem o governo ou se deixam ludibriar por elle!

Muito pertubado, o outro leu o nome dos juizes:

«Gomes Ribeiro, Leite, Velasques, Girão, Araujo, Saraiva.

Soltou uma gargalhada nervosa, gritou:

—Só um teve a coragem de assignar o nome inteiro.

Ao mesmo tempo passava os olhos pelo documento e continuava a lêr:

«E outro sim condemnam em confiscação e perdimento dos bens para o Fisco e Camara Real, em affectiva reversão, e incorporação na Corôa das de Morgado, tendo de Fôro, constituindo esses bens que sahissem da mesma Corôa, no caso de as haver.»

—Ah! o confisco... Querem enriquecer! exclamou irado.

Campbell disse então a meia voz:

—E esses pobres Pedro Figueiró, o coronel Monteiro, Manuel Ignacio de Figueiredo, e Maximiliano Dias Ribeiro, tambem são condemnados á forca perdoando-lhes no emtanto o lançamento das cinzas ao mar...

—Ha outros que vão degredados... Cá estão:

«Francisco Antonio de Souza a degredo perpetuo para Angola, Pinto da Fonseca Neves com dez annos de degredo para Moçambique, Franscisco Leite Sodré da Gama, a cinco para Angola.»

Depois, com certa satisfação, disse:

—Ah! Não falam de Gomes Freire e apenas condemnam na expulsão do reino o barão d'Eben!

—Não te illludas, disse de repente o governador.

—O que?!

—Sim, não te illudas! Não falam de Gomes Freire, dizes...

—Porque lhe perdoam! Porque não lhe acham culpa!

—Esta sentença ainda não é publica!

—Não?!

—O marechal a sollicitou para mim!

—Mas não extranhas que não falem do general?

—Não!

—Meu amigo, que fazer?!

—Já lhe falastes na liberdade?!

—Já!

—E então!

Com desalento, disse a meia voz:

—Racusou!

—Desgraçado!

—Sim, recusou... Eu expliquei-lhe tudo!

—Falaste-lhe de mim?!

—Sim!

—Que alma a d'esse militar! Que grande general!

—Admiral-o?!

—Muito!

—Archibald, disse então o outro com a mesma energia. E se o salvassemos mesmo contra sua vontade?

—E' possivel?!

—E' facil!

—Como?!

—Iremos tomal-o á prisão, leval-o-hemos comnosco...

—Oh! Recusará sempre. Devemos antes aguardar a sentença! ou o absolvem e então será livre ou o condemnam...

—E n'esse caso?! interrogou cheio de anciedade.

—Devemos salval-o atravez de tudo!

—Ah! Sim!

—Dei ordem em Lisboa para que uma ordenança viesse trazer-me noticias que por ventura soubesse!

—Preveniste tudo?!

—Sim!

—Agora podemos falar a Gomes Freire!

—Sim!

Abafaram-se nas suas capas, desceram para a prisão.

Detraz d'uma peça, um vulto espionava-os, viu-os descer e ficou do alto a vel-os sumirem-se no carcere.

Então correu para o alto da fortaleza e accendeu uma luz. Ouviu-se um bater de remos na agua e um barco affastar-se para as bandas de Oeiras.

Era o encarregado de vigiar a Gomes Freire, por parte da intendencia que trocava um signal com os do governo.

Entretanto, os inglezes entravam na prisão, olhavam o general que acordava sobresaltado e diziam ao mesmo tempo:

—Sabes o que se passa?!

—Não!

—Já sahiu a sentença!

—Ah! Sou condemnado?! exclamou sem um desfallecimento.

—Nem de ti falam!

—Ah!

E não ficou alegre; teve apenas uma ligeira impressão e perguntou logo á pressa:

—E os outros?!

—Condemnados!

—Todos!

—Sim!

—A' morte!...

—Uns á morte, outros ao degredo!

—Oh! Pobres homens... Mas que extranha revolução foi essa, que terrivel brincadeira...

—São condemnados e sem apello! Os bens confiscados...

—Miseraveis!

Então ergueu-se na cama e bradou:

—De mim não falam?!

—Não?!

—Mentis!

—Não..... não!

—Ah! Sois muito meus amigos! lhes disse.

—Juro-te! bradaram a um tempo.

Com um extranho modo, Gomes Freire exclamou:

—Ouço os vossos juramentos e não vos acredito!

--Mas porque?!

Elle com a sua velha ironia, volveu:

—Tratando-se do confisco de bens, meu primo não me esqueceria!

Elles, muito pallidos, interrogaram:

—Queres dizer?!

—Que mais tarde os parentes dos reus herdarão!

—Gomes Freire isso seria vil!

—Vil! Ah! E o que é essa gente?!

Depois, acalmando se mais, balbuciou:

—Não creio, amigo, não creio que me perdoassem, menos creio que me esquecessem... Ahi ha sem duvida uma infamia maior!

—E' possivel!

—Acreditaes tambem em verdade, não é assim?!

—Sim...

—Pois bem... Então esperae e vereis!

—Esperar?! exclamou Campbell. Ah! Não podemos esperar...

—Porque?! Que queres fazer?! interrogou logo o general.

—Quero salvar-te!

Com um sorriso, Gomes Freire, disse:

—E's louco... Se nem sequer falam de mim...

—Ouve-me...

—Bem sei... bem sei, disse em tom commovido. Sois bem generosos ambos...

—Não... Somos apenas justos!

—Aguardae então a obra da justiça, esperae a augusta decisão do tribunal!

E riu ironico e terrivel, estendeu-lhe os braços, balbuciou:

—Adivinho alguma cousa de extranho!

Poz se a procurar a roupa, dizendo:

—Nem ao menos me têem mandado o barbeiro... Oh! meus amigos, como quereria vêr ainda a minha espada!

—General, ainda a usarás!

Muito baixinho, Gomes Freire, murmurou:

—No tumulo...

Os inglezes, continuaram:

—Dentro em pouco el-rei voltará a Portugal...

—O rei!

—Sim... D. João VI...

—E esse tem tudo ruim comsigo!

Terás então o teu verdadeiro logar...

—Não acredito!

—Beresford vae partir!

—O quê?! o marechal vae partir?! exclamou elle.

—Sim. Vae para o Brazil; vae dizer ao rei que não tomou parte n'estas infamias!

—E quem vos disse isso?!

—O proprio marechal!

—Hoje?

—Ha momentos, deante da sentença!

Gomes Freire, pediu então com grande interesse:

—Deixa-me vêr a sentença! Quero lel-a!

Entregaram-lh'a. A cada nome que lia, dizia:

—Mas nunca ouvi falar n'esta gente... Coitados! Que crime o seu! Não os conheço!

Quando chegou ao fim soltou um grito d'alegria e bradou!

—Ah! Deus é bom... Salvou-o!... Oh! meu pobre Frederico! Eu serei salvo tambem!

Archibald, olhou-o docemente e disse:

—O barão d'Eben foi salvo porque é estrangeiro! E' prussiano e a sua morte seria uma complicação para esse governo que já não tem parecer!

—Oh! Não devo então acreditar que me salvarão!

—Que te salvaremos, sim! bradou o governador.

—Pela fuga?

—Sim... Bem vês que é o unico meio!

—E eu no momento em que tal succeder, gritarei que atraiçoaes o vosso dever!

Era enorme ao falar assim; encarava-os com audacia e elles apenas exclamavam:

—Gomes Freire!

—Sim, por Deus, mais uma vez vos digo que faltaes ao vosso dever! Eu poderia ver morrer um irmão!

—Oh!

—Sim... Como soldado só vejo o meu dever! Elle manda-me ficar, eu fico... A vós, manda-vos guardar-me... Pelo diabo! Guardae-me!

Falava d'uma fórma em que havia commoção, desalento, desespero, tudo a um tempo; e nos seus olhos tremiam lagrimas agradecidas para a bondade dos amigos.

Foi Campbell que fallou.

—Gomes Freire, tu és um grande soldado e um grande amigo! Não queres partir por nós!

—O que?!

—Sim, exclamou Waddock, tu não queres partir por nossa causa... Eu já sei isso!

Elle baixou a cabeça e murmurou:

—Por vós e por mim...

—Mas se queremos!

—Perder-vos?!

—Oh! não nos perderemos...

—Perder-me, então?! interrogou elle com força.

—Salvar-te!

—Ah! a posteridade o que me chamaria! Eu só para ella luctei, amigos!...

—Mas se te condemnarem?!

—Morrerei! bradou com firmeza, accrescentando:

—Morrerei amortalhado na minha farda, com a cabeça erguida a commandar o fogo que me varar!

Bateram duas pancadas na porta da prisão. Ouviu-se uma voz exclamar:

—Senhor governador... E' uma ordenança.

—Lá vou!

Campbell sahiu; na sua frente estava um soldado com um despacho. Raiava a manhã.

Elle leu; levou as mãos á cabeça, ficou mudo com os olhos fixos no papel.

Lá dentro, o general exclamava ainda:

—Sim, morrerei a commandar o fogo que me varar!

Waddock! exclamou por sua vez o governador, n'um esforço.

E para o tenente-coronel que se accercara, elle com mão tremula, estendeu o papel:

—Lê!

Teve que se arrimar á parede, balbuciando:

—E' impossivel!

—E' certo!

—Ah! E fala o desgraçado em commandar o fogo!

Soaram as cornetas no toque d'alvorada.

Gomes Freire no seu carcere, sorria, saltava da cama, vestia-se á pressa e dizia:

—O toque d'alvorada... Oh! emfim ouço o; começo de novo a ser soldado!

E n'uma grande alegria, voltava-se para os amigos que entravam de novo no seu carcere, cabisbaixos, meditabundos.

Na esplanada as cornetas tocavam sempre e o sol, um pallido sol d'outubro, nascia.

XXVII

Um ministro

Carlota Joaquina, sorriu, encolheu os hombros, baloução a cadeira de palha e tendo nos olhos vivos uma scentelha do seu temperamento, disse para o conde dos Arcos.

—Mas senhor ministro eu vejo avançar sempre a revolução.

Elle, com um gesto de força, ousado, seguro, bradou:

—V. M. bem como el-rei parece não confiar em mim!

—Mas senhor. Estamos sobre um vulcão.

Isto era em 1817, em julho, no jardim do paço no Rio de Janeiro onde ella habitava com D. Miguel, então menino.

A rainha já tinha cabellos brancos, conservava na face uns restos de frescura e só nos olhos tinha ainda toda a sua belleza de dominio. Andava o Brazil em guerra com Artigas na banda oriental. As armas portuguezas tinham obtido victorias sobre o caudilho de gentios e agora a soberana receava mais do que nunca uma revolução em tudo egual á anterior que tivera logar em Pernambuco.

Mas o conde dos Arcos assegurava lhe a paz e ella, sempre desconfiada, exclamava:

—Tudo isso é bom, conde, tudo isso desmentia bem a vossa

força; mas deixae que vol-o diga, demostra tambem a vossa falta de censo politico.

—Magestade!

—Ah! Não me digaes cousa alguma. Eu tenho pratica de governar!

—Mas...

—Ouvi...

—Senhora, falae...

Gravemente olhava a rainha, agitou os bofes da camisa, enxugou o suor. Um passaro cantava n'uma ramada.

—Pois bem, tornou Carlota Joaquina, julgaes que somos aqui muito queridos?!

—Os brazileiros amam os seus soberanos!

—Resposta de cortezão, conde!

—De ministro, magestade!

—Oh! Não faleis assim...

—E porque?!

—Fazeis-me acreditar que cousa alguma vêdes dos negocios! Se é assim que informaes el-rei...

—El-rei!

—Quereis dizer no vosso pasmo que jámais o informaes!

—Sua magestade, vive tão alheio aos negocios?

Ella, com o mesmo sorriso velhaco e de dominio, bradou:

—Conde dos Arcos!

—Senhora!

—O rei sou eu!

Como o ministro a olhava cheio de pasmo, ella com um ar de commando, tornou:

—Já vol-o disse! O rei sou eu! Sou eu que não durmo, que tenho os meus agentes, que sei tudo!

—V. M.?!

—Eu sim... Sempre tive a mania da politica, n'ella creei cabellos brancos!

—Senhora...

—Todos estes que vedes, declarou a sorrir. Sim todos estes! Pensae que desde o meu casamento até hoje, jámais tive uma hora de repouso...

—Oh!

—Sim... Em Portugal, diante da pouca intelligencia de meu marido, fiz-me politica.

—Mas...

—Quero chegar a um fim, escutae!

Sorrindo sempre, a rainha accrescentava:

—Oh! E que de luctas! Conde, não estou a contar-vos isto por mero prazer! Obedeço a um fim, como vereis! Chamam-me por nomes, odeiam-me! E' que me sentem o pulso! Rainha finalmente ao cabo de tantas luctas, não quero deixar de o ser...

—Senhora!

—Conheço a historia da revolução franceza, volveu ella sempre do mesmo modo.

—Porém...

—Ouvi, conde! Maria Antonietta não tinha a minha presença d'espirito! A America não é a França, bem sei! Não se cortam cabeças, mas podem expulsar se soberanos! Oh! E eu ter de me acolher á sombra do throno do rei d'Hespanha quando posso reinar, não quero!

—Onde V. M. vae...

—Vou á razão logica das cousas!

—Qual razão?!

—E' verdade que os senhores governam sem prever. Porém eu!...

—V. M...

—Eu prevejo!

—Mas que prevê V. M.?! interrogou mais uma vez o ministro.

—Prevejo que este povo ardente uma vez entrado no caminho da revolução como a que estalou em Pernambuco, jámais deixará de pensar n'uma republica inteiramente egual á que a America do Norte possue e que a governa!

—Que dados tem V. M. para asseverar similhante cousa?!

Pasmado, de pé, muito perturbado, o ministro encarava a soberana deveras excitado:

—Oh! Eis o que vou dizer-vos.

Agitou-se mais na cadeira, soffreou um bocejo e continuou:

—Ha reuniões secretas no Rio!

—E' impossivel!

—E' seguro!

—Como o sabeis?! interrogou no auge do pasmo.

—Pela minha policia...

—Mas...

—Sim, conde, sim... Pela minha policia! Senão vêde... Ainda não ha tres dias que alguns coroneis se reuniram n'uma casa da rua das Violas!

—Oh!

—Sim... Isto quer dizer alguma coisa! Acautellae-vos!

—Mas senhora...

—Quereis provas?!

—Decerto!

—Fazei vigiar essa casa! Bem sei que não se trata d'uma revolução para d'aqui a tres dias...

—Então...

—E' bom prever... Depois basta ver a maneira violenta porque os jornaes falam! Olhae a *Matraca*.

—Mas nós faremos prender toda essa gente.

Sorriu desdenhosamente e volveu:

—Se fosse em Portugal, dir-vos-hia: Conde, estabeleçamos o terror...

—E aqui?!

—Conde, digo-vos eu, annunciemos o governo! Sejamos um pouco liberaes, deixemos acalmar os animos...

—E depois?!

—Oh! E depois?! gritou ella erguendo-se d'um salto. Depois a vingança!

Parecia louca, andava de um lado para o outro na sombra das arvores, affogueada, nervosa, clamando:

—Pelo inferno, conde... Eu podia ser hoje imperatriz!

O conde dos Arcos curvou a cabeça e ella continuou:

—Tenho tudo a postos, tenho tudo combinado... As possessões hespanholas receberiam a independencia e por senhora uma princeza hespanhola! Era eu! Eu que governaria na America e seria a maior das soberanas! Tudo me desmancharam e eu ainda não olvidei... São duas vinganças a tirar, podeis dizel o a el rei!... Uma d'elle, outra dos que buscam aida cercear mais o meu poder!

Muito vermelha, de braços cruzados no peito, Carlota Joaquina, atirava as palavras com ancia e batendo o pé, declarava:

—E não os pouparei!

—Senhora!

Na voz do ministro havia uma supplica, terno, nos seus olhos um pedido submisso:

—Senhora!

—Ah! não me conheceis, não! Nem vós, nem elle!

—El-rei?!

—Sim... El-rei!

—Mas reparae...

—Apenas reparo que o poder nos foge no Brazil...

—Nós o tomaremos!

—E se fôr tarde?!

Muito despreoccupado, o ministro declarou.

—Resta nos Portugal!

Carlota Joaquina soltou uma gargalhada retunda e exclamou:

—Portugal!

—Sim, real senhora?!

—Não sabeis então o que se passa em Portugal?!

O conde dos Arcos, com os olhos dilatados, todo n'um sobresalto, bradou:

—O quê?!

—Não sabeis então o que tem affectado profundamente a vida da regencia?!

—Não sei?! Oh! V. M. deve fazer me a justiça...

—De crêr que cousa alguma sabeis!

«Apenas Beresford manda em Portugal!

Tornou a si e tornou a fixal-o extranhamente:

—Que louco!

—Senhora!

—Bersford não passa d'um espantalho com os seus inglezes!

—V. M. affirma...

—Affirmo que Beresford é como um papão, apresentado a esse povo de creanças! Em Portugal, governam os meus amigos! Governa sobretudo D. Miguel Forjaz!

—Oh!

—E sabeis a que elle me diz?! interrogou ella.

O ministro, pouco a pouco mais pasmado abanou negativamente a cabeça.

Victoriosa, cheia de dominio, muito aspera,exclamou:

—Que rebentaria em Portugal uma revolução se acaso não fosse a sua previdencia!

—Ah! mas isso não tem importancia! declarou elle.

—Porque o dizeis?! interrogou unicamente.

—D. Miguel Forjaz, quer fazer-se valer!

—Conde!

—Senhora, podeis acreditar...

—Já vos disse que D. Miguel é meu amigo?!

—Verdade, senhora, mas é esta a minha opinião...

—Então os conspiradores presos são uns inventos?!

—Mas é tudo gente sem importancia!

—Sem importancia?! exclamou a rainha.

—Decerto!

—E Gomes Freire?! perguntou de repente uma voz.

Voltaram-se e D. Ramiro de Noronha, o conde d'Alva, já velho, tremulo, mas com um riso perfido nos labios, apparecia diante d'elles.

Curvava-se galantemente a beijar a mão á rainha e saudava o ministro, dizendo:

—Por lá se enturvam os ares, excellencia. E senão vêde como o exercito applaude as revoltas...

—O exercito?!

O pobre conde limpava o suor e balbuciava:

—Mas o exercito tem officiaes inglezes e...

—Ah! Eu quando falo do exercito, volveu o conde, refiro-me a Gomes Freire e aos seus cumplices...

—Gomes Freire?! Mas eu conheci esse homem, vi que era um vassalo fiel...

D. Ramiro encolheu os hombros e com a pupilia accesa n'um terrivel odio, bradou:

—Não sabeis que os ares de França toldam as cabeças?! Olhae que esse homem assistiu á morte de Luiz XVI.

O ministro, sorriu e volveu:

—Oh! Como tantos outros, excellencia!

—Serviu com o Corso!

—Como tantos outros!

—Conde! atalhou a rainha n'um berro.

—Magestade?!

—Dir-se-hia que tambem sois jacobino!

—Oh!

Porém elle sempre com o mesmo rir que gelava, accrescentava:

—Que falta de tacto tem esse pobre rei que me concebe em sorte! Até nos degraus do throno encontra quem desculpe as revoluções armadas contra elle!

—Senhora!

—Conde dos Arcos: Que posso dizer-vos!? não é verdade que não sabeis o que se passa no Brazil?!

—Mas...

—E' ou não verdade?! Ha pouco eu vos dava informações...

—Para mim desconhecidas, confesso!

—Ah! E agora não desculpaveis os conspiradores!

—Senhora!

Batendo o pé, a rainha, bradou de novo:

—Que ministro sois então, senhor conde dos Arcos!

Como o visse confuso, bateu-lhe no hombro, fixou-o, disse-lhe n'outro tom de voz:

—Procurae-me mais vezes e acreditae que tenho tambem o meu governo!

—Senhora!

—Não me faleis em lealdade ao vosso rei, bem sabeis que preparo o throno de meu filho...

—Como nós!

—Ah! não como vós. Disse ella cerrando os punhos. Não como vós!

—Oh! Mas V. M. duvida sempre.

—E' o fructo da experiencia! E ficae sabendo que hei-de fazer de Miguel um rei!

—De S. A.?

—Sim! Pois que julgaes?!

—Ah! Mas o senhor D. Pedro!

Sorrindo sempre, ella volveu:

—D. Pedro terá o Brazil se vós quizerdes!

—Eu?!

INFANTE D. MIGUEL

—Aplacae a revolução e meu filho mais velho enviará alguem, será imperador!...

—Oh! Magestade!

—Miguel, disse mais uma vez com firmeza, reinará lá em Portugal!

Admirado, o ministro,

—Que deixaes então a el-rei?!

—Oh! A el-rei?!... Ainda não pensei n'isso! mas..

—Mas?! interrogou ao vel-a sorrir extranhamente.

—Terá o meu amor!

A custo os dois homens poderam conter uma gargalhada e ao cabo d'uns momentos Carlota Joaquina, no mesmo tom lamentou:

—Estamos ha tanto tempo apartados!

Depois, approximando-se mais do conde dos Arcos, disse:

—Quereis ser o medianeiro entre mim e elle?!

—Senhora!

—Vamos!

—Mas sabeis...

—Que el-rei não me pode vêr?!

—Não é isso, senhora, disse então o conde d'Alva. Apenas deseja vêr V. M.

—Pois dizei lhe, meu amigo, que não lhe farei mal...

Travessamente, movendo os olhos, dizia:

—Sou uma serpente sem veneno!

Assim com o mesmo ar de desprezo e de ironia, ella, accrescentou:

—Oh! Conde, praticae essa boa obra! Dizei-lhe que tenho saudades!

Com uma gargalhada, affastou-se, subiu a escada que conduzia ao terraço.

—Que mulher! Mas que mulher! murmurava o conde dos Arcos.

D. Ramiro, acercou-se da rainha e disse-lhe:

—A que obedeceis?!

—Ao meu plano...

—Senhora... Sabeis o que tenho no coração!

—Pobre conde, meu pobre conde! Tens o odio a Gomes Freire!

—E o amor...

—Por mim?! Oh! Sediço o velho amor de muitos annos...

—Sempre insatisfeito!

—Oh! E ainda me chamam uma má mulher!

Fugiu a rir e o conde com a sua grande colera, ficou-se tambem a murmurar como o ministro:

—Que mulher! Que mulher!

Entretanto Carlota Joaquina, passou a uma sala onde costumava trabalhar e exclamou:

—O que eu seria se me ajudassem!... Mas quem?! Quero?! Talvez um revolucionario!

E como Maria Antonietta, a mulher de D. João VI, sonhava amores com um jacobino, ali na sala do paço muito cheia d'indignação, muito excitada,

—O que eu seria!

Uma voz occulta lhe dizia no emtanto que ella seria um flagello eterno.

XXVIII

Ainda um ministro

D. João VI, levantou se e surveu uma pitada.

O rei estava mais alliviado depois da oração.

Era um pobre homem, d'aspecto vulgar, era um obeso, um adiposo. Já tinha cabellos brancos e tinha tambem na face as rugas dos annos. Crescia-lhe a papeira, luzia-lhe o rosto.

Agora com a outra pitada suspensa, sorvendo a primeira com delicia, o soberano, sentava-se de novo.

Foi n'este momento que a porta se abriu com estrondo.

Deu um pulo, subiu lhe um grande calor de medo.

Mas á porta, perfilado, grave, estava um creado:

—E' S. ex.ª o senhor conde dos Arcos!

Em voz roufenha e tremula, o rei, bradou:

—Oh! Que entre... Que entre... E tu nunca mais abras assim as portas.

Suspirou, ficou á espera do conde, tomado de vesivel mau hu mor.

—Real senhor!

—Ah! és tu?!

Açodadamente perguntou:

—Que tens?! Que te traz?! Não é a hora do conselho?!

—Nem mesmo o dia!

—Temos novidades?!

—Ah! Não, real senhor!

—Não ha nada de novo?!

Muito tremulo fazia todas aquellas interrogações e por fim exclamava ante as negativas do ministro.

—E' que não tenho um momento de socego!

—Serenae, meu senhor!

—Serenar?! Não desejo outra coisa... Nunca desejei mesmo... E' terrivel, isto de governar povos!...

—Oh! Meu senhor... Mas bem vedes que reina uma grande tranquillidade!

—Pois sim! Mas dou-me mal agora. O clima, está quente... Ah! Os meus bons frades! Ah! a minha Mafra!

—Senhor... Mas porque não volta V. M. a Portugal.

Deu um pulo na cadeira e exclamou:

—A Portugal?!

—Porque não?!

—Ah! e todas essas revoluções?!

—Já vos disse, meu senhor, que são cousas sem valor!

—Conde... Para outro serão, para mim nunca!

—Mas V. M. tem talvez um meio de se aquietar:

—Qual?!

—A abdicação, disse decididamente o conde.

Vinha-lhe de repente aquella ideia, n'um certo fim politico.

—Oh!

—Sim, a abdicação?!

—Com quem?!

—No principe D. Pedro!

—E o Brazil dar-me-hia semelhante licença?!

—Decerto!

—Ah! Então eu poderia repousar, poderia dormir á sombra sem receio...... Ah! sem receio, não! Estamos sobre um paiol a que não chegou o rastilho...

Muito aborrecido, exclamou:

—Conde, sabes qual era o meu grande prazer?!

—Não, meu senhor!

—Ter nascido um simples fidalgo e tomar ordens!

E o labio gordo do rei tremia de medo.

D. JOÃO VI

—Jámais um rei que foi tão infeliz!... Ah! E ainda nos invejam! Eu, conde, nem familia tenho!

O pobre rei fazia dó com a sua carantonha gorda e feia, com a sua cobardia e com os seus tormentos.

Então o conde, lembrando-se a subitas das palavras da rainha, murmurou:

—Tudo tem remedio!

—Remedio?!

—Sim, meu senhor...

—Mas qual?!

—O mais simples, disse elle no mesmo tom.

—Mas qual?! interrogou de novo D. João VI.

—Porque não vos dirigis a S. M...

—A' rainha?!

No rosto do pobre homem mais do que nunca o terror, lia-se chapado o medo, parecia que lhe tinham aconselhado atirar-se ás cegas para um brazeiro. Revolvia-se, balbuciava:

—Oh! Não... Não...

—Porque, meu senhor?!... Tereis a vida de familia!

—E julgas que não aprecio!

—N'esse caso...

—Pois sim... Mas immediatamente a nação, toda essa gente começa a clamar!

—Contra V. M.?!

—Sim, eu bem sei... Começam por dizer que a rainha governa... E assim tenho andado desde que me casei, sendo o ludribio, sendo o mandado pelo povo! E' demais...

—Meu senhor... Ninguem poderia dizer isso...

—Ah! Vereis, se por acaso tal succedesse...

—Veria?! V. M. teria então abdicado!

—E' possivel, sim...

Mas logo, com desalento, disse:

—E ella?!...

—S. M.

—Sim... Ella...

—Não desejo outra cousa! bradou o ministro.

Cheio de contentamento, D. João VI, esclamou:

—Isso é certo?!

—Sim, meu senhor?!

—Receber-me-ha de bom agrado?! perguntou ainda desconfiado.

—Sim, meu senhor!

—Ah! Conde, deixa me só! Quero pensar!

—Meu senhor... Pensae e dizei-me tudo!

—Ouve... ouve... Não ha complicações no reino...

—Em Portugal?!

—Sim!

—Tudo caminha bem...

—E os pedreiros livres!

—Quasi exterminados...

—Que os matem... Que os matem!

O conde dos Arcos, com um ar desolado, murmurou:

—Meu senhor, sabeis que Gomes Freire está preso?!

—Gomes Freire!... Quem é? Quem é?!

O conde sentiu então um grande pesar por esse monarcha que era a unica pessoa nos seus estados que ignorava o nome do general.

—Senhor, tornou elle, é um official que fez serviço na Russia...

—E está preso?! Olha, conde, que fez elle?

—Accusam-no de conspirador, mas...

O rei, com um gesto de colera, exclamou:

—Ah! E' heroe... Ah! chamas-lhe heroe! Olha, conde, vae-te...

—Senhor...

—Vae-te... Eu quero pensar no teu plano acerca da revolta!

O ministro sahiu muito preoccupado e D. João VI, sentando-se na cadeira começou a lembrar-se de Carlota Joaquina.

Aquelle seu passado de ternura e de amôr, aquelle desejo que lhe ficára bem vincado, bem palpitante na carne flaccida, ainda o dominava.

Tinha medo d'ella e ao mesmo tempo sentia para ella uma attração, desejava repellil-a e queria unil-a ao peito.

E passava na memoria todas as suas caricias, todos os seus beijos.

Cahia a tarde, uma tarde quente do Brazil, elle sentia-se enlou-

buecido e sentia um desejo louco de a vêr, desde que o ministro lh'a recordara. E então, elle João VI, gordo, adiposo, sentiu em si o namorado dos vinte annos, sentiu-se capaz de a querer de novo ao cabo de tantos annos de separação. Ao mesmo tempo queria guardar um certo mysterio, uma enorme reserva, desejava partir com o ministro e ir encontrar-se com a mulher.

Assim ficou embevecido até á noute...

Quando o chamaram para a ceia, exclamou:

—Que venha o conde dos Arcos!

E comia, comia vorazmente, gulosamente, um pedaço de frangão, e dizia ao ver o ministro.

—Quero falar te!

Atirou ás guellas um copo de vinho e fez um signal aos creados para que sahissem. Então, a sós com o ministro, limpando a bocca ao guardanapo, muito á pressa, ergueu-se e disse:

—Vamos!

—Onde vae, senhor?

—Vamos ao encontro da rainha!

—Ah!

Ficou surprehendido, baixou a cabeça e não se atreveu a recuar desde que o rei bradou:

—Será uma bella surpreza! Vamos!

Deitou um olhar ao espelho e afivellou a espada.

O conde olhou-o pasmado sem o reconhecer.

—Vamos...

E dizia sempre alegre:

—Ah! meu amigo, nunca me senti assim!

—V. M. parece ter remoçado! exclamou o outro.

—Meu amigo, para mim no mundo não ha senão aquella mulher!

—E' linda! disse o ministro para dizer alguma cousa.

E o rei, por sua vez, de beiço cahido, reflectiu:

—E' linda!

Esteve uns momentos calado e depois tornou:

—Como serei recebido?

—Com o amor que mereceis!

—Falaste-lhe?

—Sim, meu senhor...

—Quando?!

—Hoje!

—Estava no paço?!

—Sim, meu senhor!

—E que vestido trazia?

—Um claro!

—Oh! Devia ficar-lhe bem...

—Muito bem.

—Vamos, conde, quero vel-a... Tenho necessidade de a vêr!

—A's ordens de V. M.

Sahiram bem embuçados, foram a pé para as bandas do palacio de Carlota Joaquina.

A' entrada, o conde acercou-se da sentinella:

—Conheces-me?!

—Sim, excellencia!

—Vou falar a sua magestade.

A sentinella apresentou armas e o ministro deixando que o rei se-lhe appoiasse no braço conduziu-o para a sala d'entrada.

Um creado, ao vel-o curvou-se; elle interrogou:

—Sua magestade?

—Nos seus aposentos!

E levantou um reposteiro a dar-lhe passagem para a ante-camara, onde a aia de serviço, bradou:

—Vós?!

—Sim, eu...

O rei continuava embuçado e tremulo, o ministro perguntava de novo.

—Sua magestade?

—Precisaes falar-lhe?

—Sim!

—Não sei se poderá receber-vos!... volveu ella com um sorriso equivoco.

D. João VI tremia cada vez mais, appoiado ao ministro e buscava acercar-se da porta que deitava para o quarto da rainha.

A aia deixava o ministro e dirigia-se para o aposento de Carlota Joaquina. Mas D. João VI impaciente ia tambem em seu seguimento á medida que ella abria a porta do gabinete de toilette.

—Real senhora! exclamou a dama.

Lá dentro nem uma resposta, apenas um ruido de falas mansas, doces.

—Real senhora!

A porta estava entreaberta e a rainha perguntava:

—Quem é?

D João VI, d'um salto, desembuçando-se affastou a aia e gritou:

—Sou eu, Carlota! Sou eu!

A dama d'honor soltou um grito e o rei recuou pasmado.

Carlota Joaquina estava no seu leito e tinha a seu lado o conde d'Alva.

—Ah!

O pobre rei cahiu desamparado n'uma cadeira no gabinete e o ministro, muito vermelho; segurava o e dizia:

—Meu senhor!

Deitou-lhe um olhar d'odio, de raiva, de colera.

De dentro, a voz de Carlota Joaquina dizia:

—Que ministro? Ah! Por isso o estado não caminha!

D. João VI fugia espavorido, com as carnes flacidas n'um tremor. (*)

(*) Este capitulo se não é rigorosameute historico, pertence ás innumeras anecdotas que na tradicção ficaram acerca de Carlota Joaquina.

XXIX

Uma supplica

Passava-se um dia inteiro sem que o governador e sem que o tenente-coronel entrassem no calabouço.

Já ia adeantada a noute e Gomes Freire não socegava.

Sentia n'aquelle isolamento uma terrivel ancia, o maximo do desespero.

No fundo não comprehendia como o abandonavam após tantas promessas. O proprio carcereiro ao entrar com a comida mal o olhava e o desditoso perguntava a si proprio o mal que fizera novamente para assim o votarem áquelle terrivel abandono.

Sem duvida tinham inventado alguma cousa nova a seu respeito.

Mas de repente cobriu-se de um suor frio. Julgou ter adivinhado tudo o que se passava.

Naturalmente, o governo comprehendeu quanto os outros o estimavam e vingava-se roubando-lhe semelhantes affeições.

Abafou um gemido e sentiu-se desditoso. O mar batia nas mualhas.

Já de maneira alguma podia socegar; pensava mil cousas, erguia-se do leito e entrava a passear pela casa.

E via bem que do outro, d'esse primo outr'ora seu inimigo apesar de todas as cortinas, devia partir todo o mal que lhe tinham

feito. Se não fosse assim sem duvida o tratariam melhor, dar-lhe-hiam as honras a que tinha direito.

No meio do desespero, louco, ancioso, o general já não reflectia.

Apossava-se d'elle uma terrivel colera, fechava as mãos n'um gesto de raiva e exclamava:

—Ah! Miseraveis... Miseraveis!

Depois, mal contendo os soluços deixava-se cahir sobre o catre

Em cima, na platafórma da fortaleza andavam os soldados n'um festim por essa noute d'outubro antes de recolher.

E sentia sempre em cima os folgares da soldadesca antes do recolher que lhe traziam recordações d'acampamentos ao luar em vesperas de batalhas por essa Europa nas margens dos rios largos da Prussia no meio dos gelos da Russia, nas paysagens quentes d'Hespanha onde os penachos das tropas republicanas, penachos vermelhos, eram grito d'alarme, de liberdade, de revolta.

Jámais os pudera vêr sem um anciedade, jámais pudera assistir a uma d'essas batalhas com os soldados da revolução sem que no intimo do seu peito tivesse uma dôr

O passado mais do que nunca lhe apparecia e elle murmurava:

—Se tudo pudesse voltar!

Mas era impossivel. Recordava bem a paz que a Europa assignalava e ao mesmo tempo estremecia ao recordar-se dos vislumbres de revolta que notava nos povos.

Tinha como a previdencia de futuras luctas.

Mas agora, elle via que já não podia ser povos contra povos mas sim nações a vingarem-se em luctas fraticidas.

Aquelle velho espirito gaulez, espirito de liberdade, jazia no fundo de todos os povos, estava a germinar como uma semente que o vento revolucionario levava atravez os paizes que Napoleão como um destruidor assolara; praticando inconscientemente uma transforção nas ideas.

Todos aquelles soldados que morriam pelo imperador, eram velhos republicanos que no corso admiravam o filho da revolução legendario e instrumento de Deus que queria fazer caminhar o mundo.

Morria-se com o nome do imperador nos labios mas ao mesmo tempo os olhos erguiam-se para aquella bandeira tricolor, a

bandeira da republica que só tinha a mais uma aguia como a indicar que activamente a revolução voaria por esses mundos fóra.

O corso baqueara; mas a sua obra ficara imponente e augusta embora sem intenção.

E agora os povos com essa semente nas almas, bebendo o credo escutado á soldadesca invasora e apprendido nos encyclopedistas, já não podiam supportar jugos, já queriam leis a anniquilarem os restos do despotismo.

O general, sentia-se invadir por um enorme desalento, sentia-uma dôr mais aguda e uma descrença em si.

Ah! se elle pudesse estar no meio d'esses povos no dia de luz!

Pela primeira vez, após tantas vicessitudes, elle sentia o desejo de liberdade.

Preso, buscava sahir e via que nas nações havia a necessidade de se quebrar as algemas.

Por isso elle meditava e por isso se enraivecia diante da injustiça de que era victima.

Deixava pender a cabeça para a almofada.

Soava uma corneta no toque de recolher.

Depois tudo se calava como por milagre.

E elle, sosinho, já sem ter o ruido a distrahil-o, pensava mais, sempre mais acabava por não poder socegar.

Advinhava cousas enormemente terriveis.

Sentia uma funda saudade dos amigos e perguntava a si mesmo se elles não voltariam.

De certo não voltariam porque do contrario já o teriam feito.

Naturalmente fôra exercida sobre elle uma cruel vingança.

E isto no momento em que se sentia velho, sem alento, no fim da sua carreira quando devia ter uma existencia de reliquia no fundo da sua casa de provincia, a recordar.

Bastava-lhe só a liberdade!

Mais do que nunca a annuciava embora não sentisse fremitos de receio além no seu carcere.

A noute ia decorrendo elle sentia-se vacillar. Era necessario repousar por uns momentos.

Foi encostar-se de novo sobre a cama.

Ao cabo d'uns momentos ouviu que mechiam na porta; soergueu a cabeça. O ruido cessava e elle julgou ter-se enganado.

Por fim, ao mesmo tempo que de novo se deitava, viu abrir-se a porta ouviu o ruido dos gonzos.

Tinha na sua frente a tenente-coronel Waddock que exclamava á pressa :

—Gomes Freire!

—Oh ! E's tu ! E's tu finalmente !

D'um salto atirou-se aos braços, apertou-o comsigo :

—Ah ! E's tu ! E's tu finalmente !

—Sim, sou eu !

E Archibald ?! interrogou Gomes Freire muito commovido.

—Archibald, não se encontra aqui ! Eu mesmo não me encontro aqui durante o dia !

—O que se passa ?! interrogou o general muito pertubado.

Waddock, lançou-lhe um olhar desesperado e volveu :

—Ah ! Se tu queres ouvir-me...

—Se quero...

—N esse caso não pode ser aqui !

—O que?!

Olhava-o cheio de pasmo, na luz debil da lanterna que o tenente corcnel accendeu.

—Sim, amigo, não pode ser aqui!

—Pois onde?! perguntou de novo.

—Lá fóra!

—Estou livre?! interrogou n'um tremor.

—Sel-o-has hoje!

—Oh! Ainda tu não acreditavas na justiça!

Waddock com o mesmo olhar compadecido, murmurou:

—E razão me sobejava!

—Porque?! interrogou vivamente.

—Já te disse que é necessario partir!

—Mas como?

—Deixa isso commigo!

—A fuga?!

Franziu o sobrecenho, fixou o e volveu:

—Ouve pela ultima vez, Waddock, ouve! Não quero, não posso acceitar essa liberdade que me offerecem trahindo o seu dever de soldados!

—Gomes?

—Sim, amigo, diz-me tudo na certeza que nem estremecerei! Condemnaram-me, não é verdade?!

De pé, soberbo e firme, encarou o inglez que erguia as mãos e exclamava:

—Gomes, pelo que mais amas no mundo eu te supplico que venhas! Pelo que tiveres de mais sagrado, eu te peço que acceites essa fuga!

Abanou lentamente a cabeça e redarguiu:

—O que tenho de mais sagrado é a honra, amigo meu!

—Por ella...

—Por ella?! ah! seria contra ella!

—Mas...

—Já disse... Podes falar que nem estremecerei!

Nos olhos do inglez appareceram duas lagrimas.

Gomes Freire viu-as e com um sorriso triste balbuciou:

—Agradeço-te, amigo, agradeço-te.

—O quê?!

—Esse pranto que acode a teus olhos!

—Oh! Gomes Freire!

—Mas mais te agradeceria que me falasses, que me dissesses d'uma vez a inteira verdade!

—Escuta n'esse caso! exclamou com segura decisão.

—Escuto.

Elle ficou a ouvil-o e o inglez, começava em voz mal segura:

—Desde hontem que sei tudo isto e não tive a coragem de t'o dizer.... Perdôa!

—Mas que sabes, finalmente?! perguntou de chofre.

—Sei que o tribunal te condemnou!

—Ah!

Calou-se uns momentos, encolheu os hombros e tornou:

—Podes falar! Bem sabes que te ouvirei serenamente!

—Ah! Meu amigo!

—Fala!

No seu rosto desenhava-se uma bem energica repulsão, uma soberba mascara de valor se afivellava no seu rosto e elle muito direito, aguardava o final da revelação.

—Fala!

—Pois bem! disse o outro como desvairado. Campbell não tem a coragem de t'o dizer...

—Já sei... Fui condemnado á morte!

—Ah! sim... sim, meu pobre amigo!

Estendeu-lhe os braços, apertou o ao peito e balbuciou:

—Vês, não é necessario fugir!

Sorriu, olhou-o bem de frente e disse:

—Não!

—Como?! Não?!

—Não, mil vezes, não! Um soldado não foge á morte! Durante a minha vida encontreia vinte vezes e nunca me quiz! Chegou o momento, é ir para ella, de cabeça levantada! Que dia é hoje?!

—São 16 d'outubro.

—Quando morrerei?!

—Em 18!

Agora o inglez pouco a pouco mais cheio de pasmo olhava o general que parecia fazer contas ás horas que deveria viver.

—Olha! exclamou elle por fim. Dirás a Campbell que o quero vêr! Ah! Sabes outra coisa?!

—Meu amigo!

—Queria ser fusilado pelos soldados de Campo d'Ourique! O 16 que eu commandei...

O inglez baixou a cabeça e murmurou:

—Gomes Freire!

—Sim! quero ser fusilado por elles! E' melhor, sei que teem boa pontaria? Depois é um momento... Eu colloco-me em face do pelotão, dou a voz de fogo com o meu ultimo olhar fixo no de vós outros e parto, deixo este mundo e vou para o outro aguardar a justiça que me farão!

Quasi alegre bateu no hombro do amigo e disse:

—Podes obter isso?! Podes obter que os soldados do meu antigo regimento me fuzilem?

—Não!

Disse aquella palavra com um estremecimento; ficou deveras admirado de a ter pronunciado e entrou a tremer deante da interrogação do outro:

—Porquê?!

Não sabia que responder; fazia-se pallido.

—Porque?! tornava o general.

—Ah! meu amigo, meu pobre amigo!

Chorava convulsivamente e o condemnado fixava-o surprehendido.

—Meu pobre amigo! balbuciou de novo, entre lagrimas.

—Waddock! Que significa isto?! perguntou com funda decepção.

—Significa, Gomes Freire, qne não sereis fusilado!

—O quê?!

Tremia tambem, estava suspenso dos labios do outro.

— O quê?!

—Não serás fusilado, exclamou de repente. Terás a morte dos outros, dos traidores, dos que vão ser justiçados no Campo de Sant'Anna!

—O que?! Oh! Que dizes!... Eu ouço-te?!

Os olhos sahiam-lhe das orbitas, o rosto tornava-se-lhe violaceo e então em voz suffocada, o pobre general clamava:

—Enforcado?!

O outro só poude accenar com a cabeça affirmativamente.

Gomes Freire, diante de semelhante revelação cahiu desamparado sobre o leito. Então, o inglez tomou-o nos braços, confundiu com as d'elle as suas lagrimas e entre soluços, supplicou:

—Fujamos!

—Não? nunca! Era dizer-me culpado!

—Oh! meu amigo... Meu amigo!

Aquelles dois homens abraçados representavam a dôr humana em tudo quanto ella tem de mais terrivel e de mais assombroso.

Confundiam as suas lagrimas e deram ambos provas da sua generosidade.

—Vem!

E elle respondeu sempre com energia:

—Não!

—Pelos teus! pelo que mais amas!

—Não tenho familia! só amo a honra e o meu nome!

—Por elle, pelo teu nome, mil vezes grande e glorioso!

—Nunca! A historia me fará justiça.

—Oh! Gomes Freire, pois tu não vês que és victima não d'um tribunal mas d'uma barbara vingança?

—Logar aos poderosos! exclamou elle com um rir sinistro, erguendo-se e contendo as lagrimas. Deixa que os grandes se vinguem!

—Tu deves defender-te.

—Oh!

—Sim, deves vir commigo! Tenho tudo prompto... Iremos ao Brazil...

—Não!

—A' França, á Russia onde tens o teu parente...

—Seria um foragido, seria sempre um reu de alta traição! E tu, amigo meu serias mesmo aos meus olhos um militar que faltou ao seu dever!

—Queres então o patibulo?! interrogou buscando resolvel-o.

E aquelle heroe que passava a martyr, apenas respondeu:

—Que o levantem! Que me enforquem e me queimem, que arrojem as minhas cinzas a esse mar que um dia as fará transformar em brados d'odio!

—Gomes! Tu estás louco! Tu recusas ainda?!

—Louco, não, meu amigo, não! Estou sereno, muito sereno!

—Acceitas então essa sentença?!

—De que vale protestar!

Com um olhar esgazeado, um sorriso de louco, o general disse:

—Ainda uma noite e um dia! Ah! Tenho tempo! Mandar-meheis o meu creado, sim? Quero barbear-me e quero despedir-me d'elle!

O outro nem soube responder-lhe: apenas poude baixar a cabeça e enxugar as lagrimas.

O heroe com o seu ar de doido, andava d'um lado para outro a falar sósinho.

A's vezes ria, outras quedava se a apertar a cabeça entre as mãos e por ultimo encolhendo os hombros n'um brado formidavel exclamou:

—Ah! ah! O que é a vida! Enforcado! Enforcado!...

N'um accesso atirou-se para a porta a bradar:

—Miseraveis! Miseraveis!

E cahiu contra ella a chorar perdidamente cedendo emfim aos nervos excitados encarando a morte sem receio mas encarando com horror o approbio que ella lhe traria á sua memoria.

XXX

Outra supplica

Foi no quartel general do pateo do Saldanha que lord Beresford, recebeu o governador do reino dois dias antes das execuções.

O inglez na sua franqueza, ficando de pé emquanto o outro tomava logar n'um canapé, ouviu-o até final.

D. Miguel, n'uma voz cançada, d'olhos pisados, o rosto murcho, dizia sempre.

—E' necessario, senhor marechal, que todas as tropas estejam de prevenção... Receio tumultos e já agora quero reprimil-os o quanto possivel!

—Excellencia, não sabeis que vou partir?!

—Partir?! interrogou sem maior sobresalto.

—Sim... Deixo Portugal! Vou ao Brazil falar a sua magestade.

—Ah! Que mal fazeis!

—Porquê?!

—O rei não governa... E depois, francamente, não o deveis fazer!

Altivamente, Beresford olhou-o e bradou:

—Eu apenas sei o que me cumpre fazer!

—Julguei pelas vossas primeiras palavras que não era assim!

—Ah! Porquê?

—Fallaes em partir n'um momento em que o governo receia complicações, revoltas!

—Eu não sou o exercito!

—Sois o seu chefe!

—Darei as minhas ordens!

—Deveis aguardar que ellas se cumpram!

—Ordenaes?!

—Sim!

—E' a primeira vez que um soldado obedece com repugnancia ás ordens do seu chefe!

—Senhor!

—D. Miguel, quereis escutar me?

—Falae!

—Pois bem, acho que deveis recorrer a el-rei!

—Para quê?!

—Para annular essas sentenças!

—Ah!

—E' bom perdoar!

—Vós o dizeis! volveu o governador do reino. Porém só eu sei o que me cumpre! Não posso annular essas sentenças sem dar azo a que os pedreiros livres se ergam novamente!

—E falava como se em verdade tivesse domado uma terrivel conspiração, falava com uns grandes ares e com uns grandes modos que deixavam Beresford pasmado.

—Serão suppliciados amanhã, não é verdade?

—Sim!

—E Gomes Freire?!

Baixou a cabeça, deu ao rostou ma expressão desolada e volveu:

—Tambem... Mas no dia seguinte!

—D. Miguel...

—Marechal!

—Elle é vosso parente!

—E'... Veiu emporcalhar a arvore da nossa familia!

Depois ergueu-se, e com ar estranho, declamou:

—E' uma terrivel situação para mim, podeis acreditar! Elle é meu primo e eu como governador do reino devo fazer justiça!

—Justiça que d'outro modo podia ser feita! volveu o inglez acceitando a culpa de Gomes Freire.

—Ah! Não... O tribunal, só elle, tem poderes!

—Para condemnar á forca!

—E' um cumulo! Sim, é um cumulo, com pezar o digo! Tenho provas! Ah! E' a minha familia, é o meu sangue! Mas que importa se na historia ha exemplos de reis matarem parentes traidores!

—Não sois bem um rei!

—Represento-o!

—E os vossos companheiros?

—Elles o condemnaram mais do que eu!

—Mas já reparasteis bem na ulterioridade d'esse acto?

Como suffocado, volveu:

—Senhor, tenho meditado dia e noute... Tenho fugido ao convivio da familia, não quero escutar as supplicas porque devo ser forte!

Passou a mão pelos olhos e terminou a dizer:

—Mas falemos no que me trouxe!

Beresford sentiu se profundamente aballado e de repente exclamava:

—Senhor governador, e já pensou na minha situação?

—Na vossa?!

—Sim!

—Qual é?!

—A de seu cumplice!

—Cumplice? Ah! Os magistrados supremos d'uma nação não teem cumplices...

—Ah! mas reparae...

—Que apenas deveis cumprir o vosso dever!

—Porêm, senhor, eu sou mal olhado pela nação! Eu sou o estrangeiro que commando o exercito, eu vou soffrear qualquer insurreição!

—Cumprindo o vosso dever de marechal!

—Que infamia!

Sahia fóra das suas regras de tempera, parecia outro, excitava-se:

—Bem vejo tudo! O juiz vae dizer que eu sou o culpado! Só a mim verão, só eu serei o alvo! E' o chefe das tropas, é o verdadeiro culpado!

—Culpado!? interrogou o outro.

—Sim! Ignoraes acaso como a nação vê esse acto que praticaes?

—Como um acto de justiça!

—E já chama d'avanço a esses homens: martyres!

—Martyres?!

—Sim!...

—Ah! Marechal, não posso acreditar-vos. Mas adiante, falemos do que me trouxe, repetiu elle.

—Quereis dizer que devo soffrear a insurreição porventura imminente?!

—Sim! só isso! Deveis cercar de tropas o campo de Sant'Anna...

—E contaes com essas tropas?! interrogou como para o amedrontar.

—Marechal!

—Sim! Tudo isto gere tanta indignação que em verdade...

—E' a vós que pertence essa tarefa...

—Qual?

—A de disciplinar os soldados!

—Ha momentos em que só Deus pode conter uma turba! E mesmo assim é necessario fulminal-a! Sabeis quando, D. Miguel?!

—Sei... Quando nos espiritos entra a revolta contra o throno...

—Quando chega o momento de justiça!

Fez um gesto de desafogo e accrescentou:

—Mas ide em paz, ide, senhor governador, que ainda é cedo para se reparar bem na situação!

—Marechal!

—Só até ao dia em que Portugal arraste a esse acto que reputo mau! Depois parto, vou ao Rio de Janeiro, depor nas mãos do rei o mando que me deu, ou pedir-lhe uma situação definida n'esta terra que ajudei a conquistar aos homens e a alguns portuguezes meus amigos!

—Uma situação? exclamou elle. Mas se a tendes!

—Bem sei! A de defender do governo que vós infamaes!

—E quereis?...

—Ser livre!

—Oh! Recordae-vos...

O inglez fulminou-o com o olhar e exclamou:

—Ide em paz, senhor... Eu defenderei o throno das ameaças que julgaes iminentes! Defendo-o no emtanto como soldado encarregado d'uma missão e não como cumplice de suas ex.as os governadores!

E Beresford saudou e sahiu.

D. Miguel Forjaz, muito affogueado, desceu a escada, murmurando:

—Ah! Tarde chegarás com a tua missão... A esse tempo!. .

No seu olhar brilhou uma scentelha estranha e ao saltar para a sége, tornou:

—Parece que me despreza, o marquez! Ah! Verá, verá o que lhe faço...

Quando chegou ao palacio do governo escreveu uma longa carta ao conde d'Alva, seu amigo e seu companheiro nos odios.

E n'essa carta narrava o que se passara, falava de Beresford e recommendava-lhe o assumpto, terminando com a seguinte supplica:

—Demora o ahi... Deves demoral-o...

Não lhe dizia para que e sorria ao traçar a sua assignatura n'essa carta que o outro lêra cheio d'alegria:

Ao mesmo tempo, no quartel general, Beresford chamava o ajudante de campo e rigido, calmo, exclamava:

—Senhor, deveis chamar aqui os commandantes de todos os regimentos da cidade!

Quando elle sahiu, o marechal sentou-se na cadeira e ficou meditando.

A' porta appareceu o seu velho Jack o qual lhe disse com certa tremura na voz:

—Mylord, o vosso almoço está servido!

—Não quero almoçar!

—Oh!

O creado admirou-se porque pela primeira vez na vida o inglez perdia o apetite.

—Excellencia! tornou Jack.

—O quê?!

Mas não estaes doente?!

—Não! Estou apenas entregue a um estudo para o qual não careço de ti! Vae-te!

Disse-lhe aquillo n'um velho rasgo de confiança e com o seu aprumo militar. Mas d'ahi a momentos, Jack, voltou bradou:

—E' o sr. tenente coronel Waddock!

—Que entre!

—E vossa honra não quer almoçar!

—Não! disse sacudidamente.

D'esta vez Jack retirou-se deveras convencido de que o marechal estava muito doente e disse o ao tenente coronel que volveu:

—Não admira! De resto todos o estamos!

E entrou rapidamente na sala onde Beresford o aguardava.

XXXI

Na vespera da execução

D. Miguel de Forjaz, no seu gabinete parecia meditativo após aquella conversa com Beresford. De quando em quando sobresaltava-se, erguia se, ia até á janella.

Era elle o unico governador do reino que estava em fóco. Todos os outros se tinham sabido recolher a tempo após a sentença. No animo d'esses homens havia talvez a impressão de que tinham feito justiça.

Mas D. Miguel, meditava bem nas palavras do marechal e sentia um vago receio. Passava na mente todas aquellas cousas e acabava por murmurar.

—Mas tenho o clero ..

Tocou a campainha. Entrou um secretario.

—Expediram se as circulares aos bispos?

—Sim, excellencia! volveu o outro muito encolhido.

—Bem...

—E como resposta a ella já se fazem preces desde junho!

—Ah!

No seu rosto passou uma grande alegria e accrescentou logo:

—Não sabia.

—O quê?! Pois v. ex.ª não sabe que o senhor Salles de Men-

donça fez as circulares em 31 de maio, logo depois da conspiração?...

—Não!

—V. Ex.ª deu a ordem...

—Ah! Falei n'isso... Sois dedicados, meus amigos... Executastes tudo sem segundo aviso! Muito bem...

—E como resposta a essas circulares nas quaes se sollicitava a cooperação do clero para o bom exito das medidas que o governo adoptara, temos a ordem que o patriarcha fez publicar...

—Ah! Ha uma ordem?! Eu desde de ha mnito que não vejo cousa alguma...

—Sim, excellencia... Ha uma ordem...

Sahiu com muitas venias e voltou d'ahi a momentos com um papel impresso que estendeu ao governador, dizendo:

—Eil-a!

D. Miguel, com um vago sorriso nos labios começou a lêr:

«*Nos primarii presbyteri et Diaconi Santae Lisbonuensis Ecclesiae Principale Sede Patriarchali Vacante*:

«Tendo chegado ao nosso conhecimento com indubitavel certeza pela portaria do governo d'estes reinos datada de 31 de maio do corrente anno, inserta na Gazeta Official d'esta cidade que houveram insensatos temerarios e atrevidos que ousaram formar o louco e destetavel projecto de estabelecerem um governo revolucionario, pretendendo sobre falsos e affectados pretexstos desviar alguns dos fieis vassallos e sempre leaes portuguezes de obediencia, fidelidade e respeito que por todos os direitos é devida a S. M. fidelissima o senhor D. João VI, nosso senhor, que haja por nossa felicidade, tão sabiamente nos governa, para o fim de fazerem uma sublevação que se chegasse a realisar se, aos culpados e aos innocentes seria fatal pelos immerciaveis males em que nos teria submergido e dos quaes pela vigilancia, sabedoria e zelo e acertadas providencias da auctoridade que em nome de S. M. nos governa, estamos livres:

Conhecendo que todos os bens nos vêm de Deus, vejo quaes foram os meios de que para isso se serviu, claro fica que, a elle devemos dirigir as nossas oracções de graças.»

O governador do reino sorria sempre ao vêr que o patriarcha dava os suas ordens para que em todas as egrejas se fizessem Te Deuns em acção de graças.

E então, queria socegar ao vêr que a religião estava do lado do governo a exercer a sua influencia sobre o povo.

Cheio de gaudio murmurou:

—Ah! Falta só a cooperação do exercito!

Aquelle homem sentia uma grande felicidade ao vêr que os padres já tinham preparado o povo para receber mal os condemnados.

D'ahi podia estar seguro; bastava-lhe apenas uma forte cintura de tropa e tudo seria resolvido.

Foi n'este momento que o creado appareceu com um cartão.

Leu-o attentamente, franziu o sobrecenho e bradou:

—Que entre!

Fez um gesto ao secretario para que se retirasse, e viu entrar o tenente coronel Waddock.

O inglez ficou perfilado, fez a continencia militar e o governador exclamou com um sorriso:

—Oh! vós...

—Eu sim, excellencia, disse elle...

—Que desejaes?! Sentae-vos meu amigo!

—Senhor, estou aqui como vosso subordinado!

—Sentae-vos!

—Venho da casa do marechal!

Mais uma vez estremeceu e mais uma vez pediu que tomasse logar na cadeira.

Porém Waddock com o seu olhar firme fixo no governador, sempre de pé, sempre fleugmatico, respondeu:

—Excellencia será curta a minha permanencia aqui!

—Que desejaes n'esse caso?! perguntou de novo.

—Venho da casa do marechal...

—E depois!

—Fui fazer-lhe uma supplica...

—Ah!

—Elle me respondeu que só v. ex.ª podia resolver o meu desejo!

—Mas da melhor vontade se estiver na minha alçada!

—Venho como irmão d'armas d'um desgrado!

O governador estremeu.

E elle, quasi eloquentemente accrescentou:

—Venho como soldado, excellencia...

—Falae!

—Venho, como um homem que da vida muito sabe porque n'ella muito soffreu...

—E quereis...

—Quero falar-vos d'um desgraçado...

Fingiu não comprehender onde elle queria chegar e exclamou:

—Trata-se.

—De Gomes Freire! bradou elle.

—Ah! De meu primo, do meu infeliz primo!

—Sim, excellencia! redarguiu com odio.

—Pois bem, fallae...

Baixou a cabeça e a meia voz disse:

—Mas devo dizer-vos, senhor, que infelizmente não sou o arbitro do destino d'elle...

—Senhor...

—Já vol-o disse, excellencia ..

O tenente coronel, extranhou o tratamento e volveu:

—O marechal disse-me no emtanto que só na vossa alçada estava a resolução do meu pedido, que é como a expressão do sentir de todos aquelles que trazem ao lado uma espada!

D. Miguel Forjaz, ergue-se d'um salto e muito livido perguntava:

—Mas falae!

—Sou amigo pessoal de vosso primo não devo occultal-o...

—Vós?!

—Eu sim! Eu e sir Archibald Campbell...

—Oh!

Mais livido ainda, n'um desespero, n'uma raiva, interrogou:

—Sois amigo d'elle?! Mas se não me engano, sois ajudante do governador da torre...

—Sou!

Vendo o que arrastava o pensamento de D. Miguel, elle bradou:

—Sou, mas socegue! Gomes Freire não quer fugir!

—O que?!

—Sim, não quer fugir é necessario que vol-o diga! Se quizesse teria muita facilidade n'isso!

Bateu o pé raivosamente e exclamou:
—E vindes dizer-me isso?
—Com a lealdade que me caracteristica!
—Senhor!
—Excellencia!
Olharam-se com colera e por fim o governador, exclamou:
—Devo então pensar que amaes os pedreiros livres?!
—Pensae-o se assim o quereis!
—Oh!
—Já vol-o disse! Sou antes de tudo um official e um subdito de S. M. britannica!
Perante este argumento de D. Miguel, balbuciou:
—Que diz a isto o marechal?!
—O meu unico chefe é um militar!
Foi como uma bofetada na face do governador que volveu:
—Os militares tambem tem os seus deveres!
—E' no cumprimento do meu que aqui venho!
—Falae! volveu já muito impaciente.
—Gomes Freire, como general tem direito a honras que sempre lhe negaram!
—Como culpado não tem direitos alguns!
—Nem mesmo o de morrer como soldada?! interrogou elle.
—Quereis dizer?!
—Nem mesmo o direito de ser fusilado?!
O governador respondeu apenas:
—Não!
—Oh! Excellencia!
—O tribunal condemnou-o á forca...
—E vós podeis mandar que o fuzilem!
—E' a lei!
—Bem, excellencia... Perdoae o ter-vos roubado tempo.
Saudou e foi para a porta.
Mas de repente o governador, exclamou:
—Ainda uma palavra!
Ficou a ouvil-o e o outro disse:
—Ha pouco falastes na amizade que vos liga a Gomes Freire...
—Sim!
—Essa amisade não vos fará faltar ao vosso dever!

Com um olhar de profundo despreso, volveu:

—Com mil perdões... Eu retiro-me!

—Ouvi!

—Não tenho reposta para V. Ex.ª

—Tenente-coronel!

—Senhor!

Avançou para elle com raiva, fixou-o e disse:

—Julgaes então...

—Faltarieis ao vosso dever!

—O dever d'um soldado é estar sempre ao lado da justiça! E a justiça é elle, é esse homem que vão matar!

O governador tocou a campainha. Waddock olhou-o.

—Que ides fazer, interrogou.

Não obteve resposta. Elle avançou de novo e em voz abafada disse-lhe:

—Por Deus! Não tentaes cousa alguma contra mim! Só tenho um chefe e esse chefe chama-se lord Beresford! Não queraes levantar difficuldades!

Apparecia o creado e o governador, pallido de indignação, dizia:

—Não é nada!

Waddock, ainda na frente d'elle, tornou:

—Agora, excellencia, resta-me dizer-vos que acima de tudo colloco o meu nome e a minha dignidade!

—Quereis dizer...

—Que se tentaes emporcalhar-me vereis o que vale o tenente coronel Waddock.

Com esta ameaça sahiu e bateu com a porta.

O governador, apopletico, como doido, atirou-se para a cadeira, gritando:

—Mas o que tem esse homem!

E não houve um ebater na sua consciencia, não houve um unico a lembrar-lhe que procedia pela infamia!

—O que tem elle!? O que tem?!

E não houve uma voz que lhe dissesse tudo, desde a justiça que assistia a esse homem até aos soffrimentos que o pungiam.

Agora a idéa de D. Miguel era correr a casa de Beresford.

Para lá foi n'uma grande pressa, encontrou-o na sala, e logo á entrada, bradou:

—Marechal!

—Excellencia! volveu serenamente o inglez.

—E' necessario mudar a guarnição da torre, é necessario castigar alguns officiaes!

Com um ar de pasmo, Beresford, volveu:

—Socegae... O dia está lindo e tendes assim os receios abalados?

—Senhor, escutae-me! Em nome d'el-rei, em nome da patria!

—Ah! Para que fazer essas evocações sagradas?!

—Mas reparae senhor, que a execução d'amanhã é feita sem segurança!

—Porque o dizeis? interrogou elle.

—Porque acabo de estar com o tenente-coronel Waddock que me declarou a sua amisade por Gomes Freire!

—Ah!

—Admiraes-vos, não é assim?!

—Não! Se solto esta exclamação é porque em verdade acho que já o devieis saber!

—E achaes natural?!

—O mais natural do mundo!

—Senhor!

—Que quereis?

—Pois achaes natural?!

—Bastante natural, já vol-o disse. Entre officiaes bravos costuma haver d'essas amisades!

—Que levam longe!

—Muitas vezes!

—E estaes assim sereno?!

—Sim! Confio em absoluto n'elles?!

—Vós?! Não eu!

—Senhor governador só eu tenho que confiar! A vós cumpre mandar!

—N'esse caso não receaes...

—Complicações?!

—Sim!

—Não receio...

—Mas ainda assim desejaria...

—O quê?!

—Que alguem da minha confiança fosse commandar o regimento que ha-de assistir á execução!

Beresford não se indignou, sorriu, volveu:

—Confiaes pouco em mim!

—Oh! não... não... Muito confio em vós, marechal! Mas o governador da torre e o seu ajudante são amigos do sentenciado!

—Graças devieis dar a Deus!

—Eu?!

—Sim! Não é verdade que se elles são amigos vós sois primo de Gomes Freire?!

—Sim!

—N'esse caso porque não desconfiaes de vós?!

Elle comprehendeu tudo; embatucou e fez-se pallido, concluiu por dizer:

—Desejava que o regimento d'infantaria n.º 19, aquartellado em Cascaes fosse assistir á execução!

—Irá se o quereis!

Tomou-lhe o braço e exclamou com colera:

—Socegae que elle não fugirá!

—Bem sabeis! E' pela lei!

—E' pela lei do vosso odio!

O governador, já bem ferido por tantos desesperos sahiu a resmungar vinganças, metteu-se na sége e ao chegar ao palacio, bradou ao primeiro secretario:

—Mandae chamar o coronel Amaral do 19 e o brigadeiro Vasconcellos. Depressa! Oh! E tenho só um dia!

Com um grande medo o governador balbuciou:

—E que seria do governo se tudo falhasse?!

XXXII

Militares

Pela noute o coronel Amaral, entrou no gabinete do governador. Era um antigo sargento-mór da guerra da peninsula e que tinha o peito cheio de medalhas. D. Miguel Forjaz, que mal o conhecia mas que muito sabia das suas ambições e das suas victorias, ao vel-o ergueu-se, mandou-o sentar e disse-lhe:

—Tenho prazer em vel-o, coronel!

—Grande honra para mim, excellencia, disse elle admirado.

—Mandei-vos chamar porque o vosso regimento interessa a sua magestade...

—Oh!

—Sim... Não admira que o vosso nome inspire tanta sympathia a el-rei! Sois um bravo!

Elle muito lisongeado, balbuciou:

— Favores de V. Ex.ª...

—Não, coronel, não! Apenas digo o que sinto!

—E deveras lamento, posso jural-o, que só agora tivesse feito o vosso conhecimento...

—Ah! Eu tambem conheço muito a V. Ex.ª

—Sim! eu tambem estive na guerra da peninsula!

—Recordo-me... Ereis ajudante de campo do general Gtocken...

—Sim...

—E isso traz-me á memoria um facto que tem relação com esse desgraçado Gomes Freire!

O governador do reino estremeceu.

O coronel continuava sempre:

—Elle tomou Basaens e Tujera, elle fôra grande na campanha... Veiu uma ordem de prisão após suas victorias...

—E' verdade!

—Vós ereis o portador d'ella!

—E' verdade! Vêde bem que fatalidade! Em tudo me encontrei diante d'elle!

—E é ainda vosso parente!

—O lucto que entra na minha casa é a gala de justiça! Meu caro coronel, isto é terrivel!

—Bem terrivel! disse elle com certo ar de desespero que não passou despercebido ao governador.

—Mas que quereis! E' o meu dever!

—Sim!

—Hei-de cumpril-o! Como vós cumprireis os vossos, não é verdade?

—Jámais falteis a elles! volveu.

—S. M. e eu o sabemos! redarguiu, accrescentando logo:

—Por isso vos chamei!

—Ah!

—Trata-se ainda de Gomes Freire!

—E que tenho eu a ver com elle? interrogou do mesmo modo desesperado.

—E' o vosso regimento que deve assistir á execução!

—Ah!

—Vós vigiareis até final! El-rei vos nomeará brigadeiro... E' o vosso ultimo serviço de coronel!

—Excellencia! disse elle deveras maravilhado.

—Sim... Assistireis a tudo! Confiaes nos vossos homens?

—São bravos!

—E' o bastante para estarem ao lado da justiça!

—Sim, excellencia... Mas ha apenas uma coisa!

—Qual?!

—Fallar-lhe-heis!

—Para quê?!

—A pedir-lhe que tenha a maxima cautella amanhã no momento da execução!

—Excellencia!

—Meu amigo!

—Não farei isso! disse elle.

—Porque?!

—José de Vasconcellos, nunca admittiria semelhante pedido.

—Eu mandeio chamar.

—Fallae-lhe mas com cautella!

—Oh!

—Sim! Não admitte a menor observação aos seus encargos!

—Nem mesmo minhas?!

—Só de Beresford que é o seu chefe. Tenho a certeza!

—N'este momento o creado entrou e disse:

—Está aili o senhor brigadeiro Vasconcellos.

—Ah! que entre!

Era um homem alto, magro, nervoso. Saudou o governador estendeu a mão ao coronel.

D. Miguel, sorriu, indicou-lhe uma cadeira e exclamava.

—Meu caro brigadeiro, sentae-vos!

Elle obedeceu e de seguida murmurou entre dentes:

—Recebi a carta de V. Ex.ª e apressei-me...

—Obrigado!

—Devia vir! V. Ex.ª representa el-rei!

—Desejo de V. Ex.ª um serviço...

—Qual?!

—Trata-se da execução dos pedreiros livres!

—Já sei que estou nomeado para commandar as forças...

—Por isso mesmo vos chamei!

—Nos olhos do brigadeiro passou uma scentelha e logo disse:

—Já tenho todas as instrucções!

—Mas...

—Hei-de cumpril-as á risca!

—Era o que desejava de V. Ex.ª

—Para isso não era necessario que eu viesse! Sei o que me cumpre!

—Os coroneis dos regimentos não os commandam senão de

—O quê?!
—Sim... Tudo está entregue ao tenente coronel. Nos temos o titulo mas só aparecemos em dias de gala ou de batalhas! Bem o deveis saber!
—Quereis dizer que não commandareis o vosso!
—Não! o tenente coronel vigiará! Eu assistirei apenas á execução!
—Coronel!
—Excellencia!
—E podeis enviar-me o vosso tenente-coronel?!
—Elle está actualmente em S. Julião.
—Mandae que venha! disse elle tocando a campainha.
—Vou escrever algumas linhas a Waddock!
—O quê?!
Pôz-se de pé, ficou muito perturbado e exclamou de novo:
—Que nome dissesteis?!
—Waddock! E' um bello inglez, soldado a valer...
—E' elle o tenente-coronel do 19?!
—Sim, excellencia!
—Oh! Mas sabeis que esse homem é amigo de Gomes Freire?!
—Elle!
—Sim...
—Mandaes então que eu me imponha?!
—Decerto!
—Mas é necessario preparar uma scena ..
—Qual?
—E' necessario que a justiça me exija isso no momento dado!
—Socegae! Será como quereis!
—N'esse caso, Waddock ficará de lado!
—Obrigado, senhor coronel! disse o governador.
E elle volveu:
—Cumpro o meu dever!...
—Conheceis o brigadeiro Vasconcellos?!
—Sim, excellencia!
—E homem em que se possa confiar?!
—Abertamente! Um tanto rispido...

Ergueu-se, saudou de novo e disse:

—A's ordens de v. ex.ª!

Mas o governador, temendo tel-o molestado ainda se arriscou mais uma vez.

José de Vasconcellos, de semblante carregado, disse:

—Já sei tudo, excellencia!

E sahiu depois de saudar de novo.

—Eu bem vos disse! exclamou o coronel para o governador que murmurava:

—Extranho homem! E' sempre difficil confiar...

—N'elle podeis confiar, excellencia!

—Asseguraes-mo?!

—Sim!

—N'esse caso vou dormir socegado!

Era tarde, elle estendeu a mão ao coronel, que muito curvado balbuciava:

—Mil agradecimentos a v. ex.ª!

—A el-rei deveis agradecer!

—Quereis ser o interprete dos meus humildes respeitos para sua magestade!

—Sim coronel... De bom grado!

Mais uma vez saudou e sahiu.

Então o senhor governador, embrulhou-se na capa e murmurou:

—Não falta mais ninguem!

—Falto ainda eu, excellencia! disse uma voz roufenha.

Voltou-se e viu João Gaudencio, o desembargador.

—Como estaveis aqui?! interrogou.

—Oh! muito simplesmente!

—Explicae-vos!

—Adormeci atraz d'aquelle biombo!

—Miseravel! rosnou o governador.

—Excellencia! Eu muito vos devo! começou o antigo official de justiça. Eu devo-vos este logar de desembargador por distinção de serviços... Não fui a conselho e os outros desembargadores não me toleram... Por isso...

—O que?!

—Desejava outro logar, excellencia!

—Qual?!

—Uma cousa mais em harmonia commigo!...

—Mas o quê?!

—Queria ser ajudante do senhor intendente da policia!

—Oh!

—Sim... Eu melhor do que outro posso desempenhar o logar!

—Mas é necessario ser do desembargo!

—Ah! acaso não sou desembargador?!

—João Gaudencio, toma cautella!

—Excellencia!

—Toma cautella commigo!

—Oh! Para representar amanhã aquella scena com o coronel, podeis contar commigo!

—Miseravel!

—Senhor... Bem sabeis que nasci pobre... D'ahi as ambições...

O governador córou, viu ali uma insinuação e exclamava por fim:

—Sabes o que se prepara em S. Julião!

—A forca! exclamou cavamente.

—Eu digo o que se prepara no interior da fortaleza!

—Ah! Tenho lá estado, sei tudo! São uns pobres homens!

—O quê?!

—Sim excellencia.... Tanto o governador como Waddock são amigos do preso mas...

—Mas...

—Apenas o visitam e lhe falam...

—Só?! Achas pouco?!

—D'amanhã em deante não o visitarão mais! volveu em tom pesado.

—Bem...

—Voltam d'essas visitas com os olhos marejados de lagrimas...

—Elles!

—Sim!

—E não fazem mais nada?!

—São amigos d'elle!

—E não lhe darão a fuga?

—Gomes Freire não acceitará!

—Como sabes?!

—Não perco o meu tempo em S. Julião... Tenho ouvido conversas...

—Oh!

—Sim... Bem sabeis que faço tirocinio para ajudante do intendente...

—José Gaudencio!

—Excellencia!

—E se por acaso esta noute...

—O que?!

—Elle tentasse fugir?! Se durante a noute acceitasse...

—Excellencia! Dentro em uma hora estará com elle o frade...

—Ah! bem sei... Até agora tem lá estado a justiça, de manhã estarei eu e pelas 10 horas o carrasco...

—Ah! Posso então ir socegado...

—Sim, excellencia, sim!

—Bem... boa noute!

Mas o outro corria atraz d'elle e exclamava:

—Excellencia!

—O quê?!

—O meu logar?!

—Tel-o-has, bandido!

—São os melhores policias! redarguiu com uma risada.

D. Miguel Forjaz ao metter-se na liteira, murmurava:

—E' o ultimo acto!

Encostou-se, cerrou os olhos e foi assim amodorrado até a casa.

Na entrada para o seu quarto viu a filha que lhe estendia a face e lhe dizia:

—Meu pae... O seu beijo... Eu faço hoje annos! Qual é a sua prenda?!

—Hoje!

—Sim... Dá meia noute! Estamos a 18 d'outubro!

O governador do reino ouviu bater cavamente a meia noute e mal roçou os labios na face da filha que dizia:

—Que tendes, meu pae?!

—Umas grandes preoccupações... Adeus! De manhã falaremos!

Ao longe dobravam sinos, lá muito longe, como annunciando finados.

Era na meia noite de 18 d'outubro e no campo de Sant'Anna pregava-se o ultimo prego nas forcas dos martyres da patria

VI

Peregrinação

QUANDO a fragata aproou á barra do Rio de Janeiro, logo em terra houve um grande movimento. Viam-se bandos de pessoas correndo para o caes, clamando:

— Noticias! noticias do reino!

E logo uma multidão de barquinhos foi ao encontro do navio airoso que trazia na tolda os passageiros.

Eram officiaes que deixavam Portugal e vinham para o Brazil, eram funccionarios, com as mulheres, alguns commerciantes e meia duzia d'inglezes, damas e creados que durante toda a viagem tinham sido encantadores.

Em cima, arrumada á amurada estava uma mulher vestida de claro. Era nova, era bella.

Quizeram falar com ella na longa travessia. Muitos olhos feridos na belleza de sua face a tinham procurado e no emtanto ella sem responder ás palavras d'amor era a mesma para todos, boa, delicada com alguma cousa de melancholico que agradava.

Da razão de sua viagem ninguem sabia. Suppunha-se no emtanto que ia encontrar esses parentes no Rio.

Quando as embarcações atracaram á fragata ella ficou na mesma, serena, grave, a olhar as aguas.

Via-se que não conhecia ninguem, buscava mesmo passar despercebida.

Mas um joven official do regimento do Maranhão que voltava do continente e que fôra um dos mais assiduos admiradores d'ella durante a viagem, acercou-se e disse com extrema delicadeza:

— Minha senhora... V. Ex.ª têm-me ás suas ordens para a conduzir a terra!

Volveu para elle os seus olhos lindos e cheios de luz, agradeceu-lhe com um sorriso e balbuciou:

— Obrigada!

— Pois sim?!

— Acceito o seu offerecimento!

Elle muito alegre curvou se agradeceu-lhe:

— Não sabe quanto sou feliz!

— Ainda mais uma vez obrigada!

— Senhora... Que felicidade me daes!

— Porquê?! interogou ao acaso.

— E' que bem sabeis como vos estimo!

— Oh!...

Ruburisou-se e volveu logo:

— Estimar me é uma infelicidade!

— Para mim?!

— Para todos!

— Quereis dizer que não sabeis corresponder?!

— Quero dizer que não posso!...

O joven ficou de cabeça baixa e ella a olhar as aguas.

— Sois casada?! perguntou elle muito timidamente.

— Não... mas não tenho no meu coração nem o logar para um irmão!

— Ah!

— Não tenho, meu amigo, não tenho!

— E cada vez sympathiso mais convosco.

— Loucura!

— Que importa! Se vos podesse ser util!

— Nem isso! apenas desejo de vós uma cousa!

— Ordenae!

— Que me leveis ao paço!

— A qual d'elles?!

— O quê ?! Pois ha mais d'um?!
— Ha aquelle onde vive o rei e aquelle onde vive a rainha
— Não é o mesmo!
— Não... S. S. M. M. não têem vida commum!
— Começa uma maldição a cahir!

Foi em vós terrivel que ella soltou aquella exclamação. Mas depois, n'outro tom, quasi docemente redarguio:

— Pois indicar-me-heis o paço d'el-rei!
— Desejaes fallar-lhe!
— Sim!
— Oh! e vindes do continente para isso ?!
— Iria ao fim do mundo! volveu ella.
— Mas sabeis quão grandes os embaraços...
— O quê ?! Embaraços para fallar a el-rei ?!
— Sim... necessitaes de apresentações, de cartas d'audiencia, de mil formalidades ? Esperareis muito tempo...
— Aguardarei el-rei na sua hora de passeio!
— Raramente sahe!
— Oh! mas não importa! Fallar-lhe-hei apesar de tudo!
— E' então muito grave o motivo que vos traz!
— E' muito grave...
— Tão grave que vos obrigou a esta viagem, é certo!...
— Elle ficou mudo, começou a vêr o desembarque dos passageiros e exclamou:
— Quereis descer! ..

Galantemente offereceu-lhe a mão; ella acceitou sorrindo.

E em baixo no bote, ao lado d'outras pessoas, o joven continuou com as suas interrogações:

— E não haverá em palacio alguem que me possa conduzir até el-rei ?!
— Ha um homem que tudo pode.
— O seu nome ?!
— O conde d'Alva ?
— Pois fallarei ao senhor conde d'Alva! Conhecel-o, acaso ?!
— Oh ? Como posso conhecel-o, eu pobre official!
— E' então quasi um rei!
— Mais do que um rei! E' elle o confidente do D. João VI e o de Carlota Joaquina!

— Meu Deus! E' o homem de quem preciso!

— Experimentae!

— Experimentarei!

O bote estava a algumas braças de terra e a joven, sempre olhada pelos passageiros que a saudavam, disse:

— Careço d'uma hospedagem!

Com os olhos molhados de lagrimas, o moço tenente, exclamou:

— Chamo-me João Menezes, tenho mãe e duas irmãs, as unicas pessoas que estimo no mundo. O meu regimento está de guarnição no Maranhão e eu raramente venho ao Rio... Quereis acceitar um logar á mesa de minha mãe?!

— Oh!

— Quereis??

E parecia suspenso dos labios d'ella.

— Não acceitarei? Eu sou uma extranha mulher que iria perturbar a vosso vivêr!

— Vós!

— Sim, eu!

O barco atracava ao caes, ella foi das primeiras a sahir, e então ali encostando-se ao braço do official, dizia:

— E' uma grande missão que me traz ao Brazil... Já vedes que a ella e só a ella me devo dedicar... Não posso responder por mim... Não posso ser mulher e por isso não irei para o vosso lar... Arranjae-me antes uma hospedagem ..

— Senhora...

— Assim quero. Mais tarde sabereis tudo!

Elle resignou-se e volveu:

— Permittireis ao menos que vos visite?!

— Sim!

— Obrigado!

E foi a conduzil a para uma hospedagem proximo do palacio real onde a installou. Parecia alegre, despedia-se e disse-lhe:

— Voltarei breve ..

— Oh! Mas não careço de vós para me auxiliardes...

— Sempre deveis carecer!...

Saudou-a e sahiu; ella, olhou-se no espelho, sorriu dolorosamente:

—Que infortunio ser bella! disse de repente.

Nem pensou em descançar; andou muito tempo de um lado para o outro no quarto. Quando as suas malas chegaram entregou-as á serva da hospedagem e como viesse a aquecer o sol cerrou as janellas.

Mudou de traje n'aquella meia luz e mandou buscar uma sége.

Quando desceu viu o official que chegava.

—Oh! senhor...

—Adivinhei...

—O que?!

—Que ieis ao palacio...

—E quereis?!

—Acompanhar-vos, se permittis...

—Vinde!

Saltou para a sége e ao vel-o a seu lado, começou:

—Mas que extranha e subita sympathia é essa?

—Vejo-vos só!

—Oh!

—Lembro-me que se uma das minhas irmãs andasse assim gostaria d'encontrar alguem que lhe offerecesse o braço, alguem muito dedicado e muito respeitador que lhe desse um auxilio...

—Oh! Meu amigo...

—Que se daria por bem pago só em ouvir dos seus labios uma phrase como essa que acabaes de pronunciar...

—Seremos amigos se assim o quereis!

—Ah! não desejo outra cousa...

—Seremos amigos! E se alguma vez souberdes da minha vida o bastante para me repellir eu do mesmo modo ficarei vossa amiga!

Elle estremeceu e perguntou:

—E' então muito terrivel a vossa vida?!

—Muito!

—Que importa!

—Ah! Dizeis tudo isso porque não sabeis como alguma...

—Embora tivesseis praticado crimes seria sempre o mesmo!

Sorriu, balbuciou:

—Crimes! Ah! Se soubesseis! Crimes!

—Mas senhora...

—Calemo-nos... E cedo para isto!

— Sim... Falemos antes na maneira d'encontrar o conde d'Alva!

—Achaes difficil?!

—Acho quasi impossivel que elle vos receba! E' um grande senhor...

Muito meditativa a joven, retorquiu:

—Falar-me-ha!

—Tendes tanta esperança!

—Tenho quasi a certeza! Ha um não sei quê a dizer-me que o conde me receberá a bem...

XXXIV

A neta do creado dos Tavoras

A SEGE parava á porta do paço real e ella apeava-se acceitando a mão que o tenente lhe estendia.

Foram pelo pateo lageado e lá ao fim encontraram um creado.

Ella avançava, perguntou de seguida:

—O senhor conde d'Alva!

—V. ex.ª não está no paço.

—Onde o poderei encontrar?!

—No paço da rainha!

Mas n'este momento o conde de Arcos, o ministro, vinha sahindo e ella correu para elle, exclamando:

—Senhor conde!

O ministro olhou-a, ficou indeciso e balbuciou tirando o chapeu:

—Minha senhora...

—Já não me conheceis?!

—Mas...

—Não?!

Não tenho a menor idéa!

—E no emtanto bastantes vezes me beijasteis quando pequenina...

—Quem sois?

Ella tomou-o de lado e exclamou:

—Não vos recordaes de vosso primo, do senhor bispo do Algarve?!

—D. José de Mello?! O Tavora!

—Sim!

—Mas...

—Eu sou a creança que elle educou...

—Tu?! a senhora?! Pois a neta...

—Do creado dos Tavoras que foi suppliciado.

—Quem o disse! Mas a que vindes ao Brazil?!

—Procurar um homem! exclamou:

O ministro muito cheio de pasmo olhou-a e disse:

—Um noivo?!

—Ah! Não... Um homem que não conheço...

Achava-a mysteriosa e sorria; disse-lhe logo:

—Sabes ao menos o seu nome?!

—Sim! Venho procurar el-rei!

—Ah!

—Venho pedir-lhe uma audiencia, ou antes venho solicitar do conde d'Alva que me leve até sua magestade.

—Eu vos conduzirei se o desejais!

—Vós?!

—Eu sim...

—Oh! senhor conde, mil vezes obrigada!

Mas o ministro, disse-lhe logo:

—E que desejaes d'el-rei?!

—Alguma cousa que só a elle direi!

—E' uma petição?!

—Sim!

—N'esse caso antes o digaes ao seu ministro...

E sorriu galantemente a tomar-lhe a mão, recordando-se do tempo em que a vira pequenina.

—E onde encontrar esses homens?! E não serão elles eguaes aos do reino?!

—Minha boa amiga. Tens um na tua frente!

—O senhor conde?!

—Eu! Por mal de mim

—Mas n'esse caso tudo vos direi... Ah! Com certeza que serei ouvida...

—Sobe... não é aqui o logar das audiencias!

O joven tenente ficou no pateo e a neta do creado dos Tavoras acompanhou o conde.

Todos se curvavam á sua passagem, todos se dobravam e ella muito excitada, entrava no gabinete onde o conde dos Arcos a mandava sentar.

Depois, de pé, na sua frente, disse:

—Que desejas, então?! Sabes que te quero servir em tudo que te seja util?!

—Obrigada!

—Fala!

—Eu venho de Portugal muito exasperada com o que se passa! Atravessei os mares para vir narrar a el-rei as infamias dos governadores do reinos!

O ministro franziu o sobrecenho.

—Reina por lá a fraude e a injustiça...

—Oh!

—Sim, sr. conde e eu quero que justiça seja feita, pelo menos, áquelle que eu vejo innocente!

—Um noivo!

—Podia ser meu pae... declarou ella gravemente ao mesmo tempo que uma lagrima se desprendia das suas pestanas.

—E que lhe succedeu?!

—Está n'uma prisão...

—Porque?!

—Victima de falsidades!

—Quem é esse homem?! interrogou o conde de chofre com intensa curiosidade.

—O general Gomes Freire!

—Desgraçada! exclamou o ministro.

—Excellencia!

—Sim... Vens ao Brazil pedir-me a unica cousa que não te posso conceder!

—Porque?!

—E' um réu de lesa-magestade!

—Innocente!

—Que importa... A justiça mostrou-lhe a culpa!

—Justiça feita por um miseravel...

—Socega!

—Levar-me-heis aos pés d'el-rei?!

—Não!

—Oh! sr. conde...

—Não...

—Porque?!

—Interessas-me demais para te expôr a semelhante cousa! disse o conde fazendo-se bastante pallido.

—Mas o que se passa então?!

—Passa-se que tudo ha-de seguir o seu caminho...

—Que caminho?!

—Nem eu sei, disse com desespero.

—Oh! sr. conde!

—Pois julgais que não falei eu mesmo a el-rei?!

—Vós.

—Sim, eu!

—N'esse caso interessae-vos pelo general?!

—Se o conheci muito...

—E porque não obtivesteis o seu perdão?!

—Trata-se d'um crime de tal ordem que nem el-rei pode perdoar!

—Mas então para quem appellar.

—Para Deus!

—Não ha senão elle?!

—Só!

—E não podeis conduzir-me até el-rei?!

—E' um perigo para ti!

—Que importa?! Exijo isso ou então eu procurarei o conde d'Alva...

—Não... Nem lhe fales n'isso! Eu farei com que D João VI te receba n'uma audiencia particular...

—Oh! Obrigada! El-rei pode ouvir-me e vós tambem!

—Eu?!

—Sim... Quero contar-vos o que se passa em Portugal!

O ministro sentou-se e ella em voz forte, segura e vibrante começou a narrar todos os successos de Portugal.

O conde dos Arcos ouvia-a em silencio.

A joven n'um arranco, já tarde terminava a narrativa, exclamando:

—Aquella perseguição era um crime de D. Miguel de Forjaz, o primo de Gomes Freire.

E o conde dos Arcos calou-se como se meditasse.

XXXV

A audiencia

João VI, mandou entrar a joven que vestia de negro, sorriu e disse ao vêl-a de joelhos:

—Mas erguei-vos!

Queria ajudal-a a erguer-se e tornou ao vêl-a sempre de rastos:

—Mas senhora o que vos obriga a vir assim até aos meus pés? Sei que vindes de Portugal!

—E do fim do mundo viria, meu senhor...

—Que desejaes?!

—O perdão d'um homem que saberá vir até V. M. para explicar as infamias de que é victima!

—Quem é esse homem?! interrogou gravemente o rei.

—O general Gomes Freire!

—Bem sei... O seu crime é enorme...

—Direi antes que a mentira o envolve.

—Careço de vêr as causas! Quero fallar ao meu governo...

—Senhor, real senhor! supplicou ella.

—Bem vejo que muito vos interessa o general! Sois sua filha?!

—Não, real senhor, não! Eu desejava ter um pae assim!

—Mas que interesse é o vosso?!

—O de que a justiça seja feita!

—Mas...

—Senhor: a conspiração de que vos fallam é pura mentira?!

—Mentira?!

—Sim, real senhor, apenas sei que oito homens se reuniam e conspiravam.

—Mas como sabeis tudo!

Ella d'um salto ergueu-se e exclamou:

—Sei tudo porque em tudo entrei?!

—Vós?!

—Sim, real senhor, bradou com desassombro.

—E como andaes por aqui?!

—Porque fugi apesar dos esbirros que me seguiram...

—Sabeis que essa revelação é grave!

—Aos reis só a verdade se deve dizer!

—Pois sim! Pois sim! Quero ouvir dos vossos labios muitas verdades, mas deveis saber que eu tenho tambem um dever para comvosco...

O molle rei ameaçava-a; ella com um ar altivo, dizia:

—Real senhor: quando deixei Portugal, deixei d'amar a vida:

—Senhora!

—Sim... Deixei tudo para só conquistar a liberdade do unico homem que existe em Portugal com uma verdadeira gloria! O seu nome sôa na Europa onde a sua espada fulgia ao sol de mil batalhas!

—Que dizeis?!

—Que esse homem é o mesmo que na Russia obteve a patente de coronel e o cordão de cavalleiro de S. Jorge que só se dá aos reis!

—Elle!

—Que é o mesmo que tomou para V. M. Bosaens e Fizera na fronteira d'Hespanha...

—Elle?!

—Que é o bravo commandante da legião portugueza!

O rei muito pasmado, exclamava:

—E que mais fez elle além de conspirar?!

—Senhor, meu senhor, juro-vos que Gomes Freire não conspirou!

—Porque o dizeis!

—Fui a sua casa convidal-o a tomar parte na revolta e dos seus labios só ouvi recusas e conselhos...

—Porque ?!

—Porque esses revolucionarios sem influencia e sem nome careciam de uma figura prestigiosa para lhes dar alma!

—E só aquelle acharam ?!

—Se era o heroe que o povo amava!

D. João VI estremeceu, fez-se livido:

—O povo ?!

—Sim, real senhor, esse povo bom que vos guarda ancioso!

—A mim ?! Por Deus, por Deus... Mas Gomes Freire, era o idolo da multidão!

—Sim!

Então D. João VI com o seu ar bonacheirão e medroso, volveu:

—E' um mau signal esse!

—O que ?!

—O amor das turbas que só querem aos herejes!

—Senhor!

—Ide-vos! Ide-vos com a minha clemencia!

N'um arranco, a joven exclamou:

—Um dia chegará em que V. M. ao entrar em Portugal ha-de ouvir da bocca dos sinceros esta historia que vos narrei! Ah! um dia o povo vol-o contará com lagrimas...

—Ouvi...

—Senhor...

—E' muito amado do povo esse homem ?!

—E' o unico nome que a multidão respeita ?!

—E se lhe perdosse, elle sahiria de Portugal ?!

—Sahir de Portugal ?! interrogou.

—Sim!

—Talvez... O general deve odiar os homens que lá governam...

—Bem... Voltae d'aqui a momentos... Eu preciso fallar a alguem! Voltae á outra sala.

E quando ella sahiu, D. João VI, com um grande medo, balbuciou:

—Um amigo do povo! Oh! Nunca me perdoarão... E' bem assim!

Tocou a campainha e ao creado que se ajoelhava, ordenou:

—O senhor conde d'Alva!

D. Ramiro entrou; beijou a mão do rei que lhe disse á queima roupa:

—Conde, quem é um tal Gomes Freire!

O fidalgo estremeceu e redarguiu:

—Um hereje!

—Que o povo ama!

—Talvez!

—Pois bem... Esse homem está condemnado á morte!

—Eu sei! disse com odio.

—Vou perdoar-lhe para que saia de Portugal!

—Perdoar-lhe! gritou elle deveras transtornado.

—Sim... E' um bello golpe.

—V. M. não pode perdoar, redarguiu.

Na sala contigua a joven ouvia aquella voz severa a declarar

O conde d'Alva, continuou:

—O perdão d'esse homem será uma audacia nova para os outros!

—O que!

—Sim... Demais V. M. teria de perdoar os outros!

—Que outros?!

—Esses que estão para morrer! Os cumplices...

—Oh!

—Sim, meu senhor, no emtanto se quereis...

—Não... Não...

Veiu para a frente d'elle, tomou-lhe o braço.

—Mas ouve, Ramiro, meu amigo, ouve... E se eu um dia fôr a Portugal não se lembrarão...

—De que?!

—Sim, não perdoei!

—V. M. ignora o que se passa... V. M. não recebera nenhum requerimento, disse elle em voz mal segura.

—Não!

—N'esse caso...

—Mas acabo de receber alguem de Portugal!

—Quem é?! interrogou com grande pressa.

—Uma mulher!

—A amante d'elle?! perguntou com mais fogo.

—Julgo que não...

—E quem é ella? Quem é?!

Deu-se então uma scena verdadeiramente theatral. A joven abriu a porta e bradou:

—E' a neta d'um que morreu no patibulo com os Tavoras!

O conde d'Alva recuou, o rei ficou perplexo.

E ella, sem importar com aquellas honras, desesperando a vida, accrescentou:

—E' ella, é a mesma que vem clamar contra a justiça, contra a infamia de D. Miguel Foriaz!

O conde d'Alva empallideceu e ella ao vêl-o assim, tornou:

—Nem um só momento recuei! Se não obtenho o perdão de Gomes Freire, tenho ao menos que contar! Saberei dizer que no Brazil, deante d'um rei clemente, houve um homem chamado conde d'Alva que não deixou perdoar D. Miguel Forjaz!

—Senhora, volveu o conde. D. Miguel Forjaz, é meu amigo...

—Ah! Sois seu cumplice!

—Senhora!

—Sim! Vejo-o no vosso rosto!

O rei queria pôr termo áquella scena, porém ella continuava:

—Mas eu saberei ir até ao final!

—Eu apenas tive uma opinião...

—Um odio...

Vendo-se meio descoberto, titubeou:

—Mas se S. M. quer perdoar...

O rei nem respondeu; elle tornou de novo:

—Se V. M. quer...

—Ouve, Ramiro, sahide senhora.

—Eu vou, real senhor e tenho a dizer-vos que entrou em casa do senhor conde dos Arcos, vosso ministro... Se a justiça de V. M., me quizer alcançar, ali me encontrará!

—Sahi! bradou o rei

D. Ramiro ao ouvir o nome do conde dos Arcos, fez-se mais pallido e exclamou:

—Real senhor, tenho a dizer a V. M. que tarde chegará o vosso perdão!

—Porque?!

—E' hoje o dia 18 d'outubro...

—Quereis dizer!

—Que a esta hora já Gomes Freire morreu!

A joven, sentiu uma vertigem e exclamon:

—Miseravel!

Depois, perdendo as forças cahiu no sobrado sem sentidos.

O rei foi-se espavorido e vermelho seguido pelo familiar emquanto os creados corriam a soccorrer a joven.

E D. Ramiro, gritou-lhes:

—Levae essa mulher para a cadeia!

N'este momento o ministro entrou; encarou-o, comprehendeu a scena:

—E' uma ordem d'el-rei, senhor?!

—E' uma ordem minha! bradou.

—Mas como acima de vós estou eu, ordeno que levem essa mulher para minha casa.

—Senhor ministro!

—Senhor conde!

—Recolheis em vossa casa mulheres que nos insultam?!

— Calae-vos! Eu jogo o meu logar bem sei, mas jogo-o de bom grado, D. Ramiro...

D. João VI, muito tremulo appareceu á porta e exclamou:

—Que é isto?!

—Real senhor, é que vos peço o perdão d'aquella desgraçada!

-Sim... sim, conde! Vae-te com ella...

—Senhor... obrigado...

E sahiu atraz dos creados que conduziam o corpo da joven para a outra sala.

O rei voltava-se para D. Ramiro e exclamava:

—Que terrivel scena...

—Senhor, que ruim ministro tendes!

—O conde?!

—Sim, real senhor...

—Oh! deixa-o... Poupa-me o trabalho de procurar outro..

Entretanto a joven recuperava os sentidos e exclamava:

—Mataram-no! Oh! eu o vingarei!

Ao vêr o conde a seu lado, tornou:

—Perdoae sr. conde, perdoae.

—Minha filha, deveis socegar...

—Ah! para ter maior força no dia da vingança.

Arrimou-se ao braço do fidalgo e disse-lhe:
—Sabeis que já não quero ir tão cedo a Portugal!
—Ficarás!
—Sim, ficarei!
—Tens aqui uma casa e uma familia!
—Não, excellencia! Eu tenho um convento...
—Amavas então esse homem?!
—Amava n'elle o resto unico do genio portuguez!
Soluçava e ao metter-se na sege via o tenente que a olhava.
Seguiu-a até ali, viva como sempre.
Mostrou-lhe um sorriso, disse-lhe adeus. Elle descobriu-se e a joven murmurou:
—Que infeliz rapaz!...
Lá em cima, D. Ramiro dizia ainda a D. João VI:
—V. M. não deve tolerar o conde dos Arcos... Foi elle quem preparou outro dia uma scena desagradavel no paço da rainha!
—Elle?!
—Sim... S. M. m'o disse banhada em pranto!
—Ella?! Ella que recebia no seu quarto um homem que não reconheci!
—Senhor... Não acrediteis!
—Se vi!
—Ah! Como as apparencias enganam... S. M. estava com o seu confessor... O conde dos Arcos é que buscou separar-vos.
Mas D. João VI, sorvendo uma pitada, respondeu:
—Deixa-me com politica!
—Politica?!
—Sim, volveu o rei com a sua saloia esperteza. Eu vejo agora muito ao longe...
—Real senhor...
—Vae-te... Quero ficar só!
Quando elle lhe beijou a mão, o monarcha, recommendou:
—E sobretudo não tentes nada contra essa mulher!
—Que mulher!
—Aquella que o conde protege...
—Socegae, meu senhor!
—Em socego fico, redarguiu.

Mas o conde d'Alva ao sahir, teve um riso de troça e de colera e exclamou:

—Ainda uma derrota que no fundo é uma victoria!

E lembrou-se mais uma vez d'esse dia 18 d'outubro que ia a findar.

XXXVI

Os amigos de Gomes Freire

Era noute, uma noute escura, má, em outubro. Abriu-se a porta do carcere onde estava Gomes Freire. Um vulto entrou embuçado n'uma capa, olhou o general que dormia serenamente e exclamou:

—Pobre d'elle... e foi tocar-lhe no hombro, a abanal-o.

—O que é?! O que é?! interrogou elle n'um sobresalto e passando a mão pelo rosto, tornou:

—Ah! E's tu Waddock...

—Sim...

—Dormia a somno solto e sonhava...

—Sonhavas...

Parecia perturbado, disse aquillo muito tristemente.

—Sim... Julgava-me na Russia!

—Onde devias estar...

Com um sorriso amargo elle, volveu:

—Oh! Que tempo aquelle...

—Porque não voltas?!

Então o general com o mesmo sorriso triste redarguiu:

—Eu?! Mas acaso posso?!

—Sim... Gomes Freire... Mais uma vez venho offerecer-te a liberdade!

—Nunca... E' a fuga, é a deshonra!...

O inglez não se poude conter. Olhou-o de frente e bradou;

—A deshonra?! Pois maior deshonra é a que vão inflingir-te...

Parecia louco, tremia, sacudia-se n'uma convulsão.

—Ah! a morte, volveu o general com desprezo.

—Sim a morte!

—Que importa! E' collocar-me diante das espingardas como um soldado, d'olhos abertos a mandar o fogo...

—Que loucura!

—Não! Já sei como isso se faz...

—Oh! Gomes Freire, pobre amigo, tornou o official cahindo-lhe nos braços. Mas é que não serás arcabuzado...

—Então o que?!

D'olhos dilatados, todo n'um tremor, quasi n'um berro, disse:

—O que?! o que?!

—Vae chegar o confessor... Vae chegar o carcereiro para te vestir a alva...

—Enforcado?!...

E cahiu sobre o leito a soluçar, desesperado, banhado em pranto.

—Enforcado?!... Oh!... Miseraveis!

—Não queres fugir?!

Elle não respondeu. Chorava o bravo soldado.

Tinham batido dez horas. Estavam dobradas as sentinellas na fortaleza; ouviam-se alertas e soavam passos.

—Oh! Miseraveis... Miseraveis!...

Agora sentia ainda no fundo do seu leito a colera mais estranha e mais sentida, um desespero louco lhe vinha e o seu pobre coração batia extranhamente.

—Morrer... Morrer assim como um bandido!... Que fiz eu a esses homens?! Waddock, meu amigo... E não veiu nada d'el-rei?! Mas que fiz eu...

—Tu eras uma sombra pesada em demasia para elles...

Assim abraçados choravam; sentiam uma terrivel colera e contra os governadores do reino.

—Gomes Freire! exclamou de novo o outro. Vem comigo!

—Como?! Como?!

—Vestireis uma farda ingleza...

—Não! Nunca! Então passaria por culpado...

—E acaso juntos, não teriamos forças para provar a tua innocencia?!

—Não quero! Um dia me farão justiça!

—Meu amigo!

—Eu fui um louco e fui um infeliz... Fui um louco porque não me amoldei ao meu tempo...

Tinha uma enorme exaltação, sentia uma vontade terrivel de clamar, de se indignar e concluia a dizer:

—Se eu fosse como elles, se tivesse sido mais cortezão de que soldado, hoje mandaria enforcar em vez de ser enforcado! Mas que importa?! Saberei morrer! Fui vencido! Oh! Mas pela traição... Recordo-me tanto de que prophetisaram isto! Foi na Russia... Ah! Se o meu Pedro fosse vivo! Se o marquez d'Alorna não tivesse morrido...

—Tens aqui um amigo! Tens além Sir Archibald!...

—E' tarde!...

E conteve um soluço, olhou o amigo e tornou:

—E' tarde sim... ouve meu velho, escuta... Eu não tenho familia... Meu pobre tio foi victima d'uma infamia como eu! Mataram-n'o em Braga...

—Sim... Sim... Eu sei... O pobre Bernardim...

—Pois bem... Não tenho familia... Os meus haveres vão ser confiscados, não te posso deixar sequer uma recordação!

Já não chorava, antes se aprumava e dizia de novo:

—Aquella espada que era toda a minha gloria entreguei-a ao official que me prendeu! Ganhei-a na Russia e quero offerecer-t'a!

—Oh!

—Reclama-a! Leva-a para Inglaterra ou quebra-a... Que não fique nas mãos d'elles!...

—Tu não morrerás! E' impossivel!

—Não... E' certo... E' a minha sina!

Calou-se, ficou de cabeça baixa e com firmeza interrogou:

—A que horas virá o padre?!

—Dentro em pouco...

—E o carrasco?!

—Ao alvorecer... disse elle n'uma voz tristemente alanceada

Tocou uma corneta, o general ergueu-se sobresaltado, ee exmou:

—Que é isto ?!

—E' o regimento que está na torre!

—Ah!

—Sim... E' o regimento que vos deve guardar...

Com furia, tomou-lhe o braço, apertou-o nervosamente e disse:

—Uma vez ainda... Queres partir!

—Não...

—Oh! Vem... vem... meu amigo...

Lançou-se-lhe nos braços a chorar.

Mas a porta abriu-se e o vulto severo do governador appareceu.

—E' tarde:

—Archilball!...

Lançou-se-lhe nos braços ao sentil-o tão amigo, ficou a soluçar contra o seu peito.

Mas Waddock andava d'um lado para o outro, afflicto, desesperado, gritava:

—E não ha um remedio?!... Não ha um só remedio?!

—Ha! disse de repente o governador.

—Qual?!

—Por todos os modos arrancal-o d'aqui.

—Dizias que era tarde!

—Que importa... Saberei passar! Eu sou o governador!

—E eu sou o preso! disse o heroe com vehemencia.

—Queres dizer...

—Que não sahirei!

—Gomes Freire!

—Amigo... E' a verdade! Não sahirei...

—Mas...

—Juro!

—Porém bem vês!...

—Vejo que não tendes o direito de me dar a liberdade.

Os inglezes olhavam-se, pareciam combinar alguma coisa com esse olhar.

Porém bateram á porta e uma voz exclamou:

—E' o confessor!...

D'esta vez um fremito os percorreu; tomaram as mãos do heroe, disseram:

—Mais uma vez, queres vir!

—E elle, muito dignamente, volveu:

—Não... não quero... Mais vale morrer innocente de que salvar-me passando por culpado!

Já no lumiar estava a figura negra do monge.

O governador e o tenente-coronel estremeceram. O padre avançou, disse:

—Deus seja comvosco... e baixou humildemente a cabeça.

Elles apertaram a mão a Gomes Freire no maior desalento e e elle diante do padre, disse:

—Um extenso abraço, amigos!

E passou dos braços d'um aos braços d'outro.

Elles sahiram a chorar. O general, murmurou:

—Oh! Os meus ultimos amigos!

—Não... Não são estes os ultimos, bradou o sacerdote.

Na luz da lanterna collocada sobre a meza, o general anteviu um rosto, teve uma recordação vaga:

—Ah!... Vasco!... Vasco!...

—Eu sim...

E aquelle antigo noviço que se tornara cadete para depois chegar ao generalato, estava alem alquebrado, velho, em face do heroe:

—Tu!

—Eu sim... Não sabes que mais ninguem te podia confessar...

—Oh! Como chegastes aqui?!

—No meu mister...

—O que?! Pois tu...

Com uma dôr intensa na voz e no olhar, o outro volveu mostrando os seus cabellos brancos:

—Era a vontade de Deus que eu morresse no claustro! Devia ser padre e fui soldado, de lá voltei para o habito!

—Oh! Amigo... E Maria da Penha...

Em voz suffocada, o padre, redarguiu:

—Morta! Por isso recolhi ao convento...

Gomes Freire, tornou ao fim de certo tempo.

—Sabes que vou morrer!

—Vi além que se erguia uma forca... Não pode ser para ti!

—Oh!...

Já não chorava, olhava o sacerdote que accrescentava vivamente:

—Como nos velhos tempos, Gomes Freire, aqui tens o teu Vasco...

—Oh!

—Aqui te entrego o habito que te salvaria!

O general estava como louco a olhar a roupeta que o outro lhe estendia.

—Mas... Mas...

—Pensas que não estudei tudo?!... Eu tenho o meu passaporte...

Ao arrancar a roupeta apparecia fardado de coronel inglez.

—Tu és frade, meu Vasco?! Tu conseguiste chegar aqui pelo muito que me queres!

—Sou, Gomes Freire, sou o principal da Cartuxa!

—E não vês que commettes um crime?!

—Por Deus! Tu és para mim tudo!

Mas o general, no seu grande desespero, acabava a dizer:

—Ouve-me, Vasco, ouve a minha confissão...

—Não ha tempo a perder, accrescentou com raiva, o sacerdote.

—Para que?!

—Para a tua fuga...

—Ah! Pois não te disse ainda...

—O que?! O que?! perguntou como doido.

—Que não fugiria?! Não te disse?!

—Sim... Mas...

—Vasco... Já não conheces então o teu amigo?!...

—Oh!

—Sim... Não penses em tal! Eu quero morrer...

O frade que estava ligado a elle, accrescentou em voz fraca:

—O' Gomes... E eu que pedi a Deus toda a minha velha energia quebrantada pelos desgostos. E eu que suppliquei essa graça...

—Amigo... Tu terás essa energia para me levares ao patibulo.

O frade rangeu os dentes colericamente e disse entre soluços:

—Se morres, Gomes Freire, eu saberei vingar-te...
—Amigo!
E elle não recusou essa vingança que o outro meditava ao dizer-lhe ainda:
—Vem... Veste esse habito!
—Vasco, tornou o general. Viste os homens que sahiram d'aqui?!
—Sim... Os inglezes!
—São o governador da Torre e o seu immediato!
—Bem...
—Sabes o que me disseram?
—Não...
—Que passasse aquella porta com elles!
—Para que?!
—Para fugir...
—E tu?
—Como viste, recusei...
—Que não resistas... Veste o teu habito... Ouve a minha confissão...
—Oh! Gomes Freire, não tenho coragem...
—Ouve-me... Careço de consolos...
—Que me dizeis que eu não saiba!
—Sabe o amigo... Não sabe o sacerdote!...
—Oh! Tu és uma alma justa...
—Não sei...
—Oh! Gomes Freire... e o padre deixou-se cahir sobre o leito.
—Inverga o teu habito, ordenou o general.
—E' a tua ultima resolução?
—E bem a ultima...
Cahiu de joelhos ao vel-o vestir o habito e disse:
—Agora... Ouve-me... Tu és o padre e eu o penitente!
—Mas...
—Ouve-me, reverendo!
Era extraordinario aquelle homem tão proximo da morte, e ter semelhante coragem, a falar assim, com os olhos enxutos e a cabeça erguida.
—Gomes Freire! soluçou o outro.
—Amigo...
—Mas é a forca...

—Estás junto de mim para me consolares! Fica para me vingares, para a rehabilitação!

—Ah! Os miseraveis!

—Agora Vasco, só quero assim palavras de perdão!...

Estava de joelhos diante d'elle e o outro não tinha a coragem de começar.

Por fim, em voz baixa, começou a sua tarefa.

Ouviu-se rumor na fortaleza.

Sir Archibald Campebll, recebia o commandante da força: o coronel que o governador do reino lhe enviava:

—Senhor!

— Coronel!

—Eu venho para commandar o regimento...

—E Waddock! interrogou com pasmo.

—Não lhe compete...

—Vós o commandareis!...

—Peço-vos todo o auxilio para manter a ordem...

—Que julgaes?! interrogou de repente.

—Que esse rebeldes tem amigos!

Campebll olhou o coronel e redarguiu:

—E tem...

—Já vedes pois...

—Coronel... Estaes falando a um d'elles!

—Vós

—Por Deus que sim...

—Tambem vós!

—Desde ha muitos annos! Elle é um heroe...

—Oh!...

E voltou-lhe as costas. Foi de corrida juntar se aos funccionarios da policia que chegavam.

—Ah! Vil... Vil disse uma voz ao lado de Campebll. O miseravel então é amigo dos carrascos!...

Na estrada de S. Julião vinha um vehiculo a todo o galope, o governador estava perturbado, arrastava-se nos braços de Campebll.

—Vae ser terrivel!

—Ah! Ahi chega o carrasco!...

A' porta da fortaleza apeava-se um homem embuçado.

E bateram as onze horas.

XXXVII

Via Dolorosa

Pardacenta apparecera a manhã. Na plataforma da fortaleza um terno de tambores aguardava um signal.

Fóra dos muros, n'um terreiro, a forca erguia os seus braços negros, deixava pender o baraço. Nevava; estava frio; o Te o murmulhava contra os paredões de S. Julião da Barra.

Reinava ainda um grande silencio. Dentro em pouco tocaria a alvorada.

Mettida na bruma a povoação de Oeiras, com o velho casarão do marquez de Pombal, estava queda, tristonha. Na estrada rodava um carro d'almocreve bem carregado.

Em baixo, no carcere, a gente da justiça rodeava o general, que se erguera.

Tinha os olhos pisados, estava vestido na sua farda ao lado de frei Vasco.

Ardia uma luz sobre a meza a meio do aposento onde tanto soffrera.

Chegara emfim o momento da sua humilhação.

—Resigna-te Gomes, murmurou o frade a meia voz, accrescentando logo:

—Eu te vingarei...

O carcereiro entrou com um braçado de roupas, acercou-se e disse:

— E' a hora!

— Ah! Vamos para a morte volveu Gomes Freire, sem o menor terror.

— E' necessario que envergueis a opa!

— O que?!

— Sim... Aqui esta a alva de condemnado!

E collocou sobre a cama a veste clara, uma camisa larga que o revestiria.

O general olhou cheio de pasmo aquelle homem que assim lhe fallava. No seu rosto lia-se uma extranha dôr, e uma grande amargura.

Tambem lhe embranqueciam as barbas e os cabellos.

—Vestir isso!...

Com um gesto de repugnancia, apontou a alva, abanou lentamente a cabeça e murmurou:

—Mas eu sou militar! Quero morrer com a minha farda!

Em roda a gente da justiça calava-se; elle olhava-os, sentia-se desesperar.

—Como um ladrão!...

—Gomes... Agora é necessario, disse-lhe o padre muito baixinho.

E elle, com uma santa resignação, despiu a farda, aquelle uniforme glorioso, arrancou-o com furia, ficou em roupas brancas emquanto Vasco lhe trouxera a alva chorando commovidamente.

—Devia ser eu o encarregado de tão vil tarefa...

Não respondeu, tinha sangue nos olhos, tinha uma contracção nervosa, punha-se-lhe um nó na garganta.

De repente, rufaram os tambores e elle exclamou:

—Ah! Emfim!

—Deveis descalçar-vos, rugiu a voz grossa d'um carcereiro.

E elle, então, já resignado, com a tristeza no olhar, deixou-se cahir sobre a cama ao mesmo tempo que o frade ajoelhava a seus pés.

Descalçava-o e já se approximava um carcereiro com o baraço para lhe ligar as mãos atraz das costas.

Deixou-se amarrar; pela primeira vez sentiu um estremecimento que reprimiu.

Em cima, os tambores rufavam desesperadamente; a nevoa afogava tudo.

E a povoação tinha o mesmo ar tristonho, desolado, sem um grito, sem uma manifestação de vida na replante geada que cahia. Os passaros acoxavam-se nos ninhos.

O espaço era cinzento, brumoso, muito pesado de côr, sem uma aberta.

O general estava de pé no lagedo, muito transtornado. Corria-lhe pela espinha um calafrio, olhava serenamente frei Vasco que o olhava tambem.

De repente os homens de justiça approximaram-se, um desembargador interrogou:

—Tem mais alguma cousa a dizer?!

—Apenas a Deus que me julga n'este momento, redarguia lentamente.

O frade passou-lhe o braço em volta da cintura, amparou-o, levou-o assim com um carinho enorme até á porta.

Elle sentia o frio das lajes a precorrel-o, era como a ante camara do tumulo.

Mas levantava a cabeça: queria mostrar serenidade.

Em cima acabava de se formar o regimento.

Os soldados estavam firmes, serenos, com os tambores á frente, lá no terreiro o carrasco aguardava-a com os ajudantes junto á forca.

Rufaram mais os tambores; houve uma manobra, soou uma voz de commando e a tropa poz-se em marcha para cercar o patibulo.

Havia raros curiosos, gente de campo apenas que vinha vêr morrer um homem.

Elle passou o portão da fortaleza sempre de cabeça levantada.

Então teve um calafrio vivo, sentiu em frémito, murmurou:

—E' feio!

Viu os olhares dos homens de justiça fixos n'elle.

Assim foi até ao patibulo, onde o mandaram esperar.

Na manhã regelada, elle com o seu ar de torturado, aquedava-se.

Recordava a sua vida atrazada, o que fôra, o que fizera, o que seria.

N'aquelle momento tudo lhe chegava de tropel, tudo lhe vinha

n'uma ancia, n'um desencadeamente d'ideias, muito rapidas, muito velozes.

E lembrava-se d'uma manhã assim, sobre os gelos, na Russia, no dia de epopea em que quasi regelou mas em que recebera uma espada d'honra.

E que tambem nevava, tambem tinha uma grande commoção, tudo se passava no emtanto ao revez.

Não amaldiçoava ninguem, lembrava-se dos seus amigos, sentia o braço de fr. Vasco a tomar-lhe a cintura.

Mas um frio mortal o invadia, uma grande tremura o sacudia na mais formidavel sensação.

Via como n'um sonho muito perturbadamente tudo aquillo, via os homens da justiça, vestidos de negro, via a tropa, os soldados, toda aquella velha guarda, alem na sua frente, e via tambem o carrasco.

—E Campbell!

Lá estava como na Russia, outr'ora, fardado, firme, sem o olhar.

Todos os seus sonhos morriam n'aquella hora, por essa manhã triste de nevoeiro diante d'uma forca.

Era a sua vida tranquilla, a sua patria organisante que ia deixar, era tudo, a infamia e a torpeza que se impunham na terra que lhe fôra berço. Então sentia uma vertigem, sentia um desfallecimento e ficava nos braços do frade. Corriam para elle como se temessem vel-o morrer sem a humilhação de força: uma voz suou:

—E' medo!

Como se recebesse uma chicotada, estremeceu, voltou a si, disse:

—Faltava-lhes isso... Tenho apenas frio...

Os soldados estavam impassiveis: corriam lagrimas n'algumas faces.

Um veterano da guerra peninsular, deixou cahir a arma ao enxugar as lagrimas.

E logo, houve um panico, logo se pintou o terror na face dos homens da justiça. Um d'elles correu para o commandante, exclamou:

—Coronel... E' melhor que o regimento volte as costas á forca...

—A seu tempo!...

Muito baixo, o outro, disse:

—Já... elles podem revoltar-se...

—Socegae...

—E' que o general fez signaes maçonicos... E' amigo de Waddock.

O coronel Amaral redarguiu cynicamente:

—Tem as mãos amarradas.

Rufavam de novo os tambores.

Gomes Freire, muito baixinho, ao ouvido de Vasco, murmurou:

—Ouve-me... Mandem que se apressem... Não posso mais; Tenho frio...

Parecia no emtanto que faziam prepositadamente, demoravam-se, tinham o prazer de o vêr soffrer, tinham a ancia voluptuosa de verem tremer aquelle que lhe apontavam como heroe.

O carrasco, um mulatão espadaudo, vestido de vermelho, estava sereno; mas de chofre, como visse que prolongavam a scena, disse emjoado:

—Porque esperam...

—Pela alvorada, foi a resposta.

Eram ainda cinco e meia da manhã.

E então, durante mais meia hora, sem a menor attenção, sem a menor piedade, elles deixaram-no ali ficar exposto aos olhares da turba e da commiseração dos soldados. Vasco, fallava lhe baixinho:

—Gomes Freire, que queres de mim, que devo fazer?!

—Amigo... Primeiro quero que não chores...

—Ah!

—Sim... São contagiosas as lagrimas... Não vês como os soldados choram... Estão ali alguns que vi no fogo; estão ali heroes... Quero despedir-me d'elles...

—Não t'o consentirão...

—Vasco... tornou elle. Na algibeira da minha farda está uma carta que eu escrevi...

—Bem... volveu o frade com rancor...

—Leval-a-has... não tem subscripto. mas é para ser entregue a D. Miguel Forjaz...

—Sim!

—Mais nada... Mais nada!... Que demora!

Agora tinha uma grande pressa de morrer, tinha um grande desespero no olhar e accrescentava:

—Bem arrependido estou de ter amado bastante a minha terra!

—Gomes!

—Devia tel-a aleviado de semelhantes miseraveis!...

—E' a hora, disse uma voz.

E então no meio do silencio glacial, faziam-no avançar a passos breves para a forca. Davam as seis horas ao longe n'um sino d'uma egreja. Tocaram as cornetas na fortaleza.

Elle avançava sempre, parava diante do regimento, muito sereno, muito altivo e ao ver lagrimas nos olhos dos soldados, o general sentiu um consolo.

—Quero falar lhes! pediu docemente.

Mas já o desembargador deveras assustado, exclamava:

—Coronel... coronel... E' bom voltar o regimento contra a forca!

—Nunca! exclamou elle com força. Jámais farei semelhante affronta...

—A' um criminoso! disse o homem da justiça com raiva.

—Ah! não... aos meus bravos! O meu regimento póde bem vêr morrer um traidor sem se revoltar!...

Campbell deu dois passos para elle e gritou:

—Senhor!

—Que desejaes?!

—E' muito solemne este momento para insultos!

—Como o entendeis...

—Calae-vos! Eu sou o governador da fortaleza e atravez de tudo vos farei calar!...

Já Gomes Freire, junto da forca lhe agradecia com um olhar.

Subiu a escada sempre amparado por fr. Vasco que lhe mostrava o crucifixo.

Porém elle, antes de o olhar, dizia:

—Vasco... Vasco... Vês como acabam os nossos sonhos!

—Pó, terra, o nada...

—A infamia! concluiu com força.

Depois volveu os seus olhos tristes para o Christo, soffreu um

rude abalo ao sentir que o carrasco lhe punha a mão no hombro e murmurou:

—Devagar, senhor!

—Não vos desmancho os laços de rendas! rosnou brutalmente.

Com um mau riso atirou-lhe a laçada ao pescoço e accrescentou:

—Bem vêdes que vos componho...

Então o general com as lagrimas correndo a quatro a quatro pelas faces, disse:

—Soldados!

Olhava o regimento e via que todos choravam, sentia um desejo mortal de lhes dizer que morria innocente, sentia uma colera surda, uma violencia brusca e exclamava de novo:

—Soldados!

Mas já o desembargador bradava:

—Rufem os tambores!

Na atirada brutal a sua voz foi abafada; o carrasco deu-lhe um empuxão e o corpo do general ficou a balancear no espaço, rigido, livido, roxo, na ignominia da forca.

N'este momento a soldadesca deixou as fileiras, ouviu-se um rumor, pararam os tambores e na confusão que se estabeleceu a voz do coronel soava:

—Firmes! Firmes!

—Miseravel! bradou Campbell fugindo espavorido ao lado de Waddock.

O frade olhava-o como se ainda não acreditasse, increpava duramente o desembargador:

—Não me deixaste dar-lhe o cumulo da religião!

E o bandido redarguiu com um riso:

—Ah! Era solemne e perigoso o momento!...

Vasco com uma tristeza afastou-se, correu para a masmorra a procurar a carta na algibeira da farda do heroe.

E o regimento entrava na ordem, partia ao som das cornetas emquanto o carrasco deixava correr a corda e pousava o cadaver no chão. Já outros accendiam uma fogueira. Começava uma scena canibalesca.

As madeiras eram untadas de breu e de azeite.

Lançavam lhes fogo, formavam uma roda e sobre aquelle bra-

zeiro, na fumarada revolta, na chamma rubra, lançaram o corpo de Gomes Freire como na suprema purificação que para elles era a ignominia.

Já Vasco voltava com o rosto transtornado, tudo só n'uma perturbação, agarrava contra o peito a carta dirigida a D. Miguel Forjaz.

—Meu irmão, disse uma voz a seu lado.

Voltou se, deparou com Waddock que parecia louco:

—Que quereis?!

—E' necessario que o vinguemos!

—Só a mim pertence essa vingança...

—Que fazeis?!

—Deus o sabe...

Mas recuou, estremeceu, apontou os rolos de fumo negro e disse muito cheio de terror:

—Que é aquillo?!

—Queimaram-no...

—Ah!... Infames!

Soltou um grito rouco e levou as mãos ao coração dizendo:

—Sim... Vão deitar ao mar as suas cinzas!

—A terra não as deve possuir! Lá em baixo, no fundo das aguas, estão melhor!... Ah!... que miseraveis!

E com um brado extranho de dôr e de raiva, o frade cahiu desamparado no lagedo da fortaleza.

Rompia o sol, um sol d'ouro fusco, doente, pallido, um sol de melancholia; e os passaros já começavam por sobre a fogueira a chilrearem.

D'ahi a momentos, no Campo de Sant'Anna eram enforcados os outros accusados que ficaram na historia com o nome de Martyres da Patria.

Beresford, n'essa mesma tarde, despedia-se do governador do reino com as seguintes palavras:

—Vou ao Rio de Janeiro! Vou dizer a el-rei que apenas obedeci! Não fui eu o assassino de Gomes Freire!

Elles não lhe souberam responder.

E fr. Vasco, pela noite, muito encolhido no fundo d'uma sege, dirigia-se para a Ajuda em procura de D. Miguel Forjaz.

Quando disseram ao governador que se tratava do reverendo superior dos Cartuxos, mandou-o que entrasse.

—Meu irmão, a que vindes?!

Quiz beijar-lhe a manga e elle retirando-a, disse:

—Venho cumprir uma missão...

—De quem?!

—D'um amigo meu, d'um irmão que foi morto hoje!

—Senhor!

—Aqui tendes!...

Estendeu-lhe a carta e o outro rasgando á pressa o sobrescripto fez-se pallido e exclamou:

—De quem é isto?!

—De Gomes Freire...

D. Miguel Forjaz cahia desamparado n'uma cadeira e deixou-se ficar assim muito tempo, deveras perturbado.

A carta estava no chão; tinha só uma palavra mas era escripta com sangue do martyr.

—Maldito!

E aquella palavra crescia, tomava proporções, era como uma accusação feita com toda a revolta d'além do tumulo.

Pela noite foram lançadas ao Tejo as cinzas do general, do homem que fôra um dos primeiros homens de guerra de Portugal.

E a noite estava serena, calma, com um luar doce que parecia querer gravar um epitaphio de luz sobre as aguas que serviam de tumulo ao grande heroe portuguez!

XXVIII

As noticias

A filha do creado dos Tavoras quando lhe disseram que Gomes Freire fora morto, sentiu um abalo profundo. Ficou como doida e a custo conteve uma imprecação.

N'essa mesma tarde á hora do jantar despediu-se dos seus hospedeiros.

—Pois partis ?! perguntou-lhe o ministro.

—Sim... Parto... Já é escusada a minha presença no Brazil !

—Oh ! Minha pobre creança, tornou elle, e que vaes fazer para Portugal ?!

—Repousar...

Foi muito serenamente que deu aquella resposta, foi como já desligada da vida, e accrescentando :

—Decerto em pouco vae partir um navio para o reino... Eu irei n'elle.

Ninguem foi capaz de a dissuadir.

As ultimas horas que passou em casa do ministro empregou-as a meditar.

Lembrou-se primeiro d'esse homem a quem quizera tanto bem. Não derramou uma lagrima. Parecia que lhe tinham estancado todas as sensações.

E veiu lhe depois a recordação do joven official que tantas provas d'amor lhe dera, chegou-lhe essa visão d'esse muito amigo e velho apaixonado. Só então pensou que podia ser feliz.

Sem saber porque ligava-o á sua felicidade, enchia o peito com a imagem d'elle. Mas de repente os olhos scintillavam-lhe, vinha-lhe um enorme desespero e murmurava:

—Oh! E ainda penso na felicidade!

Para ella tudo devia acabar desde que Gomes Freire morrera.

E entrava a perguntar a si mesma como se ligara áquelle homem, o que a faria assim amal-o.

Não o amava senão como portugueza, como uma mulher que se habituava a respeital-o a querer-lhe como a um pae. Porém a idéa de partir, muito forte n'ella, embaraçava-a, levava-a a pensar na vingança.

E acudia-lhe a idéa do miseravel conde d'Alva e do vil D. Miguel Forjaz, vinha-lhe o desprezo por ambos e sem saber porque sentia-se capaz de tudo para vingar a memoria de Gomes Freire.

Porém que podia ella fazer, assim tão fraca, pobre mulher sem mais auxilio que o seu braço?!

Quando chegou a noute e quando os escravos lhe foram levar as suas malas a bordo, a joven, acompanhada pelo ministro, já dentro da sege, exclamou:

—Como vos agradeço, senhor o que fizesteis por mim?!

—Pouco foi! E como desejava fazer muito mais! disse elle.

A rapariga baixou a cabeça e apenas redarguiu:

—Que poderieis fazer?!

—Muito, se quizesseis...

—Muito?!

—Sim! Poderias ficar comnosco, poderias ficar em minha casa encontrarias todos os carinhos!

—Senhor... Mas se eu nasci para ser desgraçada...

—Não comprehendo...

—E' simples, senhor! Mataram aquelle por quem eu tinha um grande affecto...

—Resigna-te!

—Resignar-me...

—Sim! Que contas então fazer?! interrogou como sobresaltado.

—Conto encerrar me n'algum logar onde possa estar só!

Chegava ao caes; o ministro desceu e offereceu-lhe a mão. Já tinha aproado um bote a terra e saltaram para elle.

Iam a caminho do navio; o ministro fallava sempre.

—Sabes que em minha mulher encontras uma mãe?!

—Senhor...

—Sim... Já te amava como filha...

—Então...

—Mas não posso...

—Ouve...

—Dizei...

—Depois ha alguem que te ama...

—Quem?! interrogou com um sobresalto.

—Aquelle pobre rapaz...

—A quem eu só daria desgostos...

—Mas porque?!

—Senhor... Eu tenho no fundo da minha alma alguma cousa a segredar-me que devo ser infeliz...

—Loucuras...

—Tenho no fundo do meu coração o pensamento que faria desgraçado aquelle que me amasse...

—Oh!...

—Sim... bem sei... Vi morrer minha mãe, vi morrer até minha familia.

—Mas...

—Finalmente, esse homem que devia libertar a minha patria...

—E's uma creança...

—Serei...

—Mas escuta...

—Nada me pode esquecer do que passei...

—Pelo ceu... Escuta... Que queres fazer?!

Agarrava-lhe febrimente a mão, porem ella com a maior simplicidade volvia:

—Nada...

—Mentes...

—Não... Não minto... Quero apenas affastar-me do mundo!...

—Encontrarás facilmente um convento....

—Sim...

—Aqui mesmo....

—Quero os do reino!

—Queres fugir aquelles que te amam...

—Quero estar só!

Chegavam a bordo; ella ia logo para o seu quarto e disse ainda ao ver o ministro muito commovido:

—Perdoae...

—Já sabes que se alguma vez careceres d'um amigo...

—Senhor, eu sei!

E uma lagrima, a sua ultima lagrima se lhe desprendeu dos olhos e se foi perder no seu alvo pescoço.

Logo que o ministro partira, ella veiu para a tolda. Estava uma linda manhã. Chegavam passageiros. Envolvera-se n'uma capa e sentiu-se arrastada por uma grande loucura que debalde tentava abafar.

Descera ao acaso para um bote dos que chegavam, foi conduzida a terra, e uma vez no caes sorria extranhamente:

—Para onde vou eu ?!

Mas caminhava sempre como se levasse um seguro destino, ia no mesmo passo seguro e rapido atravez as ruas a murmurar phrases sem nexo.

Por fim chegou em frente do palacio de Carlota Joaquina.

A sentinella cruzou a arma na sua frente; disse-lhe:

—Passe de largo!

—Desejo entrar, redarguiu com aprumo.

—O quê! interrogou o soldado.

—Para entregar um bilhete ao sr. conde d'Alva!

Foi-lhe dada a passagem. No vestibulo encontrou um creado e disse-lhe:

—O senhor conde d'Alva!

—Não sei se a receberá!

Sahiu-lhe dos labios uma phrase expontanea:

—Aguarda-me!

O servo sorriu, levou-a pelo corredor.

A joven tremia mas seguia sempre o caminho.

Quando elle parou em face d'uma porta, ella seguiu-o e bradou:

—Podes retirar-te!

—Mas...

—Já te disse que o sr. conde me espera.

O servo como se estivesse habituado a muitas aventuras semelhantes deixou-a só. E, ella empurrando a porta com força, entrou pelo aposento.

O conde estava sentado em face da secretaria, ergueu-se n'um salto ao vêr aquelle vulto de mulher, pintou-se uma grande surpreza no seu rosto ao reconhecel-a e exclamou:

—A senhora ?!

—Eu sim...

—Sentae-vos!

E começou a achar graça á aventura.

—Mas como entrasteis aqui, na praça ?!

—Por meio da mentira ?!

—Como ?! Da mentira ?!

—Sim!

Fallava com muita firmeza, com grande força:

—Sim, por meio de mentira, é como vos digo...

—Oh!

—Admirae-vos ?!

—Decerto... Sempre vos julguei muito pura e muito sincera...

—Outro tanto podia eu julgar de vós...

Usava de ironia, sorria e replicava-lhe:

—Eu entrei aqui porque precisava fallar-vos, disse ao vosso creado que me esperaveis...

—Ah!

—E elle como habituado a visitas semilhantes, deixou-me passar..

O conde d'Alva sorriu com fatuidade e volveu:

—Sim, por vezes procuram-me...

—Basta de demoras, senhor conde!

—O que tendes a dizer-me ?!

—Bem pouco é...

—Fallae...

—Eu venho para vos fallar d'alguem que não amaste...

—O quê ?!

Como se a julgava louca, encarou-a.

A joven tornou muito senhora de si:

—Sim, venho fallar-vos de Gomes Freire!

—A mim?!
—A vós mais do que a qualquer outro!
—Mas...
—A razão!
—Sim...
—E' muita... Ereis seu inimigo!
—Eu?!
—Sim, vós...
—Como o sabeis?!
—Se não o soubesse bastava-me a vossa attitude d'agora e a d'outro dia no paço...
O conde olhava-a sempre como admirado sem comprehender bem onde ella queria chegar; porem a joven alteando pouco a pouco a voz, accrescentava:
—E' necessario que fallemos n'este triste assumpto d'uma vez...
Mas senhora...
—E' ou não verdade que fosteis inimigo de Gomes Freire?!
Com um ar de satisfeito, o outro volveu:
—Que devo dizer-vos?! Sei apenas que o conheci no exercito, que outr'ora nos encontramos!
—Senhor conde... Eu só quero fallar de Gomes Freire!
D'esta vez, brutalmente, com um ar sacudido, bradou:
—Basta! Devo acaso ouvir mais tempo semelhante cousa?! Quem é a senhora para assim me impor a sua vontade?!
—Quem sou?!
—Sim, quem sois para assim chegardes a minha casa a fallar-me em cousas que não existem?!
Era ainda ironico, era ainda o mesmo homem que buscava chalacear com o caso, com a actitude d'aquella mulher que mau grado seu se lhe impunha.
Ella com o seu modo activo, vivamente, accrescentava:
—Sou uma mulher que achaes talvez extranha, senhor conde, no emtanto é esta a minha maneira de ser... Já estava a bordo do barco que devia conduzir-me ao reino e no emtanto voltei como vêdes! concluiu ella.
—Para quê?! interrogou no mesmo tom de troça.
—Para vos pedir contas...
—A mim?!

—Sim... A todos, accrescentou com furia.

—Sejamos rasoaveis, volveu ainda a sorrir. Devemos ser bem rasoaveis francamente!

— Senhor... Acaso não achaes que me deveis uma explicação!

—Quanto mais não fosse por delicadeza, volveu a rir.

Ella com a sua serenidado olhava-o e accrescentava-a mais uma vez:

—Seja pelo que fôr...

— Desejaes então ouvir uma historia...?!

Não lhe respodeu. Muito pallida ficou á espera que elle acabasse.

O conde com o seu modo risonho, como se não lhe ligasse! importancia maior, disse:

—Não deixa de ter o seu tanto ou quanto de tragico essa historia...

Sempre com a mesma serenidade postiça aguardava que elle fallasse.

Agora era toda ouvidos, vinha lhe como uma grande febre, sentia um enorme desejo de o ouvir até final.

Aquella ambicionada explicação ia chegar finalmente, ia ser exposta d'uma vez para sempre.

—Fallae...

Elle sentou-se, agarrava um cigarro e cruzando a perna tornava:

—Deveis sentar-vos tambem... E' longa a historia...

A joven obedeceu machinalmente, elle explorou o quarto com o olhar.

—Será bom cerrar esta porta!

E foi cerral-a para de novo tomar o seu logar com o mesmo modo risonho.

E a joven ficava a olhal-o muito cabisbaixa!

XXIX

A historia

Em voz segura e levemente ironica, o conde começou :

— Já lá vão muitos annos, mesmo muitos... Eu era novo, tinha pretos os cabellos e um coração ardente! Ah! Ainda não conhecia a vida e sentia-me capaz de todos os commettimentos... Só mais tarde uma audacioso corso riscou dos diccionario a palavra impossivel e no emtanto já eu tinha pensado n'isso Era verdadeiramente assombrosa a forma porque eu sonhava... Haveis de fazer-me justiça...

Não respondeu: ficou a escutal o da mesma maneira, callada, embebida nos seus pensamentos.

O conde continuava:

—Não havia que recear o menor obstaculo e sabia vêr de frente os inimigos... Amava muito, n'esse tempo... Oh! Se amava...

—Depois ?! Depois ?! interrogou ella.

Parece que vos interessa a minha historia...

—Muito... Mesmo muito...

—Ah! n'esse caso escutae com a maior attenção... Tenho cousas bem comicas, tornou elle sempre a sorrir.

—Fallae...

E ficou ainda do mesmo modo a ouvil-o.

—Tinha uma noiva, era linda...

—Tenheis uma noiva?!

—Sim... Era a sobrinha do Cardeal da Cunha... Fôra-me promettida... Ah! Quanto custa a arrancar isto do pó do esquecimento... Pois era linda essa mulher... Fallava-se d'ella na côrte, era amada por muitos...

—E só de vós gostava?!

— Assim o julguei ou antes assim o sonhei... Como me fôra destinada, como devia saber que o seu noivo era eu, descançava... Aguardava ella no convento das Salesias, a hora em que devia tornar-se minha mulher...

—Ah! E chamava-se?! perguntou com mais interesse.

—Tinha um bello nome... Para que recordal-o... Era bello muito bello mesmo... Um dia recebi a noticia de que alguem era por ella muito olhado durante as novenas...

—Ah!

—Sim... A perfida atravez as grades do côro lançava olhares para um cadete do regimento de Peniche... Senti arder-me o sangue nas veias!...

Pouco a pouco ella interessava-se mais pela historia.

—Sim... Sentia arder-me o sangue nas veias!... De novo alguem me avisou de que o mesmo cadete sahia por deshoras do convento! O coração deu-me um baque!

—Oh!

—Sim! Quiz saber! Morava então em Ajuda na mesma casa que hoje habita D. Miguel...

—O governador?...

—Sim, o meu amigo!

—Sois muito amigos?!

—Tanto que mal podia imaginar...

—Adiante... adiante... sollicitou ella com grande pressa.

—Pois bem... sahi de casa pela noite e embuçado, sahi com o desespero na alma e fui espionar... Era n'uma noite suave... Lembro-me que os meus passos soavam cavernosamente nas terras seccas! Tive uma attenta espera! Oh! Tão grande que mal imaginaes...

—Sim... sim...

—Estava ancioso. Ainda via a mentira n'essa denuncia...

—Não acreditaveis?!

—Não! Com franqueza o digo, não acreditava... E no emtanto a minha mão apertava nervosamente o punho da minha espada... Alli no escuro aguardei as horas!... O que eu soffri!

E passados tantos annos ainda essa recordação o amargurava, ainda uma grande colera se lhe desenhava no rosto ao exclamar:

—Estive assim muitas horas e muitas dôres senti... Tudo andava em roda... Ah! Porque não morri?'...

—Senhor... Tinheis antes um bem differente destino...

—Sim!

—Fiquei sempre ali ancioso e cheio de raiva, com uma louca colera e a amar cada vez mais essa mulher... Todo eu tremia... Mas não vinha ninguem... Havia em mim a cobardia de saber... Dei ainda alguns passos para me affastar... Porém como um bom voltei ainda muitas vezes... Deixei-me ficar... Tornava se impossivel sahir d'ali antes de manhã... Era necessario saber!... De repente um vulto appareceu no alto do muro... Era um vulto d'homem que trazia uma espada e que se debruçava... Olhei pasmado! D'ahi a momentos reparava que elle sempre curvado para o interior da quinta ajudava alguem a subir... E reconheci uma freira... Comprehendi tudo!

—Um rapto!

—Sim o rapto d'aquella que devia ser minha mulher, que me estava promettida!...

Elle, continuava no mesmo impeto:

—Reconhecia-a quando o homem saltou lestamente para a rua e a tomou ao collo... Bateu-me em cheio um raio de luar... Arranquei da espada, gritei: Miseraveis!... De repente vi que apparecia uma sege, vi outro homem que levava a mulher ao mesmo tempo que o primeiro ficou na minha frente de espada nua a clamar:

—Quem sois?!

—Um homem que te quer o sangue, respondi.

—Ah! Como sois exigente, respondeu elle e cruzou o seu ferro com o meu...

A joven cada vez mais apaixonada pelo desenlace da tragedia escutava-o attentamente.

—Parecia que elle era um collosso, cahiu sobre mim bradava:

—E' aviar senhor, é aviar que a manhã não tarda!

—Miseravel, gritei eu; e elle com um tom escarninho, disse:

—Ah! demorae-vos! Pois eu liquido... Senti o ferro a penetrar-me no peito, uma nuvem de sangue toldou-me a vista e eu cahi desamparado. Não ouvi mais nada, não dei acordo de mim senão quando no dia seguinte me vi estiraçado no leito com uma grande ligadura no peito...

—Oh!

—Sim... Soffri então muito ao lembrar-me da scena... Estava ao meu lado o cardeal da Cunha e José Maria de Mello!

—O bispo do Algarve?!

—N'esse tempo simples frade!

—Oh! Conheceis tambem esse!

—Muito bem... E' meu amigo!...

—Não me admiro já de cousa alguma, accrescentou ella:

—Mas continuae!

—Sim... Veiu a justiça, veiu gente do paço...

—E depois...

—Era necessario descobrir o homem.

—O vosso adversario?!

—O mesmo... Elle commettera um sacrilegio...

—Em ferir-vos? interrogou pasmada.

—Não! O sacrilegio de roubar uma monja do seu convento...

—Bem... E depois?!

—Puzeram-se em movimento as justiças do reino... Levou-se a cabo muito trabalho, fizeram-se pesquizas e por fim.

—E por fim?! interrogou com mais pressa.

—Não sabeis cómo adoro o acaso...

—Como eu...

—Pois o acaso fez-me saber o nome d'esse homem...

—Ah!

—Sim... Soubemos tudo... Era necessario prendel-o...

—E prenderam-no...

—N'esse tempo partiu para a provincia... Mas podemos rehaver a minha noiva que foi morrer n'um convento...

—Pobre d'ella... E o homem?! perguntou mais uma vez.

—Elle?!

—Sim.

—Consegui-u sempre escapar-se! volveu com rancor.

—Porque?!

—Mercê d'um outro que era seu amigo, mercê d'um homem que muito podia n'esse tempo!

—Quem?!

—O arcebispo de Thessalonica, o confessor da rainha que o fez predoar...

—Mas tenheis uma espada!

—Eu...

—Sim?!

—Tinha-a... Elle porem escapou-se....

—Fugiu?!

O conde corou e redarguiu:

—Não... Ausentou-se apenas.

—Para longe?!

—Para muito longe... Só voltou ao cabo d'annos. Joven a envelhecer...

—Oh! E então?!

A essa pregunta agora era feita em voz mal segura.

O conde tornou:

— Ainda fez com que nos encontrassemos...

—E fallastes-lhe...

—Oh! Não! As armas que se deviam jogar eram apenas as de ferro...

—Ah! Conde... Elle era pouco astucioso...

Não! disse rapidamente o fidalgo, não... Esqueceu-me...

Elle então com muita sinceridade, volveu:

—Eu não. Apenas aguardava a hora com que podesse feril-o...

—Que homem sois, redarguiu ironicamente.

—Não me desaffrontou...

Por fim.

—O quê?!

—Poude vel-o preso, poude vel-o posto de lado ao mesmo tempo que eu sahia...

—Boa vingança...

—Era ainda pouco...

Ella n'um impto, d'olhos accesos com ira gritou.

—Sim. Querieis mais!
—Mais e mais...
—E então?!...
—Então não o esqueci...
—Querieis sangue?!
—Sim!...

Tinha uma alegria infernal nos olhos e accrescentava:
—Queria vel-o por terra mas..
—O quê?! O quê?!
—Elle expatriou-se... Eu tambem sahi do reino com a familia real...
—E nunca mais tiveste noticias?!
—D'elle?!
—Sim...
—Tive...
—Sempre?!
—Oh! Sempre...
—As ultimas deram-vos uma louca alegria?!

O conde volveu:
—Não!
—Ah!
—Não... Achei que era demasiado... Eu não tive cousa alguma com isso...
—Uma ultima pergunta, disse de repente.
—Direi...
—Esse homem chamava-se Gomes Freire?!
—Sim...
—Ah! Foi o acaso que vos vingou...
—Só elle! concluio com força.
—Pois é tambem o acaso que o vinga a elle, redarguiu com furia.

Antes que o fidalgo tivesse tempo de se defender, correu para o seu lado. Appareceu-lhe um punhal na mão o qual se sumiu no peito do miseravel.

Elle nem teve tempo de soltar um grito. Ficou por terra com a arma no coração e a verter sangue.

Ao ruido do corpo ao cahir, a joven sentiu um abalo. D'olhos

esgarçados, ainda admirada pela sua acção queria fugir, queria sahir d'ali.

Mas receava muito voltar as costas ao morto como se temesse que elle a agarrasse.

Parecia louca, abafava os seus gritos de desespero e de terror e deixava-se ficar alem bem presa.

Mas de repente tomou animo, deu a volta á chave e sahiu para o corredor a embrenhar-se na capa. Partiu á pressa, chegou ao vestibulo. O creado dormia e a cordou ao ruido dos seus passos. Mal a viu ergue-se machinalmente, e deixou-a passar.

Ella então, na rua, exclamou:

—Porque fiz eu isto?!

Sentiu-se emfim desgraçado, sentiu se vil, correu pelas ruas, Perdeu-se mil vezes e acabou por se deixar cahir n'um degrau a soluçar.

Estava sem saber á porta do ministro.

Quando raiou a manhã, vira o palacio como atravez um noveiro, atirou-se as portas e um creado ao vel-a, exclamou:

—Oh! Mas não partiu?!

—O senhor ministro... O senhor ministro...

—Recolhido ainda...

—Quero lhe fallar! Quero-lhe fallar.

Assim foi para a sala como um authomato, ficou n'uma cadeira, muito turbada, a soluçar:

—Mas que foi isto?! Que fiz eu?!

E debalde procurava explicar o seu crime. Não sentia remorsos nem alegria, não tinha em si senão um grande achatamento. Nem olhava a mão que pegara no punhal, não se atrevia a enxugar como ella as lagrimas que corriam pelas suas faces.

O ministro apparecia no limiar da porta e bradava:

—Tu!

—Eu... Senhor... Eu sim...

—Mas não seguistes viagem...

—Não... Não...

—Oh! Como te agradeço!... Reflectiste...

Abria-lhe os braços para um amplexo paternal, porém ella affastava-se e como um berro dizia:

—Senhor... Senhor... Eu acabo de commetter um crime!

XXX

A criminosa

Matei um homem, dissera a joven ao ministro, e elle julgava-a louca.

Approximava-se com maior carinho, com maior ternura e disse-lhe:

—Socega!

—Senhor... Senhor...

Recuava para a parede como doida, muito espantada, toda o contorcer-se.

—Ouve...

—Sou uma criminosa mas não tenho remorsos do meu crime!

Disse de tal maneiras aquellas palavras, fallou com tanta segurança que o ministro n'um mesmo impeto forte egual ao d'ella perguntava:

—Fallas verdade?!

Agarrava-lhe um pulso, olhava-a de face.

—Sim!

—Mas a quem mastaste, onde, como?! Não o acredito!

—Oh! Podeis acreditar...

—Desgraçada!

—Dentro em pouco toda a cidade será alvoraçada... Perdoae senhor eu vim parar aqui nem sei como...

—Mas onde se deu isso... Se te deixei a bordo!

—Alguma cousa me arrastava para terra! exclamou com furia. O que?! Não sei!... Talvez o meu destino... Ah! ides ouvir fallar do meu crime...

—Mas... Mas... A quem assassinaste?!

—A um meu inimigo!...

—Tem tens acaso inimigos?!... Mas falla... falla...

—Matei o conde d'Alva! exclamou rapidamente.

—Oh!...

E o ministro mal acreditava semelhante cousa; olhava-a muito pasmado e não queria comprehender.

—Tu?!

—Eu sim... Matei-o... Ouvi-lhe uma historia... Oh! Não podia...

—Desgraçada!

—Sim, senhor ministro, sim... Agora podeis entregar-me á justiça...

—Mas porque fizestes isso!...

—Elle tramara out'ora contra Gomes Freire!...

—Que dizes?!

—A verdade... Ouvia-a dos seus labios...

—Oh! Mas que horror... E tu, tu, uma mulher...

—Cumpri a tarefa que era de alguns homens... Só vos peço que aprecicieis isto...

—Infeliz!

—Entregae-me depressa á justiça...

—Oh!... E's uma louca!

—Uma louca sim... E' possivel. No emtanto posso jurar-vos que cumpri o meu dever! Vinguei o homem o que salvaria Portugal... Vinguei a victima...

O ministro sentiu um forte abalo, encarava aquella mulher e não a reconhecia!

—Ouve... Ainda uma vez, ouve...

Deixou-se cahir sobre uma cadeira e erguia-se de salto. Os seus olhos fuzilavam, as suas mãos tremiam... Sentia uma extranha agitação ao fixar o ministro que accrescentava:

—E' necessario que te salves!

—Eu... eu...

—Sim... Assim o quero! Muito o desejo... Não deve ser coberto de lama o teu nome...

Com um sorriso extranho a joven accrescentava:

—Oh! o meu nome... Que importa!

—Creança!

—Sou a victima da minha familia...

—Isso não quer dizer nada!

—Quer dizer tudo... O meu avô morreu na forca...

—E's mulher!

—Mas que importa?! Senhor é justo que pague...

—Não!...

E sahiu da sala rapidamente, deixou-a ali só durante uns momentos para voltar de seguida:

—Queres escutar-me?!

—Sim...

Aquelle monasybalo sahiu-lhe dos labios como um parco suspiro. Sempre estirada na cadeira ouvia o ministro dizer:

—Dentro em pouco tudo se saberá...

—Bem sei... Só um creado me pode apontar...

—Não te apontará!

—Não meu senhor porque eu mesmo irei apresentar-me!

—Nunca!

—Porque?!

—Porque eu não quero!

Tinha uma grande firmeza na voz ao dar-lhe aquella ordem; tomava uma resolução decidida ao perguntar-lhe:

—Vejamos... Queres entrar n'um convento?!

—Indigna sou!

—Consulta a tua alma...

—Já a consultei senhor, exclamou ella.

—E não te sentes arrastada para um logar d'expiação!

—A cadeia! A forca!...

—Desgraçada... Pois não vês que busco salvar-te?!

—Perdoe-me... senhor, eu não tenho coragem... Seria uma vida inteira de tormento...

—Oh!...

—De remorso... Quando a minha colera esfriar, chegar-me-ha...

—O arrependimento...

—Não!

—O que?!

—O remorso... Só o remorso!

—E não é elle um arrependimento?!

—Não, sr. ministro... Não... Acho que fui justa! Mas vejo sempre o sangue!

—Não tens a coragem de te vingares...

—Não!

—Que queres então fazer, desgraçada?!

—Entregar-me á justiça!...

—Nunca...

—Não é o meu dever?!

—Não!...

—Porque?!

—Acaso não achas justo o teu crime?!

—Oh! Mil vezes sim...

—N'esse caso...

—N'esse caso?!...

—Deves expial-o em socego, n'um claustro!

—Devo entregar-me...

—A Deus!

—Que não me receberá no seu seio!

—Deves procurar um confessor!

—Oh!

—Sim... Elle te animará no santo caminho da resignação!

Banhada em lagrimas a joven volveu:

—Não... não... Sinto que jámais posso ter essa coragem!

—Porque o dizes?!

—Do intimo da minha alma o sinto...

—Tu sentes isso?!

—Sinto?

—Então mais uma razão para te rojares aos pés do padre...

—Que lenitude me pode dar?!

—O que se dá aos desditosos... encontrareis n'um mosteiro!

—Senhor...

—Dize...

—E vós... não me achaes criminosa?!

Elle muito embaraçado, n'uma enorme perturbação disse:
—Minha pobre amiga... Acaso posso ser juiz em semelhante causa?!
—Podeis!
—Não! ninguem tem direito de matar...
—Nem mesmo a lei?! Perguntou de chofre.
—A lei?!
—Sim...
—Ah! Ella tem esse direito!
—Para punir o crime!
—Decerto...
—E quando o criminoso está muito alto?!
—De mesmo modo!
Com uma risada extranha ella accrescentou:
—No emtanto, senhor, é certo e bem certo que aos criminosos como o conde d'Alva ninguem se atreveria a punir! A lei era elle, elle a fabricava...
—Cala-te...
—Sim, meu senhor... E' a verdade! Elle a fabricava... E então eu sentindo que jamais alcançava um homem assim, deliberei praticar um acto em nome da lei!
—Que lei!
—A lei que manda punir!
—Oh!
—Que manda castigar os traidores, os refalsados, Alem em Portugal, mercê d'injurias e d'intrigas mataram um homem...
—Gomes Freire!
—Sim... Que no Brazil eu vinguei-o!
—E com semelhante consciencia ainda buscas entregar-te á justiça?!
—Senhor...
—Vamos, falla... diga tudo!
—Pois bem... Não... Não, declarou como louco.
—Então...
—Então seguirei os vossos conselhos...
—E vaes entrar no convento, não é assim?!
—Sim... Sim...
—D'este modo liquidas a tua situação!

—Sim! Sim...

Mas nos seus olhos havia um extranha luz, no seu rosto marcava-se uma terrivel colera contra si mesma. O ministro com voz branda, compadecido d'ella sem saber porque, disse:

—Vou preparar tudo...

—Obrigada...

Deixou-se estar assim na frente d'elle, deixou-se ficar a ouvil-o:

—N'esta casa ninguem sabe cousa alguma...

—Senhor...

—Ninguem o saberá jámais!

—Ah! e vossa esposa...

—Não...

—E devo acaso deixar-me abraçar por ella?!

O ministro na sua grande perturbação, accrescentava:

—Ninguem o saberá!

—Escutae meu senhor, que ninguem me veja aqui...

—O que?!

—Sim... A vossa esposa virtuosa, as vossas filhas innocentes iriam beijar-me! E eu sou indigna...

—Partiremos breve...

—Já?!

—Sim... E' um momento!...

Um creado appareceu á porta, curvou-se, exclamou:

—Um officio para v. ex.ª!

Rasgou-o com a mão febril, fez um gesto ao servo para que se retirasse e de seguida disse:

—Noticiam-me a morte do conde... Pedem-me que ache o criminoso...

—Aqui o tendes...

—E eu vou salval o, exclamou de repente.

Pegou no chapeu, fez um gesto á joven para que o seguisse. Ella muito perturbado foi em direcção á porta onde parava para dizer:

—Não sei se deva...

—O que?!

—De manchar com a minha presença a casa de Deus?!

—Julgas então que não ha mais peccadoras...

—Mas assim tão miseraveis...

—Anda...

E tomou lhe a mão. A joven muito exaltadamente levou aos labios esse mão que apertava a sua e dizia:

—Senhor... senhor... Ah! Como vos sou grata...

Elle partiu pela escada levando-a comsigo.

Chegaram á rua, pensava uma sege e lado a lado muito em socego fizeram-se conduzir ao convento das oblatas.

O ministro estava uns momentos com a superiora e dentro em pouco a joven era conduzida ao interior do convento.

A velha abbadessa chamou para si, disse-lhe:

—Filha, ignoro quaes as suas culpas no emtanto digo-vos que n'esta santa casa encontrareis lenitivos para ellas.

Curvou a cabeça e deixou-se conduzir, foi assim com ella até á entrada da cella.

O ministro estendia-lhe a mão e exclamou:

—Fica em paz!

A joven ao ver-se só cahiu de joelhos diante d'um Christo e bradou:

—Meu Deus! Meu Deus! Dae me lenitivo ou matae-me...

E ao fim da oração sentia um repouso, sentiu uma grande suavidade na alma como se Deus lhe perdoasse.

XXXI

O marechal

Ao participarem a D. João VI a morte do conde d'Alva, o rei chorou:

—Fui amigo d'elle!...

Esquecera tudo, guardava ainda aquellas lagrimas.

E mandou que o seu ministro o representasse no funeral.

Passou todo o dia em oração como se tivesse amago de aquelle crime.

Pela noite á hora da ceia, recebeu uma carta.

Era de Carlota Joaquina a pedir-lhe que a visitasse de dia, á vista de toda a gente.

Elle encolheu os hombros e murmurou:

—Politica... sempre a politica.

Como se tivesse cumprido o seu dever, sentiu um grande desejo de repousar.

Mas já lhe annunciavam um nome que o fez erguer-se d'um salto:.

—E' o senhor marechal Beresford!

—Beresford?! Que entre, berrou espavorido.

E teve a ideia que o reino estava perdido, lembrou-se de muitas desgraças, a cahir sobre elle.

Quando o marechal entrou, D. João VI muito tremulo, correu para elle:

—Vós?!

—Eu sim, meu senhor... Deveis perdoar-me o ter abandonado o meu posto... Mas graves cousas a isso me levaram!

Quiz beijar-lhe a mão, mas o rei não lhe consentiu. Ergueu-o, perguntou cheio de medo:

—Mas o que se passa?!

Sempre devorado pelos seus terrores, tornou:

—Outra vez os francezes?!

—Não, meu senhor... redarguiu com piedade bem visivel... D'esta vez os portuguezes!...

O rei não comprehendeu; olhou-o de frente e tornou ainda:

—Não percebo!

—Eu estou aqui, senhor, porque graves cousas me trouxeram...

—Mas quaes?! Sentae-vos! Sentae-vos!

—Desembarquei e corri logo para o paço...

—Mas fallae..

—Tive que deixar o meu logar no reino porque...

—Oh! Porque?!

—Porque não sei quem governa Portugal...

—O que?!

—Sim meu senhor... Devemos definir bem a minha situação... Portugal tem os seus governadores que não me consultam...

—Ah!

—Sim, meu senhor...

—Apenas isso?!

—E é tudo!

O rei respirou; bradou de subito:

—Oh! e eu a julgar horrores... E como vão os frades de Mafra?!

Beresford sentiu um grande desprezo por esse rei e redarguiu:

—Senhor... Os meus cuidados não me deram tempo de os vêr...

—Os vossos cuidados?!

—Sim, real senhor. Esses que me obrigaram a vir aqui!

—Mas o que desejaes ?!

—Que vossa magestade me ouça...

—Amanhã, Beresford, amanhã...

—Seja como vossa magestade deseja... No emtanto...

—O que ?!

—Receio que largo tempo leve a debater-se essa questão...

—Ficarás comnosco...

—E Portugal ?! Acaso não sabeis que mais do que nunca lá se carece d'um braço...

—O que ?!

—Sim meu senhor. Os governadores do reino tem excitado o povo...

—Que dizeis ?!

E o rei muito pallido, exclamava:

—Ha a revolução como a de França ?!

E elle parecendo recear que o viessem buscar ao Brazil, que o viessem arrancar do throno, exclamou:

—Dizei tudo!... Tudo!

—Foi morto Gomes Freire!...

—Já sei...

—Mataram muita gente em Lisboa...

—Sim... Sim... Grandes criminosos...

—Não venho discutir isso, senhor... Venho apenas dizer-vos que todas essas medidas irritam o povo...

—E depois... depois...

—Depois ?! Não será para extranhar que um dia se forme a revolução!

—Nunca!

—Meu senhor estão muito exaltados os animos!... Os homens do governo não veem isso!

—Mas o exercito ?!

—Não tem um general!

—Vós ?!

—Eu ?! Sou um general sem mando...

—Como ?!

—Ninguem escuta a minha voz no governo...

—Pelo ceu!

—Sim meu senhor, por isso eu venho até V. M....

—O quê?!
—A pedir vos a minha demissão!
—Beresford! exclamou elle.
—Real senhor...
—Eu quero antes dar-te poder...
—Meu senhor, seria mal recebido...
—Não... Vem ámanhã!
Fallaremos n'isto com o ministerio...
Beresford receava muito que no ministerio fosse encontrar embaraços ao seu desejo, e respondeu:
—Mas V. M. não pode dar-me esses poderes sem auxilio de ninguem?!
—Porque o perguntas?!
—Porque desde que os vossos ministros entrem na conspiração o facto será publico.
—E então?!...
—Todos dirão que é um estrangeiro que governa Portugal!
O rei baixou a cabeça e redarguiu:
—Fallar-lhes-hei... Deixae-me que lhes falle...
—V. M. quer talvez reflectir...
Desolado o rei volveu:
—Não... Elles decidarão tudo!
O marechal pintou a traços largos a miseria de Portugal: fallou das agitações, das-desgraças, dos impostos... Referiu-se a tudo aquillo com grande desembaraço a ponto d'obrigar o rei a dizer:
—Se tudo isso é tão grave devemos manter-nos pela força...
—Assim é em parte, meu senhor...
—Vós o mantereis!...
—Sim...
—Ah! E' necessario fallar-lhes...
Estendeu a mão a Beresford e reclamou:
—Terás um quarto no palacio.
—Senhor... Grande honra para mim...
O rei mandou o conduzir aos seus aposentos e disse-lhe ainda:
—Vireis para a ceia!
O marechal ceiou com effeito á mesa real n'essa noute, e começou a fazer uma bem extranha ideia d'esse rei portuguez que apenas conhecia de tradição.

Muito melhor seria para o reino uma dictadura militar com um rei extrangeiro do que esse homem derigindo, esse homem que tinha muito de tolo e de frade e que no emtanto era o soberano de Portugal!

Quando se recolheu pensava muito n'isto. Agora já não era a ambição que o assaltava era como um desejo de salvar Portugal

E sentia-se realmente capaz de tentar o feito, de levar por diante essa obra que lhe agradava.

No dia seguinte o rei foi visitar Carlota Joaquina e ficou nos seus braços durante trez mezes que o inglez teve de esperar cheio d'impaciencia.

Não recebia pessoa alguma o monarcha ligado de novo á mulher como n'um feliz noivado.

Seis mezes decorreram, depois outros dois. Em Portugal o governo esultava desde que Beresford não voltasse.

E Carlota Joaquina parecia cada vez mais amorosa do marido como se quizesse demorar de proposito o inglez.

Porem um dia, D. João VI recebeu o pedido de demissão conveniente assignado pelo marchal.

Sobresaltou-se, exclamou:

—Devo tomar uma resolução.

—Sobre quê?! perguntou a rainha.

—Sobre Beresford?!

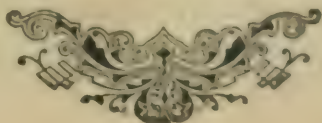
—Ora... Que parta... Que vá para Inglaterra...

D. João VI quiz ouvir os ministros, apesar dos rogos da esposa. Teimoso não houve maneira de o dissuadir.

E no dia seguinte referendava-se o decreto em que Beresford era nomeado governador de Portugal.

N'esse mesmo dia o quarto de Carlota Joaquina fechava-se para o monarcha como se o seu amor tivesse acabado.

E D. João VI viu partir o marechal e recolheu-se de novo ao seu palacio, no meado do anno de 1819

Agora ia representar-se o outro final de tragedia portugueza.

XXXII

A herança d'um Freire

Gomes Freire!

Quando annunciaram aquelle nome ao governador do reino, deu um pulo na cadeira, olhou o creado como se o julgasse louco e exclamou:

—Que dizes?

—Foi esse o nome que deram com este bilhete... volveu o servo.

Elle olhou o bilhete e viu o nome em grossos caracteres. Fez-se pallido, sentiu-se desfalleceu e sem querer, repetiu:

—Gomes Freire...

—Sim, meu senhor... Trata-se d'um sugeito que está lá em baixo. Tambem extranhei o nome mas...

—E como é esse homem?! interrogou de novo.

—Sou eu, primo! disse uma voz á porta.

Soltou um grito, fez-se muito mais pallido, sentiu um calafrio a percorrel-o e viu na sua frente um homem cujas feições lhe recordavam as do general quando era novo. Elle estava de braços cruzados sobre o peito e fulminava o com o olhar.

D. Miguel Forjaz julgou-se victima d'uma mystificação, ergueu-se, mandou sahir o creado e exclamou:

—Não vos conheço...

—Sou bem esquecido! Chamo-me Gomes Freire...

—Senhor...

—O que?!

—E' que a pessoa d'esse nome que pertencia á minha familia já deixou d'existir...

—Deixou no emtanto um herdeiro!

– Um herdeiro! gritou elle com pasmo.

—Sim primo... E esse herdeiro sou eu!

—Vós?!

—Sim... Duvidaes... Pois eu vos conto porque sou o herdeiro de meu tio, o general que foi assassinado...

—Assassinado!

—Sim!

—Justiçado!

O homem ergueu para elle um olhar vivo e redarguiu:

—Silencio, miseravel!

Ficou pregado no seu logar ao ouvir essa voz terrivel que o mandava calar, lançou em volta um olhar desesperado e murmurou:

—Sou victima d'um sonho!

—Não! E' a realidade...

Agarrou-lhe o braço com força e gritou:

—Sabeis que um homem como eu, um homem que já não tem que perder, não hesita nunca?!

—Senhor...

—Ouvi-me...

Indicou-lhe uma cadeira, sentou-se n'outra muito á vontade e tirou uma pistola do bolso:

—Senhor...

—Socegae... Só no ultimo caso me servirei d'esta arma... E quando fallo do ultimo caso refiro-me como deveis comprehender á alguma tentativa contra mim...

—Mas...

Muito livido, o governador do reino ouvia e sentia-se perturbado, não comprehendia ainda onde aquelle homem queria chegar com semelhantes palavras.

—Não vos recordaes d'alguem que usa o meu nome?!

– Vindes interrogar-me?! disse elle buscando mostrar-se forte.

—Respondei! ordenou o outro em voz segura.

Porém o governador quiz ainda ter uma audacia. Olhou-o de frente e redarguiu:

—Vede bem que estaes em minha casa...

—Fallaes-me em nome da delicadeza?!

—Não... Aviso-vos...

Soltou uma gargalhada e volveu no seu tom altivo:

—Que miseravel!

—Reparae...

—Que estou em vossa casa eu o sei, que tendes ali os vossos servos, eu sei tambem...

—Que sou o governador do reino...

—E que sois um vil eu tambem o sei...

—Senhor!

—Basta! exclamou elle a erguer-se e segurando a pistola. Basta com mil diabos! Vim para vos fallar e hei de conseguir que me attendeis até ao fim... Os vossos creados como os vossos titulos não me amedrontram, tudo que possaes fazer contra mim não me preoccupa... Parece que já vos disse não ter cousa alguma a perder... Agora, silencio!

O governador estendeu o braço para a campainha porem o outro apontou-lhe a pistola e exclamou:

—Na famalia dos Freire nunca houve senão um assassino... Vós! Agora eu tambem o serei se assim o quizeres!

—Mas o que desejaes de mim?!

—Que me escuteis! Sentae-vos e ouvi...

Bricando com a arma via-o sentar-se e tomava por sua vez logar na poltrona; depois em voz baixa começou:

—Eu chamo-me Nuno Gomes Freire d'Andrade...

—Oh!

—Conheceis-me...

—Vós?!...

E d'olhos esgazeados, todo tremulo, no auge do pasmo, o governador do reino, tornava:

—Sois o sobrinho de...

—Do homem que foi por vós assassinado.

—Por Deus...

—Calae-vos!

—Mas bem, vede que eu sendo governador do reino...

—Miseravel...

—Que quereis de mim?! interrogou de repente.

—Quero de ti apenas uma cousa...

—O que?!

—O meu nome rehabilitado!

—Como?! Como??

—Este nome dos Freire d'Andrade que desde seculos tem soado em todos os campos de batalha, que tem sido grande nas armas como nas lettras, que tem uma legenda d'heroicidade foi emporcalhada por ti...

—Senhor...

—Sim... Tu chamas-te Pereira Forjaz e és nosso parente...

—Mas...

—Silencio... Eu chamo-me Freire d'Andrade e sou o ultimo do nome...

—Porém...

—Queres dizer que ha parentes remotos...

—Sim...

—Que nem sequer conheceram o meu general, o meu amigo, o meu tio!... Esses que fiquem em paz... Eu sou o unico a respeitar essa santa memoria por ti emporcalhada...

—Reparae...

—Cala-te... Vê o que diz este jornal...

Mostrou-lhe um numero do *Correio Braziliense* e disse:

—Lê...

Como o outro não encontrasse, agarrou de novo no jornal, procurou durante uns momentos e apontou-lhe as lettras com o cano da pistola, accrescentou:

—D'uma vez para sempre... Que tens a dizer:

O jornal dizia assim...

«E' pois nossa opinião que a materia que temos allegado contra a sentença deve servir de fundamento a uma petição de recurso a el rei, o qual sem duvida attenderá aos parentes do condemnados a quem muita infamia, que todas sabem pela morte affrontosa de forca que padeceram os reus. E com D. Miguel Pereira Forjaz é primo do reu Gomes Freire d'Andrade, recommendaram-lhe que

tambem assigne aquella petição, cujo despacho favoravel recomendará a bem da sua familia»

—Que tem a dizer?! interrogou o outro ao reparar que o governador desviava a vista do jornal. Vamos?!

—Eu?!

—Sim...

—Que tenho a dizer?!... Mas...

—D'uma vez... Sim ou não?!

Com força, n'um grande impeto o outro respondeu:

—Pois bem... Não!...

—Não?!...

—Mil vezes não...

Sentiu o cano da pistola na fronte, ouviu uma voz terrivel bradar-lhe:

—Reza o teu ultimo padre nosso, não quero que morras impenitente...

—Ouvi-me... ouvi-me...

Estava gelado, estava pallido, todo n'um sobresalto, ouvia ainda o outro, exclamar:

—Sim ou não?...

Teve então um grande momento de terror, fez-se livido e redarguiu:

—Sim...

—Ah!...

—Mas ouvi-me... ouvi-me...

—Falla...

—Eu o rehabilitarei... Eu pedirei...

—Infame!...

—Sim... Juro-vos que irei sollicitar isso...

—Oh! Bandido... Queres ganhar tempo...

—Juro-vos!

—Cala-te... ou assignas essa petição ou morres...

Tirava rapidamente um papel da algibeira e estendia-lhe na frente.

—Assigna...

—Um momento...

E muito atrapalhadamente, no auge da perturbação, esmagado, balbuciou:

—Um momento apenas...

Depois continuou:

—Quereis que eu vá assignar esse papel, quereis que vá supplicar esse perdão com os outros?! Mas não reparaes então no que isso é?!...

—Sim...

—Não vedes que sósinho eu saberei ordenar?!

Muito agitado, Nuno Freire, exclamou:

—Tens então poder?!...

—Sim?!

—Muito poder?!

—Sim... muito...

—Para que deixaste morrer o general?! interrogou com furia. Falla...

—Oh! Mas se o condemnaram...

—Quereis dizer, miseravel, que podias pôr um entrave a essa morte d'ignominia...

—Oh!... mas...

—Queres dizer que chegaste ao extremo de concorrer para a morte d'um parente, de seres o seu assassino, o seu unico juiz?! E que queres de mim?! Piedade?!

—Escutae-me...

—Eu não queria a tua assignatura n'este papel... Seria a deshonra dos Freires esse teu nome aqui... Apenas desejava certificar-me do teu poder... Porque apesar de tudo eu lá no meu solar onde vivia retirado não acreditava no que me diziam... Agora tenho a certeza, Miguel Forjaz...

—Mas...

—E serei tambem o teu unico juiz...

—Attendei-me...

—Vaes morrer...

Apontou-lhe a pistola á cabeça e ia desfechar mas n'este momento a porta abria-se e um vulto apparecia no limiar.

Nuno Freire baixou a arma, o recemchegado em voz calma, disse:

—Cheguei a tempo d'evitar uma vingança...

—Padre! exclamou o outro ao reconhecer Vasco de Miranda.

—Nuno... Quando me deixaste eu advinhei tudo... Vim para salvar esse homem...

—Vós!... bradou elle deveras perturbado.

—Sim... Julguei vingar Gomes Freire...

—E ainda me prendeis o braço...

—Jurei á hora da morte do heroe que a minha vingança seria terrivel...

Muito pallido o governador, não os entendia.

—E é assim que procedeis?!

—Decerto... Acho pouco esse tiro de pistola...

—Frei Vasco...

—Muito pouco quando alguma cousa de mais terrivel se prepara... Dentro em duas horas este homem será entregue ao povo...

—Ao povo... ao povo?! exclamou no auge do pasmo.

—Sim... Chegou a Lisboa a revolução...

O governador no auge do medo, muito livido, cheio de desespero, encarava-os, agitava a campainha e sentia-se de seguida agarrado.

Fr. Vasco ia pelo corredor e gritava ao creado que se approximava:

—Vae-te...

Voltou de novo e exclamou:

—Agora... Ouve...

De longe vinha um grande rumor, o ruido d'uma multidão excitada e elle fazia-se pallido, atirava-se de joelhos:

—Oh!... Matae-me... matae-me...

—Este anno de 1820 ha-de ser fallado, declarou o padre a sorrir.

—Matae-me! matae-me! supplicou elle.

N'este momento entravam as filhas do governador muito açodadas, todas tremulas, banhadas em lagrimas:

—Meu pae... meu pae... apedrejam as vidraças...

Nuno Freire sorriu cruelmente ao ouvir as pedras quebrando os vidros.

Fr. Vasco olhava as jovens que seguravam o governador.

—Vamos... Nada temos aqui que fazer, exclamou o sobrinho de Gomes Freire.

O frade ia para a porta e exclamava:

—E' a herança d'um Freire em revolução...

Os criados corriam d'um lado para outro, a multidão cada vez mais excitada já entrava pela casa e o frade exclamava diante d'aquelles homens loucos de raiva:

—Lá em cima! lá em cima!

Nuno Freire, disse por sua vez:

—Fr. Vasco... Andae a vêr de que côr é o sangue d'esse miseravel.

—Amigo... E' egual ao teu! e arrastou-o comsigo para a porta, onde o povo continuava a clamar:

—Morra o governador! morra o governador!...

—Emfim! disse o frade. Vingados...

—Eu ia matal-o...

—Não tinheis esse direito...

—Porque?!

—Eu estava primeiro... Mas cedi o meu logar... O povo é melhor justiceiro...

—Ah! Se meu tio lá no céu podesse vêr tudo isto como a sua alma...

—Soffreria, atalhou o padre.

—O que?!

—Sim... Gomes Freire seria o primeiro a salval-o...

E agarrou-lhe o braço, exclamou:

—Nuno... E como podestes conter quasi dois annos a vingança!

—Estava longe... Na India a servir o paiz... Voltei e recolhi ao meu solar para meditar no facto... Estive alli um mez. Tive provas da infamia d'este homem e...

—Ah! Procurasteis-me...

—Para ouvir ainda o que não sabia...

—Agora ides satisfeito?!

—Ainda não... Se elle escapasse?!

—Oh! Impossivel... Olhae...

E mostrou-lhe um rolo de fumarada que se erguiam dos lados da casa do governador do reino.

—E' a vingança! accrescentou.

—Matam-no... E aquellas pobres senhoras?! exclamou o outro

O frade, olhou-o e murmurou:

—Tambem me lembrava d'ellas...

—Não são culpadas...

—Não!...

—Oh!... Mas deixal-as morrer?!

—Amigo... Vamos salval-as, gritou de repente arrastando comsigo o frade que o admirava.

XXXIII

Os reis de Portugal

Vae meu amigo, vae, disse o rei agarrando muito a mão de Beresford, vae...

E parecia que alguma cousa a mais lhe queria ouvir.

Porem calava-se como receouso, não se atrevia a fallar-lhe muito abertamente.

O marechal, na frente d'elle, apesar da despedida parecia esperar ainda mais.

—Vae, repetiu D. João VI e a sua face gorda corou, entaramellou se-lhe a lingua e accrescentou com toda aquella difficuldade:

—Conserva-me Portugal, conserva me Portugal...

O inglez admirou-se. Julgou vêr uma saudade na maneira porque o rei lhe fallava e respondeu:

—Senhor sabeis que apesar d'extrangeiro, já tenho amor a esta terra ?!

Esperava que o rei lhe agradecesse, esperava assim dos seus labios essa saudade tambem bem defendida e bem expressa.

Mas D. João VI calou se e o marechal tornava:

—Sim meu senhor... Bem pouco tempo ali vivi mas amo esse bairro como se lá nascera... V. M. comprehende bem o que é saudade!

Não disse nada, baixou a cabeça e então o inglez continuou:

—V. M. sahiu de Portugal ha doze annos...

—Sim.

—Doze annos longe de tudo quanto amava lá...

—Ah!...

Era uma exclamação ambigua que Beresford tomou por um soluço e accrescentou:

—Mas um dia para o vosso povo voltareis...

—Hein?! interrogou D. João VI deveras pasmado.

—Sim, que voltareis...

—Eu?!

Avermelhava-se-lhe a face e titubeava ainda:

—Eu... eu... ah! não quereria voltar.

—Real senhor... real senhor... bradou o inglez,

E D. João VI sumiu, volveu bonancheira e pausadamente:

—E' o presente...

—O quê?! Pois não sentes saudades, meu senhor?!

—Não... saudades?!

Parecia até admirado de tal pergunta e concluia:

—Portugal dá-me a impressão que tem muitas ideias francezas...

Sem duvida chegava-lhe a recordação d'alguma scena muito penosa passada no seu reino, volveu-lhe a alma na agitação d'um terror e tornou:

—Não quero voltar..

—Meu senhor... E eu a julgar que o vosso tormento era pela notalgia...

—Não... não...

—N'esse caso para que quereis ainda que se conserve essa corôa?!

Elle sentou-se, fez um gesto molle e disse:

—Não sabes que o Brazil tambem se agita...

—Oh! Real senhor, exclamou com descrença.

—Sim... Sim... E' esta a verdade! exclamou. Eu vejo tudo...

—V. M. engana-se... atalhou o outro.

—Marechal, começou elle servendo uma pitada, marechal, põe de parte a lisonja...

—Lisonja?!

—Sim... O mal dos reis é que jamais lhes fallam francamente...

—Oh!

—Sim... Amigo... Tambem sei isso...

Parecia outro homem; mostrava agora a sua esperteza de camponio ao accrescentar:

—E' bem certo que nunca me dizem a verdade...

—Meu senhor...

—Não dizem, não...

—E...?!...

—Vejo o contrario, redarguio na sua falla mansa. Oh! Sim vejo bem o contrario...

—Meu senhor...

—Queres a prova?!

—Senhor... Pelo meu lado...

—Escuta: Portugal deve ter ideias francezas desde que as martyres fallam n'ellas...

—Aqui?!

—Não sabes que para tentarem a republica?!...

—Um simples movimento...

—Ah! Como me lembro de Luiz XVI.

Os seus dentes batiam uns nos outros, sentiu um grande terror. Beresford acabou por dizer:

—Se V. M. quizesse...

—O que?!

—Se V. M. no seu alto criterio quizesse...

—Mas o que?!

Poderia ainda reinar como um grande soberano...

—Eu?!

Duvidava e o outro accrescentava:

—Sim!

—Eu?! Oh! Mas como?! Onde posso encontrar apoio?!

—Apoio?! Oh! Meu senhor... Mas não tendes os vossos subditos, não tendes os vossos exercitos, os generaes?!

Com um ar velhaco volveu:

—Quasi não creio...

—Em que, meu senhor?!

—Na dedicação, volveu desassonbradamente.

—Oh! Mas não vedes então que todos desejamos servir-vos...

—A mim...

—A V. M...

—Não... Não... Deveis antes servir os meus filhos, volveu com indefferença.

—V. M. não vê como todos nos deixaremos matar... —Portugal deves defendel-o porque é o patrimonio do meu filho... Fazer de mim um rei com toda a força do mando é impossivel...

—Senhor...

—Pedro, o meu filho deve ser o homem destinado a esse commettimento...

—Real senhor, se assim o quereis... disse ainda o inglez.

—Quereria... E então...

—Então... Poderiamos fazer de Portugal um grande paiz...

—Cheio de tranquillidade?!...

—Sim...

—E onde eu iria então para me recolher...

—V. M... Iria para reinar...

—Oh! Outro braço pode melhor manter o reino... Eu só ambicionava...

—O que?!

O inglez parecia disposto a tudo, parecia desejar dar a felicidade a esse homem que ali estava a lamentar-se.

—Desejaria recolher-me a Mafra...

—Meu senhor... Mas isso é...

—A abdicação?! interrogou matreiramente.

—Sim...

—E que mais pode desejar um homem como eu?! Pesa-me a corôa...

E soltou uma risada, ergueu-se, bateu no hombro de Beresford e continuou:

—Vae pois amigo, vae... Deves velar por Portugal...

—Pois bem, eu saberei guardar a herança do sr. D. Pedro...

—Elle te agradecerá, redarguiu um pouco animado e offereceu-lhe a suaa mão a beijar, viu-o sahir da sala recuando e deixou-se cahir na cadeira, murmurando:

—Que terrivel cousa é ser rei!

Na sala contigua, o principe D. Pedro cortava o caminho a Beresford:

—Marechal!
—Alteza...
—Dizei-me... Ides partir?!
—Sim, meu senhor...
—Oh! Que pena tenho...
Elle ia agradecer porem o principe continuava:
—Sim... Que pena, que enorme pena...
—V. A. desejava talvez que eu não partisse...
—Não, marechal, desejava partir comvosco...
—Meu senhor...
—Sim... Queria vêr Portugal de que mal me lembro...
—E que muito amaes...
—Onde reinarei, disse com orgulho, e tomando o marechal de lado, interrogou:
—Essa gente da regencia não é amada?!
—Oh! Não, não...
—O povo...
—Detesta esses homens...
—O exercito...
—Tambem...
—Não ambicionariam antes que um principe da casa de Bragança fosse vice-rei n'esse paiz...
—Decerto, meu senhor...
Os olhos de D. Pedro fulguravam; e o marechal disse rapidamente:
—Por exemplo, se V. A...
—Ah!
—Sim se V. A. quizesse...
—Marechal, dizei antes se me deixassem...
O inglez tomou-o de lado e bradou:
—Vosso augusto pae talvez não se offendesse...
—Quem?!
—El-rei...
—E sabeis acaso a opinião da rainha?!
Havia uma grande ironia na sua voz, um sarcasmo que obrigava o inglez a sorrir:
—Sabeis?!
—Não, meu senhor...

—N'esse caso, eu não faço cousa alguma...

—Perdoae...

—Oh! Beresford, um dia vos poderei dizer tudo...

E aflastava-se depois de lhe ter apertado a mão.

E os seus olhos luziam muito n'um clarão extranho.

O marechal metteu-se na sege e dirigiu-se para o caes pensando muito nas palavras d'el-rei e nas do infante.

Aquella hora Carlota Joaquina, passando nos aposentos que tinha sido do conde d'Alva, suspirava e ia para janella do aposento a vêr um official da guarda que passeava no jardim.

Sem saber porque recordou-se de Portugal e murmurava:

—Como nos receberia o povo?!...

E debalde procurava atinar com uma resposta.

XXXIV

A salvação

Com effeito, D. Miguel Forjaz fôra salvo. Diante d'aquella immensa mó de povo que lhe invadia o domicilio, elle sentiu-se perdido. As filhas gritavam nos aposentos contiguos e vendo o perigo, o governador do reino, encommendou-se a Deus. Chegara a sua ultima hora.

N'um repente passou-lhe diante da vista a sua tarefa, aquelle trabalho de sapo, vil e hediondo, a traição que fizera. E era a figura enorme de Gomes Freire que lhe apparecia, era n'um relance todo o seu crime. E no fim de tudo o que ganhava?!

Ouvia um grito mais estridente e amaldiçou todo o ouro que lhe podia vir d'essa herança do general.

—Que miseravel! ouviu dizer junto d'elle.

—Morra! Morra!

O povo amotinado rodeava-o, envolvia-o, gritava lhe aos ouvidos.

—Morra! Morra!

E sentiu uma vertigem.

Pausava-se-lhe no hombro uma mão pesada, um halito avinhado baforejava-lhe o rosto e elle bradava:

—Deixem-me! Deixem-me!

—Morra! Morra!

O mulherio que invadia o aposente clamava:

—Fóra, miseravel! Vamos matal-o, vamos matal o!

E atiravam se-lhe com furia, com raiva, despedaçavam-lhe os bofes da camisa, exactamente na occasião em que as suas filhas se achegavam lavadas em lagrimas e diziam:

—Meu pae... Meu pae...

As duas senhoras, todas tremulas, deveras assustadas, lividas, continuavam:

—Ouçam-nos! ouçam-nos! meu pae... Oh! o meu pobre pae...

D. Miguel Forjaz, no auge de desespero quasi desfallecia e aquella gente entrava sempre no mesmo alarde e no mesmo clamor, assustava-o, erguiam-se facas, lançavam se sobre elle n'uma furia.

Um mais ousado ergueu um machado sobre a sua cabeça e as duas senhoras attiravam-se de joelhos, suplicando:

—Perdão... perdão...

Mas n'este momento um homem passando por entre a turba, raivoso e indignado, affastava o que buscava assassinar D. Miguel e dizia:

—Isso é vil! E' indigno do povo!

—Olha o fradepio! disse uma megera apontando a veste que fr. Vasco envergava.

Elle recordou-se dos seus antigos tempos de cadete, saltou um grito que os conteve ao bradar:

—Para traz... E' o governo que vol-o ordena!

—Ah! Queres defender o assassino! bradou uma açougueira.

—Não quero que o povo se enporcalhe, exclamou o frade a lisongear a vaidade da multidão.

Já Gomes Freire se achegava tambem e D. Miguel ao vel-o sentiu-se mais do que nunca perdido.

Porem em voz forte, rudemente, elle dizia.

—Para traz!

Defendia as duas senhoras e tornava:

—Vejamos onde está ali um homem que se atreva a bater em mulheres?!

Aquella phrase energica calava no animo de turba que recuava.

E então elle, no mesmo tom, accrescentava:

—O povo não se deve deshonrar nem deshonrar a revolução...

—Bravo! bravo! gritou uma voz.

E os outros calaram se, a entreolharem-se muito pasmados.

-O quê?! O quê?! perguntou lá detraz um homemzarrão. Pois vêem agora com isso?! O que vocês querem sei eu...

—Sim, sim! Querem salvar o maroto!

E uma nova onda se altiava, um novo redemoinho se fazia na turba que continuava a avançar:

Senhores! clamou então fr. Vasco. Se quereis levar por diante a vossa obra! Então aqui duas mulheres e um velho, nós estamos aqui com elles! Vinde!

Ninguem se moveu; porem o homemzarrão gritou de novo:

—Bem sei... bem sei... aquelle é dos taes...

E um sujeito accrescentou:

—Olha, aquelle é o frade que levou Gomes Freire á morte!

Diante da semelhante revelação a turba mais se amotinou, volviam gritos rancorosos de todos os labios:

—Morra! Morra o frade!

Vasco de Miranda, fez se pallido e sorriu, deu dois passos e cruzou os braços no peito:

—Aqui estou!

Mas já Nuno Freire se collocava na sua frente.

—Outro dos do governo! berrou o homemzarrão.

—Infame! rugiu elle. Grande infame!

—Ah! Não gostas de revelação, tornou procurando avançar.

—E's tu que ludibrias o povo... E's tu que o enganas ..

—Eu?! Eu?! Olha que mariola!

—Sim! tornou no mesmo tom de voz. Chamas me homem do governo!

—E não és?!

—Sou o unico parente de Gomes Freire!

A turba recuou no auge de pasmo.

E elle, com violencia, com segurança, accrescentou ainda:

—Extranhaes não é verdade que seja eu quem salve este homem?!

—Decerto! Decerto, bradaram todos muito indignados.

—Pois não deveis extranhar! Diante da ira do povo dou me por pago! Diante do povo eu estou! Se querem juntar mais um crime matae este homem!

Arredou-se e a turba avançou irada porém elle collocou-se na frente novamente e exclamou:

—Eu morrerei com elle!

As duas filhas do governador, agarravam-no febrilmente e supplicavam:

—Salvae nos! Salvae-nos!

—Socegae senhoras, disse Nuno Freire. Socegae!

Ellas tremiam muito e no auge do desespero diziam mais uma vez:

—Salvae-nos!...

O frade tomava conta do governador e bradava:

—Que resolveis! não nos quereis dar passagem?...

—Sim... sim, gritaram algumas vozes.

Porém o homemzarrão dominando tudo com a sua voz, exclamou:

—Vil canalha é o povo! Vem para fazer justiça e deixa-se embair! Pois não vedes a infamia?!

—Vejo que buscas sangue! gritou Nuno Freire.

—O sangue d'um miseravel!

—Pois aqui o tens! Comnosco o matarás!

Deu alguns passos com as duas mulheres, passou por entre o povo ao mesmo tempo que o frade avançava tambem com o governador.

Levantavam-se braços, soaram gritos, havia uma balburdia enorme, um terrivel esmagamento.

Assim iam para a porta, ao mesmo tempo que o palacio era posto a saque e as labaredas envolviam a ala esquerda do edificio.

A fumaceira cegava e asphixiava, elles, com grande custo conseguiam chegar ao ar livre onde a multidão se agglomerava.

Tiveram um trabalho louco para passar, e quando se encontraram no meio do povo correndo todos aquelles beccos, olharam-se.

Estavam todos lividos; parecia-lhes ainda um milagre a sua salvação.

As duas senhoras agarravam-se cada vez mais ao sobrinho de Gomes Freire e murmuravam:

—Senhor, senhor... Fujamos!

Passaram por entre a turba que não os reconheceu e assim chegaram á esquina do Páteo das Vaccas, metteram para os lados da quinta do Meio e alli n'um recanto se abrigaram.

Vinha do largo o vozear da turba, soaram as vozes no mesmo

berreiro, no mesmo clamor unisono e D. Miguel Forjaz, meio desfallecido, dizia:

—Senhor... senhor...

Fr. Vasco largou-o; elle arrimou-se á parede para não cahir. As filhas correram a amparal-o e então em voz muito fraca balbuciou:

—Tende piedade de mim!

Ninguem lhe respondeu e elle continuou:

—Não tenho ninguem que me ame...

—E nós? e nós, meu pae, disseram ellas.

—Ah! Vós... Vós minhas filhas! exclamou.

Nos seus olhos brilhou uma extranha scentelha, um sorriso lhe aflorou os labios e uma grande alegria se lhe estampou no rosto.

—Filhas!

—Meu pae...

Estreitou-as n'um largo abraço e tornou:

—Julguei que nunca mais as via...

—Pae... pae...

—Ah! onde estão os nossos salvadores...

Deu com os olhos no frade e no sobrinho de Gomes Freire e soltou um grito.

—Vós! Oh! Como vos agradeço... Eu vos darei tudo, tudo!

—Senhor! exclamaram elles como offendidos.

—Sim... Eu vos darei tudo, meus amigos!

—De vós cousa alguma queremos! redarguiu o frade.

—Para que me repelem?! interrogou de novo.

—Senhor, disse então Nuno Freire. Fazei-nos a justiça de acreditar que somos homens d'honra?!

—Decerto! Oh! Mas decerto, exclamou.

—N'esse caso fazei-nos tambem a justiça d'acreditar que não vos salvamos por vós!...

—Mas então...

—Agradecei a vossas filhas! replicou Vasco.

—Minhas filhas!

—Que não são culpadas e iam pagar...

—Oh!

—Só por ellas...

—Mas vede tambem que eu não sou culpado, e ao dizer estas palavras D. Miguel Forjaz chorava.

XXXV

Em viagem

BERESFORD levantava se ao alvoracer e vinha para a tolda. Andava sempre meditativo, tomado d'uma grande preoccupação. Lembrava-se do que vira no Brazil, do espectaculo extranho d'essa familia real antogonica, terrivelmente separada.

E a sua imaginação transportava-se a Portugal. E assim na tolda, cercado d'homenagens, fallava com o coronel Campbell que o acompanhava:

—Anceio por chegar a Portugal!

—Ah! E eu, marechal, antes quereria recolher a Inglaterra.

—Mas porque?!

—E' a nossa patria... Vivemos demais n'outros paizes, já trabalhamos... Agora chegou o momento de descançar assim que chegar a Portugal tenciono pedir-vos um favor...

—Qual?!

—Sollicitar-vos a minha demissão...

—Coronel...

—Sim... Devo ir para a Escocia, devo ir viver para o meu paiz...

—Impossivel!

—Porque?!

. . . .

—Tenho necessidade de muitos homens...

—Outros vos servirão!

—Se ha poucos como vós!...

—Marechal... E' apenas isto o que tenho a pedir-vos...

Retirou-se; e Beresford ficou a pensar no caso.

No dia seguinte estavam á vista da barra de Lisboa. O marechal tremia d'impaciencia.

Ao chegarem em frente de S. Julião extranharam não ouvirem salvas apesar de terem içado a sua bandeira.

De pé, na amurada, Beresford olhava a terra e murmurava:

—Ainda não viram...

Campbell recordava se muito da tragedia passada alem n'aquella torre e disse-lhe:

—Marechal, alem se praticou uma das maiores infamias do mundo...

—A que não podémos obstar... Se fosse hoje...

—Que farieis?!

—Trago plenos poderes...

—Vós?!

—Sim... Sou como um vice-rei em Portugal!

Mas ao longe, partindo de terra a toda a força de remos, avistava-se uma embarcação que o marechal fixava:

Quando o barco abordou viu um official que subia pela escada do portaló.

—Em nome do governo provisorio venho fazer a visita! exclamou á entrada.

O commandante approximou-se com um modo altivo:

—Vem a bordo s. ex.ª o marechal Beresford!

O official procurou com vista o marechal, fez a continencia, e exclamou:

—Saudo-vos, mylord!

—Não vem ninguem do governo, interrogou como offendido ao ver que enviavam um simples tenente.

—Do governo?!

—Sim!

—Não, excellencia, não... O governo está reunido em sessão solemne...

—Ah!

—Manuel Fernandes Thomaz está a fazer approvar a constituição?

—A constituição?! perguntou muito pasmado:

—Sim, mylord.

—Mas que constituição?!

—A que foi decretada ha quatro dias...

—Como?!

—Depois da revolta...

—Que revolta ?! interrogou o marechal fazendo-se muito pallido.

—A de 24 d'agosto... A revolução de 20, como lhe chamam...

—Mas...

Muito livido, todo perturbado, olhava Campbell.

—Sim, mylord, é este o caso. Se vossa excellencia quer desembarcar...

—Não!... Não posso ficar n'uma terra republicana! bradou enfurecido.

—Republicana que aguarda o seu rei...

—Como?!

—Sim... Aguardamos o sr. D. João VI.

—E o vossa constituição?! perguntou.

—Elle respeitará!...

—Impossivel... Mas como foi tudo isso?!...

E o official contou como as cousas se passaram, fallou ds movimento do Porto, traçou a largos traços a questão em Lisboa e concluiu:

—A custo escaparam os governadores...

—O que ?!,

—Sim, D. Miguel Forjaz, muito a custo conseguiu escapar á furia de toda aquella gente amotinada!

—E escapou?! perguntou rapidamente Campbell.

—Sim... Mercê das filhas que um frade de nome Vasco de Miranda quiz salvar a todo o transe... Ellas arrastavam comsigo o pae...

—Ficou impune! murmurou como penalisado.

—E esse frade salvou tal homem...

—Com a maior coragem...

Campbell baixou a cabeça e disse:

MANOEL FERNANDES THOMAZ

—Marechal, eu bem vos disse que só deviamos pensar no socego.

—Sim... e vou partir de novo... immediatamente...

O official estava pasmado e o marechal dizia:

—Commandante, deveis fazer-vos de vela para o Rio...

Este cumprimentou-o e foi dar as suas ordens ao mesmo tempo que Beresford dizia ao official.

—E vós, podeis dizer ao governo que Beresford partiu e que o saúda!...

Pouco depois do official descer o navio largou de novo para o Rio de Janeiro levando a D. João VI a noticia de que tinha um povo que o acclamava, que tinha uma nação recemconquistada por portuguezes a portuguezes com a revolução de 1820

FIM DO 2.º E ULTIMO VOLUME

INDICE DOS CAPITULOS

SEGUNDA PARTE

OS PÉDREIROS LIVRES

(CONTINUAÇÃO)

TERCEIRA PARTE

A INVASAÕ FRANCEZA

QUARTA PARTE

ÓS MARTYRES DA PATRIA

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS